UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

MULHER DE LETRAS EM RELICÁRIO DE PAPÉIS:
ITINERÁRIO DE ZALINA ROLIM NA IMPRENSA PERIÓDICA ENTRE OS SÉCULOS XIX E XX

VALNIKSON VIANA DE OLIVEIRA

JOÃO PESSOA
SETEMBRO DE 2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

VALNIKSON VIANA DE OLIVEIRA

MULHER DE LETRAS EM RELICÁRIO DE PAPÉIS:
ITINERÁRIO DE ZALINA ROLIM NA IMPRENSA PERIÓDICA ENTRE OS SÉCULOS XIX E XX

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB como requisito necessário para qualificação e obtenção do grau de Doutor em Letras.
Área de Concentração: Literatura, Teoria e Crítica
Linha de Pesquisa: Leituras Literárias

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Socorro Pacífico Barbosa

JOÃO PESSOA
SETEMBRO DE 2021

Catalogação de Publicação na Fonte. UFPB – Biblioteca Central
Seção de Catalogação e Classificação

O48m Oliveira, Valnikson Viana de.

Mulher de letras em relicário de papéis : itinerário de Zalina Rolim na imprensa periódica entre os séculos XIX e XX / Valnikson Viana de Oliveira. - João Pessoa, 2021.
456 f. : il.

Orientação: Socorro de Fátima Pacífico Barbosa.
Tese (Doutorado) - UFPB/CCHLA.

1. Imprensa periódica - Séc. XIX e XX - Literatura. 2. Zalina Rolim - Escritora. 3. Autoria feminina. 4. Literatura e cultura. I. Barbosa, Socorro de Fátima Pacífico. II. Título.

UFPB/BC CDU 070.448:82(043)

Elaborada por Anna Regina da Silva Ribeiro – CRB-15/024

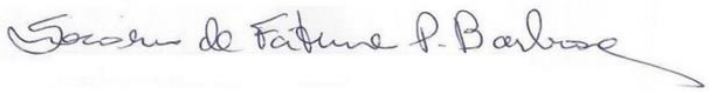
VALNIKSON VIANA DE OLIVEIRA

MULHER DE LETRAS EM RELICÁRIO DE PAPÉIS: ITINERÁRIO DE ZALINA ROLIM NA IMPRENSA PERIÓDICA ENTRE OS SÉCULOS XIX E XX

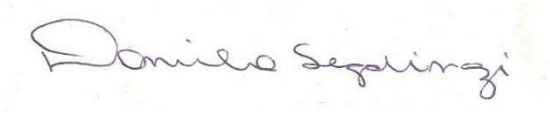
Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB como requisito necessário para obtenção do grau de Doutor em Letras.

Data da aprovação: 29/09/2021

Banca examinadora:



Prof.ª Dr.ª Socorro de Fátima Pacífico Barbosa
Orientadora



Prof.ª Dr.ª Daniela Maria Segabinazi
Examinadora Interna



Prof.ª Dr.ª Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne
Examinadora Interna



Prof.ª Dr.ª Serioja Rodrigues Cordeiro Mariano
Examinadora Externa



Prof.ª Dr.ª Karla Janaina Costa Cruz
Examinadora Externa

Para as mulheres que ecoam em mim:
Valdenice Anísia Viana,
Petronila Anísia Viana (*In memorian*),
Vivianny Crisley Viana (*In memorian*),
Socorro Pacífico Barbosa,
Daniela Maria Segabinazi.

AGRADECIMENTOS

Toda pesquisa é também uma jornada que de forma alguma vivencia-se sozinho. Sem a doação, o apoio, a força, o cuidado, o abraço e a crítica de todos os que aqui agradeço, não teria conseguido completar este percurso.

A Marcos, meu amor e namorido, por ser meu porto seguro, sempre me trazendo paz, carinho, ajuda e incentivo no desenvolvimento desta tese. O seu sorriso me faz poesia.

À minha mãe Valdenice e ao meu irmão Jonathan, minha base de afeto, por se manterem na torcida pelo sucesso do meu percurso de aprendizado e estudo.

À minha amiga-irmã Siomara, pela nossa cumplicidade, por colorir os meus dias e sempre me proporcionar uma enorme força. À minha grande amiga Jhennefer, por se fazer presente nos momentos certos, trazendo luz e flores ao meu caminho.

Ao meu amigo-irmão Pedro, por me incentivar a continuar perseguindo os meus sonhos. Ao meu grande amigo Fábio, por todo o companheirismo e por me auxiliar no aperfeiçoamento deste trabalho.

Às queridas amigas Ana Paula e Morgana, por partilharem comigo a aventura de se estudar a literatura produzida no período entre os séculos XIX e XX. A nossa parceria me trouxe potência e coragem de persistir.

Aos meus queridos amigos Victor, Camila e Amanda, pelo enorme acolhimento e pelo suporte em tantos momentos importantes.

À minha estimada orientadora Prof.ª Dr.ª Socorro Pacífico Barbosa, por sempre acreditar na minha capacidade de crescer e fomentar a minha trajetória acadêmica. É uma honra tê-la como mentora.

À querida Prof.ª Dr.ª Daniela Maria Segabinazi, por continuar me inspirando e me proporcionando importantes reflexões, por sempre me auxiliar e me direcionar ao êxito.

À Prof.ª Dr.ª Luciana Calado Deplagne, à Prof.ª Dr.ª Serioja Mariano e à Prof.ª Dr.ª Karla Janaina Cruz, por gentilmente aceitarem participar da banca examinadora, contribuindo com novas e ricas perspectivas para o aprimoramento desta tese.

Aos companheiros e amigos do Grupo de Pesquisa Estágio, Ensino e Formação Docente – GEEF, com quem continuo a dividir relevantes conhecimentos e experiências.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pelo suporte financeiro que propiciou a minha incursão no Doutorado.

Aos outros queridos que de alguma forma contribuíram para este momento tão significativo em minha vida.

Ritornelo íntimo

Eu vou falar de alguém que é minha glória,
Desse que ascende o meu clarão divino;
Nem podem notas de estrangeiro hino
Vibrar-me as cordas de ouro da memória.

Ao seu sorriso músicas afino,
Traduzo em seu olhar lúcida história,
E vou cantando alegre a promissória
Canção de amor que em sonhos imagino...

Sei bem que o mundo unânime a serena,
A invariável nota dos meus cantos,
Desdenhoso e cruel fere e condena;

Sei bem tudo isso... e alegre e indiferente,
Ora em clave de riso, ora de prantos,
Meu amor cantarei eternamente.

Zalina Rolim
O coração (1893)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo investigar a participação da escritora Zalina Rolim (1867-1961) na imprensa periódica brasileira entre o final do século XIX e o início do século XX, tentando ressignificar o seu nome e a sua trajetória do apagamento na historiografia literária. A pesquisa defende a tese de que, no percurso bibliográfico da referida escritora, mais do que a publicação em livro, a participação na imprensa periódica permite a compreensão de sua inclusão no campo intelectual de seu tempo. Nesse sentido, argumentamos que a presença em impressos de interesse geral, veículos escritos por mulheres e órgãos pedagógicos foi determinante em seu percurso na literatura. Dessa forma, em um primeiro momento, propusemo-nos estudar e refletir sobre a atividade de mulheres de elite no contexto histórico-social e cultural do referido período, dando ênfase à conquista feminina dos espaços públicos pela palavra, mostrando como o acesso à leitura e à escrita possibilitou novas perspectivas diante dos papéis femininos pré-estabelecidos de mãe, esposa e "anjo do lar". Para tanto, utilizamos Bourdieu (2018), D'Incao (2018), Eleutério (2005), Lacerda (2003), Lajolo e Zilberman (1996), Louro (2018), Muzart (1999; 2000; 2003; 2011), Perrot (1992, 1998; 2005; 2019), Telles (2012; 2018), entre outros. Com isso, em um segundo momento, pudemos revisitar e reescrever a trajetória biobibliográfica de Rolim a partir dos periódicos, avaliando o seu lugar social e suas redes de sociabilidade intelectual (SIRINELLI, 2003), identificando as possíveis condições de produção oferecidas à sua escrita por meio dos jornais, das revistas e dos almanaques nos quais colaborou e as vozes que repercutiram e/ou opinaram a respeito da sua produção. Para tal, priorizamos a busca em fontes primárias, permitindo compreender e reconstituir de forma mais verossímil e não-anacrônica a vida literária e os modos de apropriação da cultura escrita no período estudado (BARBOSA, 2007). Dessa maneira, confirmamos ou refutamos o que é mencionado nas principais pesquisas sobre a vida e a obra da autora estudada, como Piza (2008) e Dantas (1983), também podendo identificar a diferença de tratamento entre a crítica feita por homens e a crítica feita por outras mulheres a respeito do trabalho da autora estudada. Em seguida, empenhamo-nos em localizar e caracterizar os escritos de Zalina Rolim publicados na imprensa periódica em relação à temática e à forma, além de traçar a relação de tal produção com o seu suporte, contribuindo para a recuperação do álbum em que a escritora guardou memórias de sua carreira nas letras. Por fim, também intencionamos mensurar o alcance da produção da autora estudada por meio da localização de reproduções ou republicações de seus escritos em periódicos que não receberam a sua colaboração efetiva. O levantamento das colaborações na imprensa acompanha as transformações da produção criativa de Rolim com o passar dos anos e apresenta a sua obra para novos leitores, redimensionando o seu lugar nos estudos sobre a literatura realizada entre os séculos XIX e XX.

Palavras-chave: Zalina Rolim; Imprensa periódica nos séculos XIX e XX; Autoria feminina.

ABSTRACT

The present work aims to investigate the participation of the writer Zalina Rolim (1867-1961) in the Brazilian periodical press between the end of the 19th century and the beginning of the 20th century, trying to reframe her name and her trajectory of erasure in literary historiography. The research defends the thesis that, in the bibliographical trajectory of the referred writer, more than the publication in a book, the participation in the periodical press allows the understanding of her inclusion in the intellectual field of her time. In this sense, we argue that the presence in prints of general interest, vehicles written by women and pedagogical journals was decisive in her path in literature. Thus, at first, we proposed to study and reflect on the activity of elite women in the historical-social and cultural context of that period, emphasizing the female conquest of public spaces through the word, showing how access to reading and writing enabled new perspectives on the pre-established female roles of mother, wife and "angel of the house". For this, we used Bourdieu (2018), D'Incao (2018), Eleutério (2005), Lacerda (2003), Lajolo and Zilberman (1996), Louro (2018), Muzart (1999; 2000; 2003; 2011), Perrot (1992, 1998; 2005; 2019), Telles (2012; 2018), among others. With that, in a second moment, we were able to revisit and rewrite Rolim's biobibliographic trajectory from the periodicals, evaluating her social place and her intellectual sociability networks (SIRINELLI, 2003), identifying the possible production conditions offered to her writing through newspapers, magazines and almanacs in which she collaborated and the voices that reverberated and/or gave opinions about her production. To this end, we prioritize the search for primary sources, allowing to understand and reconstitute in a more credible and non-anachronistic way the literary life and the ways of appropriation of the written culture in the studied period (BARBOSA, 2007). In this way, we confirm or refute what is mentioned in the main researches on the life and work of the studied author, such as Piza (2008) and Dantas (1983), also being able to identify the difference in treatment between the criticism made by men and criticism made by other women about the work of the studied author. Finally, we also intend to measure the scope of the studied author's production by locating reproductions or republications of her writings in journals that did not receive her effective collaboration. The survey of collaborations in the press follows the transformations in Rolim's creative production over the years and presents her work to new readers, resizing her place in literary studies conducted between the 19th and 20th centuries.

Keywords: Zalina Rolim; Periodic press in 19th and 20th centuries; Female authorship.

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo investigar la participación de la escritora Zalina Rolim (1867-1961) en la prensa periódica brasileña entre finales del siglo XIX y principios del XX, intentando resignificar su nombre y su trayectoria del apagamiento en la historiografía literaria. La investigación defiende la tesis de que, en la trayectoria bibliográfica de la referida escritora, más que la publicación en libro, la participación en la prensa periódica permite entender su inclusión en el campo intelectual de su tiempo. En este sentido, argumentamos que la presencia en impresos de interés general, vehículos escritos por mujeres y entidades pedagógicas fue determinante en su trayectoria en la literatura. Así, en un primer momento, nos propusimos a estudiar y reflexionar sobre la actividad de mujeres de élite en el contexto histórico-social y cultural de la época, haciendo hincapié en la conquista femenina del espacio público a través de la palabra, mostrando cómo el acceso a la lectura y la escritura posibilitaba nuevas perspectivas ante los roles femeninos preestablecidos de madre, esposa y "ángel del hogar". Para ello, utilizamos Bourdieu (2018), D'Incao (2018), Eleuterio (2005), Lacerda (2003), Lajolo y Zilberman (1996), Louro (2018), Muzart (1999; 2000; 2003; 2011), Perrot (1992, 1998; 2005; 2019), Telles (2012; 2018), entre otros. Con ello, en un segundo momento, pudimos revisitar y reescribir la trayectoria biobibliográfica de Rolim a partir de las publicaciones periódicas, evaluando su lugar social y sus redes de sociabilidad intelectual (SIRINELLI, 2003), identificando las posibles condiciones de producción ofrecidas a su escritura a través de los periódicos, revistas y almanaques en los que colaboró y las voces que se hicieron eco y/o opinaron sobre su producción. Para ello, priorizamos la búsqueda en fuentes primarias, permitiendo comprender y reconstituir de manera más verosímil y no anacrónica la vida literaria y los modos de apropiación de la cultura escrita en el período estudiado (BARBOSA, 2007). De esta manera, confirmamos o refutamos lo mencionado en las principales investigaciones sobre la vida y obra de la autora estudiada, como Piza (2008) y Dantas (1983), pudiendo también identificar la diferencia de tratamiento entre la crítica de los hombres y la crítica de otras mujeres respecto a la obra de la autora estudiada. A continuación, nos esforzamos por localizar y caracterizar los escritos de Zalina Rolim publicados en la prensa periódica en relación a su tema y forma, además de rastrear la relación de dicha producción con su soporte, contribuyendo con la recuperación del álbum en el que la escritora guardaba los recuerdos de su trayectoria en las letras. Por último, también pretendemos medir el alcance de la producción de la autora estudiada a través de la localización de reproducciones o reediciones de sus escritos en publicaciones periódicas que no contaron con su colaboración efectiva. El recuento de las colaboraciones en la prensa escrita sigue las transformaciones de la producción creativa de Rolim a lo largo de los años y presenta su obra a nuevos lectores, redimensionando su lugar en los estudios sobre la literatura realizada entre los siglos XIX y XX.

Palabras clave: Zalina Rolim; Prensa periódica en los siglos XIX y XX; Autoría femenina.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Nota na revista *A Semana* informando sobre a inscrição de Zalina Rolim no concurso poético “Soneto a prêmio”.....57
Figura 2 – Publicação do poema “Ioiô” na revista *A Semana*, marcando a primeira colaboração de Zalina Rolim para a imprensa periódica, em 1885. 58
Figura 3 – Publicação do soneto “Hora nostálgica”, de Zalina Rolim, apresentado na crônica “Na roça”, de Ezequiel Freire, no jornal *A Província de São Paulo*, em 1887. 61
Figura 4 – Nota lançada no jornal *A Província de São Paulo* destacando a republicação de versos de Zalina Rolim no periódico português *Jornal da Manhã*, em 1889. 65
Figura 5 – Publicação do soneto “Confissão”, de Zalina Rolim, oferecido a Narcisa Amália, no jornal *A Província de São Paulo*, em 1889. 67
Figura 6 – Poema de Carlos Magalhães de Azeredo em homenagem a Zalina Rolim publicado no jornal *Imprensa Ituana*, em 1891. 74
Figura 7 – Trecho de nota de falecimento de Ezequiel Freire no jornal *Correio Paulistano*, em 1891, informando sobre cartão que o escritor enviou aos amigos com pedido de oração. 75
Figura 8 – Poema de Zalina Rolim em resposta ao pedido de oração de Ezequiel Freire, em artigo de Wenceslau de Queiroz no *Correio Paulistano*, em 1906. 76
Figura 9 – Reprodução da capa e do frontispício do livro *O coração* (1893), de Zalina Rolim. 79
Figura 10 – Anúncio de *O coração* (1893) no jornal A Família, em edição de de 22 de 79
Figura 11 – Nota no jornal *Correio Paulistano* mencionando a mudança de Zalina Rolim para a capital paulista, em 1893. 80
Figura 12 – Reprodução de gravura assinada por Krüger Gr. com retrato de Zalina Rolim presente no livro *O coração* (1893).....84
Figura 13 – Carta de Francisco Cepeda com versão para o castelhano do poema “Hora Nostálgica”, publicada no *Correio Paulistano*, em 1894. 85
Figura 14 – Artigo especial sobre o livro *O coração* (1893), trazendo retrato de Zalina Rolim na primeira página do jornal *Correio Paulistano*. 94
Figura 15 – Receita de creme atribuída a Zalina Rolim publicada no jornal *O País*, em 1894. 96
Figura 16 – Reprodução da página 454 de *Littérature brésilienne* (1896), de Victor Orban, apresentando Zalina Rolim e uma tradução do poema “Rústica”. 100

Figura 17 – Nota sobre publicação de artigo sobre *O coração* (1893) no jornal francês *Revue du Brésil*, no *Correio Paulistano*, em 1897. 101
Figura 18 – Nota sobre a nomeação oficial de Zalina Rolim ao cargo de subinspetora do Jardim da Infância publicada no jornal *O Estado de S. Paulo*, em 11 de novembro de 1896. 105
Figura 19 – Capa grená de *Livro das crianças* (1897), de Zalina Rolim. 106
Figura 20 – Anúncio da Livraria Magalhães publicado no jornal *Correio Paulistano*, em edição de 18 de fevereiro de 1898. 108
Figura 21 – Postais com fotografias de D. Maria Zalina Rolim Xavier de Toledo e Dr. José Xavier de Toledo, por ocasião de seu casamento. 109
Figura 22 – Retrato de Zalina Rolim feito por M. J. Garnier para o livro *Sonetos brasileiros* (1904). 109
Figura 23 – Nota sobre concurso para compositores musicarem versos de Zalina Rolim publicada no *Correio Paulistano*, em 1934. 111
Figura 24 – Notícia de homenagem oferecida pelo Centro do Professorado Paulista a Zalina Rolim apresentando foto da escritora, publicada no jornal *Correio Paulistano* (26 de abril de 1944). 111
Figura 25 – Reprodução de fotografia veiculada em notícia de homenagem oferecida pelo Centro do Professorado Paulista a Zalina Rolim, publicada no jornal *Correio Paulistano* (23 de julho de 1944). 113
Figura 26 – Detalhe de nota sobre a homenagem oferecida pelo Centro do Professorado Paulista a Zalina Rolim apresentando foto da escritora ao lado de outros convidados do evento, publicada no jornal *O Estado de S. Paulo* (26 de abril de 1944). 113
Figura 27 – Fotografia da cerimônia de inauguração do retrato de Zalina Rolim no Grupo Escolar Zalina Rolim, publicada no jornal *O Estado de S. Paulo* (23 de julho de 1944). 114
Figura 28 – Retrato de Zalina Rolim presente no Grupo Escolar D. Zalina Rolim, atual Escola Estadual Dona Zalina Rolim. 115
Figura 29 – Nota de falecimento de Zalina Rolim no jornal *Folha de São Paulo* (25 de junho de 1961). 117
Figura 30 – Nota de falecimento de Zalina Rolim no jornal *O Estado de S. Paulo* (25 de junho de 1961). 117
Figura 31 – Reprodução fotográfica de páginas do álbum de recortes de Zalina Rolim, por Evandro Dantas Camargo. 118
Figura 32 – Reprodução fotográfica de páginas do álbum de recortes de Zalina Rolim, por Evandro Dantas Camargo. 118

Figura 33 – Frontispício da primeira edição da revista *A Semana* (3 de janeiro de 1885). 123
Figura 34 – Anúncio de publicação de poema de Zalina Rolim na revista *A Semana*, em 1885. 125
Figura 35 – Publicação do poema "No silvestre" na revista *A Semana*, em 1893. 128
Figura 36 – Frontispício da primeira edição do jornal *A Província de São Paulo* (4 de janeiro de 1875). 131
Figura 37 – Publicação do poema "Outrora e hoje" no jornal *A Província de São Paulo*, em 1887. 134
Figura 38 – Publicação do poema "Mãe" no jornal *A Província de São Paulo*, em 1888. 138
Figura 39 – Publicação do poema "Adormecida" no jornal *A Província de São Paulo*, em 1888. 141
Figura 40 – Nota da publicação do poema "Confissão" no jornal *A Província de São Paulo*, em 1889. 144
Figura 41 – Publicação do poema "Convalescente" no jornal *A Província de São Paulo*, em 1889. 145
Figura 42 – Publicação do poema "Magnólia" no jornal *O Estado de S. Paulo*, em 1893. 150
Figura 43 – Publicação do poema "Vingança" no jornal *O Estado de S. Paulo*, em 1894. 151
Figura 44 – Publicação de composições de Zalina Rolim para evento do Jardim da Infância no jornal *O Estado de S. Paulo*, em 1896. 154
Figura 45 – Publicação de composições de Zalina Rolim para evento da Escola-Modelo Complementar no jornal *O Estado de S. Paulo*, em 1896. 167
Figura 46 – Frontispício da primeira edição do jornal *A Província do Espírito Santo* (15 de março de 1882). 171
Figura 47 – Publicação do poema "Treze de maio" no jornal *A Província do Espírito Santo*, em 1888. 172
Figura 48 – Publicação do poema "A freira" no jornal *A Província do Espírito Santo*, em 1889. 175
Figura 49 – Publicação dos poemas "Dizem..." e "Coração de pai" no jornal *A Província do Espírito Santo*, em 1889. 177
Figura 50 – Publicação do poema "Candura" no jornal *A Província do Espírito Santo*, em 1889. 181
Figura 51 – Frontispício da primeira edição do jornal *Correio Paulistano* (26 de junho de 1854). 182
Figura 52 – Publicação do poema "Voilá la mère" no jornal *Correio Paulistano*, em 1890. 184

Figura 53 – Nota do jornal *Correio Paulistano* celebrando a colaboração de Zalina Rolim, em 1890. 185
Figura 54 – Publicação do poema "À Flauta de Pan" no jornal *Correio Paulistano*, em 1890. 187
Figura 55 – Publicação do poema "Crente" no jornal *Correio Paulistano,* em 1890. 190
Figura 56 – Publicação do poema "Imutável" no jornal *Correio Paulistano,* em 1891. 192
Figura 57 – Publicação do poema "Saudade" no jornal *Correio Paulistano,* em 1891. 195
Figura 58 – Publicação de poema sem título no jornal *Correio Paulistano,* em 1892..... 196
Figura 59 – Publicação de errata ao poema sem título no jornal *Correio Paulistano*, em 1892. 197
Figura 60 – Publicação do poema "Coração" no jornal *Correio Paulistano,* em 1892. 199
Figura 61 – Publicação do conto "Conto do natal" no jornal *Correio Paulistano*, em 1892. 203
Figura 62 – Publicação do poema "O caminho do céu" no jornal *Correio Paulistano*, em 1892. 207
Figura 63 – Publicação do poema "Croquis" no jornal *Correio Paulistano*, em 1892. 209
Figura 64 – Nota sobre a publicação do livro *O coração* (1893) e do poema "Croquis" no jornal *Correio Paulistano*, em 1892. 210
Figura 65 – Publicação do poema "A um coração delicado" no jornal *Correio Paulistano*, em 1893. 211
Figura 66 – Publicação do poema "Alvorada" no jornal *Correio Paulistano*, em 1893. 213
Figura 67 – Publicação do poema "A uma menina" no jornal *Correio Paulistano*, em 1893. 215
Figura 68 – Publicação do poema "A uma menina" no jornal *Correio Paulistano*, em 1893216
Figura 69 – Publicação do conto "Nostalgia da infância" no jornal *Correio Paulistano,* em 1893. 218
Figura 70 – Publicação do poema "Campestre" no jornal *Correio Paulistano,* em 1893..... 221
Figura 71 – Publicação do conto "Nevada" no jornal *Correio Paulistano,* em 1893. 223
Figura 72 – Publicação do poema "O conselho das fadas" no jornal *Correio Paulistano*, em 1893. 226
Figura 73 – Publicação do conto "O domingo de ramos" no jornal *Correio Paulistano,* em 1893. 228
Figura 74 – Publicação do poema "Japonesa" no jornal *Correio Paulistano*, em 1893. 231
Figura 75 – Publicação do conto "Na roça" no jornal *Correio Paulistano,* em 1893. 233
Figura 76 – Publicação do poema "Mãe" no jornal *Correio Paulistano,* em 1893..... 236

Figura 77 – Publicação do poema “O ninho” no jornal *Correio Paulistano*, em 1893. 239
Figura 78 – Publicação do poema “Irremediável” no jornal *Correio Paulistano*, em 1893. . 240
Figura 79 – Publicação do poema “Véspera de noivado” no jornal *Correio Paulistano*, em 1893. 242
Figura 80 – Publicação do conto “As flores da morta” no jornal *Correio Paulistano*, em 1893. 245
Figura 81 – Publicação do poema “Mística” no jornal *Correio Paulistano*, em 1894. 248
Figura 82 – Publicação do poema “Medeia” no jornal *Correio Paulistano*, em 1894. 250
Figura 83 – Publicação do poema “Væ victs!” no jornal *Correio Paulistano*, em 1894. 251
Figura 84 – Publicação do poema “Vingança” no jornal *Correio Paulistano*, em 1894. 252
Figura 85 – Republicação do poema “Væ victs!” no jornal *Correio Paulistano*, em 1895. .. 253
Figura 86 – Publicação do poema “Das “Rústicas”” no jornal *Correio Paulistano*, em 1895. 255
Figura 87 – Publicação do poema “Avô” no jornal *Correio Paulistano*, em 1897. 256
Figura 88 – Publicação do poema “Paisagem” no jornal *Correio Paulistano*, em 1898. 259
Figura 89 – Nota sobre a desistência de Zalina Rolim em ser jurada de um concurso literário no jornal *Correio Paulistano*, em 1898. 260
Figura 90 – Publicação do poema “Penumbra” no jornal *Correio Paulistano*, em 1898. 263
Figura 91 – Publicação de poema sem título no jornal *Correio Paulistano*, em 1898. 264
Figura 92 – Publicação de poema sem título no jornal *Correio Paulistano*, em 1898. 264
Figura 93 – Publicação do poema “A meu filho” no jornal *Correio Paulistano*, em 1904. .. 267
Figura 94 – Frontispício da primeira edição do jornal Imprensa Ituana (8 de fevereiro de 1876). 268
Figura 95 – Publicação do poema “Pomba ferida” e de sua tradução para o italiano no jornal *Imprensa Ituana*, em 1890. 269
Figura 96 – Publicação do poema “15 de novembro” no jornal *Imprensa Ituana*, em 1890. 271
Figura 97 – Frontispício do jornal *Novidades*. 273
Figura 98 – Publicação do poema “Gozo pungente” no jornal *Novidades*, em 1890. 274
Figura 99 – Publicação do poema “Ave mensageira” no jornal *Novidades*, em 1890. 276
Figura 100 – Frontispício da primeira edição da revista *O Álbum* (janeiro de 1893). 278
Figura 101 – Publicação do poema “Íntima luz” na revista *O Álbum*, em 1893. 279
Figura 102 – Publicação do poema “No álbum de Adelina Vieira” na revista *O Álbum*, em 1893. 281
Figura 103 – Frontispício da primeira edição do jornal *O País* (1 de outubro de 1884). 283

Figura 104 – Publicação do poema “No álbum de Adelina Vieira” na revista *O Álbum*, em 1893. 284
Figura 105 – Frontispício da terceira edição da revista *A Boemia* (junho de 1896).....286
Figura 106 – Expediente da terceira edição da revista *A Boemia* (junho de 1896).....286
Figura 107 – Publicação de poema sem título na revista *A Boemia*, em agosto de 1896.....288
Figura 108 – Frontispício da primeira edição da *Revista Literária* (10 de fevereiro de 1895). 289
Figura 109 – Publicação do poema “Das “Rústicas”” na *Revista Literária*, em 1895.....290
Figura 110 – Frontispício da primeira edição do jornal *O Arquivo Ilustrado* (15 de abril de 1899).....293
Figura 111 – Publicação do poema “À Clarinha” no jornal *O Arquivo Ilustrado*, em outubro-novembro de 1901. 294
Figura 112 – Frontispício da primeira edição do *Almanaque Literário e Estatístico da Província do Rio Grande do Sul*, em 1889. 298
Figura 113 – Índice de autores do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, em 1896, mostrando separação entre homens e mulheres.....298
Figura 114 – Publicação do poema “Criança morta” na edição de 1896 do *Almanaque Literário e Estatístico da Província do Rio Grande do Sul.*.....300
Figura 115 – Publicação do poema “Campestre” transformado em logogrifo na edição de 1897 do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul.* 301
Figura 116 = Publicação do poema “De volta” na edição de 1897 do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul.* 303
Figura 117 – Frontispício da primeira edição do *Almanaque Popular Brasileiro*, de 1894. .304
Figura 118 – Índice de autores do *Almanaque Popular Brasileiro*, em 1894, mostrando separação entre homens e mulheres.....305
Figura 119 – Publicação do poema “Sonho” na edição de 1894 do *Almanaque Popular Brasileiro.*.....307
Figura 120 – Reprodução do poema “Croquis”, renomeado de “Quadro simples” no jornal português *Diário da Manhã*, em 1898.....308
Figura 121 – Frontispício da primeira edição do *Almanaque da Comarca do Amparo*, de 1889. 310
Figura 122 – Publicação do poema “Minha mãe” na edição de 1905 do *Almanaque do Amparo.* 312

Figura 123 – Frontispício da primeira edição do jornal *Eco das Damas* (18 de abril de 1879). 315
Figura 124 – Frontispício do jornal *Eco das Damas* apresentando os nomes de suas colaboradoras fixas (14 de janeiro de 1888).....316
Figura 125 – Frontispício da primeira edição do jornal *A Família* (1 de dezembro de 1888). 317
Figura 126 – Publicação do poema "Sombras" no jornal *A Família,* em 1888.....319
Figura 127 – Publicação do conto "Rosita" no jornal *A Família,* em 1888. 322
Figura 128 – Publicação do poema "Lágrimas benditas" no jornal *A Família,* em 1888. 324
Figura 129 – Publicação do poema "O presbitério" no jornal *A Família,* em 1889.....327
Figura 130 – Publicação do conto "A avó" no jornal *A Família,* em 1889.....329
Figura 131 – Publicação do poema "Delineamento" no jornal *A Família,* em 1889. 332
Figura 132 – Publicação do poema "Pomba ferida" no jornal *A Família,* em 1889. 332
Figura 133 – Detalhe do poema "Pomba ferida", editado no livro *O coração* (1893).....334
Figura 134 – Publicação do poema "Um poeta" no jornal *A Família,* em 1889. 336
Figura 135 – Publicação do poema "Quadras singelas" no jornal *A Família,* em 1890. 338
Figura 136 – Publicação do poema "Ninho abandonado" no jornal *A Família,* em 1890. 340
Figura 137 – Publicação do poema "O amor" no jornal *A Família,* em 1891.....342
Figura 138 – Publicação do poema "Conselhos..." no jornal *A Família,* em 1891. 344
Figura 139 – Frontispício da primeira edição da revista *A Mensageira* (15 de outubro de 1897). 345
Figura 140 – Publicação de poema sem título na revista *A Mensageira,* em 1897. 347
Figura 141 – Publicação de poema sem título na revista *A Mensageira,* em 1898. 349
Figura 142 – Publicação de conto "Borboletas" na revista *A Mensageira,* em 1898. 351
Figura 143 – Publicação de poema sem título na revista *A Mensageira,* em 1898. 354
Figura 144 – Publicação de poema "Ruélia formosa" na revista *A Mensageira,* em 1897....355
Figura 145 – Publicação de poema "Passarinhos" na revista *A Mensageira,* em 1897. 357
Figura 146 – Capa da primeira edição da *Revista do Jardim da Infância,* em 1896.....358
Figura 147 – Publicação do conto "Espera e verás", no primeiro volume da *Revista do Jardim da Infância,* em 1896. 361
Figura 148 – Publicação do conto "A frutinha do café", no primeiro volume da *Revista do Jardim da Infância,* em 1896.....363
Figura 149 – Publicação do poema "A criança alegre", no primeiro volume da *Revista do Jardim da Infância,* em 1896.....365

Figura 150 – Publicação do conto “As favas”, no primeiro volume da *Revista do Jardim da Infância*, em 1896. 366
Figura 151 – Publicação da composição poética “Ginástica dos dedos”, no primeiro volume da *Revista do Jardim da Infância*, em 1896. 368
Figura 152 – Publicação da composição poética “Versos para exercícios de dicção”, no primeiro volume da *Revista do Jardim da Infância*, em 1896. 370
Figura 153 – Publicação da composição poética “Versos para exercícios de dicção”, no primeiro volume da *Revista do Jardim da Infância*, em 1896. 371
Figura 154 – Publicação do poema “Diálogo matinal”, no segundo volume da *Revista do Jardim da Infância*, em 1897. 372
Figura 155 – Publicação da crônica “Das “Minhas notas””, no segundo volume da *Revista do Jardim da Infância*, em 1897. 374
Figura 156 – Publicação da crônica “Das “Minhas notas” II”, no segundo volume da *Revista do Jardim da Infância*, em 1897. 375
Figura 157 – Publicação do poema “O meu corpo”, no segundo volume da *Revista do Jardim da Infância*, em 1897. 377
Figura 158 – Publicação de marchas sem título no segundo volume da *Revista do Jardim da Infância*, em 1897. 380
Figura 159 – Publicação de cantos sem título no segundo volume da *Revista do Jardim da Infância*, em 1897. 382
Figura 160 – Capa da primeira edição da revista *A Escola Pública*, em 1896. 384
Figura 161 – Capa da primeira edição da *Revista de Ensino*, em 1902. 387
Figura 162 – Publicação do poema “Sempre a verdade” na *Revista de Ensino*, em 1902. 390
Figura 163 – Publicação do poema “A moedinha” na *Revista de Ensino*, em 1902. 392
Figura 164 – Publicação do poema “Ninhos” na *Revista de Ensino*, em 1902. 394
Figura 165 – Publicação do poema “Minha vida” na *Revista de Ensino*, em 1902. 396
Figura 166 – Frontispício da décima edição da revista *Educação* (24 de fevereiro de 1903). 397

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 9

1 ANJOS DO LAR ASCENDEM PELA PALAVRA: MULHERES NA SOCIEDADE DE ELITE ENTRE OS SÉCULOS XIX E XX 15
1.1 A condição feminina: deslocamentos entre o privado e o público 15
1.2 O acesso ao saber possibilita novos horizontes 23
1.3 A criação escrita como instância de poder 38

2 UMA ESCRITORA ENTRE NINHOS DE SABER: AS REDES DE SOCIABILIDADE INTELECTUAL DE ZALINA ROLIM 53
2.1 Família e surgimento da mulher letrada 53
2.2 Contatos literários e legitimação crítica 65
2.3 Escrever além da arte: participação no meio pedagógico 102

3 OS PRIMEIROS VOOS COMO COLABORADORA: ZALINA ROLIM EM PERIÓDICOS DE INTERESSE GERAL 121
3.1 *A Semana* (1885-1895) 122
3.2 *A Província de São Paulo / O Estado de S. Paulo* (1875-) 129
3.3 *A Província do Espírito Santo / Diário do Espírito Santo / O Estado do Espírito Santo* (1882-1911) 171
3.4 *Correio Paulistano* (1854-1963) 182
3.5 *Imprensa Ituana* (1876-1891) 268
3.6 *Novidades* (1887-1892) 272
3.7 *O Álbum* (1893-1895) 277
3.8 *O País* (1884-1934) 282
3.9 *A Boemia* (1896-?) 285
3.10 *Revista Literária* (1895) 289
3.11 *Revista Azul* (1896) 291
3.12 *O Arquivo Ilustrado* (1899-1906) 292
3.13 *Almanaque Literário e Estatístico da Província do Rio Grande do Sul / Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* (1889-1917) 295

3.14 ***Almanaque Popular Brasileiro*** **(1894-1908)** 304
3.15 ***Almanaque da Comarca do Amparo / Almanaque do Amparo*** **(1889-1918)** 309

4 LEVANTANDO EM REVOADA E ENSINANDO A VOAR: ZALINA ROLIM EM PERIÓDICOS DE MULHERES E PERIÓDICOS PEDAGÓGICOS 314
4.1 ***Eco das Damas*** **(1879-1888)** 315
4.2 ***A Família*** **(1888-1894)** 317
4.3 ***A Mensageira*** **(1897-1900)** 344
4.4 ***Revista do Jardim da Infância*** **(1896-1897)** 357
4.5 ***A Escola Pública*** **(1895-1897)** 384
4.6 ***Revista de Ensino*** **(1902-1918)** 387
4.7 ***Educação*** **(1902)** 396

5 RECONHECIMENTO EM VOOS DISTANTES: REPUBLICAÇÕES OU REPRODUÇÕES EM PERIÓDICOS SEM COLABORAÇÃO EFETIVA 398

CONSIDERAÇÕES FINAIS 404
REFERÊNCIAS 409
ANEXOS 419

INTRODUÇÃO

A escrita de mulheres brasileiras na virada do século XIX para o século XX permanece tema de debates e foco de diversas pesquisas que adentram o cenário acadêmico antes voltado apenas à historiografia literária oficial predominantemente masculina. Nesse jogo entre luz e sombra da qual faz parte a construção do registro histórico, as escritoras foram condenadas à penumbra, mantidas à margem. A constituição do cânone literário, envolvendo valores estéticos, sociais, culturais e ideológicos, ofereceu à produção masculina mais importância que à feminina, considerada "menor". O estudo dessas autoras do passado felizmente floresceu com a redescoberta e a reimpressão de muitas de suas obras antes quase esquecidas, sobretudo através da editora Mulheres (1995-2015) e por esforço de pesquisadoras como Zahidé Lupinacci Muzart (1999; 2004; 2009), Susana Bornéo Funck (1994), Heloísa Buarque de Hollanda (1991; 1993), Rita Terezinha Schmidt (1997), Constância Lima Duarte (2008), Norma Telles (2012), Nelly Novaes Coelho (2002), entre outras, principalmente ligadas ao Grupo de Trabalho Mulher e Literatura, da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística – ANPOLL.

Os desdobramentos de estudo envolvendo as escritoras brasileiras legitimaram a importância da imprensa como principal meio de publicação de seu trabalho intelectual, como em Barbosa (2007), Duarte (2016) e Paixão (1991). Nessa perspectiva, os periódicos não se apresentam aos pesquisadores como simples arquivos de escritos, mas como veículos que permitem compreender e reconstituir de forma mais verossímil e não-anacrônica a vida literária e os modos de apropriação da cultura escrita em determinada época (BARBOSA, 2007), evidenciando a formação e a reprodução de representações na dinâmica de determinados grupos sociais (CHARTIER, 1991). Tais órgãos impressos foram os primeiros e principais veículos da produção letrada feminina quando a sociedade ainda seguia a prerrogativa de que apenas o homem poderia ser criador, enquanto a mulher era encarada como mera criatura (DUARTE, 2016). Com o acesso à leitura e, consequentemente à escrita, algumas mulheres de elite passaram a percorrer caminhos e a adentrar espaços que não aqueles predeterminados pelo patriarcado, ultrapassando as excessivas restrições e cuidados que regulavam a sua conduta e alcançando outros destinos além da lide doméstica, do casamento e da maternidade.

A escritora Zalina Rolim (1867-1961), natural de Botucatu, no interior de São Paulo, colaborou para diversos veículos da imprensa a partir das últimas décadas do século XIX, garantindo um espaço cativo nos círculos culturais da época. Nascida na elite, ela aproveitou todas as condições favoráveis à sua capacidade criativa, mesmo não confrontando radicalmente

os padrões vigentes. Publicou dois livros e tornou-se subinspetora do Jardim da Infância anexo à Escola Normal Caetano de Campos, na capital paulista, relacionando-se com as transformações educacionais decorrentes da implantação da Primeira República no Brasil, envolvendo a preocupação com a instrução de classes populares, com a organização do espaço escolar e com uma melhor formação dos professores. A partir da publicação de dois livros e a extensa participação em alguns dos principais periódicos do país, abarcando os noticiários de interesse geral, os impressos femininos e os órgãos pedagógicos, ela se tornou uma das autoras mais celebradas de seu tempo.

Todavia, sua importância foi quase esquecida na historiografia literária brasileira tida como oficial[1] em paralelo a outros representantes das letras, mais conhecidos no meio intelectual e que tiveram seus escritos reeditados sucessivas vezes. Tal circunstância pode ser explicada pela condição limitada na qualidade de mulher e através da forte ligação de seu nome e de sua imagem com as composições morais que serviram como instrumento de aprendizagem durante a Primeira República brasileira, ofuscando seu fazer literário puramente estético, que fugia ao edificante. Outro caminho de interpretação estaria atrelado à escolha da escritora em interromper a vida pública e recolher-se ao lar após uma produção ativa entre as décadas de 1880 e 1900.

Os escritos de Zalina Rolim, apreciados à época de sua publicação nos periódicos, formam um matrimônio[2] perdido que precisa ser dado à leitura no presente e valorizado, podendo, inclusive, redimensionar o lugar dessa autora na história da literatura e nos estudos das letras produzidas no passado. Dessa forma, o presente trabalho objetiva investigar a participação da referida escritora na imprensa periódica brasileira do século XIX e início do século XX, tentando ressignificar o seu nome e a sua trajetória do apagamento na historiografia literária brasileira tida como oficial. Seguimos a tese de que, no percurso bibliográfico de Rolim, mais do que a publicação em livro, a participação na imprensa periódica permite a compreensão de sua inclusão no campo intelectual de seu tempo. Nesse sentido, argumentamos

[1] Trata-se do estudo, da descrição e do registro da história literária brasileira com base na orientação teórica estabelecida por críticos consagrados, como Sílvio Romero (1851-1914), José Veríssimo (1857-1916), Afrânio Coutinho (1911-2000), Antonio Candido (1918-2017), Alfredo Bosi (1936-2021) e José Aderaldo Castello (1921-2011), entre outros, envolvendo a constituição dos cânones literários nacionais.

[2] O conceito de *matrimônio*, trazido por Lemaire (2018; 2020), designa as contribuições das mulheres para a cultura, um legado material e intelectual que foi excluído, obliterado ou distorcido pela historiografia oficial com o objetivo de perpetuar a visão do *patrimônio* cultural como superior, único e quase exclusivamente masculino. Esta tese, focada no contexto literário brasileiro, segue a proposta da autora na formação de uma nova historiografia, sobretudo científica, baseada na revisão do conhecimento histórico convencional, questionando de maneira igualitária as contribuições patrimoniais e matrimoniais para a história da cultura ocidental.

que a presença nos periódicos, dada em impressos de interesse geral, veículos escritos por mulheres e órgãos pedagógicos, foi determinante em sua carreira na literatura.

Nessa perspectiva, a origem do presente estudo remete à nossa graduação de Licenciatura em Letras na Universidade Federal da Paraíba – UFPB, ao cursarmos as disciplinas de Literatura Brasileira I e II. O contato mais apurado com as autoras do século XIX nos fez pesquisar mais sobre a sua participação na vida literária daquele tempo, descobrindo a sua importância para a historiografia literária. Entre 2013 e 2014, durante a participação no Projeto de Iniciação Científica (PIBIC) intitulado *Ler e escrever nos folhetos jocosos lusos dos séculos XVIII e XIX*, coordenado pela Prof.ª Dr.ª Socorro de Fátima Pacífico Barbosa, que enfocava um jornal português do Setecentos, foi-nos apresentada a pesquisa em periódicos antigos e a análise de seus escritos através das técnicas retóricas. O projeto nos elucidou a cumplicidade entre a literatura e a imprensa no passado, conferindo uma porta de entrada para a investigação da atividade de escritores "esquecidos" ou fora do cânone.

Nesse período, também descobrimos a relevância dos diferentes suportes e do contexto histórico de elaboração, publicação e circulação dos impressos. Identificando as lacunas, começamos a fortalecer a vontade de começar a preenchê-las de alguma forma, algo que não seria possível sem o encorajamento e o incentivo de nossa orientadora de então, que acompanhou o desenvolvimento de nosso trabalho de conclusão de curso, apresentando-nos referências imprescindíveis e a perspectiva de importantes estudiosos. Após a realização do TCC, abordando uma série de crônicas de Machado de Assis publicadas à época da passagem do regime imperial para a República no Brasil, descobrimos o projeto *Literatura Infantil (1880-1910)*, da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, sob a supervisão da pesquisadora Marisa Lajolo, mantendo um arquivo digital com um grande apanhado de informações sobre a nascente criação literária nacional voltada à infância. Percebemos a considerável participação feminina nesse processo e nos atentamos ao desempenho da paulista Zalina Rolim (1869-1961), então conhecida pela verve de educadora e poeta.

Apesar de ser estudada dentro da esfera pedagógica paulista, como em Santos (2016a; 2016b; 2017) e Dal Farra (2016), Zalina Rolim permaneceu inexplorada no âmbito da escrita e da construção literária por muito tempo. Na área das pesquisas em letras, foi citada de forma imprecisa e com poucas informações por Arroyo (1969), Lajolo e Zilberman (1987) e Coelho (1991), assim como foi analisada pelo viés edificante por Dionísio (2014), além de ter aspectos de sua vida e carreira explorados por Vasconcellos (1999), Coelho (2002; 2006) e Eleutério (2005). Logo, decidimos que a produção da autora seria base de nossa dissertação de Mestrado, sem deixar de lado as ferramentas para estudar a circulação cultural no final do Oitocentos,

período vinculado a grandes transformações políticas, sociais, culturais e educacionais. Ademais, a partir do contato com a fonte primária, o *Livro das crianças* (1897), pudemos assegurar a qualidade da análise, orientada pela Prof.ª Dr.ª Daniela Maria Segabinazi.

Finalizada e defendida a referida pesquisa, intitulada *A raízes da poesia infantil de Zalina Rolim em Livros das crianças* (OLIVEIRA, 2017), decidimos por continuar a nos debruçar sobre a produção de Rolim, dessa vez tentando traçar o seu itinerário na imprensa, visto que esta base quase não foi tão consultada nos trabalhos que até então se fizeram sobre a sua vida e a sua obra, permanecendo uma lacuna a ser explorada. Com a ajuda de portais de consulta bibliográfica, acervos históricos e hemerotecas digitais, conseguimos localizar um expressivo número de periódicos que divulgaram e comentaram criticamente escritos da referida autora, percebendo que tal colaboração era deveras importante para a sua carreira nas letras, fazendo-se necessária uma investigação mais criteriosa a respeito da publicação e da circulação de seus escritos nessa plataforma.

A publicação de seus escritos em alguns dos maiores veículos impressos do referido período entresséculos (XIX-XX) já justificaria uma análise mais aprofundada da colaboração de Zalina Rolim no suporte periódico, fundamental aos escritores da época e agente de extremo valor à construção da história da literatura. Ademais, a relevância de uma pesquisa que ressignifique a produção literária da autora em questão vinculada a publicações periódicas está na contribuição para os estudos sobre a história da leitura e da escrita de mulheres na imprensa brasileira – evidenciando as estratégias que usavam para se expressar publicamente ante as transformações culturais da época – e para a fortuna crítica da mencionada escritora paulista, retomando sua prolífica produção intelectual e artística até então obscurecida, reunindo-a e reorganizando-a, também reconhecendo o suporte periódico como determinante em seu percurso bibliográfico.

Para tanto, propusemo-nos, em nosso primeiro capítulo, estudar e refletir sobre a atividade de mulheres de elite no contexto histórico-social e cultural do referido período, dando ênfase à conquista feminina dos espaços públicos pela palavra escrita, através de Bourdieu (2018), D'Incao (2018), Eleutério (2005), Lacerda (2003), Lajolo e Zilberman (1996), Louro (2018), Muzart (1999; 2000; 2003; 2011), Perrot (1992, 1998; 2005; 2019), Telles (2012; 2018) e Woolf (2012; 1991). Aqui, em um momento inicial, discutimos a condição das mulheres da elite oitocentista, levando em consideração a imposição de lugares, gestos e papéis sociais através dos mecanismos de dominação masculina. Em um segundo momento, focalizamos a educação de mulheres e as possibilidades sociais trazidas pelo acesso à leitura e ao

conhecimento. Já em um terceiro momento, discutimos a criação artística das mulheres do referido período, destacando a sua publicação na imprensa.

Em seguida, no nosso segundo capítulo, começamos a reescrever a trajetória biobibliográfica de Rolim a partir de sua publicação na imprensa, avaliando o seu lugar em redes de sociabilidade intelectual (SIRINELLI, 2003), analisando as possíveis condições de produção oferecidas à sua escrita por meio dos periódicos os quais colaborou e das vozes que repercutiram e opinaram a respeito da sua produção, identificando a diferença com que foi tratada por críticos e críticas. Para isso, consultamos principais fontes biográficas sobre a escritora – Piza (2008), Leite (1963) e Dantas (1983) – e os próprios impressos periódicos os quais divulgaram o seu trabalho com a pena. Em um primeiro momento, avaliamos a influência intelectual que a família de Rolim exerceu em sua formação como leitora e escritora. Em um segundo momento, analisamos as críticas oferecidas à sua obra por outros escritores e escritoras, evidenciando a sua trajetória de notoriedade e prestígio por meio da imprensa. Por fim, em um terceiro momento, tratamos da inclusão da autora no âmbito pedagógico relacionado à ascensão da educação pública brasileira com o estabelecimento, em território nacional, do regime republicano.

Para o terceiro capítulo, propomos continuar com o empreendido em nosso segundo capítulo, localizando e caracterizando a produção de Zalina Rolim ainda inédita em livro, abrangendo tanto a prosa como a poesia, procurando, a partir do mapeamento de sua colaboração na imprensa periódica entre os séculos XIX e XX, melhor compreender a sua inclusão no campo intelectual de seu tempo. Realizamos a caracterização dos jornais, das revistas e dos almanaques que receberam a sua colaboração, explorando a história, o conteúdo e o arranjo estrutural desses periódicos. A fim de melhor apresentar o nosso levantamento, dividimo-lo em veículos de interesse geral, veículos produzidos por mulheres e veículos pedagógicos, oferecendo uma visão mais ampla e organizada da produção de Rolim no suporte periódico. Por último, também tentamos mensurar o alcance dos escritos da autora reproduzidos ou republicados para além de sua colaboração efetiva na imprensa, analisando a sua presença em outros órgãos impressos de todo o território nacional.

Partindo da figura do "homem de letras", estabelecida por Chartier (1997) em seu estudo sobre os homens letrados e suas vias de intercâmbio cultural no século XVIII, nosso trabalho segue a proposta de Duarte e Paiva (2009) na formação de uma nova história da literatura que reconheça a "mulher de letras", considerando o ingresso da agente feminina no meio intelectual do passado, mesmo com as mulheres enfrentando dificuldades de acesso ao conhecimento e ao convívio social. Nesse sentido, defendemos que Zalina Rolim, como uma mulher de estudo e

de leitura que conviveu socialmente com seus pares, merece reconhecimento como importante escritora e intelectual de seu tempo. Ademais, nosso trabalho tenta recuperar, ainda que de forma simbólica, o álbum no qual Rolim guardava memórias de sua carreira nas letras, promovendo um maior acesso à sua obra escrita, devidamente recolhida e organizada.

Nessa tarefa, priorizamos a busca em fontes primárias, confirmando ou refutando o que é mencionado nas principais pesquisas sobre a vida e a obra da escritora estudada. Ressaltamos que a grafia das citações dos escritos de Zalina Rolim e de outros autores oitocentistas importantes ao nosso estudo foi atualizada, com transcrição consultada nos impressos disponíveis no Arquivo Público do Estado de São Paulo, na hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional, no repositório de impressos pedagógicos do Centro de Educação – CED, da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, no acervo histórico do jornal *O Estado de S. Paulo*, na coleção da Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin, no catálogo da Biblioteca Digital de Obras Raras, Especiais e Documentação Histórica da Universidade de São Paulo – USP, entre outras coleções.

Com fundamento no exposto, nossa pesquisa se caracteriza pela natureza qualitativa de tipo documental e bibliográfica (GIL, 2008), enquadrando-se na área de concentração em Literatura, Teoria e Crítica e na linha de Leituras Literárias, do Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL, da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, por caracterizar-se como um estudo da prática literária como fenômeno histórico veiculado em várias fontes e materiais de leitura dados à circulação. Oferecemos aqui um trabalho que compreende a literatura não apenas através da construção de sentidos imanentes ao escrito, mas também pelos mecanismos indiretos ou externos que interferem em sua análise.

1 ANJOS DO LAR ASCENDEM PELA PALAVRA: MULHERES NA SOCIEDADE DE ELITE ENTRE OS SÉCULOS XIX E XX

No entanto, a voz do mundo desprezando,
As avezitas gárrulas, em bando,
Sobre as ruínas construíram ninhos [...]

Zalina Rolim – "Ruínas"
(*O coração*, 1893)

A primeira parte de nosso percurso busca estudar, nos primórdios da vida burguesa do Brasil, os espaços de formação social e cultural da mulher, sobretudo de elite, situando o lugar social da escritora Zalina Rolim (1867-1961), cuja produção é foco de nossa pesquisa, no contexto histórico do final do século XIX e início do século XX. Em um momento inicial, exploramos a condição que as mulheres daquele tempo, principalmente as brancas de ascendência abastada, dispunham para se constituírem como sujeitos, levando em consideração a imposição de lugares, gestos e papéis ligados a uma "natureza feminina universal" (KEHL, 2016). Discutimos os mecanismos de dominação masculina utilizados na construção do "anjo do lar" (WOOLF, 2012; TELLES, 2018) e suas consequências nas ordens das coisas e do corpo feminino. Em seguida, em um segundo momento, avaliamos o surgimento e o desenvolvimento da educação de mulheres na época, apontando as novas possibilidades sociais trazidas pelo acesso à leitura e ao conhecimento. Por fim, em um terceiro momento, tratamos da capacidade de criação artística das mulheres do referido período, focando em sua ascensão pela palavra escrita publicada em especial nos suportes periódicos.

1.1 A condição feminina: deslocamentos entre o privado e o público

A divisão social entre mulheres e homens tem reconhecimento e legitimação em mecanismos de dominação masculina "responsáveis pela transformação da história em natureza, do arbitrário cultural em *natural*" (BOURDIEU, 2018. p. 2018, *grifo do autor*). Essa relação de poder, base da consolidação da família burguesa no ocidente, ancorada em uma diferenciação biológica que, por sua vez, é uma construção social naturalizada, exclui o feminino de determinados espaços, instituindo-lhe papeis e impondo-lhe comportamentos.

Zilberman (1987, p. 6) aponta que a centralização do poder europeu em torno de um governo absolutista, entre os séculos XVI e XVIII, veio acompanhada do enfraquecimento dos grandes grupos de parentesco, com o Estado moderno encontrando na chamada família nuclear

"seu sustentáculo maior, cabendo-lhe então reforçar e favorecer sua situação e estrutura, assim como sua universalidade". A elite urbana, classe social formada por governantes, administradores, financistas e membros de famílias abastadas derivados do antigo sistema feudal, já inserida em uma posição conquistada ou herdada de poderio econômico, empenhava-se em se consolidar por meio da criação de uma cultura que correspondesse à nova ordem, superando padrões passados (SENNETT, 2014).

No Brasil, essa conjuntura sociocultural se estabelece com maior efeito na segunda metade do século XIX, principalmente através da importação de modelos europeus, em um momento condicionado pelo fortalecimento do capitalismo, pela urbanização crescente e pela constante migração campo-cidade. A emergência da Primeira República (1889-1930) no cenário nacional corroborou o processo de modernização dos estados, combatendo-se relações, expressões e costumes da antiga sociedade patrimonial. A pobreza foi encarada como um problema, sendo de maneira constante afastada dos espaços centrais dominados por membros da elite. Tal cenário deixou mais claros os limites de convívio e a distância social entre a nova classe abastada e o povo comum (D'INCAO, 2018).

A ideia de privacidade da nova classe nobre urbana colocou a família em torno de uma única célula constituída por pai, mãe e filhos, em detrimento da constituição parental extensa, com várias gerações convivendo juntas. Essas famílias alargadas, típicas de áreas rurais, vão desaparecendo e a nova relação doméstica vai centrando investimentos na formação e no cuidado dos filhos. A família unicelular burguesa motivou modos mais individualistas e resguardados, menos participativos publicamente (LAJOLO; ZILBERMAN, 1987. p. 17), também deixando de ser apenas uma entidade legal para a transmissão dos bens e do sobrenome, assumindo também uma "função moral e espiritual, passando a formar os corpos e as almas" (ARIÈS, 2014, p. 194).

Nesse interim, a rua, como lugar público, passou a ser vista em oposição ao espaço privado da casa (D'INCAO, 2018). Esta, por sua vez, segundo Sennett (2014), ainda no século XVIII, tornou-se uma fortaleza de proteção contra a instabilidade econômica e a insegurança ante a pressão dos novos papéis a serem seguidos em sociedade. Junto ao êxito no processo de privatização familiar burguês, com a valorização da intimidade, houve o maior isolamento da figura feminina, presa ao ambiente doméstico, com a esfera pública, incluindo a cidadania e o direito à opinião, pertencendo majoritariamente ao domínio masculino e ao seu papel provedor. A mulher branca de elite passou a ser criada para o recato, a família e as coisas domésticas, sendo investida de mística religiosa e filosófica que enfatizava os seus papéis servis como boa mãe e esposa modelar, passiva em relação às vontades e às necessidades dos homens. Do

isolamento da casa paterna, ela se tornaria depois, através do casamento, reclusa da própria casa, segundo o ideal da sociedade patriarcal.

> A mulher era apenas uma escrava de luxo. [...] Na maior parte do tempo, zanzava dentro de casa ou passava horas sentada na esteira, desmazelada, de chinelas e camisolão, entretida com as mucamas, por vezes cruel, envelhecendo rapidamente.
> A rua, com suas seduções, era entrevista apenas através das venezianas das janelas. [...] Restava-lhe ficar em casa, fofocando e sonhando, ou tocando piando, pois raras sabiam ler (MACHADO, 2001, p. 255).

A união do casamento entre as famílias de elite tornou-se um degrau de ascensão social ou uma forma de manutenção da categoria social, caracterizando uma aliança política e econômica. Mulheres casadas assumiam uma nova posição de prestígio, ganhando a função de contribuir para o projeto familiar instaurado. No cultivo da domesticidade feminina, a maternidade, além de um dever de esposa, tornou-se um sonho da mulher, relacionado a um "instinto" (D'INCAO, 2018, p. 237).

Tal adequação de funções foi fruto de uma enorme produção discursiva que baseou todo um imaginário social transmitido e reforçado pela educação formal, pelas expectativas parentais, pela religião, pela produção científica e filosófica da época, instâncias predominantemente fomentadas por homens (KEHL, 2016). A feminilidade é construída com base em um conjunto de determinações sociais, atributos, virtudes, restrições, encargos e até predicados que interrompem o desenvolvimento e a composição individual da personalidade do sujeito mulher.

> Assim, aos ideais de submissão feminina contrapunham-se os ideais de autonomia de todo sujeito moderno; aos ideais de domesticidade contrapunham-se os de liberdade; à ideia de uma vida predestinada ao casamento e à maternidade contrapunha-se a ideia, também moderna, de que cada sujeito deve escrever seu próprio destino, de acordo com sua própria vontade (KEHL, 2016, p. 38).

Segundo Perrot (2005), o redirecionamento da mulher para o privado era justificado por dois argumentos principais: a sua vocação biológica e a sua utilidade social. A biologização da diferença entre os sexos confere uma base naturalista à teoria das esferas, prendendo as mulheres a seus corpos, à sua função reprodutora, materna e doméstica, afastando-as das instâncias públicas por causa dessa identidade. Sua contribuição social seria, nessa lógica, limitada ao suporte do homem (o único agente político), isto é, à sua família. É o que aponta Kehl (2016, p. 38), ao afirmar que, para os homens condenados ao convívio cotidiano na selva

das cidades, “a família tornava-se um lugar sagrado, cuja harmonia e cuja tranquilidade estariam a cargo daquela que cada um escolheu para esposa”. Assim, fica claro que a mulher mais do que casar-se com o homem, na verdade casava-se com o seu lar.

No entanto, se a maternidade e o casamento traziam um novo *status* à mulher, também assinalavam uma provável falsa sensação de poder na instância designada, visto que ainda cabia ao homem a palavra final na maioria das decisões.

> Com a entronização da “divina missão” materna, de “guardiã privilegiada” da família, a autoridade do pai parecia diminuir na proporção que a mãe aumentava seu espaço de poder. Mas no fundo, no fundo, continuava cabendo ao mantenedor a última palavra. Ela, a “rainha do lar”; ele, o cabeça, o chefe, o juiz (DUARTE, 2016, p. 24).

Na família, o poder principal ainda continua sendo o do pai, com a ação da mãe integrando o ordenar do ambiente doméstico e não o seu controle. A dedicação à morada, ao marido e à prole redefine o ser feminino, excluindo as mulheres de elite de uma efetiva participação social e política, não permitindo que assegurassem a própria sobrevivência dignamente ou que tivessem acesso à educação formal: “A mulher passou a ser ajudante do homem, a educadora dos filhos, um ser de virtude, o anjo do lar” (TELLES, 2018, p. 403). Nesse sentido, para Bourdieu (2018), a ordem social funciona como uma extensa máquina simbólica de dominação masculina que tende a ratificar a distribuição bastante desigual das atividades atribuídas a cada um dos sexos, além de seu local, seu momento e seus instrumentos:

> Cabe aos homens, situados do lado do exterior, do oficial, do público, do direito, do seco, do alto, do descontínuo, realizarem todos os atos ao mesmo tempo breves, perigosos e espetaculares [...] Às mulheres, pelo contrário, estando situadas do lado do úmido, do baixo, do curvo e do contínuo, são atribuídos todos os trabalhos domésticos, ou seja, privados e escondidos, ou até mesmo invisíveis e vergonhosos [...] (BOURDIEU, 2018, p. 49-50).

Para o referido sociólogo francês, a ordem masculina se inscreve tanto nas coisas como nos corpos através de “injunções táticas, implícitas nas rotinas da divisão do trabalho ou dos rituais coletivos ou privados” (BOURDIEU, 2018, p. 41). Segundo ele, a perpetuação dessa relação de submissão não residiria apenas na unidade doméstica, mas em outros lugares ou instituições de elaboração e de imposição de princípios simbólicos de dominação que também pertenceriam ao universo privado. Desse modo, as estruturas de dominação masculina “são *produto de um trabalho incessante (e, como tal, histórico) de reprodução*, para o qual contribuem agentes específicos” (BOURDIEU, 2018, p. 56, *grifo do autor*). Além dos próprios

homens, armados de violência física e/ou simbólica, o patriarcado legitimou a opressão sobre as mulheres por contribuição da família, da Igreja, da escola e do Estado.

O seio familiar é o primeiro a impor a experiência da divisão sexual através de hierarquias inscritas nas ocupações, nos gestos e no tratamento com a linguagem. Já a Igreja age "de maneira mais indireta, sobre as estruturas históricas do inconsciente, por meio, sobretudo, da simbologia dos textos sagrados, da liturgia e até do espaço e do tempo religiosos [...]" (BOURDIEU, 2018, p. 121). O ambiente religioso manteve-se como um espaço paradoxal. Nos conventos, lugares de abandono e confinamento, as jovens também encontravam apropriação de saber e possibilidade de criação. Já as paróquias, ao mesmo tempo em que aliviavam a clausura do espaço doméstico, ressaltavam códigos de dominação na ordem das coisas e na ordem do corpo das mulheres (PERROT, 2019). Algo semelhante ao ocorrido na escola, mesmo quando esta se viu liberta da tutela cristã.

O ambiente pedagógico, baseado na equivalência entre as relações homem/mulher e adulto/criança, transmite pressupostos da representação patriarcal também através de estruturas hierárquicas sexualmente conotadas, influenciando aptidões e inclinações, traçando os destinos sociais e as imagens que as mulheres têm de si mesmas. Esse espaço será melhor explorado em nosso trabalho mais adiante. Por último, o Estado veio "ratificar e reforçar as prescrições e as proposições do patriarcado privado com as de um patriarcado público, inscrito em todas as instituições encarregadas de gerir e regulamentar a existência quotidiana da unidade doméstica" (BOURDIEU, 2018, p. 122). Com isso, as regularidades da ordem social impõem e orientam medidas que excluem as mulheres das tarefas mais nobres, como a carreira intelectual e a ocupação política, associando-as a lides inferiores, limitadas à identidade minoritária que lhes era socialmente designada: "O século XIX levou a divisão das tarefas e a segregação sexual dos espaços ao seu ponto mais alto. Seu racionalismo procurou definir estritamente o lugar de cada um. Lugar das mulheres: a Maternidade e a Casa cercam-na por inteiro" (PERROT, 1992, p. 186).

Trancada no interior da casa, a mulher de elite se ocupava com prendas referentes à harmonia do lar, como a fiscalização do trabalho dos criados, a arrumação e a limpeza dos aposentos, a culinária, a costura, a economia doméstica, a horticultura e a floricultura, o cuidado com a saúde e a alimentação, além de cumprir com a diligência religiosa e, quando casada, com os encargos da relação conjugal. Em momentos de ócio, poderia preencher-se com o consumo ou a prática de variadas formas de arte. Na divisão dos cômodos, o quarto tornava-se o espaço que mais refletia o universo feminino, constituindo o lugar em que mais prevalecia o segredo e a individualidade.

CROQUIS

Quarto de moça: abrindo-se ao levante
Uma janela emoldurada em flores,
Donde se avista o campo verdejante,
Que o sol nascente inunda de esplendores.

Completa ausência de primores d'arte,
Raros adornos, móveis de recreio;
Mas, esvoaçando aéreo, em toda a parte
O grato aroma salutar do asseio.

Ao centro o leito pequenino e leve
Sem ornamentos de maior valia;
Cortinas alvas de um candor de neve
Que a alma refresca e os olhos delicia.

Além a estante de madeira fina,
A mesinha de estudo, a pasta e as penas
Que pacífica e tépida ilumina
A claridade das manhãs serenas.

Rente à janela o toucador e ao lado
Sobre o tapete a cesta de costura;
Flocos, cetins, tesouras de bordado,
Numa engenhosa, artística mistura.

E o sol entrando alegre e satisfeito
Pela janela, fúlgido, alumia
O livro de orações junto ao leito
E à cabeceira a imagem de Maria.
(*Correio Paulistano*, 28 nov. 1892).

A descrição poética da alcova de uma jovem mulher feita por Zalina Rolim[3], publicada no jornal *Correio Paulistano* (1854-1963) em 28 de dezembro de 1892 e, posteriormente, no livro *O coração* (1893), destaca elementos característicos do cosmo feminino da elite no final do século XIX e início do XX, como a atenção à limpeza e à organização do interior do lar e de seu entorno (incluindo o jardim), a alfabetização no ambiente doméstico, a presença da fé cristã e a dedicação ao trabalho de costura. No poema, a imagem da Virgem Maria colocada sobre a cabeceira da cama se relacionava à castidade esperada às moças solteiras. Aquele local de refúgio acabou fornecendo a privacidade necessária para as mulheres explorarem seus sentimentos, pensamentos e vontades, sendo ideal para o exercício de suas primeiras letras, seja com a leitura ou com a escrita, como veremos mais adiante.

[3] A biografia da escritora Zalina Rolim será aprofundada no segundo capítulo da presente tese.

Na casa em que os homens detinham muito mais lugares próprios, as mulheres "souberam tirar partido dos espaços que lhes eram confiados ou deixados, para dar, a si mesmas, prazeres próprios e contrapoderes eficazes, usando suas armas para fazer o seu lugar" (PERROT, 2005, p. 487). Todavia, também havia certa ampliação da interiorização nas residências das famílias mais ricas, que se abriam para certa apreciação pública, ainda que em ocasiões específicas de recepção restrita a círculos de familiares e amigos:

> Nas casas, domínios privados e públicos estavam presentes. Nos públicos, como as salas de jantar e os salões, lugar das máscaras sociais, impunham-se regras para receber e bem representar diante das visitas. As salas abriam-se frequentemente para reuniões mais fechadas ou saraus [...] (D'INCAO, 2018, p. 228).

Os espaços intermediários entre o lar e a rua, como as salas de visitas e os salões, possibilitavam às mulheres de elite alguma socialização, ainda que limitada. Nessas ocasiões, os anfitriões procuravam conciliar o espírito de brasilidade com o bom gosto europeu, "sem formalismos pretenciosos, com hábitos requintados, adquiridos em viagens e por meio da leitura de revistas e romances" (MACHADO, 2001, p. 132).

Nessa perspectiva, apesar de serem constantemente avaliadas e vigiadas, as mulheres conseguiam deslocar-se para além do espaço doméstico, fazendo presença em cafés, bailes, teatros e acontecimentos importantes da vida social, também interagindo com outras senhoras do lar nos lugares de culto religioso, em associações de caridade ou nos grandes *magazines*, onde se fazia a compra de produtos para a casa (PERROT, 1992). Assim, fica claro que nem todo público é exclusivamente masculino ou que todo privado é exclusivamente feminino, com a separação entre as esferas sendo mais sutil do que parece: "O exercício de poder não se reduz evidentemente a uma geografia" (PERROT, 2005, p. 269).

Entretanto, os gestos e atitudes das mulheres que tinham maior acesso ao convívio social, segundo Perrot (1998, p. 41), obedeciam a "códigos de urbanidade" que lhes diziam o que seria "decente" a se fazer, em uma coibição bem maior que a das mulheres do povo, que seriam mais livres em seu comportamento. A imagem pública dos homens de elite, nesse sentido, também dependia da imagem que suas esposas passavam para o seu grupo de convívio, esperando-se que o ajudassem a manter sua posição social. O "afrouxamento" da vigilância e do controle sobre os movimentos femininos estava condicionado à capacidade das próprias mulheres em se autovigiar, em "aprenderem a se comportar" (D'INCAO, 2018).

Tal "adestramento" ou padronização do agir feminino se aproxima da noção de "docilidade" formulada por Foucault (1987), que indica um corpo dócil ou manipulável como

aquele que pode ser exercitado, transformado, utilizado e aperfeiçoado. Sobre ele exerceria uma coerção calculada, fazendo com que deixasse de ser realmente vivido para ser trabalhado em seus detalhes. Os métodos coercitivos – técnicas minuciosas, dotadas de grande poder de difusão – seriam fruto da disciplina que, entre os séculos XVII e XVIII, caracterizou formas gerais de dominação, aumentando a sujeição de corpos e convertendo-os em mais obedientes e úteis. As mulheres, seguindo essa conjuntura, acabam sendo de fato objetos manipulados, modeláveis, treináveis, alvos de poder que obedecem, respondem ou cujas formas se multiplicam (FOUCAULT, 1987, p. 134).

Nessa mesma perspectiva, Bourdieu (2018) analisa a dominação masculina, assim como o modo como esta é imposta e vivenciada, como resultante do que chama de "violência simbólica", que seria uma espécie de violência suave, insensível, sem coação física, quase sempre invisível para suas vítimas, mas com efeitos reais e duradouros. Esse mecanismo de poder age essencialmente "pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento" (BOURDIEU, 2018, p. 12).

Assim, percebida em indícios verbais e não verbais, a violência simbólica, a partir de injunções, sugestões, seduções, ameaças, censuras e ordens, tem como decorrência uma "submissão encantada", resultado de uma lógica paradoxal por ser ao mesmo tempo espontânea e extorquida, instituída "por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação)" (BOURDIEU, 2018, p. 56). A violência simbólica torna a relação de dominação naturalizada, incorporada e reproduzida pelo ser dominado, que se torna, por assim dizer, seu produto.

> [...] as próprias mulheres aplicam a toda a realidade, e, particularmente, às relações de poder em que se veem envolvidas, esquemas de pensamento que são produto da incorporação dessas relações de poder e que se expressam nas oposições de ordem simbólica (BOURDIEU, 2018, p. 54).

Nesse sentido, a lógica da dominação masculina é exercida a encargo de um princípio simbólico conhecido e reconhecido tanto pelo dominante como pelo dominado. Isso quer dizer que, quando os pensamentos e as percepções do ser dominado estão de acordo com as estruturas de legitimação da dominação que lhe é imposta, "seus atos de *conhecimento* são, inevitavelmente, atos de *reconhecimento*, de submissão" (BOURDIEU, 2018, p. 27).

Kehl (2016) aponta que, no ajuste das mulheres ao ideal de feminilidade, também houve a perspectiva daquelas que gozavam da posição designada socialmente, não se sentindo

forçadas a assumirem-na por se inscreverem em formas de alienação política e subjetiva. Visto que as possibilidades de identificação com outros atributos que não os socialmente designados chegaram aos poucos com o crescimento da circulação de informações advindo de contatos externos, o casamento fundado nos ideais do amor burguês e a posição de rainha do lar representaram, para a maioria das mulheres do século XIX, "um destino intensamente desejado e, para muitas, um caminho de verdadeira realização pessoal" (KEHL, 2016, p. 65).

O poder simbólico não pode se exercer, segundo Bourdieu (2018, p. 60, *grifo do autor*), "sem a colaboração dos que lhe são subordinados e que só se subordinam a ele porque o *constroem* como poder, inscrito duradouramente sob forma de esquemas de percepção e de disposições que o tornam sensível". Ainda em consonância ao sociólogo francês, apenas se poderia chegar a uma ruptura da relação de cumplicidade que as vítimas da dominação simbólica estabelecem com os dominantes por meio de uma "transformação radical das condições sociais de produção de tendências que levam os dominados a adotar, sobre os dominantes e sobre si mesmos, o próprio ponto de vista dos dominantes" (BOURDIEU, 2018, p. 65).

A falta de instrução por muito tempo legitimou o poder masculino e ressaltou a inaptidão da mulher de elite em participar de forma efetiva da vida pública. Ela permanecia invisível socialmente, não existindo como entidade civil. Seus pendores intelectuais, antes combatidos, com o tempo foram incentivados, mas com ressalvas e finalidade direcionada à extensão de sua função doméstica. Mesmo limitadas, a educação e a leitura abriram novas perspectivas de poder para as mulheres, incluindo a oportunidade de trabalho além do espaço privado da casa.

1.2 O acesso ao saber possibilita novos horizontes

Em uma visão otimista, pode-se dizer que o Iluminismo, movimento filosófico que dominou os círculos intelectuais na Europa durante o século XVIII, exerceu certa influência nos primeiros esboços da instrução e do acesso ao conhecimento pelas mulheres. Ainda que em um discurso mais direcionado aos homens, o movimento afirmava a liberdade individual ligada à supremacia da razão e à recusa da submissão ao divino. Todavia, segundo Kehl (2016, p. 45), "[...] os filósofos da Aufklärung conservaram a crença em uma natureza feminina universal, invulnerável às transformações da história, pairando acima das determinações sociais".

Nesse contexto, a *Declaração dos direitos da mulher e da cidadã* (1791), de autoria da dramaturga e ativista política francesa Olympe de Gouges (1748-1793), trazia uma versão de preocupação feminina da *Declaração dos direitos do homem e do cidadão* (1789), que

enumerava direitos apenas direcionados aos homens, enquanto as mulheres não podiam participar de eleições, ter acesso a instituições públicas, possuir propriedades e desenvolver carreira profissional etc. O referido documento tentava equiparar em direitos, liberdade e justiça homens e mulheres, incluindo a igualdade de comunicação de pensamentos e de opiniões. Por outro lado, uma perspectiva redutora em relação às pretensões das mulheres pode ser percebida, por exemplo, na produção de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), um dos principais nomes do pensamento iluminista. Sua obra *Emílio, ou Da educação*, de 1762, versa sobre qualidades desejáveis a partir de predisposições naturais para que cada gênero cumpra seu papel em sociedade, oferecendo uma direção restritiva em relação ao desenvolvimento moral e cultural das mulheres.

As primeiras discussões acerca da instrução feminina em terras de língua portuguesa são justamente contemporâneas ao Século das Luzes. A implementação de uma série de reformas políticas, administrativas, econômicas e culturais estabelecidas por Sebastião José de Carvalho (1699-1782), o Marquês de Pombal, entre 1750 e 1777, durante o reinado de Dom José I (1714-1777), na metrópole e nas colônias, resultou na expulsão dos jesuítas, então principais responsáveis pela educação, de todo o território português. Tais membros da Companhia de Jesus faziam da escola, em seu embrião, um instrumento de propagação da fé, ao mesmo tempo em que preparava os filhos da elite para fortalecer e consolidar o sistema social que então se estabelecia.

Com a educação indo para as mãos do Estado, foram criadas as Aulas Régias, principal legado do ministério pombalino que marcou o surgimento do ensino público oficial e laico. Nessa conjuntura, surgiu a preocupação em melhor preparar a mulher de elite para assumir o serviço caseiro que a camada burguesa carecia, destacando-se a primeira educação dos rebentos. É o que defendia a obra *Verdadeiro método de estudar* (1746), atribuída à figura de Luiz Antônio Verney (1713-1792), que repercutiu nos manuais de pedagogia e retórica produzidos em Portugal e no Brasil desde meados do século XVIII até o final do XIX. Escrita em forma de epistolas, ela propunha, como um verdadeiro manifesto crítico do ensino português, algumas reflexões para a formação de um método pedagógico condizente com o progresso.

Como apêndice à décima sexta carta, última do compêndio, que discutia uma regulamentação geral dos estudos, Verney (1991) acrescentou algumas observações sobre o estudo das mulheres, defendendo seu acesso ao saber com o intuito de que elas vencessem a tolice e auxiliassem na formação dos futuros cidadãos, assim como desempenhassem da melhor maneira as lides do lar, conseguindo inclusive segurar a atenção do marido.

> Isso é o que me ocorre em breve, e tenho lido em alguns autores. Certamente que a educação das mulheres neste Reino é péssima; os homens quase as consideram como animais de outra espécie: e não só pouco aptas, mas incapazes de qualquer gênero de estudo e erudição. Mas, se os pais e as mães considerassem bem a matéria, veriam que têm gravíssimos prejuízos à República, tanto nas coisas públicas, como domésticas (VERNEY, 1991, p. 159).

O discurso do referido filósofo português ressaltava a ideia de que a construção do conhecimento e o desenvolvimento da capacidade de aprender das mulheres dependiam apenas de melhores oportunidades além da instrução precária e sem grandes pendores intelectuais que costumavam receber no ambiente doméstico ou em conventos. Ele recomenda às casadas e donzelas a leitura de livros, além de sugerir-lhes um currículo que abarque noções de gramática, economia, aritmética, história e geografia. Também preconiza a elas os trabalhos manuais e as prendas de salão, como estudos de canto, música e dança, assim como a aquisição de elementos da fé, visto que ainda não dissociava o ensino dos princípios teológico-políticos vigentes em seu tempo. Quanto mais ilustradas, mais diligentes e cumpridoras de seus deveres elas seriam.

No Brasil, mais especificamente, o exercício do saber das mulheres permaneceu bastante restrito durante as primeiras décadas do século XIX. Até então, a situação da mulher brasileira perante a cultura letrada ainda era muito precária. Nessa época, assim como nos países europeus, feminilidade e saber se excluíam, com a educação doméstica dando ênfase à moral e ao dever familiar.

> É preciso, pois, educar as meninas, e não exatamente instruí-las. Ou instruí-las apenas no que é necessário para torná-las agradáveis e úteis: um saber social, em suma. Formá-las para seus papéis futuros de mulher, de dona de casa, de esposa e mãe. Inculcar-lhes bons hábitos de economia e de higiene, os valores morais de pudor, obediência, polidez, renúncia, sacrifício... que tecem a coroa das femininas (PERROT, 2019, p. 95).

Até então, por aqui, nas famílias abastadas, as primeiras lições eram geralmente aprendidas em domicílio, por ação de tutores particulares (preceptores) ou de agentes religiosos em condições materiais precárias. No caso das meninas, também havia a alternativa do ensino oferecido pelos conventos, cujo claustro funcionava muitas vezes como forma de punição à insubmissão feminina, permitindo o redimir dos pecados (NUNES, 2018). A educação elementar também deveria ficar a cargo, no ambiente doméstico, das figuras femininas da família, combatendo os vícios e alimentando as virtudes dos pequenos por meio do bom exemplo, como mostrado nos versos a seguir:

A primeira lição

RAUL não sabe ler;
É um traquinas, que vive toda a hora
Pela campina em fora
A correr, a correr...

Desde pela manhã,
Salta do leito em fraldas de camisa,
E por tudo desliza
Numa alegria sã.

Nada de livros, não;
Para ele a campina, os passarinhos,
Os assaltos aos ninhos,
A pesca ao ribeirão

E as corridas em pós
Dos bezerros e cabras e novilhas,...
Rasgando ásperas trilhas,
Veloz, veloz, veloz!

Mas, um dia, ele viu
A irmãzita no livro debruçada,
E o som de uma risada
O ouvido lhe feriu.

Que teria, meu Deus!
Aquele grande livro tão pesado,
Ali dentro guardado,
Longe dos olhos seus?

E aproximou-se mais.
Ceci, toda entretida na leitura,
Mostrava, rindo, a alvura
Dos dentinhos iguais.

E o pequenito a olhar,
Mas debalde; no livro, aberto em frente,
Letras, letras, somente...
Raul pôs-se a chorar.

Pois não estava ali
Um livro injusto e mau, que até escondia
A causa da alegria
Da risonha Ceci?

Mas a irmã, tal e qual
Uma bondosa mãe ao filho amado,
Fê-lo assentar-se ao lado
E explicou-lhe o seu mal.

E com tanta razão
Que, abrindo atento o livro misterioso,
Raul pediu, ansioso,

A primeira lição.
(ROLIM, 1897, p. 21-23)

As quadrinhas de Zalina Rolim, publicadas em seu *Livro das crianças* (1897), contam uma historieta centrada na figura de um menino que descobre a palavra escrita através da irmã mais velha, que desperta a sua curiosidade para a leitura. Na referida composição poética, a brincadeira do garoto vai sendo substituída pelo seu interesse na alfabetização, com Raul modificando o seu olhar para a leitura no desenrolar da descrição: estabelecido o conflito relacionado ao riso da irmã ao ler um grande livro, há o contato frustrante com o impresso e, posteriormente, sua compreensão de que aquela brochura também poderia proporcionar diversão (OLIVEIRA, 2017). É interessante destacar que Rolim faz uso de uma situação envolvendo a leitura em sua percepção lúdica para indicar a importância do estudo e do livro para as crianças, assim como destacar o papel da figura feminina na primeira educação ainda no ambiente da casa. A postura da menina Ceci delineia o padrão virtuoso esperado ao leitor infante, além de simbolizar o papel da mãe típica do século XIX.

Embora as mulheres de elite tenham começado a ter acesso à instrução fora de casa, em estabelecimentos específicos ou em escolas divididas por sexo, ainda não podiam cursar o ensino secundário e, consequentemente, o ensino superior. Apesar disso, o magistério surgiu como uma nova oportunidade de trabalho feminino, oferecendo a abertura de tornar-se professora para moças, ainda que sem formação específica para isso e enfrentando demasiada oposição social (LOURO, 2018). As meninas não tinham acesso a todas as matérias ensinadas aos meninos, sobretudo as consideradas mais racionais, como as ciências exatas e da natureza, devendo centrar-se em conteúdos amenos ou que seriam úteis ao gerir do lar.

> Ler, escrever e contar, saber as quatro operações, mais a doutrina cristã, nisso consistiam os primeiros ensinamentos para ambos os sexos; mas logo algumas distinções apareciam: para os meninos, noções de geometria; para as meninas, bordado e costura (LOURO, 2018, p. 444).

A educação elementar das filhas de grupos sociais privilegiados geralmente era complementado pelo aprendizado de uma segunda língua e pelo exercício de habilidades artísticas, atividades ministradas em casa que serviriam para torná-la uma companhia mais agradável ao futuro marido. Nesse sentido, as primeiras professoras deveriam ser pessoas de índole intacta, prudentes e honestas, atuando em ambientes minimante decentes e assumindo o ofício com ares de sacerdócio, zelando pela moral de suas alunas.

Dionísia de Faria Rocha (1810-1885), mais conhecida pelo pseudônimo Nísia Floresta Brasileira Augusta, foi protagonista na iniciante prática educacional brasileira, rompendo limites do lugar social destinado à mulher. Lecionando desde muito jovem, ela conseguiu estabelecer diálogo entre ideias europeias e o contexto nacional, enfrentando os preconceitos da sociedade patriarcal e defendendo a igualdade de direitos entre os sexos, principalmente o referente à educação. Após publicar uma série de escritos sobre os desafios da condição feminina no jornal pernambucano *Espelho das brasileiras* (1831), um dos primeiros periódicos brasileiros voltados para as mulheres, ela editou uma tradução livre da obra *Vindications for the rights of woman* (1792), da escritora e filósofa inglesa Mary Wollstonecraft (1759-1797), sob o título *Direitos das mulheres e injustiça dos homens* (1832). Nesse registro, ela contestou a limitação do trabalho feminino e começou a denunciar a situação de ignorância e submissão em que se pretendia manter a mulher, com a sociedade patriarcal excluindo-a da vida pública pela falta de instrução e justificando tal exclusão exatamente pela ausência de participação no coletivo.

A autora potiguar, como pensadora de seu tempo, ainda manifestava ligação a certos modos conservadores de compreender a mulher, ao mesmo tempo em que tentava libertar-se desses paradigmas e adotar ideias mais liberais. Ela manteve foco na conjuntura feminina em publicações posteriores, destacando-se o livro *Opúsculo humanitário*, lançado em 1853, uma coletânea de artigos (de caráter essencialmente histórico e sociológico), inicialmente registrados na folha *Diário do Rio de Janeiro*, que sintetizava suas reflexões sobretudo no tocante à educação de mulheres ricas e pobres (também mencionando as de origem indígena), denunciando o descaso da nação quanto a essa questão desde os primórdios da história e propondo uma reforma do sistema educacional vigente.

> Não compartindo a doutrina de Helvécio sobre a igualdade da inteligência em todos os homens, sabemos que todas as mulheres não podem ser igualmente instruídas, ainda mesmo quando a todas se proporcionasse os meios de cultivar o seu espírito. O que pretendemos é possível, justo e de rigorosa necessidade, isto é, que todas sejam bem educadas em suas respectivas situações (AUGUSTA, 1989, p. 65).

Ela encara a aquisição de conhecimento – ainda que aliada a uma formação moral/religiosa – como principal forma de as mulheres se tornarem dignamente valorizadas, assim como de serem mais conscientes de seus papeis sociais, ultrapassando a existência enclausurada e voltada apenas à procriação. Tomando como exemplo o avanço social da Alemanha, da França, da Inglaterra e dos Estados Unidos, ela ressalta que a instrução das

brasileiras afastaria o atraso intelectual e material do país, contribuindo para o seu desenvolvimento civilizatório: “Educai, para isto, a mulher e com ela marchai avante, na imensa via do progresso, à gloria que leva o renome dos povos à mais remota posteridade!” (AUGUSTA, 1989, p. 160).

É a partir da segunda metade do século XIX que observamos um maior investimento na área de educação em terras brasileiras, principalmente devido à chegada de professores estrangeiros aos grandes centros urbanos, sobretudo de França, Inglaterra e Estados Unidos, trazendo a inauguração de escolas normais para a formação de instrutores que respondiam a novos princípios pedagógicos. Segundo Arroyo (2011, p. 86-87), o urbanismo criara condições para um arejamento do sistema educacional brasileiro, situação que ficaria bem mais caracterizada com “a criação de numerosos colégios e a impressão de livros escolares”.

A partir de 1870, foram fundadas escolas protestantes que reuniram, pela primeira vez, alunos de ambos os sexos em uma mesma classe. De acordo com Perrot (2019), os protestantes defendiam a democratização da alfabetização e o acesso à Bíblia para homens e mulheres, levando em consideração a obrigação de todos em conhecer a palavra divina. Ainda que preservassem a visão patriarcal e conservadora de família, filtrando os conhecimentos pela noção de deveres, eles acabaram contribuindo, desse modo, para uma melhor formação das meninas.

Nos novos estabelecimentos de ensino misto, as professoras de origens sociais diversas foram autorizadas a lecionarem também para meninos, sendo liberadas para ingressarem nos cursos normais, embora estudando em classes e até turnos diferentes dos frequentados pelos rapazes. Essas instituições de ensino, segundo Louro (2018, p. 455), consistiam em “escolas normais públicas, colégios normais religiosos, alguns internatos particulares; cursos localizados nas cidades mais importantes das províncias e dos estados, cursos de cidades menores, escolas laicas ou de orientação religiosa, pagas ou gratuitas”.

Com a instauração da Primeira República, já na virada para o século XX, os ideais liberais e democráticos apontavam para uma suposta igualdade baseada no conhecimento. Para consolidar o novo regime político, cumpria eliminar, ainda que de forma lenta, elementos e padrões arcaicos remanescentes da vida imperial enraizados no cenário sociocultural do país, como os referentes à economia essencialmente agrícola e aos baixos índices educacionais. Nesse interim, Rio de Janeiro e São Paulo se destacaram como grandes polos aglutinadores e divulgadores de ideias e ações em território nacional.

> Para os republicanos, a educação tinha uma função sócio-política muito definida. Eles viam na escola primária a possibilidade de mudar a mentalidade dos brasileiros, reformando os costumes, moralizando, disciplinando sua postura, além do valor dado à alfabetização do povo, peça fundamental para a participação política através do voto, então instituído apenas a pessoas que sabiam ler e escrever. Para concretizar a nova ordem civil, fugindo da referência monárquica, precisava-se contar com a disseminação do ideário republicano (OLIVEIRA, 2017, p. 25).

O censo realizado em 1890 acusava que mais de 80% da população do país ainda era analfabeta. Tal quadro demográfico, segundo Ferraro e Kreidlow (2003, p. 182) infelizmente valia ao Brasil, na época, "a pecha de campeão mundial do analfabetismo". A moldura da ausência de leitura entre as mulheres advinha dessas taxas referentes ao conjunto da população. Lajolo (1982) aponta que, mesmo percebendo-se necessária a formação dos brasileiros para o progresso da nação, o ensino não era de fato fornecido a toda a sociedade, já que os estabelecimentos educacionais se apresentavam aos moldes das elites.

Na progressiva institucionalização da escola no sistema republicano, a atividade de professor, masculina em princípio, abriu-se ainda mais para a mulher instruída, que passou a integrar o emergente projeto de escolarização pública, justificando de forma pragmática a necessidade e a importância da educação feminina. O afastamento gradual dos homens das salas de aula – movimento provavelmente vinculado às novas e promissoras oportunidades de trabalho advindas das transformações dos grandes centros urbanos nas últimas décadas oitocentistas – e a consequente carência de mão-de-obra pedagógica deu origem a uma verdadeira "feminização do magistério" (LOURO, 2018), baseada em uma "inclinação natural" da mulher para o trato com as crianças.

> A mulher, que em princípio educava os filhos, poderia ser também a mestra de todos, estendendo para fora de casa a tarefa para a qual foi talhada. Do sentido vagamente metafórico de "responsável pela formação do homem de amanhã" o papel formador atribuído à mulher se foi tornando literal, até se colar à identidade feminina uma vocação natural para lides do magistério (LAJOLO; ZILBERMAN, 1996, p. 262).

Tal emprego, mesmo caracterizando uma alternativa de desenvolvimento pessoal, parecia ser o mais próximo ao "ofício natural" das mulheres junto ao espaço doméstico, envolvendo uma exteriorização do que seriam os seus atributos comuns, como a afetividade, a paciência, a abnegação, a resignação e a dedicação, características encaradas como fundamentais e facilitadoras da aprendizagem. Dessa maneira, na atuação como educadoras, as mulheres tanto da elite letrada branca como das camadas menos abastadas também poderiam

oferecer alguma utilidade à pátria, mas mantendo o foco nas tarefas do lar: “A mulher pode, agora, receber instrução e trabalhar, mas seu universo ainda é o da família, da casa e do marido, ao qual cabe dedicar-se” (LAJOLO; ZILBERMAN, 1996, p. 263).

Entretanto, diferente de jovens pobres, podemos apontar que as mulheres que passavam a lecionar não viam no trabalho externo o peso da estabilidade financeira ou da ascensão social, muito menos como uma possibilidade de sobrevivência autônoma, visto que continuavam majoritariamente dependentes dos pais ou dos maridos, com seu salário na verdade complementando a renda familiar, nunca substituindo ou sendo superior ao principal sustento advindo do trabalho do homem da casa. É interessante observar que, embora o alicerce material ainda dependesse tradicionalmente da figura masculina, “[...] o destino das mulheres estava mais veemente associado ao *dever* para com os filhos – para com a continuidade da espécie [...]” (KEHL, 2016, p. 63, *grifo da autora*), visto que, em nome de tal obrigação que tinha com eles, abdicavam de seus próprios desejos, como o de querer ter vida social ou carreira profissional.

Na verdade, a docência se percebia mais como uma atividade transitória do que como uma profissão, já que permanecia mal remunerada pelo Estado, não favorecendo qualquer projeto de carreira. Segundo Louro (2019, p. 450), naquela época, “a docência não subverteria a função feminina fundamental, ao contrário, poderia ampliá-la ou sublimá-la”, visto que se o destino primordial da mulher seria a maternidade e o casamento, o magistério, de certa maneira, representaria “a extensão do lar”, com cada aluno constituindo uma espécie de “filho espiritual”. Para tanto, seria importante que a pedagogia fosse também representada como “uma atividade de amor, de entrega e doação”.

Apesar de a República formalizar a separação entre a Igreja e o Estado, a moral religiosa persistia dominando a sociedade e os projetos educacionais, interditando os caminhos das mulheres letradas. Nas primeiras décadas do século XX, apesar de já se notarem igualdade numérica dos efetivos femininos nos grupos escolares, quase nenhuma mulher conseguia alcançar os cargos superiores da instrução pública no nível secundário, como os de direção e supervisão escolar, que ainda eram privilégio de homens.

> O trabalho fora de casa seria aceitável para as moças solteiras até o momento do casamento, ou para as mulheres que ficassem sós – as solteironas e viúvas. [...] Dizia-se, ainda, que o magistério era próprio para mulheres porque era um trabalho de “um só turno”, o que permitia que elas atendessem “suas obrigações domésticas” no outro período. (LOURO, 2018, p. 453).

As professoras conseguiram dominar o mercado de ensino elementar, mas permaneciam cercadas de restrições de modo a não as afastar do casamento e da "sagrada missão" da maternidade. Nesse ínterim, de acordo com Louro (2018, p. 458), assinala-se o projeto de "escolarização do doméstico", em que o fazer pedagógico assume a responsabilidade de transpor os conhecimentos do universo do lar para a sala de aula, implicando em uma reelaboração de tais saberes em etapas sequenciais mais didáticas e de acordo com o entender científico. A escola, ao mesmo tempo em que lançava a mulher fora da casa, proporcionando-a novos horizontes, regulava e influenciava sua aprendizagem como um verdadeiro estágio preparatório para o seu papel social junto à família.

Para Lajolo e Zilberman (1996, p. 237), a questão da instrução feminina "acrescentou peso econômico à sua já notória dimensão ética, ao gerar virtuais consumidoras de literatura", além de ressoar ideologicamente, por tornar "matéria de discussão o tipo de literatura a ser destinado ou absorvido pelo ascendente público de saias". As mulheres letradas, frutos das mobilizações a favor de sua educação e de sua formação docente, acabaram por formar um importante e exigente público consumidor que não poderia ser ignorado ou marginalizado, influenciando a produção e a circulação de impressos.

Impedidas de exercer plenamente a atividade pública, as leitoras beneficiaram o mercado de produtos culturais, ocasionando um considerável aumento da realização literária sobretudo vinculada à imprensa periódica. Segundo Martins (2008, p. 378), foi nesse contexto que surgiram os primeiros veículos impressos de interesse específico feminino, incorporando informação e entretenimento, assim como a incidência de apelos a esse público nas publicações consideradas essencialmente masculinas: "Em nenhuma delas faltava a seção o 'cantinho da mulher', ou o 'figurino da moda' e mesmo o irresistível 'folhetim'". Na conjuntura de grande parte dos órgãos impressos, junto às notícias e aos artigos jornalísticos, "entram quadrinhas, historietas, diálogos curtos e a crônica mais afeita ao linguajar do dia a dia", procurando cativar o gosto daquele novo público de consumidores (CRUZ, 2000, p. 111).

Todavia, acaloraram-se os debates sobre os riscos que a leitura "mal conduzida" poderia trazer para esse grupo. Alguns gêneros e preferências passaram a ser condenados ou desvalorizados, por produzirem supostos vícios que desviavam o feminino de suas obrigações com a consolidação da revolução burguesa, reafirmando o caráter arriscado do acesso das mulheres ao saber: a cultura adquirida por elas esboçava certa aproximação à posição de poder dos homens. Nesse sentido, a leitura das mulheres passou a ser tutelada por orientação masculina.

> Como se vê, se a mulher conquista o direito de leitura, só pode exercê-lo se se submeter à hierarquia socialmente estabelecida que o regula, e esta inclui, entre as assimetrias, tanto a do tutor e da tutelada, quanto uma outra, mais forte, a da escrita e da leitura, ficando a primeira para o homem [...] (LAJOLO; ZILBERMAN, 1996, p. 273).

As leituras que apenas servissem para a necessidade intelectual da própria mulher e não para a sua atuação em sociedade deveriam ser evitadas, evidenciando uma formação leitora limitada. Pais, esposos, formadores escolares e pensadores da educação tornaram-se verdadeiros censores, com o poder de controlar tanto o modo de realização, como a escolha do objeto da leitura feminina. Em um contexto ainda marcado pelo analfabetismo, a "situação de iletrados preferiu ser letrada pela metade, sacrificando o crescimento da literatura e de seu público às exigências de manutenção do *satus quo*" (LAJOLO; ZILBERMAN, 1996, p. 265).

O contato com a leitura literária, para as mulheres de elite, deu-se inicialmente por meio da performance oral com participação coletiva nas horas de cismas, em pequenos serões domésticos ou em recitativos públicos realizados em salões, práticas comuns ao Brasil do século XIX. Nessas ocasiões, senhoras, moças e meninas analfabetas ouviam entusiasmadas o desenrolar de narrativas ficcionais ou de composições em verso e tinham suas primeiras experiências estéticas ao conhecerem escritos de grandes mestres da palavra. Podemos dizer que muito do próprio acesso à instrução de muitas iaiás teria relação direta e propícia com o saber se portar nos salões, sendo capaz de entreter os convidados através de sua competência musical e de suas habilidades declamatórias (ELEUTÉRIO, 2005).

A leitura oralizada, sendo uma modalidade de partilha de escritos, não pode ser compreendida como simples ação de decifração, por parte de quem lê, e como ação meramente passiva, por parte de quem ouve (LACERDA, 2003). É o que podemos perceber no relato do escritor José de Alencar (1829-1877) acerca de seu papel como ledor para as mulheres da família, ainda na infância:

> Lia-se até a hora do chá, e tópicos havia tão interessantes que eu era obrigado à repetição. Compensavam esse excesso, as pausas para dar lugar às expansões do auditório, o qual desfazia-se em recriminações contra algum mau personagem, ou acompanhava de seus votos e simpatias o herói perseguido.
> Uma noite, daquelas em que eu estava mais possuído do livro, lia com expressão uma das páginas mais comoventes da nossa biblioteca. As senhoras, de cabeça baixa, levavam o lenço ao rosto, e poucos momentos depois não puderam conter os soluços que rompiam-lhes o seio.
> Com a voz afogada pela comoção e a vista empanada pelas lágrimas, eu também cerrando ao peito o livro aberto, disparei em pranto e respondia com palavras de consolo às lamentações de minha mãe e suas amigas. (ALENCAR, 1990, p. 27-28)

O flagrante emotivo das ouvintes do autor cearense caracteriza a realidade de muitas mulheres dos anos oitocentistas, tomando gosto pela literatura por meio da leitura contínua e repetida, com possibilidade de interferência por meio de comentários. Segundo Lacerda (2003, p. 249), a prática de recitação ou de partilha oral foi uma das formas mais habituais de circulação de textos, títulos e escritores, constituindo, nesse contexto, "um modo de disponibilização da cultura letrada, literária e cultural da maior importância". Nos grandes saraus coletivos, que aos poucos se multiplicavam, a apresentação dos declamadores tinha geralmente acompanhamento musical, artifício que envolvia ainda mais os sentidos das mulheres presentes. Com o acesso à educação formal, elas puderam ascender à leitura individual, conseguindo desenvolver ainda mais os gostos pessoais ao dotar-se de certa independência intelectual.

> Se, de um lado, a leitura em voz alta reforçava a convivência letrada, na sala de jantar ou em volta de uma mesa, a leitura de foro privado, silenciosa, convidava ao recolhimento interior, distante dos espaços coletivos dos serões. Leituras que absorviam, que transportavam a leitora de modo a nada perceber ao redor de si, além do livro e das prováveis viagens que faria em torno de si mesma (MORAIS, 2002, p. 65).

A literatura nacional sofreu alterações procurando atender ao novo contingente feminino, com os jornais, revistas e almanaques se multiplicando e aumentando de tiragem com ajuda dos anúncios publicitários e das seções voltadas ao interesse das mulheres, destacando-se o mencionado folhetim de variedades, berço do pródigo desenvolvimento do gênero romance, além de canal para o exercício da novela, da carta, do conto, da crônica e da poesia. A expansão da literatura desenvolvida sobretudo a partir da segunda metade do século XIX ao mesmo tempo em que fez florescer do comércio cultural voltado ao feminino, também trouxe à tona a concepção de amor romântico que alimentou o imaginário da maioria das mulheres daquele tempo, fazendo-as estimarem a união conjugal (o que contribuía diretamente para o projeto de vida da elite) ou refletirem acerca dos próprios sentimentos.

Entretanto, segundo Lajolo e Zilberman (1996, p. 255), os autores da época, ansiando um lugar ao sol no crescente mercado nacional das letras, evitam combater a ordem social ao mesmo tempo em que tentam alimentar aos anseios das leitoras: "Em vez de denunciar as condições de existência da mulher, embelezam a situação, narrando histórias protagonizadas por moças educadas, finas e capazes de discutir em pé de igualdade com homens de mesma – ou mais alta – estatura social". Dessa maneira, o já mencionado José de Alencar, além de Machado de Assis (1839-1908) e Joaquim Manoel de Macedo (1820-1882), com obras como

A mão e a luva (1874) e *A moreninha* (1844), entre tantos outros nomes da prosa romântica brasileira e do exterior, situaram suas publicações entre o registro histórico e a fantasia utópica, como assinala Woolf (1991):

> De fato, se a mulher só existisse na ficção escrita pelos homens, poderíamos imaginá-la como uma pessoa da maior importância: muito versátil; heróica e mesquinha; admirável e sórdida; infinitamente bela e medonha ao extremo; tão grande quanto o homem e até maior, para alguns. Mas isso é a mulher na ficção. Na realidade, como assinala o professor Trevelyan, ela era trancafiada, surrada e atirada no quarto.
> Uma criatura muito estranha, complexa, emerge então. Na imaginação, ela é da mais alta importância; em termos práticos, é completamente insignificante. Atravessa a poesia de uma ponta à outra; por pouco está ausente da história. Domina a vida de reis e conquistadores na ficção; na vida real, era escrava de qualquer rapazola cujos pais lhe enfiassem uma aliança no dedo. Algumas das mais inspiradas palavras, alguns dos mais profundos pensamentos saem-lhe dos lábios na literatura; na vida real, mal sabia ler e escrever e era propriedade do marido (WOOLF, 1991, p. 55-56).

Eles idealizaram o ser feminino comum ao seu tempo por meio de protagonistas empoderadas e autossuficientes, preferindo não denunciar a opressão e a falta de instrução feminina, apagando quase sempre esses fatos de seus enredos. Por outro lado, também estimularam de certa forma o conformismo, solucionando os conflitos existenciais ou desafiadores de suas personagens de maneira convencional, atrelada aos limitados papéis sociais da mulher estabelecidos socialmente. O desvio e a rebeldia da figura feminina eram tolerados até o desenlace do enredo, já que, para atingir o final feliz, ela tinha de retomar o caminho da conduta de acordo com os desígnios do patriarcado.

> Assim, através das leitoras de papel e tinta, os romancistas legitimam formas e regras vigentes, mas, simultaneamente, arriscam-se a romper com certos padrões, ao oferecer ao destinatário [...] um horizonte mais largo de experiência cultural e ética. Mesmo com tais ressalvas, no entanto, os escritores confirmam a ideologia patriarcal que favorece a dominação do homem sobre a mulher, por intermédio do casamento e da dedicação ao lar e à família. Sob este aspecto, as obras representam a prática em vigor e, ao evitar contestá-la, acabam por reforçá-la (LAJOLO; ZILBERMAN, 1996, p. 256).

Mesmo bastante popularizadas e sendo editadas em quantidades substanciais e crescentes, as narrativas de longa ou curta extensão permaneceram interditadas ao público feminino, sendo desqualificadas em detrimento de obras de doutrinação moral e religiosa que reproduziam valores familiares, incentivando a mulher ao melhor desempenho de suas nobres atividades junto à sociedade de elite. Velada ou explícita, a fiscalização da leitura, de acordo

com Lajolo e Zilberman (1996, p. 275), é exercida com tanto rigor que, em certa medida, parece até interiorizada: "[...] a conquista da leitura, por parte da mulher, não se faz de forma linear, conquista após conquista. Dá-se, ao contrário, por um percurso sinuoso, cheio de idas e vindas, aliás, de certa maneira, mais vindas do que idas".

Tal perspectiva limitante quanto à leitura feminina já podia ser notada no discurso da já citada escritora Nísia Floresta, o que poderia ocasionar, à primeira vista, o acréscimo de um tom conservador à sua proposta de reforma no tocante à educação de mulheres:

> A vós, pais de família, a vós cumpre remediar os erros das gerações extintas! Educai vossas filhas nos sólidos princípios da moral, baseada no perfeito conhecimento de nossa santa religião, no exemplo de vossas virtudes, quer domésticas, quer cívicas. *Em vez da leitura de inflamantes e perigosos romances que imprudentemente lhes deixais livres, fornecei-lhes bons, escolhidos livros de moral e de filosofia religiosa, que formem o seu espírito, esclareçam e fortifiquem sua razão*. A história, principalmente a de nossa terra, de que bem poucas se ocupam, é um estudo útil e agradável, mais digno de ocupar as suas horas vagas que certos contos de mau gosto, inventados pela superstição ou fanatismo ignorantes para recrear a mocidade sem espírito. Fazei-lhes compreender desde a infância que a mulher não foi criada para ser a boneca dos salões, a mitológica-ridícula divindade a cujos pés queimam falso incenso os desvairados adeptos do cristianismo. Inspirai-lhes o sentimento de sua própria dignidade e a firme resolução de mantê-la intacta e vantajosamente, por ações dignas da mulher, dignas da cristã, dignas da humanidade (AUGUSTA, 1989, p. 158, *grifo nosso*).

A autora defende a instrução feminina prezando por uma melhor escolha das leituras oferecidas às mulheres: em vez dos romances de puro deleite, elas deveriam apreciar impressos que amadureceriam verdadeiramente o seu gênio. Como uma mulher de seu tempo, Nísia Floresta não poderia fugir de maneira total ao que estava instituído ao seu redor, preferindo aceitar e estimular o controle da leitura das mulheres como condição a um maior acesso destas a outros espaços que não apenas o da casa, oferecendo-as personalidade além da sombra dos homens.

Décadas depois, a escritora Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), bastante profícua e reconhecida, ficou estigmatizada por um teor moralizante e instrutivo em algumas publicações voltadas ao público feminino que respondiam aos anseios editoriais de sua época (SILVA, 2015). É o caso do manual de conduta *Livro das noivas*, lançado em 1896, o qual reuniu trabalhos publicados anteriormente na imprensa que versavam sobre diversos assuntos do universo doméstico, todos direcionados à preparação de moças que pretendiam se casar ou que já viviam os primeiros anos de casada. A linguagem seguia o tom de conversa informal semelhante ao utilizado no gênero crônica, assinalando implicitamente alguns conselhos,

sugestões, orientações ou advertências por meio do relato de experiências ou de observações cotidianas. No capítulo acerca do contato com os livros, há uma explanação inicial sobre a então ultrapassada tradição dos pais em afastar coercitivamente as filhas da leitura, indicando que a proibição na verdade as impulsionava pela curiosidade, levando-as aos vícios:

> Isso, com que eles não contam, é que é um elemento de corrupção. As filhas começam a mentir-lhes, lendo às ocultas no seu quarto, de noite. Perdem assim as horas consagradas ao repouso [...] a alma suja pelas novelas prejudiciais, insalubres, rechiadas de aventuras românticas e de heróis perigosos (ALMEIDA, 1914, p. 36)

Nessa perspectiva, a autora reforça o papel dos pais na escolha criteriosa do que as moças deveriam ler em contrapartida à visão de que todos os livros lhes seriam nocivos, influenciando o estudo analítico da produção dos que seriam considerados bons autores, isto é, aqueles que não se relacionavam a narrativas pouco morais ou mal traduzidas que estragavam o gosto. Almeida (1914) argumenta que as mulheres, para além do decodificar mecânico do código linguístico, não sabiam de fato ler, ou seja, não eram verdadeiramente letradas, não tinham a habilidade de selecionar quais seriam os melhores livros, não assimilando as obras dos grandes mestres, deixando-se levar pela perversão das leituras que não eram consideradas sadias. Ela então reproduz um discurso prescritivo, defendendo os impressos de fundo pragmático e condenando os de teor escapista.

> A estante de uma mulher de espirito e de coração, isto é, de uma mulher habilitada a apreender e conservar o que ler; que souber que isso a instrui, a torna apta para dirigir a educação dos filhos, dando-lhe superioridade e largueza de vistas; a estante de uma mulher inteligente e cuidadosa, que ama os seus livros, não como um mero adorno de gabinete, mas como a uns mestres sempre consoladores e sempre justos, essa estante é um altar onde o seu pensamento vai, cheio de fé, pedir amparo numa hora de desalento, e conselho num momento de dúvida (ALMEIDA, 1914, p. 38).

A defesa da leitura selecionada novamente aparece como indício de uma internalização da subordinação, visto que a referida escritora também assinava narrativas de entretenimento, que fugiam à função de auxiliar as mulheres na manutenção do lar e no cuidado com a família. O bom gosto das leitoras seria aquele em travo ideológico ainda sancionado pelos homens e reproduzido pelas mulheres: “Vamos! minhas amigas, comecemos a ler, mas com cuidado” (ALMEIDA, 1914, p. 39).

A literatura nacional já apontava a presença feminina em suas fileiras há certo tempo, mas com o advento do regime republicano ocorreu um verdadeiro florescimento da produção

literária de mulheres, com predominância inicial da poesia (PIZA, 2008). De acordo com Telles (2018), elas primeiro tiveram de alcançar a palavra escrita em uma época em que se valorizava a erudição, mas lhes era negada educação que fugia às prendas domésticas, lendo o que sobre elas se escreveu e revendo a própria socialização, para depois conseguirem reivindicar por seu espaço na República das Letras, organizando e fundando jornais e revistas, publicando livros.

1.3 A criação escrita como instância de poder

A palavra pública da mulher de elite passou primeiro pelo domínio da conversação, em encontros coletivos nos salões, os já mencionados saraus lítero-musicais, na qual circulavam as informações e se trocavam as embrionárias opiniões, com as figuras femininas constituindo ouvintes sempre atentas e curiosas a todos os assuntos. Entretanto, permaneciam sem efetivar a cidadania, proibidas de exercerem a expressão oratória, com sua existência ainda sendo ligada ao silêncio e ao consentimento do discurso do homem.

Já alfabetizadas e tendo acesso à leitura no ambiente doméstico, puderam começar a copiar excertos, transcrever orações ou enunciados dos parentes. Aos poucos, conseguiram registrar em materialidade manuscrita os seus próprios pensamentos, saberes, sentimentos, memórias e os primeiros passos de gênese artística sobretudo através de diários e de correspondências pessoais. Nesse sentido, para Perrot (1998), superada a falta de instrução, a escritura, suscetível de uma prática domiciliar essencialmente discreta, é uma verdadeira conquista feminina, também provocando forte resistência por caracterizar uma competência perigosa ao poder masculino.

> Escrever é também mostrar o que existe de mais íntimo no ser, as suas fantasias, os seus desejos e ideais, constituindo uma mudança na esfera particular que deve observar algumas leis, sobretudo em se tratando da mulher, cujo domínio é restrito ao espaço privado. Escrever, para a mulher, constitui um ato de rebeldia, uma transgressão à ordem pré-estabelecida (PAIXÃO, 1991, p. 23).

Considerado um suporte sem destinatário, o diário íntimo, inicialmente relacionado ao segredo, ao foro particular e à reclusão do fundo de gaveta, foi aos poucos circulando de forma tímida pelo meio familiar, como porta-voz de suas autoras em crônicas da vida privada. Segundo Muzart (2000, p. 183), eles significavam para as mulheres do período oitocentista uma "[...] maneira de ter um outro a escutar suas queixas e alegrias, de examinar o que se sucedia", de preencher o tempo longo do dia a dia, tornando-se meios de escape que, infelizmente,

perdiam sentido após o casamento, visto que a confidência não seria mais permitida na vida a dois.

Os diários, após o casamento, assumiam a forma de cadernos caseiros mais chegados a anotações avulsas do que à documentação dos acontecimentos e sentimentos cotidianos. A escritora Lygia Fagundes Telles (1923-), recordando um exemplar pertencente à sua avó e que era guardado por sua mãe, analisa essas brochuras como velhos companheiros femininos, representando um marco das primeiras incursões da mulher brasileira no ofício de letras.

> Quando mocinhas, elas podiam escrever seus pensamentos e estados d'alma (em prosa e em verso) nos diários de capa acetinada com vagas pinturas representando flores ou pombinhos brancos levando um coração no bico. Nos diários mais simples, cromos coloridos de cestinhos floridos ou crianças abraçadas a um cachorro. Depois de casadas, não tinha mais sentido pensar sequer em guardar segredos, que segredo de mulher casada só podia ser bandalheira. Restava o recurso do caderno do dia a dia, onde, de mistura com os gastos da casa cuidadosamente anotados e somados no fim do mês, elas ousam escrever alguma lembrança ou confissão que se juntava na linha adiante com o preço do pó de café e da cebola.
> Os cadernos caseiros da mulher-goiabada (TELLES, 1980, p. 16).

As tímidas e tortas linhas escritas à margem de receitas de doce, de apontamentos medicamentosos ou de lançamentos da economia doméstica refletiam a necessidade de as mulheres do lar se sentirem ouvidas ou de estabelecerem alguma conexão com quem, mais tarde, pudesse ler e assimilar aqueles excertos de desabafo, testemunho ou até mesmo de expressão literária. Esses volumes manuscritos concebiam retratos do universo de suas próprias autoras, unindo elementos de seu confinamento a balbucios de libertação, alcançada ao menos no nível grafado.

Já a correspondência alcançou considerável amplitude através do crescente desenvolvimento do correio e das estradas de ferro, tornando-se o principal meio de comunicação à distância no século XIX: "Receber, trocar notícias "frescas" torna-se uma necessidade e o papel epistolar das mulheres torna-se intenso. Mas ele é principalmente familiar" (PERROT, 1998, p. 74). Ademais, com a presença real de um interlocutor (geralmente algum parente), a prática de correspondências era mais regrada, seguindo tipologias e modelos, com sua estrutura retórica sendo orientada por manuais epistolares. Entretanto, não se excluía o seu caráter de expressão pessoal, na medida em que também transmitiam a confissão e o desabafo: "Escrevendo cartas, o indivíduo se desenvolve em sua objetividade, expondo a parte mais íntima do domínio privado, assumindo formas confessionais" (PAIXÃO, 1991, P. 27)

Com sua popularização, a correspondência também passou a ser adotada na elaboração de outros gêneros não ligados ao foro privado, como diários de viagem e ensaios filosóficos, além de assumir caráter ficcional em romances epistolares (PAIXÃO, 1991). É o caso das obras *Verdadeiro método de estudar* (1746), de Luiz Antônio Verney, *Correio da roça* (1913), de Júlia Lopes de Almeida, e de *Pamela* (1740), do escritor inglês Samuel Richardson (1689-1761). Não devemos esquecer-nos das seções de cartas publicadas em veículos impressos, possibilitando o fomentar de opinião das leitoras e seu contato com editores e autores (BARBOSA, 2007).

A produção das mulheres também assumia outras formas, como a de cópias de escritos selecionados em recortes ou oferecidos por parentes e conhecidos em coleções ou álbuns, assim como a de anotações em folhas soltas. No entanto, assim como a sua leitura permanecia cerceada, a vocação escrita era severamente reprimida para as agentes femininas, fazendo com que escritoras, como a já mencionada Júlia Lopes de Almeida, escondessem, nos anos de juventude, seus primeiros escritos:

> Pois eu moça fazia versos. Ah! não imagina com que encanto. Era como um prazer proibido! Sentia ao mesmo tempo a delícia de os compor e o medo de que acabassem por descobri-los. Fechava-me no quarto, bem fechada, abria a secretária, estendia pela alvura do papel uma porção de rimas...
> De repente, um susto! Alguém batia à porta. E eu, com a voz embargada, dando volta à chave da secretaria: já vai! já vai!
> A mim sempre me parecia que se viessem a saber desses versos em casa, viria o mundo abaixo (RIO, 1908, p. 23).

Esse depoimento oferecido pela referida autora ao jornalista João do Rio (1881-1921) endossa o sentimento de intrusão em um campo proibido para as mulheres, em que o entregar-se de uma moça à livre redação de versos poderia ser compreendido como um "grande crime", visto que seria uma ação fora da lide programada à sua figura. Aquela que editaria uma notável e reconhecida produção literária havia, tempos atrás, sentido medo da represaria de seu pai ao descobrir a atividade secreta, concomitantemente ansiando por sua aprovação e seu apoio: "Tinha uma grande vontade de chorar, de pedir perdão, de dizer que nunca mais faria essas coisas feias, e ao mesmo tempo um vago desejo que o pai sorrisse e achasse bom" (RIO, 1908, p. 24).

Para Perrot (1992, p. 182), o lugar das mulheres no século XIX era investido de grande simbologia, "quase delirante no imaginário público e privado, seja no nível político, religioso ou poético", com a figura feminina tornando-se matéria para a celebração religiosa cristã (através das imagens de santas e da Virgem Maria), assim como inspiração para a República

(encarnada como uma mulher) e para artistas da palavra e da imagem. Entretanto, à mulher são negadas a autonomia e a subjetividade necessárias à criação: “Demônio ou bruxa, anjo ou fada, ela é mediadora entre o artista e o desconhecido, instruindo-o em degradação ou exalando pureza. É musa ou criatura, nunca criadora” (TELLES, 2018, p. 403).

A influência da imagem da mulher na produção intelectual e artística é manifestada em crônica de Lima Barreto (1881-1922) publicada no jornal *Gazeta da Tarde*, em 27 de abril de 1911. O referido escritor afirma que, diferente das mães, esposas e irmãs europeias, mulheres “superiores” que “influem, animam, encaminham homens superiores do seu tempo”, estando mais presentes nos debates literários e filosóficos, as brasileiras, apesar de sempre elogiadas nos festins familiares, pareciam nunca apoiar ou animar o trabalho dos nossos letrados, sem qualquer comunhão de ideias e anseios.

> Como que adoça, como que tira as asperezas e as brutalidades, próprias ao nosso sexo, essa influência feminina nas letras e nas artes.
> Entre nós, ela não se verifica e parece que aquilo que os nossos trabalhos intelectuais têm de descompassado, de falta de progressão e harmonia, de pobreza de uma alta compreensão da vida, de revolta clara e latente, de falta de serenidade vem daí (BARRETO, 1911, p.1).

Para reforçar o seu raciocínio, ele destaca os benefícios que diversas mulheres ilustradas trouxeram ao desempenho de grandes autores e pensadores, destacando Louise d'Épinay (1726-1783), cujas ligações afetivas influenciaram Jean-Jacques Rousseau e Denis Diderot (1713-1784). Nessa perspectiva, Barreto demonstra uma visão limitada condizendo com o seu lugar social, não enxergando ou excluindo a relevância das autoras brasileiras que muito já produziam naquele tempo. Tal discurso assinalava que a mulher da virada dos séculos XIX e XX, mesmo instruída e participante de círculos de difusão do saber, permanecia para muitos em posição inferior, ainda devendo ser vista apenas como mera auxiliar de aprimoramento ao trabalho masculino com a pena, nunca como sujeito legítimo do fazer letrado, mente, de fato, atuante e criadora.

Antes de ascender abertamente à criação literária, as escritoras tinham de primeiro vencer as injunções que das mulheres tinham sido feitas até então e que as atrapalhavam ou confundiam. Para Telles (2018, p. 408), tanto na vida como na arte, a mulher nos anos oitocentistas “[...] aprendia a ser tola, a se adequar a um retrato do qual não era a autora”. A cultura escrita, elaborada até então por homens, dessa maneira, trazia conflitos de ordem literária, filosófica, metafísica e psicológica para as mulheres que ousavam ser mais do que bonecas aprisionadas em nulidade, circunstância que se relacionaria a um ideal, descrito pela

crítica e escritora Virgínia Woolf (1882-1941) como uma imagem funesta imposta ao feminino, algo a ser combatido principalmente pelas iniciantes nas letras:

> Ela era extremamente simpática. Imensamente encantadora. Totalmente altruísta. Excelente nas difíceis artes do convívio familiar. Sacrificava-se todos os dias. Se o almoço era frango, ela ficava com o pé; se havia ar encanado, era ali que ia se sentar – em suma, seu feitio era nunca ter opinião ou vontade própria, e preferia sempre concordar com as opiniões e vontades dos outros. E acima de tudo – nem preciso dizer – ela era pura. Sua pureza era tida como sua maior beleza – enrubescer era seu grande encanto. [...] E, quando fui escrever, topei com ela já nas primeiras palavras. Suas asas fizeram sombra na página; ouvi o farfalhar de suas saias no quarto. Quer dizer, na hora em que peguei a caneta [...] ela logo apareceu atrás de mim e sussurrou: "Querida, você é uma moça. [...] Seja afável; seja meiga; lisonjeie; engane; use todas as artes e manhas de nosso sexo. Nunca deixe ninguém perceber que você tem opinião própria. E principalmente seja pura!" (WOOLF, 2012, p. 11-12)

O fantasma que assombrava o trabalho com a pena das futuras autoras era o "anjo do lar", alegoria da mulher perfeita esperada pela sociedade patriarcal. Woolf (2012) retirou o termo de um poema narrativo homônimo do escritor inglês Coventry Patmore (1823-1896), que versava sobre o amor conjugal e elogiava o papel doméstico das mulheres, traçando um ideal feminino ligado ao sacrifício e à servidão. Essa perspectiva concorda com a noção de "sinal-a-menos" presente na literatura feita por mulheres, indicando, segundo Paixão (1991, p. 23), "[...] a ausência de uma fala que, no entanto, existe enquanto potência, mas se intimida na procura de brechas por onde possa transpor os limites a ela designados". Educadas para a submissão masculina, parte das mulheres que escreviam aprenderam a se reprimir e não ter vontade própria, não expondo e censurando a própria arte em nome dos papéis sociais que deveriam desempenhar, de imagens que deviam seguir.

Na apreensão da história cultural dos fenômenos sociais, Chartier (1991) define a representação como o modo pelo qual um indivíduo ou grupos de indivíduos constroem um sentido para o mundo que é deles em diferentes lugares e épocas. Para compreendê-la, o historiador visitou as acepções correspondentes ao termo, dando ênfase à que faz ver uma ausência, o que suporia uma distinção entre o que representa e o que é representado:

> [...] a representação é o instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente substituindo-lhe uma imagem capaz de repô-lo em memória e de pintá-lo tal como é. Dessas imagens, algumas são totalmente materiais, substituindo o corpo ausente um objeto que lhe seja semelhante ou não [...] Outras imagens funcionam num registro diferente: o da relação simbólica [...] Uma relação decifrável é portanto postulada entre o signo visível e o referente

> significado – o que não quer dizer, é claro, que é necessariamente decifrado tal qual deveria ser (CHARTIER, 1991, p. 184)

Não haveria prática ou estrutura discursiva que não fosse produzida por esse processo de significação, que nunca poderia ser caracterizado como neutro, mas permeado de interesses específicos que corresponderiam a estratégias de poder de um agente ou de uma comunidade social, adquirindo, assim, uma feição tanto cultural como política. Desviada, a representação "[...] transforma-se em máquina de fabricar respeito e submissão, num instrumento que produz uma exigência interiorizada, necessária exatamente onde faltar o possível recurso da força bruta [...]" (CHARTIER, 1991, p. 185-186).

As representações seriam adquiridas por meio de esquemas intelectuais de classificação, divisão e delimitação, criando imagens que dotam o presente de sentido, tornando-se padrões compartilhados e naturalizados. Todavia, elas não desenhariam retratos fieis do referente e poderiam ser modificadas na medida em que eram determinadas pelas relações de poder, acarretando tensões, contradições e confrontos no meio social justamente por serem frutos de conflitos de interesse e, por consequência, de disputas pela legitimação de significados a elementos no trato da realidade sócio-histórica.

Entendendo que as representações literárias constituem "encarnações textuais" da cultura que as gera (TELLES, 2018, p. 408), podemos retomar as palavras de Woolf (1991) e inferir que as autoras tinham de matar as imagens prescritivas atreladas a uma condição de opressão social e cultural antes que estas arrancassem o coração de sua escrita. A corajosa ação de escrever, assim, também correspondia à necessidade de se descobrir ou se reconhecer em outra identidade que não aquela projetada pelos homens, com as mulheres não servindo mais como "espelhos" que apenas refletiam o poder masculino (WOOLF, 1991, p. 46).

Outro desafio enfrentado pelas escritoras em relação à consolidação e à evolução de suas práticas artísticas, ainda de acordo com Woolf (1991), seria a ausência de um teto para chamar de seu, tanto física como metaforicamente. O teto que elas têm sobre suas cabeças continua sendo propriedade de seus pais ou maridos, de quem ainda dependem material e moralmente. Isso diz respeito à condição da mulher na sociedade de elite, que ainda vive sem condições materiais e intelectuais, subjugada a tarefas domésticas, com todos os seus esforços de sucesso sendo esmagados pelo aprisionamento familiar e pela estrutura patriarcal. Dessa maneira, a não afirmação social da mulher era reproduzida na sua não afirmação pela palavra (TELLES, 2012). O autor homem, pelo contrário, usufruía de oportunidades atribuídas à sua

liberdade física e de expressão, algo que seria perceptível em comparação aos escritos femininos:

> De fato, era delicioso reler um texto de homem. Era tão direto, tão fácil de compreender depois dos escritos das mulheres! Indicava tanta liberdade mental, tanta liberdade pessoal, tanta confiança em si mesmo! Tinha-se uma sensação de bem-estar físico na presença dessa mente bem nutrida, bem-educada e livre, que nunca fora impedida ou contrariada, mas tivera ampla liberdade, desde o nascimento, para estender-se da maneira que bem lhe aprouvesse (WOOLF, 1991, p. 121-122).

Em consonância com a citada ensaísta britânica, com independência financeira e um espaço sossegado, ou seja, aquele que não receberia interferência de qualquer espécie, muito menos de obrigações caseiras, as mulheres conseguiriam um tempo suficiente para concentrarem-se em fluir adequadamente as suas ideias e aflorar o seu talento para seguir o ofício da escrita. Nesse sentido, escrever implicaria uma disciplina de interiorização, "de estar centrado em si, de isolamento e sossego que tornavam essa carreira, para as mulheres, realmente ameaçadora. Requeria também a afirmação de um Eu e não sua negação" (TELLES, 2012, p. 271). Por outro lado, a oportunidade de ter um lugar próprio e favorável à produção não bastaria, visto que as dificuldades de publicação e circulação permaneciam como grandes entraves para as autoras.

A mulher escritora oitocentista, assim, envolve-se em um processo profundo de autodefinição ante a revisão de valores para conseguir criar e encontrar seu caminho na linguagem. Ela projeta-se em um processo de aceitação de suas aspirações intelectuais e de motivação das próprias vontades de trabalho, o que caracterizava uma verdadeira transcendência, visto que, naquela época, não havia muito estímulo ao seu gênio e a escolha de ocupação empregatícia ainda lhe era algo inimaginável, levando-se em consideração o que seria esperado ao feminino.

A conquista da publicação e da carreira nas letras foi árdua e demorada para as mulheres brasileiras, pois tiveram de superar primeiro a interdição à fala e à leitura, para depois enfrentar a referente à escrita. Como vimos anteriormente, excluídas por muito tempo de uma efetiva participação na sociedade, da possibilidade de emprego ou de ocuparem cargos de maior prestígio, muitas delas aproveitaram o papel na formação dos futuros cidadãos para adentrar e firmar-se na esfera pública. O fortalecimento como sujeitos legítimos do fazer literário chegou, entretanto, a duras penas, persistindo o preconceito e a privação de poderem editar ou produzir mais e melhor a sua produção.

A imprensa periódica do século XIX foi por excelência um lugar de multiplicidade discursiva, revelando, ainda que, de forma insipiente, as vozes dos mais variados segmentos da sociedade (BARBOSA, 2007). Seguindo essa perspectiva, as redações e grupos de leitores passaram aos poucos a congregar, além da elite masculina dos políticos-doutores-literatos, outros grupos, "como imigrantes, mulheres cultas da elite, camadas intermediárias letradas, professores, escrivães, caixeiros, funcionários burocráticos, tipógrafos e linotipistas – e também outros trabalhadores urbanos" (CRUZ, 2000, p. 80-81).

A intromissão no periodismo desses setores sociais anteriormente alheios a seus códigos gerou diversas mudanças na cultura letrada tradicional. Florescido ao gosto das leitoras, o suporte periódico, outro meio de publicação de escritos além do livro, acabou abrindo espaço para a atuação das escritoras, fossem na função de colaboradoras esporádicas, redatoras regulares, repórteres, diretoras e/ou fundadoras de veículos impressos. O percurso de publicação das mulheres nasce, dessa forma, com a emergência da imprensa destinada exclusivamente a este público, através do lançamento de jornais e revistas que debatiam questões relevantes à esfera familiar, às mudanças de costumes e à atuação feminina na sociedade.

Segundo Martins (2008, p. 262), a produção impressa das mulheres foi marcada por uma coragem incomum para a época, ainda que veiculada por órgãos à primeira vista "inofensivos à ordem vigente e em princípio reforçando valores femininos secularmente predeterminados pelo viés masculino". Os periódicos assinados por autoras surgiram em paralelo à significativa projeção de folhas escritas por homens que tratavam de assuntos voltados ao seu próprio modelo do que seria o feminino, com títulos que revelavam a ideologia patriarcal que as dominava: *O Mentor das Brasileiras* (1829-1832), *Manual das Brasileiras* (1830), *O Despertador das Brasileiras* (1830-1831), *O Espelho das Brasileiras* (1831). Esse movimento de inserção das escritoras na imprensa indicaria a "existência de um incipiente movimento de construção de espaços públicos na sociedade brasileira e, no caso, por parte de pessoas que estavam completamente excluídas do campo da política e das atividades públicas" (PINTO, 2003, p. 33).

De acordo com Duarte (2016, p. 14), mais do que os livros, "[...] foram os jornais e as revistas os primeiros e principais veículos da produção letrada feminina [...]", configurando espaços de aglutinação, divulgação e resistência. Naquele tempo, contribuir com os periódicos tornou-se algo imprescindível para qualquer escritor, homem ou mulher, por proporcionar, além de um considerável abono financeiro, um elo direto com os leitores e maior notoriedade crítica. Se escrever para as grandes folhas significava a chance de o iniciante das letras se tornar

conhecido e ter sua produção lida, por outro lado, “provocava tensões”, já que haveria, além do autêntico desejo de fazer arte, “[...] a necessidade de escrever para o grande público que assinava e pagava, com sua assinatura, a todos envolvidos no processo” (FARIAS, 2016, p. 293).

Segundo Barbosa (2007), diversos autores, anônimos ou consagrados, usaram e abusaram do jornal para fazer circular seus escritos literários ou desenvolvidos em forma de literatura. Mesmo que questionemos a qualidade dessa produção, “[...] não podemos perder de vista esse uso prático dos gêneros literários [...]”, da mesma maneira que não podemos deixar de reconhecer o suporte periódico como um “[...] espaço plural, heterogêneo e fundamental na constituição de uma cultura letrada brasileira” (BARBOSA, 2007, p. 97).

Embora, de acordo com Muzart (2003) e Duarte (2016), o registro daquele que ficaria conhecido como o fundador do periodismo de mulheres no país, *O Jornal das Senhoras*, date de 1852, sendo editado pela argentina Joana Paula Manso de Noronha (1819-1875) e logo transferido para Violante Atabalipa Bivar e Velasco (1816-1874), é importante ressaltar que, antes disso, já havia escritoras que contribuíam e continuaram contribuindo, com traduções ou produção exclusiva, sob o disfarce de pseudônimos, para a imprensa de interesse geral até então dominada pela hegemonia masculina, assim como já se notava uma ativa participação feminina nas seções de cartas dos leitores. Todavia, é importante ressaltar que também há registro de publicações de mulheres brasileiras não identificadas com pseudônimo desde o início do século XIX, com muitas mulheres não escondendo sua autoria tanto em periódicos quanto em livros, como a catarinense Ana Luísa de Azevedo Castro (1823-1869), que assinou com seu próprio nome o romance *D. Narcisa de Villar* (1859).

Barbosa (2007) aponta o uso de pseudônimo como uma grande tendência nos jornais do Oitocentos, tanto para escritores como para escritoras. No suporte periódico, tal artifício teria relação estreita com as noções de autoria e originalidade, instituindo-se como forma dissimulada de escrever, garantindo que a palavra escrita fosse mais importante que a identificação de quem a produziu (CHARTIER, 1999). O recurso era utilizado como forma de maior aceitação pelo público leitor, possibilitando com que autores e autoras pudessem escrever determinados gêneros e sobre determinados assuntos sem necessariamente serem associados a tal produção. Nesse sentido, os criptônimos poderiam assumir tanto a identidade masculina como a feminina, adaptando-se à utilidade de quem os manipulassem.

Nos periódicos, o disfarce também servia para transformar um escrito individual em um discurso atribuído ao próprio veículo impresso, transferindo a reponsabilidade de seu conteúdo para o suporte. É o caso da mineira Presciliana Duarte de Almeida (1867-1944) que, além de

assinar com o próprio nome artigos opinativos e escritos literários na revista *A Mensageira*, da qual era redatora-chefe, também utilizava, no mesmo periódico, o pseudônimo Perpétua do Valle. Assim ainda o fez a pernambucana Josephina Álvares de Azevedo[4], dirigente do jornal *A Família*, em que assumia, além da própria identidade, o pseudônimo Zefa.

Segundo Silva (2015), a já citada Júlia Lopes de Almeida, em 1886, usou o pseudônimo W. para participar de um concurso literário promovido pela revista *A Semana* (1885-1895) e, entre 1892 e 1901, a fim de distanciar-se do estigma sociocultural de que a mulher se ocuparia com assuntos menores, recorreu ao pseudônimo Ecila Worms para escrever sobre moda no jornal *O País* (1884-1834). Além disso, ela assumiu o nome A. Filinto na coautoria do livro *A casa verde* (1932), junto ao marido Francisco Filinto de Almeida (1857-1945). Da mesma forma, Maria Firmina dos Reis (1825-1917) publicou o romance *Úrsula* (1859) com o pseudônimo Uma Maranhense, assim como a gaúcha Maria Benedita Bormann (1853-1895) adotou o nome Délia em toda a sua carreira literária.

De acordo com Telles (2012), as escritoras, ao mesmo tempo em que estavam muito ansiosas para confrontar os valores da sociedade e exercer livremente a sua aptidão para a escrita, também queriam obter o reconhecimento público dessa mesma sociedade. Na batalha por espaço, não tomavam os cavalheiros como inimigos, não lutando contra eles, mas sim "[...] contra a leitura que fizeram da mulher, contra as *personae* que construíram, contra as palavras que disseram como ela era", procurando acima de tudo igualar-se a eles em direitos, como o de praticar e expor sua arte de maneira descomedida (TELLES, 2012 p. 258).

O periodismo brasileiro feito por mulheres refletia a conjuntura social e cultural de seu tempo, com alguns veículos acompanhando as transformações no tocante à condição feminina e às conquistas de direitos, enquanto outros reiteravam suas fragilidades e delicadezas, além de seu papel social, limitando-se ao tratar de elementos ligados principalmente à família, ao lar e à beleza estética (BUITONI, 2009). Muitas vezes, acontecia a integração das diferentes inclinações no interior dos órgãos impressos, não sendo difícil, na mesma página, "[...] artigos investidos de tom progressista ficarem próximos de outros com ideias contrárias" (DUARTE, 2016, p. 25).

[4] Josephina Álvares de Azevedo (1851-?), foi uma importante jornalista, escritora e dramaturga do século XIX. Ela indicava que era natural de Recife, em Pernambuco, onde teria vivido até os vinte e seis anos de idade. Em 1877, mudou-se para São Paulo, fundando ali o jornal feminino *A Família* (1888-1900), cuja redação foi transferida para o Rio de Janeiro em 1889. Procurou estender a circulação de tal periódico em todo o país, chegando a viajar para as regiões Norte e Nordeste a fim de recrutar novas colaboradoras. A autora defendia a educação da mulher como ferramenta essencial para a sua emancipação, opinião reproduzida em diversos artigos. Em 1890, promoveu o sufrágio feminino na comédia *O voto feminino*, encenada no Teatro Recreio Dramático, na capital fluminense. Nesse mesmo ano, reuniu uma seleção de escritos literários e ensaísticos, publicados anteriormente na imprensa, na coletânea em livro *Retalhos*. Cf. Eleutério (2005) e Coelho (2002).

Por vezes, tal situação acontecia no interior de um mesmo escrito, em que alguma autora reforçava alguma instância de liberdade para, em seguida, negá-la. O mérito dessas publicações estaria justamente na compreensão das representações de uma época, ressaltando a importância da cultura escrita (CHARTIER, 1991). Segundo Paixão (1991, p. 43), tal circunstância possibilitava ainda o detectar do "[...] discurso masculino que se infiltra no inconsciente feminino, de forma subliminar, tornando a fala do outro a fala do mesmo". Também eram comuns o apoio e o intercâmbio intelectual entre esses jornais e revistas, que compartilhavam colaboradoras ou reproduziam os mesmos escritos, além de noticiarem ou comentarem entre si os novos números publicados.

Os veículos de escrita caracterizavam instâncias de legitimação, com a figura do crítico ganhando importância, "instituída do poder de definir o sentido correto (não vulgar) dos escritos e da capacidade de julgar a qualidade das obras" (ABREU, 2006, p. 28). Para Muzart (1999) a literatura feita por mulheres e publicada nos periódicos ficou, por muito tempo, temerosa da opinião dos precursores masculinos, que ainda representavam autoridades cujo juízo de valor influenciava os rumos que sua produção poderia alcançar.

Nesse sentido, elas se empenhavam em mostrar em sua produção que conheciam outros escritos, línguas e autores, "[...] como forma de afirmar seu pertencimento a um mundo até então inacessível" (ELEUTÉRIO, 2005, p. 21). Entretanto, o próprio discurso dos arguidores em relação às autoras (quando estas não eram ignoradas de maneira proposital) seria permeado do que Paixão (1991) denomina "olhar condescendente", que seria uma consideração envolvida em falsa benevolência exercida ironicamente a respeito do feminino toda vez que analisavam o trabalho de escritoras.

> No sistema cultural em formação, o trabalho intelectual da mulher soa estranho ao mundo masculino das letras, podendo ser admirada apenas excepcionalmente. Há formas veladas de deslegitimação e mesmo dúvidas recorrentes sobre se elas eram as verdadeiras autoras do que produziam (ELEUTÉRIO, 2005, p. 71).

Assim, em meio a elogios amenos, os críticos homens embutiam em suas apreciações uma censura à mulher que ousava escrever e se meter no meio público. Na dinâmica de desqualificação, algumas palavras de estímulo eram empregadas, mas preferia-se ressaltar os defeitos no engenho textual e o amadorismo. Alguns pareceres chegavam a demonstrar atenção mais à aparência física das autoras do que a seu trabalho com a escrita. Os elogios, quando apareciam, destacavam a beleza ou a delicadeza de composição, quase nunca a sua força (PAIXÃO, 1991).

As escritoras eram encaradas como espécimes diferentes, recolhidas em uma posição secundária e menor no panteão intelectual que se estabelecia no século XIX. Geralmente, quando avaliadas e comentadas pelos críticos homens, eram consideradas sob critérios diferenciados dos aplicados aos autores, devendo permanecer atreladas à esfera "perfumada de sentimento e gentileza" (TELLES, 2012, p. 422). Entonações femininas deviam expressar modéstia, pudor e propósito tão somente ligado ao passatempo, nunca tocando em assuntos que fugiam ao seu universo privado. Nesse sentido, se as autoras se rebelassem e tentassem penetrar esferas proibidas para a sua escrita, como as lutas políticas, poderiam ser severamente estigmatizadas ou depreciadas, o que para muitas já significava o fim de suas ambições com a palavra.

Como exemplo dessa circunstância, podemos mencionar uma apreciação feita ao livro de estreia da fluminense Narcisa Amália de Campos (1852-1924). *Nebulosas* (1872) é comumente colocado pelas pesquisas sobre a vida e a obra da referida autora como bem recebido no momento de sua publicação, assegurando o reconhecimento de tal escritora nos círculos intelectuais do Rio de Janeiro. Entretanto, é de se notar em alguns registros o tom diferenciado destinado a essa escritora, como no caso de um artigo assinado apenas com o pseudônimo Sylvio no jornal *A Vida Fluminense*, em 4 de janeiro de 1873.

Na publicação, o articulista elogiava a construção de vários poemas da coletânea, demonstrando empenhar-se na escolha de palavras que expressassem as qualidades femininas que admirava na jovem escritora, como no caso do comentário ao poema "Julia e Augusta" que, a seu ver, era uma "deliciosa pintura de duas rosas em botão". Em um momento pontual, na avaliação do poema "O Itatiaia", ele afirmava que a poeta assumia "[...] uma virilidade de expressão, e uma pompa de estilo verdadeiramente pasmosas em uma senhora" (*A Vida Fluminense*, 4 jan. 1873, p. 1253), assinalando sua surpresa com a capacidade de Campos em assemelhar-se à excelência formal de escritores homens. Todavia, o crítico logo demarcava o lugar social em que a poeta deveria permanecer, repreendendo-lhe no tratamento de temas que fugiam à alçada feminina na época:

> [...] candidamente desejamos que a sua musa se não transvie nos andurriais da política, para o que outros versos seus estão indicando certa deplorável tendência. Em nome da arte lhe observamos que suspenda os seus passos nesta direção enquanto é tempo. [...] Possa a jovem poetisa concentrar-se na arte, no amor do belo os seus mais ardentes afetos, e reservará para a pátria dias esplêndidos (*A Vida Fluminense*, 4 jan. 1873, p. 1253-1256).

O referido artigo, intitulado “A nova poetisa”, deixava claro que Narcisa Amália poderia ser sim estimada, mas apenas entre as suas companheiras de atividade literária (muitas delas mencionadas no início do escrito), ficando abaixo dos homens das letras, a quem deveria considerar como verdadeiros mestres, produtores de modelos a serem seguidos na correção de seus versos tão cultuados, porém também apontados como imperfeitos.

> [...] a estimável poetisa ainda não acertou com o mecanismo do verso alexandrino, pois que grande parte dos publicados falham à regra essencial nesta sorte de metro. Se o não quiser estudar no *Tratado de Metrificação Portuguesa*, bastará atender para o modo porque urdem os seus majestosos alexandrinos o Sr. visconde [sic] de Castilho, o primeiro que esmeradamente os nacionalizou, e o Sr. Machado de Assis que tão facilmente e elegantemente versifica nesta medida (*A Vida Fluminense*, 4 jan. 1873, p. 1253-1256).

Por fim, observa-se certa atenção que o articulista ofereceu a atributos não relacionados à atividade literária da autora. Visto que a edição do jornal em que fora lançada a crítica trazia o retrato da escritora na capa, ele comentou que ela era uma “graciosa dama de expressivas feições” que estava “na idade brilhante das alegrias, das crenças, dos entusiasmos”, contando vinte e dois anos. O destaque à idade e aos traços físicos, para além do talento, ressaltava o tratamento diferenciado oferecido ao trabalho das autoras naquele tempo.

Anos mais tarde, Narcisa Amália foi convidada a prefaciar o livro *Flores do campo* (1874), do amigo Ezequiel Freire (1850-1891), fato que recebeu nota na apreciação de Machado de Assis ao volume, no ensaio intitulado “A nova geração”, publicado na *Revista Brasileira*, em dezembro de 1879. Tal registro se mostra outro exemplo da conjuntura de condescendência em que as escritoras estavam inseridas:

> As *Flores do Campo*, volume de versos dado em 1874, tiveram a boa fortuna de trazer um prefácio devido à pena delicada e fina de D. Narcisa Amália, essa jovem e bela poetisa, que há anos aguçou a nossa curiosidade com um livro de versos, e *recolheu-se depois à* turris eburnea *da vida doméstica*. Resende é a pátria de ambos; além dessa afinidade, temos a da poesia, que em suas partes mais íntimas e do coração, é a mesma. Naturalmente, *a simpatia da escritora vai de preferência às composições que mais lhe quadram à própria índole, e, no nosso caso, basta conhecer a que lhe arranca maior aplauso, para adivinhar todas as delicadezas da mulher* (ASSIS, 1879, p. 406, *grifo nosso*).

Em seu discurso, mesmo elogiando a escolha de Campos para introduzir o impresso de Freire, o autor denunciava a visão reducionista que tinha acerca das escritoras, considerando que a prefaciadora teria, em sua apreciação do conjunto poético, a preferência por composições focadas em temas amenos relacionados ao universo feminino. Antes disso, Machado deixava

entrever que a mencionada autora havia se dedicado de maneira total ao ambiente doméstico após o lançamento de seu *Nebulosas* (1872), aparentemente desdenhando da produção que ela continuou a publicar na imprensa até aquele momento.

Muzart (1999, p. 26), em sua pesquisa sobre as escritoras do século XIX, evidencia que a escolha do gênero literário também influenciava no percurso de acolhimento, com as poetas sendo no início mais aceitas e até mais respeitadas, recebendo expressivo apoio e espaço para sua produção nos periódicos, muito provavelmente pela aproximação da lírica à sensibilidade, uma das características ligadas ao feminino, além da temática nobre em geral utilizada, "[...] sempre dentro do âmbito dos sentimentos familiares".

Pode-se dizer também que a poesia, além de seguir o cânone da época, ainda de acordo a autora, possibilitava uma maneira de expressão artística menos exigente, sendo mais facilmente escrita entre os afazeres domésticos e os cuidados com os filhos do que a narrativa, que exigiria mais tempo de trabalho (devido à necessidade de reflexão acerca da construção de seu enredo, do desenvolvimento de seus personagens etc.) e um domínio maior da linguagem (MUZART, 2011). Todavia, é interessante destacar que tal conjuntura não era regra, visto que, por exemplo, a já citada escritora Júlia Lopes de Almeida conseguiu produzir uma grande quantidade de trabalhos em prosa enquanto também se dedicava ao casamento e à maternidade.

Para além da crítica realizada por homens, as mulheres também faziam apreciação do que as companheiras produziam. Tal avaliação parecia demonstrar maior apoio às escritoras, com a solidariedade feminina servindo como estratégia de legitimação. Segundo Telles (2012, p. 286), isso marcava a distinção de uma cultura que, ao contrário da dominante, não lutava para vencer o predecessor poético, mas buscava alianças norteadoras. Em nosso próximo capítulo, tal perspectiva será ilustrada na comparação entre os discursos de críticos e críticas que escreveram sobre Zalina Rolim.

A boa recepção crítica e/ou dos leitores ocasionou a uma considerável parcela de autoras, mais do que a anuência para continuarem redigindo, efetivo prestígio no meio literário, gerando convites a colaborar com os veículos de maior circulação naquele tempo e não destinados exclusivamente ao público feminino, possibilitando-lhes ainda a publicação em livro. No mencionado esforço contra o analfabetismo da Primeira República, várias delas destacaram-se na produção de escritos pedagógicos e de livros de leitura escolar (OLIVEIRA, 2017).

Já na extensão das atividades domésticas, outras editaram manuais de comportamento feminino e catecismos, além de compilarem em caprichados volumes seus versos, narrativas, artigos, argumentos teatrais, crônicas, conferências e traduções que obtiveram maior prestígio

no suporte periódico. Eleutério (2005) aponta que estes escritos iam além de preocupações em relação à família e à pátria, ampliando-se na discussão de temas controversos e de inspiração muitas vezes subjetiva ou autobiográfica, como o amor, a perda, o isolamento, o adultério, o divórcio, o erotismo, o voto político, o trabalho e o próprio ser feminino, deixando transparecer contornos comuns às suas leitoras.

> À medida que algumas mulheres tornaram públicas as experiências vividas, uma a uma, por tantas outras, produziu-se um campo de identificações em que as mulheres puderam *se reconhecer, assim como reconhecer suas diferenças em relação aos ideais de feminilidade produzidos a partir do suposto saber masculino* (KEHL, 2016, p. 81, grifos da autora).

Para Louro (2018, p. 478-479), seria ingênuo pensar no espólio das autoras oitocentistas apenas como subjugado ante o período da história em que fora produzido, pois "[...] mesmo nos momentos e nas situações em que mais se pretendeu silenciá-las e submetê-las, elas também foram capazes de engendrar discursos discordantes, construir resistências, subverter comportamentos". Todavia, fica claro que, mesmo escrevendo e publicando muito, tendo seu talento reconhecido, poucas ou quase nenhuma foram registradas na nossa historiografia literária oficial, com seus nomes e sua produção ficando invisíveis. Muzart (1999), ao avaliar o cânone literário nacional, predominantemente masculino, contesta tal descaso e tal segregação com que a produção das escritoras oitocentistas sempre foi tratada, evidenciando que teve considerável quantidade e eminente qualidade, ainda que permanecesse pouco publicada e reeditada em comparação ao material dos escritores.

Nessa conjuntura, as redes de sociabilidade formadas e mantidas pelas autoras tomam importância como chave de interpretação, visto que garantiam condições socioculturais para elas vencerem tanto a prisão imposta pela casa como a prisão muitas vezes imposta à sua escrita. No próximo capítulo, tentaremos avaliar as relações intelectuais que envolveram a carreira literária da escritora foco desta tese, Zalina Rolim, por meio de vozes que encorajaram, influenciaram e repercutiram a sua produção, sobretudo nos periódicos que lhe foram contemporâneos. Tais associações de amizade e de conhecimento, além de terem alimentado a sua vontade de criação, podem ter colaborado consideravelmente para o seu gradual afastamento do mundo das letras, resultando no obscurecimento de sua contribuição à literatura brasileira.

2 UMA ESCRITORA ENTRE NINHOS DE SABER: AS REDES DE SOCIABILIDADE INTELECTUAL DE ZALINA ROLIM

Dos meus gorjeios o segredo mágico
Sei-o, sabe-o Deus;
Não é consolo que me inspira os cânticos
– É a saudade dos meus...

Zalina Rolim – "O ninho"
(*O coração*, 1893)

Em grande parte de sua produção, Zalina Rolim trouxe a imagem do ninho como metáfora de espaços de acolhimento que oportunizavam o crescimento e a apuração. Em sua trajetória de vida e, consequentemente, em sua carreira de letras, a referida autora desenvolveu alguns conjuntos de relações de saber que, como verdadeiros ninhos, tiveram considerável importância para a sua formação literária e a sua consolidação escrita. É dessas relações sociais de conhecimento que trata a segunda parte de nosso percurso, explorando o conceito de redes de sociabilidade intelectual (SIRINELLI, 2003), a sua dimensão e a sua relevância no tocante às mulheres de elite que tentavam a profissão da palavra no final do século XIX e início do século XX.

Em um momento inicial, avaliamos as primeiras relações intelectuais de Rolim ainda no seio familiar e a sua influência tanto no letramento como nos primeiros passos de escrita da autora, incentivando-a a persistir com a pena. Em um segundo momento, destacamos a atenção que outros escritores e escritoras ofereceram à sua contemporânea, propiciando a notoriedade e a publicação de seus escritos, além da elaboração de um olhar crítico acerca de sua obra. Nesse interim, a imprensa do mencionado período entre os séculos se caracterizou como principal fonte dos discursos da e sobre a mencionada escritora, principalmente a partir de vozes que repercutiram e opinaram a respeito da sua produção. Por fim, em um terceiro momento, tratamos da inclusão de Zalina Rolim no âmbito pedagógico relacionado à educação pública brasileira, que lhe trouxe novas oportunidades de criação e prestígio.

2.1 Família e surgimento da mulher letrada

Na trilha histórica da formação das escritoras no século XIX, a vontade de produzir a arte e o saber nasce através do contato ainda que esporádico com outras pessoas que consumiam cultura ou se interessavam pelo fomento do intelecto. Nesse interim, a mentalidade dessas

mulheres de elite se construía em ligação direta com a presença, no ninho familiar, de materiais de letrados mais próximos: o jornal do pai, os cadernos dos irmãos, as anotações do marido, sem esquecer-se da influência das leituras maternas. Tais entes eram os primeiros a apresentarem o mundo das letras, até então inacessível (por ser exterior ao ambiente restrito do lar), às meninas e moças, oferecendo-lhes ora o entendimento de suas limitações ora a própria oportunidade de se imaginarem em outros destinos além do que lhes era definido (ELEUTÉRIO, 2005).

Devemos ressaltar que a conjuntura da elite oitocentista era propícia, visto que as famílias abastadas detinham meios de manter verdadeiras bibliotecas em casa, dispondo de salões em que se lia e se discutia o que era lido, levando ao gosto pelo registro escrito. As filhas da classe privilegiada também podiam mais facilmente ter acesso à leitura e à escrita, cultivando a erudição por meio de preceptores contratados ou em estabelecimentos de instrução feminina (LOURO, 2018). Antes escondidos, os primeiros exercícios literários por vezes eram partilhados e encarados com bons olhos, afinal, denunciavam que as moças cresciam bem ilustradas, podendo entreter convidados em alguma reunião social e atraírem um bom casamento (ELEUTÉRIO, 2005).

Uma vez aprovada pela família, a produção das iniciantes escritoras também ocasionalmente alcançava a publicação em impresso, muitas vezes por via da insistência dos parentes ou conhecidos que reconheciam e estimulavam os jovens talentos das letras. Na trajetória das autoras, a gratidão aos familiares que as inseriram na lide com a pena poderia ser percebida na grande quantidade de dedicatórias e oferecimentos a estes em seus escritos, também denunciando certa necessidade de aprovação pelos mesmos que um dia julgaram superiores e que depois consideraram como pares (ELEUTÉRIO, 2005).

Oriunda de uma linhagem privilegiada, Maria Zalina Rolim[5] (1867-1961), nascida em 20 de julho de 1867, em Botucatu, no interior de São Paulo, teve sua infância e sua mocidade ligadas ao ambiente rural, sendo educada em casa por incumbência do pai, José Rolim de Oliveira Ayres. O magistrado, homem instruído e maçom, além de republicano e entusiasta da imprensa[6], ofereceu à menina um suporte intelectual e cultural elementar para o seu pleno desenvolvimento, como ressalta Leite (1963):

[5] De acordo com Leite (1954, p. 127), "No batizado tomou apenas o nome de Maria. Deveria, porém, chamar-se Maria do Rosário. De Rosário, passou-se a Rosalina e Zalina".
[6] Segundo Eleutério (2005), a família Oliveira Ayres participou da fundação do primeiro jornal de Itapetininga – SP, *O Município*. Um de seus representantes mais expressivos foi Venâncio Ayres, que teria participado, ainda de acordo com a autora, da fundação do Partido Republicano paulista.

> [...] pai amoroso e culto, removeu a dificuldade da formação integral das filhas, fazendo-se mestre: dificuldade impossível de vencer de outra maneira, no interior inculto e com as constantes mudanças da família. Esta, a origem fundamental do espírito eminentemente paulista e eminentemente católico de Da. Zalina (LEITE, 1963, p. 130).

Casado com Dona Maria Cândida Amaral Gurgel em 1864, o referido juiz teve uma vida errante, mudando-se com frequência e estabelecendo-se com a família nas localidades em que era nomeado a algum cargo público. O casal ainda teve mais três filhas: Clementina Rolim de Oliveira Ayres, Candida Rolim e Izaura Rolim. Os primeiros anos da pequena Zalina transcorreram principalmente em território botucatuense, ainda que também alcançasse Itapetininga, comarca ligada à própria genealogia do pai, e Sorocaba, onde residiam os avós maternos, José do Amaral Gurgel e Clementina Ribas do Amaral.

Em meados do Oitocentos, a educação formal das crianças do interior ocorria de maneira bastante incipiente, havendo uma escassa presença nessa localidade de alguém para ensinar a escrever, fazer cálculos e dominar conhecimentos gerais (PIZA, 2008). Naquele tempo, era comum a contratação de preceptores particulares para aprofundar e oficializar o ensino oferecido em casa pelos familiares mais próximos. No tocante à instrução das meninas, o lar ainda era encarado como o ambiente mais adequado para a sua formação. Já as escolas do Império, também voltadas para o ensino individual, funcionavam, muitas vezes, de improviso na própria casa do educador, em salas alugadas ou cômodos adaptados, locais pouco arejados e sem iluminação adequada.

De acordo com Farias Filho (2011), quando não nomeados por órgãos provençais, os professores das escolas régias interioranas eram contratados por um coletivo de pais da classe mais abastada, proprietários de terras geralmente instalados em casas de fazenda para melhor administrar suas plantações que procuravam cercar sua família das condições dos grandes centros. Ainda em consonância ao autor, haveria indícios de que tal rede de escolarização doméstica “[...] atendia a um número superior ao da rede pública estatal” (FARIAS FILHO, 2011, p. 144). Todavia, fica claro que, quando havia a presença de algum professor, a precariedade do ambiente educacional muito distanciava a escola dos povoados interioranos daquelas que viriam a ser construídas nos grandes centros urbanos com a implantação do regime republicano. Segundo Oliveira (2017, p. 44), este quadro da zona rural permaneceu ainda nas primeiras décadas do novo regime, “[...] através da carência de material para as aulas, de dependências apropriadas, além da falta de reconhecimento profissional e prestígio social dos mestres”.

Para além da educação oferecida sob orientação do próprio pai, Zalina Rolim chegou a experienciar o aprendizado em uma escola pública, aos oito anos de idade, exatamente em 1875, quando o Dr. Rolim Oliveira Ayres foi nomeado para o cargo de juiz municipal de Faxina (atual Itapeva, também no interior de São Paulo) e, novamente, fez-se acompanhar da família para residir na região do ofício. A investida durou pouco tempo, muito porque, segundo Piza (2008), o conteúdo ensinado na instituição já estava superado pelo que havia estudado em casa.

Durante o transcorrer de 1876, ela recebeu aulas particulares de João Köpke (1852-1926)[7], importante educador e jurista protestante que então exercia o cargo de promotor de justiça naquele lugarejo. Ele lhe ensinou língua portuguesa, além dos idiomas francês, italiano e inglês, formalizando os ensinamentos que já vinham sendo ministrados no ambiente doméstico (PIZA, 2008). Apesar de tal instrução esmerada à vista dos padrões da época, é necessário destacar que a moça não seguiu nenhum curso secundário ou superior, muito provavelmente porque a continuidade educacional e o adquirir de alguma profissão permaneciam privilégios masculinos. O contato com Köpke, entretanto, traria alguns benefícios futuros em relação à sua inserção no crescente campo pedagógico de São Paulo, como veremos mais adiante. A influência do educador, que também era escritor, considerado um dos precursores da literatura brasileira para crianças, pode ter determinado a criação literária de Zalina Rolim para temas relacionados à infância, além da sua produção didática.

Entre os anos de 1877 e 1879, a menina Zalina seguiu para Sorocaba, onde viveu com a avó dona Clementina, dedicando-se intensamente à leitura. A família Rolim não poupava esforços em oferecer cultura à sua prole, com os impressos estando sempre à disposição de seu cultivo intelectual (PIZA, 2008). Já em 1880, residindo outra vez em Faxina, a referida garota principiou a compor escritos, destacando-se na poesia. Na adolescência, sua inclinação para as letras ampliava-se por meio dos livros que lia, apreciados em seus idiomas de origem:

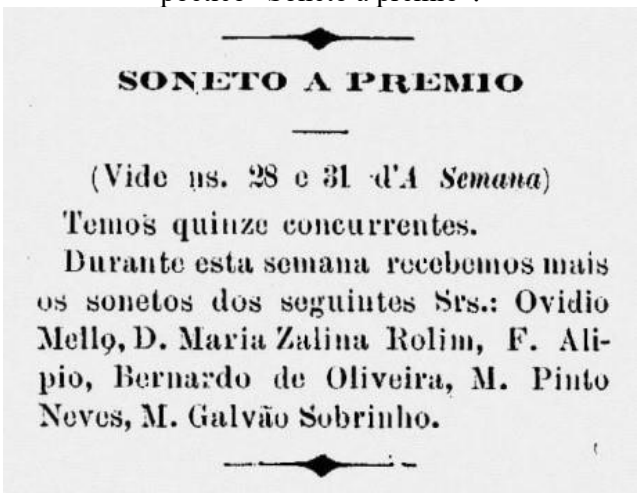
> Aos treze anos, Zalina começou a fazer versos. Não teve nunca professor de Poética. Aprendeu-a na leitura de bons autores, principalmente românticos e parnasianos. Relaciona entre suas leituras prediletas: Victor Hugo, de quem leu a obra completa – em prosa e verso, e os autores nacionais: Gonçalves Dias e Castro Alves, de quem decorou os versos (PIZA, 2008, p. 26-27).

[7] João Köpke (1852-1926), natural de Petrópolis, no Rio de Janeiro, foi advogado, promotor público, educador e escritor. Em 1878, trocou a magistratura pelo magistério, passando a lecionar em São Paulo. Fundou em 1885, na capital paulista, a Escola Primária Neutralidade, instituição de ensino misto na qual trabalharam intelectuais como Antonio Caetano de Campos (1844-1891) e Francisco Rangel Pestana (1839-1903). Mudando-se definitivamente para a capital fluminense, fundou o Instituto Henrique Köpke, assim denominado em homenagem a seu pai, outro importante educador do século XIX. Foi membro do Conselho da Instrução Primária e Secundária do Município da Corte e continuou dedicando-se às atividades pedagógicas até o seu falecimento. Cf. Mortatti (2015).

Também faziam parte do gosto da escritora principiante obras de Alberto de Oliveira, além de Raimundo Correia (1859-1911) e Olavo Bilac (1865-1918), autores que ela "reverenciava" (LEITE, 1963, p. 130). A irmã Candida também logo demonstrou habilidade para a arte da poesia, mas foram os primeiros escritos de Zalina Rolim que começaram a sair na imprensa itapetiningana, muito por estímulo de seu pai. A partir de 1881, a família Rolim estabeleceu-se em Araraquara por nova imposição das funções de juiz do Dr. José Rolim de Oliveira Ayres.

Em 1885, a revista *A Semana* (1885-1895), do Rio de Janeiro, lançou o concurso de poesia "Soneto a prêmio", requerendo aos leitores composições sobre Victor Hugo (1802-1885) e oferecendo como prêmio aos vencedores títulos do referido escritor francês. O evento era focado na produção exclusiva desse gênero de forma fixa, composto por quatorze versos decassílabos divididos em dois quartetos (ou quadras) e dois tercetos. Na edição de 8 de agosto daquele ano, a publicação anunciava que Zalina Rolim, então com dezoito anos, concorria com um soneto no mencionado torneio poético que homenageava um dos autores que ela muito apreciava.

Figura 1 – Nota na revista *A Semana* informando sobre a inscrição de Zalina Rolim no concurso poético "Soneto a prêmio".



SONETO A PREMIO

(Vide ns. 28 e 31 d'*A Semana*)

Temos quinze concurrentes.

Durante esta semana recebemos mais os sonetos dos seguintes Srs.: Ovidio Mello, D. Maria Zalina Rolim, F. Alipio, Bernardo de Oliveira, M. Pinto Neves, M. Galvão Sobrinho.

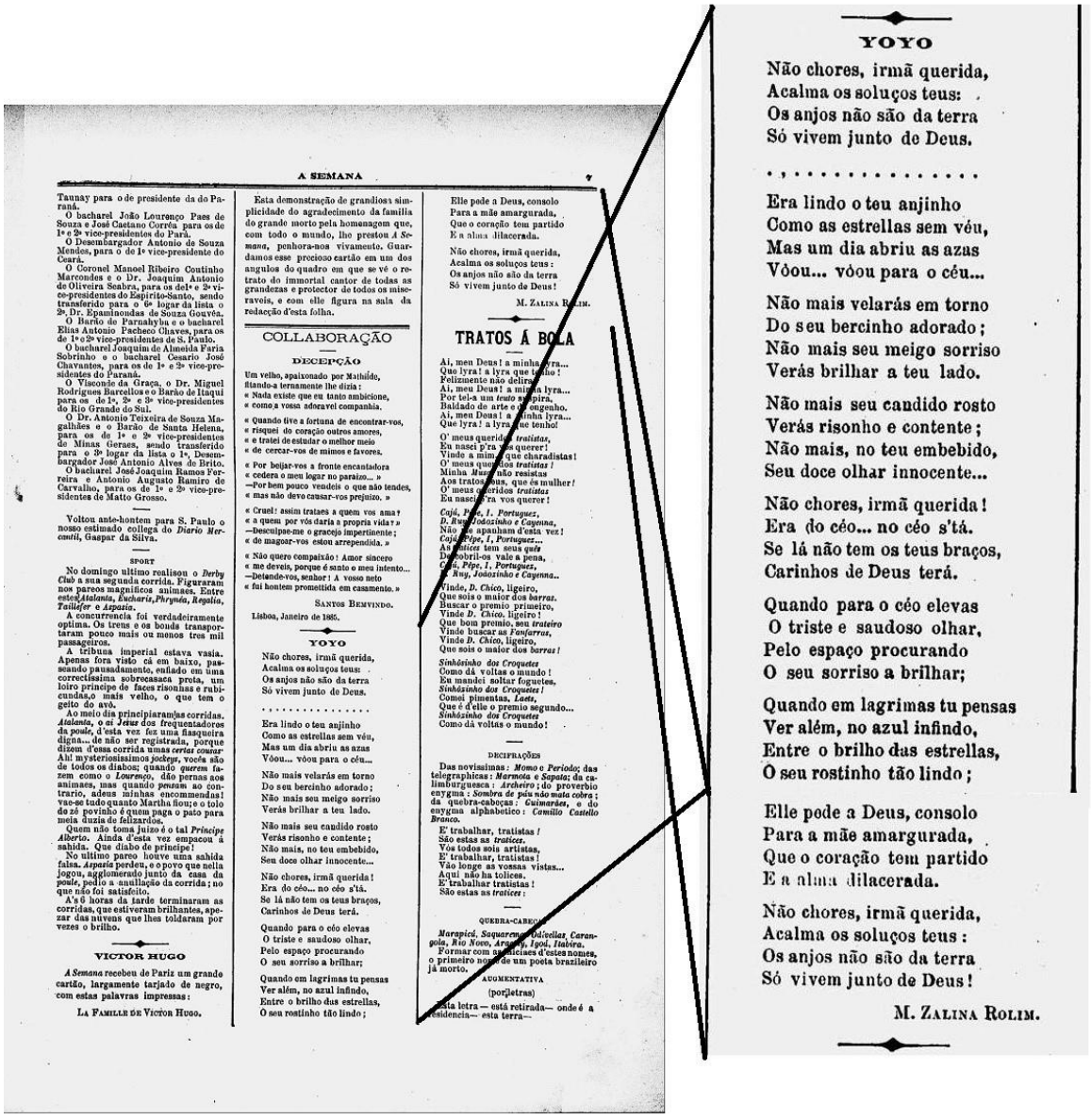
Fonte: Acervo digital da Biblioteca Digital.

O júri especial, formado por Adelina Lopes Viera (1850-1923), Machado de Assis e Lúcio de Mendonça (1854-1909) realizaria uma avaliação às cegas, com os poemas sendo encaminhados para a leitura sem identificação dos autores. Não foram aceitos versos já publicados anteriormente, apenas produção inédita. É interessante notar que, dentre os quarenta e cinco inscritos, Rolim foi a única mulher a assumir a sua candidatura, visto que o seu nome é

o único passível de identificação feminina, não se omitindo tal informação com o uso de iniciais ou pseudônimos.

Antes de divulgado o certame do concurso, o poema “Ioiô” foi incluído na seção “Colaboração” da edição de 5 de setembro daquele mesmo ano. É possível que escritora tenha aproveitado a oportunidade de inscrição na competição para enviar outra composição à redação do periódico.

Figura 2 – Publicação do poema “Ioiô” na revista *A Semana*, marcando a primeira colaboração de Zalina Rolim para a imprensa periódica, em 1885.



A SEMANA

Taunay para o de presidente da do Paraná.

O bacharel João Lourenço Paes de Souza e José Caetano Corrêa para os de 1º e 2º vice-presidentes do Pará.

O Desembargador Antonio de Souza Mendes, para o de 1º vice-presidente do Ceará.

O Coronel Manoel Ribeiro Coutinho Marcondes e o Dr. Joaquim Antonio de Oliveira Seabra, para os de 1º e 2º vice-presidentes do Espirito-Santo, sendo transferido para o 6º logar da lista o 2º, Dr. Epaminondas de Souza Gouvêa.

O Barão de Parnahyba e o bacharel Elias Antonio Pacheco Chaves, para os de 1º e 2º vice-presidentes de S. Paulo.

O bacharel Joaquim de Almeida Faria Sobrinho e o bacharel Cesario José Chavantes, para os de 1º e 2º vice-presidentes do Paraná.

O Visconde da Graça, o Dr. Miguel Rodrigues Barcellos e o Barão de Itaqui para os de 1º, 2º e 3º vice-presidentes do Rio Grande do Sul.

O Dr. Antonio Teixeira de Souza Magalhães e o Barão de Santa Helena, para os de 1º e 2º vice-presidentes de Minas Geraes, sendo transferido para o 3º logar da lista o 1º, Desembargador José Antonio Alves de Brito.

O bacharel José Joaquim Ramos Ferreira e Antonio Augusto Ramiro de Carvalho, para os de 1º e 2º vice-presidentes de Matto Grosso.

Voltou ante-hontem para S. Paulo o nosso estimado collega do *Diario Mercantil*, Gaspar da Silva.

SPORT

No domingo ultimo realisou o *Derby Club* a sua segunda corrida. Figuraram nos pareos magnificos animaes. Entre estes *Atalanta, Eucharis, Phrynéa, Regalia, Taillefer* e *Azpasia*.

A concurrencia foi verdadeiramente optima. Os treus e os bonds tranasportaram pouco mais ou menos tres mil passageiros.

A tribuna imperial estava vasia. Apenas fora visto cá em baixo, passeando pausadamente, enfiado em uma correctissima sobrecasaca preta, um loiro principe de faces risonhas e rubicundas,o mais velho, o que tem o geito do avô.

Ao meio dia principiaram as corridas. *Atalanta, o ai Jesus* dos frequentadores da *poule*, d'esta vez foi uma fiasqueira digna... de não ser registrada, porque dizem d'essa corrida umas *certas cousas*. Ah! mysteriosissimos *jockeys*, vocês são de todos os diabos; quando *querem* fazem como o *Lourenço*, dão pernas aos animaes, mas quando *penam* ao contrario, adeus minhas encommendas! vae-se tudo quanto Martha fiou;e o tolo do zé povinho é quem paga o pato para meia duzia de felizardos.

Quem não toma juizo é o tal *Principe Alberto*. Ainda d'esta vez empacou á sahida. Que diabo de principe!

No ultimo pareo houve uma sahida falsa. *Azpasia* perdeu, e o povo que nella jogou, agglomerado junto da casa da *poule*, pedio a anullação da corrida; no que não foi satisfeito.

A's 6 horas da tarde terminaram as corridas, que estiveram brilhantes, apezar das nuvens que lhes toldaram por vezes o brilho.

VICTOR HUGO

A Semana recebeu de Pariz um grande cartão, largamente tarjado de negro, com estas palavras impressas:

La Famille de Victor Hugo.

Esta demonstração de grandiosa simplicidade do agradecimento da familia do grande morto pela homenagem que, com todo o mundo, lhe prestou *A Semana*, ponhora-nos vivamente. Guardamos esse precioso cartão em um dos angulos do quadro em que se vê o retrato do immortal cantor de todas as grandezas e protector de todos os miseraveis, e com elle figura na sala da redacção d'esta folha.

COLLABORAÇÃO

DECEPÇÃO

Um velho, apaixonado por Mathilde, fitando-a ternamente lhe dizia:

« Nada existe que eu tanto ambicione,
« como a vossa adoravel companhia.

« Quando tive a fortuna de encontrar-vos,
« risquei do coração outros amores,
« e tratei de estudar o melhor meio
« de cercar-vos de mimos e favores.

« Por beijar-vos a fronte encantadora
« cedera o meu logar no paraizo... »
—Por bem pouco vendeis o que não tendes,
« mas não devo causar-vos prejuizo. »

« Cruel! assim trataes a quem vos ama?
« a quem por vós daria a propria vida? »
—Desculpae-me o gracejo impertinente;
« de magoar-vos estou arrependida. »

« Não quero compaixão! Amor sincero
« me deveis, porque é santo o meu intento...
—Detende-vos, senhor! A vosso neto
« fui hontem promettida em casamento. »

Santos Bemvindo.

Lisboa, Janeiro de 1885.

YOYO

Não chores, irmã querida,
Acalma os soluços teus:
Os anjos não são da terra
Só vivem junto de Deus.

. . . . . .

Era lindo o teu anjinho
Como as estrellas sem véu,
Mas um dia abriu as azas
Vôou... vôou para o céu...

Não mais velarás em torno
Do seu bercinho adorado;
Não mais seu meigo sorriso
Verás brilhar a teu lado.

Não mais seu candido rosto
Verás risonho e contente;
Não mais, no teu embebido,
Seu doce olhar innocente...

Não chores, irmã querida!
Era do céo... no céo s'tá.
Se lá não tem os teus braços,
Carinhos de Deus terá.

Quando para o céo elevas
O triste e saudoso olhar,
Pelo espaço procurando
O seu sorriso a brilhar;

Quando em lagrimas tu pensas
Ver além, no azul infindo,
Entre o brilho das estrellas,
O seu rostinho tão lindo;

Elle pode a Deus, consolo
Para a mãe amargurada,
Que o coração tem partido
E a alma dilacerada.

Não chores, irmã querida,
Acalma os soluços teus:
Os anjos não são da terra
Só vivem junto de Deus!

M. Zalina Rolim.

TRATOS Á BOLA

Ai, meu Deus! a minha lyra...
Que lyra! a lyra que tenho!
Felizmente não delira
Ai, meu Deus! a minha lyra...
Por tel-a um *tenho* não inspira.
Baldado de arte e de engenho.
Ai, meu Deus! a minha lyra...
Que lyra! a lyra que tenho!

O' meus queridos *traitistas*,
Eu nasci p'ra vos querer!
Vinde a mim, ó que charadistas!
O' meus queridos *traitistas!*
Minha *Mae* não resistas
Aos tratos seus, que és mulher!
O' meus queridos *traitistas*
Eu nasci p'ra vos querer!

Cajú, Pépe, I. Portuguez,
D. Fuas Roldão, Cayenna,
Não me apanham d'esta vez!
Cajú, Pépe, I, Portuguez...
As perdizes tem seus *ques*
De descobril-os vale a pena,
Cajú, Pépe, I. Portuguez,
D. Ruy, Joãozinho e Cayenna..

Vinde, *D. Chico*, ligeiro,
Que sois o maior dos *barras*.
Buscar o premio primeiro,
Vinde *D. Chico*, ligeiro!
Que bom premio, seu *traiteiro*
Vinde buscar as *Fanfarras*,
Vinde *D. Chico*, ligeiro,
Que sois o maior dos *barras!*

Sinhósinho dos Croquetes
Como dá voltas o mundo!
Eu mandei soltar foguetes,
Sinhósinho dos Croquetes!
Comei pimentas, *Laets*,
Que é d'elle o premio segundo...
Sinhósinho dos Croquetes
Como dá voltas o mundo!

DECIFRAÇÕES

Das novissimas: *Momo* e *Periodo*; das telegraphicas: *Marmota* e *Sapata*; da calumburguesa: *Archeiro*; do proverbio enygma: *Sombra de pau não mata cobra*; da quebra-cabeças: *Guimarães*, e do enygma alphabetico: *Camillo Castello Branco*.

E' trabalhar, tratistas!
São estas as *traticas*.
Vos todos sois artistas,
E' trabalhar, tratistas!
Vão longe as vossas vistas...
Aqui não ha tolices.
E' trabalhar tratistas!
São estas as *traticas*!

QUEBRA-CABEÇAS

Marapicú, Saquarema, Cabicellas, Cerangola, Rio Novo, Araruama, Ipoá, Itabira.

Formar com as iniciaes d'estes nomes, o primeiro nome de um poeta brazileiro já morto.

AUGMENTATIVA

(por letras)

Esta letra — está retirada— onde é a residencia— esta terra—

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

A composição[8], de forte inclinação religiosa, foi assinada com "M. Zalina Rolim" e trazia um eu lírico tentando acalmar o sofrimento da irmã na ocasião da morte de seu filho. Não há informações nas fontes biográficas sobre a escritora que possam confirmar se ela teve inspiração real para os versos, na possível ocasião da perda de algum sobrinho. Entretanto, o contato com o periodismo fluminense provavelmente se deu por intermeio da irmã Clementina, que viria a se casar no ano seguinte com Antônio Teles da Silva e residir no Rio de Janeiro. Este foi, até o momento, o primeiro registro de publicação da jovem na imprensa periódica brasileira, com exposição, entretanto, não identificada nas pesquisas sobre a vida e a obra da referida autora.

A revista *A semana* acabou divulgando o resultado de sua disputa poética apenas na edição de 7 de novembro de 1885, publicando os sonetos escolhidos acompanhados das cartas com os pareceres dos jurados, aos quais foi acrescido o nome de Afonso Celso Junior (1860-1938). Como os poemas inscritos foram avaliados sem identificação, não haveria como saber se alguns dos versos mencionados, distinguidos somente com números, poderiam ser de Rolim, que acabou não figurando entre os vencedores (três primeiros lugares e uma menção honrosa). O periódico propôs publicar a pior das composições inscritas em outra edição, mas acabou desistindo do propósito para prezar a reputação de seu autor.

De acordo com Dantas (1983) e Piza (2008), em 16 de novembro de 1885, a moça teve editado em um opúsculo organizado pelo Clube Vinte de Setembro, de Itapetininga, dedicado ao Dr. Venâncio de Oliveira Ayres (1841-1885) no trigésimo dia de sua morte, um soneto oferecido ao referido parente falecido, lançado em volume impresso juntamente com outras manifestações literárias de amigos e admiradores do líder comunitário. Tal composição, feita ainda em Araraquara, é transcrita por Piza (2008)[9]:

DR. VENÂNCIO AYRES

Outrora quando inquieta me escondia
Dos livros e papeis em que se aprende,
Era ele, na voz que a infância entende,
Quem aos livros prender-me conseguia.

Depois, quando a ligação mostrando ansiosa,
Um só erro a emendar não encontrava,
Ele em risos e prendas me pagava
A lição, e tornava-me vaidosa.

[8] O poema será melhor comentado em nosso terceiro capítulo.
[9] Esta tese não conseguiu ter acesso à fonte primária.

> Agora que seu vulto majestoso
> Pendeu no eterno páramo assombroso,
> Lançado pela mão da morte dura...
>
> Só posso um triste canto magoado,
> De prantos e gemidos orvalhado,
> Desfolhar sobre a sepultura...
> (PIZA, 2008, p. 185).

Os versos informavam que Venâncio Ayres possivelmente havia participado da formação intelectual da autora, incentivando a sua leitura e a sua educação desde a infância, com a sua partida sendo deveras sentida. O poema também mostra que o apreço pelos livros pode ter sido aprendido por Rolim através de mais uma figura masculina instruída além de seu pai e do professor Köpke.

Já em 1886, ela continuou escrevendo pequenos poemas, também se enveredando pelo conto, registros estes que aparentemente permaneciam sem publicação (PIZA, 2008). O ano de 1887 marca outra nomeação para cargo de magistratura para o pai e nova residência, desta vez em São Roque, onde nasceu – por mera circunstância de passagem – o sobrinho Mario Rolim Teles (1887-1980), filho da mencionada irmã mais velha Clementina, há pouco tempo casada e residente no Rio de Janeiro. O menino, apelidado de Sinhô, viria a inspirar muitos de seus futuros escritos de teor infantil, publicados em livro. Naquele tempo, o exercício dos dotes literários da nascente escritora, segundo Piza (2008), permanecia constante e alcançava o gênero crônica, também aprimorando a arte do soneto, mas sem registro em publicação. Contando dezenove anos, também começou a lecionar, alfabetizando crianças e "[...] descobrindo seu talento pedagógico de contadora de histórias".

Conforme aponta Dantas (1983, p. 27), o pai encarou com boa-vontade e seriedade, talvez até com orgulho, a vocação literária da segunda filha, a ponto de pedir para ela conselhos literários de Ezequiel Freire[10], escritor fluminense mencionado em nosso primeiro capítulo que exercia em São Roque, ainda em 1887, o cargo de juiz municipal e que havia recentemente se

[10] José Ezequiel Freire de Lima (1850-1891), natural de Resende, no Rio de Janeiro, foi um importante escritor, jornalista, jurista e crítico literário do século XIX. Entre as várias nomeações a cargos públicos, foi redator e colaborador nos maiores veículos impressos de São Paulo e do Rio de Janeiro, convivendo com muitos autores de grande renome em sua época. Reuniu boa parte de sua produção poética publicada anteriormente na imprensa no livro *Flores do campo* (1874), que teve prefácio assinado pela amiga Narcisa Amália de Campos (1852-1924). A partir de 1885, dedicou-se ao magistério, lecionando a cadeira de retórica no curso anexo da Faculdade de Direito do Largo São Francisco, na capital paulista. Após o seu falecimento, sua produção literária e crítica foi reunida no volume *Livro póstumo* (1910). É patrono da cadeira de número 20 da Academia Paulista de Letras. Cf. Verbete da Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa636155/ezequiel-freire>. Acesso em: 25 set. 2019.

tornado professor, por concurso, da Faculdade de Direito. O pesquisador comenta o posicionamento favorável do genitor em relação ao cultivo da escrita de sua herdeira:

> Revelou-se, nesta atitude, o Dr. Rolim de Oliveira Ayres, pessoa de visão elevada e superior, pois, inclusive, a vocação literária, nas mulheres, à época, provocava ataques e, até, difamação. No entanto, ao em vez de dissuadir a filha para desistir da Poesia e das veleidades literárias, anima-a, e a dirige para orientação de pessoa experimentada na Arte e de sua particular confiança (DANTAS, 1983, p. 27).

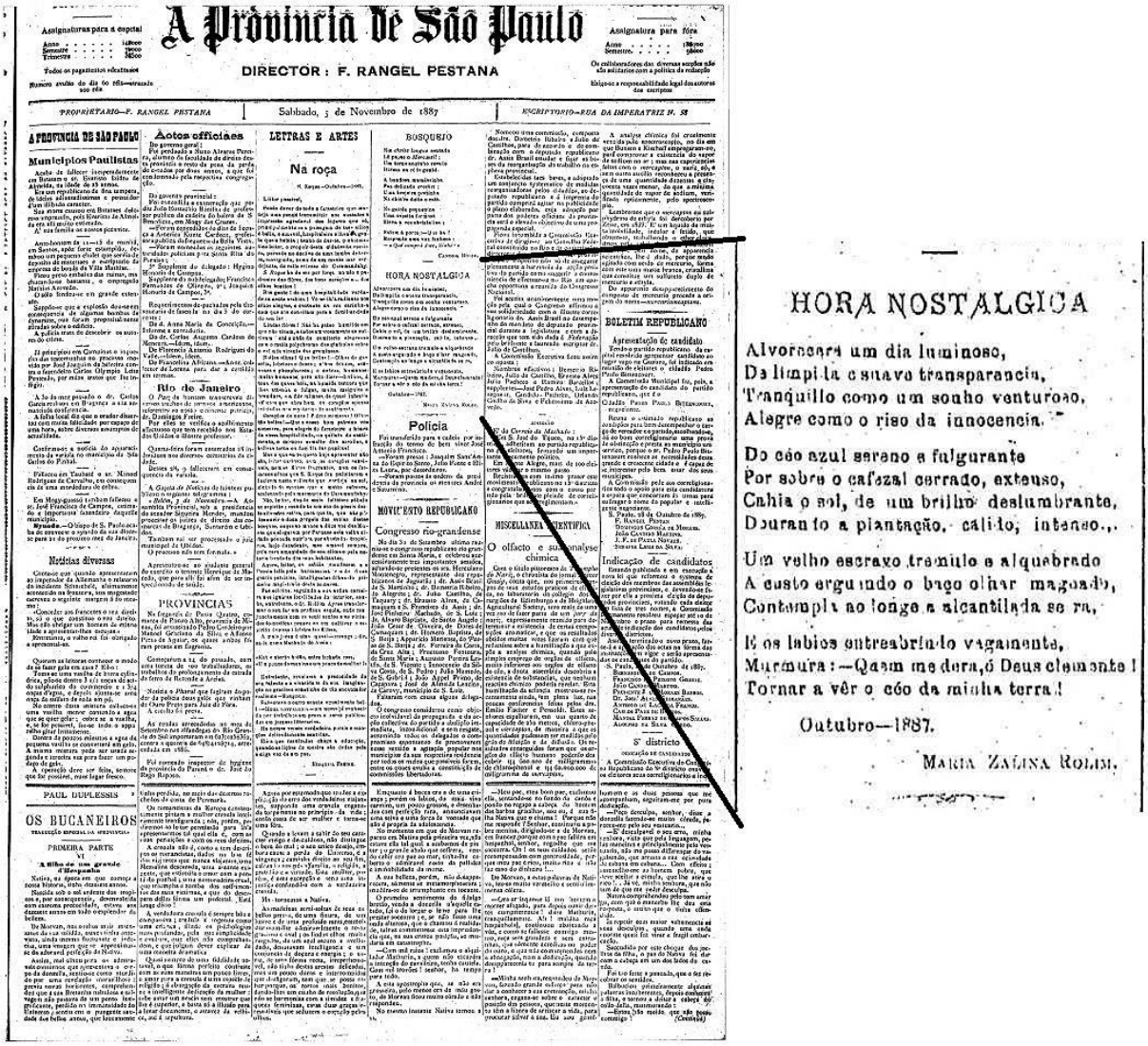
O prestígio do juiz Rolim Ayres fez com que Freire atendesse à sua solicitação, transcrevendo o soneto "Hora nostálgica"[11] da jovem escritora, juntamente com a composição "Bosquejo", de autoria de sua irmã Candida, em crônica datada de outubro de 1887, publicada no periódico *A Província de São Paulo*, mais tarde renomeado de *O Estado de S. Paulo* (1875-), em 5 de novembro de 1887.

Piza (2008) utilizou como fonte de sua pesquisa apenas a publicação em livro do mencionado texto, intitulado "Na roça", na antologia *Livro póstumo* (1910), o que traz alguns problemas ao seu registro. A referida autora aponta que Ezequiel Freire redigiu o texto para o que seria uma coluna literária intitulada "Lápis-Lazúli", que na verdade é apenas o nome da seção do livro que recolhe seus escritos de "[...] assuntos delicados e para a manifestação de sentimentos afetuosos" (FREIRE, 1910, p. 267), tratando-se unicamente de um critério organizacional da coletânea.

Outro equívoco é a informação de que a crônica em questão teria sido publicada primeiramente no jornal *Correio Paulistano*. Este, inclusive, chega a comentar a publicação da crônica no periódico *A Província de São Paulo* na seção "Revista dos Jornais", em 6 de novembro de 1887: "A Província apenas nos oferece a leitura de seus municípios e nos ensina o modo de se fazer gelo em casa. Um artigo literário de Ezequiel Freire, na roça, fechando com as poesias de duas interessantíssimas jovens de S. Roque, filhas do dr. juiz de direito daquela comarca. dd. Candida Rolim e Maria Zalina Rolim" (*Correio Paulistano*, 6 nov. 1887, p. 1).

Figura 3 – Publicação do soneto "Hora nostálgica", de Zalina Rolim, apresentado na crônica "Na roça", de Ezequiel Freire, no jornal *A Província de São Paulo*, em 1887.

[11] O poema será melhor comentado em nosso terceiro capítulo.



A Provincia de São Paulo

DIRECTOR: F. RANGEL PESTANA

Sabbado, 5 de Novembro de 1887

HORA NOSTALGICA

Alvorecera um dia luminoso,
Da limpida e suave transparencia,
Tranquillo como um somno venturoso,
Alegre como o riso da innocencia.

Do céo azul sereno e fulgurante
Por sobre o casal cerrado, extenso,
Cahia o sol, de um brilho deslumbrante,
Dourando a plantação, calido, intenso...

Um velho escravo tremulo e alquebrado
A custo erguendo o braço olhar magoado,
Contempla ao longe a alcantilada serra,

E os labios entreabrindo vagamente,
Murmura:—Quem me dera, ó Deus clemente!
Tornar a vêr o céo da minha terra!

Outubro—1887.

MARIA ZALINA ROLIM.

Fonte: Acervo histórico do jornal *O Estado de S. Paulo*.

O escrito comentava a estada de Freire em São Roque, com exortação às suas paisagem e hospitalidade. Ademais, a crônica tentava apresentar aos leitores dos grandes centros urbanos um retrato da poesia daquele lugar interiorano através da produção das irmãs Rolim, traçando elogios ao papel do pai em sua instrução:

> Agora, leitor, os sabiás emudecem e a Poesia fala pela harmoniosa voz de duas gentis patrícias, inteligentes filhas do primeiro magistrado desta comarca. Pai solícito, seguindo a sua árdua carreira nas ignaras localidades do interior, soube, entretanto, o Dr. Rolim Aires transformar seu lar em profícua escola, onde conjuntamente com os sentimentos e as virtudes domésticas, se prouve em cultivar o espírito de suas idolatradas filhas (*A Província de São Paulo*, 6 nov. 1887).

O referido autor afirma que, àquela altura, no quadro interiorano, Zalina Rolim era "[...] um nome já conhecido por trabalhos em prosa e verso publicados em jornais literários [...]"[12], indicando haver em seus escritos "emoções delicadamente sentidas" (*A Província de São Paulo*, 6 nov. 1887). A partir da experiência do colega magistrado com suas filhas, ele finaliza a referida crônica indicando que a educação pode gerar ótimos frutos "[...] quando as lições do mestre são dadas pela amiga voz de um pai".

Naquele tempo, as poucas mulheres que sabiam ler apenas conseguiam apreciar o que os homens escreviam, visto que a carreira literária ainda pertencia majoritariamente ao universo masculino. Apresentando grande erudição e sapiência, o ninho familiar dos Rolim permitiu com que a moça se aventurasse pela escrita sem esconder os frutos de sua aptidão, estimulando o progresso e o refinamento de sua criação artística, mas não deixando de lado, é claro, o cultivo dos dotes domésticos.

> Zalina Rolim, como membro de uma família da elite intelectual, econômica e também social, relacionou-se, desde sua meninice, com pessoas provenientes de famílias com o mesmo status social; herdeiros da elite intelectual, econômica e também política, como a sua família, que era envolvida nas questões jurídicas. É possível que tenha acompanhado a família em eventos e encontros com essa elite, e que os tenha recebidos em seu lar. Foi na convivência com essas pessoas durante toda a sua vida que estabeleceu relacionamentos sociais de grande influência (SANTOS, 2017, p. 46).

O importante sobrenome e a influente ascendência abriram portas à jovem Maria Zalina, indicando que pertencia à elite letrada, mesmo domiciliando em regiões afastadas dos grandes centros urbanos, garantindo crédito à sua verve literária. O poder aquisitivo da família também forneceu o acesso a uma boa formação cultural e a uma alfabetização de qualidade, assim como o poder político de seu pai, ocupando altos cargos jurídicos, possibilitou-lhe o desenvolvimento social fora do ambiente caseiro.

Sirinelli (2003, p. 242) destaca o caráter polissêmico da noção de intelectual, que desembocaria em duas acepções: uma ampla e sociocultural, e outra mais estreita, ligada à noção de engajamento. O primeiro conjunto abrangeria os criadores e os mediadores culturais, envolvendo tanto o jornalista, o escritor e o professor, como os estudantes e outras categorias de "receptores" de cultura. Refletindo acerca da sociabilidade dos grupos de intelectuais, o referido autor afirma que estes se organizam em torno de uma sensibilidade em comum, que

[12] Esta tese não localizou em fontes primárias publicações de Zalina Rolim na imprensa periódica anteriores a 1887 (ano da menção na crônica "Na roça", de Ezequiel Freire) além da colaboração pontual no jornal *A Semana*, em 1885.

podia ser de ordem ideológica ou cultural, além de envolverem afinidades difusas, "[...] mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver", estruturas as quais se convencionou chamar de "redes" (SIRINELLI, 2003, p. 248).

Nesse sentido, a redação dos periódicos, de modo geral, converteu-se em um ninho de sociabilidade, estabelecendo laços de interesse entre os diferentes produtores culturais e de conhecimento[13]. Tais veículos impressos, ainda em consonância a Sirinelli (2003, p. 249), proporcionaram uma estrutura ao campo intelectual através de forças antagônicas de adesão ou de exclusão, isto é, pelas amizades que as submetiam, as fidelidades que arrebanhavam e a influências que exerciam ou, por outro lado, pelas posições tomadas, os debates suscitados e as cisões advindas.

> Ao mesmo tempo que um observatório de primeiro plano da sociabilidade de microcosmos intelectuais, elas são aliás um lugar precioso para a análise do movimento das ideias. Em suma, uma revista é antes de tudo um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade, e pode ser, entre outras abordagens, estudada nesta dupla dimensão (SIRINELLI, 2003, p. 249).

Barbosa (2007, p. 73) ressalta que algumas resenhas e comentários difundidos no jornal eram, assim como hoje, "[...] fruto da amizade, do patrocínio e, muitas vezes, do pagamento que o autor fazia para ter seu livro comentado". A prática de aproveitar as redes de sociabilidade para divulgar o nome e a produção de escritores na imprensa periódica, na qual participavam companheiros e amigos de tais autores, foi muito comum na segunda metade do século XIX e início do século XX. Entretanto, tal microcosmo imbricava tensões justamente na ligação entre os embates de ideias e os fatores afetivos.

> A atração e a amizade e, *a contrário*, a hostilidade e a rivalidade, a ruptura, a briga e o rancor desempenham igualmente um papel às vezes decisivo. [...] esse peso da afetividade adquire uma significação específica, num meio teoricamente colocado sob o signo da clarividência, e cuja garantia, aos olhos do resto da sociedade, é saber jugular suas paixões, a serviço exclusivo da Razão (SIRINELLI, 2003, p. 250. *grifo do autor*).

[13] Há registros de visitas de Zalina Rolim a algumas redações as quais se tornou colaboradora. Em *A Família*, em 1888, uma dessas ocasiões foi mencionada em artigo da seção "Galeria Especial", publicado em 14 de dezembro de 1889, citado mais adiante neste capítulo. Já o *Correio Paulistano*, em 1892, dava notícia: "Honrou-nos ontem com a sua visita a distinta poetisa d. Zalina Rolim, um dos mais formosos talentos que atualmente ilustram o Estado de S. Paulo. A nossa ilustre colaboradora veio ao escritório desta redação, acompanhada do seu digno pai, o integro magistrado dr. José Rolim, juiz de direito da comarca de Itú. Agradecemos, penhorados por tanta gentileza, a delicada visita" (*Correio Paulistano*, 27 dez. 1892, p. 1).

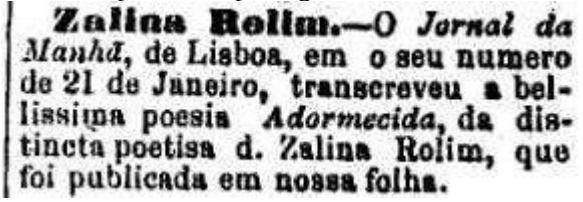
No meio intelectual, de acordo com Sirinelli (2003), os processos de transmissão cultural são essenciais, com a chancela dos mais velhos definindo a sua formação e o seu funcionamento, por referência explícita ou implícita a uma herança, em um processo de intermediação. A partir dessa perspectiva, podemos indicar que os intelectuais iniciantes sofriam influência direta das gerações anteriores, seja em apoio ou em negação, o que justifica o apego e a sujeição de alguns à aprovação dos mais experientes. Entretanto, é válido ressaltar que, autorizadas a cultivarem o intelecto, mesmo quando seguindo o modelo dos homens, as mulheres tinham mais dificuldade de anuência simplesmente por serem mulheres, como veremos mais adiante ao discutir a recepção crítica de Rolim.

Para além das primeiras publicações nos periódicos das comarcas interioranas, o contato com Ezequiel Freire e a citação em um de seus trabalhos ofereceu à iniciante escritora a oportunidade de formar redes de sociabilidade nos maiores círculos intelectuais do Sudeste brasileiro, ninhos de grande efervescência cultural que lhe trouxeram melhores instâncias de publicação e, consequentemente, maior reconhecimento literário.

2.2 Contatos literários e legitimação crítica

O jornal *A Província de São Paulo*, após a introdução de Ezequiel Freire, voltou a publicar versos de Zalina Rolim. Em 11 de novembro de 1887, o soneto "Outrora e hoje" é publicado na primeira página do periódico, assinada com "Maria Zalina Rolim". Mais tarde, em 22 de agosto de 1888, o poema "Adormecida", dedicada ao antigo mestre João Köpke, também é publicado na referida folha, dessa vez assinado apenas com "Zalina Rolim". Tal composição acabou republicada no exterior, conforme nota lançada n'*A Província* em 14 de fevereiro de 1889, evidenciando a popularidade que o trabalho da jovem estava ganhando.

Figura 4 – Nota lançada no jornal *A Província de São Paulo* destacando a republicação de versos de Zalina Rolim no periódico português *Jornal da Manhã*, em 1889.



Zalina Rolim.—O *Jornal da Manhã*, de Lisboa, em o seu numero de 21 de Janeiro, transcreveu a bellissima poesia *Adormecida*, da distincta poetisa d. Zalina Rolim, que foi publicada em nossa folha.

Fonte: Acervo histórico do jornal *O Estado de S. Paulo*.

Ainda em 1888, Zalina Rolim aparece como uma das colaboradoras do jornal carioca *Eco das Damas* (1879-1888), de Amélia Carolina da Silva Couto, considerado um dos mais

relevantes do periodismo feminino brasileiro, defendendo e divulgando os interesses das mulheres. O veículo impresso conectou o nome da jovem escritora ao de outras que então se destacavam na imprensa da época: Anália Franco (1853-1819), Ignez Sabino (1853-1911), Emiliana de Moraes, entre outras. A inserção na roda de letradas também envolveu a colaboração frequente para o nascente jornal paulistano *A Família* (1888-1897), dirigido por Josephina Álvares de Azevedo, autora já mencionada em nosso primeiro capítulo. Nesse outro importante periódico de mulheres, voltada à literatura e à discussão política em prol da emancipação feminina, Rolim passou a publicar, além de versos, alguns contos, ao lado de mais autoras ilustres, como Julia Lopes de Almeida, Júlia Cortines (1868-1948) e a portuguesa Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1921).

Freire também apresentou a jovem à prefaciadora de seu livro *Flores do campo* (1874), a escritora fluminense Narcisa Amália de Campos[14], também mencionada em nosso primeiro capítulo, que então galgava um espaço significativo no cenário literário nacional do século XIX. Segundo Eleutério (2005), o grande êxito das publicações de tal autora em uma conjuntura ainda tolhida de preconceitos contra a manifestação intelectual das mulheres inspirou muitas aspirantes das letras que sonhavam em ser consagradas pelos escritos que concebiam. Zalina Rolim dedicou a ela o soneto "Confissão"[15], que saiu na primeira página d'*A Província de São Paulo* em 17 de maio de 1889, juntamente com uma nota que trazia as impressões de Narcisa Amália sobre Rolim:

> A jovem iniciada nos rítmicos mistérios da doce religião da Arte, possui os dois grandes predicados que Pope aconselhava a todos os poetas: a naturalidade do pensamento, a singeleza na linguagem. Bem orientada, não se lhe nota a hesitação de uma estreante: palmilha, da medida das suas forças, a estrada que percorreram os grandes mestres, observando conscienciosamente a Natureza e reproduzindo com simplicidade o que vê. Sua imaginação não tem surtos que assombrem, é certo: os pequenos poemas, porém, os seus numerosos sonetos, inspirados, corretíssimos, são outros tantos quadros realistas, cheios de graça, de movimento, de originalidade, fulgindo com a cintilação da pedraria do orvalho, ferida por um raio de sol matutino (CAMPOS, 1889, p. 1).

[14] Narcisa Amália de Campos (1852-1924), natural de São João da Barra, no Rio de Janeiro, foi escritora e a primeira mulher a trabalhar como jornalista profissional no Brasil. Recebendo uma educação esmerada, iniciou sua carreira nas letras como tradutora de contos e ensaios de autores franceses. Por ter sido casada e divorciada em duas ocasiões, enfrentou grande estigma social, mas alcançou prestígio intelectual principalmente por causa da colaboração com diversos jornais e revistas importantes. Sua única publicação em livro, *Nebulosas* (1872), foi muito elogiada na época de seu lançamento, sendo reconhecida inclusive pelo imperador D. Pedro II (1825-1891). Idealista, combateu em seus escritos a opressão da mulher e o regime escravista. No final do século XIX, abandonou a atividade literária para dedicar-se ao ensino público. Cf. Eleutério (2005) e Coelho (2002).

[15] O poema será melhor comentado em nosso terceiro capítulo.

Segundo Piza (2008) e Dantas (1983), tal escrito constituiu uma apresentação formal da nova escritora à imprensa paulistana e ao seu público leitor.

Figura 5 – Publicação do soneto "Confissão", de Zalina Rolim, oferecido a Narcisa Amália, no jornal *A Província de São Paulo*, em 1889.



A Provincia de São Paulo

Sexta-feira, 17 de Maio de 1889

CONFISSÃO

(A' NARCISA AMALIA)

«Sim»... — murmurou baixinho, entre sorrindo;
(Na branca face, candida e macia,
Uns laivos de carmim vinham surgindo—)
E ella a mão estendeu, — tremula e fria...

Ia expirando lentamente o dia...
Aqui, alli, além, no azul infindo,
Para espreitar-lhe a ultima agonia,
Abriam-se as estre llas refulgindo...

Elle a fitava, quêdo e silencioso;
Depois, tomou-lhe a mão, — branca e tremente...
— Pairava-lhe no olhar supremo gozo!

E nessa mão, — seu unico desejo! —
Poisando os labios estampou fremente
Um longo e casto e sonoroso beijo!...

ZALINA ROLIM.

Fonte: Acervo histórico do jornal *O Estado de S. Paulo*.

Campos muito enalteceu a lírica de Rolim, não deixando de ressaltar suas limitações criativas, indicando que a moça produzia versos empolgados e bem metrificados, mas destituídos de grandes rompantes imaginativos. A autora ainda inferiu que a novata oferecia o sentir do "perfume suave" da juventude: a leitura de sua poesia a invadiria de saudade da pureza ligada aos anos dourados da vida. O reconhecimento de uma prestigiada veterana chamou mais atenção para o nome de Zalina Rolim, trazendo-lhe admiradores e entusiastas de seu talento, como podemos inferir a partir de uma longa nota também publicada no periódico *A Província de São Paulo*, em 24 de maio de 1889. O escrito, com o sugestivo título "Que coragem!", conta da boa repercussão da publicação do soneto "Confissão", que teria sensibilizado muitos leitores, incluindo um amigo do folhetinista do periódico *Gazeta de Mogy-mirim*, conhecido como Sr.

Marius. O referido sujeito não nomeado, “embevecido com a música dulcíssima” dos versos de Rolim, produziu, ele mesmo, um novo soneto em sua homenagem.

> Ridente purpurina madrugada
> Surgia deslumbrante no horizonte:
> Já ouve se a alegre chilreada
> Saudando-a nas selvas do monte;
>
> Anseia amorosa que desponte
> O astro, a relva regelada;
> Não tarda que ao espaço remonte,
> De quente luz, deixando-a inundada.
>
> Em êxtase sublime se elevando,
> Minha alma vai por este céu voando;
> Mas, se belo, se fausto, – já não vejo...
>
> Doce lembrança saudosa me afaga;
> Tão doce e saudosa que a mente embriaga
> Lembrando-me aquele castíssimo beijo?
> (*A Província de São Paulo*, 24 mai. 1889, p. 2).

A composição alude à cena retratada no poema da escritora como um acontecimento passado, do qual o eu lírico sente nostalgia. Tratou-se de uma maneira de também aplaudir a tônica saudosista que a mencionada autora traria como marca evidente de sua lírica.

> Pois que se há de dizer de um cidadão que, após a leitura deliciosa da *Confissão*, exclama entusiasmado que os versos de d. Zalina “não são hinos de amor; não são gorjeios rimados; não são cintilações de pedraria de orvalho ferida por um raio do sol matutino, seus versos são mais que isso tudo, são lágrimas celestiais que os anjos derramam sobre a terra; lágrimas cujo brilho diamantino cintila na ponta da pena, que nos dedos rosados da poetisa, transforma-se em cornucópia de consolações”? (*A Província de São Paulo*, 24 mai. 1889, p. 2).

Apesar da publicação de comentários tão exortativos, é interessante destacar a aparente surpresa dos próprios editores da folha em relação ao sucesso do poema: “Nunca supusemos que o encantador soneto de d. Zalina Rolim – *Confissão*, desnorteasse tanto quem o lesse, apesar de magistralmente delineado” (*A Província de São Paulo*, 24 mai. 1889, p. 2). Isso deixa claro que, apesar da boa elaboração e da divulgação em grandes veículos da imprensa, o trabalho das novas autoras ainda era visto sem muita importância, causando estranhamento ao obter boa recepção.

Assim como Narcisa Amália o fez em São Paulo, a já citada escritora Josephina Álvares de Azevedo ajudou a difundir o nome de Rolim no contexto fluminense. Em um artigo da seção

"Galeria Especial", no jornal *A Família* (à época em que este foi transferido para a cidade do Rio de Janeiro), publicado em 14 de dezembro de 1889, a referida autora, sob o pseudônimo Zefa, transcreveu a composição "Pomba ferida"[16] (uma das mais festejadas da escritora), contando da ocasião em que a jovem havia procurado a redação do periódico, quando esta ainda situava-se em São Paulo[17].

> A poetisa desapareceu, antes que eu a tivesse visto, levando consigo aquelas harmonias todas da sua lira privilegiada, lira de ouro, que desfere acordes mais belos que violinos etéreos, tangidos por destras angélicas quando toda a natureza acorda para os festivais da harmonia. [...]
> No que aí fica escrito não vai exagero; como disse, não conheço pessoalmente a poetisa; mas quem como ela tem escrito versos como os que tem sido publicados n'*A Família*, não deixará jamais de produzir entusiasmos como os que a seu respeito manifesto.
> Zalina Rolim é com efeito uma poetisa inspirada (AZEVEDO, 1889, p. 4).

A rápida visita não coincidiu, entretanto, com a presença da diretora do impresso, que estava viajando. Todavia, tendo contato com o talento da moça, ela não deixou de celebrar a sua escrita, indicando a sua produção às leitoras daquele veículo impresso, além de elogiar a sua postura: "As suas maneiras lhanas e afáveis, a sua graça superior, a sua conversação corrente e esmaltada, haviam produzido encantamento, como se por ali houvera passado uma fada espalhando sorrisos, como a primavera a ao passar pelos vergéis espalha flores" (AZEVEDO, 1889, p. 4).

O ano de 1889 ainda marcou a vida de Zalina Rolim com a precoce viuvez de sua irmã Clementina e com o início do regime republicano no Brasil, proclamado em 15 de novembro. Já em 1890, a escritora passou a contribuir com frequência para o jornal *Correio Paulistano*, publicando trabalhos em prosa e poesia, produção esta que será melhor comentada no próximo capítulo. Também permaneceu em colaboração esporádica com *A Província de São Paulo* e órgãos da imprensa itapetiningana.

> Sempre ligada a Itapetininga, Zalina escreveu artigos, crônicas, trovas e pequenos poemas que periodicamente foram publicados nos jornais dessa cidade. Os temas prediletos, a vida do campo, as pessoas simples, os animais, a natureza verdejante, foram abordados revelando sempre a sua origem de menina do interior (PIZA, 2008, p. 34).

[16] O poema será melhor comentado em nosso terceiro capítulo.
[17] Em 1889, depois de seis meses em São Paulo, a redação do jornal *A Família* transferiu-se para o Rio de Janeiro, acompanhando a mudança de Josephina Álvares de Azevedo para a capital fluminense.

Uma nova nomeação do pai para as funções de Juiz de Direito levou a família a morar em Itu, com Rolim sendo recebida com honrarias pelo periodismo local. Segundo Piza (2008), naquela época, ela já pertencia ao convívio dos intelectuais, inclusive trocando correspondência com importantes escritores, como João Luso (1874-1950) e Vicente de Carvalho (1866-1924), que sempre lhe enviavam os seus livros, contrariamente ao costume da época, em que moças solteiras não recebiam cartas pessoais de homens que não fossem seus parentes. Em crônica da famigerada coluna "Rapidamente", no carioca *Diário de Notícias* (1885-1895), em 20 de maio de 1890, o escritor Gastão Bousquet (1870-1918)[18], reivindicou à jovem, com discurso inflamado, o título de maior poetisa brasileira.

> Para Zalina Rolim, eu, com Wenceslau de Queiroz, de S. Paulo, reclamo o título de maioral das poetisas brasileiras. Para ela, sim, para Zalina Rolim – *essa criança-mulher, esta mulher-criança adorabilíssima*. Para ela que escreveu o soneto *Pomba ferida*, que é uma preciosíssima joia da arte e que escreveu o soneto *Olhar de mãe*, que é um primor de sentimentalidade – vinte e oito versos que lhe bastam para conquistar todos os louros que merece. Para ela, sim! para Zalina Rolim, diante da qual, se alguma vez eu estivesse, dobraria os joelhos e pedir-lhe-ia que deixasse a minha boca roçar nas suas mãozinhas brancas como se roçasse as mãos de uma santa (BOUSQUET, 1890, p. 1, *grifo nosso*).

O jornalista parecia deveras encantado com os versos da moça, chegando a demonstrar certa descompostura ao indicar como lhe trataria se a encontrasse pessoalmente, destacando a vontade de tocá-la fisicamente, como tocaria em uma santa. Tal atitude invasiva denunciava o poder que os homens possuíam naquela época, tomando a liberdade em faltar com o decoro no que se refere às mulheres, ainda vistas em circunstância subalterna. Ressaltam-se as expressões que relacionam a escritora a uma criança no tocante ao corpo e ao pensamento. Esse tratamento de infantilização – algo que não acontecia na apreciação de escritores homens – reduzia a mulher a um ser dócil, frágil, incapaz e inexperiente, que precisava de proteção e tutela, cerceando a sua capacidade de criação artística em detrimento do gênero a qual pertencia.

O aprisionamento à condição de eterna criança ainda anunciava simbolicamente a dominação do patriarcado sobre a vida e a produção das autoras, reforçando a diferença social entre os sexos, em que determinados traços de personalidade e comportamento são desejáveis

[18] Gastão Raul de Forton Bousquet (1870-1918), natural de Santos, em São Paulo, foi um escritor, jornalista e dramaturgo de grande destaque na virada do século XIX para o século XX. Sua atividade literária foi marcada pelo humor e pela crítica social. Ingressou ainda com dezesseis anos na imprensa, ainda na terra natal. Transferindo-se para o Rio de Janeiro, passou a integrar a redação de diversos periódicos importantes, participando das campanhas abolicionista e republicana. Dedicou-se às lides de repórter, redator e secretário de vários veículos impressos até o seu falecimento. Cf. Perfil biográfico no portal Cultura Niterói. Disponível em: <https://culturaniteroi.com.br/blog/?id=2610&equ=mapadeartistas>. Acesso em: 25 set. 2019.

ao feminino, mas não ao masculino. A fetichização da juventude evidenciada no discurso do crítico também pode ser interpretada à luz do ideal de beleza e moral esperado às mulheres daquele tempo, ainda mais quando na condição de solteiras: elas deveriam manter-se com aparência encantadora e casta, afastando os indícios de uma idade avançada. O tom paternalista com que Bousquet articulava a respeito de Zalina Rolim é notável em todo o escrito, enaltecendo as qualidades da mulher para, em seguida, reafirmar a sua posição de inferioridade (PAIXÃO, 1991), principalmente através de adjetivos ligados à graciosidade e à candura infantil:

> Todas as leituras que lhe têm ilustrado o espírito e lhe têm feito conhecer a arte não puderam – porque não podiam – tirar-lhe um pouco que fosse da *candura quase celestial de sua alma de criança, que é também alma de mulher, porque ela é uma mulher-criança e uma criança-mulher.*
> Lendo os versos de Zalina Rolim, que bem sentimos pelo coração a dentro! Há neles – sentimo-lo e aspiramo-lo deliciosamente – *todo um perfume virginal de quarto de moça*, quarto de moça em cuja janela há flores, quarto de moça de onde se ouvem passarinhos cantando em árvores próximas, quarto de moça onde se vê o céu muito limpo e ao longe o caminho barrento onde passam monotonamente os carros puxados por bois (BOUSQUET, 1890, p. 1, *grifo nosso*).

Fazendo referência muito provavelmente ao poema “Croquis”, já mencionado nesta tese, o referido autor relacionava o ambiente rural em que a autora residia à ideia de pureza que, por sua vez, ligava-se à virgindade feminina. Tal candor, segundo ele, seria uma qualidade que já estaria se extinguindo nos grandes centros populosos. Indicando uma atmosfera de vulnerabilidade, a “alma de criança” limitava a escrita da mulher adulta, com Rolim (na época, com 23 anos de idade) sendo encarada com condescendência e julgada como exceção na esfera literária, como mostrado no capítulo anterior, que trouxe a noção de que as escritoras eram avaliadas e comentadas sob critérios diferenciados dos empregados aos escritores (PAIXÃO, 1991; TELLES, 2012). O discurso do crítico ainda ressaltava que, mesmo tendo acesso à instrução, as mulheres letradas ainda teriam suas atividades restringidas, com suas leituras não podendo “corromper” a sua inocência.

O jornal *Novidades* (1887-1892), do Rio de Janeiro, foi o primeiro a anunciar os planos de reunião da produção poética de Rolim em livro, na edição de 24 de setembro de 1890:

> A ilustre poetisa Zalina Rolim cujas mimosas produções tem sido, uma por uma, florões da literatura brasileira, vai ter mais uma ocasião de verificar a grande estima em que é tida por quantos leem neste país.
> A gentilíssima escritora vai publicar um novo livro de versos que será prefaciado por Ezequiel Freire.

> Esperamo-lo ansiosamente e desde já com inteira confiança no seu êxito, apresentamos a s. ex. os nossos parabéns (*Novidades*, 24 set. 1890).

Enquanto providenciava a impressão do livro de estreia com a seleção de seus poemas, a autora continuou escrevendo e publicando sua produção na imprensa, enviando originais para as redações dos periódicos ou para conhecidos que contribuíam com tais veículos. A sua contribuição era vista com bons olhos pelos organizadores dos órgãos impressos, principalmente por meio da modéstia que a autora empreendia no encaminhar de seus registros, algo que pode ser interpretado dentro da esfera do fingimento retórico como procedimento de persuasão. Ela deixava claro que, na sua condição de escritora do interior, seu fazer literário poderia muito diferir-se do que era produzido por nomes mais famosos dos grandes centros urbanos. Tal fato foi confirmado na carta enviada à redação do *Novidades,* com trecho transcrito na edição 14 de outubro de 1890:

> Habituada ao viver agreste e um tanto selvagem das cidades do interior, a minha musa esquiva-se medrosa às agitações e rumores das grandes capitais, temendo talvez que os rústicos cantares vão produzir o efeito de uma nota dissonante no melodioso concerto de tantas vozes cultivadas [...] não deixarei de pedir, algumas vezes, para as minhas singelas produções, um pequenino espaço nas colunas do *Novidades* – iluminadas, diariamente, pelas irradiações fulgentes de tantos nomes laureados (*Novidades*, 14 out. 1890, p. 1).

A autora demonstrava reconhecer os grandes periódicos, ninhos de outros autores mais conhecidos e celebrados, como canais de propulsão para sua carreira nas letras, devendo recorrer com cortesia aos seus responsáveis, a fim de angariar a publicação. Para isso, ela empreendia bastante capricho na apresentação material dos escritos a serem enviados, como podemos perceber no comentário do escritor e jornalista Wenceslau de Queiroz (1863-1921)[19], redator-chefe do *Correio Paulistano*, a respeito do recebimento do soneto "Imutável" em crônica de janeiro de 1891, publicada no referido jornal:

> De resto, possuo aqui à mão um mimo, que me faz crer nas coisas boas deste mundo: é um soneto inédito, em primeira mão, que me enviou a distinta

[19] Wenceslau José de Oliveira Queiroz (1863-1921), natural de Jundiaí, no interior de São Paulo, foi um importante escritor, juiz, político, professor, jornalista e crítico literário entre os séculos XIX e XX. As composições de seu livro de estreia, *Goivos* (1883), valeram-lhe a alcunha de "Baudelaire Paulistano", dada pelo escritor Ezequiel Freire, em 1887. Integrou a redação de diversos periódicos, em que também escrevia apreciações de teatro. Integrou o corpo docente superior do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, do qual foi um dos criadores, exercendo o cargo de catedrático em dicção, literatura e estética. Foi um dos fundadores da Academia Paulista de Letras, onde ocupou a cadeira de número 9. Cf. Verbete da Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa200118/wenceslau-de-queiroz>. Acesso em: 25 set. 2019.

> poetisa brasileira, a exma. sra. d. Zalina Rolim. Os quatorze versos desse fulgentíssimo camafeu foram escritos, numa caligrafia delicada, sobre um velino de uma cor azulado, – um quadradinho de papel, todo cheio [de] encantos, trazendo em uma de suas extremidades um ramito de rosas silvestres (QUEIROZ, 1891b, p. 1).

O discurso indica que a escritora ainda conservava virtudes esperadas às jovens mulheres de sua época, demonstrando humildade e apreço pela aparência delicada de seus registros, ao mesmo tempo em que reflete sua possível preocupação com o acolhimento daqueles a quem enviava os frutos de sua produção. Um cuidadoso aspecto poderia influenciar a boa acolhida e, consequentemente, garantir a publicação, ocasionando também o comentário crítico. As autoras que conservavam redes de sociabilidades sabiam que não bastava conhecer e até conviver com outros intelectuais para terem divulgação. Além de muito lapidar os seus escritos, empenhavam-se em sustentar o interesse das instâncias de legitimação para, assim, conquistar a sua anuência (ELEUTÉRIO, 2005).

Em 23 de janeiro de 1891, o jornal *Imprensa Ituana* publicou um soneto do escritor e diplomata Carlos Magalhães de Azeredo (1872– 1963)[20] em homenagem a Zalina Rolim. Na ocasião, a folha indicava que aquela "joia literária", datada de 26 de dezembro de 1890, havia sido enviada à redação pelo próprio autor, a quem pedia desculpas pela demora de publicação. A mesma composição foi reproduzida na coluna "Croniqueta", de Wenceslau de Queiroz sob o pseudônimo Griff, na edição de 30 de janeiro de 1891 do *Correio Paulistano*.

> POETISA
> (À EXMA. SRA. D. ZALINA ROLIM)
>
> Longe de ti as cerrações sombrias,
> O tedioso vagar das longas horas,
> Porque dos sonhos no país tu moras,
> No país das aladas fantasias;
>
> Porque em teu coração há melodias,
> Voluptuosas canções de aves canoras,
> E da tua existência os flóreos dias
> Têm o frescor das perenais auroras.
>
> Que feliz deves tu ser, na doçura

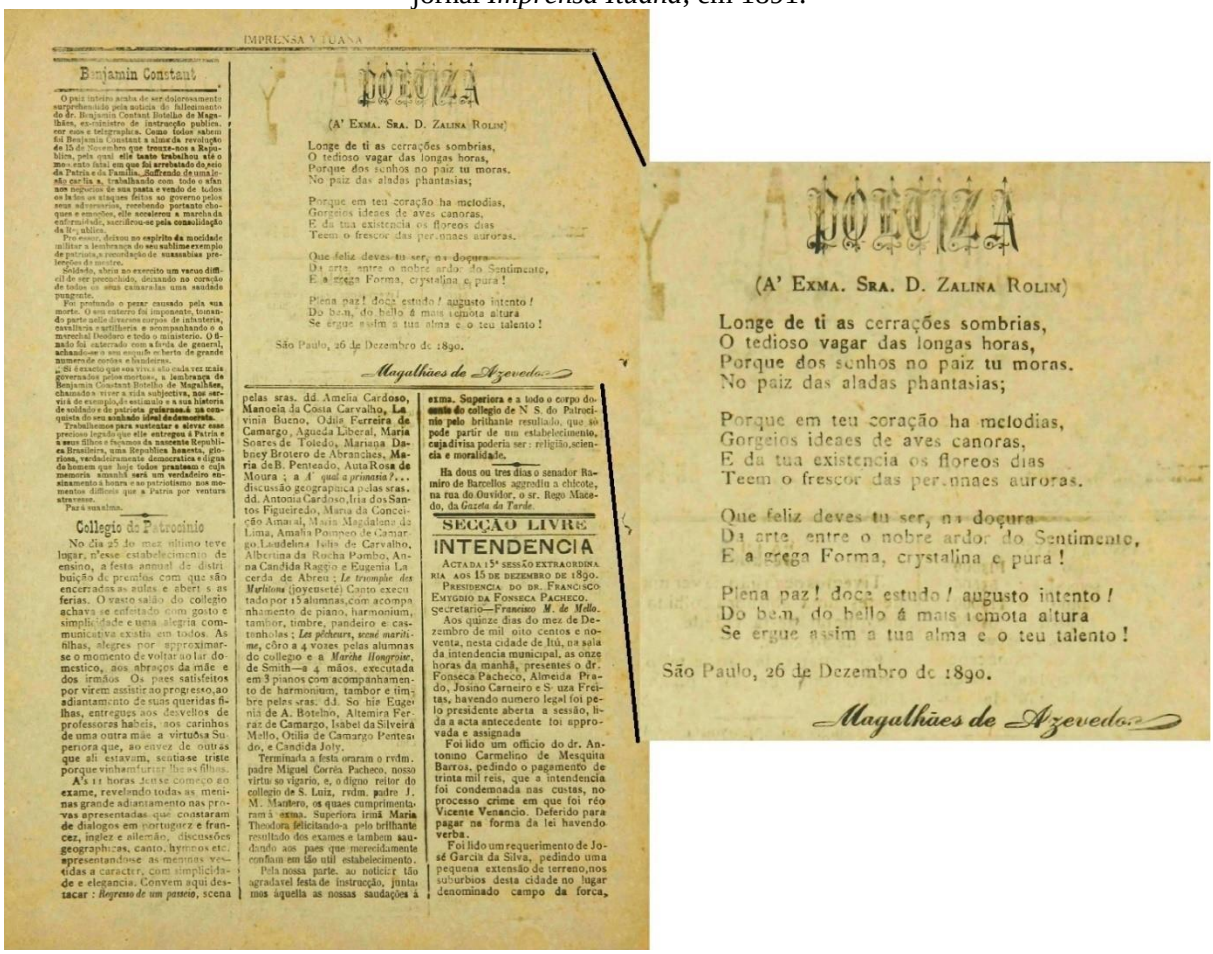
[20] Carlos Magalhães de Azeredo (1872-1963) foi um renomado advogado, jornalista, diplomata e escritor carioca. Sua obra literária relativamente profícua foi publicada no Brasil e em Portugal. Ele foi por muito tempo o representante brasileiro no Vaticano, com sua residência em Roma transformando-se em ponto de encontro de intelectuais em passagem pela Itália. Também foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, da Academia Internacional de Diplomacia e do Instituto de Coimbra, assim como integrou o quadro de fundadores da Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira de número 9. Cf. Perfil biográfico no portal da Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/carlos-magalhaes-de-azeredo/biografia>. Acesso em: 25 set. 2019.

Da arte, entre o nobre ardor do sentimento
E a grega forma, cristalina e pura!

Plena paz! doce estudo! augusto intento!
Do bem, do belo à mais remota altura
Se ergue assim a tua alma e o teu talento!
(*Imprensa Ituana*, 23 jan. 1891)

Os versos de Azeredo, autor que posteriormente viria a analisar a produção de Rolim para a imprensa, demonstravam o entusiasmo com o frescor que aquela nova escritora trazia em sua literatura, elogiando o talento que apresentava na união entre sentimento e forma.

Figura 6 – Poema de Carlos Magalhães de Azeredo em homenagem a Zalina Rolim publicado no jornal *Imprensa Ituana*, em 1891.



IMPRENSA ITUANA

Benjamin Constant

POESIA

(A' EXMA. SRA. D. ZALINA ROLIM)

Longe de ti as cerrações sombrias,
O tedioso vagar das longas horas,
Porque dos sonhos no paiz tu moras.
No paiz das aladas phantasias;

Porque em teu coração ha melodias,
Gorgeios ideaes de aves canoras,
E da tua existencia os floreos dias
Teem o frescor das perennaes auroras.

Que feliz deves tu ser, na doçura
Da arte, entre o nobre ardor do Sentimento,
E a grega Forma, crystalina e pura!

Plena paz! doce estudo! augusto intento!
Do bem, do bello á mais remota altura
Se ergue assim a tua alma e o teu talento!

São Paulo, 26 de Dezembro de 1890.

Magalhães de Azevedo

Collegio do Patrocinio

SECÇÃO LIVRE

INTENDENCIA

POESIA

(A' EXMA. SRA. D. ZALINA ROLIM)

Longe de ti as cerrações sombrias,
O tedioso vagar das longas horas,
Porque dos sonhos no paiz tu moras.
No paiz das aladas phantasias;

Porque em teu coração ha melodias,
Gorgeios ideaes de aves canoras,
E da tua existencia os floreos dias
Teem o frescor das perennaes auroras.

Que feliz deves tu ser, na doçura
Da arte, entre o nobre ardor do Sentimento,
E a grega Forma, crystalina e pura!

Plena paz! doce estudo! augusto intento!
Do bem, do bello á mais remota altura
Se ergue assim a tua alma e o teu talento!

São Paulo, 26 de Dezembro de 1890.

Magalhães de Azevedo

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Em outro momento, Queiroz, ainda sob o pseudônimo Griff, celebrou a produção da autora na edição de 4 de outubro de 1891 do *Correio Paulistano*, também afirmando que, a seu ver, ela era a "melhor poetisa brasileira", despertando admiração por cultivar a escrita com carinho de artista: "[...] nem por sombra está no rol de umas tantas poetisas ou escritores que

por ai amanham prosa e verso com notabilíssimo desprimor, em prejuízo da gramática, da metrificação, do bom senso, e dos leitores, se é que os possuem" (QUEIROZ, 1891a, p. 2).

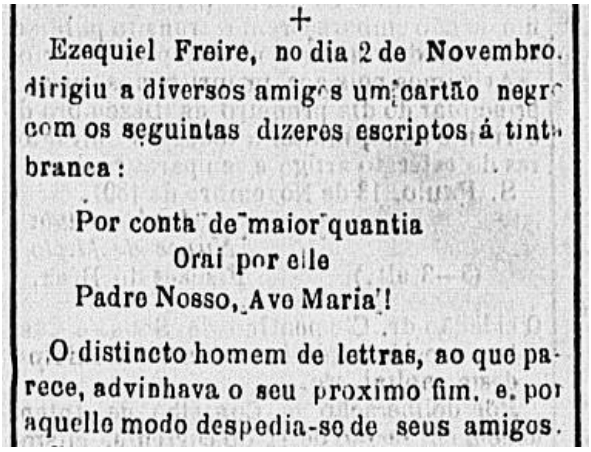
A coletânea em livro de Rolim teria uma apresentação de Ezequiel Freire, validando o talento da novata. Entretanto, por estar muito doente, ele não conseguiu atender ao pedido de sua pupila. Uma carta assinada pelo próprio, datada de 23 de outubro de 1891, acabou incluída na abertura do volume, obedecendo às solicitações de seu afeto e de sua saudade. Em tal missiva, ele referia-se aos poemas da jovem como imperfeitos, mas dotados de ternura, ressaltando sua concepção na esfera feminina:

> *Há tanto tempo não vemos a Arte tão pudica, sincera e casta!* Se me permite um símile que traduza a minha ideia, direi que *os seus versos parecem-me vestidos de musselines caseiras, aromatizados com aqueles peculiares e suaves perfumes das gavetas dos moveis íntimos*: – folhas secas de rosas e malvas e o doce eflúvio da raiz do vetiver. (FREIRE apud ROLIM, 1893, p. 8, *grifo nosso*).

O discurso do escritor também relacionava a produção da autora à candura e ao pudor esperado às moças solteiras de seu tempo, chegando a comparar os seus versos à suavidade do tecido perfumado com que eram feitos vestidos caseiros, algo bastante simbólico no tocante aos papeis de gênero. Novamente podemos perceber a restrição com que as mulheres eram tratadas: mesmo quando avaliadas por amigos ou conhecidos, sua produção permanecia subjugada, colocada em desvantagem. As qualidades com que Zalina Rolim é referida trazem a sua condição de mulher acima da atividade de escritora. A escolha de colocar a referida missiva como prefácio do livro de estreia parecia, para além de demonstrar o reconhecimento intelectual da escritora, também demarcar o seu lugar social, guiando a leitura daquele impresso "escrito por mulher". Entretanto, não há registro acerca de quem teria empreendido tal decisão, se a própria autora, seus familiares ou seus editores.

Ezequiel Freire viria a falecer em decorrência de uma tuberculose dias após redigir tal epístola, em 14 de novembro de 1891. Segundo nota publicada no jornal *Correio Paulistano* no dia seguinte ao acontecido, ele havia dirigido a diversos amigos um cartão com uma solicitação de oração ao que tudo indica em benefício de seu estado de saúde, ainda em 2 de novembro daquele ano. Tal atitude pareceu profetizar a proximidade de sua morte:

Figura 7 – Trecho de nota de falecimento de Ezequiel Freire no jornal *Correio Paulistano*, em 1891, informando sobre cartão que o escritor enviou aos amigos com pedido de oração.



+

Ezequiel Freire, no dia 2 de Novembro. dirigiu a diversos amigos um cartão negro com os seguintas dizeres escriptos á tinta branca:

Por conta de maior quantia
Orai por elle
Padre Nosso, Ave Maria!

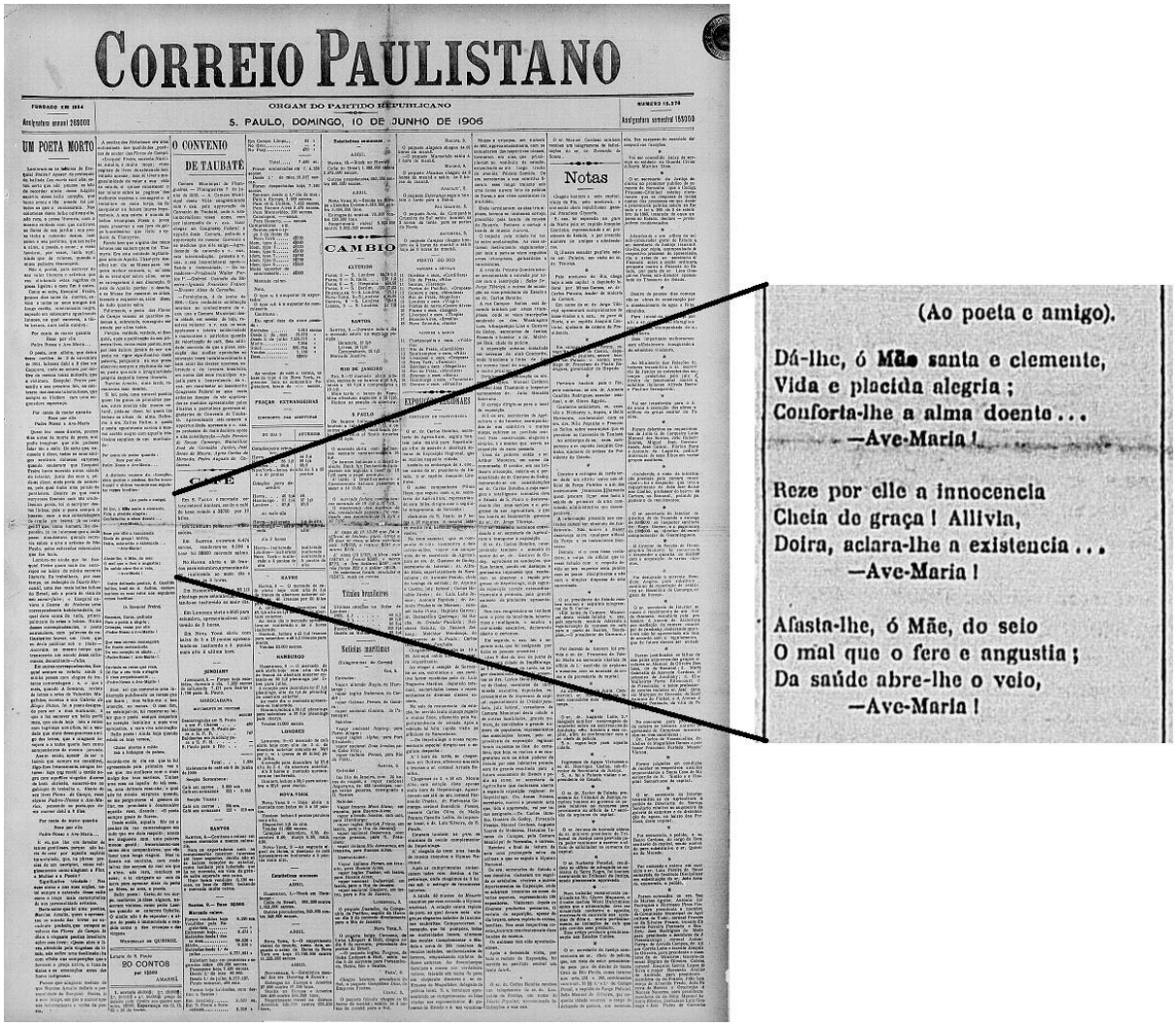
O distincto homem de lettras, ao que parece, advinhava o seu proximo fim, e por aquelle modo despedia-se de seus amigos.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

A resposta de Rolim ao pedido só viria a público anos depois, em homenagem de Wenceslau de Queiroz ao colega de redação. O artigo intitulado “Um poeta morto”, publicado em 10 de junho de 1906, no *Correio Paulistano*, deixava clara a importância de Zalina Rolim na vida de Freire: se Narcisa Amália havia guiado os primeiros passos do escritor na carreira de letras, a pupila “[...] foi quem lhe fechou os olhos da alma” (*Correio Paulistano*, 10 jun. 1906, p. 1).

O poema-resposta trazia uma prece em tom otimista, clamando pela melhoria do acamado, acompanhado de outra composição da irmã Candida Rolim, também em retorno à súplica. A publicação de tais escritos pareceu saudar a apresentação que Freire realizou da produção das duas escritoras anos atrás. É interessante notar que Zalina Rolim escolheu apenas a saudação à Virgem Maria para compor os seus versos (diferentemente da irmã, que respeitou de maneira integral a solicitação do amigo doente, também incluindo a oração do “Pai Nosso”), com a repetição do clamor lembrando a recitação do Santo Rosário vinculada à religião católica, denunciando aspectos da formação religiosa da autora.

Figura 8 – Poema de Zalina Rolim em resposta ao pedido de oração de Ezequiel Freire, em artigo de Wenceslau de Queiroz no *Correio Paulistano,* em 1906.



CORREIO PAULISTANO

ORGAM DO PARTIDO REPUBLICANO

S. PAULO, DOMINGO, 10 DE JUNHO DE 1906

UM POETA MORTO

O CONVENIO DE TAUBATÉ

CAMBIO

Notas

(Ao poeta e amigo).

Dá-lhe, ó Mãe santa e clemente,
Vida e placida alegria;
Conforta-lhe a alma doente...
—Ave-Maria!

Reze por elle a innocencia
Cheia do graça! Allivia,
Doira, aclara-lhe a existencia...
—Ave-Maria!

Afasta-lhe, ó Mãe, do seio
O mal que o fere e angustia;
Da saúde abre-lhe o veio,
—Ave-Maria!

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Um poeta morto

(Ao poeta e amigo).
Dá-lhe, ó Mãe santa e clemente,
Vida e plácida alegria;
Conforta-lhe a alma doente...
– Ave-Maria!

Reze por ele a inocência
Cheia de graça! Alivia,
Doira, aclara-lhe a existência...
– Ave-Maria!

Afasta-lhe, ó Mãe, do seio
O mal que o fere e angustia;
Da saúde abre-lhe o veio,
– Ave-Maria!

(*Correio Paulistano*, 10 de junho de 1906)

Após a perda do amigo, a escritora acabou recorrendo aos veículos impressos que ela costumava contribuir e privilegiar para divulgar a publicação de seu livro, também adiantando para suas redações alguns poemas que o compunham. Tal atitude parecia comum naquela época, como ressalta Muzart (2011):

> As escritoras do século XIX preocuparam-se com a divulgação de suas obras e muito lutaram igualmente para serem percebidas pelos críticos literários da época. Elas batalharam, escrevendo prefácios com pretensa humildade, convidando os críticos mais conhecidos para apresentarem seus livros e assim por diante... Porém, lutaram principalmente nos periódicos que editaram [...] (MUZART, 2011, p. 25).

Em 18 janeiro de 1893, sai na primeira página do *Correio Paulistano* uma crônica com o sugestivo título "A voo de pássaro", assinada por um articulista identificado apenas pelo pseudônimo Frivolino, que, no discorrer sobre diversos assuntos, confirma a entrega dos originais do livro de Zalina Rolim a uma tipografia. Ele também contava detalhes da publicação do volume, desejando sucesso ao seu lançamento.

> Refiro-me à d. Zalina Rolim, cujo livro de versos, inédito acaba de ser entregue aos srs. Hennies & Winiger, proprietários de uma excelente tipografia à rua Caixa d'Água n. 1C.
> O livro intitula-se "Coração" e está dividido em duas partes. Constará de 180 páginas e, por uma gentileza daqueles editores, muito louvável, trará o retrato da autora, aberto em madeira na Alemanha (*Correio Paulistano*, 18 jan. 1893. p. 1).

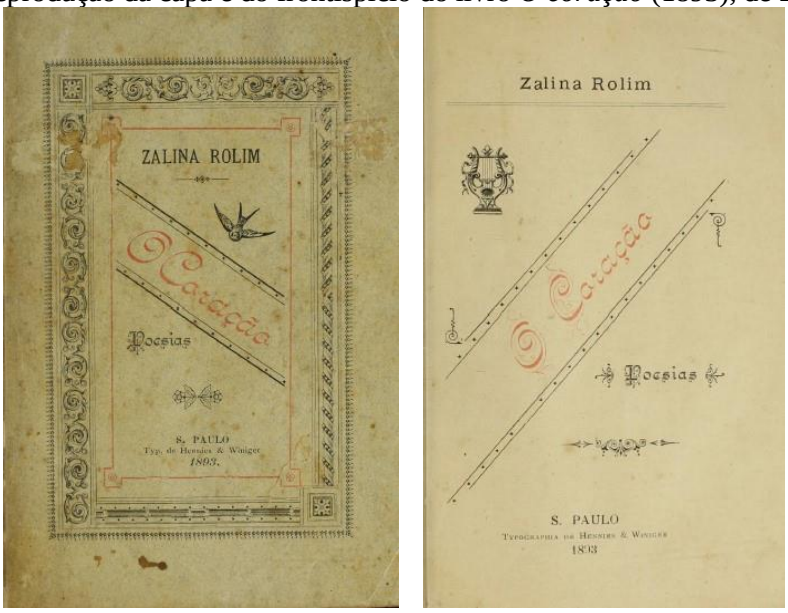
O esmero da edição apontava o prestígio da autora e a expectativa de que alcançasse voos mais altos no meio literário oitocentista. Ainda no *Correio*, o livro também foi anunciado na coluna "Carta de alfinetes", assinada por certo João Crespo, em 23 de novembro de 1893:

> Outra notícia que deve ser recebida com justa alegria pelos bons artistas desta terra é o próximo aparecimento do "Coração" de Zalina Rolim, uma poetisa que tanto tem de talentosa como de avara... de seus escritos.
> Desculpe-me a poetisa quanto a esta última observação – é um alfinetezinho que espeto como lembrança ao rico manto de sua musa fidalga (*Correio Paulistano*, 23 nov. 1893).

A referida seção distribuía alfinetadas de ironia aos principais acontecimentos noticiados na imprensa, não deixando de assinalar o preciosismo formal da futura publicação de Rolim. No final de 1893, a obra *O coração* foi lançado, contendo sessenta e oito composições, unindo versos conhecidos e inéditos na verdade em três seções: "Parte I", "Parte

II" e "Histórias a Sinhô". Editado na tipografia paulista Hennies & Winiger[21], o livro de estreia, em formato pequeno, medindo cerca de 16 cm X 11,7 cm, incluiu uma foto de Rolim reproduzida em xilogravura, figurando uma das páginas de abertura.

Figura 9 – Reprodução da capa e do frontispício do livro *O coração* (1893), de Zalina Rolim.



Fonte: Acervo digital da Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin.

A capa cartonada seguia o estilo tradicional de elegantes coletâneas poéticas daquele tempo, com uma moldura em arabesco cercando o título, a designação da autora e as informações dos editores, também apresentando, em detalhe, o pequeno desenho de uma pomba (provavelmente uma referência ao soneto "Pomba ferida") quase a pousar sobre o nome da compilação. O frontispício, por sua vez, apresentava a representação de uma harpa, símbolo da poesia lírica, substituindo o pássaro junto aos mencionados elementos da capa, agora livres de enquadramento. De acordo com Piza (2008, p. 33), o referido volume "[...] teve logo sua primeira e única edição esgotada, recebido que foi, carinhosamente pelos jornais de São Paulo e do Rio".

Figura 10 – Anúncio de *O coração* (1893) no jornal A Família, em edição de de 22 de março de 1894.

[21] Não foram registrados muitos dados acerca da tipografia Hennies & Winiger. A pesquisa "Tipografia Paulistana", realizada pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - FAU, da Universidade de São Paulo - USP, apenas traz a informação de que ela esteve em atividade entre 1893 e 1900, sendo localizada nos endereços Rua dos Italianos, 48 (em 1893) e Rua da Caixa d'Água, 1C (de 1893 a 1900), em São Paulo. Além do livro de Zalina Rolim, a referida tipografia imprimiu a primeira fase do periódico *A Escola Pública* (1895-1897), que mais tarde, em 1896, receberia a colaboração da autora.

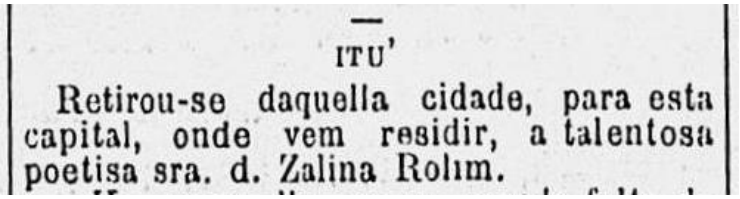


Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Antes da edição em livro, Rolim publicou em periódicos alguns poemas da seleção: "Imutável" (*Correio Paulistano*, 1891), "Gozo pungente" (*A Família*, 1890), "Saudade" (*Correio Paulistano*, 1891), "Dizem" (*A Província do Espírito Santo*, 1899), "Escuta, coração" (*Correio Paulistano*, 1892), "Amor" (*A Família*, 1891), "Confissão" (*A Província de São Paulo*, 1889), "Conselhos" (*A Família*, 1891), "Um coração" (*Correio Paulistano*, 1892), "Pomba ferida" (*A Família*, 1889), "Croquis" (*Correio Paulistano*, 1892), "Crente" (*Correio Paulistano*, 1890), "Voilá la mère" (*Correio Paulistano*, 1890), "O presbitério" (*A Família*, 1889), "Hora nostálgica" (*A Província de São Paulo*, 1887), "Adormecida" (A *Província de São Paulo*, 1888), "Pai" (*A Família*, 1889), "Ninho abandonado" (*A Família*, 1890), "Mãe" (*A Província de São Paulo*, 1888) e "Campestre" (*Correio Paulistano*, 1893).

Em 1893, antes do lançamento oficial do volume no final daquele ano, foram publicadas na imprensa mais algumas composições, desta vez acompanhadas de uma indicação de pertencimento ao referido livro: "A um coração delicado" (*Correio Paulistano*, 1893), "Alvorada" (*Correio Paulistano*, 1893), "A uma menina" (*Correio Paulistano*, 1893), "Ave-Maria" (*Correio Paulistano*, 1893) e "O caminho do céu" (*Correio Paulistano*, 1893). Tal produção será melhor comentada no próximo capítulo desta tese. Ainda naquele ano, Zalina Rolim se mudou com a família para a capital paulista, de onde não mais saiu. Seu pai havia alcançado o ponto mais alto da carreira, sendo nomeado Ministro do Tribunal de Justiça do Estado. Na ocasião, o jornal *Correio Paulistano*, na edição de 24 de outubro de 1893, noticiou a transferência da autora:

Figura 11 – Nota no jornal *Correio Paulistano* mencionando a mudança de Zalina Rolim para a capital paulista, em 1893.



ITU'

Retirou-se daquella cidade, para esta capital, onde vem residir, a talentosa poetisa sra. d. Zalina Rolim.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Em 5 de janeiro 1894, sai no jornal *O Estado de Minas* (1891-1897), na seção "Correspondências", assinada por B. Carneiro, uma carta datada de 26 de dezembro de 1893, em que o articulista noticiava ao público mineiro a publicação do livro de Rolim ao comentar sobre a relação da autora com Narcisa Amália, cuja terra natal ele havia visitado em recente viagem:

> Narcisa Amália e Zalina Rolim são, a meu ver, duas organizações predestinadas a erguer e reabilitar a mulher brasileira, cuja cultura intelectual, cujos dotes de inteligência são tão mal julgados. Não as conheço senão pelos versos impregnados de um perfume esquisito e delicioso que de ambas tenho lido. As *Nebulosas* de Narcisa Amália perpetuarão o seu nome e deixarão lugar de honra nas nossas letras. E Zalina Rolim sei que tem no prelo em São Paulo um volume a que deu o nome de *Coração*, e este título no frontispício de um livro feminino é o mais prometedor programa que se pode imaginar (CARNEIRO, 1894a, p. 1).

Ele parecia animado com o trabalho das escritoras, colocando-as como exemplos claros de que a mulher brasileira, diferente do que vinham julgando, tinha sim excelência intelectual, em versos de perfume "esquisito e delicioso", não só adocicado como muitos se referiam à produção feminina. Entretanto, ligava o título escolhido para a obra de estreia de Rolim como adequado a um "livro feminino", denunciando um olhar diferenciado à crítica de edições de autoria de mulheres. O mesmo articulista voltou a comentar a publicação em livro da escritora em outra carta da mesma coluna, datada de 23 de janeiro de 1894 e publicada em 25 de janeiro de 1894 n'*O Estado de Minas*:

> Leio há muito tempo os versos da gentil poetisa, esparsos em jornais literários e em gazetas de várias feições; *achei-lhes sempre um sabor delicado e feminil, como de fruto tenro, não sazonado embora, mas já bastante doce e gostoso. Coração* tem muitos desses versos, nos quais eu descubro um encanto particular, um perfume que não deleita, mas que agrada e contenta um certo sentir da minha alma. Parece que a poetisa e eu (que ela me perdoe esta blasfêmia de marmanjo!) somos irmãos e estamos identificados por uma mesma propensão de emoções e sentimentos (CARNEIRO, 1894b, p. 2, *grifo nosso*).

B. Carneiro afirmava que a escritora já era há muito conhecida do público leitor de periódicos, sobretudo pelos poemas publicados em folhas paulistas e fluminenses, muitos deles incluídos em sua coletânea em livro. Ele voltava a mencionar que os versos da estreante em livro detinham uma expressão única e um aroma diferenciado, que aparentemente não deleitava os leitores, mas demonstrava sinceridade, com o articulista mostrando uma dinâmica de comentário entre o elogio e a depreciação. Na cuidadosa escolha de palavras para referir-se às composições, as compara com um fruto saboroso, de fácil degustação, de "sabor delicado e feminil", mas que parecia não estar pronto para ser colhido e/ou comido, indicando que, a seu ver, a autora tinha imaturidade artística. Apesar disso, ousava assinalar a proximidade de "irmão" que sentia em relação à escritora, tamanha a identificação com suas emoções e seus sentimentos retratados no livro.

Foi ainda em 1894 que Zalina Rolim, em meio à efervescência cultural do centro urbano de São Paulo, começou a receber pareceres críticos de seus escritos. Fazendo uso de suas já consolidadas redes de sociabilidade intelectual dentro da elite letrada, a autora enviou exemplares de cortesia aos periódicos que acompanharam seu percurso literário, induzindo comentários de críticos e outros formadores de opinião, prática comum à época (PIZA, 2008). É o caso de Olavo Bilac que, no início do referido ano, acusou o recebimento daqueles "versos de mulher, enfeixados num volume, como num ramo de rosas" na seção "Crônica livre", do jornal carioca *Gazeta de Notícias* (1875-1942). Após a leitura integral da obra, ele comentou:

> *Coração* – é o título que escolheu para os seus versos Zalina Rolim, uma poestisa que só agora estreia definitivamente com um volume em que já se pode estudar o seu temperamento artístico, e sua feição literária. O título explica o livro, e o livro justifica o título. Zalina Rolim abriu em versos o seu próprio coração, neste livro puro, honestamente sentido, honestamente executado, feito para cantar o amor, a natureza, a família, extreme de desalentos, de pessimismos, de azedumes, com um perfume de alma boa, educada para a arte e para o bem, resignada diante dos sofrimentos, compassiva diante dos fracos, generosa e complacente diante dos maus (BILAC, 1894, p. 1).

O autor bem resume o conteúdo da compilação, expondo atributos elogiosos, como a tônica melancólica dos poemas dotados de grande sentimentalismo, justificando o título escolhido pela escritora. Também destaca que ela assume temáticas comuns às mulheres da época, como a família e o amor, além do seu caráter contemplativo, indicando que esta havia recebido uma boa educação artística ante o esperado ao feminino. A exortação mostrava-se ligada ao esperado de sua condição como escritora estreante em livro e jovem do interior.

> De par com isso, não há nos seus versos essa banalidade das poesias de família, nem essa imperfeição de estro titubeante e incolor que estamos habituados a encontrar em livros de moças. *Não é um livro vulgar de senhora inteligente, este*. É o livro de um poeta acabado, para quem a maneira difícil do estilo moderno já não tem segredos. *Aqui e ali, de quando em quando, sente-se a reminiscência deste ou daquele poeta, vagamente impressa em um ou outro verso*. Mas o conjunto é de uma originalidade cativante. *Um homem poderia ter dado a alguns dos sonetos da coleção um fogo mais vivo de inspiração, uma virilidade mais acentuada de pensamento, e, ao mesmo tempo, de sentimento. Mas só uma mulher poderia ter executado, com tanta graça afetuosa e simples o prodígio de redizer coisas antigas renovando-as*, dando-lhes tanta frescura e tanta mocidade, que a gente não se lembra de as ter jamais ouvido tão claras e tão verdadeiras (BILAC, 1894, p. 1, *grifos nossos*).

Retomando o que expomos no capítulo anterior sobre o teor das apreciações feitas por homens à produção de mulheres, Bilac expõe, na crítica ao livro de Rolim, uma postura paternalista em relação às escritoras do final do século XIX. Ao afirmar que o volume da escritora não era um exemplar "vulgar de senhora inteligente", ao mesmo tempo em que rebaixava a jovem autora, ressaltando a sua suposta inabilidade, ele atacava as suas companheiras mais ousadas, dando a entender que não faziam bom uso de seu intelecto.

Bilac aparentemente esperava que as escritoras apresentassem pureza e outras propriedades amenas em sua arte, algo que já vinha sendo subvertido pelas mais experientes, como Narcisa Amália, que àquela época vinha tematizando temas políticos e sociais em suas publicações na imprensa, mas que permanecia efetivo na produção das iniciantes à procura de reconhecimento. O autor enaltece a engenhosidade de Rolim, mas não deixa de apontar de forma pretenciosa que um poeta homem poderia oferecer melhor trato aos seus versos, trazendo-lhes maior inventividade ou uma melhor potência apenas possível na presença do viril. Ele inclusive menciona que, na sua percepção, algumas das composições de Rolim lembram, mesmo que vagamente, agentes da produção masculina. Por fim, volta a exaltar o primor da obra pela serenidade e graça literária que apenas uma moça poderia alcançar.

Arthur de Azevedo (1855-1908)[22] também comentou o volume impresso recebido de São Paulo no jornal fluminense *O País* (1884-1834), em 17 janeiro de 1894. O escritor ressaltou

[22] Arthur Nabantino Gonçalves de Azevedo (1855-1908), natural de São Luís, no Maranhão, foi um ilustre dramaturgo, escritor, jornalista, crítico teatral e literário do século XIX. Desde muito jovem, já publicava sátiras e obtinha êxito na autoria de comédias para o teatro. Em 1873, transferiu-se para a capital da Corte para trabalhar no Ministério da Agricultura. Lá, além de lecionar português no Colégio Pinheiro, iniciou a carreira na imprensa, fundando e colaborando com diversos periódicos literários. Defendeu a abolição da escravatura tanto em artigos de jornal como em obras dramáticas. Tendo encenado mais de cem peças no Brasil e em Portugal, envolveu-se na campanha para a construção do Teatro Municipal do Rio de Janeiro e, ao lado de seu irmão, o escritor Aluísio Azevedo (1857-1913), foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, na qual ocupou a cadeira de número 29. Cf. Perfil biográfico no portal da Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/artur-azevedo/biografia>. Acesso em: 25 set. 2019.

que sua apreciação não se tratava de um artigo de crítica nem de análise, mas um cumprimento de boas-vindas à produção de Rolim, afirmando esperar que todos os seus companheiros de imprensa também a saudassem, "[...] porque todos temos o dever de atirar um punhado de flores à passagem destas estrofes" (AZEVEDO A, 1894, p.1). Àquela altura, ela já contribuía para *O Álbum* (1893-1895), revista dirigida por ele, que, aproveitando a oportunidade, discorreu a respeito da aparência física da autora, a partir do retrato presente na abertura do livro, apontando que tinha uma "*beauté du diable*" que lembrava vagamente a fisionomia "petulante e inteligentíssima" da ilustre jornalista e escritora Corina Coaracy (1858-1892).

Figura 12 – Reprodução de gravura assinada por Krüger Gr. com retrato de Zalina Rolim presente no livro *O coração* (1893).



Fonte: Acervo digital da Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin.

Comentando a carta que serviu como prólogo à edição, ele apontou que a escritora seria "[...] eminentemente conservadora, ou, como se costuma a dizer, pertencente à velha escola", um contraponto à "[...] mocidade inteligente anda há tempos impressionada com as novas fórmulas de uma literatura exótica" (AZEVEDO A, 1894, p. 1). Diferente dos novos nomes da lírica brasileira daquele tempo, como Cruz e Souza (1861-1898), os versos de Zalina Rolim pareciam-lhe mais compreensíveis, acessíveis a toda a gente, como os de Olavo Bilac e Raimundo Correia. Assim, Arthur Azevedo parecia associar a poesia de Rolim ao parnasianismo, movimento literário que procurava recuperar os valores estéticos da antiguidade clássica e era caracterizado pela sacralidade da forma poética, pelo respeito às regras de versificação, pelo preciosismo rítmico-vocabular e apreço por estruturas fixas, como os sonetos. No cenário de letras daquela época, tal estética se oporia ao simbolismo, movimento de versificação livre fundamentado na subjetividade e no irracional, cujos integrantes se

demonstravam mais preocupados com os efeitos sinestésicos das composições do que com a sua forma.

Ainda em referência à missiva de Freire, o autor criticou a comparação dos poemas de Zalina Rolim com tecidos perfumados, indicando que teria certo nível de emancipação em relação ao esperado dever feminino: “Eu confesso que a leitura não me deixou essa impressão de guarda-roupa. A Musa de Zalina está perfeitamente emancipada das convenções domésticas” (AZEVEDO A, 1894, p. 1). Todavia, também reforçava a diferença que existiria entre as mulheres e os homens de letras, prevendo que talvez, no futuro, o fazer versos seria uma ocupação reservada exclusivamente ao feminino, visto que mais nenhum nome do “sexo barbado” conseguiria escrever poemas como os de Rolim. Mesmo assim, para ele, a moça cantava não apenas o amor casto e puro, mas do mesmo modo o impetuoso e apaixonado, lembrando aromas mais violentos que os da malva e do vetiver.

> E o amor, digamos, é a nota mais característica, mais sincera e vibrante desde surpreendente livrinho. Quando se queixa de quem “se esquiva ao seu ardente anseio”, Zalina encontra modulações à Petrarca, versos apaixonados, que entram no fundo do fundo da alma e revolvem as fibras mais íntimas do coração (AZEVEDO A, 1894, p. 1).

Estimando a criação artística de Rolim, Azevedo reconheceu em seus versos inflexões ligadas ao italiano Francisco Petrarca (1304-1374), poeta humanista considerado o precursor do gênero fixo soneto. Ele ressaltou o talento da jovem, apesar de assinalar o seu lugar social feminino e apontar que ela não apresentava perfeição de forma, por certa insistência de alguns vocábulos e colocações de pronomes “à brasileira”, problemas que, como vernaculista, não tolerava. O artigo de Azevedo sobre *O coração* (1893) foi celebrado pelo jornalista espanhol Francisco Cepeda, diretor da *Revista de Porto-Rico*, como mostrou uma carta que enviou ao amigo Wenceslau de Queiroz e que foi publicada em 28 de janeiro de 1894 no *Correio Paulistano*. A missiva, datada de 25 de janeiro de 1894, informava que ele, a partir da leitura da crítica publicada em *O País*, havia se encantado pela lírica da autora. Mesmo não tendo a honra de conhecê-la pessoalmente, nem o privilégio de ler o mencionado livro, ele decidira verter ao castelhano o poema “Hora nostálgica” em homenagem ao seu talento.

Figura 13 – Carta de Francisco Cepeda com versão para o castelhano do poema “Hora Nostálgica”, publicada no *Correio Paulistano*, em 1894.



CORREIO PAULISTANO

ORGAM REPUBLICANO

ANNO XL | BRAZIL—São Paulo—Domingo, 28 de Janeiro de 1894 | N. 11.175

ZALINA ROLIM

Do illustrado jornalista hespanhol sr. Francisco Cepeda, director da «Revista de Porto-Rico», recebemos a seguinte carta:

Sr. dr. Wencesláu de Queiroz.—Mi distinguido amigo: leí en «O Paiz» de Rio de Janeiro el saludo de bienvenida que Arthur Azevedo tributa á la señorita Zalina Rolim por su libro de poesias titulado «O Coração», y la esperanza que abrigan aquel inteligente literato de que todos sus compañeros en la prensa hagan lo mismo.

No tengo el honor de conocer á la inspirada poetisa, ni la fortuna de haber leido su libro; pero, á fin de hacer justo con lo que aplausos merece, y en nombre de la galanteria espanola, cumplo gustoso el deber que Azevedo indica de arrojar mi punado de flores á la aparicion de las estrofas de la gentil cantora paulistana, vertiendo al castellano su bonito soneto, reproducido en «O Paiz».

HORA NOST'ALGICA

Amaneciera un dia luminoso,
Do limpida y'suave trasparencia,
—Tranquilo como un sueño venturoso,
Alegre cual sonrisa de inocencia.

Del cielo azul, sereno y fulgurante,
Por cima el cafetal, florido, extenso,
Cala el sol, con brillo deslumbrante,
La plantacion dorando, hiriente, intenso...

Un viejo esclavo, trémulo y curvado,
Com pena alzando su mirar cansado,
Contempla lejos la empinada sierra,

Y los labios entreabriendo, vagamente
Murmura:—Quien me diera, Dios clemente,
Tornar á ver el cielo de mi tierra!

Hóla, pues, ahí; si usted creo que esa flor, mústia, como mia, merece ser agregada á las muy lozanas de los demas admiradores del genio, tendrá en ello una vivisima satisfaccion un atento compañero.

FRANCISCO CEPEDA.

S. Pablo, 25 de Enero de 1894.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Outro a comentar *O coração* (1893) foi Valentim Magalhães (1859-1903)[23], em crônica do dia 18 janeiro de 1894, na já mencionada revista *A semana*, o qual Rolim já havia colaborado. O jornalista e escritor destacou que a autora versificava "[...] com toda a arte e o mais apurado

[23] Antônio Valentim da Costa Magalhães (1859-1903) foi um relevante jornalista e escritor carioca do século XIX. Em 1877, foi estudar Direito na Faculdade do Largo de São Francisco, em São Paulo, onde começou a colaborar para diversos periódicos acadêmicos, também publicando seus primeiros livros. Voltando para o Rio, dedicou-se ao jornalismo, dirigindo o jornal *A Semana* (1885-1895), importante veículo literário da época que também se constituiu órgão de propaganda abolicionista e republicana. Mais conhecido pelo papel de divulgar e defender os demais escritores nacionais do que pela própria literatura que produzia, ficou célebre pelas polêmicas em que se envolveu, resultando em inúmeros ataques e desafetos. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, na qual ocupou a cadeira de número 7. Cf. Perfil biográfico no portal da Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/valentim-magalhaes/biografia>. Acesso em: 25 set. 2019.

gosto, sem a preocupação da rima rica, mas sem esquecimento das boas regras que a dominam" (MAGALHÃES, 1894, p. 2).

Ele concordava com a indicação de outros críticos de que haveria a presença de suavidade e doçura na singela publicação. Ademais, salientava que aquele "livro delicioso" renovava ideias velhas através da linguagem: "Zalina tem uma alma de poeta e possui, felicidade rara, a linguagem própria a servi-la. Dai o sentimento, – pouco variado, mas suave e sincero sempre, – que lhe anima as composições e a admirável força expressiva do vocabulário" (MAGALHÃES, 1894, p. 2).

Ainda na divulgação do livro, a *Gazeta de Notícias* publicou um extenso artigo crítico assinado pelo já mencionado escritor e diplomata Carlos Magalhães de Azeredo, dividido em duas partes, nas edições de 15 e 16 de março de 1894. Ele indicava que o referido volume surgia para suavizar uma época sombria e triste para o país, referindo-se às revoltas armadas que se levantavam contra o governo republicano, tema principal de todos os noticiários. Em sua perspectiva, em meio à degradação, ainda persistiria o respeito à mulher e o prestígio à arte, com a publicação evocando atenção.

> Aquelas estrofes – *que a mão fina de uma moça rendilhou tão gentilmente como bordaria arabescos de ouro em tela de seda* – aquelas estrofes, desabrochando na atmosfera doentia e tempestuosa da nossa idade, nas tristes circunstâncias em que nos achamos, assemelham-se bem a uma legião de brancas pombas esvoaçando confiadamente por sobre um campo de batalha (AZEREDO, 1894a, p. 2, *grifo nosso*).

Como ressaltado na citação, o autor apontava como maior qualidade da produção de Rolim o seu "temperamento feminino", com a delicadeza, a seu ver, revelando-se a cada verso escrito, como deveriam escrever todas as escritoras. Ele inclusive comparava a construção das estrofes da jovem à atividade de bordar, desvalorizando de forma injusta o seu trabalho com a palavra para ressaltar o seu lugar social de mulher. Os comentários aparentemente eram elaborados de maneira cuidadosa para ao mesmo tempo celebrar e balizar a produção da estreante em livro. Azeredo acabou tomando o exemplo da moça para refletir sobre a instrução das mulheres e o seu ingresso na carreira de letras, apontando o que pensava acerca da crescente participação do feminino na sociedade de então:

> Limitando a nossa apreciação à classe das escritoras, cumpre-nos confessar que muitas há de talento real, bem que a maioria se distinga por deplorável pobreza de ideias e de estilo. Compreende-se isto: com o aumento da instrução, com o progresso da imprensa, que obriga as pessoas menos intelectuais a ler diariamente alguma coisa, pondo-as em contato com o

> espirito do tempo, é natural que se despertem ambições literárias em quem quer que tenha, ou suponha ter, um pouco de vocação estética. Tal influencia vai estimular ao trabalho engenhos superiores, que se ignoravam a si próprios; mas, por outro lado, seduz com absurdas miragens mediocridades sempre dispostas a ter-se em mais do que são (AZEREDO, 1894a, p. 2).

O crítico, mesmo admitindo reconhecer o talento da autoria feminina, afirmava que muito de sua produção seria carente de conceito e feitio, muito por causa da expansão da imprensa e do gradativo acesso à leitura, que despertariam o desejo de escrita, assim como o sonho da profissão literária. Tal conjuntura do século XIX contribuiria para o ingresso, no mundo das letras, tanto de mulheres com inegável aptidão como daquelas de péssima elaboração: "[...] muita donzela ingênua, que estaria tão bem entretendo-se com a sua toalhinha de *crocket*, ou ajudando a mamãe a fazer doces, quer por força encher tiras de papel com a sua letrinha miúda, 'publicar trabalhos nas folhas'" (AZEREDO, 1894a, p. 2, *grifo do autor*). Esse discurso ilustra a prepotência que tomava os homens de letras entre o século XIX e XX no tocante às escritoras, que adentravam cada vez mais em seu domínio intelectual. Azeredo demonstrava julgá-las indevidamente, ligando-as à mediocridade de meras sonhadoras que deveriam voltar a focar em suas atividades domésticas, já que, na sua perspectiva limitada, a inclinação da escrita e, por consequência, o dotar de intelecto seriam atributos de poucas.

Às "damas de gênio excepcional", ele defendia o cultivo da inclinação artística e intelectual, indicando que nada justificava a prevenção que muitos ainda nutriam contra a formação cultural feminina. Todavia, demonstrava condenar a mulher que assumia o que seriam "características morais e intelectuais do homem", isto é, as que propunham a emancipação. Tal figura, chamada por ele de "mulher-homem", faria tudo para "adulterar o seu sexo", pretendendo assumir posições que o bom senso social a excluiria.

> Essas figuras grotescas, que trocam a saia pelas calças e a capotinha de rendas pela cartola, são, a meu ver, um dos atestados mais frisantes da aberração moral, em que se debate este fim de século; mulheres-eleitoras, mulheres-advogadas, mulheres-candidatas à deputação, mulheres-coronelas da guarda nacional... *proh pudor*! [...] Minhas senhoras, um pouco de juízo e de seriedade... (AZEREDO, 1894a, p. 2, *grifo do autor*).

O articulista reproduzia o raciocínio comum à maioria dos homens de sua época, estranhando e combatendo as transformações que a modernidade estaria trazendo às mulheres na conquista por novos direitos e espaços na sociedade. O fato de muitas quererem assumir cargos importantes de controle, participar de eleições e vestir trajes tidos como masculinos era encarado como horroroso insulto à ordem social estabelecida. Nesse sentido, as mulheres que

defendessem o autogoverno feminino, negando as funções impostas culturalmente, eram consideradas aberrações (nomeadas de “mulher-homem” por Azeredo) por tentarem assumir papeis de gênero que não lhe eram “naturais”, devendo ser perseguidas e combatidas. Tal visão concorda com a imposição de limites ao nutrir do conhecimento das mulheres apresentada no capítulo anterior: o saber feminino precisaria ser cerceado, para não tolher o cumprimento dos deveres de mãe, esposa e dona de casa.

O temor de que as mulheres ameaçassem deixar a dedicação ao espaço doméstico para trabalhar fora e seguir suas próprias vontades, sem tanta preocupação com o casamento e a maternidade, fazia-se claro nas resenhas de homens a obras de autoria de mulheres. Ao mesmo tempo em que os críticos as elogiavam e incentivavam o sucesso de sua criação (com ressalvas), tinham de frear a exaltação e demarcar o seu lugar na esfera literária: os frutos da pena deveriam ser encarados como uma ocupação recreativa, que não se sobressairia ao seu trabalho no lar.

> O seu lugar de honra é, sem dúvida, na tranquilidade da família, a que o seu coração rico de ternura e a sua habilidade provida de *ménagère* trazem o conforto e a alegria que tornam querido o lar. Mas há especialidades artísticas, em que a mulher pode distinguir-se, sem sair dele, tais são a música, a pintura, as letras (AZEREDO, 1894a, p. 2, *grifo do autor).*

O articulista demonstrava abertamente o seu pensamento restritivo acerca do trabalho intelectual feminino. Como conhecido e respeitado homem de letras, ele não poupou palavras ao afirmar o seu posicionamento conservador sobre a ascensão das escritoras. Entretanto, transpondo tal opinião à crítica de um livro de mulher, deixava transparecer, a contragosto, que a próspera autoria de mulheres era uma realidade da qual não estava conseguindo fugir. Tendo de considerar muitas autoras como pares em qualidade e publicação, parecia sentir a necessidade de assinalar, ao menos para as iniciantes, o lugar a que elas deveriam ater-se.

Na visão do referido crítico, Zalina Rolim apresentava índole meiga e austera, ligada às “santas doçuras da alma feminina” (AZEREDO, 1894a, p. 2). Ele a comparou a Júlia Lopes de Almeida, que exibiria, na prosa, além do brilho literário, um caráter nobre, belos sentimentos e compreensão dos deveres que a moral impunha. Ademais, apontava que a jovem teria, como marcas de individualidade artística, a sinceridade e a compreensão de si mesma, traduzindo em seus escritos os seus próprios sentimentos e não os alheios. Ainda segundo Azeredo (1894b, p. 2), não haveria espaço para pessimismo em sua produção: “[...] que base pode ter o pessimismo numa gentil moça, para quem o passado só tem doces recordações, o presente gozos plácidos, o futuro esplendidas promessas?”.

Todavia, o autor explicava que, mesmo reproduzindo harmonias sublimes, ela não ignorava os acidentes sombrios e cruéis da vida, concebendo-os e explicando-os como provações necessárias: “Até a Morte, tão contrária aos nossos preconceitos mais arraigados, aos nossos interesses mais caros, reveste-se assim de suavidades consoladoras [...]” (AZEREDO, 1894b, p. 2). Haveria um toque de melancolia em suas linhas, embora de maneira amena, muito por causa da constante nostalgia e da saudade de dias extintos.

Nas confidências de amor dos sonetos, no culto ao íntimo, em consonância com a avaliação em pauta, Zalina Rolim aproximava-se da religião. Isso evidenciava que a escritora seguia o ideal de pureza esperado ao modelo feminino. Para Magalhães de Azeredo, ela cantava o amor simples e honesto, que não ocultava os sorrisos nem o pranto, fundamento que possivelmente garantiria a sua consagração.

> Dá-nos por algumas horas o prazer de uma atmosfera oxigenada e luminosa, a que não estamos afeitos. A muitos artistas de gosto fino e educado proporcionará intenso gozo intelectual; mas a muitos corações que sofrem silenciosamente, corações femininos sobretudo, levará o consolo misteriosos que às vezes só um livro como este lhes pôde dar; e isso me parece que ainda será mais grato à sua jovem autora, do que um triunfo literário (AZEREDO, 1894b, p. 2).

Apesar de frisar que *O coração* (1893) alcançaria com mais efeito as leitoras, indevidamente limitando o público da publicação ao gênero o qual a autora pertencia, o escritor apontou que suas descrições poéticas, que pintam aspectos rústicos e cenas do interior, de um lirismo mais comunicativo, enterneceriam e entusiasmariam a todos que as lessem, tendo em vista a comoção que a escritora teve em mente produzir. Quanto ao estilo, ele sublinhava que as suas tendências são românticas, mas sem exageros, chegando a atingir “[...] a sóbria, nítida e caprichosa perfeição de parnasianismo” (AZEREDO, 1894b, p. 2).

Já no tocante à forma, o crítico observava que os versos trazem um talhe excelente, em muitos pontos perfeito, independentemente de tal apuro não se notar da primeira à última página. O seu maior defeito estaria no abuso da adjetivação, ainda que em alguns casos a distribuição de qualificativos seja bem feita e harmoniosa. Tais virtudes literárias o impressionavam, destacando a separação que fazia entre autoras de ascendência interiorana e as advindas dos grandes centros urbanos, evidenciando que subjugava as primeiras por aparentemente não terem condições espaciais de estímulo à imaginação e de cultivo da forma poética.

> Admira-me até como D. Zalina, tendo vivido sempre em pequenas cidades de província, num meio hostil às criações da fantasia, longe dos grandes centros, em que a atividade de todas as classes é um estimulo a qualquer espécie de trabalho, pode adquirir hábitos tão laboriosos, desenvolver a imaginação, e assimilar, por um esforço unicamente intuitivo, as qualidades mais salientes da poética moderna (AZEREDO, 1894b, p. 2).

Na surpresa de perceber propriedades estéticas em uma autora criada em ambiente rural, ele celebrava o que seria o seu "esforço unicamente intuitivo", aparentemente tentando justificar a qualidade de seu trabalho e o seu conhecimento das tendências literárias modernas com a noção de dom ou aptidão inata em relação ao trabalho com a palavra. Além de diminuir de forma injusta o que todas as escritoras produziam, o autor ainda muito grosseiramente subestimava a capacidade daquelas advindas de regiões provençais.

O articulista concluiu a sua análise presunçosa reprovando a gravura em madeira com o retrato da autora presente na coletânea, afirmando que teve a honra de conhecê-la pessoalmente[24] e que, pela memória, a efígie traia às suas feições. Ele tomou a liberdade de aconselhar que, se fizer nova edição, fosse retirada dela a infiel imagem ou que esta fosse substituída por uma fototipia ou uma água forte, "[...] onde se ache, viva e real, a cópia de seu rosto" (AZEREDO, 1894b, p. 2). A declaração registra que, mesmo preparada com alinho, a edição em livro da obra de Rolim não acompanhou a evolução das técnicas de impressão e reprodução de imagens, que já se encontravam avançadas no país e deixavam a xilogravura ultrapassada.

Quem também mencionou rapidamente o volume de estreia da jovem em sua coluna "A semana", na *Gazeta de Notícias,* foi Machado de Assis. Na crônica de 4 de novembro de 1894, ele avaliou que Zalina Rolim, ao lado de Júlia Cortines, seria "[...] outra poetisa de verdade, que sabe rimar os seus sentimentos *com arte fina, delicada e pura*" (ASSIS, 1894, p. 1, *grifo nosso*). A produção da escritora, para ele, além de terna, apresentaria "espaços tristes", ainda que menos amargos que o da outra autora mencionada. A citação e o elogio de tal importante autor evidenciava que Rolim de apreço. Entretanto, o curto comentário, sem qualquer análise, trazendo adjetivos amenos, ligados ao ideal feminino de escrita, revelava uma postura ainda paternalista do autor em relação às escritoras.

A extensa gama de comentários feitos por autores e críticos ilustres sobre a obra da autora apontava a genuinidade de seu talento literário, bem como refletia o seu crescente prestígio social, ocasionado principalmente por sua constante publicação em veículos da

[24] Leite (1963, p. 130) informa que Zalina Rolim teria chegado a palestrar, assim como teria feito com Ezequiel Freire, ao lado de Magalhães de Azeredo, "[...] cuja mãe a poetisa conheceu e com quem conversou".

imprensa. Entretanto, é notável a tônica condescendente (PAIXÃO, 1991) com que os homens tratavam a escrita de Zalina Rolim, algo que não se faz presente na apreciação de sua obra realizada por outras mulheres. É o caso de Adelina Lopes Vieira[25] que, também na *Gazeta*, foi mais expressiva em seus comentários a respeito do lançamento em livro de sua conhecida.

Demonstrando grande admiração por Rolim, a escritora assinou um artigo publicado em 25 de janeiro de 1894, no referido periódico, contando que já havia tido a oportunidade de ouvir, em alguma ocasião não detalhada, quase todos os poemas de *O coração* (1893) recitados pela própria autora, a quem acreditava que só tinha a crescer na carreira: "Zalina Rolim, se persistir no estudo e no trabalho e conviver com espíritos cultos, o que poderá facilmente fazer hoje, que estabeleceu residência na capital do Estado em que nasceu, há de ser um dos primeiros poetas do Brasil" (VIEIRA, 1894, p. 1). A articulista evidencia que aquela moça, de vivência interiorana e família ilustrada (fatores que contribuíram poderosamente para sua inspiração), poderia florescer ainda mais o seu talento com a perseverança no cultivo à erudição e o contato constante com outros intelectuais. Tal conjuntura era melhor propiciada nos grandes centros urbanos, ocasionando, ainda que sob grande preconceito, o refinamento e o pleno desenvolvimento da atividade literária das mulheres.

Assim como o fez Azeredo (1894a; 1894b), a escritora assinalava que o livro de Rolim teria defeitos de forma e inspiração linguística, mas que não tirariam sua aura de afago em um momento marcado por conflitos armados, levando em consideração o limitado léxico da escritora e o ambiente rústico em que produzia os seus versos.

> Se *O Coração*, o livro encantador que nos veio visitar e consolar neste longo e martirizante horror de uma guerra entre irmãos, se não ressentisse do meio em que foi escrito, na má colocação dos pronomes (brasileirismo peculiar, principalmente ao Estado de São Paulo), se não tivesse talvez excesso de adjetivos, aqui ou ali, e repetição de algumas rimas, o que é motivado por não ser ainda bastante rico o vocabulário de que dispõe a poetisa, seria um livro preciosíssimo, porque além de bem feito, é singelo e sentido, duas qualidades raríssimas hoje, em que os poetas *modernos* timbram em mostrar-se

[25] Adelina Amélia Lopes Vieira (1850-1923) foi uma importante escritora, dramaturga e educadora entre fins do século XIX e início do século XX. Formada pela Escola Normal no Rio de Janeiro, por volta de 1870, atuou por muitos anos como professora da rede pública. Em 1886, já tendo publicado alguns livros, mudou-se para Portugal e lançou, em coautoria com a irmã Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), o livro de leitura *Contos infantis*, que obteve grande êxito nas escolas brasileiras. Além disso, passou a colaborar com diversos periódicos brasileiros e portugueses. A partir de 1907, engajou-se na educação infantil, participando dos planos de criação do primeiro Jardim da Infância na capital fluminense. No mesmo período, passou a escrever e traduzir peças teatrais. Nos últimos anos de vida, foi ativista em prol da proteção da infância, ajudando a angariar fundos para a construção de creches e abrigos para menores abandonados. Cf. Coelho (2002) e perfil biográfico no portal da Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/periodicos-literatura/personagens-periodicos-literatura/adelina-lopes-vieira/>. Acesso em: 25 set. 2019.

> neuropatas, originais, incompreensíveis, para todos aqueles que têm, como se costuma dizer, o juízo no seu lugar (VIEIRA, 1894, p. 1, *grifo da autora*).

Adelina Lopes Vieira defendia o caráter mais tradicional com que a escritora compunha a sua produção poética, denunciando que não gostava dos registros de outros novatos, em que não haveria [...] nexo, nem gramatica, nem possibilidade de sentimento, nem ideia compreensível, mas saltos, acrobacia, jogos malabares, com imagens exóticas e disparatadas [...] (VIEIRA, 1894, p. 1). Zalina Rolim, a seu ver, expressaria mais claramente as suas ideias e os seus sentimentos, trazendo nos versos uma alma mais compreensível aos seus leitores. Entretanto, Vieira manifestava enfocar apenas o público feminino ao referir-se à apreciação do volume, visto que o artigo, mesmo publicado na *Gazeta de Notícias*, um jornal de interesse geral, mostrava-se destinado a mulheres: a articulista indicava que suas "leitoras inteligentes e sensíveis" iriam ler, reler e decorar aqueles admiráveis versos. É como se a autora precisasse, de alguma maneira, manter-se ligada apenas ao seu nicho, sem ousar dirigir suas linhas ao leitor geral ou, por outro lado, admitir que o seu público cativo seria de fato composto em maioria por outras mulheres, valorizando sua atenção ao se voltar diretamente a elas.

Wenceslau de Queiroz também voltou a comentar a escrita de Zalina Rolim na ocasião do lançamento de sua reunião em livro, oferecendo-lhe uma considerável análise por meio de um artigo especial no *Correio Paulistano*, na edição de 9 de janeiro de 1894, que contou com a reprodução, na primeira página, do retrato em gravura da escritora presente na coletânea. O referido crítico também ressaltava que as pulsações sentimentais da jovem contrastavam com o som de artilharia que se ouvia naquele tempo, destacando-se no meio do pessimismo advindo dos problemas sociais em que se encontrava a poesia brasileira, especialmente a escravidão e a desilusão política: "[...] não se lhe ouve um grito de revolta, um estertor de agonia, um brado de vitória; o amor, a ternura e a crença são as cordas de sua lira" (QUEIROZ, 1894, p. 1).

Afirmando ter a produção de Rolim um valor artístico incontestável, o autor mencionava o seu apreço pelo toque de melancolia dos versos, além da pureza que emanavam, sempre ligados ao universo da família e à descrição das paisagens rurais. O grande ponto da fala do articulista, entretanto, estava no estudo das possíveis influências daquele trabalho:

> Após uma leitura atenta do livro de Zalina Rolim, nota-se que três dos seus principais mestres na arte do verso foram Luiz Guimarães Junior, Gonçalves Crespo e Ezequiel Freire. A filiação espiritual da distinta poetisa paulista é essa, e para nós não é de somenos importância, porquanto vem ela atenuar os defeitos que se descobrem na sua "maneira", que, por ser composta daqueles fatores literários, não deixa contudo de trazer o esboço de uma nota característica original (QUEIROZ, 1894, p. 1).

Para além da intervenção do amigo Ezequiel Freire, a escrita de Rolim parecia, ao olhar do crítico, trazer delineamentos presentes em obras do jurista e poeta naturalizado português António Cândido Gonçalves Crespo (1846-1883) e do diplomata e escritor Luís Guimarães Júnior (1845-1898), ambos de orientação parnasiana.

Figura 14 – Artigo especial sobre o livro *O coração* (1893), trazendo retrato de Zalina Rolim na primeira página do jornal *Correio Paulistano*.



CORREIO PAULISTANO

ORGAM REPUBLICANO

Assignaturas para a capital — Anno 60$000 — Semestre 32$000 — PAGAMENTO ADIANTADO — REDACÇÃO RUA 15 DE NOVEMBRO, 51 — Numero do dia 100 rs.

Assignaturas para o interior — Anno 20$000 — Semestre 10$000 — PAGAMENTO ADIANTADO — ADMINISTRAÇÃO RUA 15 DE NOVEMBRO, 51 — Numero atrasado 200 rs.

ANNO XL | BRAZIL—São Paulo—Terça-feira, 9 de Janeiro de 1894 | N. 11.159

A NOVA YORK (NEW-YORK LIFE INSURANCE CNY (SOCIEDADE DE VIDA) ... FERNAND DREYFUS, gerente.

MIMO AOS SRS. ASSIGNANTES

A's pessoas que tomarem uma assignatura annual do CORREIO PAULISTANO, ou renovarem pelo mesmo preço a que está presentemente a findar, e pagarem adiantada a importancia respectiva, offereceremos uma vistosa folhinha de desfolhar collocada sobre mimoso e delicado chromo.

Projectando adoptar em nossa folha alguns melhoramentos que hão de tornal-a mais attrahente e interessante, contamos, para fazer face de novas despezas, com o apoio de nossos correligionarios politicos e com o favor sempre crescente do publico paulista, em geral.

CORREIO PAULISTANO

VIAÇÃO URBANA

Dissemos que é mallhar em ferro frio pedir á Companhia Viação Paulista o augmento de carros para qualquer linha; e a razão peremptoria é que a mencionada companhia não tem o numero necessario de carros para o serviço regular de todas as suas linhas.

Chamamos para esse facto, que é de graves consequencias, a attenção do honrado cidadão que exerce com tanto zelo e intelligencia o espinhoso cargo de intendente municipal.

O desempenho de um serviço publico, embora a cargo de uma empreza particular, mas favorecida com prerogativas e favores administrativos, deve acompanhar os progressos do meio social a que se destina, deve se desenvolver em proporção com o desenvolvimento da população; alias deixará de corresponder ás vistas do poder publico que tenha feito a concessão respectiva derogatoria do Direito commum: ao envez de importar um melhoramento, um beneficio para o povo, ao contrario, será um empecilho a seu desenvolvimento. Será um obstaculo á concurrencia, a eliminação de um factor de progresso, sem sufficiente compensação para a sociedade.

A Companhia Viação Paulista tem, pois virtualmente, a obrigação de augmentar o numero de seus carros de modo a satisfazer as necessidades actuaes do serviço a seu cargo, a corresponder á procura do publico. Se não tiver meios de fazel-o, não poderá pretender á manutenção do existente viamos do concurso; pois em tal hypothese seu privilegio teria, não o alcance de proporcionar ao publico um serviço regular de transportes urbanos, mas o de impedir que outras empresas possam prover a cidade com esses meios commodos e baratos de locomoção.

Consta-nos que, recentemente ainda, foi solicitada da camara municipal uma concessão para o estabelecimento de linhas de omnibus e tenta cidade, á semelhança das que existem em Paris e outras cidades e em condições muito inferiores, no nossa capital federal.

Entenderam os representantes municipaes que não convinha a solicitada concessão, ou, ao menos, não convinha fazel-o, nos termos em que a desejavam os impetrantes.

Acreditamos que o illustre conselho municipal procederá acertadamente, autorisando as os pretendentes solicitavam concessões derogatorias do direito commum, restrictivas da liberdade alheia de industria e de commercio.

ITARARÉ

Damos hoje insercção á segunda correspondencia que nos é enviada desse logar e, suppomos, interessar, como a primeira, aos nossos leitores:

ITARARÉ 30 DE DEZEMBRO DE 1893.

Vamos por aqui em uma actividade industriosa de nova vida.

Não ha mal que não tenha a sua compensação.

A verdade desta conselho nós por aqui vamos sentindo.

A revolta, essa desgraça nacional, provocada pela explosão de sentimentos os mais condemnaveis, chamou a attenção para o sul do Estado, antes tão descurado e desprezado dos poderes publicos.

E' assim que se trata de melhorar as nossas vias de communicação e transportes; estabelecer-se nos pontos principaes da nossa fronteira centros de resistencia, e esse movimento vai impulsionando a todos e imprimindo o amor ao trabalho.

As forças estacionadas na linha do Itararé debaixo das ordens do honrado coronel Ferraz, marcharam hontem, reforçadas por um pelotão de sapadores e uma divisão de artilheria, em rumo do Paraná.

Estas forças, em boa hora confiadas ao commando do provecto militar coronel Adriano Pimentel, vão operar no norte de Santa Catharina, segundo nos informam.

E' uma valente columna de paulistas, disputem todos a dar a ultima gotta de sangue pela salvação da Republica.

Pazia gosto vel-os marchar, no dia da partida, alegres e satisfeitos na comprehensão perfeita da sagrada missão que os leva fóra das raias do Estado.

O coronel Ferraz tem os distinctos officiaes do seu estado-maior, major Nascimento Pinto, capitão Osorio e alferes José Augusto acompanharam as forças que vão uma legua além da ponta sobre o rio Itararé, onde se separaram dos seus valorosos camaradas: a despedida foi um acto tocante e muito edificante.

Nos semblantes lustados destes valentes lia-se a lucta dos sentimentos que dominavam naquelle momento em todos os corações: a saudade produzida pela separação, e o enthusiasmo pelas glorias das futuras jornadas.

E' assim que por entre as lagrimas da separação echoavam nos valles do Itararé as acclamações, os vivas enthusiasticos aos coronels Pimentel e Ferraz, major Pinto, ao Estado de S. Paulo, á Republica e ao unanchal Floriano Peixoto.

Na vespera do dia designado para a partida, formou em revista em ordem de marcha todo a troça, aqui estacionada, sob o commando geral do distincto coronel Olympio Ferraz. A' formatura, seguiu-se o exercicio (que se reproduz diariamente) das forças de infanteria, dirigido pelo intelligente e prestimoso ajudante, major Nascimento Pinto, do 1.º batalhão da força do corpo policial do Estado.

D. ZALINA ROLIM.

Os srs. Wenger & Comp., estimados editores do formoso livro de versos «Coração», de D. Zalina Rolim, tiveram a gentileza de nos ceder o clichê e do retrato desta distincta poetisa, o qual foi já estampado no mesmo livro, para que com elle brindemos hoje aos nossos leitores.

A talentosa litterata paulista é filha do provecto magistrado dr. José Rolim de Oliveira Ayres, illustre ministro do Tribunal de Justiça deste Estado, e de d. Maria Candida do Amaral Rolim. Nasceu em Botucatú em 1869.

Estampando hoje nesta folha o retrato da illustre poetisa paulista, julgamos prestar o nosso quinhão de sincera homenagem ao seu brilhante talento artistico.

Sobre o «Coração» começamos hoje a publicar um estudo critico, que nos foi offerecido pelo seu illustre autor, o nosso amigo Ezequiel Freire.

ZALINA ROLIM

CORAÇÃO

Poesias, de Zalina Rolim—S. Paulo—Typ. de Hennies & Winiger—1893

O anno novo, sob o ponto de vista litterario, não póde ser mais promissor nem mais auspicioso: Zalina Rolim inaugura-se de abril-o, dando-nos a ler as paginas virgens do seu «Coração».

O momento de lutas, que atravessamos, não é azado para a apparição de um livro de versos, digamol-o com franqueza: a vós do clarim não se casa com a da lyra, o plectro embaraça o manejo das armas. Marte não se dá com Appollo: as delicadas pulsações lyricas de um soneto de poesia não se ouvem com os trons da artilharia.

Sem embargo, tranquillamos a nossa penna—esta arma que, na phrase de Victor Hugo, é leve como o vento mas poderosa como o raio, e por instantes prestemos attenção ao dulcissimo psalmo do «Coração», de Zalina Rolim, como que ragando para o nosso espirito uma janella de azul nesse muralha negra feita de fumo e ferro, que se nos antolha nos horizontes da patria, impedindo a livre entrada das claridades triumphaes da paz, do enrolla com o tropeo sonoral das fanfarras victoriosas da liberdade.

Demais, ouvere esta circumstancia: o livro de versos, que temos presente, é o primeiro que se publica no Estado de S. Paulo, devido á penna de uma illustre poetisa, que é uma de suas mais dilectas filhas.

Assim, não é justo que façamos silencio em torno de uma producção litteraria como esta, que, além de ter um valor artistico inconstestavel, tem para nós o de ser de uma escriptora genuinamente paulista, pois suibam os leitores que a autora do «Coração» abriu os olhos pela primeira vez á luz do dia em... Botucatú.

Mentindo sempre

Apertado em um circulo de ferro, apoiado em fragueis elasticidade relativamente á falta d'agua e reclamações, tem sciencia o superintendente de obras publicas, o governo e a imprensa sympathica ao governo e que elle denomina official, o «Commercio de S. Paulo», vendo-se desmascarado, sentindo-se ravasso e impotente, agarra-se agora a frioleiras, a nocadas, como o afogado que nas vascas da agonia lança mão do palhinha que o vento arremessa sobre a onda onde se debate.

E, então, querendo desnortear o leitor, procurando fraternal-o do assumpto principal, que nos tem obrigado a escalpal-o como quem escalpela um cadaver, vem agora fingir-se de ingenua e perguntar disfarçado e disfarçadamente—o que tem o governo com esta questão da agua !...

Isto pergunta esse zorrilha da nossa imprensa diaria, para fazer crer que alle nunca se referiu ao governo, que nunca o quiz ferir nas accusações que faz quando inventara reclamações que não teve sobre a falta d'agua e quando diria que o governo «mandasse apregoar» medicamentos para impremsa official e amiga que fornaceria agua á população de S. Paulo antes de findar o anno de 1893.

E não ora o bagaby manhoso quando pergunta agora: «O que tem o governo com esta questão da agua ?»

O tal orgam que se diz nosso recorta mais uma vez consciente ou inconscientemente a sua falsidade, e como unico argumento de defesa para encobrir a sua falta de probidade jornalistica vem agora com uma nova invenção torpe, dizendo que se emanam em prazo para o novo estabelecimento chegar ao reservatorio da Consolação.»

Si o «Commercio» não quer passar por um vulgar mystificador, queira indicar o documento em que tal promessa fizemos.

E é preciso que a fuga para que os ponha em sinão lhe vedam consideração não lh'a retirem de todo.

Quanto á maioria, quanto ao publico sensato que nos lê e que tem acompanhado o «Commercio» em todas as suas cabriolas, esse não precisa da exhibição desse documento, porque tem de ante-mão a certeza [illegible] não existe, que semelhante prazo nunca foi marcado, porque sabe perfeitamente que a nossa promessa que o governo e a superintendencia [illegible] obras publicas fizerem e nós transmittimos ao publico foi a de abastecer a cidade com a agua do novo encanamento, antes de findo o anno de 1893. Portanto directamente pela rede de distribuição e não levando-a ao reservatorio da «Consolação», o que não podia fazer, porque não tinha ainda a canalisação precisa para tal obra.

E' isto o que o publico sabe e foi isto o que se prometteu ao publico.

O «Commercio», porém, inventa agora que se marcou prazo para a agua do novo encanamento chegar ao reservatorio da Consolação e...

CAIU onde irá o arrojo desse embusteiro jubilado ?

Pois bem: fiquemos aguardando a exhibição do documento onde tal promessa fizemos, e si o «Commercio» não o apresentar ficará tido para nós e para o publico por um... o publico lhe dará a qualificativo.

Venha o documento.

GRANDE INCENDIO

DOIS PREDIOS DESTRUIDOS

INFORMAÇÕES E PORMENORES

Sabbado ultimo, ás 8 1/2 horas mais ou menos da noite, manifestou-se violentissimo incendio no predio n. 16 C da rua Do-

O incendio projectava um enorme clarão e despedia grande quantidade de faisca e brasa.

O nosso bravo corpo de bombeiros recebeu o aviso quasi ás 9 horas, e compareceu com rapidez ao logar do sinistro, com o material necessario á extincção, composto de tres machinas á vapor, carro de transporte e mangueiras e todo o pessoal de promptidão.

O povo que se achava nas proximidades dos predios, victimas do fogo, recebeu com uma salva de palmas o destemido corpo de bombeiros, merecedores sem duvida das applausos que sempre se lhes dão.

Os bombeiros começaram o serviço, estendendo mangueiras e preparando tudo o mais para atacar o fogo; e empregaram esse tempo em rebentar o predio fronteiro, que ameaçava arder.

Desde a hóra da chegada trabalharam heroicamente os bravos soldados, até ás 3 horas da madrugada, quando conseguiram extinguir o fogo, já muito branda desde ás 10 horas da noite, o que demonstra a actividade e a consequencia dos esforços daquelles cidadãos.

Ficaram completamente destruidos os predios de ns. 16 B e 16 C, do alto a Loja da Fama, propriedade do sr. Francisco J. Ribeiro, e a Casa Allemã, dos srs. D. & A. Heydenreich.

Estes dous estabelecimentos foram completamente consumidos.

Contaram-nos que a primeira casa estava segura em cento e cincoenta contos, e tinha em deposito um sortimento no valor de duzentos contos. A Loja Allemã, segundo ouvimos dizer, tinha apenas o que um terço do sortimento em deposito.

Queimou-se toda a mobilia do Club dos Fenianos, inclusive pianos e billares. O club estava seguro em quinze contos de réis.

Compareceram ao local do incendio os srs. Theodoro de Carvalho, chefe de policia, Coelho Barreto, 1º delegado, e os srs. major Octaviano, 2º delegado, Thomaz de Araujo, 3º, e o alto official da guarda nacional e policia, escrevo-o 4.000 pessoas, mais ou menos, se agglomeravam nas immediações dos predios incendiados.

Auxiliaram o serviço de extincção: praças do batalhão academico e patrulhas de S. Paulo, 1º batalhão de policia, piquete do regimento policial, 1º, 119º, 11º e 16º da guarda nacional.

E-las forças portaram-se galhardamente e não digno de todos os elogios pelo muito que fizeram.

Com o incendio soffreram lastimosos prejuizos estabelecimentos: o dos srs. Espindola, Siqueira & Comp., estabelecido no predio n. 16 A. Todo o sortimento desta casa foi transportado para a rua, [illegible] considera-se muito estragado pela agua.

O estabelecimento [illegible] Previdente e [illegible] Companhia [illegible] soffreram os prejuizos causados, o dos srs. Antunes Gomes Pinto & Comp., estabelecidos no predio n. 2, fronteiro á Loja da Fama. Apenas algumas fazendas damnificadas pela agua; e o dos srs. Bahia & Comp., que tiveram damnificos pequenos.

Este homem apparecem famaça nos escombros do incendio, compareceram os bombeiros, que por mais de duas horas lançaram agua em abundancia, afim de que não reapparecesse o fogo.

Sabemos que os negociantes srs. Espindola, Siqueira & Comp., Amaral, Gomes Pinto & Comp., Francisco J. Ribeiro e outros e Club dos Fenianos requereram inquerito, que já está em andamento no 4º delegado, para que se possa saber a origem do incendio.

Do sr. dr. Rebouças, digno director das obras publicas, recebemos a seguinte carta:

«Satisfazendo ao serviço de agua no incendio, que se deu na noite de 4 do corrente, em casas da rua Direita, devo informar-vos, conforme foi verificado pelo administrador geral da divisão central de repartição de aguas e esgottos, Leocadio José de Sant'Anna, e testemunhado por diversas pessoas de conceito e promptas a [illegible] que, quando chegou o corpo de bombeiros ao local do incendio, havia nos encanamentos agua que passado a alguns

A' uma pessoa que chegue homem de boa [illegible] pequenos alguns em nosso escriptorio [illegible]. —Diga, como vai correndo ? e que ha sobre a guerra ?

—A guerra, respondeu o interpellado, a guerra continua em pé.

BATALHÃO ACADEMICO S. PAULO

No dia 4 do corrente assumiu o commando desta patriotico Batalhão, composto de distinctos moços filhos da melhor sociedade de S. Paulo, o illustre militar coronel do estado maior de exercito Luiz Augusto Soares Wouff, em substituição do bravo tenente coronel Fernando Vaiga, que seguio para a capital federal onde foi receber ordens para o desempenho de importante commissão que lhe foi confiada.

E' digno de ver-se o bello enthusiasmo com que essas distinctos rapazes têm-se portado, crescendo dia a dia o n. de constantes nas fileiras desse Batalhão cuja fé de officio já dos mostras, com sua estada de tres mezes na heroica Fortaleza de S. João donde veio ultimamente para esta capital.

E' com sincera admiração que registramos aqui a nova phalange que patrioticamente acaba de tomar armas, alistando-se nesse Batalhão, em defesa da Republica que é a da Patria.

Eis os seus nomes:

Luiz Antonio Paim, Caetano d'Oliveira Machado, Francisco Pizarro, João Mariano da Costa Leite, Alfredo da Cunha Gloria, Joaquim Dias de Toledo Pisa, Angelo de Almeida, Argentino Pereira de Moraes, Manoel Bernardo da Silva Prado, João Baptista da Silva Prado e Francisco Xavier d'Araujo.

Os patriotas que as quiserem alistar no Batalhão devem dirigir-se ao quartel da Luz, das 10 ás tres horas da tarde, onde, promettendo as condições exigidas por uma commissão composta de dignos officiaes, serão acceitos.

Em seguida transcrevemos a ordem do dia n. 31, que promove alguns [illegible] á 4ª companhia recentemente organisada:

«Para preenchimento das vagas decretadas nesta 4ª companhia promovo: a 1º sargento o cabo de esquadra da 1ª companhia Luiz Adolpho Thiers Velloso; a 2º sargento o furriel da 3ª, Azor Brasilino de Almeida e, o soldado da 1ª Horacio Kiel; a furriel o cabo da 1ª, Godofredo de Bulhões.

Digo.—São dignos dos maiores elogios pelos relevantes serviços que prestaram coadjuvando efficazmente o corpo de bombeiros, na extincção do incendio havido em dois predios na rua Direita, na noite de 4 do corrente, pelo que mando louvar os soldados:

Manoel Rebello de Sousa.
João Fogaça de Sousa Freitas.
[illegible] Sampaio.
João [illegible] de Lima.
Alarico Leite.
Annibal Gomes de Almeida.
Joaquim de Almeida Prado.
Egas Barbas e o cabo Eudes dos Santos Pinto.

Publicamos tambem a ordem do dia com que se despediu do batalhão o estimado coronel Vaiga:—«Commando do Batalhão Academico de S. Paulo, no quartel da Luz, 3 de Janeiro de 1894.—Ordem do dia n. 41.—Ao deixar o commando deste batalhão, por me ter sido concedida a exoneração deste posto, pelo cidadão ministro da guerra, não me é dado, separar-me de meus commandados e companheiros de trabalho, sem deixar bem patentes os meus sentimentos de pezar ao separar-me dos denodados patriotas que por espaço de tres mezes estiveram sob meu commando. Ao ser designado para occupar tão honroso quão elevado cargo, fui com a maior satisfação que acceitei tão importante logar, porquanto já provia, como hoje

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

O articulista atribuía aos três autores os defeitos da escritora: por influência deles, ela formou "[...] o hábito de objetificar as ideais com um limitado número de vocábulos e de rimas", oferecendo "[...] qualificativos parecidos, substantivos não muito rebuscados e pouca riqueza de expressão nos verbos" (QUEIROZ, 1894, p. 1). Tais problemas, porém, não sendo pecados

originais, tendiam, na opinião do comentarista, a desaparecer ou e modificar, tornando-se predicados, tendo em vista a individualidade estética que a moça apresentava.

A análise de Wenceslau de Queiroz acerca dos influenciadores poéticos de Zalina Rolim vai ao encontro do que expôs Arthur de Azevedo em sua apreciação de *O coração* (1893), citada anteriormente neste capítulo. No entanto, em nosso ver, os dois articulistas parecem ater-se apenas aos critérios formais de adequação da lírica da referida autora à estética parnasiana, visto que seus versos tratavam na verdade de temas mais ligados ao romantismo, movimento caracterizado, dentre outros elementos, pelo sentimentalismo e pela interação com a natureza, tendo como focos de interesse o nacionalismo, a morte, a religiosidade, o amor e suas reverberações. Podemos confirmar tal perspectiva nos comentários do escritor e crítico literário Tristão de Alencar Araripe Júnior (1848-1911)[26], que mencionou Rolim em seu retrospecto do ano de 1893, na parte em que discutia a produção de novos líricos brasileiros. No longo artigo publicado na edição de 7 de abril de 1894 n'*A Semana*, ele situava esteticamente a produção da escritora, indicando a afinação de seu lirismo:

> Os poetas de novas rubras, os líricos megalomaníacos, desnorteados pelas armas, permitiram que no recesso de uma província, vicejasse um talento feminil, que nos veio recordar a musa de um cantor muito carinhoso e que foi muito brasileiro, o autor de "Primaveras".
> Reviveu, por instantes, a musa de Casimiro de Abreu, mas numa clave nova de ternura, sem lágrimas e sem a mórbida tristeza de amores vagos e de aspirações incompreendidas.
> Refiro-me ao CORAÇÃO, de Zalina Rolim, uma poetisa que obriga a pensar nos segredos de que se serve a natureza para a fatura da flor e do colibri, e ao mesmo tempo dessas sutis criaturas, que grande trágico inglês buscou retratar em Cordélia, em Desdêmona, em Julieta (ARARIPE JÚNIOR, 1894, p. 282).

O autor comparava o engenho da novata ao estilo de Casimiro de Abreu (1839-1860), inferindo a presença em seus versos, ainda que de forma renovada, do sentimentalismo, da nostalgia, dos devaneios juvenis e da tristeza da vida que marcavam a poética romântica do autor de *As primaveras* (1859). Ele mencionava as complexas personagens femininas principais

[26] Tristão de Alencar Araripe Júnior (1848-1911), natural de Fortaleza, no Ceará, foi um renomado advogado, crítico literário e escritor oitocentista. Com produção literária inicialmente mais ligada à ficção, ele dirigiu sua atenção para a crítica, área que o consagrou, no convívio com outros intelectuais. Teve publicados seus inúmeros ensaios e artigos em diversos periódicos de todo o Brasil. Formado pela Faculdade de Direito do Recife, ocupou diversos cargos públicos em Santa Catarina, no Ceará e no Rio de Janeiro, onde, a partir de 1882, teve destacada atuação em favor da campanha abolicionista. Em 1895, foi nomeado diretor geral da Instrução Pública. Em 1903, foi promovido ao cargo de Consultor Geral da República, que exerceu até o fim da vida. Compareceu às sessões preparatórias da instalação da Academia Brasileira de Letras, em que fundou a cadeira de número 16. Cf. Perfil biográfico no portal da Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/araripe-junior/biografia>. Acesso em: 25 set. 2019.

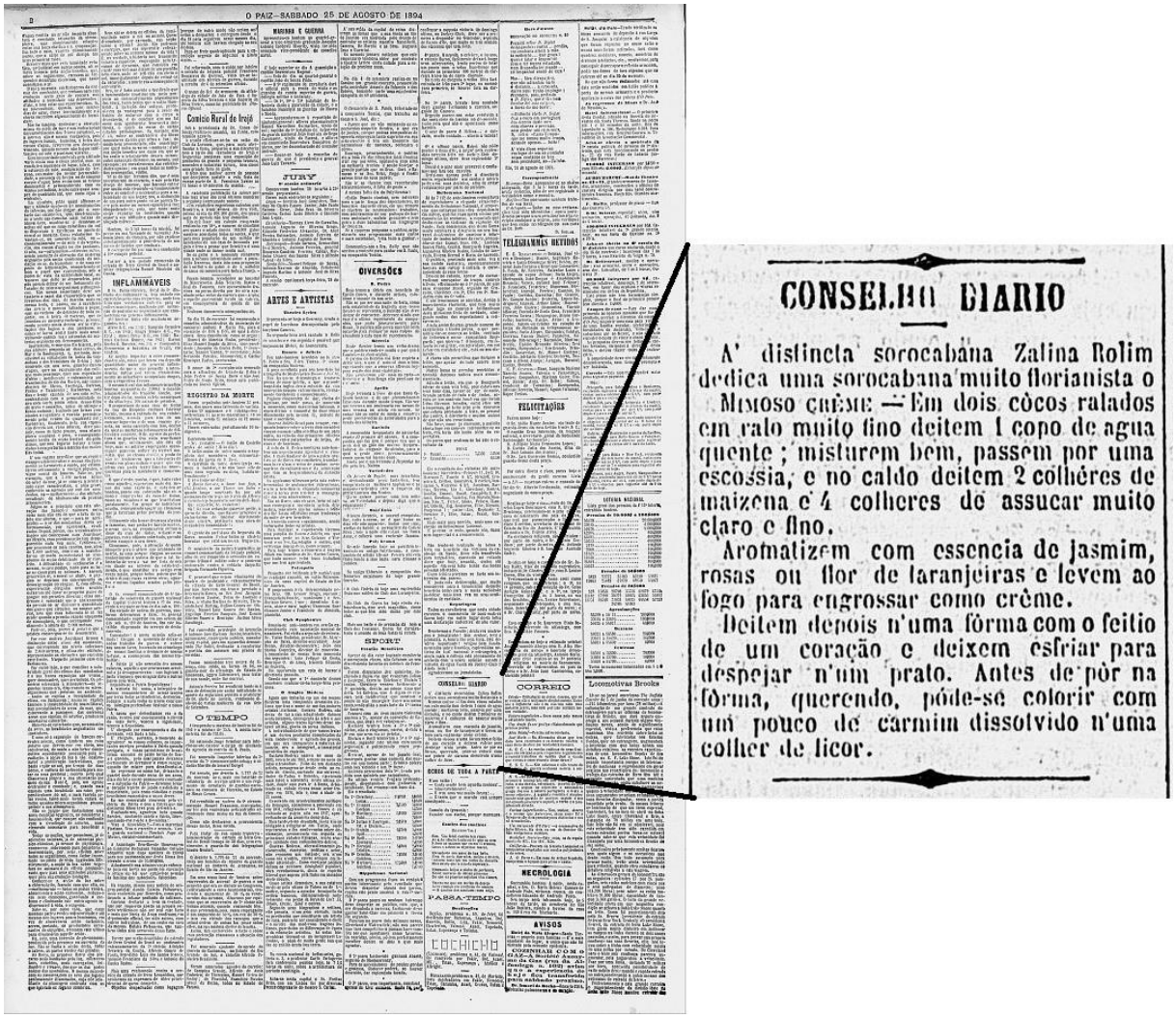
das peças *Rei Lear* (1606), *Otelo* (1604) e *Romeu e Julieta* (1595), respectivamente, do dramaturgo e poeta William Shakespeare (1564-1616), para referir-se à reflexão que os poemas de Rolim trariam aos leitores acerca dos mistérios da natureza feminina. O trabalho da referida autora, na sua perspectiva, se resumiria na meiguice de inspiração nas relações afetivas da família, respirando o ambiente doméstico.

> A alma humana é uma criança que precisa uma vez por outra ser acariciada, amimada, ninada ao colo da Poesia. E quem mais no caso de oferecer o colo para esse embalo, para nos adormentar no sonho doce da vida, do que uma poetisa de natureza virgiliana, ou lamartiniana, como se diz hoje? (ARARIPE JÚNIOR, 1894, p. 282).

A observação de Araripe Júnior de que a alma humana seria uma criança a receber afagos da poesia parece fazer alusão à mencionada infantilização da escritora, diminuindo a sua capacidade e o seu trabalho. Entretanto, no cotejo com o poeta latino Virgílio (70 a.C.-19 a.C.) e o escritor francês Alphonse de Lamartine (1790-1869), o crítico apontava que as virtudes da poeta estariam ancoradas não só na tônica sentimental e nas suas boas escolhas temáticas, tratadas com singeleza, mas também em seu apuro formal.

Um fato interessante a se notar na trajetória de Rolim, ainda em 1894, foi a publicação da receita de certo "mimoso creme" atribuído à autora como um "Conselho diário" na edição de 25 de agosto daquele ano do jornal *O País*, o mesmo que já divulgava a sua produção como reconhecido nome das letras. Não se sabe se a escritora foi realmente convidada pela redação do periódico a indicar tal receita aos leitores, se apenas foi convocada a assiná-la ou se teve o nome vinculado à nota sem sua autorização. Com efeito, tal publicação ajudou a reforçar sua posição como mulher no ambiente intelectual: ainda que exercesse a atividade literária, tendo seu trabalho legitimado criticamente, ainda devia apresentar modos delicados e demonstrar-se prendada em relação aos costumes domésticos. Para além de sua arte, ela continuava sendo mulher, ainda solteira, vale ressaltar, e precisava seguir exercendo tal papel junto ao convívio social.

Figura 15 – Receita de creme atribuída a Zalina Rolim publicada no jornal *O País*, em 1894.



O PAIZ—SABBADO 25 DE AGOSTO DE 1894

CONSELHO DIARIO

A' distincta sorocabana Zalina Rolim dedica uma sorocabana muito florianista o mimoso cremc: — Em dois côcos ralados em ralo muito fino deitem 1 copo de agua quente; misturem bem, passem por uma escossia, e no caldo deitem 2 colheres de maizena e 4 colheres de assucar muito claro e fino.

Aromatizem com essencia de jasmim, rosas ou flor de laranjeiras e levem ao fogo para engrossar como crême.

Deitem depois n'uma fórma com o feitio de um coração e deixem esfriar para despejar n'um prato. Antes de pôr na fórma, querendo, póde-se colorir com um pouco de carmim dissolvido n'uma colher de licor.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

N'*A Família*, a já citada redatora-chefe Josephina Álvares de Azevedo e a escritora Maria Clara da Cunha Santos (1866-1911)[27] aproveitaram o instante de publicação de *O coração* (1893) para comentar a produção da amiga colaboradora daquela folha. A primeira, em artigo publicado no dia 21 de janeiro de 1894, na seção "Livros e jornais", defendeu Rolim a respeito dos problemas formais de seus versos, alegando que os mais festejados poetas daquela época, lidos e relidos, também apresentavam imperfeições. A seu ver, tal fator não prejudicaria a beleza dominante de toda uma produção.

[27] Maria Clara da Cunha Santos (1866-1911), natural de Pelotas, no Rio Grande do Sul, foi uma conhecida escritora e jornalista oitocentista. Da participação ativa na imprensa de São Paulo e Rio de Janeiro, destacou-se na coluna fixa "Cartas do Rio" da revista *A Mensageira* (1897-1900), na qual comentava os principais acontecimentos culturais e políticos da capital fluminense. Com a escritora Presciliana Duarte de Almeida (1867-1944), lançou o volume de poesia *Pirilampos e Rumorejos* (1890), prefaciado por Adelina Lopes Vieira (1850-1923), recebido com grande aceitação de público e crítica. Em sua carreira literária, ainda publicou em livro outras seleções de contos e escritos humorísticos. Dedicou-se também à música, na atividade de violinista, e à pintura. Cf. Coelho (2002) e perfil biográfico no portal da Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/periodicos-literatura/personagens-periodicos-literatura/maria-clara-da-cunha-santos/>. Acesso em: 25 set. 2019.

Por fim, Azevedo informou que o volume da colega de redação poderia ser colocado em um patamar de qualidade acima de muitos outros títulos tidos como de primeira ordem. Maria Clara Santos, em artigo publicado em 4 de fevereiro daquele mesmo ano, no mencionado periódico, assim como Arthur de Azevedo, rebateu as impressões de Freire sobre os escritos da jovem, afirmando que esta, mesmo principiante nas letras, já se provava uma escritora formada: "A musseline faz-me lembrar de uma roceirinha ingênua, que faz versos muito simples, muito sem arte, que não metrifica senão em quadrinhas e em rimas agudas. Mas Zalina, a fina artista que conhecemos e admiramos é um poeta consumado" (SANTOS, 1894, p. 3). Oferecendo uma nota mais pessoal, ela informa o motivo de transcrever o poema "Aspirações" ao final de seu registro:

> Ouvi-o recitado pela autora em S. Paulo, em casa de Felinto de Almeida, em uma íntima reunião. Todos nós que ouvimos a sua flébil e graciosa voz a recitar tão bonitos versos ficamos admirados, Lembro-me bem que Julia Lopes, muito encantada com o delicioso soneto que ouvira, riu-se gostosamente quando eu lhe disse que de certo, no céu, os anjos falam somente a linguagem rítmica dos versos, doces, melodiosos, como os que acabamos de ouvir (SANTOS, 1894, p. 3).

A escritora conta da participação de Zalina Rolim em algum sarau organizado na residência do poeta e dramaturgo Francisco Filinto de Almeida, Marido de Júlia Lopes de Almeida, mencionado em nosso primeiro capítulo, evidenciando que ela já era requisitada em eventos promovidos pela sociedade paulistana. É interessante ressaltar que a relação da autora com outros ilustres letrados e letradas de seu tempo pode ter sim influenciado a boa recepção crítica de sua produção. Todavia, é notável que o contato mais próximo com as outras escritoras favorecia uma maior solidariedade na abordagem das resenhas, tendo em vista a clara diferença de tratamento que elas ofereciam em contraponto à crítica feita por homens.

Como mencionado no capítulo anterior, os salões literários caracterizavam espaços privilegiados de sociabilidade para as elites, constituindo-se indispensáveis para o ingresso das mulheres nos círculos intelectuais entre o final do século XIX e início do XX. Neles, promovia-se a literatura através de recitais, que caracterizavam a oportunidade de as mulheres letradas mostrarem os frutos de sua aptidão. O convite para declamar seus escritos nesses encontros deixa claro que Rolim já era reconhecida e alimentava uma rede de importantes contatos, inclusive com outras escritoras oitocentistas.

> As estruturas de sociabilidade variam, naturalmente, com as épocas e os subgrupos intelectuais estudados. Assim, se os "salões", na fronteira entre os

> dois séculos, constituíram uma casa importante no jogo de ludo dos intelectuais, com suas musas de sociabilidade, eles não figuram mais entre os elementos decisivos que hoje quadriculam e subtendem a intelectualidade (SIRINELLI, 2003, p. 249).

Outro exemplo de importante reunião cultural que contou com a participação da referida autora foi o sarau artístico, literário e musical organizado pelo médico e político Cesário Motta (1847-1897) e pelo escritor e jornalista Manuel Garcia Redondo (1854-1916) para benefício das famílias das vítimas de uma catástrofe ocorrida na baia do Rio de Janeiro em 6 de janeiro de 1895. O evento, noticiado nos principais jornais de São Paulo, ocorreu na noite de 18 de fevereiro daquele ano, no salão do Club Germania, com a presença de aproximadamente trezentas pessoas, entre autoridades, representantes do comercio e indústria, além de intelectuais, como Adelina Lopes Vieira, Francisca Júlia da Silva (1871-1920) e Julio Cesar da Silva (1872-1936), além de Rolim, todos recitando versos. No dia seguinte, as composições foram transcritas na primeira página de *O País*. O próprio Garcia Redondo, relatando a ocasião na coluna "Crônica Paulista", ainda no referido jornal, na edição de 22 de fevereiro de 1895, informava sobre a recepção calorosa ao poema que chamou de "Vingança de flor"[28]:

> É indescritível o entusiasmo que se apossou do público quando Zalina Rolim acabou de recitar estes encantadores versos. Palmas prolongadas, que continuaram ainda depois que ela deixou o estrado e que recrudesceram quando reapareceu no salão para tomar o seu lugar entre os ouvintes. E, de todos os lados, *corriam homens a felicitar o pai da mimosa poetisa, ministro do nosso tribunal de justiça, que ali estava e as recebia desvanecido e feliz*. Foi um sucesso (REDONDO, 1895, p. 1, grifo nosso).

A descrição do organizador do sarau informa acerca da aclamação que Zalina Rolim recebia com a chegada àquele grande centro urbano, mas demarcando que o seu prestígio advinha do fato de ser filha de um importante homem da sociedade de então. Outro jornal a destacar a participação da autora no mencionado sarau foi o *Correio Paulistano*, em notícia publicada na primeira página da edição de 20 de fevereiro de 1895: "A sua figura insinuante, o seu ar cândido, e seu modo de dizer dolente cativaram o público que a aplaudiu com entusiasmo e infinito prazer deixando uma impressão enormíssima e grata no espírito de quantos a ouviram" (*Correio Paulistano*, 20 fev. 1895).

[28] Trata-se do poema "Vingança", publicado em 21 de outubro de 1894 no jornal *O Estado de S. Paulo*, sendo republicado junto à notícia do *Correio Paulistano* sobre o mencionado sarau no Club Germania, em 20 de fevereiro de 1895.

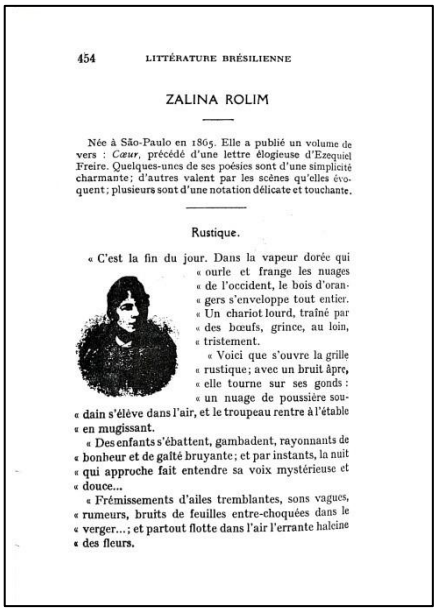
Em 13 de maio de 1897, Arthur Azevedo mencionava na seção “Palestra”, do jornal *O País*, um jantar oferecido pela família de Garcia Redondo dias atrás, em 8 de maio, o qual teve a presença da escritora:

> À mesa, tive o prazer de ficar ao lado de Zalina Rolim, a inspirada poetisa de *coração*, que eu na antevéspera entrevira na sua faina de professora do Jardim da Infância [...] Depois do jantar, que foi opíparo e delicado, cantou-se, tocou-se piano e Zalina Rolim recitou, com uma voz encantadora, duas belas poesias suas, inéditas, *O relógio* e *A vingança da flor*, cuja impressão está sendo feita na América do Norte por conta do governo de S. Paulo (*Correio Paulistano*, 13 mai. 1897).

O autor informava que Rolim, mesmo desempenhando trabalho no Jardim da Infância, mantinha a participação em eventos sociais, declamando suas composições. Os versos apresentados na ocasião em questão supostamente fariam parte do novo livro que ela estava a imprimir no exterior[29], ressaltando o seu prestígio. Segundo Piza (2008, p. 36), também ocorreu em 1895 um convite do Monsenhor Duarte Leopoldo e Silva (1867-1938), então vigário da Igreja Matriz de Santa Cecília, na capital paulista – frequentada pela família Rolim – para que ela produzisse versos para o ensino do catecismo, a serem musicados e cantados pelas crianças que se preparavam para a primeira comunhão. Aceitada a missão, o livrinho de composições religiosas foi lançado e acabou recebendo uma segunda edição. Todavia, não foi encontrado registro de seu título ou de seu conteúdo. No ano seguinte, a autora foi incluída, com uma tradução em prosa e para a língua francesa do poema “Rústica”, na antologia *Littérature brésilienne* (1896), de Victor Orban, que reunia excertos dos principais escritores da tradição literária do país.

Figura 16 – Reprodução da página 454 de *Littérature brésilienne* (1896), de Victor Orban, apresentando Zalina Rolim e uma tradução do poema “Rústica”.

[29] Na verdade, apenas “O relógio” entraria em *Livro das crianças* (1897). “Vingança de flor”, ou simplesmente “Vingança”, foi publicado em 21 de outubro de 1894 no jornal *O Estado de S. Paulo*, e apresentado em 20 de fevereiro de 1895, no grande sarau no Club Germania, em São Paulo.



454 LITTÉRATURE BRÉSILIENNE

ZALINA ROLIM

Née à São-Paulo en 1865. Elle a publié un volume de vers : *Cœur*, précédé d'une lettre élogieuse d'Ezequiel Freire. Quelques-unes de ses poésies sont d'une simplicité charmante; d'autres valent par les scènes qu'elles évoquent; plusieurs sont d'une notation délicate et touchante.

Rustique.

« C'est la fin du jour. Dans la vapeur dorée qui « ourle et frange les nuages « de l'occident, le bois d'oran- « gers s'enveloppe tout entier. « Un chariot lourd, traîné par « des bœufs, grince, au loin, « tristement.

« Voici que s'ouvre la grille « rustique; avec un bruit âpre, « elle tourne sur ses gonds : « un nuage de poussière sou- « dain s'élève dans l'air, et le troupeau rentre à l'étable « en mugissant.

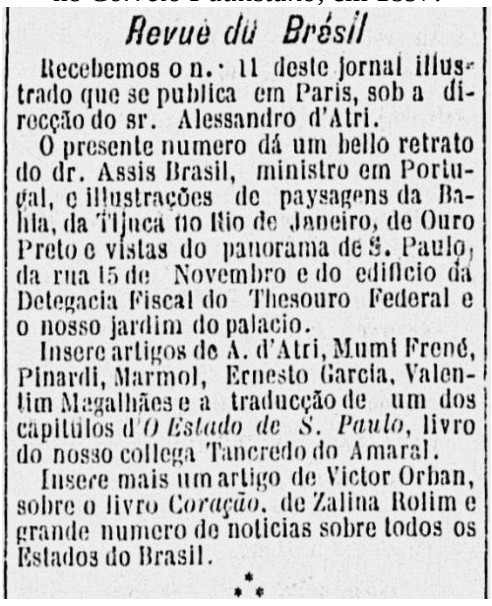
« Des enfants s'ébattent, gambadent, rayonnants de « bonheur et de gaîté bruyante; et par instants, la nuit « qui approche fait entendre sa voix mystérieuse et « douce...

« Frémissements d'ailes tremblantes, sons vagues, « rumeurs, bruits de feuilles entre-choquées dans le « verger...; et partout flotte dans l'air l'errante haleine « des fleurs.

Fonte: Dantas (1893).

Já em 1897, mais precisamente na edição de 23 de abril, apareceu no *Correio Paulistano* uma nota mencionando a publicação de um artigo assinado por Victor Orban sobre *O coração* (1893) na *Revue du Brésil*[30], jornal publicado na França.

Figura 17 – Nota sobre publicação de artigo sobre *O coração* (1893) no jornal francês *Revue du Brésil*, no *Correio Paulistano*, em 1897.



Revue du Brésil

Recebemos o n.· 11 deste jornal illustrado que se publica em Paris, sob a direcção do sr. Alessandro d'Atri.

O presente numero dá um bello retrato do dr. Assis Brasil, ministro em Portugal, e illustrações de paysagens da Bahia, da Tijuca no Rio de Janeiro, de Ouro Preto e vistas do panorama de S. Paulo, da rua 15 de Novembro e do edificio da Delegacia Fiscal do Thesouro Federal e o nosso jardim do palacio.

Insere artigos de A. d'Atri, Mumi Frené, Pinardi, Marmol, Ernesto Garcia, Valentim Magalhães e a traducção de um dos capitulos d'*O Estado de S. Paulo*, livro do nosso collega Tancredo do Amaral.

Insere mais um artigo de Victor Orban, sobre o livro *Coração*, de Zalina Rolim e grande numero de noticias sobre todos os Estados do Brasil.

***

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

[30] A *Revue du Brésil* (1896-1898?) foi uma revista bimensal fundada após a proclamação da República sob a direção do jornalista italiano Alexandre D'Atri. Editada em Paris, na França, apresentava escritos em italiano, espanhol e francês, sendo distribuída por toda a Europa. A sua finalidade consistia em fazer propaganda do Brasil no exterior, com matérias sobre o desenvolvimento financeiro, econômico, artístico e literário do país. Segundo Martins (2008), para além do significativo público leitor estrangeiro, a revista era também muito lida pelos brasileiros residentes ou que passavam temporadas nos países europeus. Infelizmente não conseguimos ter acesso a esse periódico para averiguar o conteúdo do artigo de Victor Orban.

Evidenciando a circulação de ideias e da cultura por meio dos periódicos, suportes caros à história da leitura, o reconhecimento no exterior ressaltava que Zalina Rolim se fazia, primeiramente, uma figura nacional, conhecida e admirada, com seus escritos também repercutindo em diversos veículos impressos de localidades fora do eixo Rio-São Paulo. Até 1896, nossa pesquisa identificou seus trabalhos em prosa e verso, anteriormente divulgados em periódicos paulistas e fluminenses, sendo republicados em veículos de outras regiões brasileiras, cujo conjunto será melhor explorado em nosso próximo capítulo. Além disso, também apareceu no *Almanaque da Comarca do Amparo* e no *Almanaque Popular Brasileiro*, editado no Rio Grande do Sul. Tal produção será melhor comentada em nosso terceiro capítulo.

2.3 Escrever além da arte: participação no meio pedagógico

Candido (2000) indica que escritores brasileiros de diferentes gerações colocaram suas penas a serviço de alguma causa política. Nesta perspectiva, podemos inferir que, durante o processo de implantação e fortalecimento da República em território nacional, na virada do século XIX para o século XX, diversos literatos se ocuparam em discutir e formular ações reformadoras para propagar e validar as ideias daquela nova ordem social.

O estabelecimento do novo regime assinalou mudanças rigorosas em todos os setores da vida brasileira. No tocante à educação, ao lado da atenção com uma melhor formação dos professores, também surgiu a preocupação em se desenvolver uma literatura escolar genuinamente brasileira, tarefa que, para além da contribuição dos educadores, ficou com a leva de escritores cuja maturidade artística coincidiu com aquele período. Segundo Lajolo e Zilberman (1987), a ideia era de que os escritores e as escritoras transferissem aos impressos pedagógicos as mesmas diretrizes que empregavam na literatura para garantir um maior número de futuros cidadãos letrados, não devendo evitar o perfeccionismo de linguagem que permeava seus outros escritos, manifestando modelos para a correção das formas dialetais segundo o padrão culto adotado pela elite.

> [...] esses escritores eram a *ruling class* de nossas letras, resultando natural que transferissem aos livros infantis as mesmas normas que imprimiam à literatura em geral. Tratava-se não apenas de coerência, mas também de uma garantia para o futuro, já que os leitores jovens de hoje seriam seus adeptos para sempre (LAJOLO; ZILBERMAN, 1987, p. 43).

A proposta consistia em elaborar um material mais próximo ao público nacional, ressaltando-se o valor de uma literatura que se desligasse dos padrões linguísticos lusitanos. O compromisso conservador com a educação criava um quadro contraditório, visto que o excessivo academicismo de linguagem dos livros escolares parecia ir de encontro ao cuidado com a compreensão do corpo discente, para o qual deveriam ser passados os valores republicanos no processo de ensino e aprendizagem (LAJOLO; ZILBERMAN, 1993, p. 20).

O patrocínio governamental advindo de campanhas de alfabetização trouxe entonação ideológica ao desempenho profissional de muitos literatos que passaram a produzir livros para a infância e outras publicações que auxiliavam a sua instrução. Ademais, a dedicação ao novo público ofereceu-lhes prestígio comercial e renome dentro das instituições de ensino (que se multiplicavam pelo país), principalmente através do fomento e da adoção de suas obras em instituições públicas.

Toda essa conjuntura ligada ao meio pedagógico se abriu para Zalina Rolim ainda em 1896, quando o já citado escritor João Köpke, atento ao sucesso que ela alcançava, escreveu à ex-aluna solicitando ajuda para a elaboração de escritos adequados aos pequenos alunos do primeiro Jardim da Infância do país, a ser lançado na capital paulista. Tal missiva foi mencionada em artigo escrito pelo referido educador para o jornal *O Estado de S. Paulo*, no início daquele ano, revelando os novos caminhos que a escritora tomaria em sua carreira.

> Assim, pensando, pois, quando janeiro do ano findo nos trouxe por festas o *Coração*, de Zalina Rolim, fizemos desde logo o protesto de apelar para a insigne poetisa paulista, valendo-nos dos foros de mestre humílimo na quadra da sua infância, para dela conseguir um livro expressamente escrito para as escolas brasileiras. Escrevemos-lhe, então, longa carta em que acentuamos os escolhos a fugir; e, possuindo-se inteiramente de nossas recomendações, acaba ela de remeter-nos o seu novo livro, Livro das Crianças [...] (KÖPKE, 1896, p. 1).

A obra encomendada à autora contribuiria como recurso didático para a instrução da infância de São Paulo, com proposta de tornar-se paradigma para outros estados. Ela já apresentava em seu percurso literário o apreço à figura da criança, que aparecia em vários poemas, alguns deles destacando-se na terceira e última parte de *O coração* (1893), dedicada ao seu querido sobrinho Sinhô. Nessa perspectiva, Köpke viu na antiga pupila grande potencial para a realização do projeto republicano de renovação educacional.

O Jardim da Infância seria inaugurado como um prédio anexo à Escola Normal de São Paulo, formando um complexo educacional que confirmava o crescimento da profissionalização docente. O mencionado espaço seria dedicado à alfabetização pública de

crianças, também caracterizando um novo ambiente para a orientação e a prática supervisionada dos docentes em formação. Assim, ao mesmo tempo em que as crianças iriam ser educadas segundo a reforma educacional local, os professores em formação poderiam praticar o novo ensino.

De acordo com Villela (2011, p. 119), a "Escola Normal da Praça", como ficou conhecida, inicialmente no comando do médico e professor Antonio Caetano de Campos (1844-1891), logo tornou-se "[...] um símbolo do magistério não só do estado de São Paulo, mas em todo o Brasil [...]", visto que "[...] a imponência de sua construção e contornos da sua proposta pedagógica ficariam para sempre associados a certa importância na formação do professor primário". O educador Gabriel Prestes (1867-1911), assumindo a direção da instituição, deu continuidade ao trabalho de Campos, concretizando o plano de criação de um Jardim da Infância público em São Paulo, viabilizando no cenário nacional essa modalidade de ensino primário conforme os padrões dos Estados Unidos, da Itália e, especialmente, da Alemanha.

Segundo Kuhlmann Jr. (2011, p. 475), o Jardim da Infância "[...] cumpriria um papel de "moralização" da cultura infantil, na perspectiva de educar para o controle da vida social". Tal projeto tinha por finalidade propiciar a "educação dos sentidos" de crianças entre quatro e sete anos, preparando-as para a escola primária. Os *kindergärten* ou jardins de infâncias equiparavam alegoricamente o desenvolvimento dos infantes ao das plantas, sendo organizado a partir das diretrizes teóricas do pedagogo alemão Friedrich Froebel (1782-1852)[31].

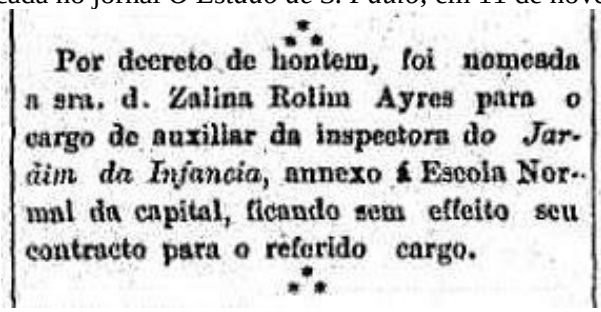
Piza (2008, p. 37) aponta que Köpke fez muitas recomendações a Rolim sobre os princípios didáticos de Froebel, "[...] de modo que ela se embebesse dos mesmos objetivos de toda a equipe educadora que se organizava". Sendo assim, ela dedicou-se à escrita do livro de leitura, exercitando a produção de escritos a serem apreciados nos primeiros anos de alfabetização. Acabou sendo solicitada a contribuir com publicações especializadas em orientação pedagógica, como a obra *Leituras morais* (1896), de Arnaldo de Oliveira Barreto (1869-1925), que editou os poemas "Um ninho", "Cetim" e "Polidez".

[31] O pedagogo alemão Friedrich Wilhelm August Froebel (1782-1852), de formação protestante, centrava seus princípios educacionais nas noções de atividade e liberdade. Foi o fundador do primeiro Jardim da Infância, em 1837, e o primeiro educador a enfatizar a brincadeira e a atividade lúdica no processo de ensino e aprendizagem. De acordo com Arce (2002, p. 11), ele entendia que um jardim seria um lugar onde a vegetação não crescia em estado totalmente selvagem, recebendo a atenção de um zelador, o qual, embora cuidasse para que as plantas tivessem o necessário para um bom amadurecimento, devia reconhecer que o processo natural destas determinaria quais cuidados lhes seriam dispensáveis. Nesse sentido, de maneira análoga, na escola, o educador teria a função permanente de respeitar o que seria natural, além da ação de Deus e da manifestação espontânea dos alunos. Para Froebel, o ensino prescritivo poderia ser aplicado apenas quando a criança desviasse de seu caminho natural, devendo ser abolido assim que ela retornasse à vereda correta.

Ainda em 1896, Zalina Rolim iniciou sua colaboração com a *Revista do Jardim da Infância* (1896-1897), impresso lançado com a finalidade de propiciar a afloração de um repertório de concepções e práticas sobre o ensino infantil aos educadores em formação da capital paulista, objetivando fundamentá-los institucional e didaticamente segundo as concepções froebelianas (MONARCHA, 2001). Nessa publicação, ela passou a redigir crônicas, traduções do inglês, francês e alemão de jogos e ensaios de teoria educacional e natureza didática, além de adaptações e produções originais de ficção e poesia. Tal produção será melhor comentada no próximo capítulo.

O trabalho mais próximo à classe educacional paulista trouxe no final daquele ano a nomeação da escritora ao cargo de auxiliar da diretora do Jardim da Infância, Maria Ernestina Varella (1843-1909), com o título de subinspetora da instituição que se fundava. A indicação para a função veio do então presidente do Estado de São Paulo, Bernardino de Campos (1841-1915), que, à época da formação em Direito, foi colega do pai da jovem.

Figura 18 – Nota sobre a nomeação oficial de Zalina Rolim ao cargo de subinspetora do Jardim da Infância publicada no jornal *O Estado de S. Paulo*, em 11 de novembro de 1896.



Por decreto de hontem, foi nomeada a sra. d. Zalina Rolim Ayres para o cargo de auxiliar da inspectora do *Jardim da Infancia*, annexo á Escola Normal da capital, ficando sem effeito seu contracto para o referido cargo.

Fonte: Acervo histórico do jornal *O Estado de S. Paulo*.

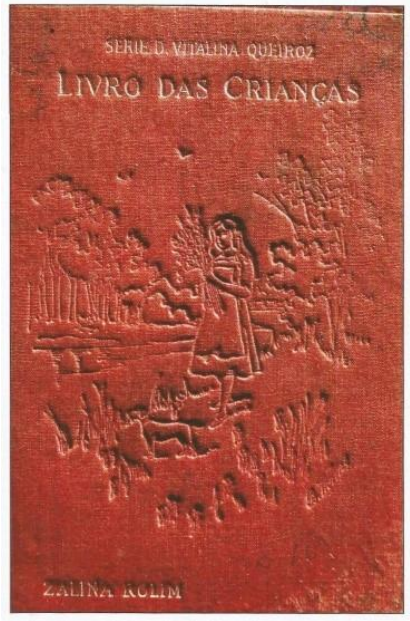
Dantas (1983, p. 58) indica que ela só não foi nomeada à direção do Jardim por não possuir diploma de professora, mesmo já tendo, ao que tudo indica, ministrado aulas na Escola Normal. A convocação para adentrar em nova esteira profissional veio infelizmente acompanhada do falecimento do pai, que tinha há pouco se afastado da carreira jurídica por problemas de saúde.

Zalina Rolim, assumindo o cargo 1897, não parou de escrever, servindo sua pena tanto ao trabalho naquela instituição, compondo a letra de hinos e joguetes a serem musicados, como ao exercício literário simplesmente, que continuava a ser divulgado na imprensa, em produção a ser melhor abordada em nosso próximo capítulo. Logo passou a contribuir com a revista feminina *A Mensageira* (1897-1900), dirigida por Presciliana Duarte de Almeida, autora mencionada em nosso primeiro capítulo. Rolim participou desde o primeiro número da

publicação, unindo-se às principais escritoras da época e alargando ainda mais as suas redes de sociabilidade intelectual, visto que agora também pertencia à classe educadora. Essa produção será tratada em detalhes mais adiante, em nosso terceiro capítulo.

No final de 1897, foi finalmente publicada a coletânea poética *Livro das crianças* (1897), com tiragem de vinte mil exemplares promovida pelo Governo do Estado de São Paulo para distribuição em escolas públicas paulistas. Editado em Boston, nos Estados Unidos, pela tipografia C. F. Hammett & Company, o livro de leitura contava com trinta composições autorais divididas em duas seções, "A Sinhô" e "A minhas irmãs", sendo prefaciado pelo já citado Gabriel Prestes. Apresentava dimensões aproximadas de 18 cm X 12 cm e capa encadernada em tecido, com duas opções de cores: grená ou verde. Nela constava a gravação de uma imagem mostrando uma menina com vestes de camponesa caminhando em uma paisagem bucólica, sendo acompanhada por um cachorro. Acima do desenho, encontrava-se o título da obra e a indicação de que esta pertencia à série D. Vitalina Queiroz, enquanto abaixo aparecia o nome da autora.

Figura 19 – Capa grená de *Livro das crianças* (1897), de Zalina Rolim.



Fonte: PIZA (2008).

A intenção de que Zalina Rolim mantivesse a autoria de outros livros havia sido apontada anteriormente ao lançamento no mencionado artigo de apresentação n'*O Estado de S. Paulo*: "[...] já antevemos o estímulo à inspirada poetisa para que prossiga na vereda, completando com volumes subsequentes à série, que agora enceta, como ensaia o estro em todos os gêneros, de que a infância escolar possa colher proveito" (KÖPKE, 1896, p. 1).

Todavia, a escritora acabou assinando apenas o volume em questão[32], cuja elaboração poética teve como motivação as ilustrações recebidas do exterior:

> Quer nesta, quer naquela seção, entretanto, todas as poesias foram sugeridas por uma gravura, que deverá ilustrar o volume, fronteando cada uma, de maneira que a objetivação dos sentimentos e ideias expressos no verso preceda a sua leitura e memorização pelas crianças. Tendo ensaiado a declamação por esse processo, o êxito impeliu-nos ao conselho (KÖPKE, 1896, p. 1)

Nessa perspectiva, o caráter pedagógico da obra também se ligaria ao seu conjunto visual, servindo a múltiplos exercícios de linguagem nas escolas. O plano didático do referido impresso foi aparentemente elaborado por João Köpke, cabendo a Rolim a criação estética de acordo com os seus apontamentos[33]. A divulgação do compêndio na imprensa sempre apontava a ligação daquele intelectual com a sua edição, como que oferecendo um aval de qualidade. A conjuntura retomava a necessidade de anuência masculina que as escritoras deveriam ter em sua atividade com a pena. A ligação ao nome de Köpke trazia prestígio a Zalina Rolim e ao seu novo trabalho. Maria Clara da Cunha Santos (1898, p. 6), na já citada revista *A mensageira*, ressaltava: "O Dr. Köpke tem o segredo do ensino. O magistério para ele é um sacerdócio e um plano seu deve ser o mais completo e edificante". O referido educador acreditava que a autora não precisaria modalizar a linguagem, devendo preocupar-se na verdade com o entendimento dos valores que deveriam ser passados aos pequenos leitores.

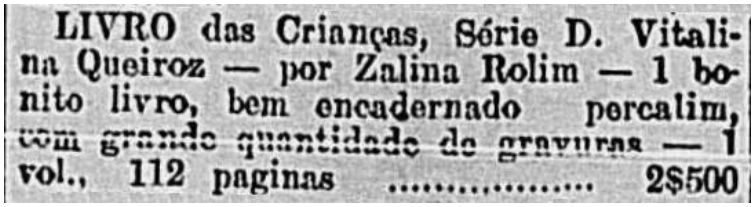
> Muito especialmente recomendamos a Zalina Rolim que se não constrangesse no uso do vocabulário, porque, para as crianças, o que é difícil é simpatizar com ideias e sentimentos, que lhes não são congeniais; e nunca – encontrar palavras *compridas* ou *estranhas* [...] A palavra desconhecida que se lhe explica no meio de pensamentos, com que simpatiza, é uma aquisição permanente para o vocabulário do ignorante; o pensamento, dúbio ou obscuro, traduzido em termos conhecidos é um chocalhar de palavras, que ferem o ouvido e esvaem-se sem deixar impressões na mente, nem no coração (KÖPKE, 1896, p. 1, *grifo do autor*).

[32] Não se tem registro de outros livros de leitura pertencentes à série D. Vitalina Queiroz, assim como de outros compêndios escolares atribuídos a Zalina Rolim.

[33] Ferreira (2017) prefere referir-se à contribuição de João Köpke em *Livro das crianças* (1897) como "autoria compartilhada" ou "coautoria", expressões, a nosso ver, problemáticas, visto que "traçar o plano" de uma determinada obra estaria mais relacionado à sua organização de conteúdo do que à sua elaboração escrita. Todavia, devemos reconhecer que o papel desse intelectual na produção do volume pode ter sim ligação com o conteúdo educativo dos versos de Zalina Rolim, como inferido no artigo assinado pelo próprio no jornal *O Estado de S. Paulo*: "A responsabilidade da feitura pedagógica do volume, portanto, é algo que nos pertence" (KÖPKE, 1896, p. 1).

Quanto ao reparo crítico, Köpke frisava que os avaliadores do livro de Rolim deveriam apreciá-lo com um olhar especial, pedagógico. Apesar da permanência do rigor linguístico e da função utilitária, alguns versos trazidos no volume também envolviam artifícios de sedução e tom de puro deleite em relação ao público infantil, apresentando um notável contraste em comparação ao pressuposto de outras publicações ligadas ao processo de escolarização e contemporâneas ao seu lançamento[34]. De acordo com Piza (2008, p. 219), ela tornou-se precursora da poesia infantil brasileira: "[...] colocando seu talento lírico a serviço da construção de uma didática para a infância com a feição brasileira, Zalina cunhou uma tradição que se estendeu pelos anos seguintes".

Figura 20 – Anúncio da Livraria Magalhães publicado no jornal *Correio Paulistano*, em edição de 18 de fevereiro de 1898.


LIVRO das Crianças, Série D. Vitalina Queiroz — por Zalina Rolim — 1 bonito livro, bem encadernado percalim, com grande quantidade de gravuras — 1 vol., 112 paginas ..... 2$500

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

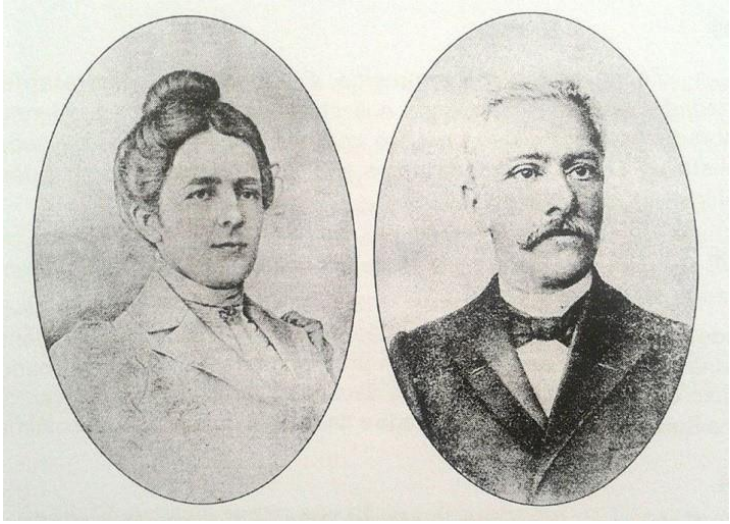
Presciliana Duarte de Almeida, sob o pseudônimo de Perpétua do Valle, registrou suas impressões de leitura do *Livro das crianças* (1897) na edição de 15 de fevereiro de 1898 de *A Mensageira*, afirmando que Zalina Rolim saiu-se muito bem no trato com o novo público leitor a quem se dirigia, mas que a referida obra poderia ser apreciada por todas as idades: "Disse alguém que este trabalho 'destinado às crianças, pode ser lido com prazer pelos adultos', e afirmou uma verdade. A simplicidade, a correção de linguagem e a delicadeza dos assuntos o tornam sobremodo agradável e atraente" (ALMEIDA, 1898, p. 11).

Entretanto, voltando-se às leitoras que acompanhavam aquele periódico, a articulista afirmava que o volume merecia interesse especial das mulheres, por auxiliar no ensino de seus filhos e irmãos, despertando simpatia ao tradicional papel social feminino. Ademais, destacou que o livro de Rolim muito se diferia do tom de outros impressos voltados à educação: "Manifestando o grande pendor de seu espírito para as obras didáticas, soube, com muita simplicidade e graça insinuante, introduzir nos seus versos destinados à infância, grande soma de conselhos e verdades, que estamos habituadas a ver em páginas sombrias e carrancudas" (ALMEIDA, 1898, p. 9-10).

[34] Para melhor entendimento do conteúdo deste compêndio poético destinado a crianças, conferir a dissertação de nossa autoria, *As raízes da poesia infantil de Zalina Rolim em Livro das crianças* (OLIVEIRA, 2017).

Com a morte da mãe em 1898, a escritora começou a afastar-se gradativamente do meio cultural e pedagógico. No ano de 1900, quando contava 31 anos, abandonou o ofício no Jardim da Infância para casar-se, em 12 de março, com o Dr. José Xavier de Toledo (1846-1918), à época com 54 anos e então Ministro do Tribunal de Justiça de São Paulo, de quem obteve o sobrenome, passando a assinar como Maria Zalina Rolim Xavier de Toledo. A união, amplamente noticiada, aconteceu na já mencionada Igreja Matriz de Santa Cecília, frequentada pela família Rolim e a elite de São Paulo.

Figura 21 – Postais com fotografias de D. Maria Zalina Rolim Xavier de Toledo e Dr. José Xavier de Toledo, por ocasião de seu casamento.

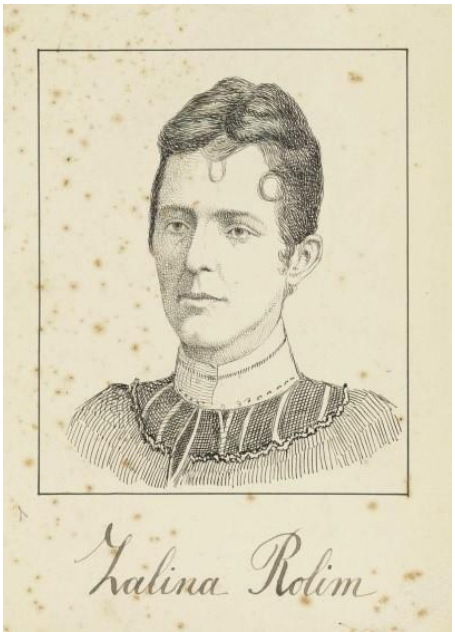


Fonte: PIZA, 2008.

Mesmo voltando-se às lides do casamento, a autora não deixou de manter suas redes de sociabilidade, com o casal realizando festividades e encontros amistosos em sua residência. Com isso, os escritos continuaram a ser publicados na imprensa e sendo inseridos em diversos livros de leitura nos anos seguintes mesmo que em menor quantidade. Em 1902, a escritora passou a contribuir para mais periódicos voltados a temas relacionados ao ensino.

No ano de 1904, o poema “Pomba ferida” foi incluído na coletânea *Sonetos brasileiros* (1904), organizada pelo crítico literário Laudelino Freire (1873-1937), que reuniu excertos dos maiores poetas do país desde o século XVII até então. A edição contou com retratos dos escritores desenhados pelo gravurista francês M. J. Garnier.

Figura 22 – Retrato de Zalina Rolim feito por M. J. Garnier para o livro *Sonetos brasileiros* (1904).



Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Já em 1909, estando quase que completamente desligada da carreira literária, frequentando de forma discreta os eventos da sociedade paulista, foi lembrada para integrar o corpo de acadêmicos da Academia Paulista de Letras, tendo, contudo, declinado do convite. Tal fato foi relatado em relatório lido pelo acadêmico Joaquim José de Carvalho (1850-?) na sessão inaugural da APL, publicado em 12 de setembro de 1909 no jornal *Correio Paulistano*.

> A poetisa d. Francisca Júlia, a poetisa e pedagoga d. Zalina Rolim Toledo, Paulo Pestana, Alfredo Pujol, Henrique Coelho, Franco da Rocha, Horácio de Carvalho, Veiga Miranda, Leopoldo de Freitas, Oliveira Fausto, o notabilíssimo padre João Gualberto, e Álvaro Guerra, primoroso escritor e reputado filólogo, que tão belos, tão fortes e tão substanciosos artigos lançou outrora, justificando a criação da Academia, de parceria conosco, estes, quase todos por delicadas cartas, que já entram em nosso arquivo, se escusaram aos nossos convites, ainda que reiterados (*Correio Paulistano*, 28 nov. 1909, p. 2).

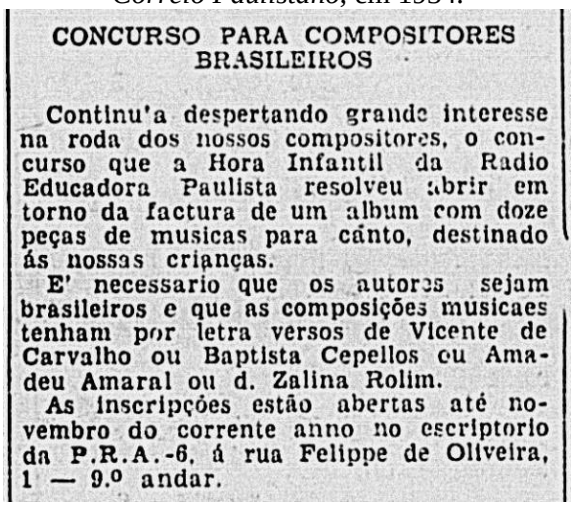
O nome de Zalina Rolim figurava entre outras importantes personalidades políticas e intelectuais paulistas da época que não aceitaram se envolver com a nascente entidade. Segundo Eleutério (2005), assim como a amiga Francisca Júlia, ela teria alegado que só concordaria em participar daquela instituição se o marido também fosse convidado. Entretanto, não há registro que confirme tal informação, podendo a recusa ter sido motivada inclusive por ela não se achar merecedora de pertencer a tão ilustre plêiade, como o fez sua colega de redação da revista *A Mensageira* Ibrantina Cardona (1868-?). Esta, em depoimento ao estudioso Francisco Pati (1898-?), para artigo intitulado “Mulheres da Academia”, publicado em 17 de dezembro de

1948, no *Correio Paulistano*, admitiu ter rejeitado se associar à Academia Paulista por acanhamento ante a participação de autores mais importantes e experientes, assim como pela falta de confiança no próprio trabalho, mesmo sendo uma autora bastante festejada em seu tempo. Tal atitude ressaltava a estigma de inferioridade que assolava muitas escritoras oitocentistas.

A autora enviuvou em 15 de dezembro de 1918, o que intensificou o seu retraimento em relação à vida pública. De acordo com Leite (1963), a união em casamento gerou apenas um filho que, infelizmente, morreu ao nascer. Mesmo permanecendo reclusa, a escritora foi lembrada em homenagens da sociedade paulista, que demonstrava reconhecer sobretudo a sua contribuição para a educação do estado.

Em 1934, o programa Hora Infantil, da Rádio Educadora Paulista, lançou um concurso para compositores musicarem versos de alguns poetas, entre eles os de Zalina Rolim, como informado em nota publicada no *Correio Paulistano*, em 18 de agosto daquele ano.

Figura 23 – Nota sobre concurso para compositores musicarem versos de Zalina Rolim publicada no *Correio Paulistano*, em 1934.



CONCURSO PARA COMPOSITORES BRASILEIROS

Continu'a despertando grande interesse na roda dos nossos compositores, o concurso que a Hora Infantil da Radio Educadora Paulista resolveu abrir em torno da factura de um album com doze peças de musicas para cânto, destinado ás nossas crianças.

E' necessario que os autores sejam brasileiros e que as composições musicaes tenham por letra versos de Vicente de Carvalho ou Baptista Cepellos ou Amadeu Amaral ou d. Zalina Rolim.

As inscripções estão abertas até novembro do corrente anno no escriptorio da P.R.A.-6, á rua Felippe de Oliveira, 1 — 9.º andar.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

No cinquentenário do Jardim da Infância anexo à Escola Normal Caetano de Campos, em 1944, Rolim foi homenageada pelo Centro do Professorado Paulista, em solenidade que relembrou a sua trajetória na literatura e na pedagogia.

Figura 24 – Notícia de homenagem oferecida pelo Centro do Professorado Paulista a Zalina Rolim apresentando foto da escritora, publicada no jornal *Correio Paulistano* (26 de abril de 1944).



Homenageada pelo professorado paulista a educadora Zalina Rolim

A SOLENIDADE ONTEM REALIZADA NO CENTRO DO PROFESSORADO PAULISTA

Realizou-se ontem, às 13 horas, na sede do Centro do Professorado Paulista, a homenagem que por iniciativa dessa associação de classe o magisterio bandeirante prestou à poetisa e educadora d. Zalina Rolim.

D. Zalina Rolim

Com o apoio do Departamento de Educação e a colaboração do orfeão Mariano de Piracicaba e mais quatro orfeões infantis de grupos escolares desta capital, as solenidades decorreram num ambiente de exaltação e carinho à figura e sobretudo à obra da consagrada poetisa paulista.

Sob a presidencia do sr. Sebastião Nogueira de Lima, Secretario da Educação, foi executado esplendido programa organizado por uma comissão designada pela diretoria do C. P. P. Inicialmente falou o prof. Sud Mennucci, diretor do Departamento de Educação, que oferecendo aquela festa traçou o perfil da homenageada, e relembrando toda a sua marcante atuação nos nossos meios literarios e educacionais dos fins do seculo XIX. Disse que uma iniciativa dessa natureza não poderia mesmo deixar de contar com o apoio espontaneo do Departamento de Educação, porque quando se homenageia uma educadora sente-se que é o proprio magisterio que está sendo homenageado. Em seguida o conjunto orfeonico infantil, sob a regencia do maestro Benedito Dutra cantou varias musicas, encerrando o seu programa com "Infancia", letra de Zalina Rolim e musica de Benedito Dutra. O poeta Agnelo Rodrigues de Melo (Judas Isgorogota) fez uma saudação à distinta colega, mostrando a injustiça que os nossos escritores de historia da literatura teem feito à contribuição notavel da lirica infantil, dessa poesia que é toda feita de carinho e coração e de que d. Zalina Rolim é um exemplo. Relembrou a justiça que Vicente de Carvalho fez à autora de "Coração", para dizer que a historia da literatura está, de hoje em diante, acrescida de uma pagina, que é aberta por essa homenagem que o professorado vem de prestar a d. Zalina Rolim. O Orfeão Mariano, de Piracicaba, deu prosseguimento à festa, com magnificos numeros do seu vasto repertorio depois que o prof. Melo Aires, em nome da caravana piracicabana, saudou tambem a homenageada. Esta, visivelmente comovida, comunicou ao prof. Sud Mennucci que não falaria, mas, ainda que sentada, iria declamar uma das suas poesias ineditas, dedicadas especialmente às crianças que ali estavam enchendo de tanta alegria aquela solenidade. Fez-se silencio e ouviu-se então a poetisa a dizer de viva voz um dos seus muitos trabalhos que um dia serão, por certo, dados à publicidade. Encerrando aquela homenagem feita de coração e arte, falou o sr. Secretario da Educação, para dizer que trazia a solidariedade do governo do Estado ao preito de admiração e estima a uma ilustre dama paulista que tudo fez por honrar as gloriosas tradições dos seus antepassados e do seu saudoso esposo. Relembrou o que teria sido para ela, como poetisa e educadora, a companhia de Xavier de Toledo, o jurista que ainda hoje representa uma das expressões mais vivas da magistratura bandeirante. Terminando a sua brilhante oração, o sr. Sebastião Nogueira de Lima anunciou, em meio de grande salva de palmas, que o governo do Estado, para demonstrar de maneira mais sensivel o reconhecimento ao merito de educadora e poetisa da homenageada, resolvera dar o seu nome a um dos grupos escolares do Estado, para que Zalina Rolim continue a ser sempre um modelo às gerações porvindouras.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

No evento, ocorrido em 25 de abril de 1944, Zalina Rolim, que contava com setenta e cinco anos, em rara aparição pública, após a introdução do educador Sud Mennucci (1892-1948), então Diretor-Geral do Departamento de Educação de São Paulo, prestigiou a apresentação musical de um conjunto orfeônico infantil e a saudação do escritor e jornalista Agnelo Rodrigues de Melo (1901-1979), mais conhecido pelo pseudônimo Judas Isgorogota.

Figura 25 – Reprodução de fotografia veiculada em notícia de homenagem oferecida pelo Centro do Professorado Paulista a Zalina Rolim, publicada no jornal *Correio Paulistano* (23 de julho de 1944).



D. Zalina Rolim ao chegar a Guaiauna

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Em sua fala, ele protestou contra o descaso com que os historiadores e estudiosos da literatura teriam tratado a produção da autora, tentando firmar aquela homenagem como abertura para a correção de tal injustiça nos registros oficiais. Bastante emocionada, Rolim preferiu não discursar e ateve-se apenas à leitura de um poema inédito.

Figura 26 – Detalhe de nota sobre a homenagem oferecida pelo Centro do Professorado Paulista a Zalina Rolim apresentando foto da escritora ao lado de outros convidados do evento, publicada no jornal *O Estado de S. Paulo* (26 de abril de 1944).



Homenagem á educadora D. Zalina Rolim

A homenagem ontem prestada á distinta poetisa e educadora, no Centro do Professorado Paulista — Saudação do Professor Sud Mennucci — Dado o nome de Zalina Rolim ao G. E. de Guaiauna

Flagrante colhido no Centro do Professorado Paulista, vendo-se D. Zalina Rolim, ladeada pelos Srs. Dr. Sebastião Nogueira de Lima, Secretario da Educação, e professor Sud Mennucci, Diretor-Geral do Departamento de Educação

Fonte: Acervo histórico do jornal *O Estado de S. Paulo*.

A festividade foi finalizada com o pronunciamento de Sebastião Nogueira de Lima (1881-1964), então Secretário da Educação e Saúde de São Paulo, que anunciou a escolha do nome da escritora para um dos grupos escolares do estado, a fim de perpetuar a importância de seu papel em prol do ensino paulista.

Após a publicação de decreto, em 26 de maio de 1944, confirmando a mudança de nome do Grupo Escolar de Guaiuna, foi realizada a cerimônia de inauguração, no referido estabelecimento, do retrato da autora como forma de oficializar a nova designação de Grupo Escolar Zalina Rolim, em 22 de julho do referido ano. A solenidade, além de Zalina Rolim, teve a presença do citado Sud Mennucci, do educador Henrique Ricchetti (1901-1991), então Delegado Regional de Ensino da capital paulista, do escritor e educador Júlio César de Melo e Sousa (1895-1974), mais conhecido pelo pseudônimo Malba Tahan, de professoras e alunos da instituição.

Figura 27 – Fotografia da cerimônia de inauguração do retrato de Zalina Rolim no Grupo Escolar Zalina Rolim, publicada no jornal *O Estado de S. Paulo* (23 de julho de 1944).



Aspecto fixado durante a solenidade

Fonte: Acervo histórico do jornal *O Estado de S. Paulo*.

Segundo nota publicada no jornal *O Estado de S. Paulo* no dia seguinte ao evento, o retrato de Rolim seria o mesmo que se encontrava no Jardim de Infância da Escola Normal de São Paulo, sendo pendurado no vão de entrada como exemplo às novas gerações de educadores. Atualmente, o Grupo Escolar se tornou a Escola Estadual Dona Zalina Rolim, localizada no bairro Vila Aricanduva, em São Paulo.

Figura 28 – Retrato de Zalina Rolim presente no Grupo Escolar D. Zalina Rolim, atual Escola Estadual Dona Zalina Rolim.



Fonte: Piza (2008).

Em 1953, o escritor e educador Dante Alighieri Vita, ligado ao Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, refletiu sobre o legado da escritora em um artigo da série "Poetas paulistas", publicado na edição de 27 de dezembro do periódico *Pensamento e Arte*, suplemento literário do *Correio Paulistano*. O registro, intitulado "Zalina Rolim – Seu realismo simples e enternecido", apontando que a autora tinha uma alma "[...] delicada, muito feminina, que se enternece diante das coisas mais simples, mais puras que adora" (VITA, 1953, p. 2), retomando a visão limitada com que o seu trabalho fora encarado décadas atrás. O articulista transcreveu os poemas "Pomba ferida", "Campestre" (renomeado de "Cena campestre", "Mensageiro d'alma" (dedicado à memória de Ezequiel Freire, renomeado de "Mensagem d'alma") e "Croquis" (renomeado de "Quarto de moça"), acompanhados de comentários amenos que ressaltavam a pureza e a sinceridade de seu compor. Apesar disso, elogiando a autora como "um dos pontos altos e autênticos de nossa melhor emoção poética", ao final do exposto, observou: "A produção poética de Zalina Rolim vive ainda muito esparsa – pelo seu valor é pena que dela não haja uma edição completa" (VITA, 1953, p. 2). Podemos considerar que a presente tese tenta justamente realizar essa reunião dos seus trabalhos esparsos, com foco na sua produção para a imprensa.

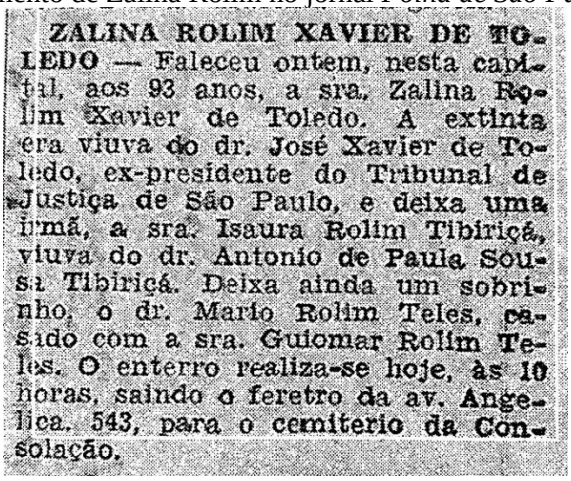
Já em 1954, segundo Dantas (1983), Zalina Rolim voltou a ser lembrada pela sociedade paulista, desta vez em homenagem realizada em 14 de outubro daquele ano, em vigília do dia do professor. Na ocasião, a escritora teria recebido o título de "Mestra do IV centenário da cidade de São Paulo". A cerimônia de condecoração teria sido realizada no Instituto Caetano de Campos, na capital paulista, contando com saudação proferida pelo escritor e educador Manoel Cerqueira Leite, apresentações musicais e declamações de poemas, além da montagem de uma peça dedicada à homenageada de autoria da educadora Isabel Vieira de Serpa e Paiva[35].

Até meados do século XX, Rolim continuou tendo seus escritos republicados ou reproduzidos em alguns jornais, revistas e almanaques de outros estados que não São Paulo e Rio de Janeiro. Tal montante será apresentado no nosso próximo capítulo. No convívio do lar, a autora alimentava as lembranças da época em que exercia a carreira literária, sem, contudo, voltar a encará-la com a seriedade de antes. Permanecia escrevendo, é certo, mas contentava-se apenas com as recitações caseiras, sem grandes anseios de publicação (LEITE, 1963). Desde 1897, alimentava a ideia de lançar um terceiro livro, a se chamar *Livro da saudade*, que chegou a ter algumas amostras divulgadas na imprensa, mas cujo projeto nunca foi realmente efetivado.

[35] Não encontramos qualquer registro em fontes primárias que confirme a realização de tal homenagem.

Passando a viver na companhia da irmã Candida, que havia permanecido solteira, Zalina Rolim faleceu de esclerose generalizada e caquexia em 24 de junho de 1961, em São Paulo, quando contava noventa e quatro anos (DANTAS, 1983). O óbito foi noticiado na imprensa, ainda que, por vezes, com algumas informações biográficas erradas (como indicando que ela foi diretora do Jardim da Infância), provenientes do seu afastamento da vida pública.

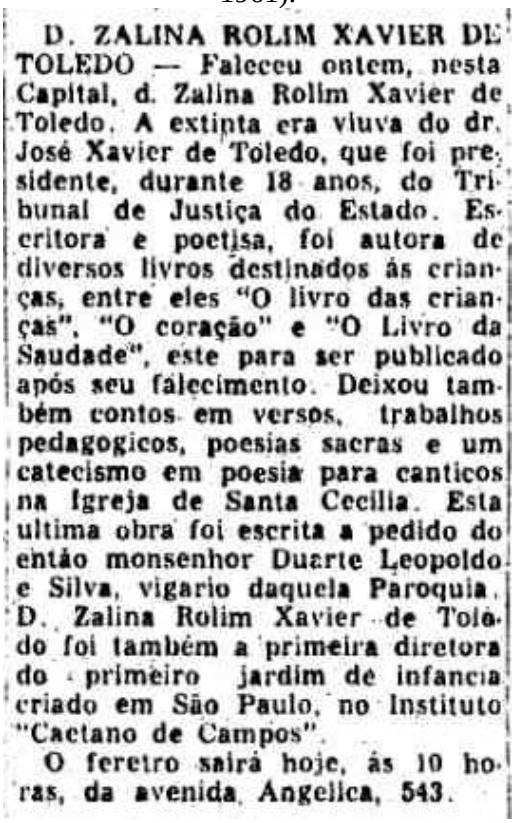
Figura 29 – Nota de falecimento de Zalina Rolim no jornal *Folha de São Paulo* (25 de junho de 1961).



ZALINA ROLIM XAVIER DE TOLEDO — Faleceu ontem, nesta capital, aos 93 anos, a sra. Zalina Rolim Xavier de Toledo. A extinta era viuva do dr. José Xavier de Toledo, ex-presidente do Tribunal de Justiça de São Paulo, e deixa uma irmã, a sra. Isaura Rolim Tibiriçá, viuva do dr. Antonio de Paula Sousa Tibiriçá. Deixa ainda um sobrinho, o dr. Mario Rolim Teles, casado com a sra. Guiomar Rolim Teles. O enterro realiza-se hoje, às 10 horas, saindo o feretro da av. Angelica, 543, para o cemiterio da Consolação.

Fonte: Fonte: Acervo histórico do jornal *Folha de São Paulo*.

Figura 30 – Nota de falecimento de Zalina Rolim no jornal *O Estado de S. Paulo* (25 de junho de 1961).



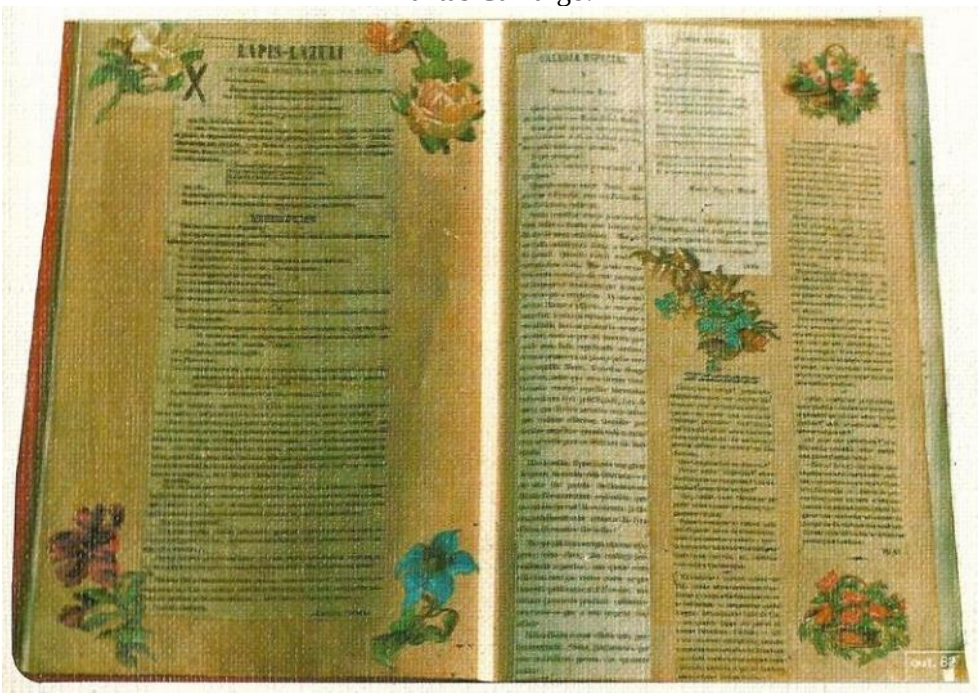
D. ZALINA ROLIM XAVIER DE TOLEDO — Faleceu ontem, nesta Capital, d. Zalina Rolim Xavier de Toledo. A extinta era viuva do dr. José Xavier de Toledo, que foi presidente, durante 18 anos, do Tribunal de Justiça do Estado. Escritora e poetisa, foi autora de diversos livros destinados ás crianças, entre eles "O livro das crianças", "O coração" e "O Livro da Saudade", este para ser publicado após seu falecimento. Deixou também contos em versos, trabalhos pedagogicos, poesias sacras e um catecismo em poesia para canticos na Igreja de Santa Cecilia. Esta ultima obra foi escrita a pedido do então monsenhor Duarte Leopoldo e Silva, vigario daquela Paroquia. D. Zalina Rolim Xavier de Toledo foi também a primeira diretora do primeiro jardim de infancia criado em São Paulo, no Instituto "Caetano de Campos".

O feretro sairá hoje, ás 10 horas, da avenida Angelica, 543.

Fonte: Fonte: Acervo histórico do jornal *O Estado de S. Paulo*.

Dantas (1983) menciona como a mais rica fonte biobibliográfica sobre a escritora um álbum organizado pela própria. O pesquisador relata que, no decorrer dos anos, ela colecionou recortes de suas colaborações nos periódicos, colando-os em um caderno. As colagens eram acompanhadas de delicadas aplicações coloridas ou desenhos, evidenciando que a autora conservava o cuidado com a apresentação material de seus registros, como fazia com os frutos de sua criação enviados às redações dos jornais e revistas no passado.

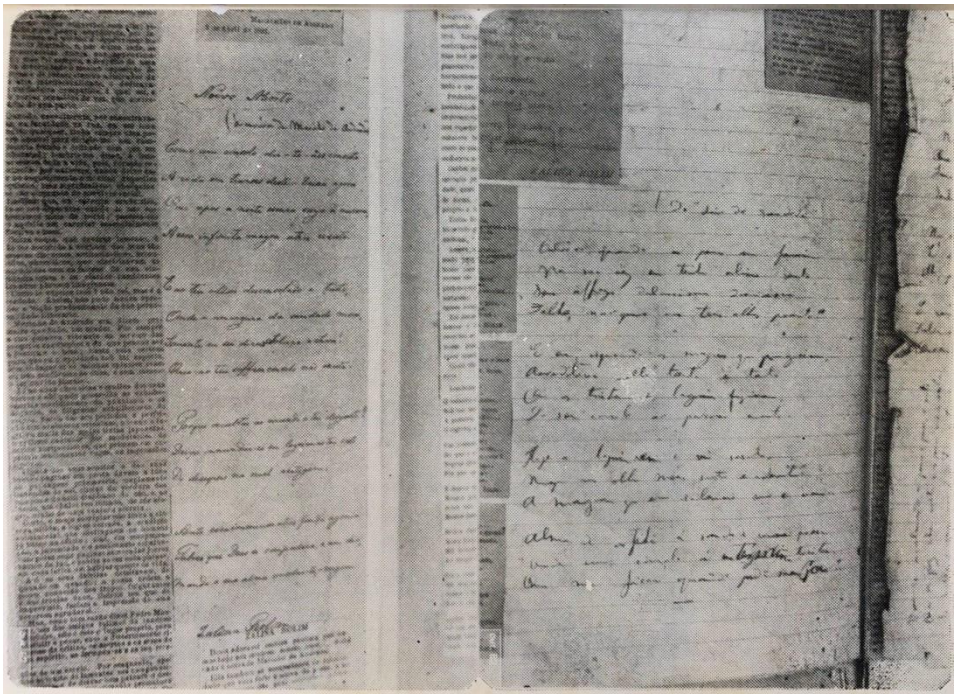
Figura 31 – Reprodução fotográfica de páginas do álbum de recortes de Zalina Rolim, por Evandro Dantas Camargo.



Fonte: DANTAS (1983, imagem de capa).

A brochura também recolhia escritos inéditos assinados pela autora entre outros já publicados na imprensa ou em livros, além de uma miscelânea da obra de outros escritores de sua preferência e estima.

Figura 32 – Reprodução fotográfica de páginas do álbum de recortes de Zalina Rolim, por Evandro Dantas Camargo.



Fonte: DANTAS (1983, s/p.)

Zalina Rolim não teve novas edições de seus livros, mas seus escritos continuaram sendo compartilhados e ganharam longevidade muito por causa da imprensa e do meio pedagógico do qual fez parte. Sua produção alcançou todo o país através dos veículos impressos e, até meados do século XX, seus registros eram incluídos em coletâneas educacionais e recitados em escolas, como pode ser verificado nos inúmeros programas escolares publicados no jornal *Correio Paulistano*, que registravam as apresentações de seus poemas por alunos das escolas paulistas.

A escritora demonstrou conhecer os limites permitidos à escritura feminina de sua época, não confrontando diretamente o discurso dominante, o que garantiu o reconhecimento ainda em vida, mesmo tendo ousado adentrar o território das letras, então predominantemente masculino. Com o passar dos anos, todavia, a atividade intelectual de Rolim quase foi esquecida, mantendo-se invisível e ignorada pela historiografia literária oficial, muito em decorrência de questões de gênero que também podem ter motivado o seu abandono precoce à lide com a pena, evidenciando um curto período de produção.

Com o exposto no presente capítulo, ficou evidente que, mesmo com o notável talento, a refinação escrita e a aclamação como uma das maiores de seu tempo, a tônica dos críticos, sobretudo homens, sempre aludia às suas "qualidades femininas", algo que pode ter influenciado a vontade de novamente restringir-se ao ambiente doméstico, voltando ao assombro do "anjo do lar" (WOOLF, 2012). Ela provavelmente não conseguiu ver-se fora do papel social em que sempre a colocavam, mesmo quando transgrediu o espaço do lar e passou

a publicar o que elaborava, também alcançando a nomeação a um cargo público. Continuava subjugada, mesmo assumindo um perfil ideológico junto ao crescimento da instrução pública de seu estado. Podemos inferir, assim, que os ninhos de intelectuais que acolhiam a autora também podavam as suas asas.

O casamento veio, assim como as obrigações de Rolim com o lar e o marido. As redes de sociabilidades que antes alimentaram a sua carreira foram aos poucos se esvaindo. O desejo de seguir com a ocupação pedagógica e a profissão das letras se dissipou também na perda dos entes queridos que a inspiravam e a incentivavam. Entretanto, mesmo assim, não deixou de exercitar a escrita, ainda que apenas mostrando os seus registros a poucos familiares e conhecidos com quem ainda tinha contato. Permanecia escrevendo para dar voz a si mesma e à sua arte. O álbum perdido, um relicário de papéis que aparentemente contemplava todo o seu percurso de escritora, apontava um empenho em relação à conservação da memória dos anos em que se percebeu em outra realidade que não só à atrelada ao que se esperava de sua condição feminina. Aquela coleção de recortes, mais do que isso, mostrava que ela não se sentia culpada pelo que realizou, ainda que demonstrasse não ter gosto pelo compartilhamento de suas linhas.

No próximo capítulo, tentaremos localizar e caracterizar a produção de Zalina Rolim ainda inédita em livro, abrangendo tanto a prosa como a poesia, procurando, a partir do mapeamento de sua contribuição na imprensa periódica entre os séculos XIX e XX, melhor compreender a sua inclusão no campo intelectual de seu tempo. Tal tarefa objetiva recuperar, ainda que simbolicamente, o álbum que contemplava a sua trajetória nas letras, processo este iniciado no presente capítulo, com o exame da apreciação crítica que a escritora recebeu. Realizaremos a caracterização dos jornais, revistas e almanaques que receberam a sua contribuição, explorando a história, o conteúdo e o arranjo estrutural desses periódicos, também detalhando um pouco da presença da autora em outros veículos impressos brasileiros e do exterior que não receberam a sua colaboração efetiva. Tal conjuntura também permitirá com que averiguemos, dentro da produção da referida escritora, os principais temas de seu interesse e as representações que ela disseminava.

3 OS PRIMEIROS VOOS COMO COLABORADORA: ZALINA ROLIM EM PERIÓDICOS DE INTERESSE GERAL

Vai, luminoso sentimento alado,
Pássaro da alma, estranho forasteiro,
Percorre o infindo páramo estrelado... [...]

Zalina Rolim – "Mensageiro d'alma"
(*O coração*, 1893)

O estudo da publicação escrita de Zalina Rolim em periódicos permite a reconstituição de um relicário de papeis que registra a sua trajetória nas letras. O álbum perdido organizado pela autora nos anos em que se viu afastada da atividade literária e profissional revelava, em seus recortes da imprensa, a forma como ela se apropriava da leitura e da escrita. O trabalho com a pena publicado em jornais, revistas e almanaques, posteriormente guardado no álbum mencionado, permitiu com que ela, assim como os pássaros que tanto retratou em seus escritos, batesse suas asas em direção ao reconhecimento público.

Segundo Dantas (1983), no decorrer das páginas da coleção, Rolim anexou, acompanhados de aplicações coloridas e cromos reproduzindo flores, animais e alegorias que serviam de ilustrações (elemento comum nas margens e cantos de álbuns e cadernos escolares da época), suas colaborações em verso e prosa, crônicas e artigos que redigiram sobre ela, bem como notícias e saudações à sua figura pública. Alguns desses registros se encontravam soltos, outros colados, a maioria sem indicação de fonte e data.

O referido álbum perdido, medindo 22 x 25 cm, de capa vermelha e lombada grená com o título "POESIAS" seguido das iniciais "Z. R. T." gravados em dourado, continha "41 páginas, numeradas apenas na face, sem contar o verso, donde salta para a página 50, seguindo páginas sem numeração", além de um caderno encaixado de papel pautado que aparentemente consistia em uma primeira versão da coletânea (DANTAS, 1983, p. 91-92). A prática de recolha de escritos em álbuns era comum entre os séculos XIX e XX (LACERDA, 2003), sendo inclusive adotada por diversas autoras, a exemplo de Maria Firmina dos Reis, que apontou: "O Álbum é o livro da alma; é nele que estampamos os nossos mais íntimos sentimentos, os nossos mais extremosos afetos, assim como as mais pungentes dores de nossos corações" (MORAIS FILHO, 1975, s/p.). Tratava-se de uma interessante relação entre o manuscrito e o impresso, podendo unir em um mesmo volume a produção publicada e a que ainda permanecia inédita.

De fato, o conteúdo do álbum de Zalina Rolim também abrangia suas relações sociais, em cartas com outros escritores, assim como seus gostos e suas preferências no tocante ao fazer

estético, trazendo, em registro completo ou em trechos, "poesias, crônicas e artigos e fotografias de escritores nacionais e estrangeiros", recortes dentre os quais a autora, sem qualquer cerimônia, encaixava as próprias composições (DANTAS, 1983, p. 92). Assim, ela imprimia, nesses papeis, além do apreço pela literatura, o orgulho de sua prolífica carreira como escritora. É desse acervo que trata a parte final do nosso percurso, na qual tentamos ressaltar a importância da imprensa periódica para a trajetória intelectual e profissional da autora.

A partir deste capítulo, propomos o abrir de tal relicário, mostrando como a imprensa possibilitou à escritora o contato com diferentes públicos leitores e o tratamento de temas variados, bem como o reconhecimento de editores e outros autores, evidenciando que foi nos periódicos, mais do que nos livros, que ela pôde melhor exercitar a verve literária, como era comum na cultura letrada da época. O levantamento apresentado envolveu a produção exclusiva e autoral de Zalina Rolim para a imprensa ou nela veiculada antes da edição em livro, com os periódicos sendo apresentados de maneira diacrônica de acordo com publicação dos seus escritos, acompanhando a sua carreira literária de 1885 a 1905, período em que ela se manteve ativa publicamente. Nossos comentários propõem detalhar a relação da autora com cada órgão impresso que recebeu a sua colaboração e com o próprio contexto em que ela esteve inserida.

Exploramos, neste terceiro capítulo, a participação de Zalina Rolim nos periódicos noticiosos ou literários, cujo público leitor era bastante abrangente. Tais veículos foram os primeiros a divulgar e a saudar os seus escritos, resguardando a maioria da sua produção na imprensa principalmente do final do século XIX.

3.1 *A Semana* (1885-1895)

Os periódicos de caráter noticioso, literário e de interesse mais geral, sem público tão específico, foram os primeiros a editar a produção de Zalina Rolim. Publicados em circulação diária, semanal, mensal ou anual, tais jornais, revistas e almanaques ofereciam espaço aos escritos literários aliando-os aos de outras áreas, envolvendo a transformação e a criação de novos gêneros.

> Por isso mesmo, o termo "literário", quando associado a um jornal, está sempre relacionado a outra palavras. São *Político, Literário e Crítico*, ou *Político, Literário e Comercial*, ou *Literário, Recreativo e Noticioso,* e até mesmo *Científico, Literário e Crônico*. Do que podemos concluir que o literário une um variado número de tendências, assuntos, ideologias, agregando, como se deduz, um grupo variado de leitores (BARBOSA, 2007, p. 30, grifos da autora).

Dessa maneira, tal matéria literária aparecia geralmente em seções de miscelânea ou em colunas de variedades que nem sempre traziam gêneros da literatura como conhecida hoje, envolvendo e absorvendo um conjunto amplo de outros escritos inclusive sem classificação formal. Assim, a pesquisa na imprensa como fonte primária requer atenção para a materialidade e o conteúdo do suporte periódico como um todo, visto que, para além do espaço diverso destinado aos escritos literários, estes guardavam relação com outros escritos ali também publicados ou com a própria linha editorial oferecida. Nesse ambiente de multiplicidade discursiva, havia um "pulsar heterogêneo e variado, que pode revelar múltiplas perspectivas de uma época e maneiras desiguais de se apropriar e de se aproximar da cultura escrita" leitores (BARBOSA, 2007, p. 40).

Como visto no capítulo anterior, a participação de Rolim na imprensa teve início provavelmente com a edição do poema "Ioiô" na seção "Colaboração" da revista fluminense *A Semana*, em 5 de setembro de 1885. A folha, fundada e dirigida pelo já mencionado Valentim Magalhães, em sua primeira edição, datada de 3 de janeiro de 1885, indicava ser diferenciada por ter um "caráter de jornal diário", comentando os principais fatos políticos e sociais do momento, além de tratar de questões literárias e artísticas:

> O seu fim único será este: – fazer a história completa e fiel da semana decorrida, dando a *nota do dia*. Para isso terá seções em que se ocupará com tudo quanto tenha sito feito na semana, em ciências, artes, letras, comércio, indústria, costumes, religião, etc. [...] (*A Semana*, 3 jan. 1885, p. 1).

Com o intuito de "auxiliar os jovens escritores de talento", *A Semana* indicava já em seu prospecto que aceitava "qualquer trabalho literário em harmonia com a sua índole e o seu programa, publicando-o, e pagando-o ao seu autor de conformidade com a tabela da folha" (*A Semana*, 3 jan. 1885, p. 1). Tal abertura de publicação, prática não exclusiva de tal jornal tampouco dessa época, notoriamente possibilitou o acolhimento de Rolim como então iniciante nas letras, bem como lhe trouxe a perspectiva de remuneração pelo trabalho com a pena.

Figura 33 – Frontispício da primeira edição da revista *A Semana* (3 de janeiro de 1885).



ANNO I Rio de Janeiro, 3 de Janeiro de 1885 N. 1

A SEMANA

Publica-se aos Sabbados

POR TRIMESTRE:
Dentro e fóra da capital: 2$000 rs.

DIRECTOR — VALENTIM MAGALHÃES
REDACÇÃO E GERENCIA — TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO

NUMERO AVULSO:
Do dia 100 rs.; atrasado 200 rs.

Não se restituem originaes, embora não publicados.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

O hebdomadário de oito páginas era publicado aos sábados e vendido, inicialmente, em número avulso ou por assinatura trimestral. Depois, também foram oferecidas as assinaturas semestral e anual, ainda sendo disponibilizadas para venda as edições atrasadas. Valentim Magalhães dirigiu o periódico de 3 de janeiro de 1885 a 31 de outubro de 1887. Na edição de 7 de novembro de 1887, a folha foi passada para a propriedade de J. Borges Carneiro e Belarmino Carneiro, que a dirigiram até 7 de janeiro de 1888. Em seguida, pelo curto período de 4 de fevereiro a 21 de abril de 1888, o proprietário passou a ser Leopoldo Cabral.

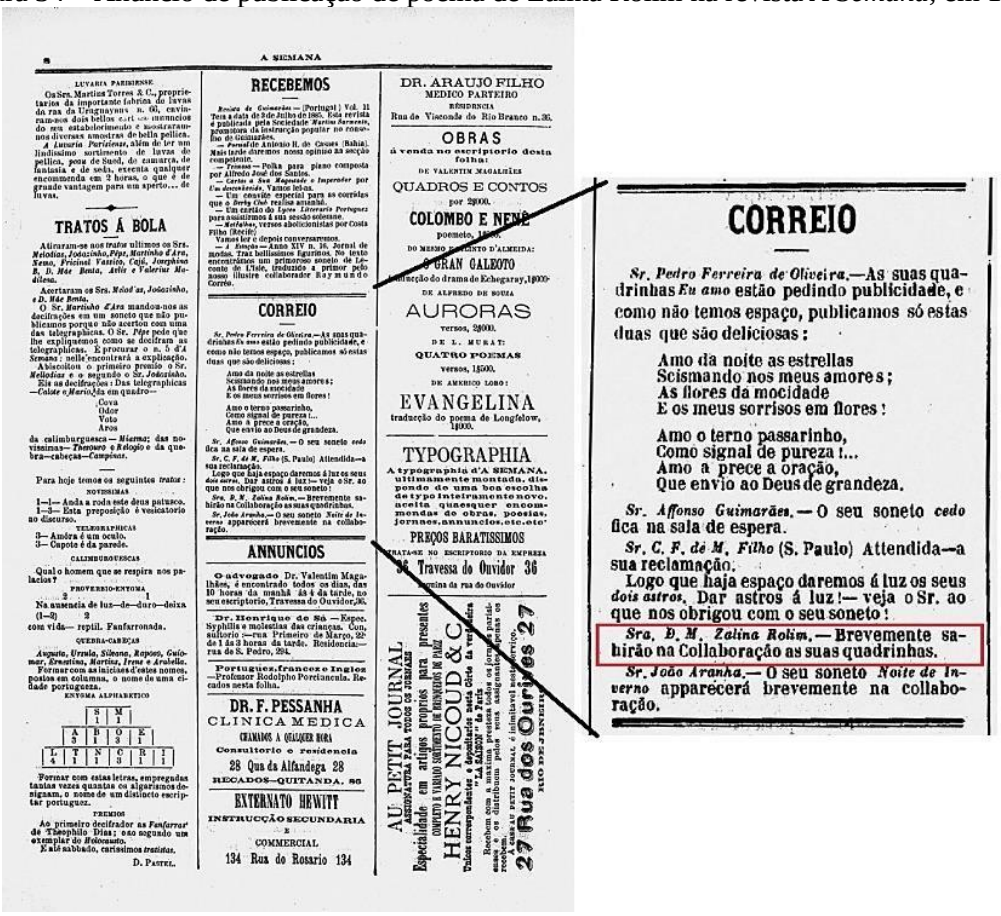
Terminando nessa época, *A Semana* reapareceu em 5 de agosto de 1893, voltando a ter direção de Valentim Magalhães, com Max Fleiuss como redator-chefe e H. de Magalhães como secretário de redação. Mesmo com tantas mudanças na gerência, o conteúdo da revista permaneceu praticamente o mesmo, apresentando seções diversas sobre política, esportes, vida social e doméstica, teatro, lançamentos editoriais, além de crítica e contribuição literária.

A seção de publicação irregular[36] "Colaboração" surgiu na edição de número 31 da revista, datada de 1 de agosto de 1885, sendo certamente criada para abrigar a produção de escritores iniciantes e não tão conhecidos do público que enviavam suas criações para apreciação dos editores, visto que outros autores mais famosos continuavam a ser editados sem local determinado na folha. Entre os célebres escritores que já vinham colaborando com *A Semana*, destacam-se o casal Júlia Lopes de Almeida e Filinto de Almeida, que viriam a desenvolver uma relação mais próxima com Zalina Rolim posteriormente. O periódico também reproduzia excertos de outros nomes famosos da literatura, como Victor Hugo e Alexandre Dumas (1802-1870).

[36] A seção "Colaboração" não figura com regularidade em *A Semana*, evidenciando que nem sempre a redação do periódico recebia originais de autores iniciantes, diferente da contribuição de outros escritores de prestígio na época, que permaneceu sendo publicada em maior ou menor grau em todas as edições da revista.

Em 29 de agosto de 1885, na seção “Correio”, apareceu n’*A Semana* um recado direcionado à própria Zalina, avisando que em breve iria ser publicada uma composição em quadras de sua autoria na referida seção “Colaboração”.

Figura 34 – Anúncio de publicação de poema de Zalina Rolim na revista *A Semana*, em 1885.



CORREIO

Sr. Pedro Ferreira de Oliveira.—As suas quadrinhas *Eu amo* estão pedindo publicidade, e como não temos espaço, publicamos só estas duas que são deliciosas:

Amo da noite as estrellas
Scismando nos meus amores;
As flores da mocidade
E os meus sorrisos em flores!

Amo o terno passarinho,
Como signal de pureza!...
Amo a prece a oração,
Que envio ao Deus de grandeza.

Sr. Affonso Guimarães.— O seu soneto *cedo* fica na sala de espera.

Sr. C. F. de M. Filho (S. Paulo) Attendida—a sua reclamação.

Logo que haja espaço daremos á luz os seus *dois astros*, Dar astros á luz!— veja o Sr. ao que nos obrigou com o seu soneto!

Sra. D. M. Zalina Rolim.— Brevemente sahirão na Collaboração as suas quadrinhas.

Sr. João Aranha.— O seu soneto *Noite de Inverno* apparecerá brevemente na collaboração.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

É de se destacar que, na mencionada seção, havia outros recados direcionados a outros possíveis colaboradores, com alguns informando sobre a rejeição de seus versos na publicação daquela folha. Isso evidencia que a composição de Rolim passou por uma avaliação prévia, sendo selecionada dentre outras enviadas à redação por critérios aparentemente formais, ressaltando a qualidade do trabalho da jovem autora. Como prometido, ainda no aguardo do resultado do concurso literário “Soneto a prêmio” promovido pela revista e citado em nosso capítulo anterior, ela teve publicado na edição seguinte ao mencionado recado o poema “Ioiô”. No sumário do referido número, era incluído apenas o nome da coluna em que a composição era apresentada, por sua vez veiculada nas últimas páginas da revista.

IOIÔ

Não chores, irmã querida,
Acalma os soluços teus:
Os anjos não são da terra
Só vivem junto de Deus.
.....
Era lindo o teu anjinho
Como as estrelas sem véu,
Mas um dia abriu as asas
Voou... voou para o céu...

Não mais velarás em orno
Do seu bercinho adorado;
Não mais seu meigo sorriso
Verás brilhar a teu lado.

Não mais seu cândido rosto
Verás risonho e contente;
Não mais, no teu embebido,
Seu doce olhar inocente...

Não chores, irmã querida!
Era do céu... no céu está.
Se lá não tem os teus braços,
Carinhos de Deus terá.

Quando para o céu elevas
O triste e saudoso olhar,
Pelo espaço procurando
O seu sorriso a brilhar;

Quando em lágrimas tu pensas
Ver além, no azul infindo,
Entre o brilho das estrelas
O seu rostinho tão lindo;

Ele pede a Deus, consolo
Para a mãe amargurada,
Que o coração tem partido
E a alma dilacerada.

Não chores, irmã querida,
Acalma os soluços teus:
Os anjos não são da terra
Só vivem junto de Deus!
(*A Semana*, 5 set. 1885)

A longa composição, dividida em nove quadras de heptassílabos (redondilhas maiores), seguindo o esquema de rimas em ABCB, apresentava como estrofe inicial um mote que se repete ao final da composição. Nos versos, o eu lírico tentava acalmar o sofrimento da irmã pela morte de seu filho por meio de um discurso religioso. A criança falecida era evocada

através da figura de um anjinho que voa para o céu para encontrar proteção com o deus provavelmente da doutrina cristã. O título escolhido, o nome de um dos brinquedos mais antigos existentes, o ioiô, associava o movimento de vai e volta deste objeto com o deslocamento que a criança, tida como ser celestial, realizou. A aparente curta passagem do sobrinho do eu poético pela vida era justificada com ideia de que "Os anjos não são da terra", tendo o anjinho retornado ao seu lugar de origem no céu: "Era do céu... no céu está".

O duro sofrimento da mãe tomava forma, no poema, principalmente através da identificação da ausência do filho e no seu olhar para o céu. O eu lírico insistia que ela deveria se conformar com a perda, visto que a criança estaria pedindo o consolo daquela mulher ao deus que o acompanha. Os temas da maternidade e da ausência, como veremos mais a frente, seriam caros a Zalina Rolim, formando ou reproduzindo representações importantes à sua produção literária. A autoria voltaria a publicar n'*A Semana* somente em 1893, quando a referida folha retomou as atividades.

O poema "No silvestre" aparecia na edição de 12 de novembro, com a indicação de que havia sido escrito em agosto daquele ano, em alguma passagem pelo Rio de Janeiro. A composição era veiculada na segunda página da revista e mencionada em seu sumário, evidenciando o prestígio que a escritora já havia alcançado desde a sua primeira participação n'*A Semana*. O soneto, incluído no livro *O coração*, lançado naquele mesmo ano, descreve uma paisagem bucólica que a voz poética explora com curiosidade e regozijo.

NO SILVESTRE

Verdor de folhas novas, tom sadio
De alegres cores na amplidão sonora,
Frescuras de arvoredo; e o céu vazio
De nuvens sobre o mar, que a luz colora...

Caminho a passo: o matagal sombrio
Rescende um cheiro bom, que revigora;
A alma contente o sonoroso rio
Da inspiração desata azul em fora...

Por entre o verde cortinado espesso
Mergulho a vista e aspiro o deleitoso
E fresco odor do plácido recesso;

– Nem um rumor na veludosa alfombra:
E, a custo, o meu olhar, pleno de gozo,
Vai penetrando mais e mais a sombra...
(*A Semana*, 12 nov. 1893).

De um lugar colorido e alegre, apresentado na primeira estrofe, o leitor é levado a adentrar um matagal que, apesar de sombrio, revigora os sentidos e anima a alma. Nos últimos versos, o eu lírico ressaltava o seu prazer em embrenhar-se por aquele mataréu, o qual chama de "veludosa alfombra", comparando a sensação tátil da espeça vegetação selvagem com a de uma tapeçaria macia.

Figura 35 – Publicação do poema "No silvestre" na revista *A Semana*, em 1893.



122 A SEMANA

NOTAS SCIENTIFICAS

Todas os animaes têm, mais ou menos, a faculdade de se orientar, isto é: de achar a sua moradia quando se ausentam em busca de alimento ou quando fogem do inimigo. Tal faculdade nota-se, porém, muito desenvolvida, nos passaros migradores, cujo typo mais conhecido é o pombo viajante.

Nos invertebrados o poder de orientação assiste principalmente ás abelhas, que pousam em varias flôres e sabem voltar á colméa, muitas vezes distante, seguindo uma linha direita. E' mesmo apoiando-se neste facto que os caçadores de abelhas descobrem facilmente as colméas; costumam elles soltar duas abelhas em pontos distantes um do outro e marcam a intersecção das linhas traçadas pelo vôo das duas abelhas; a colméa está sempre situada nesse ponto de intersecção.

Nos peixes essa faculdade tem sido menos estudada que entre os vertebrados superiores.

Entretanto, sabe-se que o salmão volta todos os annos ao mesmo lugar e acha facilmente, após mezes e annos e, através os meandros complicados dos rios, o caminho que o conduz ao arroio onde nasceu.

As enguias tornam ao mar depois de viagens consideraveis; as do lago Comacchio, proximo a Veneza, fazem grandes viagens sobre a terra e voltam aos mares, atravessando campos e praias, apesar de ser-lhes, naturalmente, desconhecida a situação da agua salgada.

Warden conta um caso ainda mais typico. Em julho de 1758, o Connecticut soffreu formidavel secca; um lago de cerca de oito kilometros quadrados, situado perto de Windham ficou completamente vasio. Esse lago abrigava muitos milhares de rãs, que cedo soffreram cruelmente de sede, e o regato mais proximo distava cerca de oito kilometros.

Pois bem, numa noute essa multidão de rãs poz-se a caminho para o tal regato, atravessando o povoado e interrompendo o somno dos habitantes, pasmados.

A orientação existe desde o nascimento e independentemente de qualquer experiencia individual.

Humphrey Davy diz que um de seus amigos descobriu certo dia na areia de uma praia da ilha de Ceylão, ovos de crocodilo; a curiosidade dominou-o; quebrou um dos ovos e vio o pequenino reptil dirigir-se immediatamente para o lado d'agua.

Deixarei de lado as migrações dos passaros, facto hoje geralmente conhecido; mencionarei sómente um facto, tanto mais interessante por isso que não se deu com um dos representantes da especie migradora. Um falcão, enviado pelo vice-rei das Canarias ao duque de Lerme, em Andaluzia, logo que foi posto em liberdade, abriu largo vôo para sua patria e no curtissimo espaço de dezeseis horas estava de volta de Andaluzia a Teneriffe, onde chegou exhausto de fadiga.

Nos mamiferos, exemplos semelhantes abundam. Todos conhecem os casos dos cães, dos gatos que, levados em cestos a distancia extraordinaria, voltam ao logar de partida. O facto do cão da archiduqueza Maria-Regina, que, levado de Menton a Vienna, voltou a Menton ao cabo de algum tempo é ainda mais significativo. Bory de Saint-Vin cent conta a anecdota seguinte: A' entrada do hotel de Nivernais havia um engraxador possuidor d'um formidavel cão d'agua, cuja occupação consistia em enlamear ossapatos dos transeuntes. O cão foi vendido a um inglez, que o levou para Londres; quinze dias mais tarde o mesmissimo cão achava-se de novo á entrada do hotel Nivernais. O caso do asno de Gibraltar, cuja authenticidade não póde ser posta em duvida, é extraordinario. Que por mim falle Houzeau: "Em março de 1816, a fragata ingleza "L'Isler" embarcára differentes animaes de Gibraltar. Um temporal sobrevelo, mal chegára a fragata á ponta de Gat, na costa da Hespanha, a mais de trezentos kilometros do porto de partida. A posição do navio tornou-se em extremo critica; os animaes foram atirados ao mar na esperança de que pudessem alcançar a terra nadando. Um asno, entre outros, logrou chegar á terra. Esse asno havia pertencido ao carrasco e era empregado em prender criminosos que deviam ser vergastados; tinha, portanto, as orelhas furadas, segundo a velha usança hespanhola e este signal o tornava odioso aos habitantes, que por isso não quizeram asconhoriar-se delle. Devido a esta circumstancia, o animal achou-se em plena posse dos seus movimentos e poz-se a procurar caminho. O logar era-lhe desconhecido, mas a direcção de sua morada imprimira-se-lhe no pensamento. Dentro de poucos dias estava elle na sua estribaria em Gibraltar."

No homem nota-se igualmente a noção da orientação, embora muito menos desenvolvida do que nos animaes.

Talvez isto seja devido á vida civilisada, pois na vida brutal, nos caçadores e nos selvagens, a orientação póde ter grande desenvolvimento. Os indios americanos sabem caminhar com absoluta certeza e sem bussola, nas florestas virgens. Um facto curioso, narrado por Harry Fade ("Nature 1879") menciona que algumas vezes os guias na Virginia (Estados Unidos) são accommettidos por uma especie de vertigem de direcção; transtornam-se, ficam nervosos e dirigem-se em caminho opposto ao devido.

Qual poderá ser a interpretação destes factos? A resposta é difficil e todas as explicações são pouco acceitaveis.

Wallace e Croom-Robertoon invocaram o sentido do olfacto.

Se o animal mettido n'um cesto acha o seu caminho é devido á serie de odores que foi sentindo e que descobre em direcção inversa.

E' certo que o olfacto do cão e de outros animaes é d'uma subtileza maravilhosa e que, como criteriosamente diz Croom-Robertoon, o mundo do cão deve ser um mundo cheio de impressões visuaes e olfactivas. Mas no caso vertente esta interpretação não basta, não considerando mesmo que o vento espalhe os odores tão facilmente como os nevoeiros.

Como se explica o caso de voltar o cão ao ponto de partida não pelo mesmo caminho, mas por um mais direito e, portanto, muito mais curto?

A vista póde servir de argumento tractando-se de certos animaes e em alguns casos. Mas na maioria dos casos esse sentido não póde ser invocado. Quando os pombos percorrem sem parar e sem previos ensaios centenas de kilometros, para que a vista lhes pudesse servir de unico guia seria necessario que elles subissem a uma altura a que não pódem absolutamente attingir, e, depois, como explicar as travessias maritimas durante as quaes não encontram pontos de reparo, e as viagens á noite?

E' tambem necessario admittir a memoria das localidades onde jaz o pombal e os objectos circumvisinhos, mas essa razão não cabe em referencia aos paizes, cheio de detalhes, que elles percorrem. Tanssenel explicou o instincto de orientação por uma sensibilidade particular ás influencias atmospherica e especialmente á temperatura e ao estado hygrometrico do ar.

Parece-me, entretanto, difficil explicar deste modo a precisão admiravel do vôo dos passaros migradores. De Roo, acceitando a influencia das condições thermicas e hygrometricas, acredita que a maior parte provem das influencias electricas da atmosphera.

Elle explica assim porque as perturbações atmospherica impedem o pombo de se orientar e de obter o caminho devido.

Viguier, n'um interessante artigo publicado na "Revue Philosophique" de 1882, emittiu a idéa (já dita por um anonymo na "Quaterly Review," de 1872,) que o magnestismo terrestre representa grande papel na faculdade orientativa. E' pois necessario admittir-se o "sentido magnetico." Nesta hypothese é preciso estabelecer um orgam para o sentido de Viguier e este pretende collocal-o nos canaes semicirculares, nos quaes muitos autores collocam o sentido do equilibrio ou do espaço.

A theoria de Viguier é engenhosa e seductora, mas não se apoia em nenhum facto experimental.

Pelo que fica dito verifica-se que até hoje nenhuma theoria define completamente a faculdade de orientação, e eu não sei si essa faculdade constitue mesmo um sentido especial ou se é a resultante das sensações, impressões e lembranças; um acto ás vezes instinctivo e psychico, como tantos outros que se observam nos animaes."

H. BEAUNIS.

(*Les Sensations Internes*)

NO SILVESTRE

Verdor de folhas novas, tom sadio
De alegres cores na amplidão sonora,
Frescuras de arvoredo; e o céo vasio
De nuvens sobre o mar, que a luz colóra...

Caminho a passo: o mattagal sombrio
Rescende um cheiro bom, que revigora;
A alma contente o sonoroso rio
Da inspiração desata azul em fóra...

Por entre o verde cortinado espesso
Mergulho a vista e aspiro o deleitoso
E fresco odor do placido recesso;

—Nem um rumor na velludosa alfombra:
E, a custo, o meu olhar, pleno de goso,
Vai penetrando mais e mais a sombra...

ZALINA ROLIM.

Rio, Agosto, 1893.

BOTANICA AMOROSA

II

"E' chegado o momento opportuno, minha doce amiga, de te explicar que nem todas as plantas são hermaphroditas, isto é, nem todas têm, como a ipomêa, os dous sexos reunidos e abrigados na mesma corolla.

"Muitas ha que, n'uma mesma haste, uma flôr contem o pistilo e outra o es-

NO SILVESTRE

Verdor de folhas novas, tom sadio
De alegres cores na amplidão sonora,
Frescuras de arvoredo; e o céo vasio
De nuvens sobre o mar, que a luz colóra...

Caminho a passo: o mattagal sombrio
Rescende um cheiro bom, que revigora;
A alma contente o sonoroso rio
Da inspiração desata azul em fóra...

Por entre o verde cortinado espesso
Mergulho a vista e aspiro o deleitoso
E fresco odor do placido recesso;

—Nem um rumor na velludosa alfombra:
E, a custo, o meu olhar, pleno de goso,
Vai penetrando mais e mais a sombra...

ZALINA ROLIM.

Rio, Agosto, 1893.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

O soneto constrói uma reverência à vida no campo, evidenciando os benefícios do contato com a mata virgem, mesmo com as dificuldades que tal empreitada envolveria. A autora, aparentemente a partir de sua própria experiência no ambiente rural, estimulava quem lesse a conhecer e vivenciar a natureza, podendo, ao mesmo tempo, enfrentar os seus mistérios e se afeiçoar de sua beleza. Apesar da curta colaboração, *A Semana* marcou a primeira

participação de Zalina Rolim em periódicos, abrindo portas para a publicação e a divulgação de seus escritos.

3.2 *A Província de São Paulo / O Estado de S. Paulo* (1875-)

O ambiente rural permaneceu uma constante na produção de Rolim, seja por sentimento saudosista ou mesmo por observação e delineamento de costumes que ela vivenciou. A composição "Hora nostálgica", já citada em nosso segundo capítulo, marcou a estreia da autora nas páginas do jornal *A Província de São Paulo* (1875-), um dos mais importantes periódicos do Brasil devido à sua larga circulação que perdura até hoje, também caracterizando outro exemplo desse apego ao passado:

> HORA NOSTÁLGICA
>
> Alvorecera um dia luminoso
> De límpida e suave transparência,
> Tranquilo como um sonho venturoso,
> Alegre como o riso da inocência.
>
> Do céu azul, sereno e fulgurante
> Por sobre o cafezal cerrado, extenso,
> Caía o sol, de um brilho deslumbrante,
> Dourando a plantação, cálido, intenso...
>
> Um velho escravo trêmulo e alquebrado
> A custo erguendo o baço olhar magoado,
> Contempla ao longe a alcantilada serra.
>
> E os lábios entreabrindo vagamente,
> Murmura: – Quem me dera, ó Deus clemente!
> Tornar a ver o céu da minha terra!
> (*A Província de São Paulo*, 5 nov. 1887).

O soneto foi transcrito na edição de 5 de novembro de 1887, na crônica "Na roça", em que Ezequiel Freire apresentou Zalina Rolim como um genuíno talento literário da cidade de São Roque. A aparição ocorreu na primeira página do jornal, demarcando uma estreia de prestígio. Nos versos, através da figura de um velho escravizado, a escritora trazia reminiscências da vida de fazenda. A abolição do sistema escravagista só viria no ano seguinte, coroando uma série de medidas que vinham cerceando tal prática. Nesta perspectiva, a autora tratava do tema da saudade por meio de uma figura triste e abatida que talvez pertencesse ao seu cotidiano em contraponto à bela e ensolarada paisagem dos cafezais do interior paulista.

À influência da lírica de Gonçalves Dias (1823-1864) e Castro Alves (1847-1871), a escritora tratava o exílio e a condição do sujeito escravizado com suposta sensibilidade, indicando que seus versos também acompanhavam as leituras feitas na juventude (DANTAS, 1983), homenageando a tradição literária que tanto admirava inclusive na escolha de uma forma poética fixa. De toda forma, não podemos negar a presença de um ponto de vista privilegiado em relação ao homem escravizado, pintado com idealização por uma jovem branca e da elite, que nunca viveu o flagelo das correntes e muito menos a dor do exílio.

A referida crônica de Freire também trazia anexa uma composição de uma das irmãs de Zalina, Candida Rolim, que não seguiu a carreira literária, mas soube aparentemente esboçar um pouco de como seria o seu convívio familiar naquela época:

> BOSQUEJO
>
> Em *chaise longue* sentado
> Lê papai o *Mercantil*;
> Um terno anjinho rosado
> Dorme na rede gentil.
>
> A bondosa mamãezinha
> Faz delicado *crochet*;
> Uma brejeira pretinha
> Na xícara deita o café.
>
> Na gaiola pequenina
> Uma avezita formosa
> Eleva a voz cristalina;
>
> Batem à porta: – Que há?
> Responde uma voz fanhosa:
> – *"Qué compra doce, Sinhá?"*
> (*A Província de São Paulo*, 5 nov. 1887).

O poema representava o lugar comum das elites e a sua relação com o sistema de escravização do povo negro. Os versos também ressaltavam a conjuntura social em que a família Rolim provavelmente ainda estava inserida, com a figura do pai debruçada sobre um elegante móvel de descanso a ler o jornal do dia[37] enquanto a figura da mãe praticava a costura, sendo servida por uma "brejeira pretinha". Os versos descreviam um cenário calmo típico da vida no campo, com um bebê a dormir na rede ao som do cantar de um pássaro de estimação engaiolado. A atmosfera era interrompida na última estrofe pela "voz fanhosa" de algum escravizado que bate à porta da casa com a intenção de vender doces.

[37] Trata-se, aparentemente, do periódico fluminense *O Mercantil* (1872-1892).

Nota-se que os adjetivos utilizados em relação às figuras escravizadas em muito contrastam com aqueles utilizados na descrição do ambiente da casa e de seus moradores, traçando uma representação idealizada do lugar privilegiado em contraponto à representação desvalorizada e depreciativa do povo negro, retratado como insignificante e sem educação. Tal perspectiva da irmã evidencia que, mesmo inspirada em poetas de cunho abolicionista, Zalina Rolim ainda estava inserida em um contexto escravocrata, podendo ter talvez imprimido ao soneto "Hora nostálgica" uma visão mais romântica do que verdadeiramente engajada em relação à situação dos escravizados.

A Província de São Paulo começou a circular em 4 de janeiro de 1875, sendo propriedade de uma associação comanditária de agricultores, comerciantes, homens de letras e capitalistas liderada pelos advogados Américo Brasiliense de Almeida Melo (1833-1896) e Manuel Ferraz de Campos Sales (1841-1913), o primeiro atuando na capital paulista e o segundo, na cidade de Campinas. A redação do jornal ficava a cargo do advogado Francisco Rangel Pestana (1839-1903) e do jornalista Américo Brasílio de Campos (1838-1900), com administração de José Maria Lisboa (1838-1918)[38].

Figura 36 – Frontispício da primeira edição do jornal *A Província de São Paulo* (4 de janeiro de 1875).


Anno I

A PROVINCIA DE SÃO PAULO

N. 1

PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO COMMANDITARIA

REDACTORES: AMERICO DE CAMPOS E F. RANGEL PESTANA

ADMINISTRADOR—JOSÉ MARIA LISBOA

Typographia e scriptorio,
RUA DE PALACIO N. 11

Typographia e scriptorio
RUA DE PALACIO N. 11

Fonte: Acervo histórico do jornal *O Estado de S. Paulo*.

O periódico apresentava quatro páginas e tiragem de 2.025 exemplares, sendo vendido, sempre com pagamento adiantado, em número avulso e por assinatura semestral ou anual. As assinaturas apresentavam desconto para leitores da capital paulista e poderiam ser iniciadas em qualquer dia ou mês, mas terminariam em junho ou em dezembro, dependendo do pacote adquirido.

[38] Como consta na primeira edição d'*A Província de São Paulo*, a sociedade constituída para a fundação e gestão do jornal incluiu como cotistas, além dos líderes e redatores mencionados, os fazendeiros de café do Oeste Novo paulista Bento Augusto de Almeida Bicudo, Antônio Pompeu de Camargo, João Manoel de Almeida Barboza, Rafael Paes de Barros, João Tobias de Aguiar e Castro, Manuel Elpídio Pereira de Queirós, João Tibiriçá Piratininga, José de Vasconcelos de Almeida Prado, Francisco de Salles e Martinho Prado Júnior, os capitalistas João Francisco de Paula Sousa, Diogo de Barros, José Pedroso de Morais Sales e Antônio Carlos de Sales, os advogados Francisco Glicério de Cerqueira Leite e José Alves de Cerqueira César, bem como o negociante Cândido Vale.

Com publicação diária, a folha propunha, desde a sua primeira edição, "ser útil à causa pública", oferecendo à província cujo nome tomava como título um "campo livre aos debates tão necessários para solução de problemas importantes que interessam a seu desenvolvimento moral e material" (*A Província de São Paulo*, 4 jan. 1875). Embora fosse gerido por um grupo em sua grande maioria republicano, o jornal inicialmente mostrou-se cauteloso, preferindo adotar uma postura política independente e autônoma, não se ligando a nenhum partido político.

> Não sendo órgão de partido algum nem estando em seus intuitos advogar os interesses de qualquer deles, e por isso mesmo colocando-se em posição de escapar às imposições do governo, às paixões partidárias e às seduções inerentes aos que aspiram ao poder e seus proventos, conta a *Província de São Paulo* fazer da sua independência o apanágio de sua força e a medida da severa moderação, sisudez, franqueza, lealdade e critério em que fundará o salutar prestigio a que destina-se a imprensa livre e consciente (*A Província de São Paulo*, 4 jan. 1875).

Todavia, tal periódico indicava que não iria praticar uma "imparcialidade do silêncio", assumindo o compromisso de manter uma opinião e uma análise séria das instâncias governamental e social qual fosse o viés político dominante. A inclinação republicana foi se revelando aos poucos, com a evidência da defesa de interesses da elite agrária, principalmente em relação à presidência das províncias brasileiras.

> É quase escusado dizer que a imprensa assim dirigida guardará nas colunas editoriais a harmonia de um pensamento político, o qual não poderá deixar de ser outro se não o do século e particularmente a tradução fiel das tendências bem pronunciadas da província de S. Paulo e mesmo desta nação, aonde todos se confessam entusiastas da democracia e louvam-lhe os intuitos pacíficos e civilizadores, versando muitas vezes a disputa palavrosa em saber quem melhor a compreende e pratica (*A Província de São Paulo*, 4 jan. 1875).

A defesa dos ideais republicanos que vinham tomando o país acabaria desembocando, para além da campanha pela implantação da República, no crescente combate ao trabalho escravo, principalmente durante a década de 1880, com o jornal se tornando relevante porta-voz do movimento abolicionista.

O conteúdo d'*A Província* demonstrava-se bastante diverso dentro do campo informativo, envolvendo notícias do exterior, do cotidiano da província e da administração pública, bem como notícias comerciais, policiais e judiciais. O jornal também publicava boletins meteorológicos, atas, acórdãos, despachos, avisos, comunicados, notas de falecimento e casamento, editoriais e cartas de leitores. O lugar das belas letras foi crescendo com o passar

das edições. Desde o seu primeiro número, a folha apresentava a seção "Folhetim" na primeira página, editando escritos de ficção, bem como a seção "Letras e artes", na terceira página, que editava crônicas, contos, poemas, comentários críticos sobre arte e literatura, além de ensaios sobre a careira de intelectuais de destaque. A partir de seu segundo número, datado de 8 de janeiro de 1875, o diário lançou a "Seção livre", que trazia geralmente comentários satíricos ou polêmicos, discussões de cunho político ou religioso, além de produções poéticas.

Para ter destaque no "progresso do país e na educação do povo", o periódico prometia "auxiliar ao comércio, à lavoura, às artes, indústrias, ciências, e literatura, tratando os assuntos que lhes digam respeito, e abrindo espaço a todos os talentos e aptidões que em suas páginas queiram aparecer" (*A Província de São Paulo*, 4 jan. 1875). Assim, demonstrava-se um órgão aberto à contribuição de quem se interessasse pelo trabalho com a pena. Entretanto, isentava-se da repercussão de determinados discursos, indicando cada autor como único responsável por suas próprias palavras, prática corrente em muitos jornais desde os tempos do Primeiro Reinado:

> Os estranhos à redação nenhum outro compromisso tomarão, a não ser o de responder individualmente perante a opinião pública pela verdade ou pelo erro professado. [...] Na *Província de São Paulo* os responsáveis pelas opiniões editoriais são exclusivamente os seus redatores, que devem de si conta a seus consócios e ao público. Quer louvando, quer censurando, se esforçará sempre a *Província de São Paulo* por ser justa: é este um dever que ela se impõe em virtude de suas condições de folha diária e que deseja satisfazer os interesses mais gerais de seus assinantes. Por mais radicais que sejam as opiniões políticas dos redatores, nada obsta a que eles sejam calmos e leais julgando os acontecimentos e os homens (*A Província de São Paulo*, 4 jan. 1875).

Aparentemente, o jornal defendia a presença de uma diversidade de opiniões em sua redação, conservando a liberdade de pensamento e o caráter democrático em sua linha editorial. Entretanto, ficava o conselho de que, para perdurar, o jornal deveria ter redatores e colaboradores sérios e ponderados, que tentariam abafar suas "paixões pessoais" e variar a intensidade de suas manifestações ideológicas.

A sociedade mantenedora d'*A Província de São Paulo* acabou se desmanchando em janeiro de 1882. Em fevereiro do mesmo ano, a propriedade do diário aparecia como de Francisco Rangel Pestana que, permanecendo como redator ao lado de Américo de Campos, fez da folha porta-voz do Partido Republicano Paulista (PRP). Em 1885, o jornalista Júlio César Ferreira de Mesquita (1862-1927) ingressou na publicação como redator-gerente. No ano seguinte, o periódico passou a ter uma tiragem de 3.300 exemplares e assumiu uma postura política mais engajada em relação à campanha abolicionista.

Zalina Rolim voltou a colaborar com o jornal ainda em 1887, seis dias após a edição da crônica “Na roça”, de Ezequiel Freire. O soneto “Outrora e hoje” saiu na edição de 11 de novembro daquele ano, na seção “Letras e artes”, quando esta já havia migrado para a primeira página.

Figura 37 – Publicação do poema “Outrora e hoje” no jornal *A Província de São Paulo,* em 1887.



A Provincia de São Paulo

DIRECTOR: F. RANGEL PESTANA

Sexta-feira, 11 de Novembro de 1887

Outr'ora e hoje

Outr'ora, quando a infancia me sorria,
Por entre os doces brincos d'essa idade
Pensava eu ser a vida eternidade
De risos, de fulgores, de alegria:

Depois, já meus olhares estendia
Ao longe, com receio e anciedade,
Buscando vêr no azul da immensidade
A luz que ao meu porvir presidiria.

Agora, do viver na primavera,
Em torno vendo a luz fulgente e bella
Que doura a vida e chama-se ESPERANÇA,

Tudo deixando, embora, quem me dera
Voltar á minha infancia tagarella,
Ao riso ingenuo e doce de creança...

MARIA ZALINA ROLIM.

Fonte: Acervo histórico do jornal *O Estado de S. Paulo*.

A escritora retomou a forma fixa para expressar o sentimento de nostalgia em relação à infância, com um eu lírico ressaltando o apreço pelos primeiros anos “De risos, de fulgores, de alegria”, mesmo que guardassem “receio e ansiedade” em relação ao porvir. O despertar da juventude era cultivado em boas expectativas, mas o desejo de retornar ao tempo de alegria, doçura e ingenuidade permanecia.

OUTRORA E HOJE

Outrora, quando a infância me sorria,

> Por entre os doces brincos dessa idade
> Pensava eu ser a vida eternidade
> De risos, de fulgores, de alegria:
>
> Depois, já meus olhares estendia
> Ao longe, com receio e ansiedade,
> Buscando ver no azul a imensidade
> A luz que ao meu porvir presidiria.
>
> Agora, do viver na primavera,
> Em torno vendo a luz fulgente e bela
> Que doura a vida e chama-se ESPERANÇA,
>
> Tudo deixando, embora, quem me dera
> Voltar à minha infância tagarela,
> Ao riso ingênuo e doce de criança...
> (*A Província de São Paulo*, 11 nov. 1887).

É interessante perceber que, mesmo com a composição não fugindo ao tema do saudosismo de "Hora nostálgica", este é tratado de maneira aparentemente mais pessoal a partir da comparação entre o antes e o então agora. A autora mencionava uma "infância tagarela", período em que a vida parecia mais livre, menos contida, ainda assolada por inseguranças, mas ao que tudo indica mais feliz em comparação à experiência presente. Tal conjuntura atual, mesmo com a não demarcação clara de gênero nos versos, poderia estar relacionada a incumbências do papel social da jovem solteira que deveria ser prendada para o casamento e a função doméstica. Ainda que eu poético dos versos permaneça esperançoso quanto a essa realidade, demonstrando que o imenso horizonte azul, que podia resguardar múltiplas possibilidades de futuro, agora dava lugar à clara confiança de que algo bom aconteceria, havia a insistência na vontade de voltar àquela época de incertezas e contentamento.

Rolim publicaria n'*A Província* outro soneto sobre a saudade alguns meses depois, assinalando um novo contato com Ezequiel Freire. Em 25 março de 1888, o escritor tem publicada a crônica "Para os tristes" na primeira página daquele jornal, apresentando a narração de um relato em primeira pessoa aparentemente motivado pela leitura do poema "Mãe", a ele enviado pela jovem autora. No trecho final, antes da transcrição do poema da pupila, Freire defendia os temas tristes, sobretudo quando relacionados à morte, tentando apontar a sua importância aos leitores:

> Dirão que devemos evitar de escrever coisas tristes, ao menos de publicá-las. Por quê? Atos d'alma, há tristezas tão legítimas como as alegrias. A reversão voluntária do espírito para a saudade dos mortos queridos é a expressão mais tocante da solidariedade na família. A história humana é o culto das tradições.

> Há lugar para os mortos entre a alegria dos vivos (*A Província de São Paulo*, 25 mar. 1888).

O autor ressaltava que o retrato literário da tristeza era necessário, visto que especialmente as perdas também faziam parte da experiência da vida. Para ele, a saudade ainda era "o mais doce, o mais divino dos sentimentos humanos" (*A Província de São Paulo*, 25 mar. 1888), com a leitura dos versos de Zalina Rolim (nesta ocasião, já grafado desta maneira junto ao soneto, sem o primeiro nome) despertando-lhe a reflexão acerca da despedida e do eterno retorno à dor que ela causa:

> Coração uma vez rudemente ferido, nunca mais de todo sara; qualquer nada o transporta subitamente à tristeza do passado – um retrato entrevisto, uma flor de ambos outrora querida entre as páginas do livro dileto. Foi o que sucedeu-me a leitura dos sentidos versos que em seguida público [...] As frases lutuosas que ai ficam são como as fagulhas que da brasa ardente esborrifa, quando a brisa dos campos de improviso varre-lhe de cima a protetora cinza – o esquecimento (*A Província de São Paulo*, 25 mar. 1888).

A lembrança é abordada em martírio, como um castigo para aqueles que sofreram com o falecimento de alguém querido. É defendida a ideia pessimista de que as feridas do passado sempre voltariam a causar desconforto, visto que a memória afetiva seria sensível, podendo ser despertada por diversos motivos, inclusive os mais banais. É novamente perceptível o entusiasmo de Ezequiel Freire com o talento da jovem escritora e com a sua escolha temática. Ao que tudo indica, a partir de seus versos, o autor redigiu o relato que inicia a crônica, com o discurso narrativo sendo assumido por um pai que presenciou o ritual de despedida da filha que falecera:

> Foi uma tarde de inverno, límpida e fria, que a coitadinha morreu.
> Vestida de azul e ouro, pousaram-na, gélida e branca, no fofo coxim do seu pequeno esquife cor de pérola.
> Fizeram-lhe duas rosas nas faces com o sumo de duas boninas esmagadas.
> Assim corada, parecia adormecida apenas.
> Ninguém diria que estivesse morta, se não fora a imobilidade de seu peito, e aqueles quatro círios que lhe punham na pele fria um reflexo cerúleo (*A Província de São Paulo*, 25 mar. 1888).

O narrador informa que o episódio aconteceu "em Julho, na florescência esplêndida das camélias" (*A Província de São Paulo*, 25 mar. 1888), quando ele mesmo colheu flores para fazer um ninho de pétalas ao pequeno corpo frio da filha, que foi levado por virgens descritas como seres celestiais.

> Veio um rancho de virgens, todas de branco, com uma longa faixa flutuante à cinta.
> Sorriram tristemente à beira do esquife da mortasinha, aconchegando-lhe flores à túnica azul e outo, tocando-lhe os lábios, as mãos cruzadas sobre o peito, os louros cabelos sob a grinalda de rosas brancas...
> Depois, levaram-na (*A Província de São Paulo*, 25 mar. 1888).

Seguindo o cortejo fúnebre, o leitor percorre um cenário quieto e melancólico, como se a paisagem refletisse a tristeza daquela perda. Em contraponto, é sempre enfatizado que o pequeno caixão cor de pérola reflete alegria e serenidade, parecendo "um sorriso de flores". A voz narradora, ao presenciar um sacerdote a rezar pela alma da criança, coloca-se a observar o altar atrás dele, principalmente a figura de Jesus Cristo crucificado.

> Daquele deus mo[r]to nenhuma consolação baixou sobre minh'alma; mas do meu peito desolado subiam assomos de blasfêmias.
> E no meu cérebro, vazio de toda a crença, como um salmo de morte, pertinazmente ecoava a plangente harmonia destes versos:
> "Que mal fazias tu, pobre inocente,
> Ao magnânimo Deus, ao Deus augusto?
> E ele, que é pai, matou-te lentamente,
> Deu-te um suplício atroz ele, que é justo?" (*A Província de São Paulo*, 25 mar. 1888).

Faz-se clara a indignação no tocante àquela morte tão precoce. O deus cristão não parecia consolar a dor sentida, fazendo o autor esvaziar-se de crença e questionar, por meio da recordação de alguns versos[39], que mal aquela pequena criatura poderia ter feito contra tal divindade para ser levada embora tão cedo. Logo após, o pai viu o corpo da menina ser levado para o mausoléu de sua família enquanto percebia o céu sendo tomado por tons violáceos e por revoadas de corvos: "A minha grande tristeza se diluía na infinita tristeza das coisas..." (*A Província de São Paulo*, 25 mar. 1888). A atmosfera silenciosa e sepulcral parecia dominar tudo o que o autor via e sentia.

> Chegamos ao velho monumento musgoso, onde na paz do aniquilamento, dormiam os anciãos mortos da família.
> As virgens que a haviam trazido desde o meu lar lutuoso até ali, choravam agora, na suprema despedida.
> Desfolharam por derradeiro adeus, sobre o seu corpinho mimoso e hirto, *sempre-vivas* e *saudades* funerárias que floriam à beira das campas.
> Depois...
> Absorto, vi deslizar para a escura cripta o pequenino esquife cor de pérola, onde, tão linda entre as flores que eu mesmo colhera para aflorar-lhe o sono, dormia para sempre a minha pobre Adelaide...

[39] Não foi possível identificar a origem e tais versos.

> Desde essa tarde negreja-me no fundo d'alma um pouco da escuridão daquela cripta.
> O que se passará no coração das mães...? (*A Província de São Paulo*, 25 mar. 1888).

No momento da última despedida, são colocadas sobre o corpo da menina ramos das plantas sempre-viva e saudade, elementos bastante simbólicos em relação aos sentimentos e à memória que a criança deixaria nos entes queridos: assim como o nome das plantas, ela permaneceria sempre viva na lembrança, também deixando grande saudade. Ao presenciar o sono eterno da morte levar-lhe a filha, o narrador é tomado pela profunda escuridão da infelicidade, semelhando ao da cripta em que a pequena Adelaide foi sepultada. Com a identificação da criança, podemos conjecturar que o referente relato pode ter sido inspirado na morte real de uma das filhas de Freire, de nome Adelaide (1879-?), cuja data de falecimento é incerta.

Ao final da narração, o escritor deixava um questionamento a ser respondido pelo poema de Rolim a ele oferecido. No novo soneto, assim como fez em "Ioiô", a autora voltava a descrever a dor de uma mãe pela morte de seu rebento.

Figura 38 – Publicação do poema "Mãe" no jornal *A Província de São Paulo*, em 1888.



A Provincia de São Paulo

Domingo, 25 de Março de 1888

MÃE

(AO DR. EZEQUIEL FREIRE)

Quando morreu-lhe o filho, a graça, o alento
da sua vida, o seu immenso amor,
e ella viu-o afastar-se, lento e lento,
n'um pequenino esquife todo em flôr,

o coração quedou-se-lhe gelado,
(se o não fundir a dôr...) Depois, sombrio
o olhar volvendo ao peito desolado...
— Do coração era o logar vasio!—

Desde esse tempo vaga do passado
pelas reminiscencias, procurando
o seu mimoso filho idolatrado;

—« não n'o vistes », pergunta, soluçando,
« n'um pequenino esquife carregado,
« e um coração de mãe nas mãos levando ?»

ZALINA ROLIM.

Fonte: Acervo histórico do jornal *O Estado de S. Paulo*.

Os versos – não se sabe se inspirados ou não no ocorrido com a família de Freire – revelavam uma representação materna de total dedicação: a felicidade e a sanidade da mãe se ligam diretamente à presença e à segurança do filho. A composição evidenciava outra publicação na página inicial do periódico.

MÃE
(AO DR. EZEQUIEL FREIRE)

Quando morreu-lhe o filho, a graça, o alento
da sua vida, o seu imenso amor,
e ela viu-o afastar-se, lento e lento,
num pequenino esquife todo em flor,

o coração quedou-se-lhe gelado,
(se o não fundir a dor...) Depois, sombrio
o olhar volvendo ao peito desolado...
– Do coração e[r]a o lugar vazio! -

> Desde esse tempo vaga do passado
> pelas reminiscências, procurando
> o seu mimoso filho idolatrado;
>
> – "não no vistes", pergunta, soluçando.
> "num pequenino esquife carregado,
> e um coração de mãe nas mãos levando?"
> (*A Província de São Paulo,* 25 mar. 1888).

As duas primeiras estrofes mostram o intenso sofrimento acometido pela figura materna na percepção do óbito de seu rebento (aqui, com demarcação de gênero masculino), descrito como "a graça, o alento da sua vida, o seu imenso amor". Em uma construção metafórica, na medida em que a criança parece se afastar deitada em um pequeno caixão, o coração da mãe cai em profunda dor e desaparece, deixando o seu peito vazio, refletindo a importância daquele pequeno ser em sua existência.

Nas duas últimas estrofes, há o reconhecimento de que o luto permaneceu em sua vida desde então, com a ausência da criança sendo lembrada e sentida, inclusive provocando a confusão mental que faz a mãe vagar procurando pela cria. A fala da mulher, no último verso, revela que o seu coração na verdade havia sido levado pelo filho morto. Não há informação que confirme se a esposa de Ezequiel Freire e mãe de seus filhos, Maria Adelaide da Silva Araujo (1859-1910), teve esse tipo de reação no momento do óbito de sua filha. Todavia, trata-se de um comportamento talvez comum às mulheres daquela época que viam a sua vida totalmente atrelada à função de ser mãe.

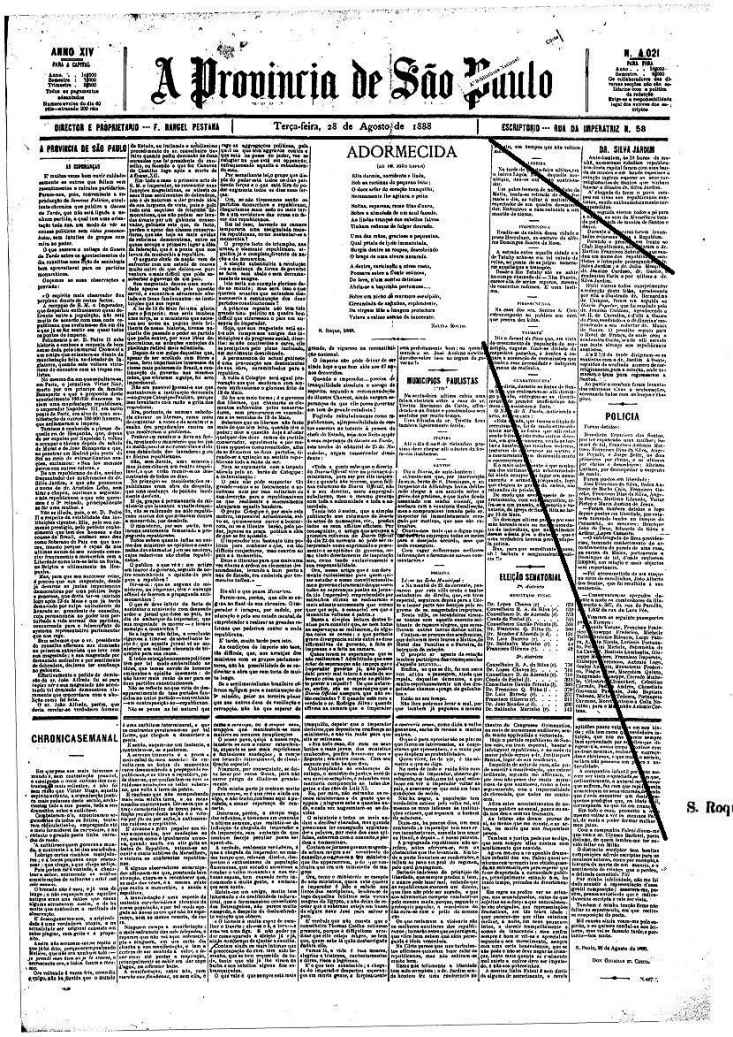
Juntos, os escritos de Freire e Rolim formam um pertinente panorama acerca da dor advindas do falecimento precoce de uma criança. Através de um recorte de gênero, com a percepção do pai na crônica e a da mãe no poema, os autores compartilharam suas percepções – pessoais ou não – da saudade e também da perda dentro do seio familiar. A tristeza e o desânimo são sentidos pelas duas partes, mas a figura paterna também se liga ao sentimento de revolta, inclusive em relação à própria fé cristã, enquanto a figura materna entrega-se a alucinações.

A contribuição de Zalina Rolim n'*A Província de São Paulo* continuou na edição de 28 de agosto de 1888, novamente na primeira página, com a publicação do poema "Adormecida", dedicado a João Köpke, que havia sido seu professor em 1876. Tal autor já havia colaborado com o referido jornal de maneira esporádica sobretudo nos seus anos iniciais, editando algumas traduções de ficção para as seções "Folhetim" e "Variedade"[40], bem como escrevendo alguns

[40] Köpke traduziu para *A Província de São Paulo* duas narrativas: o conto "Tragédia de uma noiva" (1859), da autora inglesa Dinah Maria Mulock Craik (1826-1887) (erroneamente atribuído no jornal a certo John Halifax),

artigos sobre educação para a "Seção Livre"[41]. Além das notícias envolvendo a sua participação na abertura de escolas, as páginas de anúncios sempre traziam propagandas de seu serviço como advogado, dos seus métodos pedagógicos, dos cursos por ele oferecidos e das suas publicações em livro.

Figura 39 – Publicação do poema "Adormecida" no jornal *A Província de São Paulo*, em 1888.



A Provincia de São Paulo

ADORMECIDA

(AO DR. JOÃO KOPKE)

Ella dormia, sorridente e linda,
Sob as cortinas do pequeno leito:
O doce arfar do coração tranquillo,
Serenamente lhe agitava o peito.

Soltas, esparsas, como fitas d'ouro,
Sobre a almofada de um azul fanado,
As lindas tranças dos cabellos fulvos
Tinham reflexos de fulgor dourado.

Uma das mãos, graciosa e pequenina,
Qual pétala de lyrio immaculada,
Surgia dentre as roupas, descobrindo
O braço de uma alvura nacarada.

A dextra, carinhando o niveo rosto,
Pousava sobre a fronte setinosa,
De leve, n'um sorriso delicioso
Abria-se a boquinha perfumosa...

Sobre um nicho de marmore esculpido,
Circundada de anjinhos, explendente,
Da virgem Mãe a imagem protectora
Velava o calmo somno da innocente.

ZALINA ROLIM.

S. Roque, 1888.

Fonte: Acervo histórico do jornal *O Estado de S. Paulo*.

publicado integralmente em três partes, nas edições de 1, 8 e 13 de abril de 1875; e o conto "As receitas do Doutor Marigold" (1865), do escritor inglês Charles Dickens (1812–1870), publicado não integralmente em cinco partes, nas edições de 21 e 28 de abril e 2, 26 e 29 de maio de 1875. Ao que tudo indica, a colaboração do escritor com a folha foi interrompida com a sua nomeação para promotor público em Faxina, no interior de São Paulo, ainda em 1875.

[41] Em 22 de setembro de 1875, o autor chegou a utilizar o espaço democrático da "Seção Livre" para escrever diretamente ao então Inspetor Geral da Instrução Pública de São Paulo, Francisco Aurélio de Souza Carvalho, solicitando que a cartilha de sua autoria *Método rápido para aprender a ler* (1874) fosse adotada nas escolas públicas da província, em campanha apoiada por outros intelectuais e pela própria redação do jornal *A Província de São Paulo*.

A influência de Köpke na folha e na própria sociedade paulista já era nítida, tanto que, no momento da publicação dos versos de Rolim em sua homenagem, o diário publicava regularmente o programa da Escola Primária Neutralidade, do Instituto João Köpke. O oferecimento de seus versos a um profissional das letras celebrado, assim como o fez com Ezequiel Freire, possibilitou uma nova participação da autora na primeira página do impresso, dessa vez em grande destaque, sem inclusão em nenhuma seção específica do jornal e, agora, sem estar atrelado a nenhum texto de apresentação. Naquele momento, esse espaço só era oferecido no diário a escritores com algum reconhecimento, como Vicente de Carvalho e Olavo Bilac, o que ressaltava o crescimento de seu prestígio nesse impresso, algo alcançado, para além de seu empenho com a pena, por meio de estratégias de contato com outros intelectuais da elite letrada.

O poema trazia a indicação de que havia sido composto em São Roque, além do título apresentado em tipos maiores, elemento que realçava a sua importância naquela edição do jornal. Os versos foram organizados em cinco quadras de decassílabos, seguindo o esquema de rimas em ABCB.

ADORMECIDA
(AO DR. JOÃO KÖPKE)

Ela dormia, sorridente e linda,
Sob as cortinas do pequeno leito;
O doce arfar do coração tranquilo,
Serenamente lhe agitava o peito.

Soltas, esparsas, como fitas d'ouro,
Sobre a almofada de um azul fanado,
As lindas tranças dos cabelos fulvos
Tinham reflexos de fulgor dourado.

Uma das mãos, graciosa e pequenina,
Qual pétala de lírio imaculada,
Surgia dentre as roupas, descobrindo
O braço de uma alvura nacarada.

A destra, acariciando o níveo rosto
Pousava sobre a fonte cetinosa,
De leve, num sorriso delicioso
Abria-se a boquinha perfumosa...

Sobre um nicho de mármore esculpido,
Circundada de anjinhos, esplendente,
Da virgem Mãe a imagem protetora
Velava o calmo sono da inocente.
(*A Província de São Paulo*, 28 ago. 1888).

A composição trata do descanso de uma menina ou de uma jovem, com gênero demarcado principalmente pelo pronome pessoal "ela", em seu "pequeno leito", em sono velado por uma imagem em mármore da virgem Maria. Assim como o fez no poema "Croquis"[42], apresentado em nosso primeiro capítulo, Zalina Rolim retrata aqui elementos atrelados ao ambiente de um quarto feminino da classe alta do final do século XIX e início do XX. Com o amortecer da claridade possibilitado pelas cortinas, no conforto das almofadas azuis, a figura inocente da criança ou da moça dorme em serenidade e parece ter ótimos sonhos, pois manifesta um "sorriso delicioso". A sua pureza de corpo e espírito é assinalada através da escultura da santa, que também revela a presença da fé cristã em seu lar.

O recorte social e racial demarcado pela autora se faz de novo claro, com a preferência em descrever uma garota alva e de cabelos claros ("fulvos"), aparentemente da elite. Os adjetivos e as alegorias utilizados na sua exposição tentam ressaltar a delicadeza e o encanto de sua efígie, com elementos como tranças que parecem "fitas d'ouro", mão pequenina e graciosa à semelhança de "pétala de lírio imaculada", além da pele macia como o cetim ("cetinosa") e da boca "perfumosa". Ademais, a tez branca também é destacada em elementos como o tom madrepérola do braço ("de uma alvura nacarada") e o "níveo rosto". Trata-se de uma representação da infância e da juventude comum à época e que agradava tanto aos leitores como aos editores, visto que o poema, como informado no capítulo anterior, acabou sendo replicado no periódico português *Jornal da Manhã* em 21 de janeiro de 1889, salientando o seu sucesso.

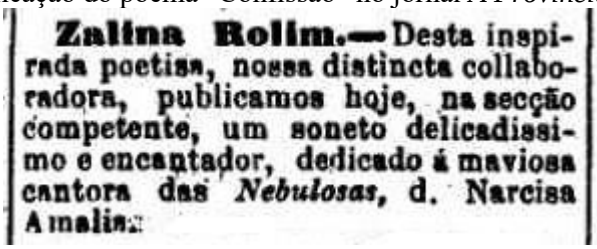
A escolha do tema e da maneira como desenvolvê-lo relacionava-se com o público com o qual João Köpke trabalhava, justificando a dedicatória. Àquela altura, ele já estava envolto tanto na educação infantil como no ensino normal, neste último caso formando principalmente jovens mulheres para o exercício pedagógico. Também podemos pensar na própria experiência de Rolim como sua aluna, dado que ele foi preceptor, sobretudo, de meninas, pois estas não tiveram por muito tempo total acesso à escola, sendo educadas no ambiente doméstico.

Mesmo com o realce de sua produção, outro poema de Zalina Rolim só foi publicado n'*A Província* em 17 de maio de 1889. A autora repetiu a fórmula de oferecer seus versos a algum nome de importância nas letras com quem tinha algum contato, desta vez dedicando o soneto "Confissão" a Narcisa Amália. A composição apareceu novamente em destaque na primeira página do periódico, sem participação em nenhuma seção específica. Ademais, o periódico editou na mesma lauda uma extensa nota da própria homenageada a comentar a

[42] Como mencionado em nosso primeiro capítulo, este poema foi primeiramente publicado no jornal *Correio Paulistano*, em 28 de novembro de 1892, e, posteriormente, no livro *O coração* (1893). Voltaremos a dissertar sobre ele mais adiante neste capítulo.

produção de Rolim. O escrito, citado em nosso capítulo anterior, traçava críticas pertinentes e elogios à produção poética da jovem autora, reconhecendo o seu talento.

Figura 40 – Nota da publicação do poema "Confissão" no jornal *A Província de São Paulo*, em 1889.


Zalina Rolim.— Desta inspirada poetisa, nossa distincta collaboradora, publicamos hoje, na secção competente, um soneto delicadissimo e encantador, dedicado á maviosa cantora das *Nebulosas*, d. Narcisa Amalia.

Fonte: Acervo histórico do jornal *O Estado de S. Paulo*.

Mais especificamente sobre o soneto a ela oferecido, Narcisa Amália escrevia: "Apreciem-no os que vivem para o culto dos sentimentos delicados, que se difundem na nossa vida como na atmosfera difundem-se o doce clarão do crescente e o perfume da flor da laranjeira..." (CAMPOS, 1889, p. 1). A redação do jornal, por sua vez, ressaltava que a composição "[...] se não deslumbra com as cintilações majestosas de um colorido soberbo, se não desfere brilhos fulgurantes que nos fascinem, ao menos vibra nos corações emocionáveis pela sua verdade e delicadeza" (*A Província de São Paulo*, 17 mai. 1889). Os mencionados versos de Rolim retratavam o cortejar amoroso de um casal, envolvendo ações e reações:

CONFISSÃO
(A NARCISA AMÁLIA)

"Sim"... – murmurou baixinho, entressorrindo;
(Na branca face, cândida e macia,
Uns laivos de carmim vinham surgindo -)
E ela a mão estendeu, – trêmula e fria...

Ia expirando lentamente o dia...
Aqui, ali, além, no azul infindo,
Para espreitar-lhe a última agonia,
Abriam-se as estrelas refulgindo...

Ele a fitava, quedo e silencioso;
Depois, tomou-lhe a mão, – branca e tremente...
– Pairava-lhe no olhar supremo gozo!

E nessa mão, – seu único desejo! -
Pousando os lábios estampou fremente
Um longo e casto e sonoroso beijo!...
(*A Província de São Paulo*, 17 mai. 1889).

Realmente, como indicado pela autora para quem os versos foram dedicados, o soneto trata com delicadeza do contato amoroso entre homem e mulher, mostrando até certo condicionamento ao que era esperado à criação literária de uma escritora: mesmo havendo proximidade, o casal retratado permanece virtuoso, com a figura masculina conservando uma postura respeitosa e a figura feminina mantendo um comportamento comedido. O título anunciava a leitura de algo que talvez tenha sido conservado em segredo por algum tempo e que agora era revelado em confissão, lembrando o sacramento que envolve o perdão de pecados perante um cardeal da igreja cristã. Rolim parecia confidenciar a Narcisa Amália e aos leitores do jornal – suporte que assume o lugar sagrado do confessionário – alguma experiência pessoal ou revelar a própria inquietação no tocante aos relacionamentos amorosos ainda numa época em que, muitas vezes, as mulheres não poderiam escolher com quem se unir em casamento. A cena mostrada no poema era mais ideal do que real, também podendo estar ligada à manifestação da jovem autora de algum desejo ou afeto relativo ao gênero oposto.

Como mencionado em nosso capítulo anterior, o poema "Confissão" alcançou sucesso, surpreendendo a redação d'*A Província de São Paulo* e virando inclusive matéria para outra composição, de autoria ligada a um leitor admirador da escritora. Apesar disso, a colaboração de Rolim só voltaria ao periódico alguns meses depois, em 21 de outubro de 1889. O novo soneto destacado na primeira página, intitulado "Convalescente", voltava a tratar de um relacionamento amoroso, mas desta vez em uma fase posterior aos primeiros encontros. A composição voltava a assinalar a visão idealizada do amor tida por uma escritora pertencente à elite branca de então.

Figura 41 – Publicação do poema "Convalescente" no jornal *A Província de São Paulo*, em 1889.



A Provincia de São Paulo

Segunda-feira, 21 de Outubro de 1889

CONVALESCENTE

Parando a cada passo ; o céo radioso
Dos olhos, a immergir no azul fulgente,
Ella seguia ao braço vigoroso
Do noivo, a entre-sorrir confiadamente...

Elle, inclinando a fronte, cuidadoso,
Fallava-lhe baixinho, em vóz tremente :
—«Quanto terror !... Que tempo doloroso !...
Vi-me em trevas no mundo...era pungente !»

E ella, fictando-o no profundo olhar :
—«Sabes que as vezes, no delirio intenso,
O meu soffrer quizera prolongar ?

Dirás :—Cruel !. .—embora, nesses dias
Toda a extenção do teu amor immenso
Nas lagrymas, medi que então vertias !...

Zalina Rolim.

Fonte: Acervo histórico do jornal *O Estado de S. Paulo*.

A figura feminina, descrita com olhos azuis radiantes, aparece na primeira estrofe acompanhando confiante, a entressorrir, a figura masculina identificada como seu noivo, tomando-lhe o "braço vigoroso". Ele inclina-se e conta-lhe, com "voz tremente" e em tom baixo, do tempo em que se viu em pungente tristeza, com o mundo parecendo ser tomado de trevas, exclamando sobre o terror e a dor que antes sentira. Ela o olha nos olhos e afirma que, ocasionalmente, em "delírio intenso", já quis prolongar o próprio sofrimento aparentemente já superado. No arrematar da composição, mesmo podendo parecer cruel, a dama revela que, naqueles dias de pesar, a partir das lágrimas vertidas pelo noivo, conseguia medir o tamanho do amor que ele sentia por ela.

CONVALESCENTE

Parando a cada passo; o céu radioso
Dos olhos, a imergir no azul fulgente,
Ela seguia ao braço vigoroso
Do noivo, a entressorrir confiadamente

Ele, inclinado a fronte, cuidadoso,
Falava-lhe baixinho, em voz tremente:
– "Quanto terror!... Que tempo doloroso!...
Vi-me em trevas no mundo... era pungente!"

E ela, fitando-o no profundo olhar:
– "Sabes que às vezes, no delírio intenso,
O meu sofrer quisera prolongar?

Dirás: – Cruel! – embora, nesses dias
Toda a extensão do teu amor imenso
Nas lágrimas, medi que então vertias!...
(*A Província de São Paulo,* 21 out. 1889).

A partir do título, conseguimos entender que a mencionada figura feminina estaria convalescente, ou seja, em estado gradual de recuperação da saúde e da força após alguma doença ou lesão. A noiva parece estar realmente se sentindo melhor e mostra-se mais segura em relação ao que passou, enquanto o noivo parece estar receoso quanto ao bem-estar da companheira, sendo "cuidadoso" e, com ela, "Parando a cada passo". Destaca-se nos versos o prazer da mulher em poder perceber o amor do homem na angústia e no tormento que ele demonstrava sentir ao presenciar o seu próprio martírio. A construção deste casal relaciona-se a uma representação do ideal de amor romântico, denotando intensidade e confusão de sentimentos.

Ainda sobre esse poema, é interessante notar que a referida primeira página da edição em que ele foi publicado trazia uma configuração que divergia do habitual para *A Província de São Paulo*, apresentando apenas quatro colunas (em vez de seis, sete ou oito mais estreitas) e incomum destaque para escritos literários, além da inclusão de um sumário. Neste exemplar, apenas a "Croniqueta Política", a seção com pequenas notícias sobre o teatro e a coluna diária "Pipocas", na qual Hipólito da Silva – sob o pseudônimo Paff! – analisava em forma de versos os acontecimentos da província, sobretudo os políticos, permaneceram em seus espaços comuns na lauda inicial. No lugar de outras seções noticiosas, artigos e editoriais, além do próprio "Folhetim", esse número do periódico dava prioridade aos contos "A filha do calceteiro", de Júlia Lopes de Almeida, e "História de um beijo", de Alberto Souza, bem como ao soneto de Zalina Rolim e a um fragmento da composição "O sol", de Emiliano Perneta. A narrativa de Souza, inclusive, que também tratava da relação de um casal, foi colocado logo abaixo de "Convalescente", assinalando a proximidade temática do amor romântico entre os escritos.

A mudança na disposição das páginas era algo corrente na imprensa de então, denunciando a adaptação dos impressos periódicos ao agradar do público ou às necessidades

tipográficas da própria redação. *A Província de São Paulo* retornou à sua configuração anterior na edição seguinte, mostrando que os responsáveis pelo órgão talvez tivessem tentando experimentar algum formato mais próximo ao das revistas, como o da *A Semana*. De toda forma, algum tempo depois, o jornal passaria por algumas transformações permanentes. Com a proclamação da República brasileira, em 15 de novembro de 1889, e o consequente estabelecimento de uma nova nomenclatura para as unidades da federação, a folha passou a se chamar *O Estado de S. Paulo*, mais precisamente na edição de 1 de janeiro de 1890. Sua tiragem aumentou mais uma vez, agora para 8 mil exemplares, e sua direção foi assumida por Júlio Mesquita, após a saída de Rangel Pestana. Em março daquele ano, o periódico também começou a publicar algumas ilustrações em clichê na sua primeira página, confirmando a sua modernização.

A colaboração de Rolim para o jornal teve nova pausa e só retornou em 29 de janeiro de 1893, com o soneto "Magnólia", no mesmo ano em que a escritora publicaria o seu livro de estreia, *O coração*. O periódico inclusive anunciou, nesse mesmo número, o planejamento de edição da obra para o mês de março, também comentando o desempenho da autora nos versos que apareciam naquela primeira página:

> Para o soneto que hoje publicamos da nossa exímia poetisa D. Zalina Rolim, chamamos a atenção dos leitores de bom gosto. Para os verdadeiros artistas, esse soneto tão delicado de inspiração e de forma tão correta, tão movimentada e tão nobre, que seria com honra assinado por Olavo Bilac ou Raymundo Corrêa, não é decerto uma surpresa, porque a gentil poetisa tem publicado primores do mesmo altíssimo valor desta pequena e perfeita obra d'arte; mas para os que leem versos superficialmente é que nós fazemos a recomendação do soneto de hoje. Que delicioso e raro livro deve ser o *Coração*, cheio de versos como estes tão belos, tão inspirados, tão musicais!
> Por esse livro da nossa talentosa patriota, deve ser publicado até o fim de março (*O Estado de S. Paulo*, 29 jan. 1893).

A nota traçava elogios à composição de Zalina Rolim, indicando suas qualidades à apreciação dos "leitores de bom gosto". O periódico afirmava que ela teria anteriormente já "publicado primores do mesmo altíssimo valor desta pequena e perfeita obra d'arte" e que sua coletânea com certeza seria cheia de versos "tão belos, tão inspirados, tão musicais" como os que a folha acabara de publicar. O livro era esperado com entusiasmo: "Preparem-se os amadores de obras finas para esse manjar olímpico, – que bem raras vezes os fornos da nossa literatura nascente produzem coisas semelhantes, de tão delicado e de tão peregrino saber" (*O Estado de S. Paulo*, 29 jan. 1893).

Todavia, era indicado que o soneto daquela “gentil poetisa”, pela inspiração delicada e pelo rigor da forma, poderia ter sido assinado por Olavo Bilac ou Raimundo Correia. Mesmo celebrando o nome da autora e o seu futuro lançamento em livro, *O Estado de S. Paulo* colocava a legitimação do seu talento e da sua habilidade em equiparação de qualidade com a produção de outros dois poetas homens. O jornal, ao tentar ressaltar a ideia de que a lírica de Rolim era tão boa que poderia se igualar a de outros escritores homens, colocava estes claramente em posição superior às mulheres que se dedicavam à pena, inclusive podendo assumir a autoria do que elas produziam.

A nota ainda passava a ideia de aprovação de Bilac e Correia, como se versos de Rolim tivessem maior valor sobretudo por esse fator. Mesmo pertencente à elite branca, letrada e privilegiada, Rolim ainda estava submetida à sua condição de gênero, ocupando posição inferior em relação a homens de letras mais prestigiados e respeitados. O poema em questão, publicado na primeira página, descrevia os detalhes de uma flor de magnólia.

MAGNÓLIA

Largas pétalas côncavas, brancura
De rosto ou de marfim, lácteo e formoso;
Alva a corola, alvíssima a textura
Do seio – urna de aroma capitoso.

Nem cândida mulher perfeita e pura
– Sonho de fino artista caprichoso -
A comparar seu colo se aventura
Da flor ao níveo colo cetinoso.

No entanto da magnólia altiva e regia
Linda que o sol, o próprio sol protege-a
Nuns longos véus de luz pálida e mansa,

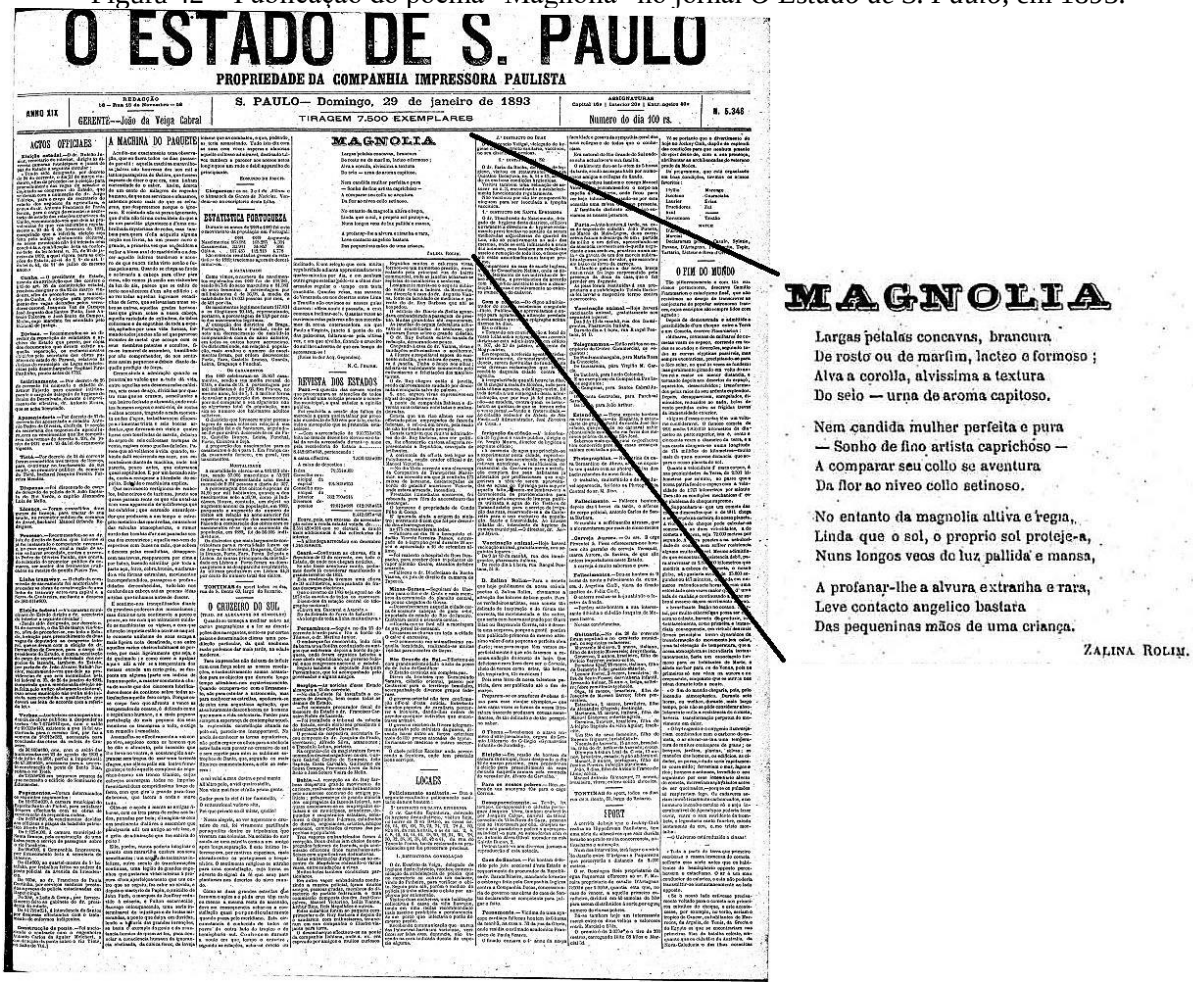
A profanar-lhe a alvura estranha e rara,
Leve contato angélico bastara
Das pequeninas mãos de uma criança.
(*O Estado de S. Paulo*, 29 jan. 1893).

Outra vez o recorte racial e de elite era associado ao ideal de beleza de então, com a alvura da flor sendo constantemente ressaltada. A sua aparência e a sua textura eram relacionadas à figura de uma mulher imaculada e virtuosa, esta que seria a matéria principal dos artistas. As magnólias são popularmente associadas à harmonia, à doçura e à magnificência, também simbolizando a nobreza de espírito, a perfeição e a pureza, características estas que remetiam ao esperado à figura feminina daquela época. O seio feminino também era comparado

à base que agrupava as pétalas da magnólia, chamado pela autora de “colo”, em aproximação ao corpo da mulher. A última estrofe indicava que o encanto dessa flor, a ser protegida pelo sol, poderia ser profanado bastasse o contato com “pequeninas mãos de uma criança”.

A autora tratava aqui de um tema mais ameno, ligado sobremaneira ao universo feminino e seguindo o que era permitido às escritoras de então. Entretanto, para além do mero exercício de linguagem, Rolim ressaltava elementos da flor, como a textura macia e o intenso perfume, que também evocavam a sexualidade e o erotismo em aproximação ao corpo da mulher. Ao fim do poema, com a menção ao toque de uma criança, tem-se a ideia de que tais detalhes poderiam se perder por meio do cerceamento trazido pela maternidade.

Figura 42 – Publicação do poema “Magnólia” no jornal *O Estado de S. Paulo,* em 1893.



O ESTADO DE S. PAULO

PROPRIEDADE DA COMPANHIA IMPRESSORA PAULISTA

ANNO XIX — S. PAULO— Domingo, 29 de janeiro de 1893 — TIRAGEM 7.500 EXEMPLARES — Numero do dia 100 rs. — N. 5.346

ACTOS OFFICIAES

A MACHINA DO PAQUETE

MAGNOLIA

Largas petalas concavas, brancura
De rosto ou de marfim, luctco e formoso ;
Alva a corolla, alvissima a textura
Do seio — urna de aroma capitoso.

Nem candida mulher perfeita e pura
— Sonho de fino artista caprichoso —
A comparar seu collo se aventura
Da flor ao niveo collo setinoso.

No entanto da magnolia altiva e regia,
Linda que o sol, o proprio sol proteje-a,
Nuns longos veos de luz pallida e mansa,

A profanar-lhe a alvura extranha e rara,
Leve contacto angelico bastara
Das pequeninas mãos de uma criança.

ZALINA ROLIM.

ESTATISTICA PORTUGUEZA

O CRUZEIRO DO SUL

REVISTA DOS ESTADOS

LOCAES

O FIM DO MUNDO

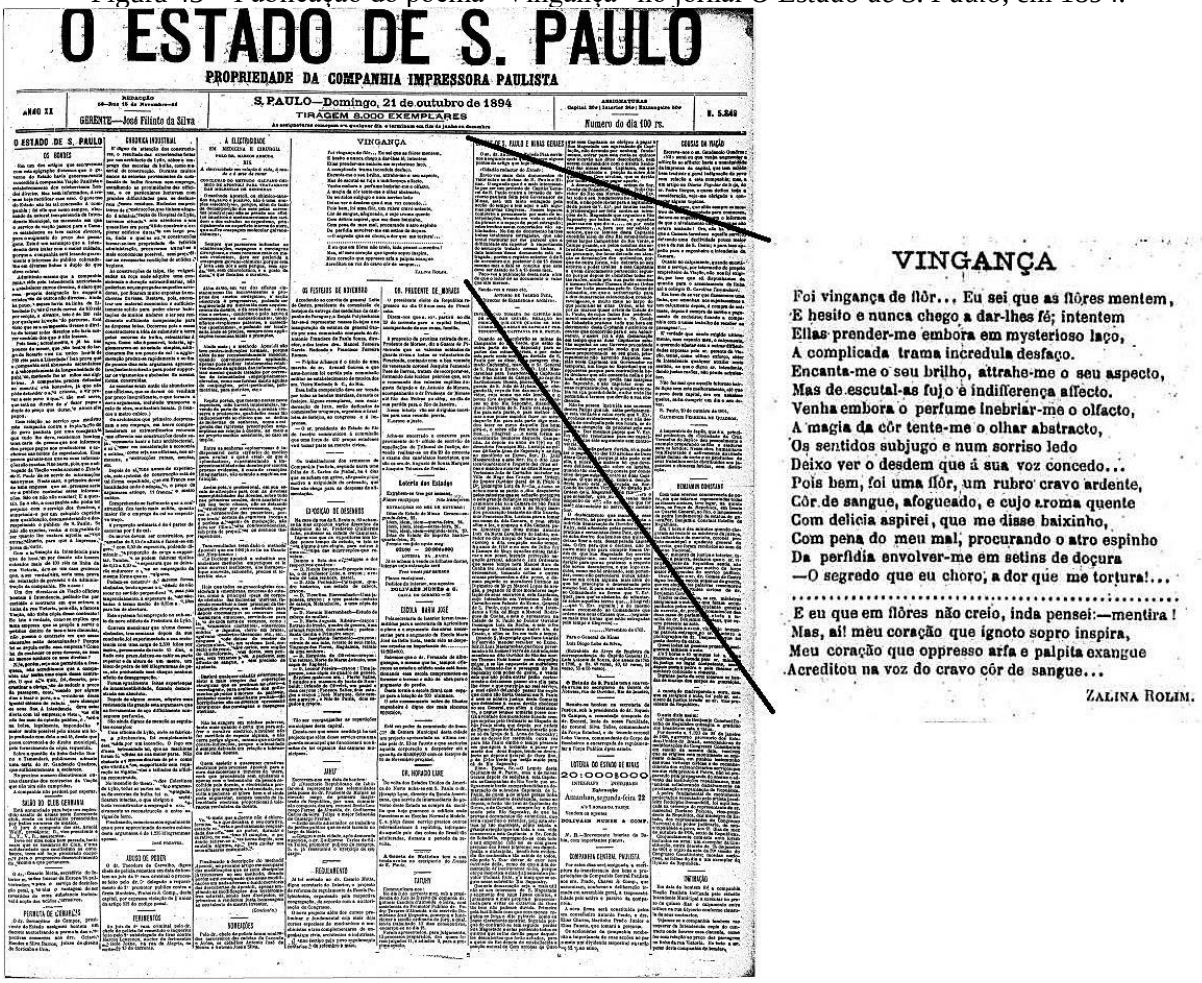
SPORT

Fonte: Acervo histórico do jornal *O Estado de S. Paulo*.

A última colaboração de Zalina Rolim n’*O Estado de S. Paulo* se deu na edição de 21 de outubro de 1894, mais de um ano depois da anterior, com o poema “Vingança”. O motivo para tamanho intervalo muito provavelmente estava associado tanto à divulgação do livro de estreia da autora, *O coração,* lançado no final de 1893, como à colaboração mais ativa em outros

periódicos, como o jornal *Correio Paulistano*. Os versos publicados na primeira página retornavam ao tema da flor, tratando mais precisamente do contato com um cravo vermelho. Apesar da formatação em bloco, apenas com a última estrofe sendo isolada, é perceptível na composição a organização em cinco quadras de versos dodecassílabos (alexandrinos) que seguem rimas emparelhadas (paralelas), no esquema AABB.

Figura 43 – Publicação do poema "Vingança" no jornal *O Estado de S. Paulo*, em 1894.



O ESTADO DE S. PAULO

PROPRIEDADE DA COMPANHIA IMPRESSORA PAULISTA

S. PAULO—Domingo, 21 de outubro de 1894

TIRAGEM 8.000 EXEMPLARES

VINGANÇA

Foi vingança de flôr... Eu sei que as flôres mentem,
E hesito e nunca chego a dar-lhes fé; intentem
Ellas prender-me embora em mysterioso laço,
A complicada trama incredula desfaço.
Encanta-me o seu brilho, attrahe-me o seu aspecto,
Mas de escutal-as fujo e indifferença affecto.
Venha embora o perfume inebriar-me o olfacto,
A magia da côr tenta-me o olhar abstracto,
Os sentidos subjugo e num sorriso ledo
Deixo ver o desdem que á sua voz concedo...
Pois bem, foi uma flôr, um rubro cravo ardente,
Côr de sangue, afogueado, e cujo aroma quente
Com delicia aspirei, que me disse baixinho,
Com pena do meu mal, procurando o atro espinho
Da perfidia envolver-me em setins de doçura
—O segredo que eu choro, a dor que me tortura!...
.....
E eu que em flôres não creio, inda pensei:—mentira!
Mas, ai! meu coração que ignoto sopro inspira,
Meu coração que oppresso arfa e palpita exangue
Acreditou na voz do cravo côr de sangue...

ZALINA ROLIM.

Fonte: Acervo histórico do jornal *O Estado de S. Paulo*.

Na primeira estrofe, a voz poética, em relação metafórica com as flores, demonstrava não confiar no discurso destas, afirmando que elas mentem, não sendo dignas de sua fé. O eu lírico afirmava não cair nas tramas feitas pelas flores e ser indiferente ao que delas escutava, apesar de se encantar com a sua aparência e o seu perfume. Logo depois, indicava ser um cravo de vermelho intenso a flor que lhe revelou o segredo de sua tristeza, que não é revelado. Ainda que tenha pensado ser mentira, a voz do poema afirma ter o seu coração acreditado no que a mencionada planta teria lhe dito. Tal órgão muscular, inclusive, era mostrado em funcionamento debilitado, palpitando aparentemente em um ritmo fora do normal e com

dificuldade, esvaído de sangue, denunciando um estado emocional de grande nervosismo no momento em que acontece a declaração do cravo. Este, por sua vez, aparecia descrito como "rubro", "ardente", "afogueado", também sendo da "cor de sangue" e de "aroma quente", podendo ser associado à paixão, ao desejo e ao amor.

VINGANÇA

Foi vingança de flor... Eu sei que as flores mentem,
E hesito e nunca chego a dar-lhes fé, intentem
Elas prender-me embora em misterioso laço
A complicada trama incrédula desfaço.
Encanta-me o seu brilho, atrai-me o seu aspecto,
Mas de escutá-las fujo e indiferença afeto.
Venha embora o perfume inebriar-me o olfato,
A magia da cor tente-me o olhar abstrato,
Os sentidos subjugo e num sorriso ledo
Deixo ver o desdém que à sua voz concedo...
Pois bem, foi uma flor, um rubro cravo ardente,
Cor de sangue, afogueado, e cujo aroma quente
Com delícia aspirei, que me disse baixinho,
Com pena do meu mal, procurando o airo espinho
Da perfídia envolver-me os cetins de doçura
– O segredo que eu choro, a dor que me tortura!...
.....
E eu que em flores não creio, inda pensei: – mentira!
Mas, aí! meu coração que ignoto sopro inspira,
Meu coração que opresso arfa e palpita exangue
Acreditou na voz do cravo cor de sangue...
(*A Província de São Paulo*, 21 out. 1894).

A flor de aspecto vívido fazia um contraponto ao coração mirrado, ambos estando diretamente ligados ao que aflige o peito do eu poético, que talvez esteja relacionado a alguma atração carnal, algum envolvimento sentimental ou alguma desilusão romântica.

Mesmo sem mais contar com a contribuição da escritora, o jornal *O Estado de S. Paulo* permaneceu noticiando os acontecimentos da sua carreira, principalmente os ligados ao emprego de sua pena à educação, a exemplo da nota mencionada no capítulo anterior sobre a nomeação de Rolim ao cargo de subinspetora do Jardim da Infância anexo à Escola Normal Caetano de Campos, em 11 de novembro de 1896. A folha voltaria a privilegiar a lírica da autora ao divulgar as composições que ela escrevia para recitação das crianças em eventos escolares importantes. É o caso da festa de encerramento do ano letivo do mencionado Jardim, ainda em 1896.

> O prédio em que funciona o Jardim achava-se literalmente repleto de distintíssimas senhoras, entre as quais as filhas do dr. Campos Sales, e de muitos cavalheiros que, com evidentes demonstrações de simpatia, acompanharam todos os exercícios infantis, aplaudindo com entusiasmo os jogos e brinquedos de que constou o programa. Assistiram à festa de encerramento o dr. Campos Sales, presidente do Estado, o dr. Peixoto Gomide, vice presidente e o dr. Dino Bueno, secretário do interior (*O Estado de S. Paulo*, 26 nov. 1896).

A mencionada confraternização foi prestigiada por personalidades de destaque na sociedade paulista de então, evidenciando a circulação de Rolim entre as elites. Na ocasião, foram oferecidos buquês para várias destas figuras, como os já mencionados Campos Sales, recém-eleito presidente do estado, e Bernardino de Campos, que acabava de deixar o cargo de presidente do estado para assumir o Senado Federal, além do escritor e advogado Alfredo Pujol (1865-1930) e da diretora do Jardim da Infância D. Maria Varella. Também receberam homenagens as professoras da instituição e a própria Zalina Rolim.

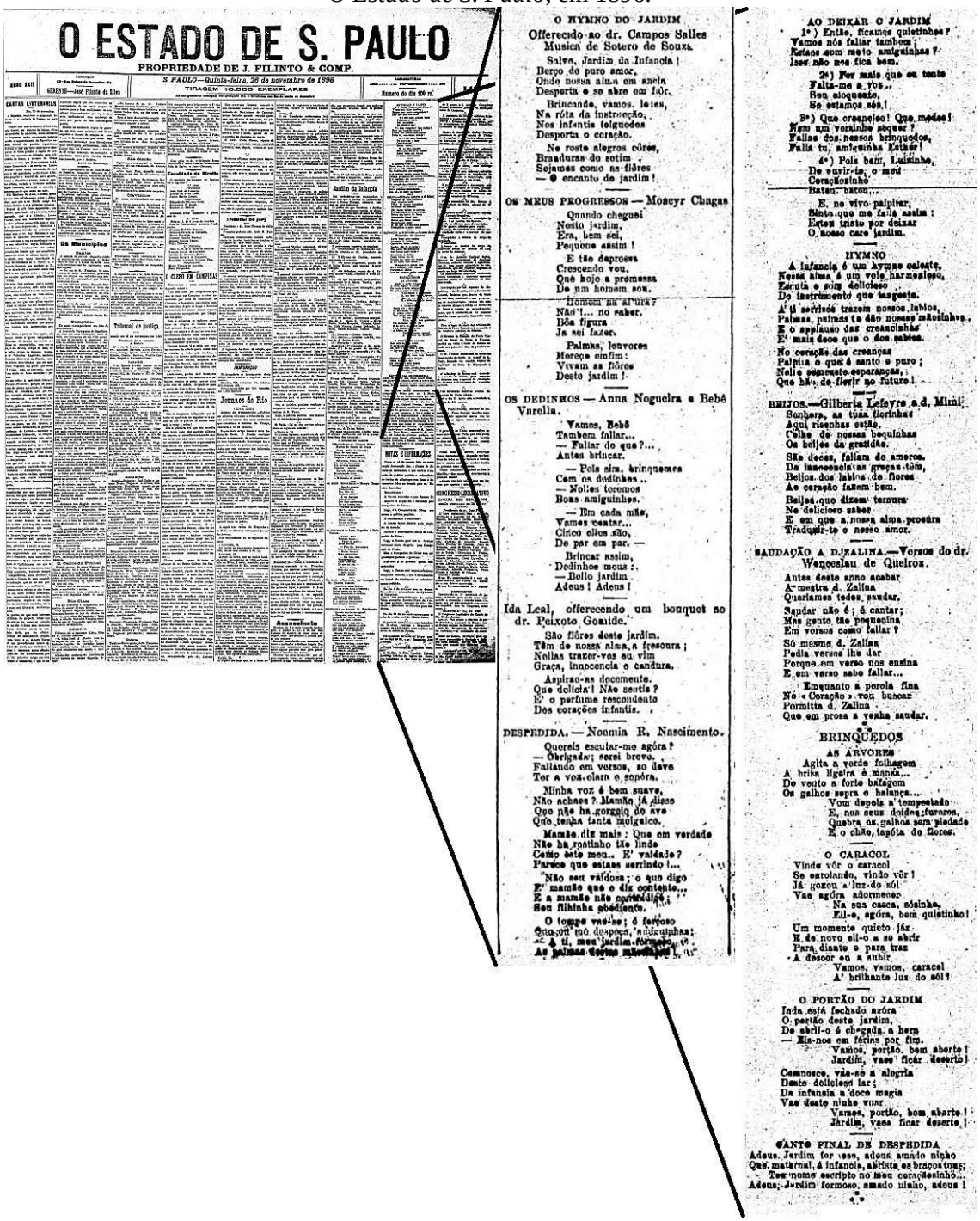
> Ao encerrar-se a festa do Jardim da Infância o sr Gabriel Prestes, diretor da Escola Normal, agradeceu aos representantes do governo e às exmas. senhoras a sua presença, e fez todas as professoras, e especialmente à diretora d. Maria Varella e à sra. d. Zalina Rolim as mais lisonjeiras referências à dedicação com que todas se empenharam na organização do Jardim de Infância que tanto honra o Estado de S. Paulo (*O Estado de S. Paulo*, 26 nov. 1896).

No mesmo ano em que assumiu o ofício de auxiliar de direção naquele local, a autora já colocou sua pena a serviço da educação, compondo versos para memorização e declamação de alunos. Segundo Eleutério (2005), parecia não haver festa escolar na Primeira República em que Zalina Rolim não fosse recitada. Tais poemas caracterizam uma nova faceta de sua produção, desta vez mais adaptada ao público infantil e à função pedagógica[43]. As composições eram eivadas de lugares-comuns e corroboravam com uma visão idealizada das crianças estudantes a partir do projeto educacional estabelecido com a implantação do regime republicano, focado em uma formação moral virtuosa. A produção literária da autora ligada aos preceitos educacionais de Friedrich Froebel será melhor comentada na terceira seção deste capítulo, focada na colaboração da autora com periódicos pedagógicos.

De toda forma, tal trabalho de caráter utilitário também foi celebrado fora dos órgãos educacionais, ganhando a primeira página do jornal *O Estado de S. Paulo*, em 26 de novembro de 1896, dia seguinte à citada festa do Jardim.

[43] A produção literária de Zalina Rolim ligada ao público infantil e à educação será melhor comentada na terceira seção deste capítulo, focada na colaboração da autora com periódicos pedagógicos.

Figura 44 – Publicação de composições de Zalina Rolim para evento do Jardim da Infância no jornal *O Estado de S. Paulo*, em 1896.



O ESTADO DE S. PAULO

PROPRIEDADE DE J. FILINTO & COMP.

S. PAULO—Quinta-feira, 26 de novembro de 1896

O HYMNO DO JARDIM

Offerecido ao dr. Campos Salles

Musica de Sotero de Souza

Salve, Jardim da Infancia!
Berço do puro amor,
Onde nossa alma em ancia
Desperta e se abre em flôr.
Brincando, vamos, leies,
Na róta da instrucção,
Nos infantis folguedos
Desporta o coração.
Ne reste alegres côres,
Branduras do setim,
Sejamos como as flôres
— O encanto de jardim!

OS MEUS PROGRESSOS — Moacyr Chagas

Quando cheguei
Nesto jardim,
Era, bem sei,
Pequeno assim!
E tão depressa
Crescendo vou,
Que hoje a promessa
De um homem sou.
Homem na altura?
Não!... no saber.
Bôa figura
Ja sei fazer.
Palmas, louvores
Merece emfim:
Vevam as flôres
Deste jardim!

OS DEDINHOS — Anna Nogueira e Bebê Varella.

Vamos, Bebê
Tambem fallar...
— Fallar do que?...
Antes brincar.
— Pois sim, brinquemos
Com os dedinhos..
— Nelles toremos
Boas amiguinhos.
— Em cada mão,
Vamos contar...
Cinco olhos são,
De par em par. —
Brincar assim,
Dedinhos meus:.
— Bello jardim
Adeus! Adeus!

Ida Leal, offerecendo um bouquet ao dr. Peixoto Gomide.

São flôres deste jardim.
Têm de nossa alma a fresoura;
Nellas trazem-vos ao vim
Graça, innocencia e candura.
Aspirae-as docemente.
Que delicia! Não sentis?
E' o perfume recendente
Dos corações infantis.

DESPEDIDA. — Noemia R. Nascimento.

Quereis escutar-me agóra?
— Obrigada; serei breve.
Fallando em versos, se deve
Ter a voz clara e sonóra.
Minha voz é bem suave,
Não achaes? Mamãe já disse
Que não ha gorgeio de ave
Que tenha tanta meiguice.
Mamãe diz mais: Que em verdade
Não ha rostinho tão lindo
Como este meu.. E' validade?
Parece que estaes sorrindo!...
Não sei vaidosa; o que digo
E' mamãe que o diz contente...
E a mamãe não contradigo
Seu filhinha pudibundo.
O tempo vae-se; é forçoso
Que vos não despeça, amiguinhas:
— A ti, meu jardim formoso,
As palmas dorte mimosa!

AO DEIXAR O JARDIM

1ª) Então, ficamos quietinhas?
Vamos nós fallar tambem;
Estaes com resto amiguinhas?
Isso não nos fica bem.

2ª) Por mais que eu tente
Falta-me a vós...
Seu eloquente,
Se estamos sós!

3ª) Que crianceiso! Que medos!
Nem um vocsinho soltar?
Falles dos nossos brinquedos,
Falla tu, amiguinha Esther!

4ª) Pois bem, Luisinha,
De ouvir-te, o meu
Coraçãosinho
Bateu, bateu...

E, no vivo palpitar,
Sinto que me falla assim:
Estaes triste por deixar
O nosso caro jardim.

HYMNO

A infancia é um hymno celeste,
Nessa alma é um voto harmonioso,
Escuta e sinta delicioso
Do instrumento que tangeste.
Aí (i sorrisos trazem nossos labios,
Palmas, palmas (a dão nossas mãosinhas,
E o applauso das creanciahas
E' mais doce que o dos sabios.
No coração das creanças
Palpita o que é santo e puro;
Nelle segmente esperanças,
Que hão de florir no futuro!

BEIJOS.—Gilberta Lefevre a d. Mimi.

Sonhara, as tuas florinhas
Aqui ricenhas estão,
Colhe de nossas boquinhas
Os beijos da gratidão.
São doces, falam de amores.
Da innocencia as graças têm,
Beijos dos labios de flores
Ao coração fazem bem.
Beijos que dizem ternura
No delicioso saber
E em que a nossa alma procura
Traduzir-te o nosso amor.

SAUDAÇÃO A D. ZALINA.—Versos do dr. Wenceslau de Queiroz.

Antes deste anno acabar
A mestra d. Zalina
Queriamos todos saudar.
Saudar não é; é cantar;
Mas canto tão pequenina
Em versos como fallar?
Só mesmo d. Zalina
Pedia versos lhe dar
Porque em verso nos ensina
E em verso sabe fallar...
Emquanto a perola fina
No «Coração» vou buscar
Permitta d. Zalina
Que em prosa a venha saudar.

BRINQUEDOS

AS ARVORES

Agita a verde folhagem
A brisa ligeira e mansa...
Do vento a forte bafagem
Os galhos sepra e balança...
Vem depois a tempestade
E, nos seus ímpetos furores,
Quebra os galhos sem piedade
E o chão, tapéta de flores.

O CARACOL

Vinde vêr o caracol
Se enrolando, vinde vêr!
Já gosou a luz do sól
Vae agóra adormecer
Na sua casca, cósinha,
Ei-lo, agóra, bem quietinho!
Um momento quieto já
E de novo ei-lo a se abrir
Para dahi e para trar
A descer e a subir
Vamos, vamos, caracol
A' brilhante luz do sól!

O PORTÃO DO JARDIM

Inda está fechado agóra
O portão deste jardim,
De abril-o é chegada a hora
— Ei-nos cá felizes por fim.
Vamos, portão, bem aberto!
Jardim, vaes ficar deserto!
Comnosco, vão-se a alegria
Doute delicioso lar;
Da infancia a doce magia
Vae deste ninho voar
Vamos, portão, bem aberto!
Jardim, vaes ficar deserto!

CANTO FINAL DE DESPEDIDA

Adeus, Jardim formoso, adeus amado ninho
Que, maternal, á infancia, abriste os braços teus;
Ter nome escripto no meu coraçãosinho...
Adeus, Jardim formoso, amado ninho, adeus!

Fonte: Acervo histórico do jornal *O Estado de S. Paulo*.

Na mesma nota sobre a referida confraternização, a folha publicou o programa do evento, que mostrava principalmente recitais e apresentações musicais das crianças. As composições poéticas cantadas ou entoadas foram quase todas assinadas por Rolim, com outras poucas atribuídas a Maria Varella.

> Desde esta notícia não nos podemos furtar ao desejo de transcrever algumas das composições feitas especialmente para esta festa pela talentosa e delicada poetisa sra. d. Zalina Rolim. Por essas transcrições, o leitor poderá ajuizar melhor do que foi a simpática festa das crianças (*O Estado de S. Paulo*, 26 nov. 1896).

Para além do apreço com a sua antiga colaboradora, o jornal tentava justificar a preferência em compartilhar com os leitores apenas os versos de Zalina Rolim afirmando que não obteve cópias dos trabalhos de Varella. Isso deixa entrever que a autora estudada pode ter entregado cópias de suas composições para conhecidos da redação, por demonstração de interesse dos editores em publicá-las. De toda forma, o pertencimento à elite letrada e o contato anterior com aquele órgão impresso garantiram a divulgação de seu trabalho agora vinculado ao ambiente educacional. O programa da festa já iniciava com o "Hino do Jardim da Infância" sendo cantado pelas crianças em oferecimento a Campos Sales. *O Estado* informava que o cântico tinha letra de Rolim e melodia do maestro Sotero de Souza. Tal composição integraria o segundo volume da *Revista do Jardim da Infância*, editada no ano seguinte.

> O HINO DO JARDIM
>
> *Oferecido ao dr. Campos Salles*
> *Música de Sotero de Souza*
>
> Salve, Jardim da Infância!
> Berço de puro amor
> Onde nossa alma em ânsia
> Desperta e se abre em flor.
>
> Brincando, vamos, ledos,
> Na rota da instrução,
> Nos infantis folguedos
> Desperta o coração.
>
> No rosto alegres cores,
> Branduras de cetim
> Sejamos como as flores
> – o encanto do jardim!
> (*O Estado de S. Paulo*, 26 nov. 1896).

Os versos hexassílabos, divididos em três estrofes e seguindo o esquema de rimas ABAB, demonstravam uma adaptação de linguagem para a compreensão do público formado por crianças entre quatro e sete anos, com versos curtos e de fácil memorização. Eles também refletiam o olhar pedagógico empreendido no Jardim da Infância, que equiparava metaforicamente o desenvolvimento das crianças ao das plantas. Como mencionado em nosso

capítulo anterior, o *Kindergarten* era organizado a partir das diretrizes teóricas do educador alemão Friedrich Froebel, com as professoras, chamadas de "jardineiras", sendo conduzidas a despertar a aprendizagem dos pequenos alunos através de percepção sensorial, com brincadeiras, jogos de linguagem, cantos, danças, marchas, narrações de contos e pinturas. De acordo com Arce (2002, p. 11), o referido pedagogo entendia que um jardim seria um lugar onde a vegetação não cresce em estado totalmente selvagem, recebendo a atenção de um zelador que, mesmo preocupado com o seu cuidado, deveria respeitar o seu processo natural de desenvolvimento.

Froebel defendia a educação que vigiava e protegia as energias naturais da vida, centrando-se "no despertar da atividade espontânea da criança, disseminando qualidades e aniquilando defeitos, através do desenvolvimento pleno da harmonia entre homem, Deus e a natureza" (ARCE, 2002, p. 49). Segundo Piza (2008), Zalina Rolim, por influência de João Köpke, estudou sobre os princípios didáticos froebelianos para oferecer um melhor auxílio ao Jardim da Infância. Sendo assim, a composição do hino daquela instituição de ensino traz elementos que refletem os ideais supracitados, traçando uma relação das crianças (que deveriam entoar os versos) com o elemento natural das flores, cujo desabrochar é equiparado com o amadurecimento das almas humanas, isto é, o seu aperfeiçoamento em virtuosidade. Nesse processo de aprendizagem, os alunos aprenderiam brincando, com a instrução se ligando a "infantis folguedos". Tendo seus corações despertos e seus rostos corados de alegria, as crianças continuariam a conservar naquele local a sua ternura e o seu encanto.

Voltando ao programa do evento, logo após a ode cantada ao Jardim, o menino Moacyr Chagas recitou o poema intitulado "Os meus progressos", que voltava a relacionar o cultivo de qualidades ao crescimento da criança por meio de versos curtos de linguagem mais simples e de fácil memorização.

OS MEUS PROGRESSOS

Quando cheguei
Neste jardim
Era, bem sei,
Pequeno assim!

E tão depressa
Crescendo vou,
Que hoje a promessa
De um homem sou.

Homem na altura?
Não!... no saber.

Boa figura
Já sei fazer.

Palmas, louvores
Merece enfim:
Vivam as flores
Deste jardim!
(*O Estado de S. Paulo*, 26 nov. 1896).

As quadrinhas de tetrassílabos, seguindo o esquema de rimas ABAB, mostravam um eu lírico masculino orgulhoso do desenvolvimento que o Jardim da Infância lhe proporcionou. Crescendo depressa, ele afirma ser, naquele momento, a "promessa de um homem" não em altura, mas "no saber", evidenciando o valor do ensino em seu processo de formação enquanto futuro ser adulto. Na mesma exposição de seus progressos verificados desde que chegou naquele lugar, a voz poética também observava que já sabia fazer "Boa figura", indicando a correção de vícios e a compostura que deveriam ser ensinadas aos pequenos alunos daquela instituição.

Ao fim do poema, era proposta uma celebração das outras "flores" do local, com as crianças merecendo palmas e louvores no reconhecimento de seus avanços na aprendizagem. Levando em consideração a ocasião em que a composição foi apresentada, sendo aparentemente criada para declamação exclusiva naquela festa, podemos inferir que a exposição de progressos verificados desde a chegada ao Jardim estaria ligada ao próprio menino que a proferiu. Entretanto, não há, na publicação impressa, qualquer menção à possibilidade de Rolim ter inspirado seus versos apenas nos estudantes escolhidos para o recital, talvez tendo preferido simbolizar na poesia todos os infantes que ali estavam presentes. De toda forma, é notável a preocupação ora com a demarcação de gênero ora com a menção ao nome dos declamadores em algumas composições.

A próxima apresentação, seguindo o programa do evento, foi do poema "Os dedinhos", pelas crianças Anna Nogueira e Bebê Varella. A composição ao que parece propunha que elas demonstrassem ao público a lição de quantos dedos havia em cada mão através de um diálogo:

OS DEDINHOS

Vamos, Bebê
Também falar...
– Falar de que?...
Antes de brincar.

– Pois sim, brinquemos
Com os dedinhos...

– Neles teremos
Bons amiguinhos.

Em cada mão,
Vamos contar...
Cinco eles são,
De par em par. -

Brincar assim,
Dedinhos meus:
– Belo jardim
Adeus! Adeus!
(*O Estado de S. Paulo*, 26 nov. 1896).

Aqui vemos a escritora retomar a fórmula de compor em linguagem mais próxima ao público infantil, até mesmo fazendo uso do diminutivo ("dedinhos", "amiguinhos"). Ela também organizava o poema em quadras de tetrassílabos, seguindo o esquema de rimas ABAB, melhor propiciando a sua compreensão e a sua recitação. Na primeira estrofe, uma voz poética convidava outra a falar algo antes de iniciar alguma brincadeira. A autora escolheu identificar um dos interlocutores com o nome de uma das crianças que participam da declamação, muito provavelmente para facilitar a memorização dos versos e oferecer maior naturalidade ao diálogo proposto no poema.

Na segunda estrofe, era indicado o afeto no brincar com os próprios dedos, assinalando que neles as crianças teriam "Bons amiguinhos". Seguindo os preceitos froebelianos, Rolim reforçava a importância da atividade lúdica na aprendizagem dos pequenos alunos, com a contagem dos dedos também se tornando um jogo divertido. É possível imaginar que os infantes utilizaram as próprias mãos na interpretação dos versos, inclusive provavelmente fazendo com elas algum gesto de despedida para acompanhar a última estrofe, em que dão adeus ao Jardim.

Logo após tal exposição, de acordo com o programa publicado em *O Estado de S. Paulo*, foram apresentados o poema "O que eu aprendi neste jardim", de Maria Varella, pelo menino Paulo Leão, e "Uma pequena alocução", pelo menino Carlos Andrade. Esses momentos não são detalhados, visto que, como mencionado anteriormente, apenas as composições assinadas por Rolim foram transcritas na folha. Conseguimos entrever, pelo título, que a composição de Varella se aproximava do teor utilitário de "Os meus progressos" e "Os dedinhos", mas não é possível conjecturar sobre o pequeno discurso citado, bem como não sabemos de quem foi a sua autoria. Em seguida, a menina Noemia Redondo do Nascimento declamou o poema "Despedida", de Zalina Rolim, que é dividido em cinco estrofes de heptassílabos (redondilhas maiores), com a primeira estrofe seguindo o esquema de rimas ABBA enquanto as demais apresentam a combinação ABAB.

DESPEDIDA

Quereis escutar-me agora?
– Obrigada; serei breve.
Falando em versos, se deve
Ter a voz clara e sonora.

Minha voz é bem suave,
Não achais? Mamãe já disse
Que não há gorjeio de ave
Que tenha tanta meiguice.

Mamãe diz mais: Que em verdade
Não há rostinho tão lindo
Como este meu... É vaidade?
Parece que estais sorrindo!...

Não sou vaidosa; o que digo
É mamãe que o diz contente...
E a mamãe não contradigo;
Sou filhinha obediente.

O tempo vai-se, é forçoso
Que eu me despeço, amiguinhas:
– A ti, meu jardim formoso,
As palmas dessa mamãezinha!
(*O Estado de S. Paulo*, 26 nov. 1896).

É interessante perceber a construção do poema visando a suscitar ternura pela criança que iria recitá-lo, como fica claro no verso "Parece que estais sorrindo!...", que aparentava prever a plateia formada por "amiguinhas" gostando do gracejo contemplado. Reforçando que sua exposição na verdade era formada por opiniões de sua mãe, o eu poético tenta realçar uma imagem adorável e afetuosa, ao mesmo tempo em que revela o combate aos vícios morais, mostrando uma postura temente e respeitosa em relação aos mais velhos, não contradizendo sua fala e sendo uma "filhinha obediente". No fim, "Despedida" destaca-se mais pela comunicação direta que propunha com o leitor/ouvinte do que pelo seu conteúdo, visto que apenas objetivava provocar afeição e evidenciar a graciosidade infantil.

O próximo poema foi apresentado por um grupo de quatro crianças. "Ao deixar o Jardim", declamado por Durval Rebouças, Ilda Poppe, Luiz Queiros e Esther Macedo, trazia um diálogo dividido em quatro partes, com cada criança provavelmente proferindo uma por vez.

AO DEIXAR O JARDIM

1º) Então, ficamos quietinhas?
Vamos nós falar também;
Estais com medo, amiguinhas?
Isso não nos fica bem.

2º) Por mais que eu tente
Falta-me a voz...
Sou eloquente,
Se estamos sós!

3º) Que criancice! Que medos!
Nem um versinho sequer?
Fala dos nossos brinquedos,
Fala tu, amiguinha Esther!

4º) Pois bem, Luizinho,
De ouvir-te, o meu
Coraçãozinho
Bateu, bateu...

E, no vivo palpitar,
Sinto que me fala assim:
Estou triste por deixar
O nosso caro jardim.
(*O Estado de S. Paulo*, 26 nov. 1896).

Rolim trazia uma forma diferente nesta composição, alternando entre quadras de heptassílabos (redondilhas maiores) e quadras de tetrassílabos, mas sempre seguindo o esquema de rimas em ABAB. É interessante notar que a criancice, no poema, aparentemente é colocada como conduta a ser combatida. Mesmo com o comportamento próprio da infância sendo respeitado e até protegido no Jardim, podemos entrever que tal instituição na verdade privilegiava o caminho de amadurecimento dos pequenos alunos. O arremate da composição sugere que o grupo de crianças escolhido para a sua declamação estaria triste com o fim do ano letivo e a ausência do espaço da instituição em seus próximos dias de férias ou fazia parte da turma que iria avançar nos estudos, superando as lições destinadas à primeira infância oferecidas naquele lugar.

A programação do evento continuava com um "hino oferecido ao diretor da Escola Normal e cantado por todas as crianças do Jardim" (*O Estado de S. Paulo*, 26 nov. 1896). Tal composição também integraria o segundo volume da *Revista do Jardim da Infância*, em 1897, com a indicação de que a música seria do maestro Antônio Silvado. A letra assinada por Zalina Rolim e dedicada a Gabriel Prestes traçava uma ode à infância e retomava o ideal do Jardim no tocante à formação dos seus pequenos alunos:

HINO

A infância é um hino celeste,
Nesta alma é um veio harmonioso,
Escuta o som delicioso
Do instrumento que tangeste.

A ti sorrisos trazem nossos lábios,
Palmas, palmas te dão nossas mãozinhas,
E o aplauso das criancinhas
É mais doce que o dos sábios.

No coração das crianças
Palpita o que é santo e puro;
Nele semeaste esperanças,
Que hão de florir no futuro!
(*O Estado de S. Paulo*, 26 nov. 1896).

As quadras de heptassílabos (redondilhas maiores) respeitam o esquema de rimas ABBA, mas há uma inadequação à conjuntura formal no segundo verso da segunda estrofe, que apresenta dez sílabas poéticas em vez de sete. Este detalhe, provavelmente decorrente de algum erro de transcrição na página d'*O Estado* (algo que era recorrente nos impressos periódicos), está relacionado à repetição da palavra "palmas", que torna o verso decassílabo (retirando a repetição, temos um verso heptassílabo). Todavia, não há em edições posteriores do jornal nenhuma errata que aponte a correção deste problema.

A referida composição não apresenta, na publicação, indicação sobre a sua melodia, mas se assemelha ao "Hino do Jardim da Infância" no que se refere ao conteúdo. A voz poética revela-se como das próprias crianças, que afirmam trazer sorrisos aos interlocutores aparentemente adultos (como a plateia que assistia à apresentação do poema), assinalando que as palmas de seus aplausos seriam mais doces que os dos sábios. Tal comparação ressaltava a sinceridade dos gestos infantis, bem como a sua honestidade e a sua honra. A candura do coração infantil é mencionada nos versos finais, que também evidenciam as esperanças depositadas no florescimento futuro daquelas crianças-sementes.

Após o entoar do referido hino, houve a declamação do poema "O jardim", de Maria Varella, seguido por um discurso proferido pela menina Esther Macedo, a mesma que tinha participado da recitação de "Ao deixar o Jardim". Mais um poema de Zalina Rolim foi apresentado, dessa vez em oferecimento a certa D. Mimi, talvez uma professora ou outra funcionária da instituição. A menina Gilberta Lafeyre foi a encarregada de expor ao público os versos de homenagem.

BEIJOS

Senhora, as tuas florinhas
Aqui risonhas estão
Colhe de nossas boquinhas
Os beijos da gratidão.

São doces, falam de amores,
Da inocência as graças têm,
Beijos dos lábios de flores
Ao coração fazem bem.

Beijos que dizem ternura
No delicioso sabor
E em que a nossa alma procura
Traduzir-te o nosso amor.
(*O Estado de S. Paulo*, 26 nov. 1896).

A composição era formada por heptassílabos divididos em três quadras e seguindo a estrutura de rimas em ABAB. A senhora homenageada receberia, por meio do poema, o afeto das crianças, colhendo seus "beijos de gratidão". Logo depois, a programação principal da festa em comemoração ao fim do ano letivo do Jardim da Infância foi ao que tudo indica finalizada com um tributo à própria Zalina Rolim, por meio da declamação de um poema escrito por Wenceslau de Queiroz, importante jornalista e escritor que, como mencionado em nosso capítulo anterior, sempre demonstrou apreço pela autora. A composição "Saudação a D. Zalina", apresentada por um menino identificado apenas como Álvaro, também foi transcrita na primeira página d'*O Estado de S. Paulo*, junto aos versos da antiga colaboradora daquela folha.

SAUDAÇÃO A D. ZALINA

Antes deste ano acabar
A mestra d. Zalina
Queríamos todos saudar.

Saudar não é, é cantar;
Mas gente tão pequenina
Em versos como falar?

Só mesmo d. Zalina
Podia versos lhe dar
Porque em verso nos ensina
E em verso sabe falar...

Enquanto a pérola fina
No "Coração" vou buscar
Permita d. Zalina

> Que em prosa a venha saudar.
> (*O Estado de S. Paulo*, 26 nov. 1896).

No poema, os versos heptassílabos se organizam em dois tercetos e duas quadras, seguindo rimas em ABA e ABAB. Na primeira estrofe, a voz poética das crianças ressalta querer aclamar a "mestra d. Zalina" antes do final do ano. Em seguida, afirma que saudar não seria o mesmo que cantar, indicando que "gente tão pequenina" aparentemente não sabia demonstrar o seu afeto por meio de versos. A terceira estrofe indica que apenas Rolim podia cumprir tal tarefa, visto que ensinava por meio da linguagem poética e por ela sabia falar. O final da composição faz referência ao livro *O coração* (1893), ressaltando a fama que autora já alcançava com aquela publicação, com a sua lírica sendo referida como uma "pérola fina". Nos últimos versos, o eu lírico que representava as crianças pede permissão à homenageada para saudá-la em prosa, podendo indicar que, após a apresentação daquela composição, houve algum discurso reforçando a importância da escritora para o Jardim e os seus pequenos alunos.

Os elogios à literatura de Zalina Rolim se fazem notáveis na referida saudação, que o jornal fez questão de transcrever, reforçando a consideração que sua redação tinha em relação à autora. Com "Saudação a D. Zalina", Wenceslau de Queiroz assinalava a verve poética desta, reforçando a sua imagem mais relacionada aos versos do que à prosa. Como veremos mais adiante, mesmo com uma grande produção de poesia, alcançando fama por essa verve, Rolim também concebeu trabalhos em prosa, abarcando ficção e teoria educacional. Tais escritos tiveram a imprensa periódica como o principal suporte de publicação.

A programação do evento presente em *O Estado de S. Paulo* também informava sobre a execução de marchas e brinquedos pelas crianças além dos pontos da apresentação principal. Tais atividades que envolviam movimentos físicos e versos rimados ou musicalizados provavelmente constituíram um importante elemento da matéria escolar durante aquele ano letivo, merecendo espaço na confraternização. Retomando os ideais adotados na instituição, Froebel foi o primeiro educador a enfatizar o brinquedo, bem como a atividade lúdica no processo de ensino e aprendizagem. Ele concebeu materiais sistematizados para as crianças se expressarem e enfatizou o uso da linguagem para acompanhar a execução de tais operações criativas. Os infantes deveriam entoar versos ao mesmo tempo em que faziam algum jogo ou ação brincante, com os movimentos do corpo seguindo a melodia das composições (ARCE, 2002).

Em seu trabalho no Jardim da Infância, Zalina Rolim foi responsável pela criação, bem como pela tradução e pela adaptação de diversos brinquedos e cantos aos moldes froebelianos,

como os apresentados na noticiada festa de fim de ano, todos transcritos na edição do jornal em questão: os brinquedos "As árvores" e "O caracol" (traduções)[44], e o canto "O portão do Jardim" (autoral/exclusiva). Tais composições seriam reproduzidas posteriormente no segundo volume da *Revista do Jardim da Infância* (1896-1897) junto a orientações pedagógicas para o trabalho com crianças. A publicação d'*O Estado de S. Paulo*, entretanto, não apresentava qualquer especificação quanto às atividades que as acompanhariam.

Como, neste trabalho, preferiu-se focar na produção exclusiva da escritora em questão entre os periódicos os quais contribuiu, dispensamos o comentário acerca dos brinquedos mencionados, voltando o nosso olhar apenas para o canto "O portão do Jardim".

O PORTÃO DO JARDIM

Inda está fechado agora
O portão deste jardim,
De abri-lo é chegada a hora
– Eis-nos em férias por fim.
Vamos, portão, bem aberto!
Jardim, vais ficar deserto!

Conosco, vai-se a alegria
Deste delicioso lar;
Da infância a doce magia
Vai deste ninho voar
Vamos, portão, bem aberto!
Jardim, vais ficar deserto!
(*O Estado de S. Paulo*, 26 nov. 1896).

O poema era formado por heptassílabos divididos em duas sextilhas (sextetos ou hexásticos) e seguindo o esquema de rimas em ABABCC. Os dois últimos versos de cada estrofe se repetiam e funcionavam como um refrão para a composição, facilitando a sua memorização e propiciando a sua musicalidade. Os versos iniciais descreviam o portão do Jardim da Infância ainda fechado, abrindo a expectativa para a sua abertura e o início das férias dos seus alunos. É interessante perceber que esse canto parece inferir maior felicidade fora do espaço escolar, com a voz poética das crianças aparentemente torcendo para sair daquele local, sem qualquer menção à saudade ou ao pesar por abandoná-lo: "Vamos, portão, bem aberto! / Jardim, vais ficar deserto!". Na verdade, fica claro que os pequenos estudantes são a alegria daquele lugar: sem eles, não existiria o Jardim. Há a indicação de que, assim que eles fossem

[44] No segundo volume da *Revista do Jardim da Infância*, publicado em 1897, os brinquedos "As árvores" e "O caracol" têm autoria atribuída à educadora e escritora alemã Eleonore Luise Heerwart (1835-1911), com tradução/adaptação realizada por Zalina Rolim. Já o canto "O portão do jardim" aparece no mesmo volume com autoria ligada a Rolim.

embora, a doce magia da infância iria abandonar a escola, com os estudantes sendo comparados a passarinhos que voam e deixam o seu ninho, alegoria estimada por Rolim e que representava o amadurecimento dos infantes. Além dos brinquedos assinados pela escritora, a programação da festa indicava terem sido apresentados outros dois sem autoria definida, de títulos "O mensageiro" e "O moinho de vento".

O Estado de S. Paulo ainda destacou, na mesma edição de 26 de novembro de 1996, outras duas composições assinadas por Rolim: os versos declamados na ocasião do oferecimento de um buquê ao professor Peixoto Gomide (1849-1906), então vice-presidente do estado, além do "Canto final de despedida" que teria fechado a festa no Jardim de Infância.

> São flores deste jardim,
> Têm de nossa alma, a frescura;
> Nelas trazer-vos eu vim
> Graças, inocência e candura.
>
> Aspirai-as docemente,
> Que delícia! Não sentis?
> É o perfume rescendente
> Dos corações infantis.
> (*O Estado de S. Paulo*, 26 nov. 1896).

No poema de dedicatória, os versos heptassílabos, organizados em duas quadras, seguiam o esquema de rimas em ABAB. A autora voltava a relacionar as crianças a flores, desta vez com o eu lírico oferecendo ao homenageado um ramalhete, cujo perfume exalaria "Dos corações infantis". A voz poética ainda apontava que aquele buquê traria "Graças inocência e candura", bem como refletiria a frescura da alma, ressaltando a pureza e a agradabilidade como características da infância. Já a quadrinha cantada na finalização do evento reforçava o espaço do Jardim como acolhedor para os pequenos alunos:

> CANTO FINAL DE DESPEDIDA
>
> Adeus, Jardim formoso, adeus amado ninho
> Que maternal, à infância, abriste os braços teus;
> Teu nome escrito no meu coraçãozinho...
> Adeus, Jardim formoso, amado ninho, adeus!
> (*O Estado de S. Paulo*, 26 nov. 1896).

Dos quatro versos que seguem o esquema de rimas em ABAB, os dois primeiros e o último verso são dodecassílabos, enquanto o penúltimo é decassílabo. Não se sabe se tal quebra na métrica foi proposital ou se também estaria relacionada a algum erro de transcrição. O Jardim

da Infância aqui é relacionado novamente a um ninho, bem como ao carinho maternal, reforçando a imagem de um lugar acolhedor e de base moral semelhante ao lar dos pequenos alunos. Tais características também ligam a instituição ao cuidado das mulheres, fazendo lembrar que o ensino da primeira infância ainda era atrelado ao gênero feminino, com as professoras ali desempenhavam funções próximas às do seio familiar no tocante à formação inicial das crianças. Ao final da composição, os estudantes dariam adeus aquele "amado ninho", cujo nome ficaria marcado com afeto em seus corações.

É notável perceber a poesia participando de cada momento da confraternização noticiada, com versos sendo a matéria principal de todas as apresentações das crianças. Em seu cargo de destaque na escola, Zalina Rolim conseguiu entrelaçar seu fazer literário ao processo de ensino e aprendizagem, produzindo de acordo com a necessidade e/ou as exigências do Jardim. Mesmo voltando sua pena a um caráter mais utilitário e também político, visto que propagava ideais republicanos, ela conseguiu manter em prática o seu talento, assegurando um caminho para continuar escrevendo. Com isso, também passou a ser prestigiada no ambiente educacional, sem deixar de ainda ser celebrada fora dele.

A última aparição da produção da escritora em *O Estado de S. Paulo* se deu três dias após a festa no Jardim da Infância, desta vez com a transcrição de duas composições assinadas por ela e declamadas na festa oferecida em comemoração aos bons resultados dos exames finais da Escola-Modelo Complementar, que funcionava junto à já mencionada Escola Normal Caetano de Campos, a qual o Jardim era anexo. A Escola Normal da praça, como era popularmente conhecida, apresentava espaços de educação seriada simultaneamente ao de formação de professores, com currículo enciclopédico e entrada gratuita, aberta a ambos os gêneros.

A referida instituição, além do ensino primário oferecido pelo Jardim da Infância, ofertava dois níveis de especialização além do Curso Normal, este voltado a alunos a partir dos dezesseis anos: um primário, a Escola-Modelo Preliminar, destinado a alunos de sete a onze anos; e um secundário, a Escola-Modelo Complementar (que mais tarde assumiu uma natureza profissionalizante, formando professores primários em tenra idade), destinado a alunos entre onze e quatorze anos. Naquele mesmo ambiente, ao mesmo tempo em que as crianças iriam ser educadas segundo a reforma educacional proposta pela Primeira República, os professorandos poderiam praticar o ensino conforme padrões específicos e supervisão experiente (MONARCHA, 1999). Trabalhando no Jardim, que funcionava em conjunto à Escola Normal, Rolim provavelmente também recebia encomendas de versos para recitais e atividades de outros

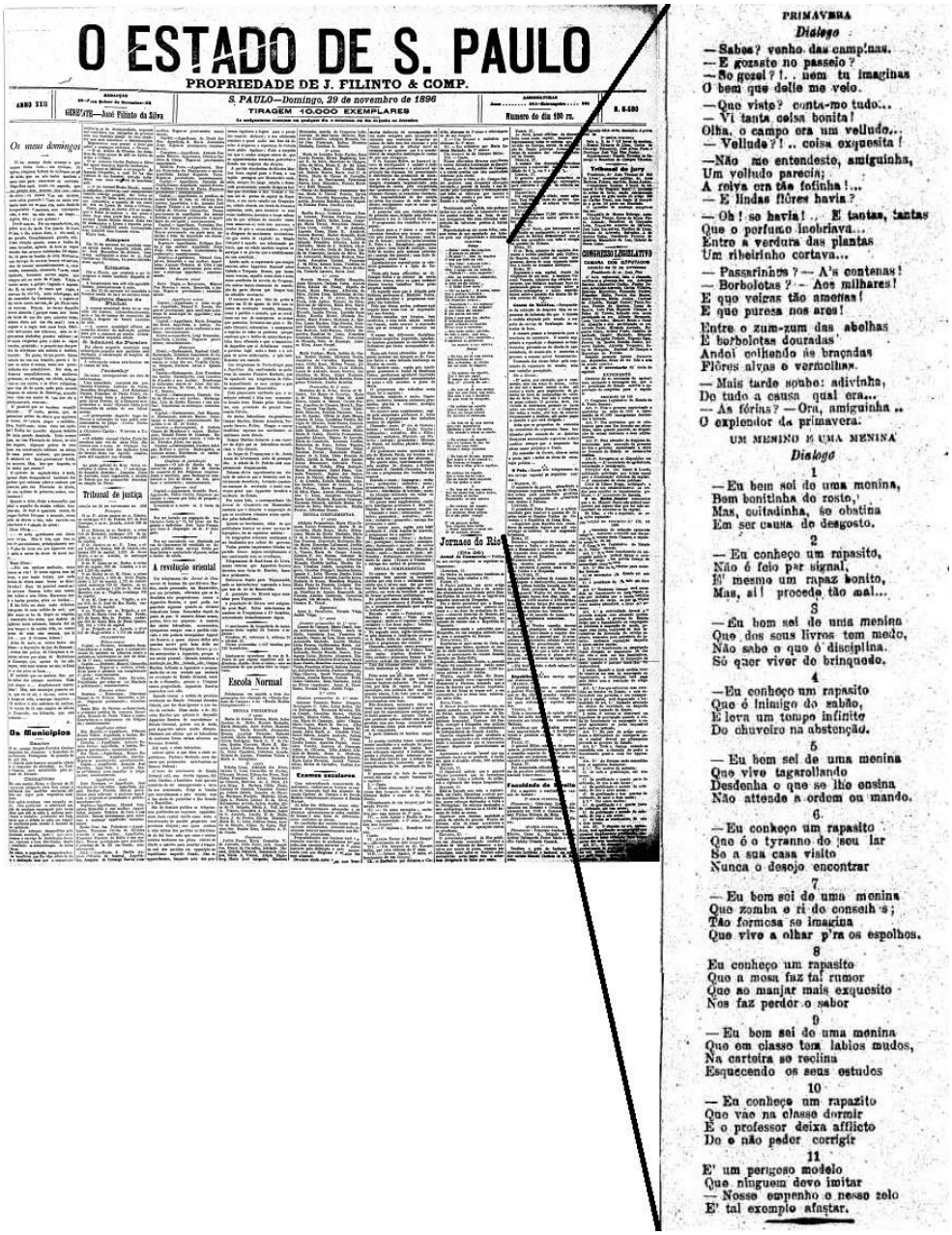
níveis daquele complexo educacional, o que reforça a hipótese de que chegou a exercer grande influência no cenário pedagógico paulista.

O jornal em questão, três dias após a notícia da festa do Jardim da Infância, em 29 de novembro de 1896, noticiava sobre as últimas provas da Escola Complementar, divulgando listas com os nomes dos aprovados e dos repetentes por séries. O referido periódico ainda mencionava uma confraternização que se seguiu aos exames escolares: "Foi interessantíssima e vivamente impressionante essa festa" (*O Estado de S. Paulo*, 29 nov. 1896). A folha elogiou tanto a parte musical, especialmente composta para a ocasião, como a parte literária do evento, apontada como "magnífica". O programa publicado naquela edição não trazia muitos detalhes sobre os recitativos da festa, não indicando vários títulos e autorias de versos que nela figuraram. Entretanto, a nota lançada na primeira página terminava com a transcrição de dois poemas de Zalina Rolim que teriam feito parte das apresentações:

> Terminando esta notícia, não podemos furtar-nos ao desejo de transcrever duas das poesias recitadas na festa de que nos ocupamos. São duas delicadas composições da talentosa poetisa d. Zalina Rolim.
> Reproduzindo-as em nossa folha, estamos certos de que agradarão aos leitores pela sua originalidade e delicadeza (*O Estado de S. Paulo*, 29 nov. 1896).

Tais composições podem ter sido declamadas entre os oferecimentos de ramalhetes a personalidades importantes, como os já citados Campos Sales e Bernardino de Campos, além do jurista Antônio Dino Bueno (1854-1931), recém-nomeado Secretário do Interior do estado, que estavam presentes na ocasião. O diário demonstrava novamente a sua consideração pela antiga colaboradora, oferecendo clara estima à sua lírica, que ganhava mais uma vez espaço de destaque na primeira página. Os editores voltavam a apenas publicar os versos da autora, fazendo entrever a ideia de que eles se sobressaiam em comparação aos demais entoados no evento.

Figura 45 – Publicação de composições de Zalina Rolim para evento da Escola-Modelo Complementar no jornal *O Estado de S. Paulo*, em 1896.



O ESTADO DE S. PAULO

PROPRIEDADE DE J. FILINTO & COMP.

S. PAULO—Domingo, 29 de novembro de 1896

TIRAGEM 10.000 EXEMPLARES

PRIMAVERA

Dialogo

— Sabes? venho das campinas.
— E gozaste no passeio?
— So gosei?!.. nem tu imaginas
O bem que delle me veio.
— Que viste? conta-me tudo...
— Vi tanta coisa bonita!
Olha, o campo era um veludo...
— Veludo?!.. coisa exquesita!
— Não me entendeste, amiguinha,
Um veludo parecia;
A relva era tão fofinha!...
— E lindas flôres havia?
— Oh! se havia!... E tantas, tantas
Que o perfume inebriava...
Entre a verdura das plantas
Um ribeirinho cortava...
— Passarinhos? — A's centenas!
— Borboletas? — Aos milhares!
E que vozes tão amenas!
E que puresa nos ares!
Entre o zum-zum das abelhas
E borboletas douradas
Andei colhendo as braçadas
Flôres alvas e vermelhas.
— Mais tarde soube: adivinha,
De tudo a causa qual era...
— As fórias? — Ora, amiguinha ..
O explendor da primavera.

UM MENINO E UMA MENINA

Dialogo

1
— Eu bem sei de uma menina,
Bem bonitinha do rosto,
Mas, coitadinha, se obstina
Em ser causa de desgosto.
2
— Eu conheço um rapasito,
Não é feio por signal,
E' mesmo um rapaz bonito,
Mas, ai! procede tão mal...
3
— Eu bem sei de uma menina
Que dos seus livros tem medo,
Não sabe o que é disciplina.
Só quer viver de brinquedo.
4
— Eu conheço um rapasito
Que é inimigo do sabão,
E leva um tempo infinito
Do chuveiro na abstenção.
5
— Eu bem sei de uma menina
Que vive tagarellando
Desdenha o que se lhe ensina
Não attende a ordem ou mando.
6
— Eu conheço um rapasito
Que é o tyranno do seu lar
Se a sua casa visito
Nunca o desejo encontrar
7
— Eu bem sei de uma menina
Que zomba e ri do conselho;
Tão formosa se imagina
Que vive a olhar p'ra os espelhos.
8
Eu conheço um rapasito
Que a mosa faz tal rumor
Que ao manjar mais exquesito
Nos faz perder o sabor
9
— Eu bem sei de uma menina
Que em classe tem labios mudos,
Na carteira se reclina
Esquecendo os seus estudos
10
— Eu conheço um rapazito
Que vae na classe dormir
E o professor deixa afflicto
Do e não poder corrigir
11
E' um perigoso modelo
Que ninguem deve imitar
— Nosso empenho o nosso zelo
E' tal exemplo afastar.

Fonte: Acervo histórico do jornal *O Estado de S. Paulo*.

Os dois poemas divulgados caracterizavam diálogos, gêneros líricos fixos provavelmente ensaiados para apresentações em duplas ou em grupos. O primeiro, intitulado "Primavera", já havia sido publicado naquele mesmo ano no periódico pedagógico *A Escola Pública*, a ser melhor comentado nesta tese mais à frente. Já a composição "Um menino e uma menina", dividida em onze quadras de heptassílabos que respeitavam o esquema de rimas ABAB, traçava um divertido diálogo entre uma figura do gênero masculino e outra do gênero feminino, com uma ressaltando defeitos da outra. Na transcrição, as estrofes aparecem numeradas, certamente para facilitação da declamação, visto que se tratava de um poema longo,

podendo ter ocorrido alguma separação dos versos entre os alunos que apresentaram, com cada um ficando responsável por um ou mais quartetos.

UM MENINO E UMA MENINA
Diálogo

1
– Eu bem sei de uma menina,
Bem bonitinha de rosto,
Mas, coitadinha, se obstina
Em ser causa de desgosto.

2
– Eu conheço um rapazito,
Não é feio por sinal,
É mesmo um rapaz bonito
Mas, ai! procede tão mal...

3
– Eu bem sei de uma menina
Que dos seus livros tem medo,
Não sabe o que é disciplina.
Só quer viver de brinquedo.

4
– Eu conheço um rapazito
Que é inimigo do sabão,
E leva um tempo infinito
Do chuveiro na abstenção.

5
– Eu bem sei de uma menina
Que vive tagarelando
Desdenha o que se lhe ensina
Não atende a ordem ou mando.

6
– Eu conheço um rapazito
Que é tirano do seu lar
Se a sua casa visito
Nunca o desejo encontrar.

7
– Eu bem sei de uma menina
Que zomba e ri de conselhos;
Tão formosa se imagina
Que vive a olhar p’ra os espelhos.

8
Eu conheço um rapazito
Que à mesa faz tal rumor
Que ao manjar mais esquisito
Nos faz perder o sabor.

9
– Eu bem sei de uma menina
que em classe tem lábios mudos,
Na carteira se reclina
Esquecendo os seus estudos.

10
– Eu conheço um rapazito
Que vai na classe dormir
E o professor deixa aflito
De o não poder corrigir

11
É um perigoso modelo
Que ninguém deve imitar
– Nosso empenho e nosso zelo
É tal exemplo afastar.
(*O Estado de S. Paulo*, 29 nov. 1896).

Todo o conteúdo do diálogo reforça a ideia de docilidade dos corpos a serem educados, como colocado por Foucault (1987). Assim como a mulher no contexto social, a criança seria manipulável de acordo com o estipulado para a sua perfeição no ambiente escolar. Os trabalhos poéticos de Rolim evidenciam mecanismos de coerção calculada, fazendo dos pequenos leitores/declamadores mais obedientes e adequados ao padrão estabelecido. Os valores pedagógicos relacionados ao regime republicano, como a higiene, a atenção aos estudos, a obediência e o respeito aos mais velhos, bem como o discurso contra a vaidade e em favor da boa etiqueta são representados de maneira envolvente, sendo apontadas no discurso das próprias representações infantis, ocasionando a proximidade e a apreensão do público leitor.

O discurso do eu poético masculino é alternado com o do eu feminino, trazendo a ideia de um debate entre os gêneros. Inicialmente, os dois elogiam a aparência física um do outro para, sem demora, denunciar os seus defeitos morais. A última estrofe, sem indicação de qual interlocutor seria a sua voz poética, como vem logo após a fala da menina, parece estar continuando a exposição desta. Seguindo essa perspectiva, a autora teria dado mais espaço e a última palavra à figura feminina, afirmando que o proceder do menino não devia servir de exemplo. Outra leitura possível colocaria a quadra derradeira como um elemento de oposição aos atos tanto do menino quanto da menina, visto que os dois não obedeceriam ao padrão de comportamento esperado às crianças de então. De toda forma, vemos ressaltadas no poema algumas falhas específicas que indicam características ligadas a cada gênero, como a vaidade e o falar demais sendo associadas à menina e a ausência de asseio, os gestos grosseiros e a conduta

tirana se relacionado ao menino. Ambos os interlocutores teriam como ponto negativo em comum o não comprometimento com o estudo.

Aparentemente, as duas composições, com maior ou menor grau pedagógico e utilitário, foram escolhidas ou encomendadas para a confraternização de fim de ano da Escola-Modelo Complementar por traduzirem preceitos que as professoras queriam passar aos seus alunos naquela ocasião: para além da folga advinda das férias, eles teriam de continuar valorizando o contato com a natureza e preservando a correção moral do corpo e da mente, eliminando os vícios e privilegiando as virtudes.

A colaboração de Zalina Rolim no jornal em questão, apesar de não ser tão regular, foi respeitada desde a apresentação da autora empreendida por Ezequiel Freire, sempre figurando na primeira página da folha. O prestígio da autora no jornal também foi evidenciado pela reprodução de composições da escritora recitadas em eventos escolares então noticiados. Tendo em vista que o referido jornal não tinha como foco a veiculação de literatura, podemos inferir que a notoriedade de Rolim no periódico se relacionava tanto ao apreço dos seus editores como à consideração do seu público leitor.

3.3 *A Província do Espírito Santo / Diário do Espírito Santo / O Estado do Espírito Santo* (1882-1911)

O jornal capixaba *A Província do Espírito Santo* foi fundado 1882 pelos jornalistas e políticos José de Mello Carvalho Moniz Freire (1861-1918) e Cleto Nunes Pereira (1856-1908), que também assumiram sua redação. Com sede em Vitória, a folha circulou até 1911 e se dizia "consagrada aos interesses provinciais", sendo filiada à escola liberal e ao Partido Republicano local. Inicialmente, saia três vezes por semana (às quartas-feiras, às sextas e aos domingos), passando a ser lançado de forma diária a partir de 1883.

Figura 46 – Frontispício da primeira edição do jornal *A Província do Espírito Santo* (15 de março de 1882).



Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

O periódico tinha quatro páginas de quatro ou cinco colunas cada uma, com uma tiragem que chegou à marca de mil e seiscentos exemplares. Em seu conteúdo, destacava-se a publicação das sessões da Assembleia Legislativa Provincial, além de editoriais sobre política e questões sociais do Espírito Santo, noticiário, crônicas e artigos opinativos. Ainda havia espaço para romances de folhetim e seções de variedades, que abrigavam escritos diversos, bem como interações com os leitores. A última página era destinada aos anúncios publicitários e à divulgação de avisos. A literatura aos poucos foi adquirindo espaço no jornal, chegando a tomar grande parte de sua primeira página.

Com o advento da República, passou a denominar-se, em 1889, *Diário do Espírito Santo*, e, logo depois, em 1890, *O Estado do Espírito Santo*. Mesmo mantendo o foco na conjuntura local, com a intenção de também informar o seu público sobre o que acontecia tanto no país como no restante do mundo, o jornal mantinha correspondentes no Rio de Janeiro, em São Paulo e até em Paris, na França. Entre eles, destacava-se a figura já conhecida de Ezequiel Freire, que certamente foi quem abriu portas para a publicação de Zalina Rolim no referido órgão.

A estreia da autora naquela folha capixaba se deu justamente com a divulgação, na primeira página, em 22 de abril de 1888, do poema "Mãe" acompanhando a crônica "Para os tristes", de Freire, ambos os escritos publicados dias antes no jornal *A Província de São Paulo*. No mês seguinte, em 3 de junho de 1888, Rolim voltava ao periódico, ainda na página inicial, dessa vez com uma contribuição inédita: o longo poema "Treze de maio", que celebrava a data em que foi oficializada a abolição da escravidão no país, mais precisamente no mês anterior daquele mesmo ano.

Figura 47 – Publicação do poema "Treze de maio" no jornal *A Província do Espírito Santo*, em 1888.



ANNO VII — Brazil — Victoria, Domingo, 3 de Junho de 1888 — NUM. 1066

A PROVINCIA DO ESPIRITO SANTO

DIARIO CONSAGRADO AOS INTERESSES PROVINCIAES

ORGÃO DO PARTIDO LIBERAL

TYPOGRAPHIA — Rua General Osorio 1 — REDACTORIO — Rua do Commercio 2

TIRAGEM 1,500 exemplares

O PATRIARCHA

Tres seculos de lagrimas, Rio Branco, uma provincia livre, dois levantamentos militares, os centenarios de Antonio Bento e Lacerda, o terror da dynastia, o terror da grande propriedade, a agonia de um rei, a mão candida de nossa senhora, por ultimo, a conferencia effegante dos christãos novos da propaganda libertadora;

O voto de José Bonifacio na fundação do imperio, a revolta dos cruzadores inglezes, o dandismo do mundo civilisado, o horror sanguento da lei de Lynch contra os escravos, a interpretação da magistratura honesta, o acoutamento, o papa-peculio, a kermesse, o barrete do dr. Pestana, a nullidade do dr. Leite Moraes, a energia regulara do desembargador Coelho Bastos, a voz rouca do sr. Andrade Figueira, a honradez denodada do positivismo, alguns campeões cahidos, inspirando o exemplo na pallida serenidade de mortos, como um grito de avançada, o concerto, a flammula vibrante, o voto de uma raça, Luiza Regadas, hoje um phantasma tambem, outr'ora, um cantico aos fastos humanitarios, que os escravos ouviam chorando, uma sentinella heroica do parlamento, Clapp, o vencedor das calumnias, o phrase, a audacia, o coração, a selvageria dominadora de um poeta, a lyra marselheza, colhendo o facto, glosando a historia, a actualidade, o crime, o heroismo, a philosophia simples de Condorcet, a legislação, escudada a palmatoria com um rumor tragico de gemidos a ferros que se partem...

Vem d'ahi confusa noite, panoramas electricos á luz do raio e momentos negros de angustia, triumphos e desanimos, indecisões, alternativas da tormenta, vem d'ahi quite a aurora que anceiamos.

Mas houve uma força que animou a refrega, como o genio dos temporaes, tornado as trevas, pressente um ondo convulsão da falhagem — o exemplo de uma vida, um nome depois, depois uma memoria, o exemplo, o nome, a memoria de um homem que soube ser o soffrimento, a revolta, a renuncia, a bravura, a pobreza voluntaria, o apostolado, remido para remir os irmãos, que fez nascer da infamia uma immortalidade, que prepara longamente, até, na obscuridade, a vida do futuro, e extendeu o esforço vulcanico, subterraneo da empreza que hoje vem de consummar os herdeiros de sua alma (Luiz Gama, que S. Paulo vio, sahindo de todas as aldeas, levado aos tribunaes a magestade, a omnipotencia da palavra, que viu depois, victima da propria gloria, por terra, mostrando, ao crepusculo vermelho da Consolação, a fronte esbelta, calma, da côr das estatuas.

RAUL POMPEIA.

TREZE DE MAIO

Astros de luz fulgurante,
Auroras, encantos mil,
Em cortejo esplendoroso
Vinde saudar o Brazil!

A nossa terra florente,
A nossa patria querida,
Eleva a fronte radiosa:
— Hoje é nação redimida.

Em nossos campos, outr'ora
Banhados do escravo ao pranto,
Cá hoje, da liberdade,
O orvalho fecundo e santo.

Nas brazileiras devezas
Não mais ouvirá — o senhor,
Entre sorrisos de escarneo,
Do escravo o arranco de dôr...

Estrellas resplandecentes,
Brilhae com mais viva luz!!
Mostrae ao mundo que é livre
A terra de Santa Cruz.

Poetas, talentos, genios,
Erguendo a fronte radiosa,
Cantae a suprema gloria
Da nossa patria ditosa.

Virentes flôres do prado,
Podeis aroma espargir,
E aos ares purificados
Vossa corolla entreabrir...

Senhores! — aos redimidos
Mostrae, no horizonte puro,
O pharol da liberdade
Illuminando o futuro.

Dizei-lhes que a nossa patria,
Erguendo um brado altaneiro
Despedaçou luminosa
Os grilhões do captiveiro.

Dizei-lhes que sejam — homens —
Que da virtude o pendão
Desfraldem, auri-fulgente,
No brazileiro torreão...

Astros de luz, fulgurante,
Auroras, encantos mil,
Vinde em cortejo radiante
Saudar o nosso Brazil!

ZALINA ROLIM.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

A composição, formada por onze quadras de versos heptassílabos que seguiam o esquema de rimas em ABCB, apresentava claro tom ufanista, exaltando a pátria que então libertava seus escravizados. O poema deixava transparecer uma visão limitada acerca da situação nacional, visto que o Brasil foi o último país não só da América Latina, mas de todo o Ocidente a tornar ilegal a prática escravagista.

TREZE DE MAIO

Astros de luz fulgurante,
Auroras, encantos mil,
Em cortejo esplendoroso

Vinde saudar o Brasil!

A nossa terra florente,
A nossa pátria querida,
Eleva a fronte radiosa:
– Hoje é nação redimida.

Em nossos campos, outrora
Banhados do escravo ao pranto,
Cá hoje, da liberdade,
O orvalho fecundo e santo.

Nas brasileiras devesas
Não mais ouvirá – o senhor,
Entre sorrisos de escárnio,
Do escravo o arranco de dor...

Estrelas resplandecentes,
Brilhai com mais viva luz!!
Mostrai ao mundo que é livre
A terra de Santa Cruz.

Poetas, talentosos, gênios,
Erguendo a fronte radiosa,
Cantai a suprema gloria
Da nossa pátria ditosa.

Virentes flores do prado,
Podeis aroma espargir,
E aos ares purificados
Vossa corola entreabrir...

Senhores! – aos redimidos
Mostrai, no horizonte puro,
O farol da liberdade
Iluminando o futuro.

Dizei-lhes que a nossa pátria,
Erguendo um brado altaneiro
Despedaçou luminosa
Os grilões do cativeiro.

Dizei-lhes que sejam – homens –
Que da virtude o pendão
Desfraldem, auri-fulgente,
No brasileiro torreão...

Astros de luz, fulgurante,
Auroras, encantos mil,
Vinde em cortejo radiante
Saudar o nosso Brasil!
(*A Província do Espírito Santo*, 3 jun. 1888)

O dia 13 de maio de 1888 apenas consolidava em documento um longo processo de embates políticos e sociais que tornaram o cenário da escravidão no país insustentável, envolvendo a formação de espaços de resistência, como os quilombos, além de grandes revoltas e da pressão externa de outros países. O contexto de estabelecimento da Lei Áurea correspondeu, na verdade, a uma transição gradual do governo que atendia mais aos interesses dos escravocratas que dos escravizados. Nesse sentido, a falsa solidariedade do Império brasileiro para com o movimento abolicionista dissimulava uma tentativa de favorecer a sua permanência no poder.

É de se destacar ainda que a abolição foi oficializada sem incluir a garantia de reintegração dos ex-escravizados na sociedade brasileira, com os direitos fundamentais não sendo equitativos. A composição de Zalina Rolim reforçava a falsa noção de que, a partir da abolição da escravidão, o passado exploratório do Brasil seria totalmente apagado, propiciando a construção de um novo e glorioso futuro, a ser instaurado sobretudo com a chegada da Primeira República. A escritora, mesmo reconhecendo a conjuntura de outrora, marcada pela dor e pelo pranto dos escravizados, apegava-se à falsa reparação que a pátria faria ao romper com o seu cativeiro. Expondo a restrição para tratar do tema em questão, tal postura presente nos versos condizia com o lugar social que aquela mulher ocupava na elite branca da época. De toda forma, o poema mostrava-se de acordo com a linha editorial d'*A Província do Espírito Santo*.

A participação de Rolim no referido jornal continuou com a reprodução, na edição de 16 de setembro de 1888, novamente na primeira página, de outra contribuição da autora para *A Província de São Paulo*: o poema "Adormecida", oferecido a João Köpke. A autora só voltaria às páginas do impresso capixaba com uma produção exclusiva na edição de 24 de fevereiro de 1889. Tratava-se do soneto "A freira", que descrevia uma religiosa a recordar da vida pregressa ao seu claustro.

Figura 48 – Publicação do poema "A freira" no jornal *A Província do Espírito Santo*, em 1889.



ANNO VIII — Brazil — Victoria, Domingo, 24 de Fevereiro de 1889 — NUM. 1880

A PROVINCIA DO ESPIRITO-SANTO

DIARIO CONSAGRADO AOS INTERESSES PROVINCIAES

ORGÃO DO PARTIDO LIBERAL

TIRAGEM 1,600 exemplares

Chronca do Domingo

MUSA POPULAR

CANCIONEIRO ESPIRITO-SANTENSE (*)

TEUS BEIJOS

ILLUMINURAS

A FREIRA

Na cella estreita e severa,
De uz e flôres despida,
No tempo azul da chimera
A freira scisma embebida.

Na face, affeita sómente
Do mysticismo ao encanto,
Desponta pallidamente,
Um riso extactico e santo...

Recorda o tépido ninho
Onde, outro tempo, o carinho
Tivera da mãe e pae...

Vê-se creança innocente...
E uma lagrima silente
Desliza tremula, e cae...

ZALINA ROLIM.

POMBA E CHACAL

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Recolhida em uma cela escura, a freira do título era mostrada nos versos a rememorar do antigo lar familiar, simbolizado em um ninho, que antes a acolhia, bem como da criança que um dia fora. Ao final do poema, lançado na primeira página do jornal, uma lágrima escorria em seu rosto, revelando a saudade que guardava de seu passado.

A FREIRA

Na cela estreita e severa,
De luz e flores despida,
No tempo azul quimera
A freira cisma embebida.

Na face, afeita somente
Do misticismo ao encanto,
Desponta palidamente,

Um riso extático e santo...
Recorda o tépido ninho
Onde, outro tempo, o carinho
Tivera da mãe e pai...

Vê-se criança inocente...
E uma lágrima silente
Desliza trêmula, e cai...
(*A Província do Espírito Santo*, 24 fev. 1889)

A composição traçava uma representação não tão idealizada das mulheres que dedicavam sua existência inteiramente aos serviços religiosos. Rolim, mesmo adepta à fé cristã, demonstrava reconhecer o lado ruim da renúncia exigida ao noviciado, assinalando que esse não seria um caminho fácil para as mulheres que optavam por ou eram forçadas a segui-lo. A construção do ambiente em que a freira se encontrava, totalmente despido de vida, também contribuía para a construção de uma imagem triste da condição de total devota. Em seus versos, a escritora parecia defender um ponto de vista até certo ponto mais realista acerca desse extrato da sociedade, ainda que ela também prefira valorizar o papel da família e da infância na realização pessoal feminina.

Em 16 de junho de 1889, *A Província do Espírito Santo* reproduzia em sua primeira página os poemas "Pomba ferida", anteriormente publicado no jornal *A Família*, e "Confissão", já publicado no periódico *A Província de São Paulo*. Embora fossem composições já conhecidas, fazia-se notável o fato de a folha conceder tamanho espaço de publicação para a autora, mostrando o respeito e o prestígio que ela vinha alcançando na imprensa do período. Em compensação, novas contribuições inéditas surgiam em destaque na primeira página da edição de 6 de outubro de 1889. Com "Dizem...", ela abordava mais uma vez o amor, trazendo um eu lírico que insistia no afeto por alguém que se demonstrava apático e tomado pela amargura. Já "Coração de pai", por sua vez, retratava um velho senhor que se lembrava da figura de sua filha sumida ao receber uma esmola.

Figura 49 – Publicação dos poemas "Dizem..." e "Coração de pai" no jornal *A Província do Espírito Santo*, em 1889.



A PROVINCIA DO ESPIRITO-SANTO

ORGÃO DO PARTIDO LIBERAL

Victoria, Domingo, 6 de Outubro de 1889

N. 2053

DIZEM...

Dizem que a luz do seu olhar é fria
Como um prenuncio de luctuosas côres ;
Que importa?—Si eu me aqueço em seus ardores,
E ao seu clarão invade-me a alegria !

Dizem tambem, que em sua voz sombria
Sente-se o travo de amargura e dôres ;
Escutando-a minha alma toda em flôres
Ouve extranha e saudosa melodia...

Que importa, digam todos que os espinhos
Da indifferença crescem no seu peito,
Se n'elle os meus anhelos fazem ninhos?

E o meu olhar penetra-lhe a espessura
Como os fulgores do luar — o leito
Da correnteza crystallina e pura.

ZALINA ROLIM.

CORAÇÃO DE PAE

Si ao pobre velho tropego extendia,
Loura creança, a compassiva esmola,—
Elle a tremer abria-lhe a saccola
E, escondendo uma lagrima, seguia...

Tambem elle, o mesquinho, o mendicante,
Tivera uma filhinha ingenua e pura ;
Tinha do lyrio a immaculada alvura,
E a alegria d'aurora no semblante...

Depois... a filha, o anjo, a luz querida,
Sem ter da mãe a voz que o peito aquece,
Perdeu-se nos desvios d'esta vida...

E o triste, — o miserando pae, em vão
Gemia amargamente : « Ah! si ella viesse
Teria, ò Deus do céo, o meu perdão !...

ZALINA ROLIM.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

No primeiro soneto, a voz poética de gênero não definido indicava não se importar com o que andariam dizendo sobre o ser amado, mantendo-se firme em seus sentimentos ao responder cada suposição levantada:

DIZEM...

Dizem que a luz do teu olhar é fria
Como um prenúncio de lustrosas cores;
Que importa? Se eu me aqueço em seus ardores,
E ao seu clarão invade-me a alegria.

Dizem também que em sua voz sombria
Sente-se travo de amargura e dores;
Escutando-a, minha alma toda em flores
Ouve estranha e saudosa melodia...

Que importa, digam todos que os espinhos
Da indiferença crescem no seu peito
Se nele os meus anelos fazem ninhos?

E o meu olhar penetra-lhe a espessura,
Como os fulgores do luar o leito
Da correnteza cristalina e pura.
(*A Província do Espírito Santo*, 16 jun. 1889)

A composição oferecia uma representação romântica do amor, a partir de um eu lírico resiliente, que suportava qualquer adversidade e encarava com tranquilidade os detalhes negativos daquele por quem tinha estima. Com a visão idealizada do amor, a voz do poema transformava os supostos defeitos em matéria de seu agrado ou que eram facilmente vencidos pelo seu carinho. Destacava-se, no terceiro verso da penúltima estrofe, a menção ao elemento dos "ninhos" que os desejos do eu poético faria sobre os possíveis espinhos que cresceriam no peito do interlocutor. A autora resgatava o recurso simbólico dos pássaros, já recorrente em sua produção literária, para tratar da esfera humana. Na passagem mencionada, ela indicava que era no coração do amado que os anseios da pessoa apaixonada iriam procurar abrigo seguro, ainda que aquele se mantivesse indiferente.

O segundo poema, por sua vez, descrevia um velho senhor esmoleiro a lembrar de sua filha, com quem não tinha mais contato. Tal composição seria incluída, mais tarde, no livro *O coração* (1893) com o título reduzido para simplesmente "Pai".

CORAÇÃO DE PAI

Se ao pobre velho trôpega estendia
Loura criança a compassiva esmola,
Ele a tremer abria-lhe a sacola
E, escondendo uma lágrima, seguia...

Também ele, o mesquinho, o mendicante,
Tivera uma filhinha ingênua e pura;
Tinha do lírio a imaculada alvura,
E a alegria d'aurora no semblante...

Depois... a filha, o anjo, a luz querida.
Sem ter da mãe a voz que o pai aquece,
Perdeu-se nos desvios desta vida...

E o triste, – o miserando pai, em voo
Gemia amargamente: Ah! se ela viesse
Teria, ó Deus do céu, o meu perdão!...
(*A Província do Espírito Santo*, 16 jun. 1889)

Rolim aqui voltava ao tema da saudade, dessa vez aliado ao amor incondicional de um pai pela filha. Esta, apesar de ter se desorientado "nos desvios da vida", ainda é rememorada com ternura pelo genitor, que traz a sua imagem à mente ao se deparar com uma "loura criança" que lhe concedia a caridade. A representação formada da infância inocente e pura é novamente atrelada à alvura da pele, lembrando a imagem tradicional de um anjo. Os versos mostravam que, aparentemente, a falta de uma mãe teria sido o motivo para a filha perder a direção, com a autora reforçando a importância da participação materna na boa criação dos rebentos. A condição mendiga do ancião também poderia estar conectada à ausência de sua mulher, com a figura feminina sendo associada à estabilidade dos homens. Ao final da composição, o pai ressaltava o seu amor irrestrito, afirmando que perdoaria a filha quando esta retornasse à sua companhia. O afeto familiar era então colocado acima de qualquer erro ou falha de conduta.

Mesmo não havendo evidente relação entre os dois poemas selecionados para publicação naquela edição, ambos registravam tópicos caros à produção da escritora, informando sobre o teor de seu trabalho com a pena, que também foi legitimado por meio do destaque oferecido pelo jornal. O retorno da colaboração com *A Província do Espírito Santo* se deu na edição de 17 de novembro de 1889, com a publicação do soneto "Candura", que retomava a temática da morte.

CANDURA

Disseram-lhe uma vez que o pequenito
Irmão que ela adorava, tão formoso!
Voara um dia alegre e venturoso
Pela amplidão do azul calmo, infinito...

Da Via-Láctea a faixa desdobrada
Apontou-lhe depois a mãe chorando:
– "Por ali, meu amor, passou voando
A sua alma inocente e perfumada"!...

E a pequenita os lábios cor de rosa,
– Fitando a larga estrada luminosa, -
Num riso ingênuo e cândido entreabriu...

E, a cabecinha loira debruçando,
Adormeceu risonha, contemplando
– O caminho de luz que ele seguiu...
(*A Província do Espírito Santo*, 17 nov. 1889)

Nos versos mais uma vez lançados na primeira página do jornal, o falecimento de um menino reverbera na tristeza e no desconsolo de sua mãe. A candura do título poderia ser

associada tanto à efígie imaculada da criança que morrera, remetida como um anjo a subir ao céu, como à pureza de sentimentos de sua irmã, aparentemente também uma menina. Esta parecia resguardar o carinho pelo irmão e, através da associação do pequeno a um caminho de estrelas, conseguir superar a sua perda. A composição ressaltava a inocência e a simplicidade dos infantes no enfrentar de qualquer dificuldade ou sofrimento. Através da imaginação, seriam capazes de sobrepujar a dor decorrente dos males da vida.

Figura 50 – Publicação do poema "Candura" no jornal *A Província do Espírito Santo*, em 1889.



A PROVINCIA DO ESPIRITO-SANTO

ORGÃO DO PARTIDO LIBERAL

ANNO VIII | Victoria, Domingo, 17 de Novembro de 1889 | N. 2487

Fundado por Cleto Nunes e Moniz Freire

TIRAGEM 1,600 exemplares

"A Provincia" no INTERIOR

Os srs. assignantes de fóra da capital, em atraso em seus pagamentos, são rogados a effectual-os; podendo remetter as devidas importancias, pelo correio em carta registrada, com valor declarado, ou entregar aos nossos agentes nas respectivas localidades.

Victoria, 4 de novembro de 1889.

A EMPRESA.

Manhã na roça

A BERNARDINO LOPES

Um adeus

AO DR. LOPES DE OLIVEIRA

MORTA

A MULHER

AS MINHAS VISITAS

PEROLAS

AO MEIO DIA

RELIQUIA

SONETO

CANDURA

SOLTA

LUBRICA

A ALBERTO SOUSA

GANDURA

Disseram-lhe uma vez que o pequenito
Irmão que ella adorava, tão formoso!
Voara um dia alegre e venturoso
Pela amplidão do azul calmo, infinito...

Da via-lactea a faicha desdobrada
Apontou-lhe depois a mãe chorando;
—«Por ali, meu amor, passou voando
A sua alma innocente e perfumada»!...

E a pequenita os labios côr de rosa,
—Fictando a larga estrada luminosa,—
N'um riso ingenuo e candido entreabriu...

E, a cabecinha loira debruçando.
Adormeceu risonha, contemplando
—O caminho de luz que elle seguiu...

ZALINA ROLIM.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Dessa maneira, a escritora fazia entrever que a angústia decorrente do óbito de uma criança poderia ser atenuada através do sorriso inocente de outra. O menino morto voara para longe, mas sua doçura e sua candidez permaneciam na irmã, o que reconfortava os leitores. Após tal publicação, a participação de Zalina Rolim na folha capixaba se encerrou, meses mais tarde, com outra reprodução do poema "Confissão", na primeira página da edição de 25 de maio de 1890, quando o referido periódico já se chamava *O Estado do Espírito Santo*. O percurso da

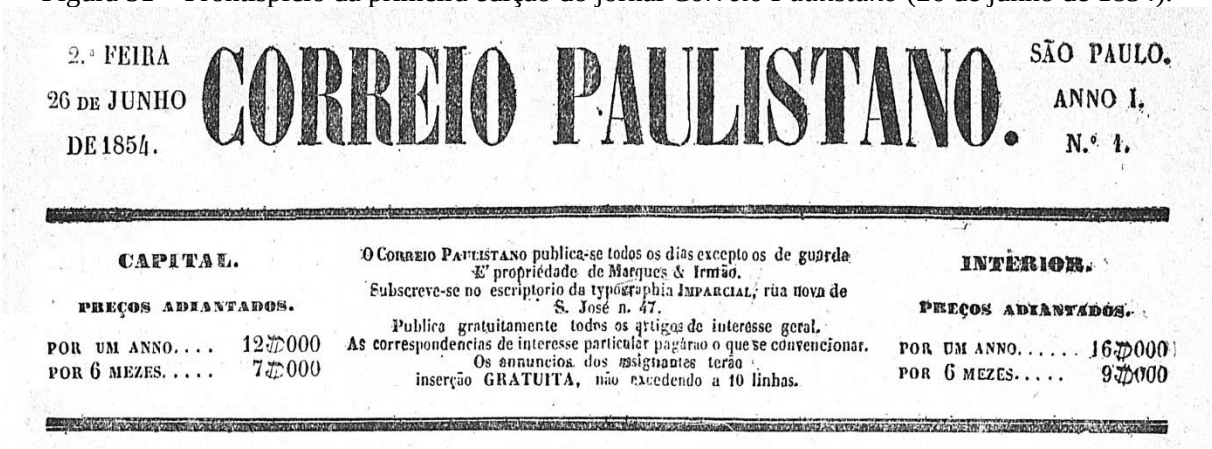
autora nesse jornal, sempre ocupando um espaço privilegiado de página inicial, informava a respeito do alcance de sua carreira nas letras, com sua produção sendo lida e apreciada para além do eixo Rio-São Paulo.

3.4 *Correio Paulistano* (1854-1963)

Outro órgão impresso que recebeu a colaboração de Zalina Rolim foi o *Correio Paulistano*, que se destacou como um dos veículos mais aprimorados da imprensa paulista, servindo de modelo para outras publicações. Antes de *A Província*, ele foi o primeiro jornal de São Paulo a ser publicado diariamente e a sair às segundas feiras (SOUSA, 2010). Com a primeira edição datada de 26 de junho de 1854, o noticiário surgiu como propriedade de Joaquim Roberto de Azevedo Marques (1824-1892), sendo impresso na Typographia Imparcial e dirigido por Pedro Taques de Almeida Alvim (1791-1869), figura de grande destaque na sociedade paulista que atuava como promotor público e deputado em várias legislaturas.

Ao contrário do jornal homônimo de vida efêmera lançado em 1831 por José Gomes Segurado, foi um dos mais longevos e prestigiados órgãos da imprensa nacional, circulando periodicamente até 1930, e com intervalos até 31 de julho de 1963. Sousa (2010) divide seu percurso histórico em quatro fases: formação inicial (de 26 de junho de 1854 a 14 de julho de 1855); decadência e retrocesso (a partir de 30 de julho de 1858); reorganização (de 1 de maio de 1858 a 1882); consolidação e progresso (após 1882).

Figura 51 – Frontispício da primeira edição do jornal *Correio Paulistano* (26 de junho de 1854).



2.ª FEIRA
26 DE JUNHO
DE 1854.

CORREIO PAULISTANO.

SÃO PAULO.
ANNO I.
N.º 1.

CAPITAL.

PREÇOS ADIANTADOS.

POR UM ANNO.... 12$000
POR 6 MEZES..... 7$000

O Correio Paulistano publica-se todos os dias excepto os de guarda
E' propriédade de Marques & Irmão.
Subscreve-se no escriptorio da typographia IMPARCIAL, rua nova de S. José n. 47.
Publica gratuitamente todos os artigos de interesse geral.
As correspondencias de interesse particular pagarão o que se convencionar.
Os annuncios dos assignantes terão inserção GRATUITA, não excedendo a 10 linhas.

INTERIOR.

PREÇOS ADIANTADOS.

POR UM ANNO..... 16$000
POR 6 MEZES..... 9$000

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

O seu primeiro frontispício informava que as assinaturas anuais ou semestrais custariam preços diferenciados na capital e no interior. A redação publicava gratuitamente todos os artigos de interesse geral a ela enviados, bem como os anúncios dos assinantes que não excedessem o

limite de dez linhas. Somente as correspondências de interesse particular teriam de ser pagas em acordo com os editores. Com isso, a folha afirmava ser "moralmente responsável" apenas pelo que era publicado sob o seu título editorial, apresentando-se como imparcial já em seu número inicial:

> Nessas circunstâncias, entendemos fazer um importante serviço à nossa bela província publicando o CORREIO PAULISTANO, cuja missão é a de oferecer uma IMPRENSA LIVRE. A sociedade, o governo tem grande interesse no conhecimento da verdade; e nos oferecendo as colunas do CORREIO PAULISTANO à discussão de todas as opiniões, de todos os pleitos, teremos contribuído com o nosso contingente para o conseguimento daquele grandioso fim (*Correio Paulistano*, 26 jun. 1854).

O prospecto à primeira edição do jornal tentava diferir a sua publicação dos outros periódicos da província "quase exclusivamente ocupados dos interesses de sua parcialidade política", que estariam desviando a imprensa local de seu "santo ministério" (*Correio Paulistano*, 26 jun. 1854). A proposta era que o *Correio* se fizesse uma tribuna aberta a todas as opiniões, sem restrições partidárias, porém ele logo passaria a atuar como porta-voz de grupos políticos em troca de patrocínio.

O jornal permaneceu como diário até 14 de julho de 1855, quando, por carência de recursos financeiros, acabou tornando-se bissemanal. Dessa forma ficou até 1858, ano em que voltou a ser cotidiano, com publicação matutina. O periódico, em sua retomada, aderiu ao conservadorismo, mesmo que à revelia, e garantiu a sua circulação com o apoio de Antônio Roberto de Almeida (?-1882), o governador provincial vigente. Segundo Sousa (2010), em 1863, a folha passou a ser impressa na primeira máquina de aço que apareceu em São Paulo, tendo o seu material tipográfico reformado em substituição ao prelo de madeira. Já em 1869, tal máquina passou a ser movida a vapor, elevando a tiragem a oitocentos e cinquenta exemplares.

De janeiro de 1864 a outubro de 1865, o advogado e escritor Francisco Quirino dos Santos (1841-1886) assumiu a redação do *Correio*, sendo substituído pelo já citado Américo de Campos, que, permanecendo no cargo até janeiro de 1874, tentou imprimir ideais abolicionistas e republicanos na referida folha. Àquela altura, o diário passara a cobrar pelos anúncios divulgados, bem como aceitara publicar contribuições escritas de seus leitores. Para além dos folhetins, a sua "Seção Livre" tomava grande destaque, editando cartas de leitores, além de composições poéticas e artigos sobre filosofia, religião, direito, ciências, artes e belas letras. Em julho de 1874, o órgão foi comprado por Carlos Leôncio Silva de Carvalho (1847-1912),

que o vinculou à linha monárquico-liberal, apresentando-o em seu frontispício como “Folha Liberal, Noticiosa, Industrial e Literária”. Retomando a propriedade do jornal no final daquele mesmo ano, Azevedo Marques acabou cedendo à pressão do Partido Conservador e, em 1877, tornou o diário o principal propagador de seu programa político. Em 1878, o veículo acabou assumindo o material de impressão do recém-fechado *Diário de S. Paulo* (1865-1878), o que lhe possibilitou uma nova configuração material em grande formato.

Já em 1882, a direção do periódico passou para a propriedade do advogado Antônio da Silva Prado (1840-1929), com seu irmão Antônio Caio da Silva Prado ficando responsável pela redação e Azevedo Marques atuando como editor-gerente. Com a ascensão dos conservadores ao poder na província, o jornal entrara em uma fase de modernização e crescimento (SOUSA, 2010). Demonstrando notável (e comum) contradição, apesar de advogar em suas páginas contra a prática escravocrata, inclusive auxiliando o movimento abolicionista, o órgão impresso se manteve em ferrenha oposição às ideias da República. Todavia, com a proclamação do novo regime político, em 1899, a folha aceitou a derrota monarquista. No ano seguinte, foi adquirida por um grupo de republicanos, entre eles Manoel Lopes de Oliveira e Vitorino Gonçalves Carmilo (1856-?), e passou a ser instrumento de divulgação do Partido Republicano Paulista (PRP). Segundo Sousa (2010), esse período de transição desencadeou uma intensa movimentação literária no referido diário, com escritores como Paulo Prado (1869-1943) e o já mencionado Ezequiel Freire.

Foi justamente em 1890 que Zalina Rolim iniciou a sua colaboração com o *Correio Paulistano*, na edição de 26 de fevereiro, com a publicação do soneto “Voilá la mère” na seção “Toda Lira”, dedicada a escritos em verso, logo na primeira página.

Figura 52 – Publicação do poema “Voilá la mère” no jornal *Correio Paulistano*, em 1890.



ANNO XXXVI — S. Paulo—Quarta-feira, 26 de Fevereiro de 1890 — N. 10.042

CORREIO PAULISTANO

Impresso na machina Marinoni de rotinação, na typographia do «Correio Paulistano» RUA QUINZE DE NOVEMBRO N. 51

NOSSOS AGENTES

CORREIO PAULISTANO

NA RUA

TODA LYRA

PLAUTA DE PAN

Voilá la mère

Ella me disse:—«Vai, querido filho...
—E, os olhos tristes mergulhou nos meus—
«Segue do bem o luminoso trilho;
Nunca te affastes do dever—adeus!...

Parti, contendo a minha dôr penosa...
E, nunca mais, um riso de ternura
Vi despontar na vastidão escura
Da minha noite fria e silenciosa.

E se alquebrado e vacillante, um dia,—
—Medindo ao longe a tormentosa via—
Paro e indeciso, e o meu soffrer maldigo,

No santuario de luz do meu passado
Vejo elevar-se o vulto illuminado
De minha mãe que me contempla...e sigo!...

ZALINA ROLIM.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

A estreia da autora na folha foi celebrada pela redação em nota que elogiava o seu talento e ressaltava o seu prestígio entre os leitores de periódicos do interior e da capital paulista. É válido ressaltar que condição privilegiada de Rolim certamente contribuiu para tamanha aceitação e evidente incentivo do jornal:

Figura 53 – Nota do jornal *Correio Paulistano* celebrando a colaboração de Zalina Rolim, em 1890.



ZALINA ROLIM

Não é desconhecido do nosso publico letrado o nome da mimosa poetiza que encima estas linhas. Diversos trabalhos poeticos por ella firmados já têm sido inseridos nas folhas do interior e desta capital, grangeando-lhe sempre numerosos admiradores.

Dessa distincta poetiza publicamos hoje um formoso e delicado soneto inedito, que foi expressamente escripto para o *Correio Paulistano*. E' um trabalho mimoso que prima pelo fundo e pela fórma.

A' nossa gentilissima collaboradora agradecemos o regio mimo com que brindou aos leitores desta folha.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

O poema então publicado retomava o tema da maternidade e a sua relação com a despedida. Dessa vez, o eu lírico apresentava-se como um filho que conquistara a emancipação e seguira com sua vida, lançando um olhar para o momento em que se separara da mãe.

VOILÁ LA MÈRE

Ela me disse: – Vai, querido filho...
– E, os olhos tristes mergulhou nos meus -
Segue do bem o luminoso trilho;
Nunca te afastes do dever – adeus!...

Parti, contendo a minha dor penosa...
E, nunca mais, um riso de ternura
Vi despontar na vastidão escura
Da minha noite fria e silenciosa.

E se alquebrado e vacilante, um dia, -
– Medindo ao longe a tormentosa via -
Paro e indeciso, e o meu sofrer maldigo,

No santuário de luz do meu passado
Vejo elevar-se o vulto iluminado
De minha mãe que me contempla... e sigo!...
(*Correio Paulistano*, 26 fev. 1890)

A expressão francesa que dá título à composição chama a atenção para o que os versos pretendiam tratar: a figura materna pelos olhos do filho (em tradução livre, “Eis a mãe” ou “Ai está a mãe”). Na primeira estrofe, são apresentadas as palavras de adeus que ela proferiu com

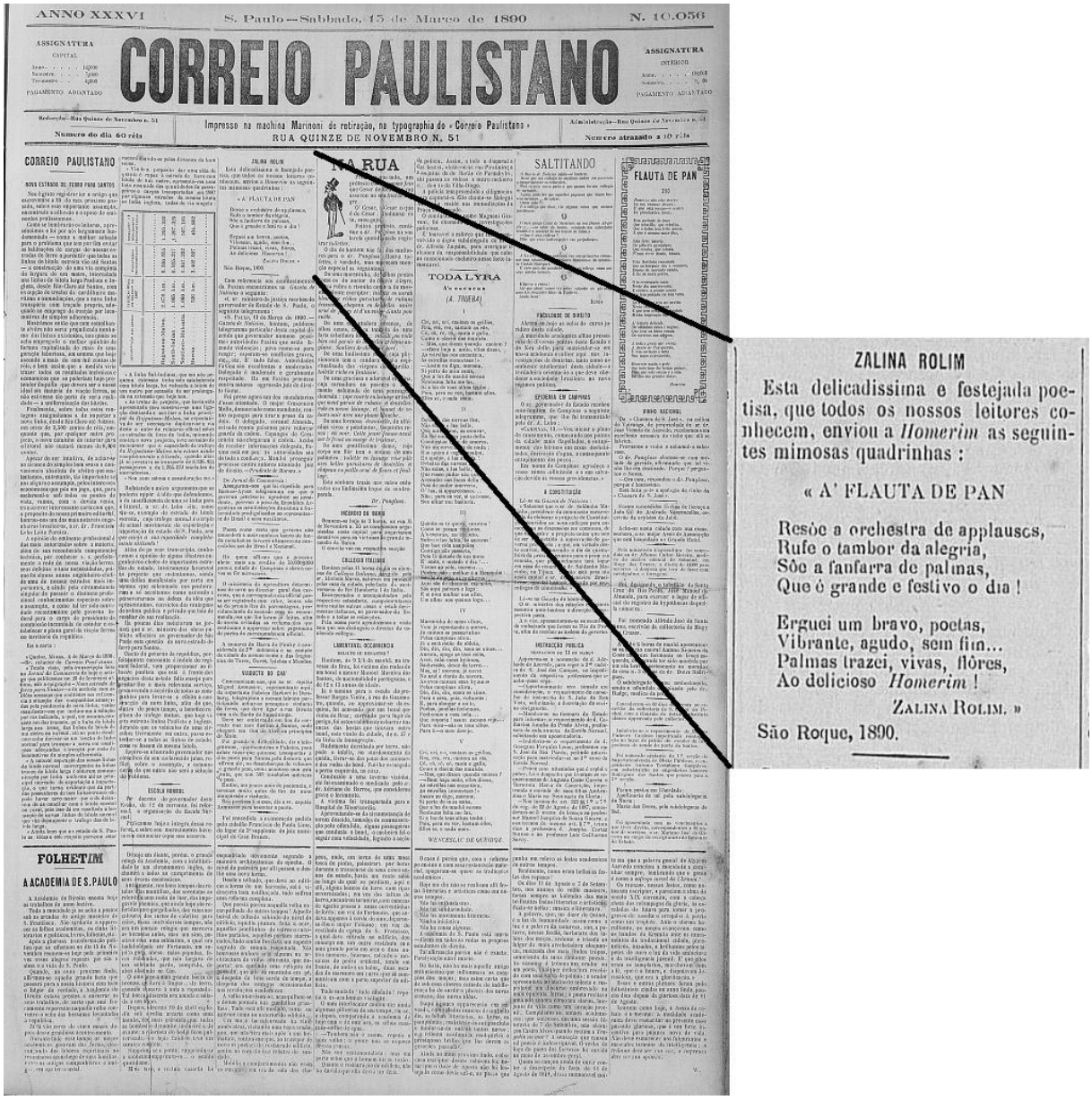
“olhos tristes” que “mergulharam” nos do eu poético no momento de sua partida. Junto à despedida, ela deixara um concelho assinalando o seu papel na formação moral do rebento: “Nunca te afastes do dever”. Logo depois, a voz do poema indica que seguiu contendo sua dor e indica que aquela separação talvez tenha sido para sempre, visto que nunca mais conseguiu ouvir o “riso de ternura” da mãe, que iluminava a sua existência.

As duas últimas estrofes, entretanto, traziam um olhar mais positivo para tal situação, com o eu lírico persistindo no trilhar de seu caminho e lembrando-se do semblante de sua mãe nos momentos em que se via “alquebrado e vacilante”, atormentado pelo sofrer e pela indecisão. No fim, faz de seu passado não um lugar de descontentamento, mas “santuário de luz” do qual a sua mãe lhe contempla. Levando em consideração o contexto de então, os versos de Rolim não deixavam de retratar as funções sociais atreladas a cada gênero naquele período, com a demarcação masculina de um filho independente a abandonar o lar e a imagem feminina da mãe a aceitar o seu crescimento e a sua autonomia, permanecendo em sua memória afetiva. A autora traçava uma representação resiliente da figura materna, além de demonstrar a importância da sua presença para o crescimento dos filhos, afinal ela seria a sua principal formadora dentro do seio familiar.

A próxima contribuição de Rolim para o *Correio Paulistano* se deu em 15 de março de 1890, novamente na primeira página, em uma interação com uma famosa seção daquele jornal. Tratava-se da “Flauta de Pan”, assinada por certo Homerim, na verdade um pseudônimo do já mencionado Wenceslau de Queiroz. Sempre presente na parte superior direita da primeira página, com o título acompanhado de um número que identificava a sua publicação, a coluna trazia poemas satíricos motivados por algum excerto de escritores famosos, por alguma notícia breve publicada na imprensa ou por algum relato do próprio autor contando alguma situação que presenciara.

O nome da série se relacionava a Pã, deus pagão dos bosques e dos campos, dos rebanhos e dos pastores, cuja representação antropomórfica trazia orelhas, chifres e pernas de bode. Tal divindade trazia sempre consigo uma flauta composta por sete tubos de ressonância, um para cada nota musical, que simbolizaria a harmonia universal. Homerim, seguindo a imagem de Pã, que alegrava a dança das ninfas, traria diversão aos leitores do *Correio* por meio da arte, relacionando a linguagem poética à melodia de uma flauta. Zalina Rolim redigiu dois quartetos em homenagem ao aniversário de duzentas edições da referida seção, com versos que também foram publicados na primeira página.

Figura 54 – Publicação do poema “À Flauta de Pan” no jornal *Correio Paulistano*, em 1890.



ANNO XXXVI — S. Paulo — Sabbado, 15 de Março de 1890 — N. 10.056

CORREIO PAULISTANO

Impresso na machina Marinoni de retiração, na typographia do «Correio Paulistano»
RUA QUINZE DE NOVEMBRO N. 51

CORREIO PAULISTANO

NA RUA

SALTITANDO

FLAUTA DE PAN

TODA LYRA

ZALINA ROLIM

Esta delicadissima e festejada poetisa, que todos os nossos leitores conhecem, enviou a *Homerim* as seguintes mimosas quadrinhas :

« A' FLAUTA DE PAN

Ressoe a orchestra de applausos,
Rufe o tambor da alegria,
Sôe a fanfarra de palmas,
Que é grande e festivo o dia !

Erguei um bravo, poetas,
Vibrante, agudo, sem fim...
Palmas trazei, vivas, flôres,
Ao delicioso *Homerim* !

ZALINA ROLIM. »

São Roque, 1890.

FOLHETIM

A ACADEMIA DE S. PAULO

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

O poema evidencia que, mesmo em colaboração com a imprensa, Rolim permanecia leitora de periódicos, acompanhando as seções inclusive dos veículos em que participava. A composição também confirmava que o jornal era um suporte vivo, que propiciava a comunicação tanto entre os próprios autores partícipes como entre estes e seus leitores. As "mimosas quadrinhas" dedicadas à "Flauta de Pan" traziam a indicação de terem sido compostas em São Roque, sendo enviadas para a redação na capital paulista.

À FLAUTA DE PAN

Ressoe a orquestra de aplausos,
Rufe o tambor da alegria,
Soe a fanfarra de palmas

> Que é grande e festivo o dia!
>
> Erguei um bravo, poetas,
> Vibrante, agudo, sem fim...
> Palmas trazei, vivas, flores,
> Ao delicioso *Homerim*!
> (*Correio Paulistano*, 26 fev. 1890)

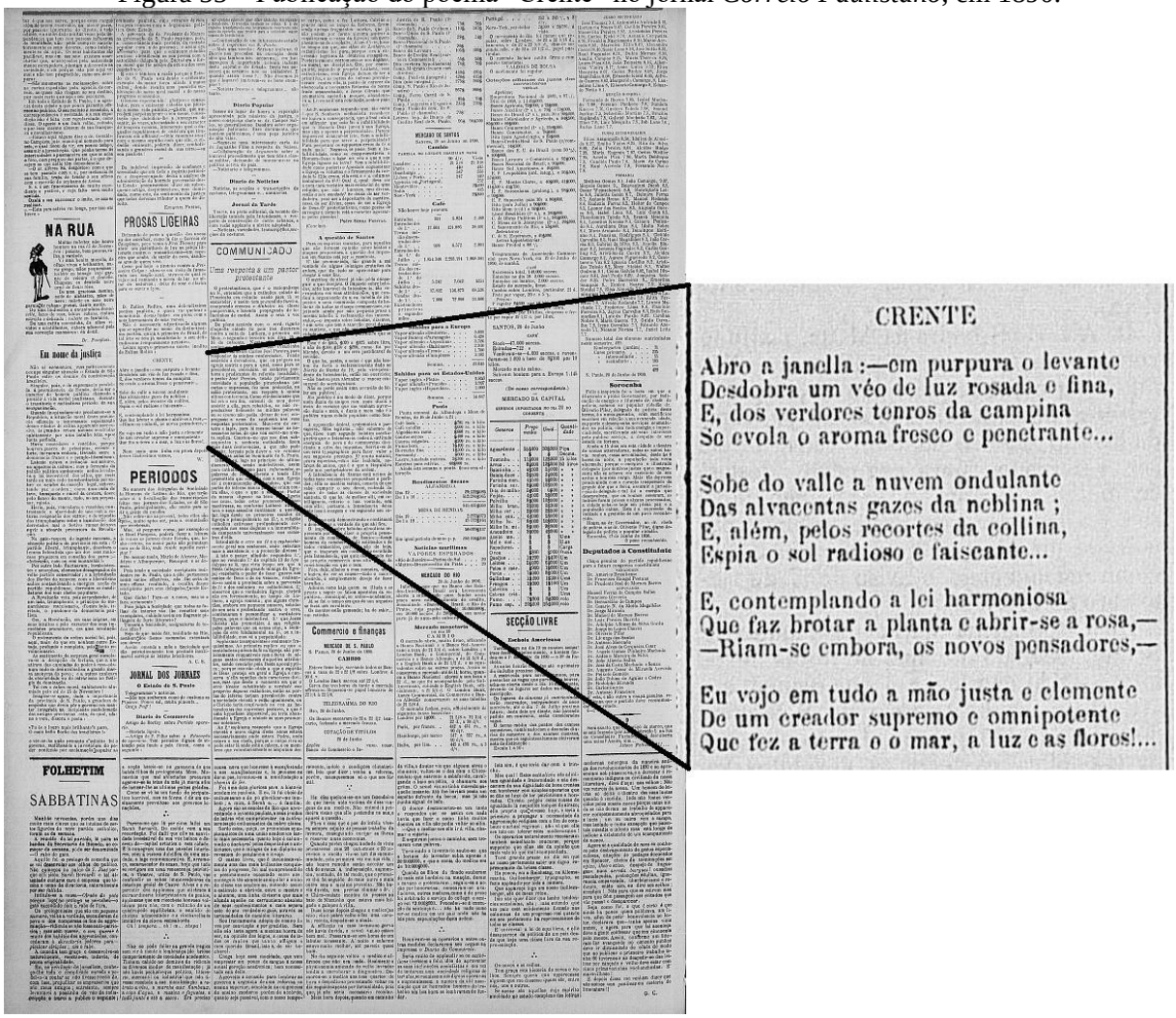
Os versos heptassílabos seguiam o esquema de rimas ABCB para festejar a figura de Homerim. É interessante perceber que a autora inicialmente utilizou algumas alegorias que aludiam à linguagem sonora e musical, bem como ao sentimento de felicidade, como "orquestra de aplausos", "tambor da alegria" e "fanfarra de palmas", traçando uma pertinente relação com o nome da coluna homenageada. Em seguida, convidava os colegas poetas a enaltecerem o desempenho do autor da "Flauta de Pan", por meio de palmas, vivas e flores, erguendo um bravo "Vibrante, agudo, sem fim...". É notável o entusiasmo da escritora pelo autor, chamado na composição de "delicioso", demonstrando que ela aparentemente devorava os seus versos publicados no *Correio*. Entretanto, não podemos esquecer que Queiroz fazia parte dos mesmos círculos da elite letrada que Rolim, com o respeito e a simpatia entre as duas figuras sendo um fator não apenas profissional, mas também social.

Zalina Rolim voltou a aparecer naquele jornal em 21 de junho de 1890, dessa vez com um soneto publicado dentro da seção "Prosas Ligeiras", na segunda página da folha, também de Wenceslau de Queiroz, que a assinava apenas com a inicial W. O soneto "Crente" foi apresentado com aprazimento e elogios ao talento da autora:

> D. Zalina Rolim, uma delicadíssima poetisa paulista, é quem vai quebrar a monotonia destas linhas em prosa com a nota harmoniosa de seus versos.
> Não é necessária adjetivação alguma que se apresilhe ao nome da distintíssima poetisa, quiçá a primeira do Brasil, de tal arte se tem já manifestado o seu delicadíssimo temperamento artístico (QUEIROZ, 1890, p. 2).

Com uso de superlativos, o autor tentava ressaltar aos seus leitores as qualidades da lírica de Rolim, chegando a mencioná-la como "a primeira do Brasil", deixando claro o seu favoritismo em relação às outras escritoras que tinham conquistado renome naquela época. Entretanto, era ressaltado o caráter delicado dos versos da autora em questão, evidenciando que ela poderia estar sendo ali apreciada por ainda conservar características esperadas à escrita feminina. O teor religioso do poema publicado assinalava essa impressão, visto que traçava a descrição de um nascer do dia e o relacionava ao ideal criacionista da fé cristã.

Figura 55 – Publicação do poema “Crente” no jornal *Correio Paulistano*, em 1890.



CRENTE

Abro a janella :—em purpura o levante
Desdobra um véo de luz rosada e fina,
E, dos verdores tenros da campina
Se evola o aroma fresco e penetrante...

Sobe do valle a nuvem ondulante
Das alvacentas gazes da neblina ;
E, além, pelos recortes da collina,
Espia o sol radioso e faiscante...

E, contemplando a lei harmoniosa
Que faz brotar a planta e abrir-se a rosa,—
—Riam-se embora, os novos pensadores,—

Eu vejo em tudo a mão justa e clemente
De um creador supremo e omnipotente
Que fez a terra e o mar, a luz e as flores!...

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

A composição iniciava com o eu lírico informando que a paisagem mostrada nos versos é vista a partir de uma janela aberta. Assim como em “Hora nostálgica”, havia uma reverência à beleza do ambiente campestre, com o horizonte onde o sol se levanta sendo comparado a um “véu de luz rosada e fina”:

CRENTE

Abro a janela: – em púrpura o levante
Desdobra em véu de luz rosada e fina,
E, dos verdores tenros da campina
Se evola o aroma fresco e penetrante...

Sobe do vale a nuvem ondulante
Das alvacentas gases de neblina;
E, além, pelos recortes da colina,
Espia o sol radioso e faiscante...

> E, contemplando a lei harmoniosa
> Que faz brotar a planta e abrir-se a rosa, –
> – Riam-se embora, os novos pensadores, -
>
> Eu vejo em tudo a mão justa e clemente
> De um arreador supremo e onipresente
> Que fez a terra e o mar, a luz e as flores!...
> (*Correio Paulistano*, 21 jun. 1890).

A verde planície exalava um aroma "fresco e penetrante" enquanto o astro solar espia por detrás da colina a branca nuvem a subir no céu. Ao mesmo tempo em que a voz poética contemplava tal cenário, ela também vê em sua harmonia natural a "mão justa e clemente" de uma entidade criadora, o deus cristão descrito como "supremo e onipresente". Contrariando os "novos pensadores", que ririam de tal concepção bíblica, a autora demonstrava acreditar e seguir os preceitos da doutrina religiosa, também demonstrando uma postura conservadora e tradicionalista que correspondia ao esperado à sua formação moral de mulher da elite.

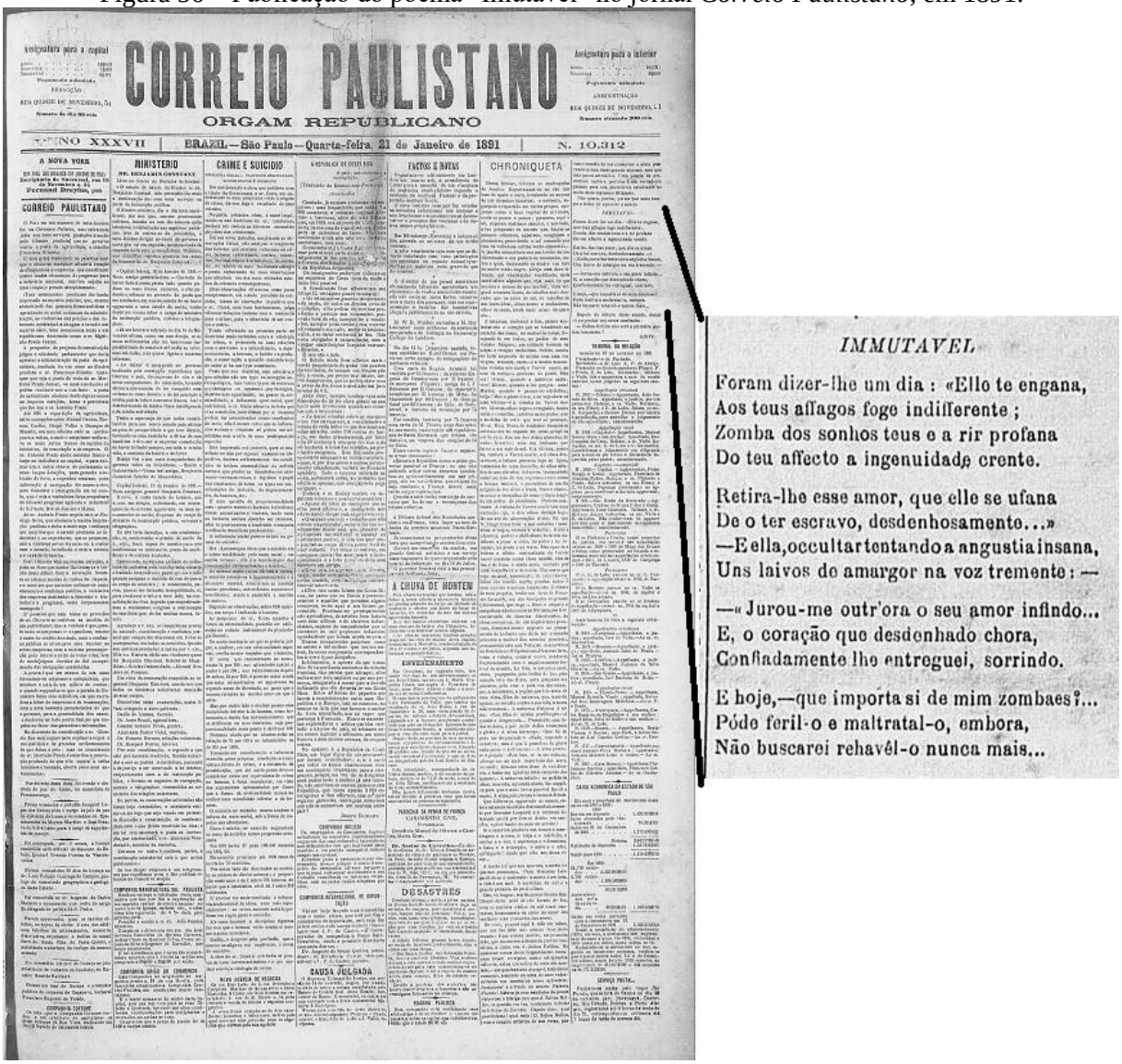
Em 21 de janeiro de 1891, outro soneto de Rolim figurou na coluna "Croniqueta", também de Wenceslau de Queiroz, que a assinava com o pseudônimo Griff, como mencionado em nosso capítulo anterior. Na ocasião, a composição "Imutável" foi apresentada em um escrito que discutia sobre a vida e a morte, com o autor ressaltando que a lírica de Zalina fazia-lhe retomar a positividade ante a existência:

> *Imutável* é o título do soneto. Palavra d'honra! Estava já com saudades da poesia dulçorosa e fidalga com que d. Zalina Rolim, de quando em vez, costumava brindar os leitores do *Correio*. Depois disto, qual pessimismo! Qual nada! D. Zalina Rolim, com o consolo artístico de seu verso, possui o condão de nos conservar a alma pairando acima deste grande abismo, sem que este possa atraí-la. Uma poesia da primorosa cantora paulista é um verdadeiro prêmio para nós, plumitivos entediados no meio deste marasmo literário (QUEIROZ, 1891b, p. 1).

A crônica, agora publicada na primeira página do jornal, evidenciava a longa pausa dada por Rolim à sua colaboração no *Correio Paulistano*, apontando que seu poema inédito seria "um verdadeiro prêmio" para os leitores em meio a um "marasmo literário", com os versos da autora servindo de poderoso consolo artístico que conservava a alma acima daquele abismo. Tal intervalo na colaboração não teve o motivo evidenciado pelo articulista, mas provavelmente estava relacionado à transferência da família Rolim para a cidade de Itu, ocasionando maior dedicação da autora ao estabelecimento da nova residência. Ao final da coluna, Wenceslau de Queiroz voltava a assinalar o entusiasmo e a preferência em relação à escritora, como o fez em

“Prosas Ligeiras”: “Depois da leitura deste soneto, desejo só perguntar aos meus confrades: – Zalina Rolim não será a primeira poetisa brasileira?” (QUEIROZ, 1891b, p. 1).

Figura 56 – Publicação do poema “Imutável” no jornal *Correio Paulistano*, em 1891.



CORREIO PAULISTANO

ORGAM REPUBLICANO

ANNO XXXVII | BRAZIL—São Paulo—Quarta-feira, 21 de Janeiro de 1891 | N. 10,312

IMMUTAVEL

Foram dizer-lhe um dia : «Elle te engana,
Aos teus affagos foge indifferente ;
Zomba dos sonhos teus e a rir profana
Do teu affecto a ingenuidade crente.

Retira-lhe esse amor, que elle se ufana
De o ter escravo, desdenhosamente...»
—E ella, occultar tentando a angustia insana,
Uns laivos de amargor na voz tremente : —

—« Jurou-me outr'ora o seu amor infindo...
E, o coração que desdenhado chora,
Confiadamente lhe entreguei, sorrindo.

E hoje,—que importa si de mim zombaes?...
Póde feril-o e maltratal-o, embora,
Não buscarei rehavêl-o nunca mais...

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

O soneto em questão tratava sobre a desilusão amorosa de uma figura feminina (com gênero delimitado pelo pronome pessoal “ela”) que era alertada sobre o desdém oferecido aos seus sentimentos.

IMUTÁVEL

Foram dizer-lhe um dia: “Ele te engana,
Aos teus afagos foge indiferente;
Zomba dos sonhos teus e a rir profana
Do teu afeto a ingenuidade crente.

> Retira-lhe esse amor, que ele se ufana
> De o ter escravo, desdenhosamente...”
> – E ela, ocultar tentando a angústia insana,
> Uns laivos de amargor na voz tremente: -
>
> – “Jurou-me outrora o seu amor inflado...
> E, o coração que desdenhado chora,
> Confiadamente lhe entreguei, sorrindo.
>
> E hoje, – que importa se de mim zombais?...
> Pode feri-lo e maltrata-lo, embora,
> Não buscarei reavê-lo nunca mais...
> (*Correio Paulistano*, 21 jan. 1891).

Ao final da composição, havendo a demarcação de um tempo presente, a voz poética feminina demonstra manter-se imutável como apontado no título, sem querer modificar aquela situação e resgatar aquele órgão já tão maltratado e ferido. A escolha em não se importar com o que dele a figura masculina faz demonstra ao mesmo tempo a passividade da mulher no que diz respeito às ações do homem e a desconstrução no tocante ao amor romântico.

Trata-se de um poema com abordagem mais madura no que se refere aos relacionamentos amorosos, não idealizando a experiência dos casais ao tratar de uma afabilidade não correspondida. Todavia, a composição em questão reforçava a representação da mulher resiliente e que se mantinha à mercê do homem que amava, acatando as suas vontades enquanto omitia os próprios sentimentos. Tal representação também envolvia a pureza espiritual da figura feminina, que se mantém fiel aos seus princípios morais. O interessante é que o conteúdo pessimista dos versos em muito contrasta com os comentários traçados por Wenceslau de Queiroz em sua crônica, que indicavam a lírica de Zalina Rolim como recurso para o otimismo e a esperança. O referido autor aparentemente preferia se atentar ao teor cauteloso e de boa moral do trabalho da escritora.

Rolim permaneceu por mais alguns meses sem enviar contribuições ao jornal, provavelmente por ainda estar em processo de adaptação em Itu, voltando a publicar um novo poema apenas na edição de 4 de outubro de 1891, outra vez em anexo a um escrito de Griff, agora na seção “Crônica de Domingo”, na segunda página. A referida coluna tentava resumir os principais acontecimentos da semana, comentando sobre o que foi notícia em cada dia. O soneto da autora fora mencionado na parte dedicada à quinta feira, quando o autor recebeu tais versos com muito agrado:

> Ainda bem que Zalina Rolim não se esqueceu do cronista, que a admira e estima, como gentilíssima camarada que é nos jogos florais da poesia.

> Francamente, esse mimoso presente de Zalina Rolim alvoroçou-me o espírito e o coração a um tempo, e a mesma coisa produzira sobre a pessoa do leitor, estou certo, porque no meio desta prosa massuda e cheia de suicídios vem ele pôr uma nota ridente de alegria (QUEIROZ, 1891a, p. 2).

A composição citada, enviada pela escritora, chegou ao cronista na mesma semana em que se deu a informação do suicídio de um homem de nome Christiano Guilherme. O possível motivo para tal fim, uma "paixão recolhida", fez Griff novamente discorrer sobre a morte, dessa vez também mencionando o espaço dos óbitos nos noticiários de então. Nesse contexto, o poema de Zalina à primeira vista se apresentava como um feliz contraponto à seriedade dos fatos semanais mencionados naquela seção, sendo motor de bons sentimentos em seus leitores. Além disso, o autor mais uma vez expunha a sua predileção pela escritora em questão, enfatizando as suas qualidades formais e afirmando que ela cultivava "o verso com verdadeiro carinho de artista" (QUEIROZ, 1891a, p. 2).

Como mencionado em nosso capítulo anterior, nessa crônica, em tom mais crítico, Wenceslau de Queiroz, apesar de muito elogiar o trabalho de Rolim, comparou-a a outras escritoras que, a seu ver, negligenciavam o primor da escrita, chegando a nomear outras que, assim como Zalina, também seriam dignas de apreço: "Cumpre observar em tempo que entre essas bárbaras não figuram nomes como os de Julia Lopes de Almeida, Narcisa Amália, Adelina Lopes Vieira e Corina Coarsey" (QUEIROZ, 1891a, p. 2). Ressaltando o caráter paternalista de suas linhas, o mesmo autor não deixou de usar termos relacionados idealmente ao feminino para referir-se a Zalina Rolim, inclusive indicando que o soneto que ali editara seria "delicado tanto na forma como na ideia" (QUEIROZ, 1891a, p. 2). Tais atitudes ressaltam o tratamento diferenciado oferecido às mulheres de letras, como referenciado anteriormente em nosso segundo capítulo.

O poema "Saudade" descrevia e personificava este sentimento sobretudo por meio de adjetivações, relacionando-o ao sofrimento do eu lírico:

> SAUDADE
>
> Amargurante, dolorida, intensa;
> Ao meu olhar velando a etérea alvura
> Das alegrias santas, se condensa
> E avassalar minha alma, audaz procura;
>
> Lenta caminha, nebulosa e densa
> No seio meu, intrépida e segura,
> E o abatimento da letal doença
> Faz-me abençoar o mal que me tortura.

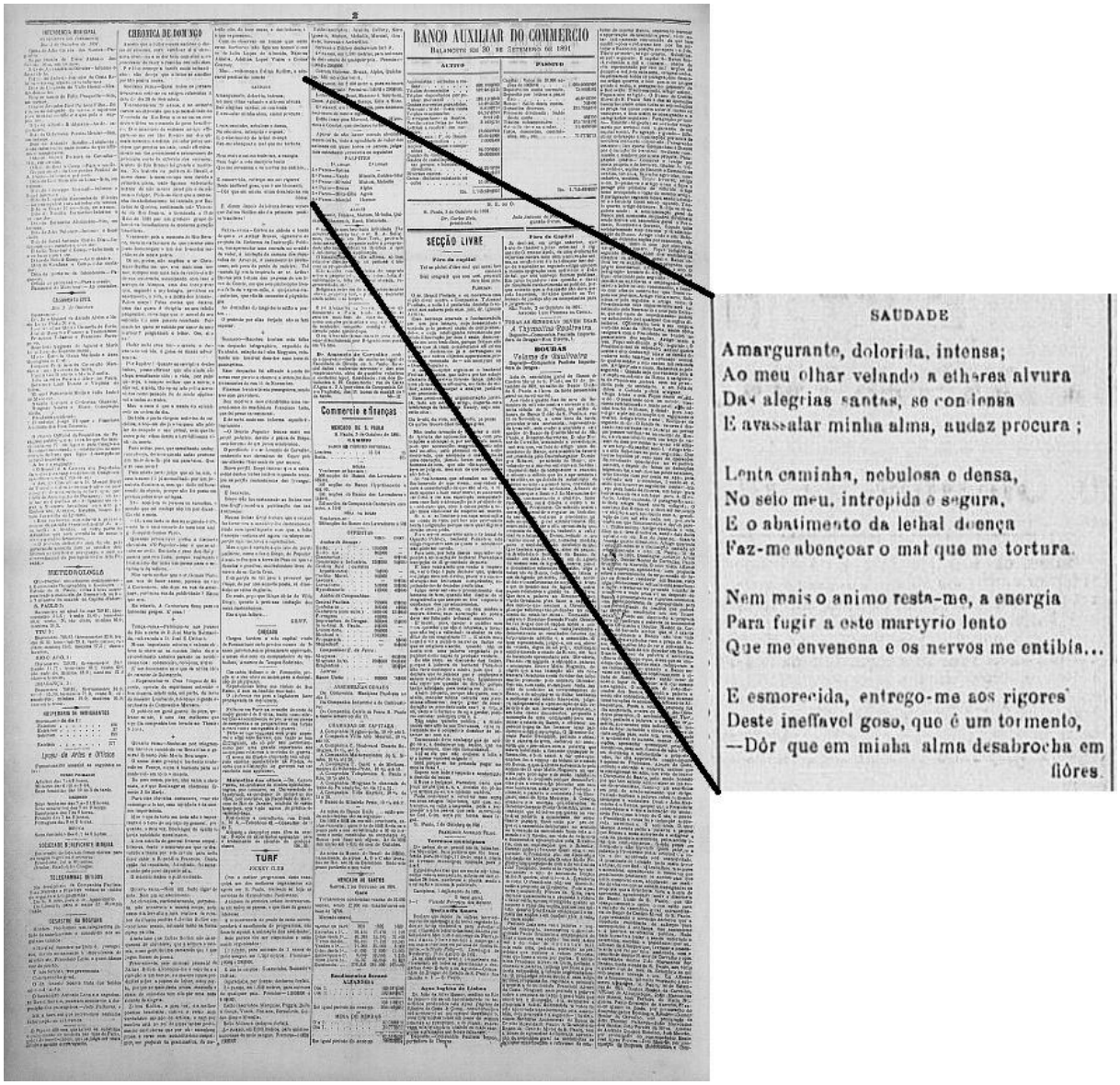
Nem mais o ânimo resta-me, a energia
Para fugir a este martírio lento
Que me envenena e os nervos me entibia...

E esmorecida, entrego-me aos rigores
Deste inefável gozo, que é um tormento,
– Dor que em minha alma desabrocha em flores.
(*Correio Paulistano*, 4 out. 1891).

Nos versos, a saudade é uma entidade personificada que caminha lentamente dentro do peito do eu lírico, de gênero feminino demarcado, encobrindo as alegrias antes sentidas. Como uma névoa densa, ela era sentida com intensa dor e angústia. Na segunda estrofe, é registrada a presença de uma "letal doença", talvez o sentimento de amor ou de paixão, que provocava esmorecimento e parecia reforçar aquele mal, trazendo desânimo e falta de forças para combater o martírio sofrido. Entretanto, o tormento provocado pela recordação também é prazer para qual a voz poética se entrega ao final da composição, permitindo com que a dor floresça em sua alma.

A saudade aqui é referenciada como algo eterno, que não poderia ser combatido. Ainda que provocasse amargura e suplício, esse sentimento também poderia trazer algum tipo de satisfação por se relacionar a algo bom do passado que permanecia vivo na memória. A representação romântica da saudade oferecida pelo poema ressaltava a virtude moral da autora, que imprimia nos versos o ideal de resiliência esperado às mulheres de então.

Figura 57 – Publicação do poema "Saudade" no jornal *Correio Paulistano*, em 1891.



SAUDADE

Amarguranto, dolorida, intensa;
Ao meu olhar velando a etherea alvura
Das alegrias santas, se condensa
E avassalar minha alma, audaz procura;

Lenta caminha, nebulosa e densa,
No seio meu, intrepida e segura,
E o abatimento da lethal doença
Faz-me abençoar o mal que me tortura.

Nem mais o animo resta-me, a energia
Para fugir a este martyrio lento
Que me envenena e os nervos me entibia...

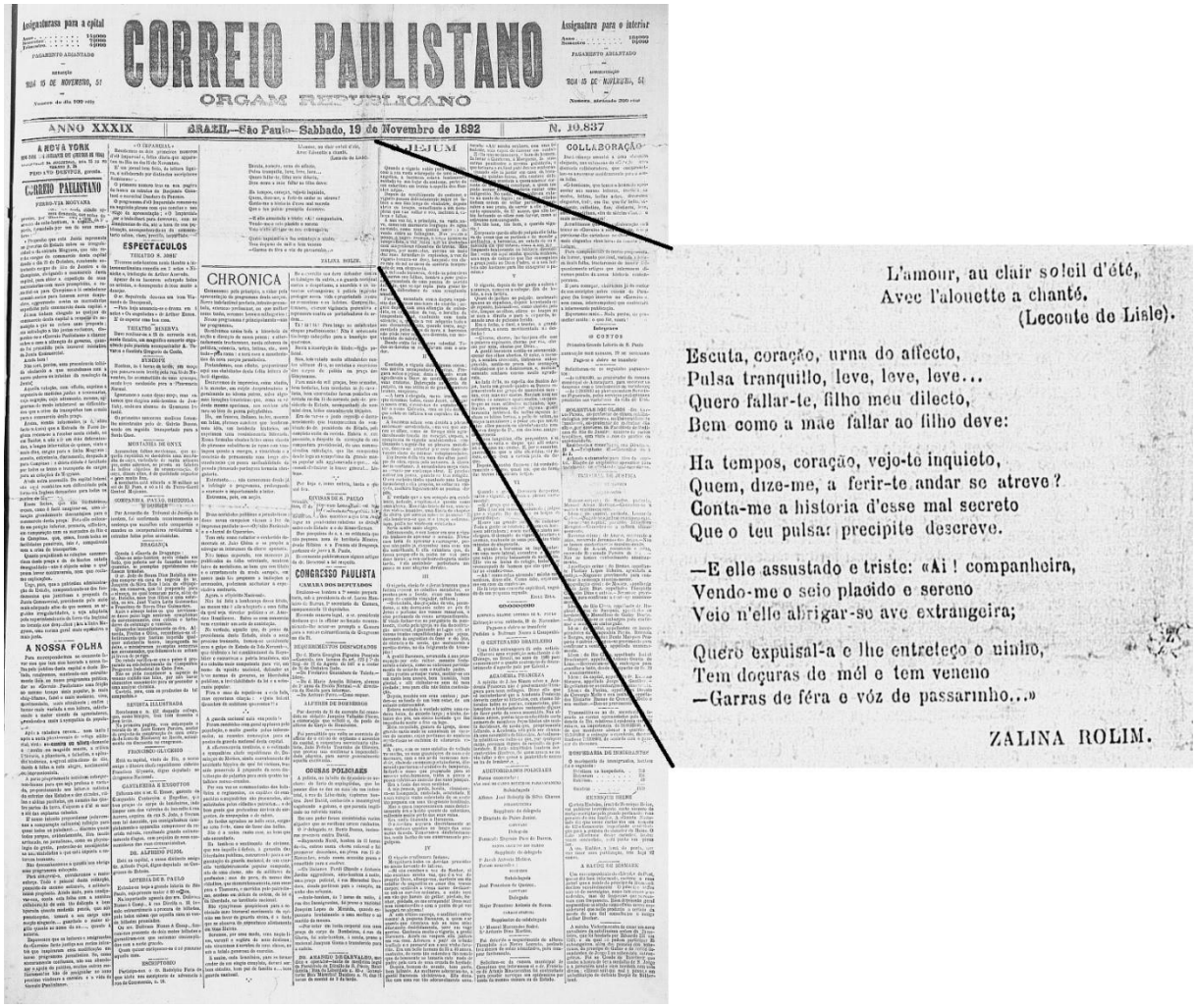
E esmorecida, entrego-me aos rigores
Deste ineffavel goso, que é um tormento,
--Dôr que em minha alma desabrocha em flôres.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Após tal publicação, Zalina Rolim só retornou ao *Correio Paulistano* em 18 de novembro de 1892. Tendo passado mais de um ano sem enviar nenhum escrito ao jornal, por motivo não esclarecido em nenhuma fonte, mas provavelmente ligado a lides domésticas da sua condição de mulher, a autora tomou mais uma vez espaço de destaque na primeira página com um soneto sem título[45].

Figura 58 – Publicação de poema sem título no jornal *Correio Paulistano*, em 1892.

[45] O referido poema, quando publicado no livro *O coração* (1893), recebeu como título o início do seu primeiro verso, “Escuta, coração”.



CORREIO PAULISTANO

ORGAM [illegible]

ANNO XXXIX — BRAZIL.—São Paulo—Sabbado, 19 de Novembro de 1892 — N. 10.837

L'amour, au clair soleil d'été,
Avec l'alouette a chanté.
(Lecomte de Lisle).

Escuta, coração, urna do affecto,
Pulsa tranquillo, leve, leve, leve...
Quero fallar-te, filho meu dilecto,
Bem como a mãe fallar ao filho deve:

Ha tempos, coração, vejo-te inquieto,
Quem, dize-me, a ferir-te andar se atreve?
Conta-me a historia d'esse mal secreto
Que o teu pulsar precipite descreve.

—E elle assustado e triste: «Ai! companheira,
Vendo-me o seio placido e sereno
Veio n'elle abrigar-se ave extrangeira;

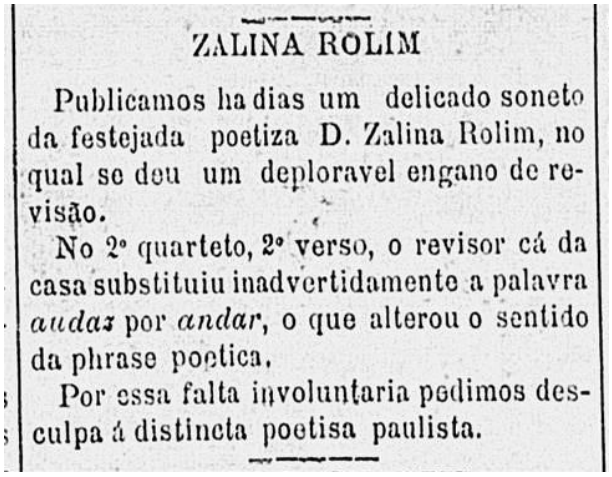
Quero expulsal-a e lhe entreteço o ninho,
Tem doçuras de mél e tem veneno
—Garras de féra e vóz de passarinho...»

ZALINA ROLIM.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

O escrito apresentava como epígrafe um excerto do poema “La fille aux cheveux de lin” (“A garrota com cabelos de linho”, em tradução livre), presente na coletânea *Poèmes antiques* (1852), do escritor francês Charles-Marie René Leconte de Lisle (1818-1894). Os versos em questão, “L’amour, au chair soleil d’été, / Avec l’alouette a chanté” (“O amor, sob a luz do sol de verão, / Com a cotovia cantou”, em tradução livre) traçavam uma relação entre o amor e um pássaro (no caso, uma cotovia, ave conhecida pelo canto característico), evocando elementos caros à poética de Rolim. Antes de comentarmos o soneto, é válido ressaltar que, alguns números depois de sua publicação, em 23 de novembro de 1892, o *Correio Paulistano* lançou uma errata corrigindo um dos seus versos:

Figura 59 – Publicação de errata ao poema sem título no jornal *Correio Paulistano*, em 1892.



ZALINA ROLIM

Publicamos ha dias um delicado soneto da festejada poetiza D. Zalina Rolim, no qual se deu um deploravel engano de revisão.

No 2º quarteto, 2º verso, o revisor cá da casa substituiu inadvertidamente a palavra *audaz* por *andar*, o que alterou o sentido da phrase poetica.

Por essa falta involuntaria pedimos desculpa á distincta poetisa paulista.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

A folha havia trocado a palavra "audaz" por "andar" no segundo verso da segunda estrofe do poema, comprometendo o seu sentido. Os problemas de revisão eram bastante comuns à imprensa periódica, ainda mais em órgãos diários, muito devido à pressa na elaboração de suas edições. A falta involuntária pode ter sido notada pela própria escritora, por leitores ou editores do jornal, sendo posteriormente reparada e veiculando um pedido de desculpas. A transcrição apresentada a seguir corrige o equívoco para melhor precisão de estudo.

L'amour, au chair soleil d'été,
Avec l'alouette a chanté.
(Leconte de Lisle)

Escuta, coração, urna do afeto
Pulsa tranquilo, leve, leve, leve...
Quero falar-te, filho meu dileto,
Bem como a mãe falar ao filho deve:

Há tempos, coração, vejo-te inquieto,
Quem, dizem-me, a ferir-te audaz se atreve?
Conta-me a história desse mal secreto
Que o teu pulsar precipite descreve.

– E ele assustado e triste: "Ai! Companheira,
Vendo-me o seio plácido e sereno
Veio nele abrigar-se ave estrangeira;

Quero expulsá-la e lhe entreteço o ninho,
Tem doçuras de mel e tem veneno
– Garras de fera e voz de passarinho..."
(*Correio Paulistano*, 18 nov. 1892).

O ser intruso que veio acomodar-se no seio do eu poético era retratado como doce e ao mesmo tempo venenoso. Levando em consideração a epígrafe, infere-se que tal figura seria o sentimento de amor ou o próprio ser amado, com a escritora indicando de maneira metafórica os embates internos de uma mulher que acabara de se apaixonar. A voz poética feminina, com o espaço do coração sendo invadido por perturbações, revelava a falta de experiência no tocante aos relacionamentos, com as emoções ainda em conflito. Tratava-se de uma representação idealizada da mulher ligada à pureza e à castidade, precisando aprender sobre as questões amorosas.

O coração voltava a ser elemento principal da próxima colaboração de Zalina Rolim para o *Correio*, inclusive dando-a título. Publicada em 27 de novembro de 1892, a composição em questão, apresentada na primeira página, trazia vinte e quatro versos dodecassílabos organizados em um único bloco, sem divisão em estrofes, mas seguindo um esquema de rimas AA a cada dois versos. O seu conteúdo propõe uma interessante relação com o poema anterior, acompanhando a descrição do mencionado órgão feita por um eu lírico feminino.

Figura 60 – Publicação do poema “Coração” no jornal *Correio Paulistano*, em 1892.



CORREIO PAULISTANO

ORGAM REPUBLICANO

ANNO XXXIX — SÃO PAULO — Domingo, 27 de Novembro de 1892 — N. 10.844

CORAÇÃO

Eil-o: é pagina clara, ingenua, fina e branca,
—Téla fresca e macia, a qualquer tinta franca.
Ninguem tocou-lhe ainda, e a virginal candura
Guarda intacta e fiél, conserva ilesa e pura;
Aza leve, subtil, de extranho passarinho
Jámais roçou-lhe o branco e velludoso arminho...
E' tão fragil ao toque, ao fingir tão avesso
Que eu receio por elle e assustada estremeço
Se a multidão profana acerca-se da terra
Onde elle vive e sonha e os sonhos seus encerra...
Se ao confiar-t'o agora em lagrymas o inundo
E' que eu temo por elle os attrictos do mundo...
Tão ingenuo e leal, ai! que delle seria
Nesta incognita e longa e tristissima via?!
Guarda-o sempre amoroso, encerrado comtigo,
Sê-lhe mãe carinhosa e solicito amigo;
Nelle escreve o teu nome e tudo mais que um dia
Deva esperar de ti:—tristezas?—alegria?
Para que assim, tranquillo, obediente e certo,
Possas sentil-o e vêl-o eternamente aberto;
E nas horas de riso e nas horas de pranto,
—Reflector ideal, espelho ethereo e santo!—
Conchegando-te ancioso ao ternissimo ninho,
Nelle sintas de novo o materno carinho.

ZALINA ROLIM.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

A voz poética tratava o coração como recipiente de inocência, evocando a imagem de uma página em branco ou de uma tela não pintada para referir-se ao órgão ainda intacto de sentimentos mais intensos. A sua "virginal candura" mantinha-se preservada, sem contato de nenhum "estranho passarinho", em clara referência à metáfora usada na composição anterior. O eu lírico ainda inferia que conservava o receio de que alguém encerrasse os sonhos que ele tinha ao profanar o seu espaço, visto que seria "frágil ao toque" e "ao fingir tão avesso":

CORAÇÃO

Ei-lo: é página clara, ingênua, fina e branca,
– Tela fresca e macia, a qualquer tinta franca,
Ninguém tocou-lhe ainda, e a virginal candura
Guarda intacta e fiel, conserva ilesa e pura;
Asa leve, sutil, de estranho passarinho
Jamais roçou-lhe o branco e veludoso arminho...
É tão frágil ao toque, ao fingir tão avesso
Que eu receio por ele e assustada estremeço
Se a multidão profana acerca-se da terra
Onde ele vive e sonha e os sonhos seus encerra...
Se ao confiar-t'o agora em lágrimas o inundo
É que eu temo por ele os atritos do mundo...
Tão ingênuo e leal, ai! que dele seria
Nesta incógnita e longa e tristíssima via?!
Guarda-o sempre amoroso, encerrado contigo
Sê-lhe mãe carinhosa e solícito amigo;
Nele escreve o teu nome e tudo mais que um dia
Deva esperar de ti: – tristezas? – alegria?
Para que assim, tranquilo, obediente e certo,
Possas senti-lo e vê-lo eternamente aberto;
E nas horas de riso e nas horas de pranto,
– Refletor ideal, espelho etéreo e santo! –
Conchegando-te ansioso ao terníssimo ninho
Nele sintas de novo o materno carinho.
(*Correio Paulistano*, 27 nov. 1892).

A figura feminina temeria os atritos que o mundo poderia oferecer ao leal coração, utilizando o modo imperativo da linguagem para solicitar que o seu interlocutor (talvez o próprio leitor do poema) mantivesse-o sempre próximo e protegido, guardando-o com o carinho de uma mãe e o zelo de um amigo. Ela também aconselhava que ele escrevesse o seu nome no órgão, bem como os sentimentos que este poderia esperar de seu futuro, sustentando a sua tranquilidade, a sua obediência, a sua abertura e a sua transparência "nas horas de riso e nas horas de pranto", como um "espelho etéreo e santo".

Por fim, a voz poética indicava que, quando ansioso, o interlocutor poderia se aconchegar no próprio coração, como em um ninho seguro onde voltaria a sentir o "materno carinho". A autora outras vez se utilizava da personificação do coração para tratar do íntimo feminino, resgatando a ingenuidade idealizada às jovens inexperientes que estariam se iniciando no amor, além de remeter aos pássaros e à maternidade, elementos como vimos recorrentes em sua produção poética. A composição em questão acabou integrando o livro *O coração* (1893) renomeada de "Um coração".

A colaboração de Rolim retornou ao *Correio Paulistano* em 25 de dezembro de 1892, com a publicação do poema "O caminho do céu" e da prosa de ficção "Conto do natal". Novamente assinalando a sua importância para a redação, a autora aparecia com dois escritos num mesmo número do jornal, ambos na primeira página. O conteúdo cristão do conto e da composição refletia a data especial de sua edição, o dia de natal. Ademais, os escritos também colocavam em evidência a figura da criança, relacionando o feriado de teor sagrado à sua pureza de espírito. Tal associação é ressaltada em uma nota intitulada "Natal das crianças", presente na mesma página da edição em questão e assinada por certo Dr. M. C.:

> Crianças, a festa de hoje é vossa, porque sois os prediletos daquele, cujo nascimento a família cristã e sua igreja celebram e comemoram anualmente, reproduzindo no tradicional presépio a sublime, encanadora e poética cena de Belém.
> Vinde ver o filho da Virgem e trazer-lhe em vossos límpidos olhares e em vossos gestos de inocente curiosidade com a expressão de vosso amor e reflexo da candura de vossa alma.
> Abri-lhe vosso coração e lembrei-lhe com as vossas as alegrias dos anjos celestes. Aproximai-vos daquele que vos chama e vos acolhe em seu seio carinhoso, e pedi-lhe que vele sobre vosso destino na vida terrena, e ELE que é onipotência, a bondade e a justiça atenderá às vossas súplicas (*Correio Paulistano*, 25 dez. 1892).

O autor apontava que os pequenos seriam os prediletos de Jesus Cristo, para quem, naquela comemoração anual, deveriam entregar inocência e candura, bem como pedir que zelasse por sua existência terrena. Zalina Rolim, como veremos, assimilou tais preceitos religiosos nos dois escritos citados. No trabalho em prosa[46], a escritora apresentava uma narrativa ficcional que envolvia o contato de uma avó com três netos órfãos na noite de natal, descrita com um céu sem luar, apenas com a claridade branda das estrelas. As crianças reuniam-se ao redor da velhinha e pediam-lhe que contasse certa história aparentemente já conhecida

[46] A transcrição integral do referido conto encontra-se em anexo.

por elas: “A história, vovó, a história!...” (*Correio Paulistano*, 25 dez. 1892). Em seguida, os três personagens tinham suas personalidades demarcadas:

> O menino, mais crescido já e menos crédulo talvez, numa gravidade silenciosa, a mais velha das meninas – a Luiza, palpitante e risonha, toda envolvida nas rendas do vestidinho de cassa, alvo como um jasmim; e, entre os joelhos da avó, a mais nova das três, vestida de luto ainda pela mãe que perdera (*Correio Paulistano*, 25 dez. 1892).

Enquanto o menino era descrito apenas em relação ao seu temperamento sério, as meninas também tinham a vestimenta detalhada, indicando detalhes relacionados à candura ou à moral feminina: vestidos rendados e de tecido nobre, um alvo como uma flor e outro preto em respeito à tradição do luto. Apenas a irmã do meio era nomeada, enquanto a mais nova tinha detalhado um aspecto físico, os “cabelos louros” que a avó acariciava antes de começar a contar sobre uma fada que logo apareceria: “É a meia noite que ela vem, a boa fada, toda vestida de branco, envolta num longo véu e coroada de rosas...” (*Correio Paulistano*, 25 dez. 1892). Indagada pela menina Luiza sobre o porquê de tal entidade mágica apenas aparecer à noite, a anciã respondia:

> – É a hora que nasceu Jesus, filha, e a doce mensageira do céu vem trazer-vos a boa nova com as suas festas e alegrias. Dizem que a via láctea é o seu caminho, a sua misteriosa estrada; não sei... ninguém pode vê-la, ninguém pode olhar para ela, tal é o clarão que a circunda (*Correio Paulistano*, 25 dez. 1892).

Rolim relacionava o ser mitológico advindo da tradição céltica e germânica à fé cristã, colocando-o como mensageiro do céu que comunicava o nascimento de Cristo. A fada constitui um elemento característico de narrativas folclóricas posteriormente atreladas ao universo infantil, fazendo entender que seu uso no conto poderia estar ligado à atração de pequenos leitores. Aquela criatura mágica, ainda de acordo com a descrição da personagem idosa, atravessaria a via láctea para chegar à terra, mas ninguém poderia enxergá-la tamanha era a luminosidade que emitia.

A velhinha se lembrava de que, quando era mais nova, a sua mãe apontava que a fada seguia acompanhada por um cortejo de estrelas, além de possuir asas brancas e passos leves, semelhantes aos de uma mãe que vela o sono de um filho. Ela nunca falaria, apenas sorriria enquanto observava as crianças a dormir, abençoando-as com um beijo.

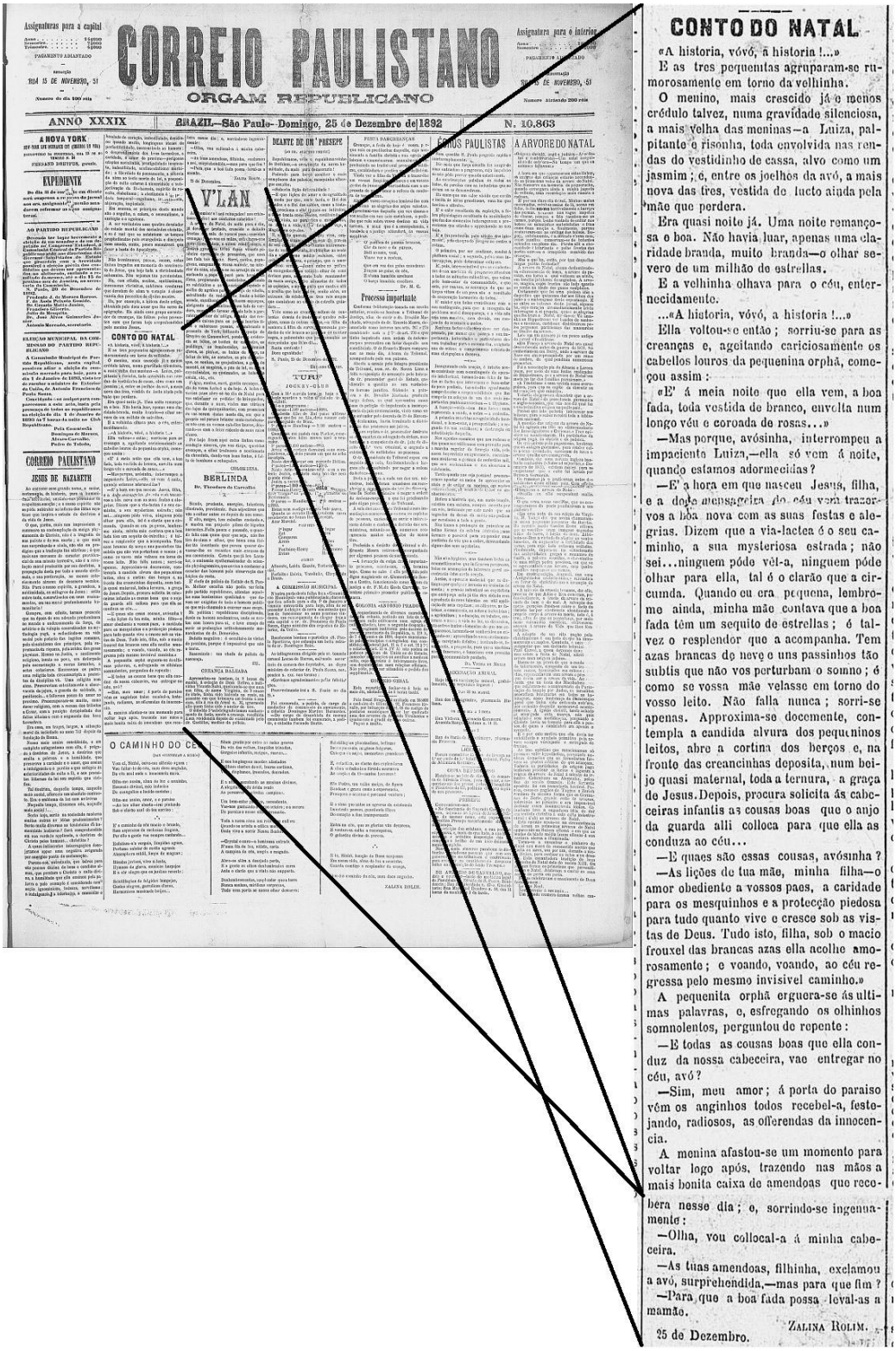
> Aproxima-se docemente, contempla a cândida alvura dos pequeninos leitos, abre a cortina dos berços e, na frente das criancinhas deposita, num beijo quase maternal, toda a ternura, a graça de Jesus. Depois, procura solícita às cabeças infantis as coisas boas que o anjo da guarda ali coloca para que ela as conduza ao céu... (*Correio Paulistano*, 25 dez. 1892).

A entidade também procuraria levar consigo as informações acerca das virtudes firmadas nas crianças por um "anjo da guarda". Questionada sobre quais seriam tais "coisas boas", a avó respondia:

> – As lições de tua mãe, minha filha – o amor obediente a vossos pais, a caridade para os mesquinhos e a proteção piedosa para tudo quanto vive e cresce sob as vistas de Deus. Tudo isso, filha, sob o macio frouxel das brancas asas ela acolhe amorosamente; e voando, voando, ao céu regressa pelo mesmo invisível caminho... (*Correio Paulistano*, 25 dez. 1892).

Tal trecho assinala preceitos morais a serem passados às crianças, que deveriam manter-se obedientes aos mais velhos, praticarem caridade e respeitarem a natureza. Tem-se a ideia de que, praticando tais ações, os infantes estariam de acordo com o esperado para adentrar no céu, com a fada servindo de porta-voz de sua existência honrada e correta. Mesmo com a descrição da entidade mágica se conectando a uma imagem angélica, o verdadeiro anjo da guarda mencionado no poema seria a própria mãe, responsável pelo ensino dos primeiros e essenciais valores aos rebentos.

Figura 61 – Publicação do conto "Conto do natal" no jornal *Correio Paulistano*, em 1892.



CORREIO PAULISTANO

ORGAM REPUBLICANO

ANNO XXXIX — BRAZIL—São Paulo—Domingo, 25 de Dezembro de 1892 — N. 10.863

CONTO DO NATAL

«A historia, vóvó, a historia !...»

E as tres pequenitas agruparam-se rumorosamente em torno da velhinha.

O menino, mais crescido já e menos crédulo talvez, numa gravidade silenciosa, a mais velha das meninas—a Luiza, palpitante e risonha, toda envolvida nas rendas do vestidinho de cassa, alvo como um jasmim; é, entre os joelhos da avó, a mais nova das tres, vestida de lucto ainda pela mãe que perdera.

Era quasi noite já. Uma noite remançosa e boa. Não havia luar, apenas uma claridade branda, muito branda—o olhar severo de um milhão de estrellas.

E a velhinha olhava para o céu, enternecidamente.

...«A historia, vóvó, a historia !...»

Ella voltou-se então; sorriu-se para as creanças e, agaitando carinhosamente os cabellos louros da pequenina orphã, começou assim:

«E' á meia noite que ella vem, a boa fada, toda vestida de branco, envolta num longo véu e coroada de rosas...»

—Mas porque, avósinha, interrompeu a impaciente Luiza,—ella só vem á noite, quando estamos adormecidas?

—E' a hora em que nasceu Jesus, filha, e a doce mensageira do céu vem trazer-vos a boa nova com as suas festas e alegrias. Dizem que a via-lactea é o seu caminho, a sua mysteriosa estrada; não sei...ninguem póde vêl-a, ninguem póde olhar para ella, tal é o clarão que a circumda. Quando eu era pequena, lembro-me ainda, minha mãe contava que a boa fada têm um sequito de estrellas; é talvez o resplendor que a acompanha. Tem azas brancas de neve e uns passinhos tão subtis que não vos perturbam o somno; é como se vossa mãe velasse em torno do vosso leito. Não falla nunca; sorri-se apenas. Approxima-se docemente, contempla a candida alvura dos pequeninos leitos, abre a cortina dos berços e, na fronte das creancinhas deposita, num beijo quasi maternal, toda a ternura, a graça de Jesus. Depois, procura solicita ás cabeceiras infantis as cousas boas que o anjo da guarda alli colloca para que ella as conduza ao céu...

—E quaes são essas cousas, avósinha?

—As lições de tua mãe, minha filha—o amor obediente a vossos paes, a caridade para os mesquinhos e a protecção piedosa para tudo quanto vive e cresce sob as vistas de Deus. Tudo isto, filha, sob o macio frouxel das brancas azas ella acolhe amorosamente; e voando, voando, ao céu regressa pelo mesmo invisivel caminho.»

A pequenita orphã erguera-se ás ultimas palavras, e, esfregando os olhinhos somnolentos, perguntou de repente:

—E todas as cousas boas que ella conduz da nossa cabeceira, vae entregar no céu, avó?

—Sim, meu amor; á porta do paraiso vêm os anginhos todos recebel-a, festejando, radiosos, as offerendas da innocencia.

A menina afastou-se um momento para voltar logo após, trazendo nas mãos a mais bonita caixa de amendoas que recebera nesse dia; e, sorrindo-se ingenuamente:

—Olha, vou collocal-a á minha cabeceira.

—As tuas amendoas, filhinha, exclamou a avó, surprehendida,—mas para que fim?

—Para que a boa fada possa leval-as a mamãe.

ZALINA ROLIM.

25 de Dezembro.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Tal figura materna é retomada ao final do conto, com a órfã mais nova, após certificar-se de que a fada de fato levaria ao céu as "oferendas da inocência" que encontrasse em sua cabeceira, decidindo ingenuamente deixar ali a mais bonita caixa de amêndoas que havia ganhado naquele dia: "– Para que a boa fada possa levá-las a mamãe" (*Correio Paulistano*, 25

dez. 1892). Rolim mais uma vez tratava da morte e do sentimento de perda em sua literatura, com a ausência da genitora ainda se mostrando sentida pela menina, embora as informações levantadas pela avó (que não necessariamente formavam uma história) trouxessem um pouco de conforto ao seu pesar.

Já o poema "O caminho do céu" trazia a autora como o próprio eu lírico, direcionando o seu discurso ao sobrinho Sinhô, que então contava cinco anos de idade. A longa composição, abrigada em três colunas ao rés da primeira página do jornal, apresentava vinte e um tercetos e um monóstico formados por versos decassílabos, com rimas respeitando o esquema ABA. A exceção vinha no arremate, com o verso isolado rimando com a órfã entre as rimas interpoladas da vigésima primeira estrofe, à semelhança de uma quadrinha ou quarteto em ABAB. Diferente do conto, que apenas mencionava uma galáxia constituindo a via entre a terra e o céu, aqui o caminho para o paraíso se torna o tema principal e ganha uma descrição mais elaborada e idealizada, ressaltando a tônica cristã.

Abaixo do título vinha a indicação de que o poema faria parte de uma série chamada "Histórias a Sinhô", que viria a ser uma seção em *O coração* (1893). Com isso, Zalina Rolim entregava em primeira mão aos leitores do *Correio* uma prévia de seu livro de estreia, a ser lançado no final de 1893. No poema em questão, apesar de se dirigir a uma criança, a autora optava por manter o rigor de linguagem em uma descrição marcada por grande adjetivação.

O CAMINHO DO CÉU
(DAS "HISTÓRIAS A SINHÔ")

Vem cá, Sinhô, ouve-me atento agora:
Vou falar-te do céu, meu doce anjinho,
Do céu azul onde a inocência mora.

Olha-me assim, alma de luz e arminho,
Essência divinal, raio indeciso
De evangélico e lúcido carinho;

Olha-me assim, amor, e o paraíso
– Ao teu olhar aberto – irei pintando
Sob o clarão azul do teu sorriso:

***

É o caminho do céu macio e brando,
Sem asperezas de rochosas fraguas,
Por ele a gente vai sempre cantando...

Enfeitam-no vergéis, límpidas águas,
Perfume salutar de mato agreste
Atmosfera sutil, limpa de magoas;

Risadas joviais, coro celeste,
Hinos de gloria, músicos arpejos
E a cor alegre que os jardins reveste;

Cintilações de fúlgidos lampejos,
Cantos alegres, garrulices d'aves,
Harmoniosa música de beijos...

Soam gentis por entre as notas graves
Da voz dos velhos, límpidos trinados,
Gorjeios infantis, meigos, suaves...

E nos longínquos montes afastados
Brilham clarões de sol, louras cortinas,
Véus diáfanos, trêmulos, dourados.

E a alma, escutando as músicas divinas,
A alegria do céu ávida sente
Ao percorrer as cérulas campinas.

Um bem estar pacífico, ascendente,
Vai nos ganhando o corpo inteiro; e a aurora
Do paraíso o nosso olhar presente.

Toda a nossa alma um raio doce enflora
Quando se avista a célica morada
Onde vive a sorrir Nossa Senhora.

– Cristal e ouro – a luminosa estrada
Numa fita de luz, nítida, corta
A campina do céu, ampla e rasgada.

Abre-se além a desejada porta,
E a gente os olhos deslumbrados cerra
Ante o clarão que a vista não suporta.

Deslumbramentos, resplendor que a terra
Nunca sonhou, mirificas surpresas,
Tudo essa porta ao nosso olhar descerra;

Cintilações fantásticas, belezas
Incomparáveis, mágicos fulgores,
Cabeças de anjos, imortais grandezas!

E, estática, ao clarão dos esplendores
A alma anelante e férvida murmura
As orações da fé – santos louvores!

São Pedro, um velho meigo, de figura
Bondosa e grave como a experiência,
Franqueia o acesso à perenal ventura;

E a alma que entre as agruras da existência
Imácula passou, guardando ilesa

Do coração a fina transparência

Entra no céu, que as glórias vãs despreza,
E venturosa colhe a recompensa,
O galardão divino da pureza.

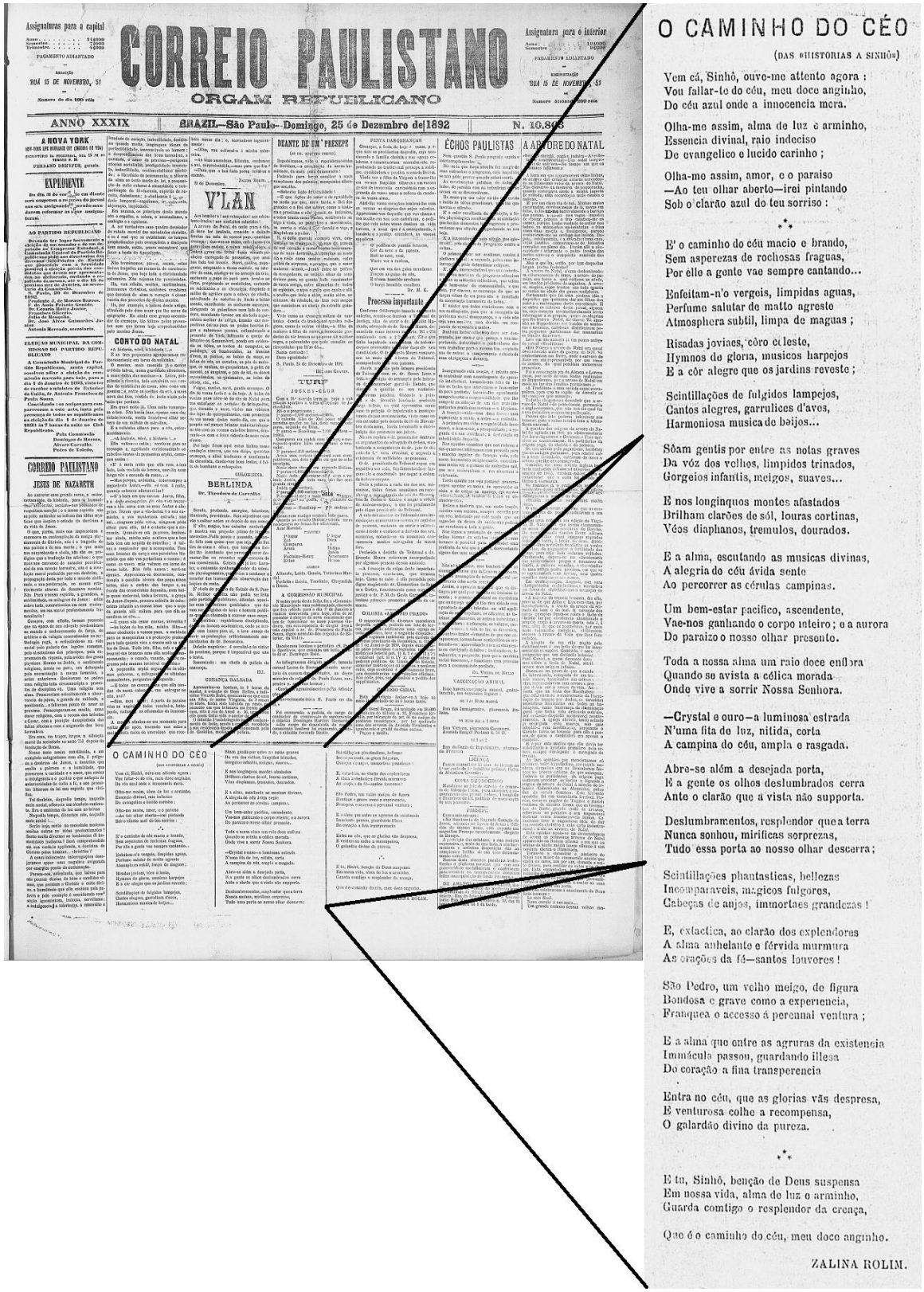
***
E tu, Sinhô, benção de Deus suspensa
Em nossa vida, alma de luz e arminho,
Guarda contigo o resplendor da crença,

Que é o caminho do céu, meu doce anjinho.
(*Correio Paulistano*, 25 dez. 1892).

Na primeira estrofe, o eu lírico pedia atenção ao menino Sinhô, referido como "doce anjinho", de alma iluminada e natureza divina, para falar sobre o céu, que seria o lar da inocência. É válido salientar que o afeto em relação ao sobrinho ganha destaque em diversos momentos dessa composição de Rolim, principalmente quando a voz poética se volta a ele com expressões carinhosas, como na terceira estrofe, em que ela se refere ao sorriso do menino como um "clarão azul" que iluminaria toda a descrição que seria traçada a seguir, e na última estrofe, em que o menino é chamado de "bênção de Deus".

O caminho para o céu começava a ser traçado como "macio e brando", enfeitado e perfumado por elementos naturais, a ser atravessado com festa em uma atmosfera alegre. É interessante perceber que a autora parece associar os elementos que tornam a passagem agradável à jovialidade, representando uma paisagem vibrante que envolvia cores, música, risadas e beijos. Os "Gorjeios infantis" tomariam destaque entre o som grave emitido pela voz dos velhos naquela sagrada via tomada pela luz do sol. De acordo com a descrição, a alma que passava por aquela trilha celeste seria tomada pelo bem estar, que também ganhava o corpo inteiro. Toda essa boa emoção aumentaria quando diante da morada de Nossa Senhora, assinalando o poder da fé católica.

Figura 62 – Publicação do poema "O caminho do céu" no jornal *Correio Paulistano*, em 1892.



CORREIO PAULISTANO

ORGAM REPUBLICANO

ANNO XXXIX — BRAZIL.—São Paulo—Domingo, 25 de Dezembro de 1892 — N. 10.803

O CAMINHO DO CÉO

(DAS «HISTORIAS A SINHÔ»)

Vem cá, Sinhô, ouve-me attento agora :
Vou fallar-te do céu, meu doce anguinho,
Do céu azul onde a innocencia mora.

Olha-me assim, alma de luz e arminho,
Essencia divinal, raio indeciso
De evangelico e lucido carinho ;

Olha-me assim, amor, e o paraiso
—Ao teu olhar aberto—irei pintando
Sob o clarão azul do teu sorriso :

***

E' o caminho do céu macio e brando,
Sem asperezas de rochosas fraguas,
Por ello a gente vae sempre cantando...

Enfeitam-n'o vergeis, limpidas aguas,
Perfume salutar de matto agreste
Atmosphera subtil, limpa de maguas ;

Risadas joviaes, côro celeste,
Hymnos de gloria, musicos harpejos
E a côr alegre que os jardins reveste ;

Scintillações de fulgidos lampejos,
Cantos alegres, garrulices d'aves,
Harmoniosa musica de beijos...

Sôam gentis por entre as notas graves
Da vóz dos velhos, limpidos trinados,
Gorgeios infantis, meigos, suaves...

E nos longinquos montes afastados
Brilham clarões de sól, louras cortinas,
Véos diaphanos, tremulos, dourados.

E a alma, escutando as musicas divinas,
A alegria do céu ávida sente
Ao percorrer as céreas campinas.

Um bem-estar pacifico, ascendente,
Vae-nos ganhando o corpo inteiro ; e a aurora
Do paraizo o nosso olhar presente.

Toda a nossa alma um raio doce enflora
Quando se avista a célica morada
Onde vive a sorrir Nossa Senhora.

—Crystal e ouro—a luminosa estrada
N'uma fita de luz, nitida, corta
A campina do céu, ampla e rasgada.

Abre-se além a desejada porta,
E a gente os olhos deslumbrados cerra
Ante o clarão que a vista não supporta.

Deslumbramentos, resplendor que a terra
Nunca sonhou, mirificas sorprezas,
Tudo essa porta ao nosso olhar descerra ;

Scintillações phantasticas, bellezas
Incomparaveis, magicos fulgores,
Cabeças de anjos, immortaes grandezas !

E, extactica, ao clarão dos explendores
A alma anhelante e fervida murmura
As orações da fé—santos louvores !

São Pedro, um velho meigo, de figura
Bondosa e grave como a experiencia,
Franquea o accesso á perennal ventura ;

E a alma que entre as agruras da existencia
Immácula passou, guardando illesa
Do coração a fina transperencia

Entra no céu, que as glorias vãs despresa,
E venturosa colhe a recompensa,
O galardão divino da pureza.

***

E tu, Sinhô, benção de Deus suspensa
Em nossa vida, alma de luz e arminho,
Guarda comtigo o resplendor da crença,

Que é o caminho do céu, meu doce anguinho.

ZALINA ROLIM.

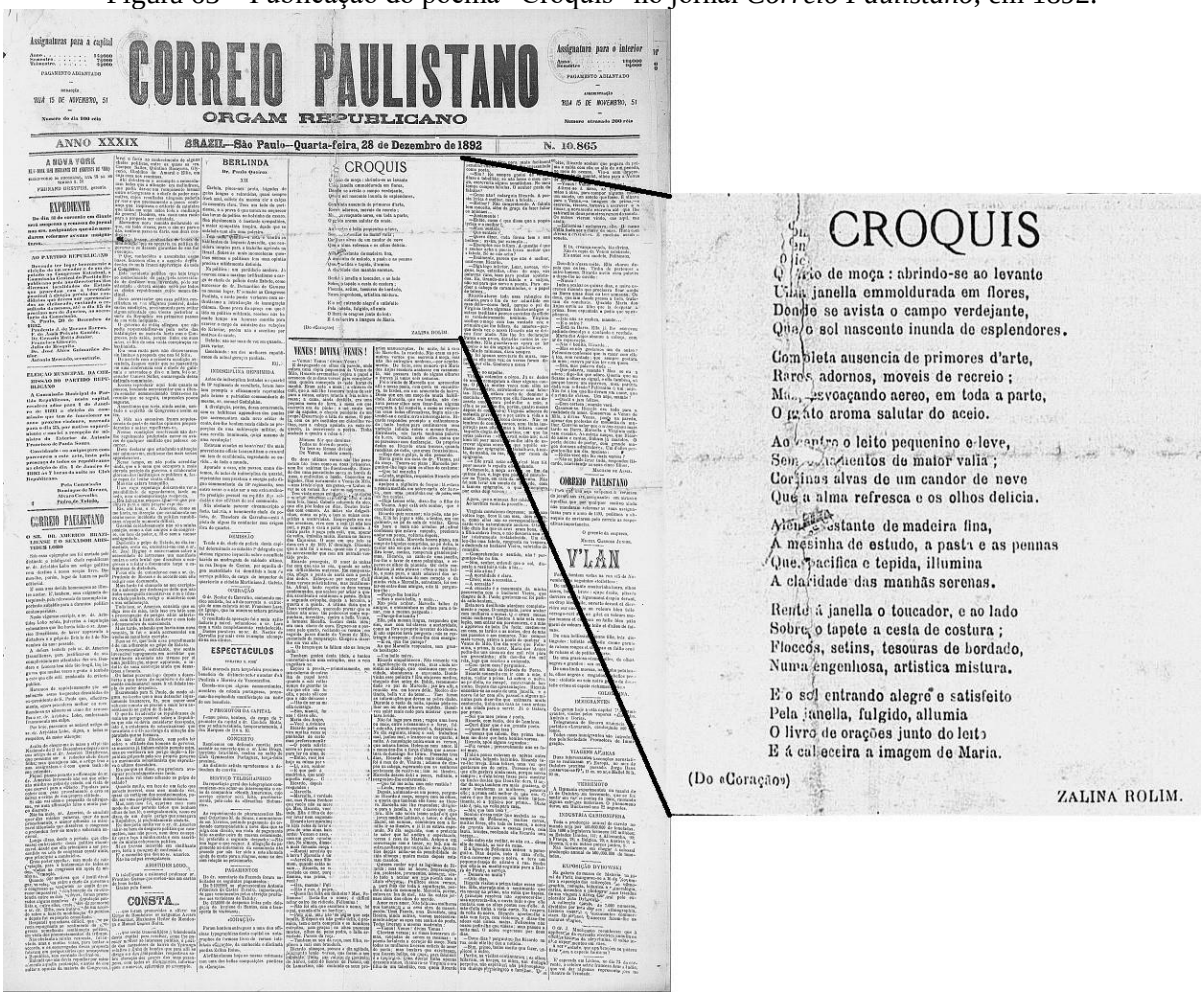
Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Ao fim da estrada de cristal e ouro, uma porta se abriria, revelando um deslumbrante lampejo, além de anjos e outros esplendores não encontrados na terra. Tal visão faria as almas murmurarem orações e louvores. Logo depois, a figura de São Pedro, um dos doze apóstolos

de Jesus Cristo, de acordo com o Novo Testamento, canonizado pela Igreja Católica e conhecido na cultura popular como guardião das chaves do Reino dos Céus, aparecia retratada como um velho meigo e bondoso que controla com sua experiência o acesso ao paraíso, concedendo passagem apenas às almas que tiveram uma existência digna e imácula. Ao final do poema, o eu lírico ressaltava a importância de o menino Sinhô guardar consigo a crença no caminho descrito. Os versos apresentam claro teor moralista atrelado a uma visão religiosa, pela qual dever-se-ia conservar a pureza e a virtude em vida para se colher uma recompensa após a morte, no caso, o acesso ao céu. Tanto o poema como o conto apresentavam um conteúdo relacionado a uma visão idealizada da infância e à proposta educacional do regime republicano que então se estabelecia no país.

A tônica virtuosa e impoluta permaneceu na colaboração seguinte de Zalina Rolim para o *Correio Paulistano*. Trata-se de "Croquis", poema já explorado em nosso primeiro capítulo cujos versos descrevem o quarto ideal de uma moça da elite.

Figura 63 – Publicação do poema "Croquis" no jornal *Correio Paulistano*, em 1892.



CORREIO PAULISTANO

ORGAM REPUBLICANO

ANNO XXXIX — BRAZIL—São Paulo—Quarta-feira, 28 de Dezembro de 1892 — N. 10.865

CROQUIS

ZALINA ROLIM.

CROQUIS

Quarto de moça: abrindo-se ao levante
Uma janella emmoldurada em flores,
Donde se avista o campo verdejante,
Que o sol nascente inunda de esplendores.

Completa ausencia de primores d'arte,
Raros adornos, moveis de recreio;
Mas, provocando aereo, em toda a parte,
O grato aroma saluta do aceio.

Ao centro o leito pequenino e leve,
Sem ornamentos de maior valia;
Cortinas alvas de um candor de neve
Que a alma refresca e os olhos delicia.

Mais adiante de madeira fina,
A mesinha de estudo, a pasta e as pennas
Que, pacifica e tepida, illumina
A claridade das manhãs serenas.

Rente á janella o toucador, e no lado
Sobre o tapete a cesta de costura;
Floccos, setins, tesouras de bordado,
Numa engenhosa, artistica mistura.

E o sol entrando alegre e satisfeito
Pela janella, fulgido, allumia
O livro de orações junto do leito
E á cabeceira a imagem de Maria.

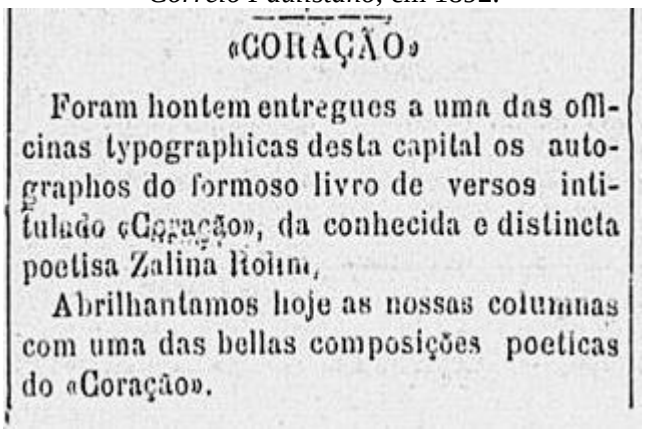
(Do «Corações»)

ZALINA ROLIM.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Lançada na primeira página da edição de 28 de dezembro de 1892, a composição era formada inteiramente por versos decassílabos organizados em seis quadras, com rimas em ABAB. O referido escrito, como indicado pelo título, traçava o esboço de um quarto feminino de classe alta, ressaltando os valores que as jovens mulheres da elite deveriam preservar em relação ao seu papel social, como o cuidado com a organização e a limpeza do lar, além do apreço à fé cristã, simbolizado por uma imagem da Virgem Maria. Próximo à assinatura da autora, havia a indicação de que o poema era um excerto de *O coração* (1893), a ser lançado no ano seguinte, como já mencionado. No mesmo número do jornal, apareceu uma nota informando a respeito do livro e do poema que ali se editava.

Figura 64 – Nota sobre a publicação do livro *O coração* (1893) e do poema "Croquis" no jornal *Correio Paulistano*, em 1892.



«CORAÇÃO»

Foram hontem entregues a uma das officinas typographicas desta capital os autographos do formoso livro de versos intitulado «Coração», da conhecida e distincta poetisa Zalina Rolim.

Abrilhantamos hoje as nossas columnas com uma das bellas composições poeticas do «Coração».

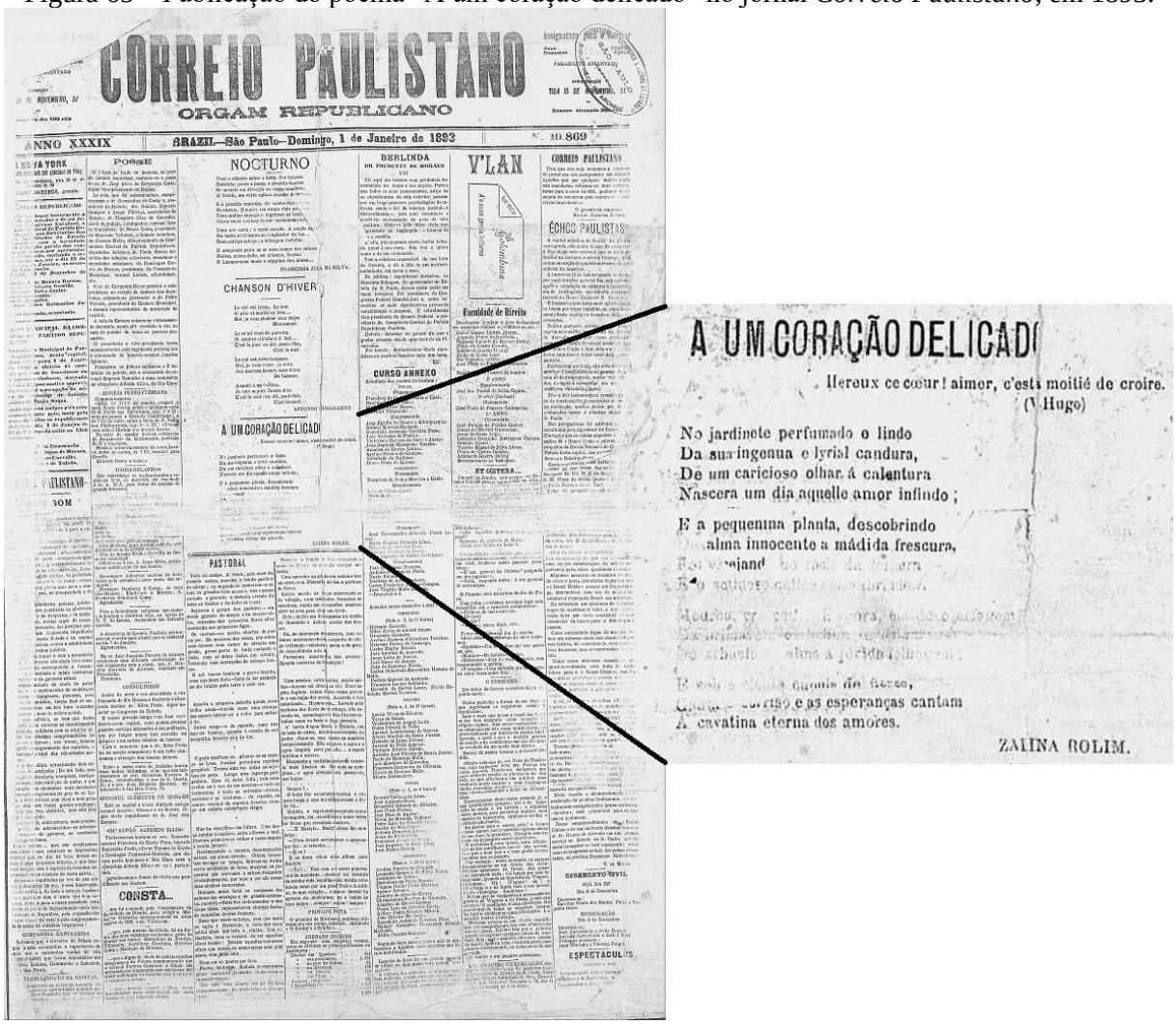
Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Com os originais entregues à tipografia responsável pela publicação, Zalina Rolim aparentemente começou a divulgar a sua estreia em livro enviando às redações dos jornais com os quais colaborava extratos de tal coletânea, assinalando a importância dos periódicos para a cultura letrada da época. Para além desses fragmentos que foram publicados como prévias, é valido salientar que boa parte dos poemas que formavam a obra já havia sido publicada anteriormente na imprensa.

No *Correio Paulistano*, a autora imprimiu um número expressivo de excertos durante o mês de janeiro de 1893. Todavia, no primeiro dia daquele ano, o soneto "A um coração delicado" saiu na primeira página sem indicação de que pertencia ao mencionado livro de estreia. Tal composição era introduzida por um verso do poema "Que nous avons le doute en nous" (Que temos dúvidas dentro de nós", em tradução livre), presente no livro *Les Chants du crépuscule* (1835), do escritor francês Victor Hugo. A referida epígrafe, "Hereux ce coeur! Aimer, c'est la moitié de croire" ("Feliz este coração! Amar é metade acreditar", em tradução

livre), trazia uma visão otimista do amor, relacionando-o à felicidade e à confiança, refletindo os versos de Zalina Rolim:

Figura 65 – Publicação do poema “A um coração delicado” no jornal *Correio Paulistano*, em 1893.



CORREIO PAULISTANO

ORGAM REPUBLICANO

ANNO XXXIX — BRAZIL—São Paulo—Domingo, 1 de Janeiro de 1893 — N. 10.869

NOCTURNO

CHANSON D'HIVER

A UM CORAÇÃO DELICADO

Hereux ce cœur! aimer, c'est la moitié de croire.
(V. Hugo)

No jardinete perfumado e lindo
Da sua ingenua e lyrial candura,
De um caricioso olhar á calentura
Nascera um dia aquelle amor infindo;

E a pequenina planta, descobrindo
alma innocente a mádida frescura,

ZALINA ROLIM.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

O poema personificava o amor como uma flor de aspecto imaculado que nascera em um belo e perfumado jardim. Na descrição poética, a planta crescera preservando a ternura de uma alma inocente e desabrochara junto à primavera.

A UM CORAÇÃO DELICADO
Hereux ce coeur! Aimer, c’est la moitié de croire.
(V. Hugo)

No jardinete perfumado e lindo
Da sua ingênua e lirial candura,
De um caricioso olhar à calentura
Nascera um dia aquele amor infindo;

E a pequena planta, descobrindo
Da alma inocente a medida frescura,
Foi vicejando ao rocio da ternura
E o cetinoso cálice entreabrindo.

Medrou, cresceu... E agora, em doce arfagem,
Da primavera os hálitos levantam
Do arbusto da alma a rórida folhagem;

E sob olente cúpula de flores
Canta o sorriso e as esperanças cantam
A cavatina eterna dos amores.
(*Correio Paulistano*, 1 jan. 1893)[47]

O cenário natural pintado pela escritora ao final do poema celebrava em música e alegria o sentimento apresentado. A representação do amor como uma flor poderia indicar a sua suavidade e a sua fragilidade, bem como a sua beleza e a sua agradabilidade, além da dedicação que o seu desenvolvimento necessitaria. Na composição em questão, a autora preferiu focar em uma dimensão positiva através de elementos que ressaltam a pureza do afeto e a felicidade do romance. O título, com a dedicatória a um coração delicado, poderia apontar que os versos seriam destinados aos iniciantes no amor ou àqueles que se preservavam imaculados de qualquer desilusão amorosa, reproduzindo uma visão idealizada do sentimento comum principalmente entre os jovens.

Continuando a colaboração com o *Correio*, Zalina Rolim divulgou o poema "Alvorada" na edição de 5 de janeiro de 1893, dessa vez com a menção de que se tratava de um componente da coletânea *O coração* (1893), que então se encontrava no prelo.

ALVORADA

Manhã de primavera; que alegria!
Nuns esplendores rútilos de gala,
Áureo e purpúreo, desabrocha o dia;
E a natureza canta e sonha e fala...

Nuvens de um branco adelgaçado e fino,
– Véus de etéreo noivado – lentamente
Impele o frágil sopro matutino
Para as rúbidas bandas do oriente.

Longe, a perder de vista, amplo e rasgado,
De nova seiva túrgido, virente,
Ondula e treme o campinal, toucado
De flores rubras de um perfume quente.

[47] Com o apagamento de parte do poema na imagem do jornal, a transcrição foi reparada pela consulta ao livro *O coração* (1893).

Leve tremula e esgarça-se a neblina
Toda em farrapos, úmida e flutuante;
Intermitente, estrídula buzina
Ressoa ao longe, errática e vibrante.

No pacifico espaço luminoso,
Estranhas curvas, misteriosas linhas
Traçam, no voo leve e caprichoso,
As caprichosas, leves andorinhas.

Em grupos cá e lá pesadamente,
Ruminam nédios bois malhados, brancos;
Lambem, cerrando o morno olhar paciente,
Num abandono lasso, os próprios flancos.

Tremo o relvado a um frêmito ligeiro:
– É o despertar do mundo inseto... Agora
Desfaz-se todo e some-se o nevoeiro
À luz que doura o campo e o céu colora.

E ao costumeiro, habitual trabalho,
Cortando a estrada silenciosa e plana,
Segue um campônio pelo estreito atalho
Cantando alegre a jovial *tirana.*
(*Correio Paulistano*, 5 jan. 1893)

Formada por versos decassílabos organizados em oito quartetos que seguiam o esquema de rimas em ABAB, a referida composição descrevia o alvorecer de uma manhã de primavera. A paisagem era apresentada em toda a sua exuberância e alegria, onde a natureza cantaria, falaria e sonharia. No céu colorido pela aurora, brancas nuvens eram comparadas a "Véus de etéreo noivado" que se movimentavam lentamente com a brisa em direção ao oriente avermelhado.

Ao longe, uma campina mostrava-se vívida e florida, sendo encoberta por uma leve neblina. Uma buzina parecia ressoar anunciando o nascer do sol, sendo acompanhado por andorinhas traçando linhas em seu voo enquanto bois ruminavam e iniciavam sua preguiçosa rotina, também despertando os ligeiros insetos. Mais tarde, um camponês seguia para o trabalho a cantar uma tirana (cantiga de roda). Com o poema, Rolim voltava a exaltar o ambiente rural, retratando-o com engrandecimento. Mais uma vez por meio de entusiasmada adjetivação, a autora ressaltava os melhores aspectos de um cenário natural que se encontrava longe dos grandes centros urbanos, também tratando superficialmente de uma condição social humilde que nunca vivenciara, já que sua família pertencia à elite.

Figura 66 – Publicação do poema "Alvorada" no jornal *Correio Paulistano*, em 1893.



CORREIO PAULISTANO

ORGAM REPUBLICANO

ANNO XXXIX — BRAZIL—São Paulo—Quinta-feira, 5 de Janeiro de 1893 — N. 10.872

ALVORADA

Manhã de primavera ; que alegria !
Nuns esplendores rutilos de gala,
Aureo e purpureo, desabrocha o dia ;
E a natureza canta e sonha e fala...

Nuvens de um branco adelgaçado e fino,
—Véo de ethereo noivado—lentamente
Impelle o fragil sopro matutino
Para as rubidas bandas do oriente.

Longe, a perder de vista, amplo e rasgado,
De nova seiva turgido, virente,
Ondula e treme o campinal, toucado
De flores rubras de um perfume quente.

Leve tremúla e esgarça-se a neblina
Toda em farrapos, humida e fluctuante ;
Intermittente, estridula buzina
Resôa ao longe, erratica e vibrante.

No pacifico espaço luminoso,
Estranhas curvas, mysteriosas linhas
Traçam, no vôo leve e caprichoso,
As caprichosas, leves andorinhas.

Em grupos cá e lá pesadamente,
Ruminam nédios bois malhados, brancos ;
Lambem, cerrando o morno olhar paciente,
Num abandono lasso, os proprios flancos.

Treme o relvado a um fremito ligeiro :
—E' o despertar do mundo-insecto... Agora
Desfaz-se todo e some-se o nevoeiro
A' luz que doura o campo e o céo colóra.

E ao costumeiro, habitual trabalho,
Cortando a estrada silenciosa e plana,
Segue um camponio pelo estreito atalho
Cantando alegre a jovial *tyranna*.

(Do «Coração») ZALINA ROLIM.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

A próxima participação da autora no *Correio Paulistano* aconteceu na edição seguinte, de 6 de janeiro de 1893, outra vez com um excerto do livro que estava a ser editado. Tratava-se do soneto “A uma menina”, que pintava carinhosamente a aparência de uma infanta na primeira página do jornal.

A UMA MENINA

Branca e mimosa, delicada e fina
– Floco de neve e maciez de arminho –
Cálice de flor e lirial corpinho,
Botão de rosa a boca purpurina;

No olhar a luz que o coração fascina,
Filtros na voz – harmonioso ninho
Onde os pássaros louros do carinho,
Doidos gorjeiam música divina.

É um sorriso do céu esta criança;
Emanação da essência preciosa,

Lampejo azul de vívida esperança.

E eu sinto ao vê-la uns íntimos desejos
De engrinaldar-lhe a cabecinha airosa
Numa capela rútila de beijos.
(*Correio Paulistano*, 6 jan, 1893)

O poema em questão parecia inspirado na menina não nomeada para quem era dedicado, descrita de acordo com o ideal da pureza infantil ligada ao recorte social da elite branca. A sua beleza era ligada à pele bastante alva, lembrando em suavidade "Flocos de neve e maciez de arminho", com a garota também tendo o corpo comparado a um botão de rosa, com a boca violácea. O seu olhar era iluminado e a sua voz parecia um ninho de pássaros que emitiam um canto sublime.

Figura 67 – Publicação do poema "A uma menina" no jornal *Correio Paulistano*, em 1893.



CORREIO PAULISTANO
ORGAM REPUBLICANO
ANNO XXXIX | BRAZIL—São Paulo—Sexta-feira, 6 de Janeiro de 1893 | N. 10.873

A UMA MENINA

Branca e mimosa, delicada e fina,
—Flocco de neve e maciez de arminho,
Calix de flor o lyrial corpinho,
Botão de rosa a bocca purpurina;

No olhar a luz que o coração fascina,
Philtros na voz—harmonioso ninho,
Onde os passaros louros do carinho,
Doudos gorgeiam musica divina.

E' um sorriso do céo esta creança,
Emanação de essencia preciosa,
Lampejo azul de vivida esperança;

E eu sinto, ao vel-a, uns intimos desejos.
De engrinaldar-lhe a cabecinha airosa
Numa capella rutila de beijos.

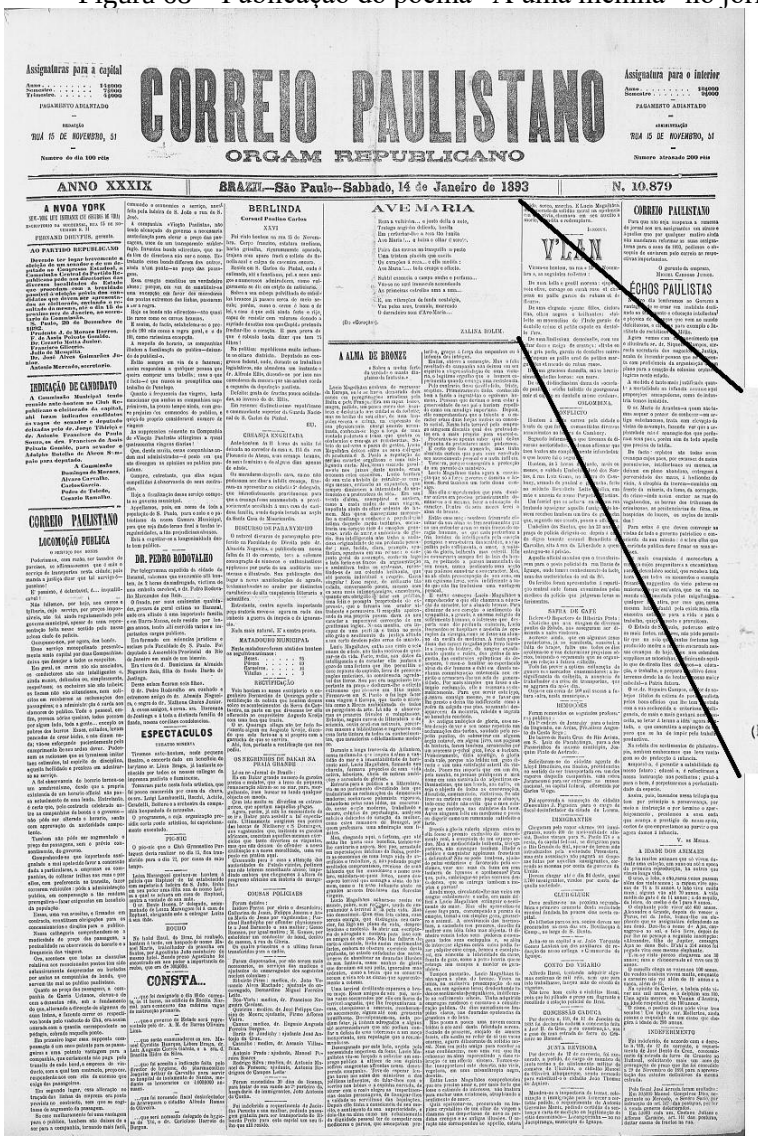
(Do «Coração»)

ZALINA ROLIM.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

A mesma criança, para o eu lírico, seria o “sorriso do céu” a emanar esperança, provocando-lhe o desejo de coroar a sua cabeça com muitos beijos. A escritora, no arremate do último verso, utilizava a expressão “rútila capela” para designar o afago que a voz poética tencionava oferecer à menina, fazendo alusão à sua candura e à sua inocência, bem como à sua aparência divina, como a de um anjo. O caráter religioso, todavia, despontou com mais ênfase na colaboração seguinte, datada de 14 de janeiro de 1893. Nessa edição do jornal, novamente na primeira página, Rolim publicou o soneto “Ave Maria”, que descrevia a reza de uma anciã acompanhada do neto.

Figura 68 – Publicação do poema “A uma menina” no jornal *Correio Paulistano*, em 1893



CORREIO PAULISTANO

ORGAM REPUBLICANO

ANNO XXXIX | BRAZIL—São Paulo—Sabbado, 14 de Janeiro de 1893 | N. 10.879

AVE MARIA

Reza a velhinha... o junto della o neto,
Tretego anginho delicado, hesita
Em perturbar-lhe a reza tão bonita
Ave Maria !... e baixa o olhar discreto.

Paira das cousas no tranquillo aspecto
Uma tristeza placida que excita
Os corações á reza... e ella medita :
Ave Maria !.... toda crença e affecto.

Subtil essencia o campo enche e perfuma...
Vão-se no azul immaculo accendendo
As primeiras estrellas uma a uma...

E, em vibrações de funda nostalgia,
Vae pelos ares, tremulo, morrendo
O derradeiro som d'Ave-Maria...

(D.) «Coração».

ZALINA ROLIM.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Na composição também indicada como parte de *O coração* (1893), um menino procurava não atrapalhar a prece da avó, que se apoiava na fé em um cenário calmo de tristeza, que logo se relevava rural. A noite ia caindo, trazendo as estrelas e o perfume do campo, que desfaziam as vibrações nostálgicas e encerravam o som da saudação à Virgem Maria. A atenção da criança, mencionada como "Trêfego anjinho delicado", em não perturbar o ritual da mais velha remete a virtudes esperadas ao seu comportamento, como o respeito aos adultos e a atenção à tradição religiosa.

AVE MARIA

Reza a velhinha... e junto dela o neto,
Trêfego anjinho delicado, hesita
Em perturbar-lhe a reza tão bonita:
Ave Maria!... e baixa o olhar discreto.

Paira das coisas no tranquilo aspecto
Uma tristeza plácida que excita
Os corações à reza... e ela medita:
Ave Maria!... – toda crença e afeto.

Sutil essência o campo enche e perfuma,
Vão-se no azul imáculo acendendo
As primeiras estrelas uma a uma...

E, em vibrações de funda nostalgia,
Vai pelos ares, trêmulo, morrendo
O derradeiro som d'Ave Maria...
(*Correio Paulistano*, 14 jan. 1893)

A crença era assinalada a partir da reincidência do "Ave Maria" em três das quatro estrofes, também fazendo alusão à recitação seriada do Santo Rosário na tradição católica de devoção mariana, que traz a repetição de uma reza a cada conta do terço. A figura da mãe de Cristo já se tornara recorrente na produção de Zalina Rolim, evidenciando a sua devoção cristã, além dos valores morais com os quais teria sido criada e que então reproduzia através da literatura. A composição em questão reforçava a representação da mulher devota à fé cristã e da criança que seguiria os seus ensinamentos, respeitando a doutrina religiosa.

Após trazer ao *Correio Paulistano* mostras do conteúdo ainda inédito que viria a ser publicado no seu primeiro livro, a escritora voltou a publicar no jornal um trabalho exclusivo na edição seguinte, datada de 15 de janeiro de 1893. Tratava-se do conto "Nostalgia da infância", que recuperava o tema da saudade por meio de novo contato entre uma figura idosa e seu neto. Tais personagens são apresentadas caminhando pelo quieto cenário de uma cidade

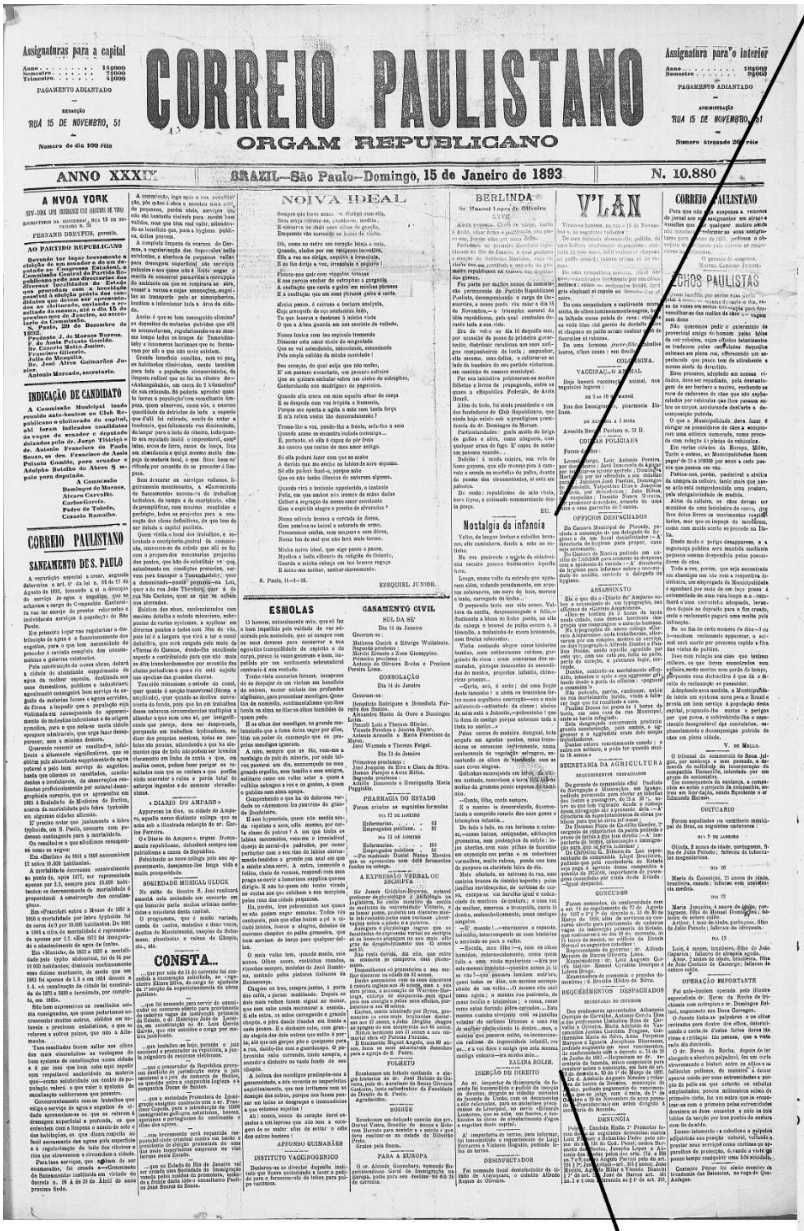
roceira, mais precisamente numa rua empoeirada cercada de vegetação silvestre, em horário no qual passavam poucas pessoas e apareciam vagarosos carros de bois a carregar lenha, além de galinhas a cacarejar. Rolim novamente tentava retratar um contexto social o qual não fazia parte, chegando a tratar a condição dos imóveis da região rural de maneira pejorativa, mencionando-os como "casas baixas, antiquadas, edificações grosseiras, sem pretensões de estilo" (*Correio Paulistano*, 15 jan. 1893).

> Velho, de longas barbas e cabelos brancos, ele caminhava, dando a mão ao netinho.
> [...] O pequenito teria uns oito anos. Voltava da escola, despreocupado e feliz, – flutuante a blusa de linho pardo, no alto da cabeça o boné de palha escura e, à tiracolo, a malasinha de couro bronzeado, com fivelas reluzentes.
> Vinha contando alegre umas histórias bonitas, num entusiasmo ruidoso, gorjeando de risos: eram conversas dos camaradas, pirraças inocentes às escondidas do mestre, projetos infantis, quiméricas proezas... (*Correio Paulistano*, 15 jan. 1893)

O menino era retratado como cheio de alegria junto ao grisalho avô, para quem conta entusiasmado peripécias da escola, de onde os dois voltavam. Ele dizia ser o mais adiantado da sua classe, apontando que o colega Joãozito estaria em posição inferior por ter entornado tinta no assoalho da sala, ficando de castigo. Tal fala do personagem reforçava o ideal de bom aluno esperado às crianças de então, de acordo com a proposta pedagógica disseminada durante a Primeira República brasileira, com a personagem comportando-se diferente do colega travesso. A comparação do desenrolar do discurso do garoto ao de um "comprido rosário" reforçava a virtuosidade da personagem ao mesmo tempo em que evidenciava o pendor religioso e conservador da autora.

A interação entre as gerações era acentuada ao fim do conto, quando avô e neto escutavam de longe a voz tranquila da mãe do menino, a entoar cantigas melancólicas no utilizar da máquina de costura. A representação feminina seguia o ideal atrelado à sua função social dentro do lar, com a figura materna permanecendo em casa, a cerzir ou fazer outra atividade doméstica, enquanto alguma figura masculina se encarregava dos deveres externos – no caso do conto, o de buscar a criança na escola. Tal residência, inclusive, descrita como "casinha branca de risonho aspecto", parecia contrastar com o ambiente humilde traçado pelo narrador em terceira pessoa, denunciando uma possível condição social mais abastada das personagens que eram foco do conto.

Figura 69 – Publicação do conto "Nostalgia da infância" no jornal *Correio Paulistano*, em 1893.



CORREIO PAULISTANO

ORGAM REPUBLICANO

ANNO XXXIV — BRAZIL—São Paulo—Domingo, 15 de Janeiro de 1893 — N. 10.880

Nostalgia da infancia

Velho, de longas barbas e cabellos brancos, elle caminhava, dando a mão ao netinho.

Na rua poeirenta e quieta da cidadesinha roceira poucos transeuntes áquella hora.

Longe, numa volta da estrada que apparece além, rodando pesadamente, em asperos solavancos, um carro de bois, moroso e lento, carregado de lenha...

O pequenito teria uns oito annos. Voltava da escóla, despreoccupado e feliz,—fluctuante a blusa de linho pardo, no alto da cabeça o bonnet de palha escura e, á tiracollo, a malasinha de couro bronzeado, com fivelas reluzentes.

Vinha contando alegre umas historias bonitas, num enthusiasmo ruidoso, gorgeiado de risos : eram conversas dos camaradas, pirraças innocentes ás escondidas do mestre, projectos infantis, chimericas proezas...

—Certo, avô, é certo ; dei uma lição deste tamanho ! e abria os bracinhos fortes numa orgulhosa convicção—sou o mais *adiantado*—adiantado da classe ; abaixo de mim está o Joãosito,—pobresinho ! que lá ficou de castigo porque entornou toda a tinta no soalho...»

Pelas cercas de madeira desigual, toda ericada em agudas pontas, rosas trepadeiras se enroscam festivamente, numa exuberancia de vegetação selvagem, encantando os olhos do viandante com as suas côres alegres.

Gallinhas cacarejando em torno, da ultima ninhada, remechem a terra fofa sob as moitas da gramma pouco espessa do caminho.

—Conta, filho, conta sempre.

E o menino ia desenrolando, desenrolando o comprido rosario dos seus gosos e triumphos infantis...

De lado a lado, na rua tortuosa e extensa,—casas baixas, antiquadas, edificações grosseiras, sem pretenções de estylo : lojas abertas, com suas pilhas de fazendas em exposição nas portas e os cobertores vermelhos, muito rubros, pondo uns tons de purpura na claridade loira do dia.

Mais afastada, no extremo da rua, uma casinha branca de risonho aspecto ; pelas janellas envidraçadas, de cortinas de cassa, escapa-se um barulho igual e cadenciado de machina de costura ; e uma voz de mulher, amorosa e tranquilla, canta lá dentro, melancholicamente, umas cantigas singelas.

—E' mamãe !...—murmurou o rapasito, baixinho, interrompendo as suas historias e sorrindo-se para o velho.

—Escuta, meu filho !—e, com os olhos humidos, enternecidamente, como quem falla a uma visão mysteriosa :—Era por este mesmo caminho—quantos annos já lá se vão !—que passava tambem outr'ora, quasi todos os dias, um menino acompanhado de um velho...O mesmo céu azul como agora ; a mesma rua poeirenta, de casas baixas e tristonhas ; e rosas, rosas como estas florindo pelos cercados...Esta mesma casinha alvejante com as janellas veladas de cortinas brancas e uma voz de mulher cantarolando lá dentro...mas, o menino que passava então, na inconsciencia radiosa da ingenuidade infantil, era eu... e a voz doce e meiga que esta mesma cantiga entoava—era minha mãe...

ZALINA ROLIM.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Presenciando o entusiasmo do menino ao ouvir a mãe, o idoso desenvolve um sentimento nostálgico em relação à própria infância, associando o neto ao seu próprio semblante quando mais novo:

> – Escuta, meu filho! – e, com os olhos úmidos, enternecidamente, como quem fala a uma visão misteriosa: – Era por este mesmo caminho – quantos anos já lá se vão! – que passava também outrora, quase todos os dias, um menino acompanhado de um velho... O mesmo céu azul como agora; a mesma rua poeirenta, de casas baixas e tristinhas; e rosas, rosas como estas florindo pelos cercados... Esta mesma casinha alvejante com as janelas veladas de cortinas brancas e uma voz de mulher cantarolando lá dentro... mas, o menino que passava então, na inconsciência radiosa da ingenuidade infantil, era eu... e a voz doce e meiga que esta mesma cantiga entoava – era minha mãe... (*Correio Paulistano*, 15 jan. 1893)

Assim, a narrativa reforçava aos leitores a ideia de que deveriam valorizar os momentos simples da vida, bem como a presença dos entes queridos desde os verdes anos. O ambiente rural volta a ser elemento importante na próxima colaboração de Rolim com o Correio. O soneto "Campestre", o último fragmento do livro de estreia divulgado naquela folha, saiu na primeira página da edição de 20 de janeiro de 1893:

> CAMPESTRE
>
> Longe da estrada, à beira do riacho
> Que molha os pés relvosos da colina,
> Vejo-lhe o teto enegrecido e baixo,
> E a cancelinha baixa e pequenina;
>
> Da chaminé desprende-se um penacho
> De fumo branco... Levemente inclina
> As verdes palmas sobre o louro cacho
> Do coqueiro frondoso – a aragem fina...
>
> Faísca o sol. Do terreirinho à frente
> Galinhas, patos, debicando o milho,
> Batem as asas preguiçosamente.
>
> Nem um rumor de pássaros palpita
> E a roceirinha adormecendo o filho
> Canta lá dentro uma canção bonita.
> (*Correio Paulistano*, 20 jan. 1893)

A composição retratava uma casa campestre, detalhando sua localização e sua aparência: ficaria às margens de um riacho, com teto escuro e chaminé, rodeada por uma cerca baixa e próxima a um coqueiro, com galinhas e patos em um terreiro à sua frente.

Figura 70 – Publicação do poema “Campestre” no jornal *Correio Paulistano*, em 1893.



CORREIO PAULISTANO

ORGAM REPUBLICANO

ANNO XXXIX — BRAZIL—São Paulo—Sexta-feira, 20 de Janeiro de 1893 — N. 10.884

CAMPESTRE

Longe da estrada, á beira do riacho
Que molha os pés relvosos da collina,
Vejo-lhe o tecto ennegrecido e baixo,
E a cancellinha baixa e pequenina;

Da chaminé desprende-se um pennacho
De fumo branco... Levemente inclina
As verdes palmas sobre o louro cacho
Do coqueiro frondoso—a aragem fina...

Faisca o sol. Do terreirinho á frente
Gallinhas, patos, debicando o milho,
Batem as azas preguiçosamente.

Nem um rumor de passaros palpita
E a roceirinha adormecendo o filho
Canta lá dentro uma canção bonita.

(Do «Coração») ZALINA ROLIM.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Retomando o elemento do conto “Nostalgia da infância”, a última estrofe do poema apresenta uma figura feminina a cantar de dentro da residência campestre, dessa vez a acalentar o sono do filho. A “roceirinha” seguia a representação da mulher atrelada às lides do lar, desempenhando o seu papel social dentro do ambiente doméstico. Rolim também voltava, com os versos em questão, a tratar de uma realidade a qual não fazia parte, apresentando elementos daquele cenário bucólico de maneira idealizada.

Rolim prosseguiu com a publicação no *Correio* por meio do conto “Nevada”, lançado na edição de 26 de fevereiro de 1893, retornando à produção exclusiva para o jornal (não mais de excertos do livro a ser lançado). A narrativa trazia outra vez como personagem o menino Sinhô, sobrinho da autora.

> "... Conta a Sinhô que Nevada morreu. Uma destas manhãs, como ela não tivesse aparecido à hora habitual, fomos procurá-la. Estava morta, já fria e toda coberta de orvalho à sombra da amendoeira. Cavaram-lhe a sepultura a um canto do jardim onde ela repousa agora, sob os galhos floridos da "Boule de niege" – a nossa linda roseira..." (*Correio Paulistano*, 26 fev. 1983)

A figura do título era uma ovelha tratada como bicho de estimação pela família de Zalina. Descrita como muito branca, "como se fosse coberta de neve", o animal falecera e fora enterrado no jardim, sem que Sinhô tivesse conhecimento da perda. Querida por todos, ainda mais pelas crianças, Nevada já se encontrava em idade avançada no momento da morte, mais mansa e "ajuizada", bem diferente de quando era um filhote.

> Nela as mamães podiam confiar sem o mínimo receio: nada mais que fizesse lembrar os antigos ardores, os fogosos ímpetos de outros tempos, dos seus tempos de ovelhinha jovem e arrebatada quando ela saltava em pinotes e cabriolas pelo meio do terreiro ou passava ao longe, em desenfreados pulos, em doidas correrias por entre as alas do cafezal verde escuro, mascando por travessura as folhas tenras dos arbustos novos [...] Envelhecera aos poucos, sempre asseada e mansa, sempre com os seus hábitos de ovelhinha bem criada e digna do seu nome. Os anos foram atenuando-lhe a ardência, modificando-lhe o temperamento irrequieto. Tornou-se calma e vagarosa (*Correio Paulistano*, 26 fev. 1893).

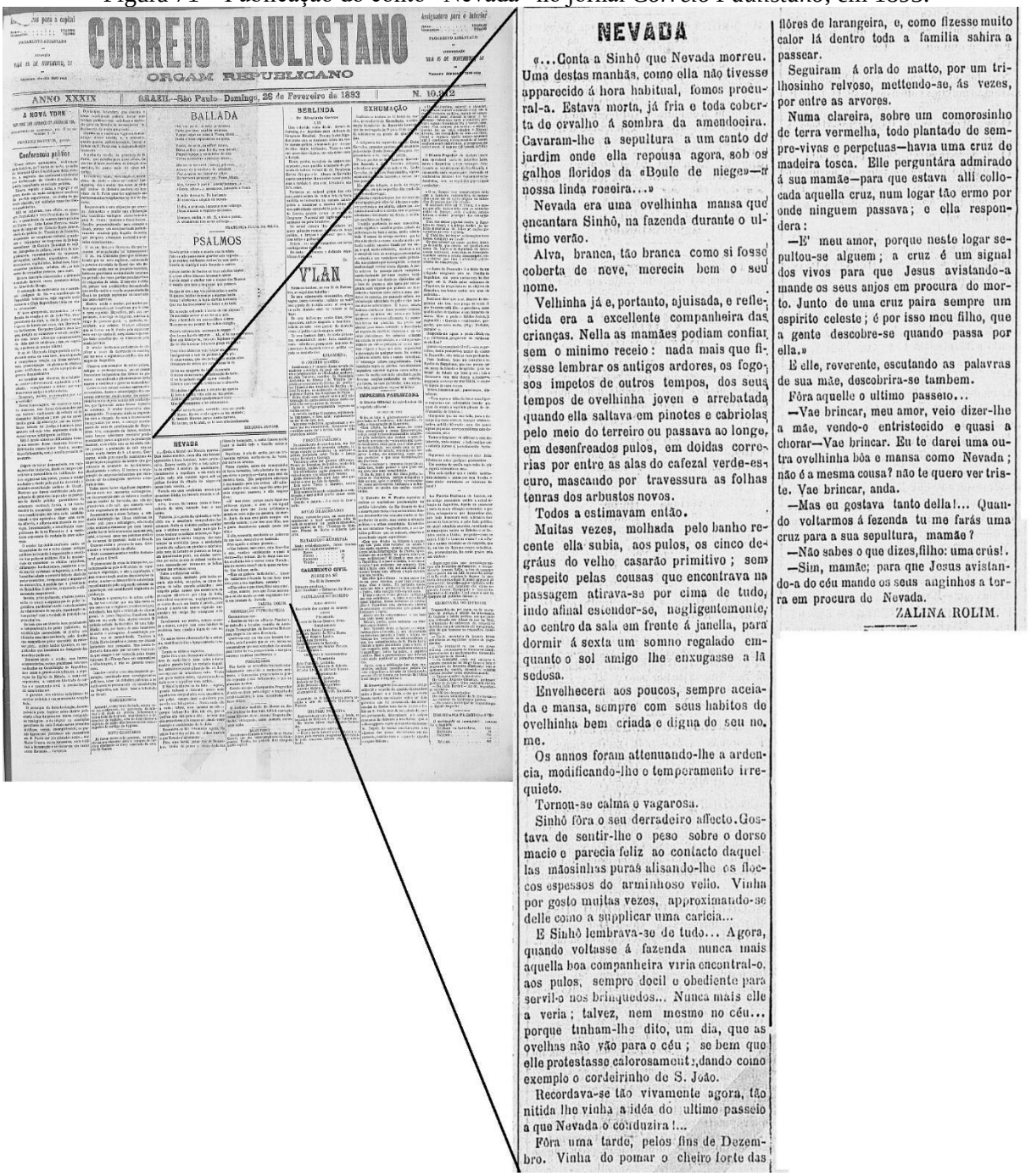
A ovelha parecia refletir ideais humanos de moralidade, mostrando o valor da maturidade e da experiência ante às peraltices juvenis. A sua mudança de temperamento poderia estar relacionada ao desenvolvimento virtuoso da mulher, visto que se tratava de uma figura feminina que passara de negligente a "sempre asseada e mansa", bem como "calma e vagarosa". Além disso, a sua aparência alva provavelmente simbolizava a pureza esperada na proximidade com os infantes. A ovelha era próxima ao menino Sinhô, de quem gostava de receber carinho.

> E Sinhô lembrava-se de tudo... Agora, quando voltasse à fazenda nunca mais aquela boa companheira viria encontrá-lo aos pulos, sempre dócil e obediente para servi-lo nos brinquedos... Nunca mais ele a veria; talvez, nem mesmo no céu... porque tinham lhe dito, um dia, que as ovelhas não vão para o céu; se bem que ele protestasse calorosamente, dando como exemplo o cordeirinho de S. João (*Correio Paulistano*, 26 fev. 1893).

O sobrinho de Rolim certamente sentiria a falta da companheira de brincadeiras. A autora, através de uma narração em segunda pessoa, infere que a criança não diferiria o animal de um ser humano, indicado que o bicho também teria alma, algo que é colocado como incerto no conto, seguindo a tradição cristã. O fato de a ovelha não por ir "para o céu" era protestado

pelo menino por meio da imagem de São João Batista, que era sempre retratado junto a um cordeiro, visto que teria sido pastor antes de ser canonizado.

Figura 71 – Publicação do conto “Nevada” no jornal *Correio Paulistano*, em 1893.



CORREIO PAULISTANO

ORGAM REPUBLICANO

ANNO XXXIX | BRAZIL—São Paulo—Domingo, 26 de Fevereiro de 1893 | N. 10.912

BALLADA

PSALMOS

V'LAN

NEVADA

NEVADA

«...Conta a Sinhô que Nevada morreu. Uma destas manhãs, como ella não tivesse apparecido á hora habitual, fomos procural-a. Estava morta, já fria e toda coberta do orvalho á sombra da amendoeira. Cavaram-lhe a sepultura a um canto do jardim onde ella repousa agora, sob os galhos floridos da «Boule de niege»—a nossa linda roseira...»

Nevada era uma ovelhinha mansa que encantara Sinhô, na fazenda durante o ultimo verão.

Alva, branca, tão branca como si fosse coberta de neve, merecia bem o seu nome.

Velhinha já e, portanto, ajuisada, e reflectida era a excellente companheira das crianças. Nella as mamães podiam confiar sem o minimo receio: nada mais que fizesse lembrar os antigos ardores, os fogosos impetos de outros tempos, dos seus tempos de ovelhinha joven e arrebatada quando ella saltava em pinotes e cabriolas, pelo meio do terreiro ou passava ao longe, em desenfreados pulos, em doidas correrias por entre as alas do cafezal verde-escuro, mascando por travessura as folhas tenras dos arbustos novos.

Todos a estimavam então.

Muitas vezes, molhada pelo banho recente ella subia, aos pulos, os cinco degráus do velho casarão primitivo; sem respeito pelas cousas que encontrava na passagem atirava-se por cima de tudo, indo afinal estender-se, negligentemente, ao centro da sala em frente á janella, para dormir á sexta um somno regalado emquanto o sol amigo lhe enxugasse a lã sedosa.

Envelhecera aos poucos, sempre acceiada e mansa, sempre com seus habitos de ovelhinha bem criada e digna do seu nome.

Os annos foram attenuando-lhe a ardencia, modificando-lhe o temperamento irrequieto.

Tornou-se calma e vagarosa.

Sinhô fôra o seu derradeiro affecto. Gostava de sentir-lhe o peso sobre o dorso macio e parecia feliz ao contacto daquellas mãosinhas puras alisando-lhe os floccos espessos do arminhoso velo. Vinha por gosto muitas vezes, approximando-se delle como a supplicar uma caricia...

E Sinhô lembrava-se de tudo... Agora, quando voltasse á fazenda nunca mais aquella boa companheira viria encontral-o, aos pulos, sempre docil e obediente para servil-o nos brinquedos... Nunca mais elle a veria; talvez, nem mesmo no céu... porque tinham-lhe dito, um dia, que as ovelhas não vão para o céu; se bem que elle protestasse calorosamente, dando como exemplo o cordeirinho de S. João.

Recordava-se tão vivamente agora, tão nitida lhe vinha a idéa do ultimo passeio a que Nevada o conduzira!...

Fôra uma tarde, pelos fins de Dezembro. Vinha do pomar o cheiro forte das flôres de larangeira, e, como fizesse muito calor lá dentro toda a familia sahira a passear.

Seguiram á orla do matto, por um trilhosinho relvoso, mettendo-se, ás vezes, por entre as arvores.

Numa clareira, sobre um comorosinho de terra vermelha, todo plantado de sempre-vivas e perpetuas—havia uma cruz de madeira tosca. Elle perguntára admirado á sua mamãe—para que estava alli collocada aquella cruz, num logar tão ermo por onde ninguem passava; e ella respondera:

—E' meu amor, porque neste logar sepultou-se alguem; a cruz é um signal dos vivos para que Jesus avistando-a mande os seus anjos em procura do morto. Junto de uma cruz paira sempre um espirito celeste; é por isso meu filho, que a gente descobre-se quando passa por ella.»

E elle, reverente, escutando as palavras de sua mãe, descobrira-se tambem.

Fôra aquelle o ultimo passeio...

—Vae brincar, meu amor, veio dizer-lhe a mãe, vendo-o entristecido e quasi a chorar—Vae brincar. Eu te darei uma outra ovelhinha bôa e mansa como Nevada; não é a mesma cousa? não te quero ver triste. Vae brincar, anda.

—Mas eu gostava tanto della!... Quando voltarmos á fezenda tu me farás uma cruz para a sua sepultura, mamãe?

—Não sabes o que dizes, filho: uma crús!.

—Sim, mamãe; para que Jesus avistando-a do céu mande os seus anginhos a terra em procura de Nevada.

ZALINA ROLIM.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Seguindo a narrativa, havia a recordação do último encontro do menino com Nevada, em uma tarde de dezembro. Ocorrera em um passeio em família pelas proximidades da casa, por entre a vegetação natural que ali crescia. Foi quanto Sinhô avistou uma cruz feita de madeira fincada ali perto, questionando à mãe sobre a sua presença naquele local, sendo respondido:

> – É meu amor, porque neste lugar sepultou-se alguém, a cruz é um sinal dos vivos para que Jesus avistando-a mande os seus anjos em procura do morto. Junto de uma cruz paira sempre um espírito celeste; é por isso meu filho, que a gente descobre-se quando passa por ela.
> E ele, reverente, escutando as palavras de sua mãe, descobrira-se também (*Correio Paulistano*, 26 fev. 1893).

Zalina Rolim evocava, nessa passagem, o costume advindo da doutrina católica de descobrir a cabeça em respeito ao túmulo de algum falecido. Havia também o relato da tradição de fincar uma cruz substituindo a lápide onde um morto teria sido enterrado. O sobrinho Sinhô é idealizado, mostrado honrando os preceitos cristãos, formando um perfil moral a servir de exemplo para outras crianças. Em seguida, entristecido pela ausência de Nevada, o menino tinha prometido pela mãe ganhar outra ovelha tão boa e mansa como a que perdera. A figura materna deixava claro que o bicho poderia ser substituído: "não é a mesma coisa?".

Ao final do conto, o garoto pedia à mãe que lhe fizesse uma cruz para a sepultura do animal morto. Como a solicitação assustara a mulher, aparentando ser uma blasfêmia, ele a respondia prontamente: "– Sim, mamãe; para que Jesus avistando-a do céu mande os seus anjinhos a terra em procura de Nevada" (*Correio Paulistano*, 26 fev. 1893). Rolim fazia uso da personagem para traçar uma representação infantil ingênua e pura, seguindo a fé cristã, mas também tratando os elementos da natureza com seriedade e apreço. Novamente, a tônica religiosa era assinalada em sua produção, atrelando o seu nome ao que era esperado às escritoras de então.

Não podemos negar que a autora era devota do catolicismo e professava os preceitos de sua crença, mostrando-se consoante à formação ética que recebera como mulher de elite. Entretanto, ela também pode ter se utilizado da aparente condição submissa e conformista em relação à moralidade feminina para conquistar os leitores do jornal em questão, bem como para garantir o respeito dos seus editores, grupos formados majoritariamente por homens. Para além de sua circulação entre as elites, seguindo pela linha temática e de conteúdo previsto ao seu gênero, a escritora mantinha-se sendo publicada nas primeiras páginas do periódico, tendo seu trabalho com a pena incentivado e disseminado, inclusive conseguindo ser editado em livro bastante divulgado.

A sua próxima participação no *Correio Paulistano* se deu no número de 21 de março de 1893, com o poema "O conselho das fadas", que traçava uma historieta em versos voltada ao público infantil:

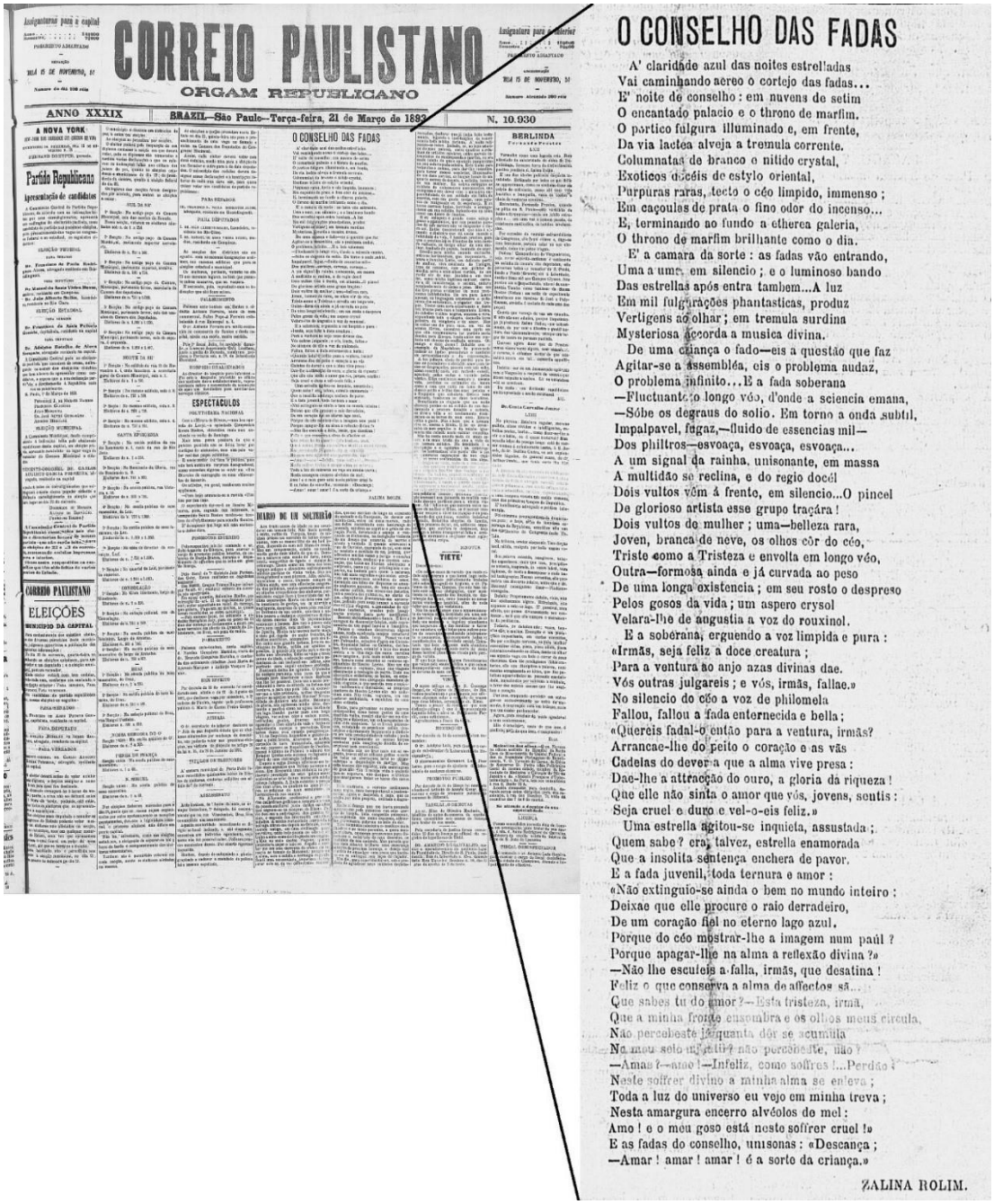
O CONSELHO DAS FADAS

À claridade azul das noites estreladas
Vai caminhando aéreo o cortejo das fadas...
É noite de conselho: em nuvens de cetim
O encantado palácio e o trono de marfim.
O pórtico fulgura iluminado e, em frente,
Da vida láctea alveja a trêmula corrente.
Colunatas de branco e nítido cristal,
Exóticos dóceis de estilo oriental,
Púrpuras raras, teto o céu límpido, imenso;
Em caçoulas de prata o fino odor do incenso...
E, terminando ao fundo a etérea galeria,
O trono de marfim brilhante como o dia.
É a câmara da sorte: as fadas vão entrando,
Uma a uma em silêncio; e o luminoso bando
Das estrelas após entra também... A luz
Em mil fulgurações fantásticas, produz
Vertigens ao olhar; em trêmula surdina
Misteriosa acorda a música divina.
De uma criança o fado – eis a questão que faz
Agitar-se a assembleia, eis o problema audaz,
O problema infinito... E a fada soberana
– Flutuante o longo véu, donde a ciência emana,
– Sobe os degraus do sólio. Em torno a onda sutil,
Impalpável, fugaz, – fluido de essências mil -
Dos filtros-esvoaça, esvoaça, esvoaça...
A um sinal da rainha, unissonante, em massa
A multidão se reclina, e do régio dossel
Dois vultos vêm à frente em silêncio... O pincel
De glorioso artista esse grupo traçara!
Dois vultos de mulher, uma beleza rara,
Jovem, branca de neve, os olhos cor do céu,
Triste como a Tristeza e envolta em longo véu,
Outra-formosa ainda e já curvada ao peso
De uma longa existência; em seu rosto o desprezo
Pelos gozos da vida; um áspero crisol
Velara-lhe de angustia a voz do rouxinol.
E a soberana, erguendo a voz límpida e pura:
“Irmãs, seja feliz a doce criatura;
Para a ventura ao anjo asas divinas dai.
Vós outras julgareis; e vós, irmãs, falai.”
No silêncio do céu a voz de filomela
Falou, falou a fada enternecida e bela:
“Quereis fadá-lo então para a ventura, irmãs?
Arrancai-lhe do peito o coração e as vãs
Cadeias do dever que a alma vive presa:
Dai-lhe a atração do ouro, a glória da riqueza!
Que ele não sinta o amor que vós, jovens, sentis:
Seja cruel e duro e vê-lo-eis feliz.”
Uma estrela agitou-se inquieta, assustada;
Quem sabe? Era talvez, estrela enamorada
Que a insólita sentença enchera de pavor,
E a fada juvenil, toda ternura e amor:
“Não extinguiu-se ainda o bem do mundo inteiro:

Deixai que ele procure o raio derradeiro,
De um coração fiel no eterno lago azul.
Por que do céu mostrar-lhe a imagem num paul?
Por que apagar-lhe na alma a reflexão divina?"
– Não lhe escuteis a fala, irmãs, que desatina!
Feliz o que conserva a alma de afetos sã...
Que sabes tu do amor? – Esta tristeza, irmã,
Que a minha fronte ensombra e os olhos meus circula,
Não percebestes já quanta dor se acumula
No meu seio infantil? não percebeste, não?
– Amas? – amo! – Infeliz, como sofres!... Perdão;
Neste sofrer divino a minha alma se enleva;
Toda a luz do universo eu vejo em minha treva;
Nesta amargura encerro alvéolos de mel:
Amo! E o meu gozo está neste sofrer cruel!"
E as fadas do conselho, uníssonas: "Descansa;
– Amar! Amar! Ama! É a sorte da criança."
(*Correio Paulistano*, 21 mar. 1893)

A longa composição de versos dodecassílabos de rimas emparelhadas (paralelas), tinha uma divisão não tão clara, apenas aparentemente indicando cinco grandes estrofes: a primeira com doze versos, a segunda com seis, a terceira com dezoito, a quarta com seis e a quinta com vinte e dois. No referido poema, um grupo de fadas, acompanhadas de estrelas, reunia-se em uma assembleia para discutir sobre o destino de uma criança.

Figura 72 – Publicação do poema "O conselho das fadas" no jornal *Correio Paulistano*, em 1893.



CORREIO PAULISTANO
ORGAM REPUBLICANO
ANNO XXXIX | BRAZIL—São Paulo—Terça-feira, 21 de Março de 188 | N. 10.930

O CONSELHO DAS FADAS

A' claridade azul das noites estrelladas
Vai caminhando aereo o cortejo das fadas...
E' noite de conselho : em nuvens de setim
O encantado palacio e o throno de marfim.
O portico fulgura illuminado e, em frente,
Da via lactea alveja a tremula corrente.
Columnatas de branco e nitido crystal,
Exoticos docéis de estylo oriental,
Purpuras raras, tecto o céo limpido, immenso ;
Em caçoulas de prata o fino odor do incenso...
E, terminando ao fundo a etherea galeria,
O throno de marfim brilhante como o dia.
E' a camara da sorte : as fadas vão entrando,
Uma a uma, em silencio ; e o luminoso bando
Das estrellas após entra tambem...A luz
Em mil fulgurações phantasticas, produz
Vertigens ao olhar ; em tremula surdina
Mysteriosa accorda a musica divina.
De uma criança o fado—eis a questão que faz
Agitar-se a assembléa, eis o problema audaz,
O problema infinito...E a fada soberana
—Fluctuante,no longo vôo, d'onde a sciencia emana,
—Sóbe os degraus do solio. Em torno a onda subtil,
Impalpavel, fugaz,—fluido de essencias mil—
Dos philtros—esvoaça, esvoaça, esvoaça...
A um signal da rainha, unisonante, em massa
A multidão se reclina, e do regio docél
Dois vultos vêm á frente, em silencio...O pincel
De glorioso artista esse grupo traçára !
Dois vultos de mulher ; uma—belleza rara,
Joven, branca de neve, os olhos côr do céo,
Triste como a Tristeza e envolta em longo véo,
Outra—formosa ainda e já curvada ao peso
De uma longa existencia ; em seu rosto o despreso
Pelos gosos da vida ; um aspero crysol
Velara-lhe de angustia a voz do rouxinol.
E a soberana, erguendo a voz limpida e pura :
«Irmãs, seja feliz a doce creatura ;
Para a ventura ao anjo azas divinas dae.
Vós outras julgareis ; e vós, irmãs, fallae.»
No silencio do céo a voz de philomela
Fallou, fallou a fada enternecida e bella ;
«Quereis fadal-o então para a ventura, irmãs?
Arrancae-lhe do peito o coração e as vãs
Cadeias do dever a que a alma vive presa :
Dae-lhe a attracção do ouro, a gloria da riqueza !
Que elle não sinta o amor que vós, jovens, sentis :
Seja cruel e duro e vel-o-eis feliz.»
Uma estrella agitou-se inquieta, assustada ;
Quem sabe? era, talvez, estrella enamorada
Que a insolita sentença enchera de pavor.
E a fada juvenil, toda ternura e amor :
«Não extinguio-se ainda o bem no mundo inteiro :
Deixae que elle procure o raio derradeiro,
De um coração fiel no eterno lago azul.
Porque do céo mostrar-lhe a imagem num paúl ?
Porque apagar-lhe na alma a reflexão divina ?»
—Não lhe escuteis a falla, irmãs, que desatina !
Feliz o que conserva a alma de affectos sã...
Que sabes tu do amor?—Esta tristeza, irmã,
Que a minha fronte ensombra e os olhos meus circula,
Não percebeste ja quanta dôr se acumula
No meu seio ingratti? não percebeste, não ?
—Amas ?—amo !—Infeliz, como soffres !...Perdão !
Neste soffrer divino a minha alma se enleva ;
Toda a luz do universo eu vejo em minha treva ;
Nesta amargura encerro alvéolos de mel :
Amo ! e o meu goso está neste soffrer cruel !»
E as fadas do conselho, unisonas : «Descança ;
—Amar ! amar ! amar ! amar ! é a sorte da criança.»

ZALINA ROLIM.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Rolim retomava aqui o conteúdo do poema “O caminho do céu” e da narrativa “Conto do natal”, trazendo o elemento mágico da fada atrelada ao céu e em contato com as crianças, inclusive sendo importantes para a definição de sua sorte terrena. As fadas novamente seriam conectadas à imagem de anjos, mesmo sem uma tônica religiosa latente. A composição em questão muito adiantava parte do que foi proposto pela autora no compêndio *Livro das crianças* (1897) a ser lançado anos mais tarde, entregando uma narrativa construída por meio de versos, a ser contada para as crianças ou memorizada por estas no ambiente escolar. Tratava-se de um artifício pedagógico conectado às diretrizes educacionais empreendidas durante o

estabelecimento da Primeira República brasileira. A autora outra vez empreendia uma visão idealizada e romântica do amor, colocando-o em resiliência ante o padecer. Além disso, ressaltava a importância deste sentimento ante posturas consideradas erradas, como a de dar importância à riqueza, coroando o escrito com uma inflexão moralizante.

Uma semana depois de tal publicação, Zalina Rolim retornava ao jornal com o conto "O domingo de ramos", tratando da festa móvel cristã celebrada no domingo anterior à Páscoa, conhecido pela distribuição de folhas de plantas (geralmente de palmeiras) para os fiéis reunidos na igreja. Tal liturgia teria sido celebrada, naquele ano de 1893, em 26 de março, com a narrativa saindo na primeira página da edição da terça 28, na semana que culminava no feriado que celebrava a ressurreição de Jesus, em 2 de abril. A narrativa, transcrita integralmente em nossos Anexos, apresentava a dedicatória "Às crianças" (também destinando a sua leitura a elas, visto o seu caráter pedagógico) e trazia o menino Sinhô mais uma vez como personagem de destaque.

Figura 73 – Publicação do conto "O domingo de ramos" no jornal *Correio Paulistano*, em 1893.



CORREIO PAULISTANO

ORGAM REPUBLICANO

ANNO XXXIX — SRAZIL—São Paulo—Terça-feira, 28 de Março de 1893 — N. 10.935

O DOMINGO DE RAMOS

A'S CRIANÇAS

Sinhô voltou hoje da igreja trazendo nas mãos uma grande palma verde :

—Sabes vóvó ? o altar está muito lindo, todo enfeitado de ramos verdes !... e o padre distribuio palmas como esta minha a toda a gente que foi á missa. Porque será ?

—Porque é hoje o domingo de ramos, meu filho.

—Que é domingo de ramos ?

A vóvó sorrio-se :

—Escuta-me ; quando eu era pequena como tu, ignorava a significação desta solemnidade. Minha mãe que era muito religiosa e sabia todas estas cousas, m'a explicou assim :

⁂

Jesus acostumara-se desde creança a visitar Jerusalem pela festa da Paschoa. No anno da Paixão, elle, que desde o precedente andava pela Judéa, chegou depois dos outros peregrinos, quando já não o esperavam.

Havia algum tempo que os judeus receiosos da popularidade do Nazareno procuravam todos os meios de perdel-o.

Os phariseus odiavâm-no, porque presentiam o effeito da sua palavra nos corações puros e bons e ameaçavam com a mais severa punição quem delle se approximasse ou lhe escutasse a doutrina. Assim muitas almas timoratas,apezar de reconhecerem o seu thrar-se tocadas pelos exemplos de Jesus, não se atreviam a confessal-o com medo de serem expulsas da synagoga e desprezadas por todos.

Desta maneira, a cobardia, o medo levava-on a occultarem no mais recondito do coração—como o maior dos crimes—aquelles divinos impulsos.

Quantos espiritos limidos não vemos nós todos os dias, que, por um receio vão, por um futil preconceito de sociedade, subordinam-se ás opiniões de outrem, desde que da confissão das suas proprias idéas possa resultar-lhes um leve desgosto passageiro, uma censura ou mofa daquelles com quem convivem !

Jerusalém era incredula ás doutrinas do Christo, a os galileus eram alli desprezados.

Muitas vezes, no templo, Jesus era forçado a sustentar argumentações com ignorantes ou contradictores que em discussões cheias de astucias, constrangiam-lhe a rectidão do espirito tanto menos dado a controvesias quanto mais affeito era á simplicidade das conversações com os discipulos, á linguagem expressiva mente colorida que faz o encanto das suas judiciosissimas parabolas.

Entretanto desenvolvia sempre nos seus raciocinios toda a grandeza de um espirito superior.

Jesus não passava as noites em Jerusalem, mas no monte das Oliveiras a leste da cidade.

Havia daquelle lado uma aldeiasinha chamada Bethanea, á qual o mestre se afeiçoara—talvez pela singeleza dos seus habitantes, talvez porque lhe accordasse no espirito a lembrança risonha da sua amada Galiléa.

Na Bethanea viviam os tres irmãos—Martha, Maria e Lazaro—em cujos corações sensiveis e puros encontrou sempre Jesus o mais religioso affecto, a mais imperecivel crença.

O milagre da ressurrreição de Lazaro e o enthusiasmo crente do povo apressaram a resolução dos pontifices que passaram ordem de prisão contra o Nazareno.

Jesus já fallava aos discipulos no seu proximo fim.

No ultimo domingo antes da Paschoa desceu da Bethanea acompanhado pelos discipulos e muita gente do povo.

Avistando Jerusalem,ainda os seus olhos inundaram-se de lagrymas, provendo angustiosamente o quanto soffreria mais tarde a orgulhosa cidade.

Ao chegar em frente a Bethphagé mandou que fossem dois dos discipulos á visinha aldeia onde encontrariam uma jumenta presa ; que a desprendessem e a trouxessem acompanhada pela cria.

«E se alguem vos porguntar : Porque a soltais vós ? diz-lhe-eis : Porque o senhor deseja servir-se della.»

E os discipulos foram e fizeram tudo como elle disse.

Trouxeram a jumenta ; sobre ella estenderam os seus vestidos ; fizeram depois que Jesus a montasse, e, juncando a estrada de folhagens e ramos de arvoredo e levando outros ramos nas mãos, foram acompanhando o mestre...

«E para onde quer que elle passava, estendiam seus vestidos pelo caminho.»

Muita gente que estava em Jerusalem, sabendo que Jesus se approximava sahio a encontral-o com ramos de palmas nas mãos e juntando-se aos que vinham com elle clamavam todos : «Hosanna ! Bemdito seja o Rei do Israel que vem em nome do Senhor !»

E como ao entrar a comitiva na cidade todos que a viam porguntassem nivoroçados : Quem é! Quem é?

O povo dizia: Este é Jesus, o propheta de Nazareth na Galiléa.

ZALINA ROLIM.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

O sobrinho da autora era novamente retratado como seguidor da crença católica, sendo colocado como exemplo de virtuosidade para outras crianças. Além disso, o garoto servia de motivo para a personagem de sua avó contar a narrativa bíblica que envolvia a celebração que dava título ao conto, com o escrito sendo constituído quase em totalidade por uma paráfrase dos eventos que culminaram na entrada triunfal de Cristo em Jerusalém, sendo recebido pelos fiéis com ramos de plantas colocados em seu caminho.

> Sinhô voltou hoje da igreja trazendo nas mãos uma grande palma verde:
> – Sabes vovó? O altar está muito lindo, todo enfeitado de ramos verdes!... e o padre distribuiu palmas como esta minha a toda a gente que foi à missa. Por que será?
> – Porque é hoje o domingo de ramos, meu filho (*Correio Paulistano*, 28 mar. 1893).

A avó do menino traçava a representação de uma mulher longeva temente ao Deus cristão, que aprendera a respeitar e a divulgar os ritos religiosos, ensinando ao neto sobre aquela data especial. Junto a Sinhô, ela também doutrinava os pequenos leitores ou os filhos dos leitores daquele jornal, reforçando a boa imagem moral de Rolim. O conto, entretanto, não pareceu agradar a todos os leitores, tendo em vista a crítica feita na coluna "Através da imprensa" presente no jornal *O Comércio de São Paulo*, na edição de 29 de março de 1893, dia seguinte à publicação da narrativa no *Correio*:

> Conto, é um modo de dizer: algumas palavras a respeito da entrada de Jesus em Jerusalém [...] considerações em que vem os nomes *fariseu*, *Judeia*, *preconceito da sociedade*, *Betânia*, *Galileia*, *Betfagé*, etc., tudo para que Sinhô ficasse sabendo o que era domingo de Ramos.
> De certo Sinhô não entendeu nada, porque a avó falou muito e difícil, sem ao menos tomar fôlego.
> A sra. Zalina Rolim, no final do seu conto, devia dizer que Sinhô pegara no sono com a lenga-lenga da velha.
> Mas de toda aquela narração bíblica, fica-se sabendo uma coisa apenas: que a avó de Sinhô não sabe colocar os pronomes. Talvez seja defeito que já viesse da tataravó (*O Comércio de São Paulo*, 29 mar. 1893).

A nota sem assinatura denunciava o caráter excessivamente educativo do conto, indicando inclusive que não seria de fácil compreensão ou interessante para as crianças. Em análise mais formal, a coluna também apontava, de maneira irônica, que a autora precisaria melhorar no tocante ao emprego de pronomes. Nas páginas da imprensa, espaço de grande multiplicidade discursiva, a produção de Rolim era publicada ao mesmo tempo em que poderia

ser elogiada ou reprovada por editores ou leitores. O comentário mencionado pode ter sido apreendido ou não pela autora, mas o que se sabe é que ela, com o passar do tempo, aperfeiçoou o seu trabalho direcionado à infância, incluindo em seus escritos elementos de aproximação e de atração desse público.

A colaboração da autora foi retomada na edição de 25 de maio de 1893, com a publicação do soneto "Japonesa" e do conto "Na roça" na primeira página do *Correio Paulistano*. Os dois escritos em muito diferiam em relação ao conteúdo, com o poema tratando da imagem de uma mulher japonesa e a narrativa curta descrevendo uma paisagem rural.

JAPONESA

Fina e delgada como um vime, o rosto
Quase infantil de uma esquisita graça;
Risos na boca, onde nenhum desgosto
Pousa ligeiro ou rápido esvoaça.

Veste roupão de seda onde um composto
De variegadas cores se entrelaça,
E vai aos goles saboreando o gosto
Do chá que aloura a pequenina taça.

E vendo-lhe o perfil gracioso e leve,
O feiticeiro encanto e a boca breve
D'onde um perfume tépido se evola

Sonho-a – modelo de pintor discreto,
O porte, a graça e o delicioso aspecto
Na gaze branca de uma ventarola.
(*Correio Paulistano*, 25 mai. 1893)

A composição traçava uma representação estereotipada e limitada da mulher oriental, sendo descrita com aparência infantil, vestindo trajes de seda e tomando chá. Mesmo tentando imprimir uma imagem positiva de tal figura, descrevendo-a como delicada e pura, inclusive colocando-a nos últimos versos como o sonho estético de um pintor, Zalina Rolim também lhe entregava uma visão ocidentalizada que evidenciava algo desconhecido ou estranho desde a primeira estrofe, quando apontava que ela teria uma "esquisita graça". A mulher japonesa era colocada no poema como ser pitoresco e mistificado, cujos costumes e traços étnicos causavam estranhamento e curiosidade.

Figura 74 – Publicação do poema "Japonesa" no jornal *Correio Paulistano*, em 1893.



CORREIO PAULISTANO

ORGAM REPUBLICANO

JAPONEZA

Fina e delgada como um vime, o rosto
Quasi infantil de uma exquisita graça ;
Risos na bocca, onde nenhum desgosto
Pousa ligeiro ou rapido esvoaça.

Veste roupão de seda onde um composto
De variegadas côres se entrelaça,
E vae aos goles saboreando o gosto
Do chá que aloura a pequenina taça.

E vendo-lhe o perfil gracioso e leve,
O feiticeiro encanto e a bocca breve
D'onde um perfume tépido se evóla

Sonho-a—modelo de pintor discreto,
O porte, a graça e o delicioso aspecto
Na gaze branca de uma ventarola.

ZALINA ROLIM.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Tal escrito mostrava o contato da autora com outra cultura até então desconhecida da grande maioria dos brasileiros, visto que, no final do século XIX, as relações diplomáticas ainda estavam sendo construídas entre Brasil e Japão, com a comunidade nipônica ainda não participando do noticiário dos periódicos. Com o objetivo de angariar mão de obra barata, o governo nacional acabaria abrindo negociações para a vinda de imigrantes japoneses, num processo que se concretizaria em 1908, com a chegada do navio Kasato Maru, em Santos, na região litorânea de São Paulo (CARNEIRO; TAKEUCHI, 2010).

Já a narrativa acompanhava a descrição de um ambiente campestre visto de dentro de uma carroça na estrada. Havia a indicação de que o conto teria sido composto em Itapetininga, fazendo entender que Rolim teria inspirado suas linhas na paisagem interiorana que vislumbrou durante aquela visita, feita no mês anterior à publicação. A autora utilizava o mesmo título da crônica de Ezequiel Freire que havia apresentado seus versos no jornal *A Província de São Paulo*.

> E o carro vai rodando, rodando asperamente ao lento caminhar dos bois...
> A cada passo vai se alargando a paisagem em rápidas mutações: aqui um tufo de arvoredo, numa velha chácara; laranjeiras vergando ao peso dos frutos cujos tons verde-claros já se confundem, transformando-se aos poucos, com as primeiras tintas amarelas (*Correio Paulistano*, 25 mai. 1893).

A autora traçava um sutil contraste entre a velocidade das grandes cidades e a morosidade da vida no campo, tentando sempre assinalar a superior beleza e a calmaria advinda dos elementos naturais que formavam o cenário rural. Todavia, ela também descrevia os imóveis daquela região de maneira a acentuar a classe social de seus moradores, claramente diferenciando-os dos comumente encontrados nos grandes centros urbanos, como a própria capital paulista.

> Agora um povoado rústico; aqui, acolá casinhas de madeira e barro vermelho, cujo interior tranquilo o sol espreita pelas multiplicadas fendas. Umas cobertas de telhas, outras, a maior parte, ranchinhos de sapé com uma porta de entrada e uma janelinha única, pequena, tão pequena que mal dará espaço a um franzino busto de mulher.
> (*Correio Paulistano*, 25 mai. 1893).

Figura 75 – Publicação do conto “Na roça” no jornal *Correio Paulistano*, em 1893.



CORREIO PAULISTANO

ORGAM REPUBLICANO

ANNO XXXIX | BRAZIL—São Paulo—Quinta-feira, 25 de Maio de 1883 | N. 10.980

JAPONEZA

FOLHETIM

PIQUILLO ALLIAGA

NA ROÇA

NA ROÇA

Ampla e larga, num reverberamento de luz reflexa desenrola-se a estrada.

Em roda a planicie, o campo já meio amarellecido pela approximação do inverno mas ainda pontilhado de flôres.

Longe ondulações de collinas, leves planaltos, encostas verdes... mal se avista o rio por entre as margens barrancosas onde cresce o matto e se desdobra o velludo fresco da vegetação rasteira.

E o carro vai rodando, rodando asperamente ao lento caminhar dos bois...

A cada passo vai se alargando a paysagem em rapidas mutações: aqui um tufo de arvoredo, numa velha chacara; larangeiras vergando ao peso dos fructos cujos tons verde-claros já se confundem, transformando-se aos poucos, com as primeiras tintas amarellas. Pelo telhado da casa esvoaçam pombos...

Além o espelho nitido de uma pequena lagôa e, muito longe, recortando a linha do horizonte um trecho de matto por onde o caminho se intromette.

A' beira do banhado, pios agudos entrecortados, e as perdizes levantam o vôo n'um rumor macio, sacudindo as azas.

Ao sopé das collinas pasta o gado, pondo manchas de varias côres na verdura uniforme do campo.

Ao passar o carro pela orla das pastagens uma ou outra novilha curiosa levanta a cabeça, estendendo o pescoço n'um mugido prolongado que se dilata pelas profundezas do horizonte...

Agora um povoado rustico; aqui, acolá casinhas de madeira e barro vermelho, cujo interior tranquillo o sol espreita pelas multiplicadas fendas. Umas cobertas de telhas, outras, a maior parte, ranchinhos de sapé com uma porta de entrada e uma janellinha unica, pequena, tão pequena que mal dará espaço a um franzino busto de mulher.

A's portas apparecem rostos corados de camponios fortes, sadios e carinhas alegres de crianças bonitas que acompanham com os olhos, n'uma admiração risonha o carro que vêm todos os dias carregado de lenha e que vai agora todo enfeitado e calita, cheio de moças, pelo campo fora...

Ligando entre si os pequeninos casebres, trilhosinhos estreitos que se alargam em frente ás portas num terreiro quadrangular, varrido de fresco por onde gallinhas passeiam remechendo a terra e agitando a espaço as fôfas azas penugentas.

Grandes moitas de pitteiras de um verde carregado; arvoreiras copadas cujos cachos rubros o vento sacode despencando as baquinhas vermelhas que rolam pelo chão como uma chuva de coraes.

Pelas cercas de arame a trepadeira de S. João desabotôa as primeiras flôres de um amarello tostado, côr de laranja madura, e, em grinaldas de folhagem, por toda a parte se estende.

Ao fim do povoado, á beira da estrada um verde milharal agitando as folhas esguias, ponteagudas num sussurro brando de cannas flexiveis. Após, outra roça de milho quasi madura já; as espigas amarelladas, completamente despidas da farta cabelleira ondeante...

Param os bois... é a porteira do outro lado da ponte, que o carreiro vae abrir e que range monotonamente, indo bater de encontro aos morões da cerca,

Ainda um trechosinho do campo. Agora o matto, o capoeirão cerrado, rescendente, sombrio,—entrelaçado de cipós, florido de parasitas azues, brancas, escarlates,—em cujo solo humido as rodas vão deixando sulcos luzidios.

Aqui os bois caminham ainda mais vagarosamente, aspirando o cheiro saudave das plantas.

Borboletas brancas, aos pares voejam tremulamente, recortando o matto, sem pousar nas folhas...

Mais alguns passos... e eis-nos de novo no campo.

Já se avista o sitio no alto, uma casa branca e risonha, num fundo de arvoredo novo.

A' direita o monho onde a agua cahindo na roda, num barulho alegre, resalta em mil fulgurações de pedras raras.

A' esquerda o monjolo quebrando o milho no bater compassado do grande pilão de madeira pesada.

...Atravessamos a lagoa da entrada e pára o carro num ultimo solavanco.

Declina o sol. Além pelas quebradas muge o gado melancholicamente e no alto da cerca, vibrante, num tremolo harmonioso, canta um passaro selvagem.

Itapetininga—Abril, 1893.

ZALINA ROLIM.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

O conto demarcava a simplicidade daquele local, bem como o seu povo humilde, que acompanhava o carro guiado por bois com o olhar:

> Às portas aparecem rostos corados de campônios fortes, sadios e carinhas alegres de crianças bonitas que acompanham com os olhos, numa admiração risonha o carro que vem todos os dias carregado de lenha e que vai agora todo enfeitado e catita, cheio de moças, pelo campo fora... (*Correio Paulistano*, 25 mai. 1893).

A referida carroça que guiava a narrativa se tratava de um veículo usado para carregar lenha, mas que então estava a transportar moças, dando a entender que poderia ser a mesma condução tomada por Rolim em seu passeio a Itapetininga.

> Mais alguns passos... e eis-nos de novo no campo.
> Já se avista o sítio no alto, uma casa branca e risonha, num fundo de arvoredo novo. [...] Atravessamos a lagoa da entrada e para o carro num último solavanco.
> Declina o sol. Além pelas quebradas muge o gado melancolicamente e no alto da cerca, vibrante, num trêmulo harmonioso, canta um pássaro selvagem (*Correio Paulistano*, 25 mai. 1893).

O narrador à primeira vista de terceira pessoa logo se revelava de primeira pessoa, sendo um dos passageiros do carro de bois, possivelmente a própria Zalina. Após grande exaltação à paisagem, chegava-se ao destino da viagem: um sítio no alto de uma colina. Ao final do conto, ainda era salientada a presença de um pássaro selvagem, simbolizando a liberdade que aquele lugar oferecia aos seus visitantes. Mesmo não tendo tanto contato com a realidade simples dos habitantes do campo, pertencendo à elite, a autora demonstrava notável predileção em tratar do ambiente bucólico em seus escritos, talvez pelo apego ao ritmo mais lento das cidades interioranas em que sempre viveu, também veiculando uma perspectiva idealizada pautada em nostalgia.

Rolim retornou ao *Correio Paulistano* em 12 de julho de 1893, com a publicação do soneto “Mãe”. Os versos publicados na primeira página retomavam a temática do amor materno:

> MÃE
>
> Vê-se que é jovem mãe ou sente-se antes
> Que a criancinha é dela: um raio lindo
> De amor vai-lhe a cabeça ideal cingindo

Como um diadema raro de brilhantes.

Num amoroso olhar, beijos de amantes
Corações juvenis, num gosto infindo,
Tem a doçura que ela tem sorrindo
Do anjinho às meigas falas balbuciantes.

Nada fora dali... Santa e fagueira
Sente-se arfar, viver sua alma inteira
No pequenino ser que ela acarinha.

– Tenha aos seus olhos todo o mundo exposto
E ela nem mesmo voltará seu rosto
Do ingênuo e doce olhar da criancinha.
(*Correio Paulistano*, 12 jul. 1893)

A referida composição apresentava o primeiro contato de uma mãe com o seu bebê. A figura feminina tinha a sua felicidade atrelada totalmente à presença do filho, com aquele pequeno ser enchendo-lhe de amor. O escrito aparecia assinado apenas com as iniciais do nome da autora.

Figura 76 – Publicação do poema “Mãe” no jornal *Correio Paulistano*, em 1893.



CORREIO PAULISTANO
ORGAM REPUBLICANO
ANNO XL — BRAZIL--São Paulo--Quarta-feira, 12 de Julho de 1893 — N. 11.018

MÃE

Vê-se que é jovem mãe ou sente-se antes
Que a creancinha é della; um raio lindo
De amor vae-lhe a cabeça ideal cingindo
Como um diadema raro de brilhantes.

Num amoroso olhar, beijos de amantes
Corações juvenis, num goso infindo,
Têm a doçura que ella tem sorrindo
Do anginho ás meigas falas balbuciantes.

Nada fóra d'ali... Santa e fagueira
Sente-se arfar, viver sua alma inteira
No pequenino sêr que ella acarinha.

—Tenha aos seus olhos todo o mundo exposto
E ella nem mesmo voltará seu rosto
Do ingenuo e doce olhar da creancinha.

Z. R.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Na conexão formada a partir do olhar, a criança parecia guardar a alma da figura materna de forma integral, evidenciando o poder que exercia sobre ela, tomando toda a sua atenção. A autora mais uma vez traçava uma representação idealizada da mulher mãe, colocada em completa devoção ao filho, completamente arrebatada por sua presença. O poema em questão evidenciava o imaginário romântico de uma jovem escritora que provavelmente ansiava em ser mãe, conforme a formação moral que recebera, propiciando que cumprisse o papel social de seu gênero. Tal sonho, entretanto, como tratado no capítulo anterior, não se concretizaria, algo que seria antecipado pela tônica melancólica que ela ligava ao elemento da maternidade em alguns escritos.

Rolim tornou a colaborar com a folha diária em 28 de julho de 1893. Seu poema "O ninho" saiu na primeira página do jornal, apresentando um arranjo formal diferenciado e focado em elementos simbólicos caros à sua produção literária: o pássaro e o ninho.

O NINHO

A história deste ninho, escura e tétrica
Vais sabe-la, anjo meu;
Contou-m'a outrora um prisioneiro alígero,
Esse ninho era o seu.

É comovente, antes de ouvi-la escuta-me.
– Se a negra tentação
Levar-te um dia a maltratar os pássaros
Lembra-te dela então.

Falou-me assim num dolorido cântico
Essa animada flor,
– E o seu gorjeio era um queixume e óleo,
Um soluço de dor:

***

"Foi de manhã; manhã serena e límpida,
Clara, tranquila e boa.
Disse-me a companheira: – amigo, eleva-te,
Sacode as asas, voa...

Vai procurar aos nossos filhos ávidos
Um alimento são. –
Eram três pequeninos frágeis, tímidos,
Todo o meu coração.

Parti num voo audacioso e rápido
À voz do meu amor;

Fui procurar insetos, grãos... Solícito.
Pelos campos em flor

Tudo nessa manhã formosa e pérfida
Era um hino de luz!
Bem sabes como a natureza mágica
Aos artistas seduz...

Fui seduzido à misteriosa música;
A magia do ar
Tolheu-me o voo e quedei-me entusiástico
A cantar, a cantar...

Passou-se o tempo, e apaixonado e estático
No meu canto gentil
Saudei o sol, a planta, os rios múrmuros,
Num enlevo febril.

Quando voltei, ah! crueldade bárbara!
Ninguém viu-me chegar;
Um silêncio de morte estranho e lúgubre
Em torno do meu lar;

Penas dispersas... o meu ninho plácido
Vazio entre os ramais;
E a companheira, e os meus filhinhos cândidos
Não os vi nunca mais.

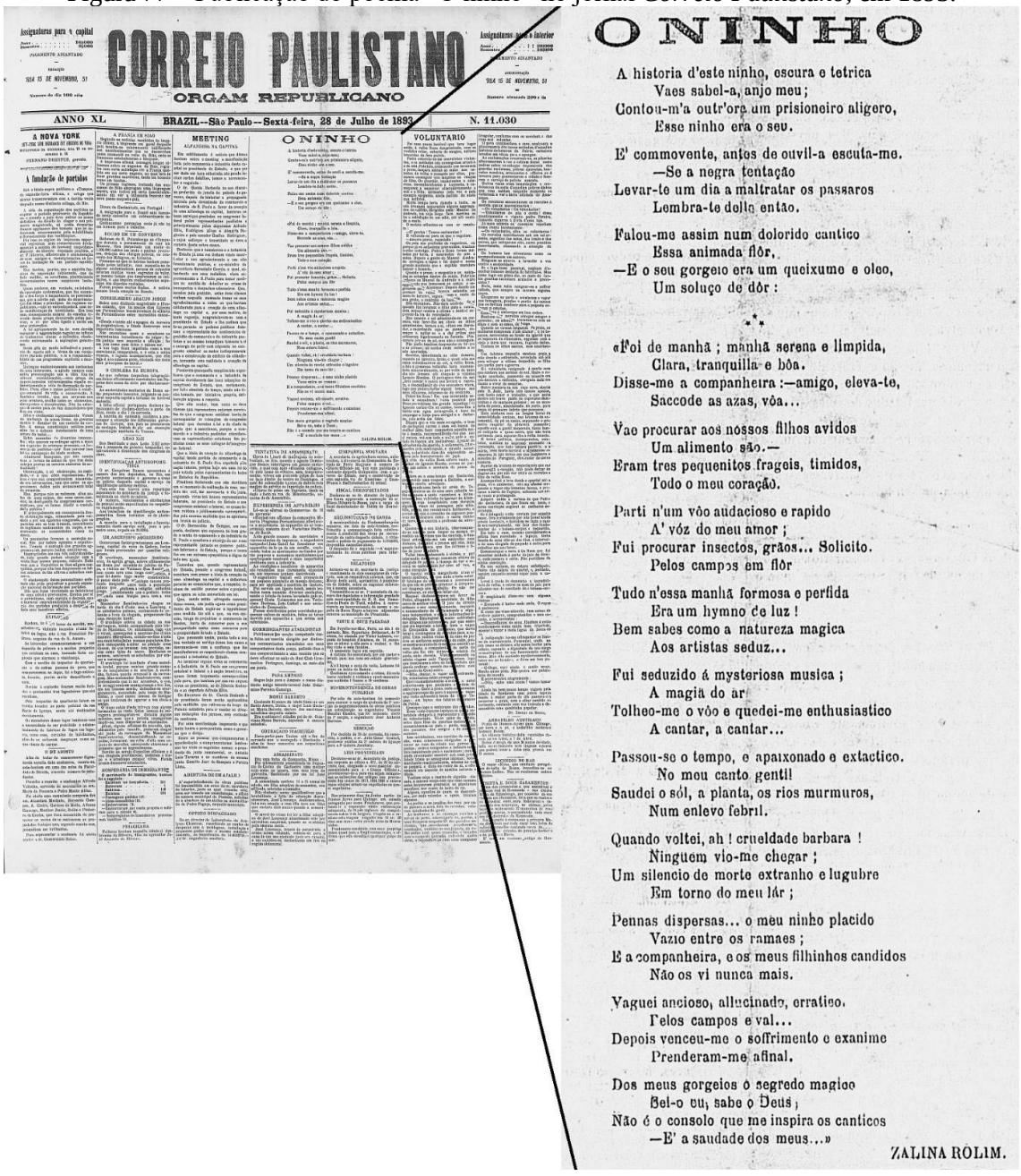
Vaguei ansioso, alucinado, errático,
Pelos campos e val...
Depois venceu-me o sofrimento e exânime
Prenderam-me afinal.

Dos meus gorjeios o segredo mágico
Sê-lo eu, sabe o Deus,
Não é o consolo que me inspira os cânticos
– É a saudade dos meus..."
(*Correio Paulistano*, 28 jul. 1893)

Diferente das outras amostras publicadas naquele jornal, tal escrito, mesmo fazendo parte do montante a ser editado em livro, não veiculou a indicação de que posteriormente sairia em *O coração* (1893). A longa composição agrupava decassílabos alternados com hexassílabos em treze quadras, seguindo um esquema de rimas em ABAB, combinando os primeiros e os terceiros versos com rimas esdrúxulas (entre palavras proparoxítonas). Em alguns momentos, a autora utilizou rimas raras, formadas por adjetivos e substantivos conciliados com verbos e pronomes, como com "escuta-me" e "pássaros", na segunda estrofe. O arranjo diferenciado se atrelava ao possível público a que o poema se destinava: os pequenos leitores. Ao seu início, um eu lírico parecia tentar repreender um interlocutor a respeito da tentação que este teria em

voltar a maltratar pássaros, desenvolvendo a seguir uma historieta em versos centrada em um ninho que fora atacado. A voz poética passava então a ser do pássaro que morava naquela estrutura, contando o que sucedera em seu passado.

Figura 77 – Publicação do poema “O ninho” no jornal *Correio Paulistano*, em 1893.



CORREIO PAULISTANO
ORGAM REPUBLICANO
ANNO XL
BRAZIL--São Paulo--Sexta-feira, 28 de Julho de 1893
N. 11.030

O NINHO

A historia d'este ninho, escura e tetrica
Vaes sabel-a, anjo meu;
Contou-m'a outr'ora um prisioneiro aligero,
Esse ninho era o seu.

E' commovente, antes de ouvil-a escuta-me.
—Se a negra tentação
Levar-te um dia a maltratar os passaros
Lembra-te delle então.

Fulou-me assim num dolorido cantico
Essa animada flôr,
—E o seu gorgeio era um queixume e oleo,
Um soluço de dôr:

* * *

«Foi de manhã; manhã serena e limpida,
Clara, tranquilla e bôa.
Disse-me a companheira:—amigo, eleva-te,
Saccode as azas, vôa...

Vae procurar aos nossos filhos avidos
Um alimento são.—
Eram tres pequenitos frageis, timidos,
Todo o meu coração.

Parti n'um vôo audacioso e rapido
A' vóz do meu amor;
Fui procurar insectos, grãos... Solicito.
Pelos campos em flôr

Tudo n'essa manhã formosa e perfida
Era um hymno de luz!
Bem sabes como a natureza magica
Aos artistas seduz...

Fui seduzido á mysteriosa musica;
A magia do ar
Tolheo-me o vôo e quedei-me enthusiastico
A cantar, a cantar...

Passou-se o tempo, e apaixonado e extactico.
No meu canto gentil
Saudei o sól, a planta, os rios murmuros,
Num enlevo febril.

Quando voltei, ah! crueldade barbara!
Ninguem vio-me chegar;
Um silencio de morte extranho e lugubre
Em torno do meu lár;

Pennas dispersas... o meu ninho placido
Vazio entre os ramaes;
E a companheira, e os meus filhinhos candidos
Não os vi nunca mais.

Vaguei anciosa, allucinada, erratica,
Pelos campos e val...
Depois venceu-me o soffrimento e exanime
Prenderam-me afinal.

Dos meus gorgeios o segredo magico
Sel-o eu, sabe o Deus;
Não é o consolo que me inspira os canticos
—E' a saudade dos meus...»

ZALINA ROLIM.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

O ninho traçava uma alegoria com o próprio ambiente doméstico da elite, representando um lugar de felicidade e acolhimento, com a sua dinâmica interna também imitando os papeis sociais humanos: a figura feminina ficava em casa a cuidar dos filhos enquanto a figura masculina desempenhava o trabalho externo de provedor, com sua ausência sendo ligada à

insegurança do lar. O componente do pássaro ainda poderia se associar à magia advinda do contato livre com a natureza, visto que a ave perdia a noção do tempo ao se deparar com uma paisagem campestre, a mesma que, aos olhos de Zalina Rolim, seduzia e inspirava os artistas.

De volta ao *Correio Paulistano* em 8 de novembro de 1893, a escritora publicou o soneto "Irremediável", que evocava o contato verbal entre um eu lírico e o seu coração:

IRREMEDIÁVEL

Não te aprisiones, coração, medita
Que assim como tu és livre e sozinho,
Se não te aquece o perfumado ninho
O amor, nem mágoa o seio teu visita.

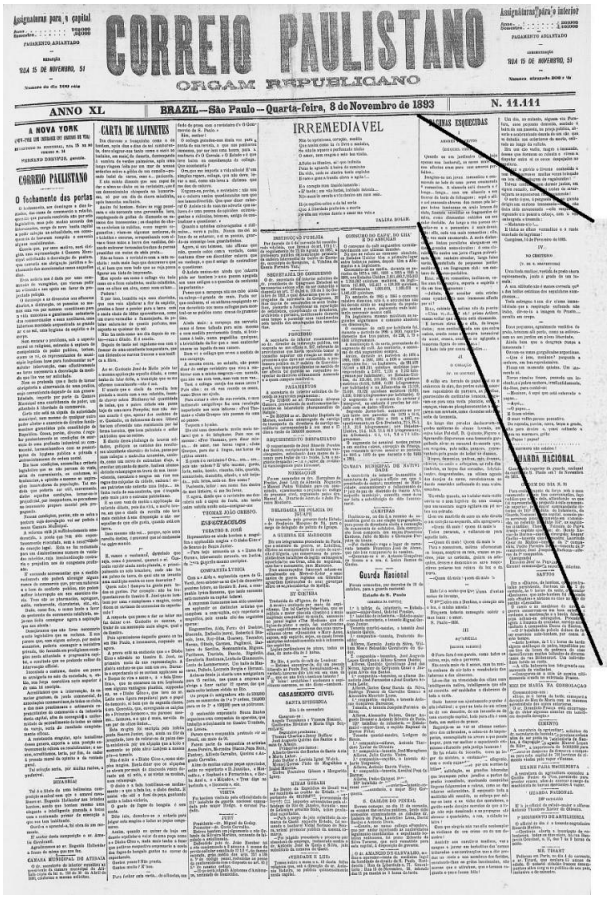
Afeito às ilusões, ai! que infinita
Pena te aguarda à beira do caminho
Da vida, onde se alastra tanto espinho
E raro o gozo a fronde eleva e agita!...

E o coração num tímido lamento:
"É tarde; em vão lutei, baldado intento...
Não mais te escuto a voz dentro em meu seio.

Hoje cativo estou e de tal sorte
Que à liberdade preferira a morte
Se ela me viesse donde o amor me veio."
(*Correio Paulistano*, 8 nov. 1893)

A voz poética advertia o órgão personificado a manter-se sozinho e em liberdade. Conservando-se longe do amor, o coração também estaria isento de dor e ilusão. Todavia, ele respondia ser tarde para tal intento, visto que já se encontrava cativo.

Figura 78 – Publicação do poema "Irremediável" no jornal *Correio Paulistano*, em 1893.



CORREIO PAULISTANO

ORGAM REPUBLICANO

ANNO XL | BRAZIL—São Paulo—Quarta-feira, 8 de Novembro de 1893 | N. 11.111

IRREMEDIAVEL

Não te aprisiones, coração, medita
Que assim como tu és livre o sosinho,
Se não te aqueces o perfumado ninho
O amor, nem magoa o seio teu visita.

Affeito ás illusões, ai! que infinita
Pena te aguarda á beira do caminho
Da vida, onde se alastra tanto espinho
E raro o goso a frondo eleva e agita!...

E o coração num timido lamento:
« E' tarde; em vão luctei, baldado intento...
Não mais te escuto a vóz dentro em meu seio.

Hoje captivo estou e de tal sorte
Que á liberdade preferira a morte
Se ella me viesse donde o amor me veio.»

ZALINA ROLIM.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Alguns elementos se destacavam no poema, como o uso de "ninho" para designar o lugar onde o coração se abrigava no peito do eu lírico, bem como a intensidade do amor, que seria maior que a liberdade e equivalente à morte. Ao não mais ouvir o seu proprietário, o coração assumia uma postura independente, que não respeitava pedidos ou conselhos, reforçando a ideia de que o amor era indomável, irremediável como indicado no título, possuindo grande poder em quem o sentia.

Em 18 de novembro de 1893, outro soneto de Zalina Rolim saia na primeira página do *Correio*. O poema "No álbum de Adelina Vieira", entretanto, caracterizava uma republicação, visto que havia sido publicado um mês antes na revista literária *O Álbum*, do Rio de Janeiro. Tal composição será estudada mais adiante ainda nesta seção. O soneto "Véspera de noivado" continuou a colaboração de Rolim no jornal em questão, saindo na primeira página da edição de 3 de dezembro de 1893. A composição descrevia o despertar de uma moça de elite em seu quarto, provavelmente na ocasião apontada no título:

VÉSPERA DE NOIVADO

Desperta e os olhos abre de mansinho, –

– Olhos azuis de virginal candura –
Contempla o leito e entre os lençóis de linho
Mais alva que os lençóis a própria alvura;

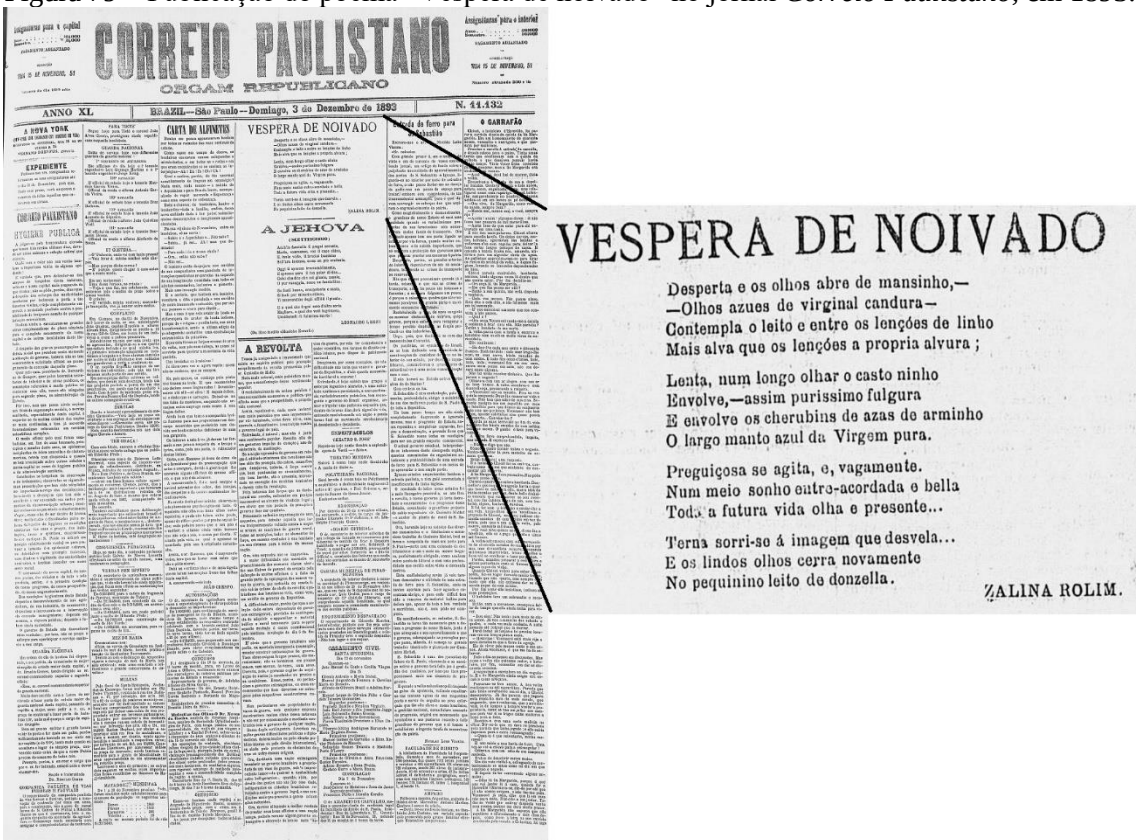
Lenta, num longo olhar o casto ninho
Envolve, – assim puríssimo fulgura
E envolve os querubins de asas de arminho
O largo manto azul da Virgem pura.

Preguiçosa se agita, e, vagamente.
Num meio entre-acordada e bela
Toda a futura vida olha e presente...

Terna sorri-se à imagem que desvela...
E os lindos olhos cerra novamente
No pequenino leito de donzela.
(*Correio Paulistano*, 3 dez. 1893)

Os versos pareciam revisitar o poema "Croquis", colocando a jovem anteriormente retratada agora prestes a se casar. Demonstrando-se feliz em relação ao futuro, ela contemplava os detalhes de sua alcova, incluindo a imagem da Virgem coberta por um manto azul e rodeada de querubins. Tal imagem santa, para além do apelo cristão da lírica da autora, voltava a ressaltar a castidade da figura feminina, a maior virtude esperada às noivas de então.

Figura 79 – Publicação do poema "Véspera de noivado" no jornal *Correio Paulistano*, em 1893.



CORREIO PAULISTANO
ORGAM REPUBLICANO
ANNO XL — BRAZIL—São Paulo—Domingo, 3 de Dezembro de 1893 — N. 11.132

VESPERA DE NOIVADO

Desperta e os olhos abre de mansinho,—
—Olhos azues de virginal candura—
Contempla o leito e entre os lençóes de linho
Mais alva que os lençóes a propria alvura ;

Lenta, num longo olhar o casto ninho
Envolve,—assim purissimo fulgura
E envolve os cherubins de azas de arminho
O largo manto azul da Virgem pura.

Preguiçosa se agita, e, vagamente.
Num meio sonho entre-acordada e bella
Toda a futura vida olha e presente...

Terna sorri-se á imagem que desvela...
E os lindos olhos cerra novamente
No pequinino leito de donzella.

ZALINA ROLIM.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

A pureza da moça, inclusive, era constantemente enfatizada nos versos, com a sua aparência seguindo o padrão de beleza branco então estabelecido. A demarcação social era evidente, com a donzela envolta em lençóis de linho de um aconchegante leito típico de filhas da elite. Zalina Rolim traçava uma representação romântica da mulher de elite prometida em casamento, idealizada em sua candura. O seu porvir atrelado à função social de esposa não seria encarado com incerteza ou tristeza, mas aguardado com satisfação e aprazimento.

Na véspera de natal de 1893, a escritora publicou novo conto sobre aquela celebração de fim de ano. Ela novamente envolveu a narrativa em uma tônica religiosa, dessa vez evidenciando a sua visão acerca da propagação da fé cristã entre negros escravizados. Tendo uma casa na roça como cenário, a ação de "As flores da morta" se desenvolvia na noite de natal, pouco antes da meia noite, quando uma voz em primeira pessoa, provavelmente de alguma criança de elite, relatava ter solicitado que uma velha ex-escravizada, chamada de "tia Joana", contasse histórias de seu passado: "Tia Joana contava muito bem as suas histórias, tinha um dom especial para dar colorido, expressão graciosa a qualquer narrativa muito simples. Gostava imenso de falar na sua mocidade, nas festas daquele tempo" (*Correio Paulistano*, 24 dez. 1893). O narrador de aparente gênero feminino indicava estar acompanhado de mais pessoas em sua solicitação, talvez outras meninas de sua família:

> Sentamo-nos à beira da casa, numas grandes pedras desiguais que ali existiam desde muitos anos e onde era costume, à tardezinha, quando a sombra se estendia pelo terreiro, assentarem-se os velhos vendo chegar a gente de trabalho, enquanto, além, no rancho do paiol entre risadas e cochichos a crioulada debulhava o milho (*Correio Paulistano*, 24 dez. 1893).

A estrutura social escravocrata se fazia latente na descrição de Rolim, com a lembrança da elite atrelada à imagem de senhores a observar o trabalho do grupo de escravizados. A respeito desse tempo pregresso, a personagem Joana se demonstrava nostálgica quando questionada a respeito da festividade natalina:

> – Ah! meninas nem eu quero me lembrar dessas coisas... Pois não há de causar tristeza para quem já tem vivido como eu, ver a diferença dos nossos dias?! Hoje o mundo está mudado, a era está cansada; ninguém mais tem religião nem acredita nas coisas santas. Tenho visto tanta coisa, tanta que não me admiram nada essas guerras e barulhos que rebentam por toda a parte... Festas do meu tempo não se comparam às de hoje. E o Natal, então!... eu que o diga... (*Correio Paulistano*, 24 dez. 1893).

A autora representava na figura da ex-escravizada o valor da tradição no culto ao nascimento de Cristo, retratando o resultado da imposição religiosa exercida pela Igreja Católica no processo de implantação e manutenção da escravidão negra africana no Brasil. Mesmo com forte resistência, parte considerável do povo negro escravizado foi submetido à ação evangelizadora, acabando por seguir a fé cristã, cuja doutrina era utilizada para justificar o seu lugar social inferior naquele sistema de exploração humana. O saudosismo de Joana também se relacionava ao mito da escravidão branda, com Rolim tentando imprimir ao seu conto uma falsa ideia de equidade ou equilíbrio social pacífico entre senhores e escravizados:

> – Eu nunca tive mãe, que me lembre; fui comprada em pequenina e desde então fiquei na mesma família, que sempre me tratou com estimação e bondade. Se andei de uma casa para outra foi porque passei de pais a filhos e de filhos a netos até chegar onde estou hoje...
> – Mas hoje você é livre, tia Joana...
> – Sim, meninas, mas a gente que tem coração é livre algum dia? Eu, por mim, acho que o amor prende mais do que qualquer outro cativeiro. Quanto mais afeto se tem para empregar, mais cativo se fica, e deste cativeiro não há esperança de liberdade e nem coração que a deseje... (*Correio Paulistano*, 24 dez. 1893).

A postura de resignação da personagem, falando com aparente carinho do tratamento que recebera da família que a comprou, aceitando a condição de bem deixado de herança por várias gerações, evocava uma perspectiva falaciosa a respeito do tratamento oferecido aos escravizados, suavizando o seu padecimento. Além disso, a insensata comparação entre a resiliência do amor e o cerceamento da liberdade para os escravizados deixava clara a mentalidade limitada de uma escritora de lugar social privilegiado, que não teria real noção acerca da brutal repressão sofrida pelos negros e tantos outros povos reduzidos, na prática escravagista, a mera mercadoria, sofrendo toda sorte de abusos físicos, morais, psíquicos e sexuais.

Joana deixava entender que nunca estaria livre da família que a adquirira simplesmente por amá-la, mesmo que ela a tenha tratado por toda a vida em desigualdade. Rolim ajudava a perpetuar a estrutura de poder da classe branca de elite ao colocar a personagem em questão ainda chamando respeitosamente a sua antiga proprietária de “senhora”, reforçando a sua posição subalterna, mesmo alforriada. Todavia, é válido ressaltar que tal visão ilusória acerca da índole benevolente do senhorio escravocrata era bastante defendida e difundida entre as elites no final do século XIX, com a escritora difundindo preceitos que certamente boa parte dos leitores e editores do *Correio Paulistano* endossava. Apesar de declarar-se liberal em suas primeiras edições, por alguns anos, devido a uma decadência financeira, o jornal aderiu a ideais

conservadores, sendo contra o abolicionismo em total cumplicidade com aristocratas da época. A mesma folha que antes divulgou inúmeros anúncios de compra e venda de escravizados, todos envolvendo descrições pejorativas, bem como noticiava a fuga de cativos por ordem de proprietários escravocratas, tentava agora reforçar a imagem cordial destes senhores de escravizados.

Voltando à narrativa, Joana relatava haver no sítio de seu primeiro senhor uma capela dedicada ao menino Jesus, a qual sempre dedicava oferendas. No ano em que preparara uma toalhinha de crivo para oferecer em tributo, aconteceu de ela ceder tal presente em solidariedade a uma companheira morta:

> Aconteceu então que um dia, nos princípios de Dezembro foi encontrada morta nas pedras da cachoeira grande a escrava Cecília – uma desgraçada que vivia de castigo pela sua má cabeça e gênio arrebatado. Falou-se muito que ela mesma procurara a morte e não lhe queriam dar sepultura na terra santa do cemitério.
> Eu tinha visto, muitas vezes, desde pequena, quando alguém morria cobrirem-lhe o rosto com um lenço de cambraia. Cecília não tinha filhos, ninguém que se interessasse por ela, e eu que também não tinha mãe ou alguém que por mim se interessasse, tive pena e fui buscar a minha rica toalhinha – tão alva e bonita entre rosas desfolhadas no fundo da minha caixa... e o crivo que eu tecera com tanto amor para os divinos pés de Jesus foi cobrir o rosto da morta (*Correio Paulistano*, 24 dez. 1893).

A escravizada de nome Cecília fazia um contraponto ao perfil de Joana, sendo morta em possível fuga do regime que a oprimia. Ela era descrita como uma insubordinada que procurara aquele trágico fim, visto que não conseguira controlar a sua rebeldia.

Figura 80 – Publicação do conto “As flores da morta” no jornal *Correio Paulistano*, em 1893.



CORREIO PAULISTANO

ORGAM REPUBLICANO

ANNO XL | BRAZIL — São Paulo — Domingo, 24 de Dezembro de 1893 | N. 11.149

As flores da morta

Na roça.

Vespera de Natal.

Pouco faltaria para meia noite.

Emquanto esperavamos pela ceia cujo approximação denunciava o appetitoso aroma vindo da cosinha, acompanhado pelo tinir alegre de louças entrechocadas, pedimos á tia Joanna—uma velha ex-escrava da casa—que nos contasse histórias das suas tempos de moça.

A noite estava muito calma e de uma temperatura deliciosa.

O luar apparecera ha pouco por entre as arvores do velho pomar.

Sentamo-nos á beira da casa, numas grandes pedras desiguaes que alli existiam desde muitos annos e onde era costume, á tardesinha, quando a sombra se estendia pelo terreiro, assentarem-se os velhos vendo chegar a gente de trabalho, emquanto, além, no rancho do paiol entre risadas e cochichos a criôulada debulhava o milho.

O luar subindo sempre, entrava pela casa a dentro. Longe, pelas bandas da horta ladravam cães.

Nem um rumor pelo arvoredo; e do campo visinho, e da matta proxima se evolava brandamente um perfume suave de flores silvestres.

Tia Joanna contava muito bem as suas historias, tinha um dom especial para dar colorido, expressão graciosa a qualquer narrativa muito simples.

Gostava immenso de fallar na sua mocidade, nas festas daquelle tempo.

«Ainda que passasse noites e noites em claro, dizia ella, nem assim chegaria a contar as passagens a que assistira, as cousas bonitas do outr'ora.»

—E o Natal, tia Joanna, antigamente era alegre como hoje?

—Ah! meninas, nem eu quero me lembrar dessas cousas... Pois não ha de causar tristeza para quem já tem vivido cinco eu, ver a differença dos nossos dias!! Hoje o mundo está mudado, a era está cançada; ninguem mais tem religião nem acredita nas cousas santas. Tenho visto tanta cousa, tanta que não me admiram nada essas guerras e barulhos que rebentam por toda a parte... Festas do meu tempo não se comparam ás de hoje.

E o Natal, entio!... eu que o diga...

Mas ahi me vou deixando levar por outros rumos... Bom dizia a minha pobre senhora, que Deus haja, que gente velha—quando principia a fallar não tem conta na lingua e vae-se estendendo por ahi além, por ahi além até que se esquece do logar por onde começou.

[illegible] ao que lhes vou contar o que é tão real, tão verdadeiro como é grande o dia de hoje:

—Eu nunca tive mãe, que me lembre; fui comprada em pequenina e desde então fiquei na mesma familia, que sempre me tratou com estimação e bondade. Se andei de uma casa para outra foi porque passei de paes a filhos e de filhos a netos ma chegar onde estou hoje...

—Mas hoje você é livre, tia Joanna...

—Sim, meninas, mas a gente que tem coração é livre algum dia? Eu, por mim, acho que o amor prende mais do que qualquer outro captiveiro. Quanto mais affecto se tem para empregar mais captivo se fica e deste captiveiro não ha esperança de liberdade o nem coração que a deseje...

No sitio do meu primeiro senhor havia uma capellinha do menino Jesus, bonita que era um enlevo! Pelas festas do natal toda a visinhança concorria com algum presente para os ornamentos do presepe. Ficava a pequenina egreja tão cheia de flôres e filas e filas e rodas como uma alcova de noivado. As luzes eram tantas que a gente nem podia olhar com os olhos bem abertos. Eu tambem, como as minhas parceiras, não deixava nunca de preparar com muita antecedencia a minha offerenda, por mais humilde que ella fosse: um bordado, uma renda fina, uma planta rara o flôres, flôres quantas houvesse, tudo o pequenino santo acolhia com o mesmo sorriso do céo.

Eu nunca tive geito para cultivar flores, assim, preferia trabalhar durante muitos mezes, aos domingos ou ás noites, no bastidor de bordar, desfiando pannos de linho ou bordando alvas cambraias a custo adquiridas com as minhas pobres economias.

Quando se deu o caso que estou referindo era eu bem mocinha. Para aquelle anno tinha preparado uma linda toalhinha de crivo. Fazia gosto vel-a tão alva e bonita entre rosas desfolhadas no fundo da minha caixa...

Aconteceu então que um dia, nos principios de Dezembro foi encontrada morta nas pedras da cachoeira grande a escrava Cecilia—uma desgraçada que vivia de castigo pela sua má cabeça e genio arrebatado. Fallou-se muito que ella mesma procurára a morte e não lhe queriam dar sepultura na terra santa do cemiterio.

Eu tinha visto, muitas vezes, desde pequena, quando alguem morria, cobrirem-lhe o rosto com um lenço de cambraia. Cecilia não tinha filhos, ninguem que se interessasse por ella, e eu que tambem não tinha mãe ou alguem que por mim se interessasse, tive pena e fui buscar a minha rica toalhinha—tão alva e bonita entre rosas desfolhadas no fundo da minha caixa... e o crivo que eu tecera com tanto amor para os divinos pés de Jesus foi cobrir o rosto da morta.

Passaram-se muitos dias. Chegou a noite do Natal e eu estava triste porque—pela primeira vez na minha vida—não tinha nada para offerecer ao Menino.

Sahi pelos arredores da capella a procura de flôres que eu bem sabia não haver por aquelles logares .. De repente,—ai f'meninas, ainda sinto arrepios de emoção quando me lembro!...—na encosta do morro, á beira do matto, avistei como um canteiro das mais lindas flores a pequena elevação de terra onde, á sombra do arvoredo, bem afastada do caminho, sob uma pequena cruz repousava Cecilia!...

Eu que era muito ingenua e medrosa naquelle tempo quiz fugir a principio, assustada, sem comprehender o que via; mas a pouco e pouco voltou-me toda a coragem e approximei-me resolutamente: Flôres que eu nunca tinha visto, de todas as fórmas, de todas as côres, incomparaveis, rescendentes—se entrelaçavam, se confundiam na mais deslumbrante coréa, no mais formoso ramalhete que se póde imaginar!...

Colhi-as todas, e aos pés do altar entre as offerendas de tanta gente, nenhuma, nenhuma que se pudesse comparar á minha.

Dahi por diante, guaga mais me foi preciso trabalhar aos domingos durante os meus serões para o presente de Jesus: todos os annos pelas festas do Natal a sepultura de Cecilia se cobria de flôres...

ZALINA ROLIM.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

No conto, a personagem indócil era castigada com a morte enquanto a que aceitava a condição de cativa permanecia viva, conquistando a liberdade legal e sendo "querida" pela família que deteve a sua propriedade. Rolim mais uma vez romantizava o sistema de poder da escravidão, disseminando a ideia de que os escravizados que se conformaram com a sua condição subordinada teriam sido depois recompensados com a alforria e o apreço dos senhores. Nessa perspectiva, justamente por não respeitar o destino que lhe impunham, Cecília nem merecia um enterro digno.

O sentimento de empatia com a morta era motivado em Joana pela consciência de abandono e solidão comum a muitos escravizados, mostrando que todos estariam no mesmo patamar social. Com isso, ela acabara cedendo o seu regalo para cobrir o rosto do corpo que não tinha quem o velasse. Na noite do natal, como retribuição divina, ela se surpreendia ao encontrar flores sobre o local em que a companheira havia sido enterrada como indigente, podendo oferecê-las em tributo na capela: "Daí por diante, nunca mais me foi preciso trabalhar aos domingos ou alongar os meus serões para o presente de Jesus: todos os anos pelas festas do Natal a sepultura de Cecília se cobria de flores..." (*Correio Paulistano*, 24 dez. 1893).

O final da narrativa reforçava a personalidade virtuosa de Joana, que correspondia a uma serva ideal. Mesmo oferecendo destaque a tal personagem, não tratando de maneira depreciativa a sua fala (diferente do ocorrido no poema "Bosquejo", de Candida Rolim, citado anteriormente neste capítulo, que apresentava uma pejorativa "voz fanhosa" associada a algum escravizado), Zalina Rolim apenas utilizou a personagem como instrumento de moralidade, enfatizando aos leitores do jornal princípios caros à elite branca e conservadora. Abraçando a sua posição social, a autora certamente garantia a consideração daqueles que continuavam incentivando e divulgando o seu fazer literário.

Durante os primeiros meses de 1894, o *Correio Paulistano* editou comentários críticos acerca do livro *O coração* (1893), então já publicado, chegando a estampar o retrato de Rolim em sua primeira página, como mencionado em nosso capítulo anterior. Àquela altura já participando de outras publicações periódicas, a autora só retomou a contribuição para o jornal em questão na edição de 3 de junho daquele ano, com um novo soneto:

> MÍSTICA
>
> Graciosa e leve sob o véu de freira
> Tem o seu vulto misterioso encanto,
> Sempre nas mãos a perpassar ligeira
> As finas contas do rosário santo.
>
> Olhos calmos, no olhar sua alma inteira

A refletir-lhe a angelitude, entanto,
Sob o candor da sua voz fagueira
Surgem vestígios de escondido pranto

Jamais se queixa a doce criatura
E em tudo a graça, o mimo, a cor de rosa
Que alegra os olhos difundir procura.

Dizem que outro era d'antes seu aspecto
E que ela traz no véu de religiosa
O eterno luto de um perdido afeto.
(*Correio Paulistano*, 3 jun. 1894)

Figura 81 – Publicação do poema "Mística" no jornal *Correio Paulistano*, em 1894.



CORREIO PAULISTANO

ORGAM REPUBLICANO

ANNO XL | 64—HOJE 15 DE NOVEMBRO—54 | BRAZIL—São Paulo—Domingo, 3 de Junho de 1894 | ASSIGNATURAS | N. 11.272

MYSTICA

Graciosa e leve sob o véo de freira
Tem o seu vulto mysterioso encanto,
Sempre nas mãos a perpassar ligeira
As finas contas do rosario santo.

Olhos calmos, no olhar sua alma inteira
A reflectir-lhe a angelitude, entanto,
Sob o candor da sua voz fagueira
Surgem vestigios de escondido pranto,

Jamais se queixa a doce creatura
E em tudo a graça, o mimo, a côr de rosa
Que alegra os olhos dinfundir procura.

Dizem que outro era d'antes seu aspecto
E que ella traz no véo de religiosa
O eterno luto de um perdido affecto.

ZALINA ROLIM.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

A composição descrevia uma figura feminina entregue à fé católica, usando véu e sempre carregando um terço na mão, semelhante à imagem de uma freira. Seu semblante misterioso atrelado ao contato dedicado com a sua espiritualidade resguardava a dor de uma

possível perda. Ao mesmo tempo em que trazia a representação de uma mulher dedicada à doutrina cristã, os versos refletiam sobre um motivo que a levaria à experiência religiosa, apoiando-se na crença para superar o luto. A autora mais uma vez tratava da ausência e imbuia sua lírica de religiosidade.

Em 16 de setembro de 1894, apareceu mais um soneto de Rolim na primeira página do *Correio Paulistano*. A referida composição, dedicada ao advogado João Pereira Monteiro (?-1904), inspirava-se na figura de Medeia, importante personagem da mitologia grega que inspirou a famosa tragédia de mesmo nome datada de 431 a.C., atribuída ao poeta Eurípedes (480 a.C. – 406 a.C.).

> MEDEIA
> (Ao Dr. João Monteiro)
>
> Contempla os filhos mortos, hirta e fria,
> Lábios secos, em febre o olhar ardente...
> E um lampejo cruel desvaira-a e sente
> N'alma um júbilo estranho que a inebria.
>
> Vingou-se!... E exulta e goza na alegria
> Da vingança infernal.... Mas de repente
> Um soluço a sufoca e a dor crescente
> As mais íntimas fibras lhe excrucia...
>
> Queda-se muda em trágica postura;
> Fervem-lhe na alma oceanos de amargura,
> Cava-lhe a angústia a face e a fronte enruga -
>
> E, desafiando as cóleras divinas,
> Com as mãos – mãos fatais, mão assassinas -
> Tintas de sangue, as lágrimas enxuga!
> (*Correio Paulistano*, 16 set. 1894)

Os versos refletiam a passagem do mito em que Medeia, tomada pela fúria, matava os próprios filhos que teve com o marido Jasão, como forma de vingar-se deste. No poema, após alcançar o seu intento, ela sentia a dor de um aparente arrependimento, com a cólera e a posterior satisfação se transformando em sofrimento. A maternidade era tratada de uma maneira diferente por Zalina Rolim, abdicando de uma imagem idealizada conectada à total dedicação às crias, bem como à representação do amor resiliente. A figura da mãe em "Medeia" era mais humana, passível de falhas. A sua angústia estaria principalmente associada à culpa de ter assassinado os rebentos, mais do que à ausência destes, visto que, momentos antes, gozava a alegria de ter conseguido completar o seu plano de desforra.

A escolha da autora pela conhecida personagem ainda trazia um interessante contraste em relação às figuras femininas conformistas de seus escritos anteriores. Medeia, esposa traída e estrangeira perseguida, quebrava não apenas com a idealização do casamento, mas também com as representações de mulher pura e passiva, por se rebelar contra o homem que a subestimou. Ela poderia ter sido encarada como vilã, mas foi de certa forma humanizada pelos versos de Rolim, sendo utilizada para simbolizar a aproximação entre o amor e o ódio. Tal abordagem diferenciada pode ter sido estimulada pela atuação da escritora em periódicos de mulheres, como o jornal *A Família*, visto que propiciavam um olhar mais amplo no tocante ao feminino, como veremos adiante.

Figura 82 – Publicação do poema "Medeia" no jornal *Correio Paulistano*, em 1894.



CORREIO PAULISTANO

ORGAM REPUBLICANO

ANNO XLI — Brazil-S. Paulo-Domingo, 16 de Setembro de 1894 — N. 11.357

MEDÉA

(AO DR. JOAO MONTEIRO)

Contempla os filhos mortos, hirta e fria,
Labios seccos, em febre o olhar ardente...
E um lampejo cruel desvaira-a e sente
N'alma um jubilo extranho [illegible] a inebria.

Vingou-se!... E exulta e gosa na alegria
Da vingança infernal... Mas de repente
Um soluço a suffoca e a dôr crescente
As mais intimas fibras lhe excrucia...

Queda-se muda em tragica postura;
Fervem-lhe na alma oceanos de amargura,
Cava-lhe a angustia a face e a fronte enruga—

E, desafiando as cóleras divinas,
Com as mãos-mãos fataes, mãos assassinas—
Tintas de sangue, as lagrymas enxuga!

ZALINA ROLIM.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

O retorno de Zalina ao *Correio Paulistano* ocorreu na edição de 1 de dezembro de 1894, com a publicação do soneto "Væ victs!" na primeira página do referido jornal. Os versos se baseavam na expressão latina "Væ victis" (em tradução livre, "Ai dos vencidos"), utilizada para indicar a triste sorte reservada aos derrotados. Com provável ausência de tipos que reproduzissem a vogal "æ", o título da composição de Rolim foi grafado no periódico de maneira equivocada, parecendo incluir uma conjugação do verbo "voar".

Figura 83 – Publicação do poema "Væ victs!" no jornal *Correio Paulistano*, em 1894.



CORREIO PAULISTANO

ORGAM REPUBLICANO

VOE VICTIS!

«E' como as outras, companheira minha,
—O coração me diz—foge ao quebranto
Que te avassala, venha embora o pranto
Viver onde a alegria era sosinha.

Com brandiciosas falas se avizinha
Do seio meu, e ao presentir-lhe o encanto
Si me abandonas como posso a tanto
Imperio resistir?... e elle caminha...

Vela por mim !s—E eu forte e resoluta
A' vóz do coração combates sonho
E' armas apresto, firme, ouvido á escuta.

Eil-o que chega, olhos nos meus, risonho...
—Ai !victorioso olhar, na ingloria lucta
Confesso o teu valor e armas deponho !

ZALINA ROLIM.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

O poema trazia outro contato verbal entre um eu lírico feminino e o seu próprio coração. Tal órgão personificado tentava alertar acerca de algo que se aproximava e parecia querer se alojar no seio da mulher, demonstrando-se receoso em ser abandonado e não conseguir resistir aos encantos daquela entidade.

VÆ VICTS!

"É como as outras, companheira minha,
– O coração me diz – foge ao quebranto

Que te avassala, venha embora o pranto
Viver onde a alegria era sozinha.

Com blandiciosas falas se avizinha
Do seio meu, e ao pressentir-lhe o encanto
Se me abandonas como posso a tanto
Império resistir?... e ele caminha...

Vela por mim!" – E eu forte e resoluta
À voz do coração combates sonho
E armas apresto, firme, ouvido à escuta.

Ei-lo que chegue, olhos nos meus, risonho...
– Ai! E vitorioso olhar, na inglória luta
Confesso o teu valor e armas deponho!
(*Correio Paulistano*, 1 dez. 1894)

A voz poética, mesmo demonstrando postura firme e armada, acabava cedendo aos encantos do que provavelmente consistia no sentimento de amor ou no próprio ser amado. Ao final da composição, ela prostava-se admitindo a sua inevitável derrota. Em associação com o título, os versos evocavam a ideia de que os vencidos na batalha com o amor estariam totalmente entregues aos seus ditames e à sua misericórdia. A metáfora reforçava a representação do amor como um sentimento contra o qual não se poderia lutar, mesmo que trouxesse tristeza onde antes só havia alegria. Rolim também levantava uma visão que associava o afeto a uma possível desilusão e ao sofrimento, visto que a figura feminina acabava seduzida mesmo prevenida dos males que aquela entidade poderia trazer.

Figura 84 – Publicação do poema "Vingança" no jornal *Correio Paulistano*, em 1894.



CORREIO PAULISTANO

ORGAM REPUBLICANO

ANNO XLI | REDACÇÃO Rua de S. Bento n. 35-C | BRAZIL---S. Paulo-Quarta-feira, 20 de Fevereiro de 1895 | ASSIGNATURAS | N. 11.483

SARAU ARTISTICO

ILLUMINURAS

LEMBRETES

PUBLICAÇÕES

EXPEDIENTE

VINGANÇA

Foi vingança de flor...: Eu sei que as flôres mentem
E nesto e nunca chego a dar-lhes fé: intentem
Elles prender-me cubrora em mysterioso laço,
A complicada trama incredula desfaço.
Encanta-me o seu brilho, attrahe-me o seu aspecto,
Mas de oscutal-as fujo e indifferença affecto.
Venha embora o perfume inebriar-me o olfacto.
A magia da côr tenta-me o olhar abstracto,
Os sentidos subjugo e num sorriso ledo
Deixo ver o desdem que á sua voz concedo...

Pois bem, foi uma flôr, um rubro cravo ardente,
Côr de sangue, afogueado, o cujo aroma quente
Com delicia aspirei, que me disse baixinho,
Com pena do meu mal, procurando o alto espinho
Da pe rfidiaenvolver-me em setins de doçura
— O segredo que eu choro, a dôr que me tortura!...

E eu que em flôres não creio, inda pensei: — mentira!
Mas, ai! meu coração que ignoto sopro inspira,
Meu coração que oppresso arfia e palpita exangue
Acreditou na voz do cravo côr de sangue...

ZALINA ROLIM.

OLHAR

DIA DE REIS

VINGANÇA

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

A produção de Rolim voltou a estampar a primeira página do *Correio* em 20 de fevereiro de 1895, quando o jornal noticiou a sua participação no grande sarau realizado no salão do Club Germania, em São Paulo, como descrito em nosso capítulo anterior. A folha trazia em seu rodapé os versos que ela havia declamado no evento. O poema em questão, "Vingança", comentado na seção anterior deste capítulo, já havia sido publicado n'*O Estado de S. Paulo*, em 21 de outubro de 1894. Denunciando a eminente interrupção da colaboração da autora com a folha, visto que ela aparentemente não enviara à redação mais escritos inéditos e exclusivos, também foi republicado, na primeira página do número de 16 de março de 1895, o poema "Væ victs!", desta vez com o título devidamente corrigido, mas sem a exclamação.

Figura 85 – Republicação do poema "Væ victs!" no jornal *Correio Paulistano*, em 1895.



CORREIO PAULISTANO

ORGAM REPUBLICANO

ANNO XLI — BRAZIL—S. Paulo-Sabbado, 16 de Março de 1895 — N. 11.507

VŒ VICTIS

« E' como as outras, companheira minha,
—O coração me diz — foge ao quebranto
Que te avassala, venha embora o pranto
Viver onde a alegria era sósinha.

Com blandiciosas falas se avisinha
Do seio meu, e ao presentir-lhe o encanto
Se me abandonas como posso a tanto
Imperio resistir ?... e elle caminha...

Vela por mim ! » — Eu forte e resoluta
A' voz do coração combates sonho
E armas apresto, e ouvido á escuta.

Eil-lo que chega, olhos nos meus, risonho...
— Ai ! victorioso olhar, na ingloria luta
Confesso o teu valor e armas deponho !

ZALINA ROLIM

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Em 15 de abril de 1895, saia no referido jornal mais um soneto inédito de Zalina Rolim, cujo título indicava pertencer a uma possível coleção de composições sobre o ambiente rural: "Das "Rústicas"". Tal ideia de conjunto de poemas, entretanto, não veio a se concretizar, ainda que a autora já tivesse divulgado outro excerto do projeto na *Revista Literária* (1895), como veremos mais adiante ainda nesta seção da tese.

DAS "RÚSTICAS"

Algodoal maduro, é tempo de colheita;
Rebenta o floco níveo o estojo delicado
E em lactescente alvura: o campo todo enfeita
– Toalhas, rendas no solo, alto véus de noivado. -

Anda no ar matutino a alegria desfeita
Em aroma e frescura... e de um lado a outro lado
O sol num riso de ouro a ampla verdura espreita
Rasgando o estojo azul do célio cortinado.

Gente alegre do campo, arregaçando as vestes,

De falas e rumor e joviais cantigas
Na faina do labor enche os ares agrestes

Correm plainos sem fim, sobem, descem barrancos...
E as tranças juvenis das belas raparigas
Alvejam do algodão aos tendes flocos brancos.
(*Correio Paulistano*, 15 de abril de 1895)

Os versos, ao descrever uma plantação de algodão, comparavam o seu aspecto alvo e delicado a elementos de vestimenta feminina que refletiam a sua pureza, como as rendas e o véu de noiva. Os trabalhadores do campo eram apresentados felizes em seu labor à luz do sol, com destaque para as jovens com cabelos trançados. Tais moças retratadas com tons de leveza seriam na verdade obrigadas, por sua condição social desprivilegiada, a labutarem na lavoura junto aos homens da família. A autora demonstrava novamente tratar com idealização uma realidade distante da sua condição de elite.

Por outro lado, Rolim ressaltava a participação de mulheres no trabalho agrícola, mostrando que a sua presença contribuía com a graciosidade do próprio cenário bucólico. Assim, a composição oferecia suavidade e beleza ao cosmo à primeira vista bruto e grosseiro das lides campestres. O poema em questão foi republicado no *Correio Paulistano* apenas dois números após a sua primeira edição, em 17 de abril de 1895, outra vez na primeira página. Tal fato novamente assinalava que a participação da escritora na referida folha diminuia cada vez mais, ainda que seu prestígio continuasse firmado entre editores e leitores do periódico.

Figura 86 – Publicação do poema “Das “Rústicas”” no jornal *Correio Paulistano*, em 1895.



CORREIO PAULISTANO

ORGAM REPUBLICANO

ANNO XLI — REDACÇÃO — BRAZIL—S. Paulo-Segunda-feira, 15 de Abril de 1895 — ASSIGNATURAS — N. 11.533

DAS RUSTICAS.

Informações uteis

DAS «RUSTICAS.

Algodoal maduro, é tempo de colheita;
Rebenta o flocco niveo o estojo delicado
E em lactescente alvura : o campo todo enfeita
—Toalhas, rendas no solo, alto véos de noivado.—

Anda no ar matutino a alegria desfeita
Em aroma e frescura... e de um lado a outro lado
O sol num riso de ouro a simpia verdura espreita
Rasgando o estojo azul do céleo cortinado.

Gente alegre do campo, arregaçando as vestes,
De falas e rumor e joviaes cantigas
Na faina do labor enche os aros agrestes...

Correm plainos sem fim, sobem, descem barrancos...
E as trauças juvenis das bellas raparigas
Alvejam do algodão aos tenues flocos brancos.

ZALINA ROLIM

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Infelizmente, a Hemeroteca da Fundação Biblioteca Nacional não dispõe dos exemplares do *Correio Paulistano* do ano de 1896, com esta tese não podendo conferir a participação de Rolim no referido jornal durante tal período. Entretanto, dado o crescente engajamento da autora com a educação paulista e com a implantação do primeiro Jardim da Infância brasileiro, bem como pela sua participação em outros periódicos, era notável que a colaboração com a folha em questão estava aos poucos se extinguindo.

A única contribuição de Zalina Rolim para o *Correio* em 1897 se deu no exemplar de 1 de maio, com o poema "Avô". Tratava-se de uma composição que seria integrada posteriormente ao livro de leitura *Livro das crianças*, a ser lançado no final daquele ano.

Figura 87 – Publicação do poema "Avô" no jornal *Correio Paulistano*, em 1897.



CORREIO PAULISTANO

ORGAM REPUBLICANO

ANNO XLIII | S. PAULO—Sabbado, 1 de Maio de 1897—BRAZIL | N. 12.177

Avô

Rosto de velho, a trescalar meiguice
—Dos labios, da expressão, dos olhos francos;
Alma de avô, que sente a meninice
Voltar-lhe a rir sob os cabellos brancos.

Entre os netinhos meigos, contempla-o:
Encho-lhe a face um resplendor de aurora,
A alegria, o affeição—tremulo raio
De sol, que ao fim do dia os céos colora.

Ha que tempos se foram—risos, graças
Da juventude, rapidos vosando!...
E as fibras, sem calor, penderam lassas,
E o desanimo veio brando e brando...

Foi-se-lhe tudo o que sonhara, tudo;
—Aspirações, ideaes, todas chimeras;—
E olho quedou-se, frio o olhar, desnudo
Das miragens e sonhos de outras eras.

Onde morava o riso, veio o pranto;
E a robustez dos musculos, em breve,
Foi-se afrouxando molle, e todo o encanto
Da vida se desfez em fumo e neve.

No emtanto, oh-o a sorrir todo ternura!
Oh o desfeito em bençãos e carinhos!
—Espolho de antiquissima moldura—
Reflecte o goso puro dos netinhos.

ZALINA ROLIM

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

O *Livro das crianças* (1897), como já mencionado em nosso capítulo anterior, teria sido encomendado pelo governo de São Paulo para distribuição nas escolas públicas do estado. A publicação dos referidos versos na primeira página do jornal, todavia, não trazia indicação de seu pertencimento a qualquer livro ou coleção. A composição era formada por seis quadras de decassílabos que seguiam o esquema de rimas em ABAB. Nela, Rolim descrevia a figura de um triste idoso que ganhava ânimo na presença dos netos.

AVÔ

Rosto de velho a trescalar meiguice
– Dos lábios, da expressão, dos olhos francos;
Alma de avô, que sente a meninice
Voltar-lhe a rir sob os cabelos brancos.

Entre os netinhos meigos, contemplai-o:
Enche-lhe a face um resplendor de aurora
E alegria, e afeição, – trêmulo raio
De sol, que ao fim do dia os céus colora.

Há que tempos se foram – risos, graças
Da juventude, rápidos voando!...
E as fibras, sem calor, penderam lassas
E o desânimo veio brando e brando...

Foi-se-lhe tudo o que sonhara, tudo;
– Aspirações, ideais, ledas quimeras;
E ele quedou-se, frio o olhar, desnudo
Das miragens e sonhos de outras eras.

Onde morava o riso, veio o pranto;
E a robustez dos músculos, em breve,
Foi-se afrouxando mole, e todo o encanto
Da sua vida se desfez em fumo e neve.

No entanto, ei-lo a sorrir todo ternura;
Ei-lo desfeito em bençãos e carinhos!
– Espelho de antiquíssima moldura –
Reflete o gozo puro dos netinhos.
(*Correio Paulistano*, 1 mai. 1897)

Tratando do contraste entre a juventude e a velhice, o poema mostrava que o ancião perdera a força, os ideais e o encanto que tinha pela vida. Entretanto, tal decréscimo desaparecia quando estava junto aos mais novos, com o avô transformando-se em um espelho que refletia a alegria dos netos. Tendo em vista o público infantil para qual a composição se destinava, podemos inferir que esta tentava incutir o afeto em relação aos mais velhos e o respeito no tocante à sua experiência, mesmo evocando uma concepção melancólica da idade avançada. Após uma pausa, já em 1898, Zalina Rolim voltou às páginas do *Correio Paulistano* com a publicação do poema "Paisagem", em 25 de janeiro. A referida composição era oferecida à artista plástica franco-brasileira Bertha Worms (1868-1937), contemporânea à escritora.

Paisagem
(À delicadíssima artista Bertha Worms)

Levam as canas de pescar e, a passo,
Descem o morro... A languida harmonia
Do fim da tarde envolve todo o espaço
Numas cortinas de melancolia.

Descem, cantando, a encosta verdejante...
– Ao fundo o ribeirão piscoso alveja...
E via morrendo pelo campo adiante
A singela toada sertaneja.

Descem, chegam à margem... toda a alma
Do crepúsculo invade a natureza.
Almo frescor de brisa ondeia a palma
Dos coqueiros, nuns longes de tristeza.

E os pescadores, abafando as vozes,
Do rio à beira se acomodam quietos.
– Chegam-se aos ninhos pássaros velozes...
– No chão palpita um segredar de insetos...

Desenrola-se a linha e, pronta a isca,
O anzol mergulha ao fundo da corrente;
– Treme a cana delgada... e a presa arisca
Passa e repassa na água transparente.
(*Correio Paulistano*, 25 jan. 1898)

Rolim traça a descrição de uma paisagem rural, acompanhando o trabalho de alguns pescadores em uma tarde. O cenário natural é bastante exaltado, sendo ligado às tradições sertanejas. A escolha por tratar de tal ambiente novamente denunciava o apreço da autora pela sua criação interiorana, bem como correspondia à projeção romântica proposta no período, com o labor do trabalho no campo sendo idealizado por aquela mulher da elite.

Figura 88 – Publicação do poema “Paisagem” no jornal *Correio Paulistano*, em 1898.



CORREIO PAULISTANO
ORGAM REPUBLICANO

Paizagem

(Á DELICADISSIMA ARTISTA BERTHA WORMS)

Levam as canoas de pescar e, a passo,
Descem o morro... A languida harmonia
Do fim da tarde envolve todo o espaço
Numas cortinas de melancholia.

Descem, cantando, a encosta verdejante...
—Ao fundo o ribeirão piscoso alveja...
E vai morrendo pelo campo adiante
A singela toada sertaneja.

Descem, chegam á margem... Toda a alma
Do crepusculo invade a natureza.
Almo frescor de brisa ondeia a palma
Dos coqueiros, nuns longes de tristeza.

E os pescadores, abafando as vozes,
Do rio á beira se accomodam quietos.
—Chegam-se aos ninhos passaros velozes...
—No chão palpita um segredar de insetos...

Desenrola-se a linha e, prompta a isca,
O anzol mergulha ao fundo da corrente:
– Treme a canna delgada... e a preza arisca
Passa e repassa na agua transparente.

ZALINA ROLIM.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Talvez fosse a intensão da escritora representar em palavras o tom de algumas pinturas de Worms, que possuía um caráter documental da vida cotidiana em parte de sua arte. Entretanto, a artista dedicou sua carreira mais a retratos e naturezas-mortas, raramente produzindo paisagens. Também não se sabe se as duas mulheres de destaque possuíam algum vínculo mais próximo além da relação de admiração de uma pela outra. O que se pode afirmar, a partir dos registros históricos, é que Bertha Worms fez parte da constituição do campo artístico paulistano durante a Primeira República, inclusive ministrando um dos primeiros cursos livres de educação artística em São Paulo, oferecido pelo Liceu de Artes e Ofícios (SIMIONI, 2019). Assim como Zalina Rolim, ela conseguiu ser reconhecida em um período restrito à atuação feminina na sociedade.

Ainda naquele ano, Rolim declinou do convite para ser jurada, ao lado de Francisca Júlia e Ibrantina Cardona, em um concurso de tradução de poesia organizado pelo *Correio Paulistano*, sendo substituída pelo já citado advogado João Pereira Monteiro, a quem a autora havia dedicado o poema "Medeia" na edição de 16 de setembro de 1894. O foco de tal evento seria o poema "Les yeux" (em tradução livre, "Os olhos"), do escritor francês Sully Prudhomme (1839-1907), presente no livro *Stances et poèmes* (1865). O fato foi noticiado em nota publicada na edição de 10 de fevereiro daquele ano.

Figura 89 – Nota sobre a desistência de Zalina Rolim em ser jurada de um concurso literário no jornal *Correio Paulistano*, em 1898.



CONCURSO DE POESIA

A redacção desta folha, em vista da excusa apresentada pela festejada poetisa d. Zalina Rolim, que havia sido indicada para julgadora no concurso de poesia, juntamente com as distinctas litteratas dd. Francisca Julia da Silva e Ibrantina Cardona, resolveu convidar o dr. João Monteiro para opinar por um dos laudos apresentados pelas duas outras julgadoras, que nestes manifestaram completa discordancia.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

O possível motivo para a desistência da autora de participar do certame foi esclarecido pela coluna "Rabiscos" do jornal *O Comércio de São Paulo* (1893-1909), assinada por certo Fabrício Pierrot, na edição de 12 de fevereiro de 1898. Nela, informava-se que diversos poetas

que participavam do referido torneio literário resolveram se retirar do evento tanto pela recusa de Rolim, como pela suspeita de uma irregularidade que privilegiava um dos concorrentes.

> [...] constou haver motivado esse procedimento o ter o Correio aceito nova versão do sr. Afdolpho Araujo e, portanto, retirado do julgamento a primeira [...] Mas outras razões existem, a meu ver, que atuaram de modo desfavorável no ânimo dos referidos literatos, que adivinhavam, no concurso dos versos do poeta francês, não um julgamento de acordo com o valor das respectivas traduções, mas uma preferência injusta a esta ou aquela versão.
> Essa suspeita, apresso-me a dizê-lo, – não nasceu da organização do júri, constituído de três distintas senhoras, incapazes de sacrificar seu bom nome literário numa parcialidade que repugna à sua probidade de escritoras.
> A suspeita, a desconfiança, nasceu, sim, da intervenção, no julgamento, do sr. Wenceslau de Queiroz, que, conforme é corrente, quis, de certo modo, influir na escolha de tradução a premiar.
> Daí, talvez, a retirada da sra. D. Zalina Rolim, que em boa hora desistiu do encargo de julgadora [...] A escolha da ilustre poetisa e a escolha, quase às escondidas, do erudito professor de Direito, para contemplar o número dos julgadores vieram, então, confirmar que tinha havido desacordo entre as distintas poetisas (*O Comércio de São Paulo*, 12 fev. 1898).

Aparentemente, segundo tal artigo, por não concordar com a vantagem oferecida ao participante e por prezar por sua índole, Zalina Rolim desistiu do convite de participar do júri após já tê-lo aceitado. Como as traduções inscritas no concurso eram assinadas, havia a desconfiança de que inimigos declarados de Wenceslau de Queiroz, o principal organizador, seriam prejudicados, enquanto seus aliados seriam favorecidos. Essa denúncia era reforçada pelo fato de o *Correio Paulistano* não explicar aos seus leitores os motivos que levaram a escritora a abandonar o concurso, muito menos esclarecer a escolha de seu substituto, mostrando que a comissão poderia ser parcial, ainda que ficasse clara a discordância entre as outras duas julgadoras. A saída de Rolim desse imbróglio conservava o seu nome ante a sociedade, mostrando que ela muito preocupava-se com a carreira que vinha construindo.

Àquela altura, a escritora já assumira, em 1896, o cargo de subinspetora do Jardim da Infância anexo à Escola Normal Caetano de Campos, focando a sua pena para as lides pedagógicas. A sua produção ganhava espaço em folhas educacionais, provavelmente também tomando grande parte do tempo que poderia dedicar ao concurso e à colaboração no *Correio*, que só voltou em 24 de abril de 1898, com o soneto “Penumbra”, que trazia um eu lírico tentando resguardar os próprios sentimentos. Tal participação foi anunciada em nota na mesma primeira página, que evidenciava o interesse da redação pela contribuição da autora para aquele jornal.

> A distinta poetisa cujo nome laureado fornece epígrafe para estas linhas, dignou-se de aceder ao nosso pedido para colaborar efetivamente no *Correio Paulistano*.
> A prova disso encontrarão os leitores no mimoso belíssimo soneto que vai publicado em outro lugar desta folha.
> Cremos que estamos dispensados de dizer o valor dos trabalhos da exímia poetisa.
> Seus méritos são bem conhecidos e o *Correio Paulistano* ufana-se de tê-la entre os seus colaboradores (*Correio Paulistano*, 24 abr. 1898).

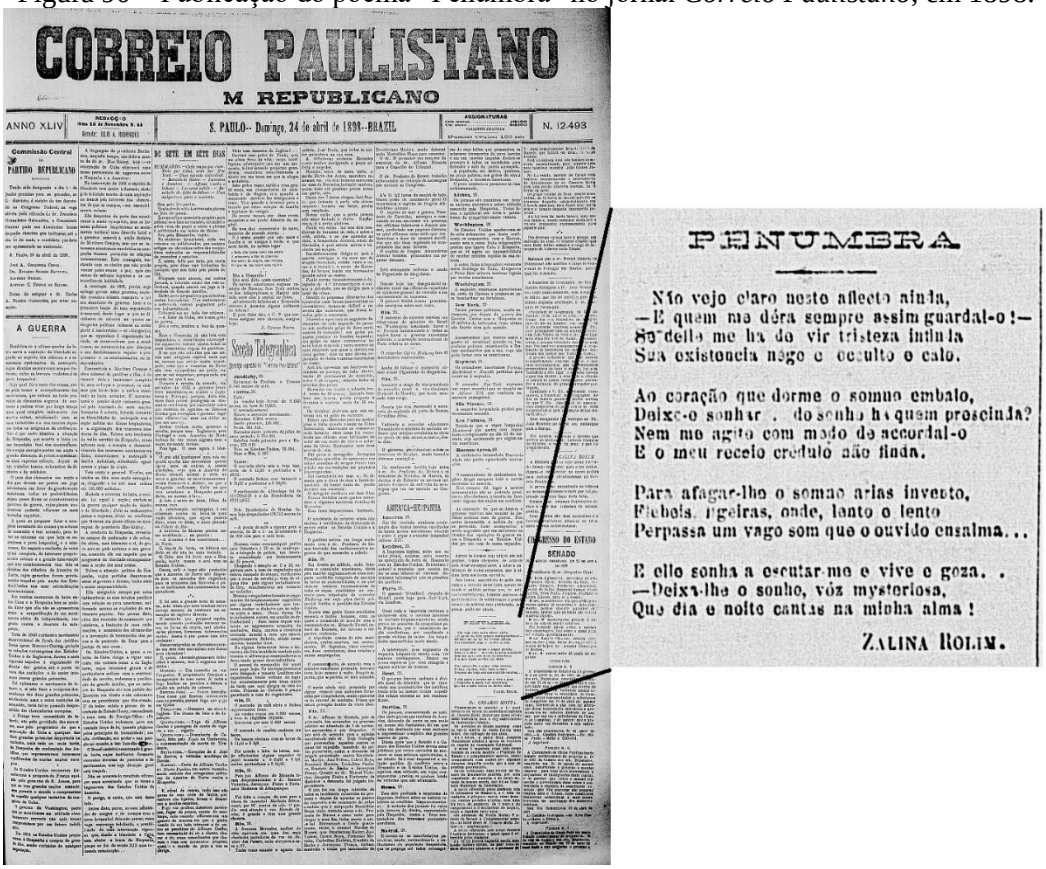
O escrito deixava claro o apreço dos editores do periódico por Zalina Rolim, mostrando terem reforçado o convite para uma colaboração mais efetiva daquela com o órgão. Entretanto, mesmo com o aparente aceite, a autora não levou adiante a recorrência de participação no *Correio Paulistano*, com "Penumbra" permanecendo um de seus últimos trabalhos literários publicados no diário.

> PENUMBRA
>
> Não vejo claro neste afeto ainda,
> – E quem me dera sempre assim guardá-lo! -
> Se dele me há de vir tristeza infinda
> Sua existência nego e oculto e calo.
>
> Ao coração que dorme o sono embalo,
> Deixe-o sonhar – do sonho há quem prescinda?
> Nem me agito com medo de acordá-lo
> E o meu receio crédula não finda.
>
> Para afagar-lhe o sono arias invento.
> Ficheis, ligeiras, onde, lento e lento
> Perpassa um vago som que o ouvido ensalma...
>
> E ele sonha a escutar-me e vive e goza...
> – Deixa-lhe o sonho, voz misteriosa,
> Que dia e noite cantas na minha alma!
> (*Correio Paulistano*, 24 abr. 1898)

Demonstrando-se ainda incerta em relação ao afeto que começara a sentir, a voz poética procurava omiti-lo, ao mesmo tempo em que mantinha o coração adormecido. A composição poderia refletir a confusão de emoções vivenciada tanto por alguém já experiente no amor ou como algum iniciante em relação ao romance. As metáforas de conservar o afeto na penumbra, longe da vista, e propiciar o sono do coração, com este a sonhar, evidenciavam o comportamento cauteloso de uma pessoa que preferia manter-se em ilusão e desinteresse, sem querer enfrentar o próprio sentimento por temer a tristeza a ele atrelada. A autora veiculava uma

representação de amor outra vez conectada ao sofrimento, visto que o eu lírico se mostrava receoso no tocante ao sentimento que surgia em seu interior.

Figura 90 – Publicação do poema “Penumbra” no jornal *Correio Paulistano*, em 1898.



CORREIO PAULISTANO

M REPUBLICANO

ANNO XLIV — S. PAULO — Domingo, 24 de abril de 1898 — BRAZIL — N. 12.493

PENUMBRA

Não vejo claro neste affecto ainda,
—E quem me déra sempre assim guardal-o!—
Sei-delle me ha de vir tristeza infinda
Sua existencia nego e occulto e calo.

Ao coração que dorme o somno embalo,
Deixe-o sonhar . . do sonho ha quem prescinda?
Nem me agito com modo de accordal-o
E o meu receio credulo não finda.

Para afagar-lhe o somno arias invento,
Fichois, ingeiras, onde, lanto o lento
Perpassa um vago som que o ouvido ensalma...

E elle sonha a escutar-me e vive e goza. .
—Deixa-lhe o sonho, vóz mysteriosa,
Que dia e noite cantas na minha alma!

ZALINA ROLIM.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Em 26 de abril de 1898, o jornal em questão, ao noticiar as homenagens realizadas pelos grupos escolares de São Paulo ao primeiro aniversário de morte do médico e político Cesário Motta (1847-1897), importante porta-voz da instrução pública no país, transcreveu os versos compostos por Rolim para declamação da estudante Sophia Peixoto Gomide na Escola Modelo Prudente de Moraes.

Foi das crianças verdadeiro amigo
Votava a infância, o culto melindroso
Que vota sempre um coração bondoso
Ao que carece de conforto e abrigo.

Nobre, caráter de fidalgo antigo
Meigo e forte, severo e carinhoso,
Da ignorância – aspérrimo inimigo,
Da instrução – paladino fervoroso

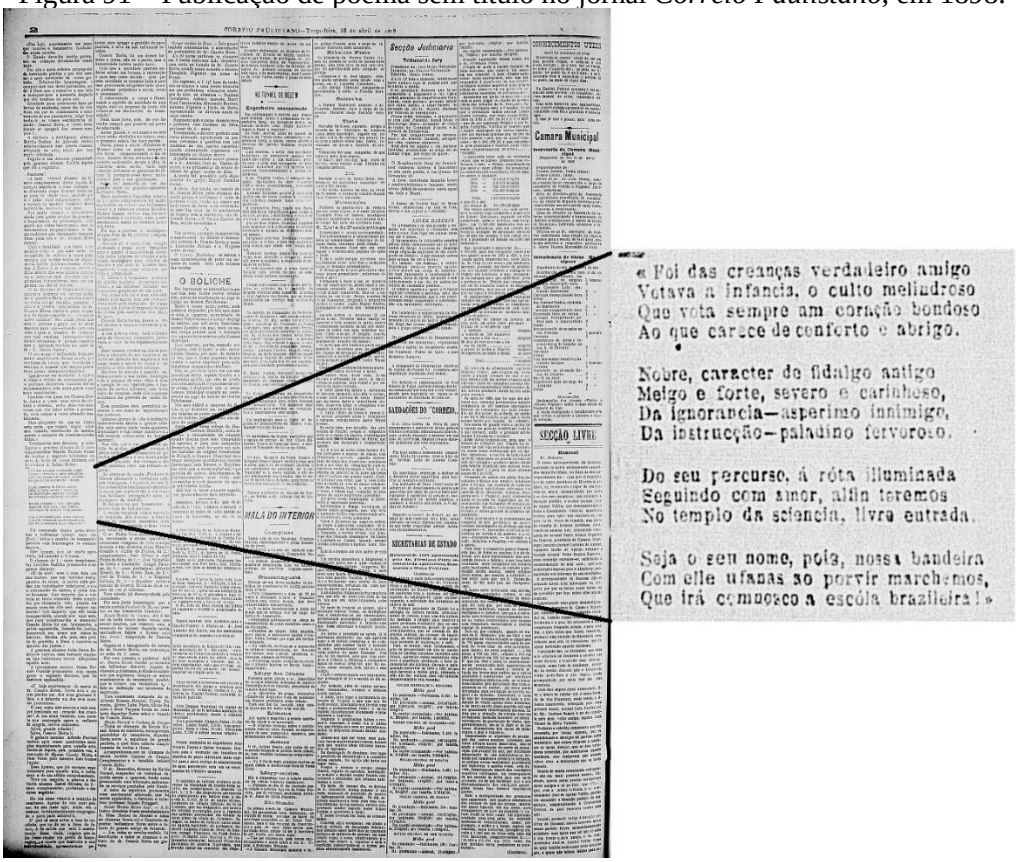
Do seu percurso, à rota iluminada

Seguindo com amor, assim teremos
No templo da ciência, livre entrada.

Seja o seu nome, pois, nossa bandeira
Com ele ufanas ao porvir marchemos,
Que irá conosco a escola brasileira!
(*Correio Paulistano*, 26 abr. 1898)

O soneto sem título celebrava a figura do homenageado, destacando o seu apreço pelas crianças e o seu engajamento com a educação. O cultivo do conhecimento era colocado como elemento de suma importância, com o nome de Cesário Motta devendo servir de exemplo.

Figura 91 – Publicação de poema sem título no jornal *Correio Paulistano*, em 1898.



« Foi das creanças verdadeiro amigo
Votava a infancia, o culto melindroso
Que vota sempre um coração bondoso
Ao que carece de conforto e abrigo.

Nobre, caracter de fidalgo antigo
Meigo e forte, severo e carinhoso,
Da ignorancia—asperimo inimigo,
Da instrucção—paladino fervoroso.

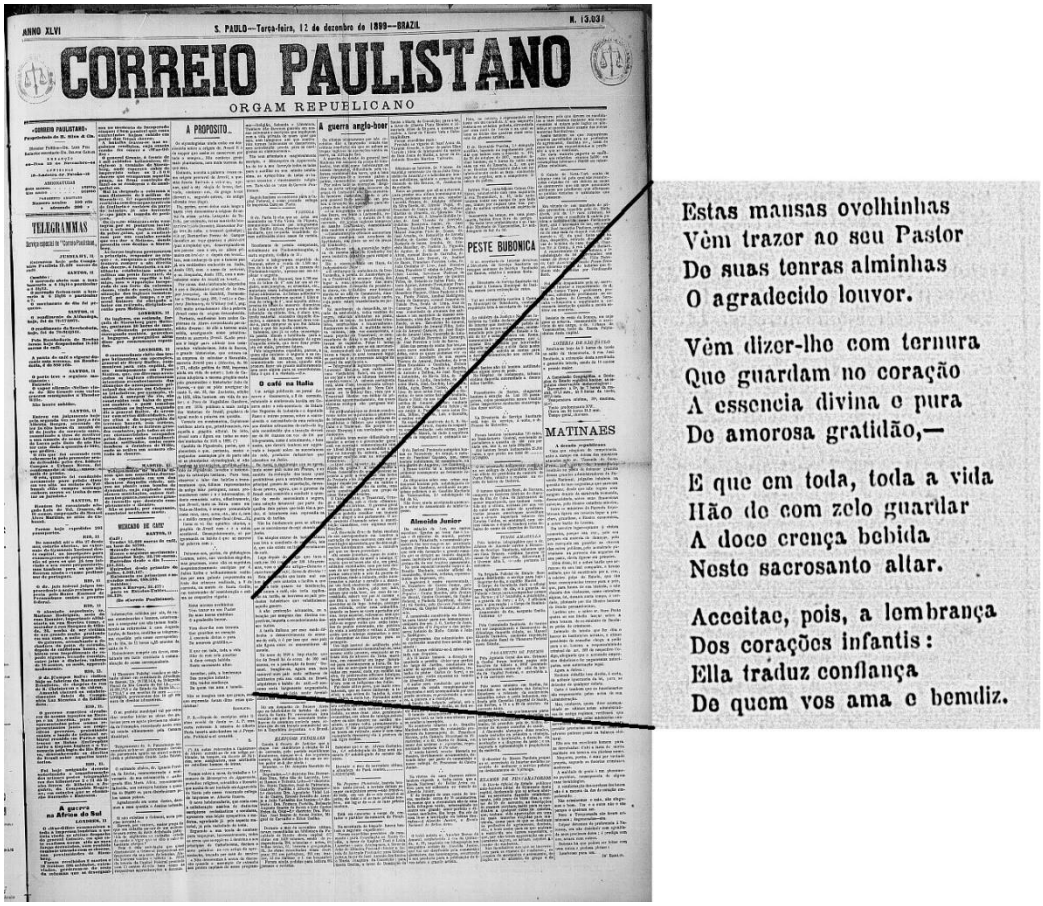
Do seu percurso, á róta illuminada
Seguindo com amor, alfin teremos
No templo da sciencia, livre entrada.

Seja o seu nome, pois, nossa bandeira
Com elle ufanas ao porvir marchemos,
Que irá comnosco a escóla brazileira! »

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

A lírica de Rolim agora também servia à utilidade de seu trabalho no grupo escolar do qual o Jardim da Infância fazia parte. Além disso, sua literatura ainda era declamada em eventos importantes e frequentados pela elite letrada. Outro poema da autora composto para recitação pública foi transcrito na coluna “A propósito...”, assinada por certo Simplício, na edição de 12 de abril de 1889 do *Correio Paulistano*.

Figura 92 – Publicação de poema sem título no jornal *Correio Paulistano*, em 1898.



ANNO XLVI — S. PAULO—Terça-feira, 12 de dezembro de 1889—BRAZIL — N. 13.031

CORREIO PAULISTANO

ORGAM REPUBLICANO

Estas mansas ovelhinhas
Vêm trazer ao seu Pastor
De suas tenras alminhas
O agradecido louvor.

Vêm dizer-lhe com ternura
Que guardam no coração
A essencia divina e pura
De amorosa gratidão,—

E que em toda, toda a vida
Hão de com zelo guardar
A doce crença bebida
Neste sacrosanto altar.

Acceitae, pois, a lembrança
Dos corações infantis:
Ella traduz confiança
De quem vos ama e bemdiz.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Tratava-se de uma composição feita para uma festa dedicada às crianças realizada dias antes, em 9 de abril de 1889, na Igreja Matriz de Santa Cecília, frequentada pela família Rolim. Os versos sem título evocavam a consideração e a estima ao vigário em exercício:

Estas mansas ovelhinhas
Vêm trazer ao seu Pastor
De suas tenras alminhas
O agradecido louvor.

Vêm dizer-lhe com ternura
Que guardam no coração
A essência divina e pura
De amorosa gratidão, –

E que em toda, toda a vida
Hão de com zelo guardar
A doce crença bebida
Neste sacrossanto altar.

Aceitai, pois, a lembrança
Dos corações infantis:
Ela traduz confiança
De quem vos ama o bendiz.

(*Correio Paulistano*, 12 abr. 1889)

As quatro quadrinhas de heptassílabos propiciavam a fácil memorização das crianças, que são comparadas nos versos a ovelhinhas a agradecer o trabalho de seu pastor. O teor religioso do poema era atrelado à pureza da infância em celebração à figura do clérigo. Dedicando a pena ao seu local de culto, a autora reforçava a imagem de mulher respeitável ante a sociedade de elite, também demonstrando seguir o conteúdo ameno esperado às escritoras de então.

A última contribuição inédita e exclusiva de Zalina Rolim para o *Correio Paulistano* foi o soneto "A meu filho", publicado na primeira página da edição de 26 de fevereiro de 1904.

A MEU FILHO

Venha do céu o melindroso anjinho
– Maravilha de graça e de inocência –
De nosso lar e flor e da existência
O rescendente laço de carinho

Venha do céu na doce refulgência
De um sorriso de Deus ao nosso ninho...
Criatura gentil, meigo entesinho,
Do eterno Bem a misteriosa essência.

Venha... e com ele o resplendor de graça
Que – avezinha ideal – passa e perpassa
E acende em nosso olhar doce lampejo...

Venha... e com ele a vaga de Ternura
Que o coração dos pais funde e mistura
Na deliciosa música do beijo.
(*Correio Paulistano*, 26 fev. 1904)

Como mencionado em nosso capítulo anterior, a autora se casou com José Xavier de Toledo em 1900. Assumindo o papel de esposa, ela se afastou da vida pública, da atividade literária e do trabalho pedagógico para dedicar-se ao lar e ao marido. Da união, segundo Leite (1954), houve apenas um filho, que morreu ao nascer. Rolim não conseguiu, assim, concretizar a experiência da maternidade, tão importante e esperada às mulheres de elite da virada do século XIX para o século XX. Seus escritos acabaram por apenas refletir uma visão ideal do ser mãe, baseada principalmente no seu afeto pelas crianças, desenvolvido no contato com o sobrinho Sinhô e os estudantes do grupo escolar em que trabalhou. Não se sabe a época exata em que se deu a perda do rebento, mas o poema em questão pode ter sido escrito tanto no período de

vivência da gravidez como durante o exercício do luto. A inspiração no filho era evidenciada na dedicação que servia de título à composição.

Figura 93 – Publicação do poema “A meu filho” no jornal *Correio Paulistano*, em 1904.



Correio Paulistano

FUNDADO EM 1854 — NUMERO 14.660

Orgam do Partido Republicano

Anno 28$000 — Semestre 15$000 — Sexta-feira, 26 de Fevereiro de 1904

A MEU FILHO

Venha do ceo o melindroso anjinho
— Maravilha de graça e de innocencia —
Do nosso lar a flôr e da existencia
O rescendente laço de carinho.

Venha do ceo na doce refulgencia
De um sorriso de Deus ao nosso ninho...
Creatura gentil, meigo entezinho,
Do eterno Bem e mysteriosa essencia.

Venha... e com elle o resplendor de graça
Que — avezinha ideal — passa e perpassa
E accende em nosso olhar doce lampejo...

Venha... e com elle a vaga de Ternura
Que o coração dos paes funde e mistura
Na deliciosa musica do beijo.

ZALINA ROLIM.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Os versos traziam um eu lírico de identidade não definida – podendo ser uma mãe ou um pai – a evocar um filho, com todas as estrofes sendo iniciadas pelo imperativo “venha”. A criança seria uma entidade enviada do céu para trazer felicidade ao seio de sua família, como uma pequena ave a chegar ao seu ninho. O carinho dos pais era bastante demarcado, bem como a pureza do infante, que era associado ao resplendor do Deus cristão. Rolim associava com veemência a chegada de um filho à verdadeira felicidade de um lar, uma visão proporcionada por preceitos religiosos e pelo ideal burguês de família.

O *Correio Paulistano* continuou noticiando os acontecimentos referentes à vida e à carreira da escritora, bem como divulgando eventos escolares em que seus escritos seriam recitados. Ficava evidente a importância do jornal para o percurso literário de Zalina Rolim, divulgando e exaltando a sua produção, tornando-lhe célebre entre os círculos intelectuais e

entre os leitores da imprensa periódica paulista. Acompanhando as diferentes correntes de opinião do período, seguindo a verve liberal ou a orientação oligárquica e conservadora, a folha também refletia a sociedade de seu tempo. A autora demonstrou-se perspicaz em seguir o que os editores do diário esperavam de seu trabalho com a pena, tratando de temas permitidos ao seu gênero, que reforçavam uma imagem virtuosa e possibilitavam a continuidade de sua carreira como escritora. A publicação no *Correio* reforçava a posição social privilegiada e a influência da escritora entre as elites, também denunciando suas limitações na abordagem de elementos que fugiam à realidade de sua condição abastada.

3.5 *Imprensa Ituana* (1876-1891)

Durante a sua estada em Itu, de 1890 a 1893, Zalina Rolim teve sua produção lançada no jornal local *Imprensa Ituana*. Com publicação geralmente bissemanal (em alguns momentos, chegou a sair semanalmente e até diariamente), iniciada em 8 de fevereiro 1876, a folha, que circulou até 1891, noticiava importantes acontecimentos da cidade de Itu e de regiões próximas, além de editar artigos, cartas, escritos literários e de variedades.

Figura 94 – Frontispício da primeira edição do jornal *Imprensa Ituana* (8 de fevereiro de 1876).


Anno I — Ytu, 8 de Fevereiro de 1876 — N. 1

A IMPRENSA YTUANA

JORNAL SCIENTIFICO, LITTERARIO, NOTICIOSO E INDUSTRIAL
DO INSTITUTO DO NOVO-MUNDO.
COLLABORADORES - DIVERSOS.
GERENTE—FELICIANO LEITE PACHECO JUNIOR

Publica-se aos Domingos. A assignatura é de 5 :000 por anno, para a cidade e 6 :000 para fóra

Fonte: Biblioteca Digital de Obras Raras, Especiais e Documentação Histórica da USP.

Tal "Jornal cientifico, literário, noticioso e industrial" era dirigido a princípio por Feliciano Leite Pacheco Júnior e patrocinado pelo Instituto do Novo Mundo, uma associação ligada ao ensino público daquela cidade. Segundo o prospecto publicado na primeira edição, a folha não teria "cor política", voltando-se principalmente a assuntos relacionados à educação, bem como servindo de espaço para os entusiastas das palavras e das ideias. A literatura aparecia já nesse número inicial, com espaço para folhetim e poesia. Em 1880, o órgão se desvinculou da mencionada instituição educacional, assumindo de vez o caráter noticioso, apesar de manter

a postura política imparcial e conservar as colunas de variedades. Àquela altura, o órgão oferecia assinatura semestral e anual, com preços diferentes para Itu e outras cidades.

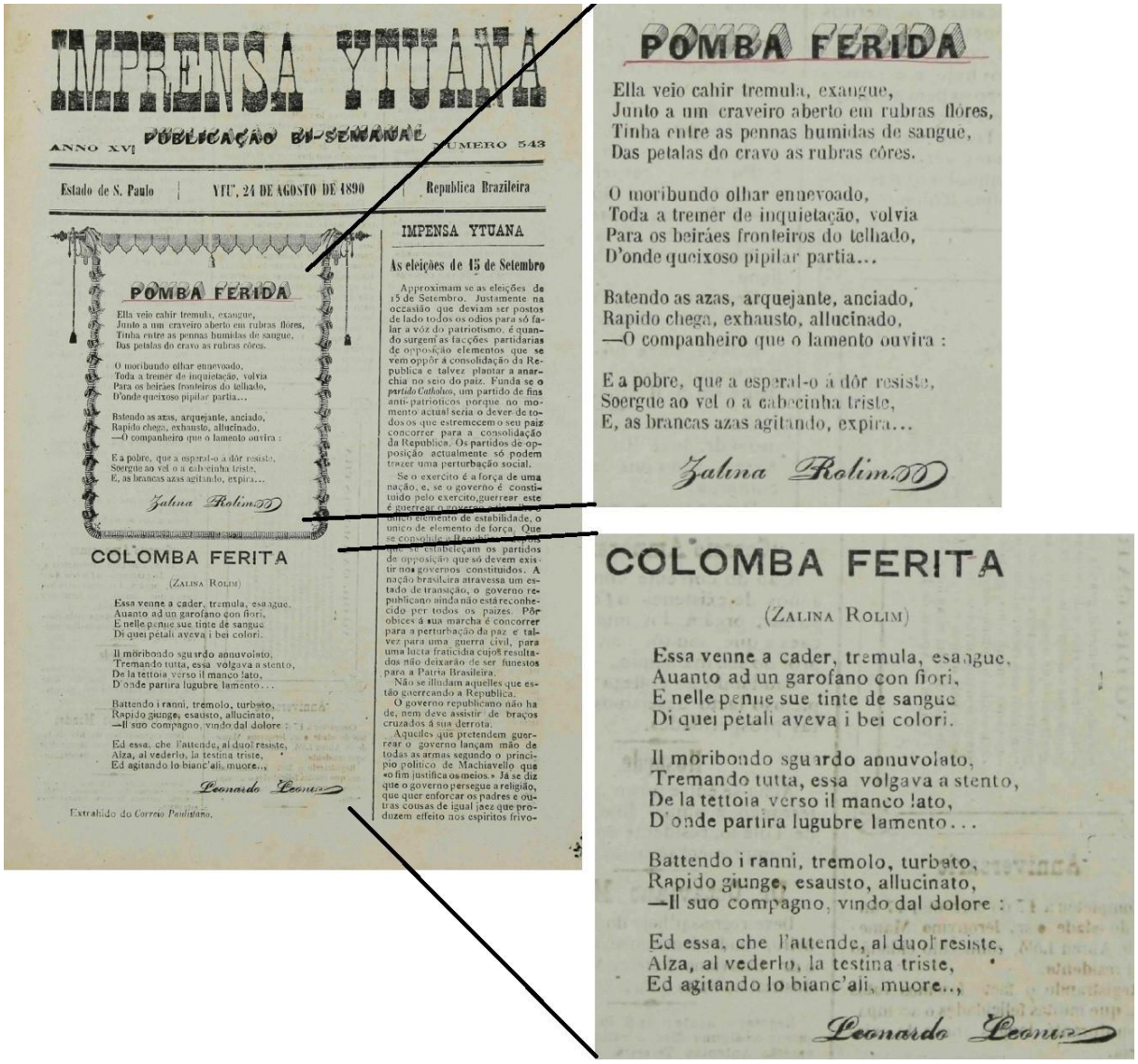
Imprensa Ituana celebrou a presença de Rolim em Itu desde a sua chegada, como evidenciado em nota publicada em 14 de agosto de 1890:

> A *Imprensa Ituana* faltaria a um sagrado dever se deixasse de render, especialmente, o seu preito de homenagem e dirigir os seus respeitosos cumprimentos à brilhante escritora e poetisa a exma. sra. d. Zalina Rolim, bastante conhecida no microcosmo literário brasileiro pelas suas produções e, que atualmente se acha nesta cidade para onde veio em companhia do respeitável par o dr. José Rolim de Oliveira Ayres, digno juiz de direito desta comarca.
> Queira receber pois a apreciada escritora as justas homenagens da pequena *Imprensa Ituana* (*Imprensa Ituana*, 14 ago. 1890).

O escrito indicava o prestígio que a autora obteve com a participação na imprensa da capital paulista e do Rio de Janeiro, sendo tratada com distinção por aquele pequeno jornal local. A honraria foi recompensada com o aceite de Zalina Rolim ao convite de enviar alguma contribuição literária à redação, sendo bastante agradecida. O soneto "Pomba ferida", já publicado anteriormente no jornal feminino *A Família*[48], acabou republicado com grande destaque na primeira página da edição de 24 de agosto de 1890 do *Imprensa Ituana*, acompanhado de uma tradução para o italiano feita por Leonardo Leoni: "Colomba ferita". Tal publicação ressaltava o valor da produção de Rolim, mostrando que merecia ser vertida a outros idiomas e apreciada não apenas naquela comarca, com seu talento alcançando lugares para além do Brasil.

Figura 95 – Publicação do poema "Pomba ferida" e de sua tradução para o italiano no jornal *Imprensa Ituana*, em 1890.

[48] Como "Pomba ferida" não faz parte da produção exclusiva e inédita de Zalina Rolim para o *Imprensa Ituana*, pertencendo à contribuição da autora para o jornal *A Família*, o poema será melhor comentado na próxima seção desta tese, focada na colaboração da escritora em questão com periódicos de mulheres.



IMPRENSA YTUANA

ANNO XVI | PUBLICAÇÃO BI-SEMANAL | NUMERO 543

Estado de S. Paulo | YTU', 24 DE AGOSTO DE 1890 | Republica Brazileira

POMBA FERIDA

Ella veio cahir tremula, exangue,
Junto a um craveiro aberto em rubras flôres,
Tinha entre as pennas humidas de sangue,
Das petalas do cravo as rubras côres.

O moribundo olhar ennevoado,
Toda a tremer de inquietação, volvia
Para os beiráes fronteiros do telhado,
D'onde queixoso pipilar partia...

Batendo as azas, arquejante, anciado,
Rapido chega, exhausto, allucinado,
—O companheiro que o lamento ouvira :

E a pobre, que a esperal-o á dôr resiste,
Soergue ao vel o a cabecinha triste,
E, as brancas azas agitando, expira...

Zalina Rolim

COLOMBA FERITA

(Zalina Rolim)

Essa venne a cader, tremula, esangue,
Auanto ad un garofano con fiori,
E nelle penne sue tinte de sangue
Di quei petali aveva i bei colori.

Il moribondo sguardo annuvolato,
Tremando tutta, essa volgava a stento,
De la tettoia verso il manco lato,
D'onde partira lugubre lamento...

Battendo i ranni, tremolo, turbato,
Rapido giunge, esausto, allucinato,
—Il suo compagno, vindo dal dolore :

Ed essa, che l'attende, al duol resiste,
Alza, al vederlo, la testina triste,
Ed agitando lo bianc'ali, muore..,

Leonardo Leoni

IMPENSA YTUANA

As eleições de 15 de Setembro

Approximam se as eleições de 15 de Setembro. Justamente na occasião que deviam ser postos de lado todos os odios para só falar a vóz do patriotismo, é quando surgem as facções partidarias de opposição elementos que se vem oppôr á consolidação da Republica e talvez plantar a anarchia no seio do paiz. Funda se o *partido Catholico*, um partido de fins anti-patrioticos porque no momento actual seria o dever de todos os que estremecem o seu paiz concorrer para a consolidação da Republica. Os partidos de opposição actualmente só podem trazer uma perturbação social.

Se o exercito é a força de uma nação, e, se o governo é constituido pelo exercito, guerrear este é guerrear o governo, [illegible] unico elemento de estabilidade, o unico de elemento de força. Que se consolidem [illegible] os partidos de opposição que só devem existir nos governos constituidos. A nação brasileira atravessa um estado de transação, o governo republicano ainda não está reconhecido por todos os paizes. Pôr obices á sua marcha é concorrer para a perturbação da paz e talvez para uma guerra civil, para uma lucta fratricida cujos resultados não deixarão de ser funestos para a Patria Brasileira.

Não se illudam aquelles que estão guerreando a Republica.

O governo republicano não ha de, nem deve assistir de braços cruzados á sua derrota.

Aquelles que pretendem guerrear o governo lançam mão de todas as armas segundo o principio politico de Machiavello que «o fim justifica os meios.» Já se diz que o governo persegue a religião, que quer enforcar os padres e outras cousas de igual jaez que produzem effeito nos espiritos frivo-

Extrahido do *Correio Paulistano*.

Fonte: Biblioteca Digital de Obras Raras, Especiais e Documentação Histórica da USP.

Após também reeditar naquela folha, em 11 de setembro de 1890, o soneto “Crente”, composição esta, como vimos, originalmente publicada no *Correio Paulistano*, Zalina Rolim ofereceu ao *Imprensa Ituana* uma única contribuição inédita e exclusiva. O poema “15 de novembro” foi dado a público em 13 de novembro de 1890, na edição em que o jornal celebrava o primeiro aniversário da proclamação da República brasileira.

15 DE NOVEMBRO

Bela, ideal, triunfante e luminosa
Surgiu dentre uma nuvem de esplendores;
E, ao rútilo clarão dos seus fulgores,
Rugiu a fera e se entreabriu a rosa...

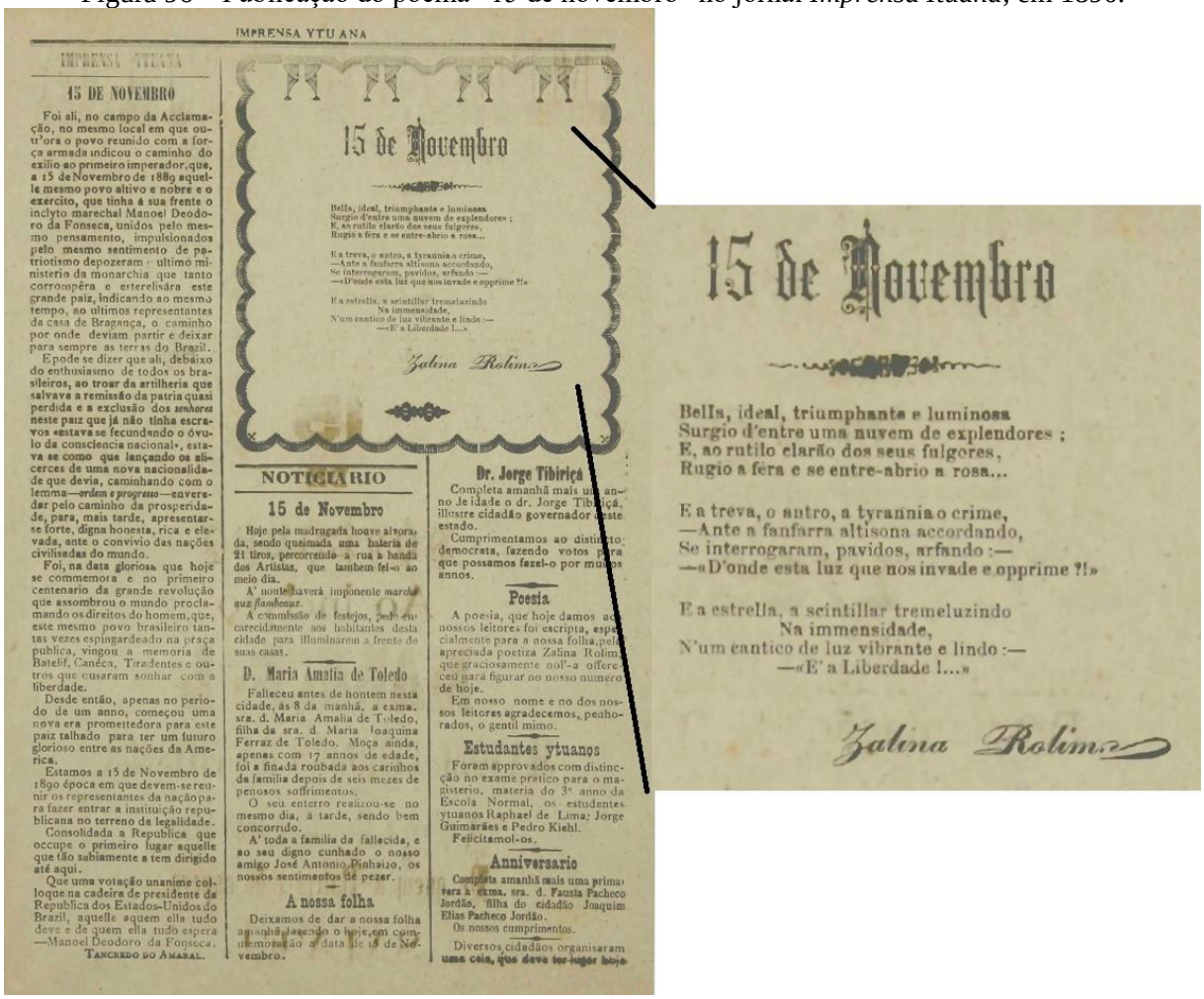
E a treva, o antro, a tirania o crime
– Ante a fanfarra altíssona acordando,

Se interrogaram, pávidos, arfando: -
– “Donde esta luz que nos invade e oprime?!”

E a estrela, a cintilar tremeluzindo
Na imensidade,
Num cântico de luz vibrante e lindo:-
– “É a liberdade!...”
(*Imprensa Ituana,* 13 nov. 1890).

Para homenagear a data-título, Rolim utilizou versos compostos por dez sílabas poéticas (decassílabos), alternados na estrofe final com versos compostos por cinco sílabas poéticas (pentassílabos ou redondilhas menores), em clara alusão ao número quinze. As duas primeiras quadrinhas seguiam o esquema de rimas em ABBA, enquanto a última rimava em ABAB. O poema relacionava-se ao contexto social de inspiração ufanista, descrevendo com exaltação a suposta liberdade trazida pelo regime republicano.

Figura 96 – Publicação do poema “15 de novembro” no jornal *Imprensa Ituana,* em 1890.



IMPRENSA YTUANA

15 DE NOVEMBRO

Foi ali, no campo da Acclamação, no mesmo local em que outr'ora o povo reunido com a força armada indicou o caminho do exilio ao primeiro imperador, que, a 15 de Novembro de 1889 aquelle mesmo povo altivo e nobre e o exercito, que tinha á sua frente o inclyto marechal Manoel Deodoro da Fonseca, unidos pelo mesmo pensamento, impulsionados pelo mesmo sentimento de patriotismo depozeram o ultimo ministerio da monarchia que tanto corrompêra e esterelisára este grande paiz, indicando ao mesmo tempo, ao ultimos representantes da casa de Bragança, o caminho por onde deviam partir e deixar para sempre as terras do Brazil.

Epode se dizer que ahi, debaixo do enthusiasmo de todos os brasileiros, ao troar da artilheria que salvava a remissão da patria quasi perdida e a exclusão dos *senhores* neste paiz que já não tinha escravos «estava se fecundando o ovulo da consciencia nacional», estava se como que lançando os alicerces de uma nova nacionalidade que devia, caminhando com o lemma—*ordem e progresso*—enveredar pelo caminho da prosperidade, para, mais tarde, apresentar-se forte, digna honesta, rica e elevada, ante o convivio das nações civilisadas do mundo.

Foi, na data gloriosa que hoje se commemora e no primeiro centenario da grande revolução que assombrou o mundo proclamando os direitos do homem, que, este mesmo povo brasileiro tantas vezes espingardeado na praça publica, vingou a memoria de Batelif, Caneca, Tiradentes e outros que ousaram sonhar com a liberdade.

Desde então, apenas no periodo de um anno, começou uma nova era promettedora para este paiz talhado para ter um futuro glorioso entre as nações da America.

Estamos a 15 de Novembro de 1890 época em que devem-se reunir os representantes da nação para fazer entrar a instituição republicana no terreno da legalidade.

Consolidada a Republica que occupe o primeiro lugar aquelle que tão sabiamente a tem dirigido até aqui.

Que uma votação unanime coloque na cadeira de presidente da Republica dos Estados-Unidos do Brazil, aquelle aquem ella tudo deve e de quem ella tudo espera —Manoel Deodoro da Fonseca.

TANCREDO DO AMARAL.

15 de Novembro

Bella, ideal, triumphante e luminosa
Surgio d'entre uma nuvem de explendores ;
E, ao rutilo clarão dos seus fulgores,
Rugio a fera e se entre-abrio a rosa...

E a treva, o antro, a tyrannia o crime,
—Ante a fanfarra altisona accordando,
Se interrogaram, pavidos, arfando :—
—«D'onde esta luz que nos invade e opprime ?!»

E a estrella, a scintillar tremeluzindo
Na immensidade,
N'um cantico de luz vibrante e lindo :—
—«E' a Liberdade !...»

Zalina Rolim

NOTICIARIO

15 de Novembro

Hoje pela madrugada houve alvorada, sendo queimada uma bateria de 21 tiros, percorrendo a rua a banda dos Artistas, que tambem fel-o ao meio dia.

A' noite haverá imponente *marche aux flambeaux*.

A commissão de festejos, pede encarecidamente aos habitantes desta cidade para illuminarem a frente de suas casas.

D. Maria Amalia de Toledo

Falleceu antes de hontem nesta cidade, ás 8 da manhã, a exma. sra. d. Maria Amalia de Toledo, filha da sra. d. Maria Joaquina Ferraz de Toledo. Moça ainda, apenas com 17 annos de edade, foi a finada roubada aos carinhos da familia depois de seis mezes de penosos soffrimentos.

O seu enterro realizou-se no mesmo dia, á tarde, sendo bem concorrido.

A' toda a familia da fallecida, e ao seu digno cunhado o nosso amigo José Antonio Pinheiro, os nossos sentimentos de pezar.

A nossa folha

Deixamos de dar a nossa folha aguanhã lançado o hoje, em commemoração a data de 15 de Novembro.

Dr. Jorge Tibiriçá

Completa amanhã mais um anno de idade o dr. Jorge Tibiriçá, illustre cidadão governador deste estado.

Cumprimentamos ao distincto democrata, fazendo votos para que possamos fazel-o por muitos annos.

Poesia

A poesia, que hoje damos aos nossos leitores foi escripta, especialmente para a nossa folha, pela apreciada poetiza Zalina Rolim que graciosamente nol-a offereceu para figurar no nosso numero de hoje.

Em nosso nome e no dos nossos leitores agradecemos, penhorados, o gentil mimo.

Estudantes ytuanos

Foram approvados com distincção no exame pratico para o magisterio, materia do 3º anno da Escola Normal, os estudantes ytuanos Raphael de Lima; Jorge Guimarães e Pedro Kiehl.

Felicitamol-os.

Anniversario

Completa amanhã mais uma primavera a exma. sra. d. Fausta Pacheco Jordão, filha do cidadão Joaquim Elias Pacheco Jordão.

Os nossos cumprimentos.

Diversos cidadãos organisaram uma ceia, que deve ter lugar hoje

Fonte: Biblioteca Digital de Obras Raras, Especiais e Documentação Histórica da USP.

Representada como uma estrela que iluminava a escuridão de barbárie em que se encontrava o Brasil, a aparente emancipação política era anunciada em solenidade e vangloriada no despertar do sentimento nacionalista. Tal representação contemplava uma perspectiva entusiasmada no tocante ao novo regime, apresentando um caráter pátrio e conservador.

Muito provavelmente, "15 de novembro" serviu para informar o posicionamento político da autora não apenas à sociedade de Itu, mas também a todo o estado de São Paulo. Concordando com a opinião dos principais veículos da imprensa da época, em esmagadora maioria apoiadora e favorável à Primeira República, Zalina Rolim demonstrava-se de certa forma esclarecida, garantindo seu espaço nos círculos intelectuais de então, bem como nos periódicos que estes imprimiam. Ela foi gradativamente se engajando pelas causas educacionais propostas na instauração do novo governo, com a sua produção servindo aos ideais propagados naquele momento. Por consequência, ela acabou fortalecendo o seu trabalho com a pena por meio do apoio da administração pública, chegando inclusive assumir um cargo importante em uma das instituições de ensino responsáveis pela formação de futuros cidadãos de acordo com o pensamento republicano.

Imprensa Ituana, na ausência de uma contribuição mais ativa da escritora, chegou a editar um poema de outro autor indicado por ela. A publicação do soneto "Anjo enfermo", do poeta e professor mineiro Afonso Celso Júnior (1860-1938), em 20 de novembro de 1890, foi creditada a Zalina Rolim, que teria oferecido à redação uma cópia de tal composição retirada diretamente de seu álbum pessoal, descrito pela folha como "um verdadeiro escrínio de joias poéticas de inestimável valor" (*Imprensa Ituana*, 20 nov. 1890). Para além da literatura, o referido jornal continuou noticiando a vida social da autora até a sua despedida de Itu, divulgando desde sua operação para retirada de um calázio (inflamação ocular) da pálpebra superior direita, em 2 de novembro de 1890, até a sua participação em uma comissão para a formação de uma sociedade de dança no Clube Recreio Ituano, em 18 de dezembro de 1890.

3.6 *Novidades* (1887-1892)

O jornal *Novidades* foi outro veículo impresso de destaque a receber a colaboração de Zalina Rolim. Publicado no Rio de Janeiro, o periódico circulou de 1887 a 1892, sendo fundado pelo Partido Conservador, sob a direção do jornalista Alcindo Guanabara (1865-1918). Apesar da ligação com proprietários rurais, comerciantes e altos funcionários do governo imperial, a folha propunha em seu editorial de estreia, na edição de 25 de janeiro de 1887, comunicar as notícias sem ligação ideológica a qualquer divisão política. Por outro lado, também

demonstrava não querer se privar de assumir posicionamentos diante de questões importantes à sociedade:

> Dispensamo-nos, portanto, de fazer profissão de fé política: não conhecemos a política, não nos importam os partidos, não nos prendemos nem a uma ideia especialmente, nem a parcialidades de ordem alguma. Tanto quanto pudermos, estaremos vigilantes a guardar interesses gerais, e cuidar do que nos parece o bem comum. [...] Não temos a pretensão de dirigir a opinião pública, não procuramos sem Mentores de quem quer que seja; vimos, apenas, trazer o nosso diminuto contingente à sociedade cujo adiantamento e progresso se aferem pelo número de guardas de seus interesses na imprensa diária (*Novidades*, 25 jan. 1887).

Dessa maneira, os editores do referido órgão prometiam aos leitores lutar pelo benefício e pelo melhoramento da coletividade, mas sem que interesses de qualquer ordem impedissem a livre manifestação do seu modo de pensar. A associação do órgão com a Agência Telegráfica Internacional, bem como a distribuição de correspondentes nas principais províncias e especialmente em cidades do interior do Rio de Janeiro, de Minas Gerais e de São Paulo asseguravam ao jornal a informação do que se passava dentro e fora do país.

Figura 97 – Frontispício do jornal *Novidades*.



Anno I—N. 1 Rio de Janeiro, Terça-feira, 25 de Janeiro de 1887 Avulso 40 rs.

ASSIGNATURAS PARA A CÔRTE
Anno..... 12$000
Semestre..... 6$000
PAGAMENTO ADIANTADO
Telephone n. 215
Santos, Guanabara & C.

NOVIDADES

ASSIGNATURAS PARA AS PROVINCIAS
Anno..... 16$000
Semestre..... 8$000
PAGAMENTO ADIANTADO
Escriptorio e Redacção
143 Rua do Ouvidor 143

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Com circulação diária, *Novidades* oferecia assinaturas semestral e anual, com desconto no preço para o Rio, então capital federal, sempre com pagamento adiantado. Posteriormente, também pôde ser adquirido em número avulso. Para além da publicação de telegramas, notícias cotidianas, editoriais, crônicas de viagem, notas políticas e críticas diversas, o jornal oferecia espaço expressivo para as belas letras desde o seu primeiro número, com a seção "Folhetim" trazendo trabalhos de ficção ao rés da primeira página. Com o passar das edições, a folha também passou a privilegiar a produção poética.

Foi a própria Zalina Rolim, como vimos no capítulo anterior, quem se ofereceu para integrar o time de colaboradores literários do referido jornal, enviando uma carta para a redação solicitando a inclusão de seus escritos naquele impresso. O teor da carta, com trechos publicados em nota na edição de 14 de outubro de 1890, denunciava a modéstia e o recato

esperados a uma jovem escritora que tentava galgar o seu espaço na elite intelectual da época. A sua postura foi reconhecida com um entusiasmado aceite de publicação:

> Ó adorável poetisa, o talento privilegiado de Zalina Rolim não pede, ordena que lhe sejam franqueadas as colunas do *Novidades*, não algumas vezes, mas diariamente que oxalá tal seja e a honra será toda nossa e o prazer dos nossos leitores que serão, assim, mimoseados com verdadeiras joias literárias, inestimáveis (*Novidades*, 14 out. 1890).

A colaboração se efetivou na edição de 16 de outubro de 1890, com o soneto "Gozo pungente" aparecendo na primeira página daquele diário. No referido poema, um eu lírico de gênero não definido mostrava-se em conflito em relação ao ser amado:

> GOZO PUNGENTE
>
> Eu não sei se o detesto ou se o adoro,
> Não sei se é isto amar ou se é loucura:
> Junto dele – eu não vejo a noite escura,
> Se ele foge de mim, definho e choro.
>
> Quero afastar-me – e o seu olhar imploro,
> Falar-lhe tento – e minha voz murmura.
> Se ele sorrindo, os olhos meus procura
> Inclino a fronte e estremecendo coro...
>
> Como é pungente e dura esta incerteza!...
> Mas, a curar-me a dor desta agonia
> Que tem laivos de riso e de tristeza,
>
> Quantas vezes, meu Deus, preferiria
> Viver cativa, eternamente presa,
> Deste mal que me fere e acaricia!...
> (*Novidades*, 16 out. 1890)

Entre a atração e a repulsa, a voz poética refletia sobre o que sentia, evidenciando que não conseguia se desvencilhar daquilo que parecia lhe trazer ao mesmo tempo grande prazer e intensa dor. Nos últimos versos, ela acabava se entregando à representação resiliente do amor, atrelada ao sofrer cativo. É interessante destacar a descrição feita por Rolim do contato amoroso, envolvendo o encanto, o pudor, bem como a dependência no tocante às ações do ser amado. Tal exposição se conectava com o esperado às mulheres de então, resguardadas sob o amor romântico, mais uma vez representado na lírica da autora.

Figura 98 – Publicação do poema "Gozo pungente" no jornal *Novidades*, em 1890.



NOVIDADES

PROPRIEDADE DE SYLVIO BAPTISTA & C.

CAPITAL FEDERAL — QUINTA-FEIRA 16 DE OUTUBRO DE 1890

LOPES TROVÃO

GOSO PUNGENTE

Eu não sei se o detesto ou se o adoro,
Não sei se é isto amar ou se é loucura:
Junto d'elle — eu não vejo a noite escura,
Se elle foge de mim — definho e choro.

Quero afastar-me — e o seu olhar imploro,
Falar-lhe tento — e minha voz murmura,
Se elle sorrindo, os olhos meus procura
Inclino a fronte e estremecendo ébro...

Como é pungente e dura esta incerteza!...
Mas, a curar-me a dôr desta agonia
Que tem laivos de riso e de tristeza,

Quantas vezes, meu Deus, preferiria
Viver captiva, eternamente presa,
Deste mal que me fere e acaricia!...

Zalina Rolim.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Levando em consideração o desejo da redação em manter a contribuição de Zalina Rolim recorrente, é de se estranhar que a participação da escritora em *Novidades* não se prolongou. Na edição de 29 de novembro de 1890, o soneto "Ave mensageira" marcou a última aparição da autora naquela folha. Na ocasião, uma ave assumia a voz poética dos versos:

AVE MENSAGEIRA

Célia me disse: – "Voa, corta os ares,
Vai, céu e terra e mares perscrutando,
Se ele não vive – deixa-me chorando...
Se ele esqueceu-me – volta a estes lugares."

Vales, montanhas, infinitos mares
Fui percorrendo célebre, voando...
– Vejo-o afinal, vejo-o a sorrir, jurando
Amor sob o clarão de outros olhares....

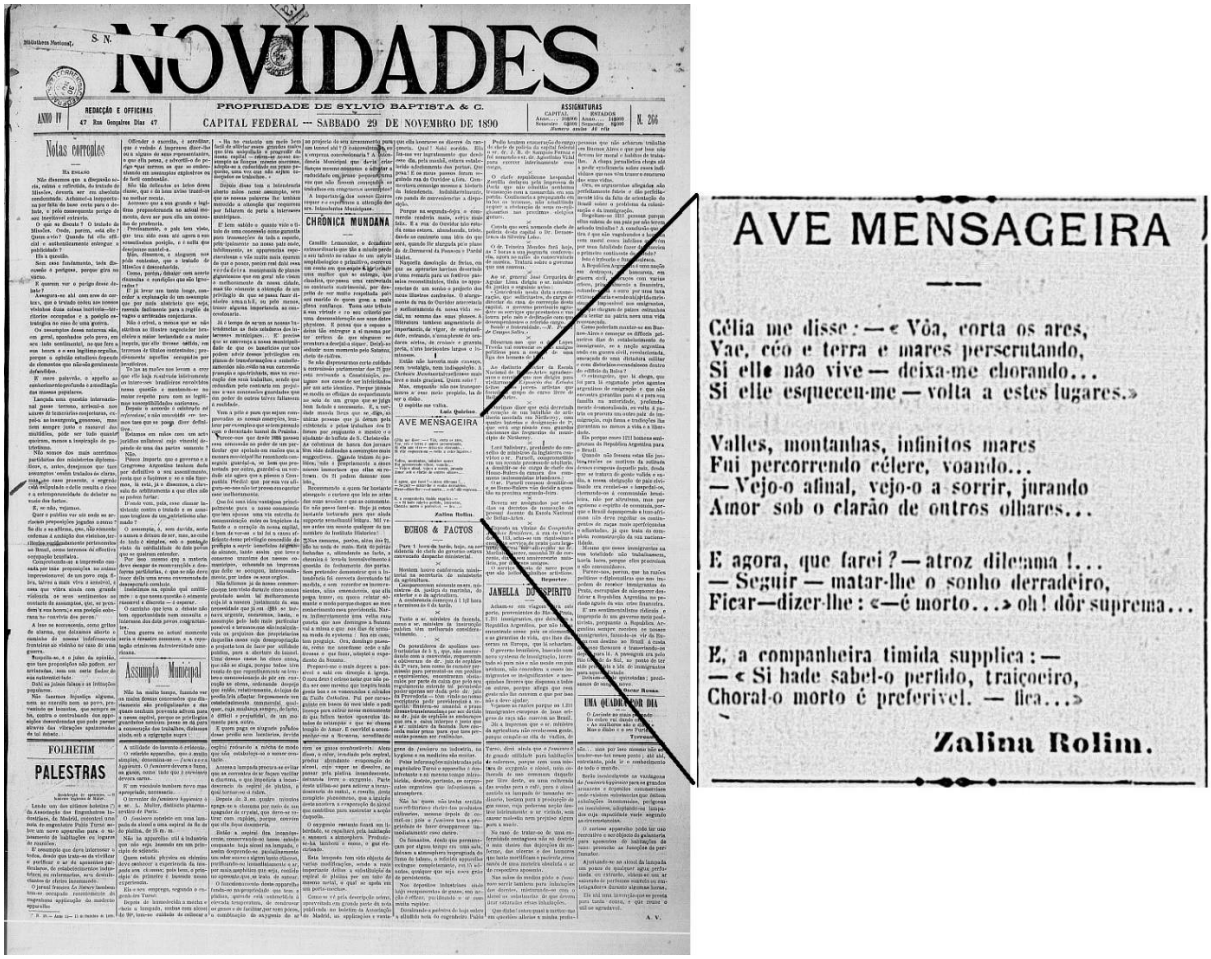
E agora, que farei? – atroz dilema!....
– Seguir – matar-lhe o sonho derradeiro,
Ficar – dizer-lhe: "– é morto...." oh! dor suprema...

E, a companheira tímida suplica:
– "Se há de sabê-lo perdido, traiçoeiro,
Chorá-lo morto é preferível. – fica..."
(*Novidades,* 29 nov. 1890)

A composição era iniciada com o eu lírico pássaro expondo ser informante de certa "companheira tímida". Ela lhe pedira para procurar o seu ente amado afim de saber se ele correspondia aos seus sentimentos. A ave o encontrava aparentemente feliz na companhia de outro alguém, restando o dilema de contar ou não o que vira para a interlocutora, tentando evitar o seu sofrimento. Ao final do poema, a figura feminina demonstrava preferir que a mensageira mentisse, escondendo a traição daquele por quem tinha apreço. Na visão firmada pelo poema, seria mais prudente acreditar na morte do estimado do que encarar que o perdera para outra pessoa.

Rolim outra vez assinalava uma representação de amor ligada à dependência no tocante ao ser amado, bem como à escolha de permanecer na ilusão de uma falsa retribuição de afeto. Levando em consideração o interlocutor feminino, a autora reproduzia a imagem de mulheres resignadas no que se refere aos próprios sentimentos e às ações dos homens. O elemento simbólico da ave mensageira poderia representar a consciência da mulher a enfrentar a realidade com relação aos impasses que envolviam os relacionamentos amorosos. O diálogo entre o ser feminino e o pássaro refletia o conflito interno em aceitar o aparente fracasso sentimental.

Figura 99 – Publicação do poema "Ave mensageira" no jornal *Novidades*, em 1890.



NOVIDADES

PROPRIEDADE DE SYLVIO BAPTISTA & C.

CAPITAL FEDERAL — SABBADO 29 DE NOVEMBRO DE 1890

AVE MENSAGEIRA

Célia me disse: — « Vôa, corta os ares,
Vae, céo e terra e mares perscrutando,
Si elle não vive — deixa-me chorando...
Si elle esqueceu-me — volta a estes logares.»

Valles, montanhas, infinitos mares
Fui percorrendo célere, voando...
— Vejo-o afinal, vejo-o a sorrir, jurando
Amor sob o clarão de outros olhares...

E agora, que farei? — atroz dilemma!...
— Seguir — matar-lhe o sonho derradeiro,
Ficar — dizer-lhe: «— é morto...» oh! dôr suprema...

E, a companheira timida supplica: —
— « Si hade sabel-o perfido, traiçoeiro,
Choral-o morto é preferivel. — fica...»

Zalina Rolim.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

A descontinuidade da colaboração de Zalina Rolim com *Novidades* possivelmente esteve atrelada ao seu estabelecimento em Itu e à sua participação na imprensa local. No entanto, a curta incursão da escritora no referido jornal possibilitou o aumentando do seu prestígio e do reconhecimento de seu talento no meio intelectual do Rio de Janeiro.

3.7 *O Álbum* (1893-1895)

A revista *O Álbum* foi mais uma relevante publicação a abrigar a escrita de Zalina Rolim. Lançada no Rio de Janeiro, tal periódico circulou, com algumas interrupções, de 1893 a 1895. Com tiragem semanal, trazia a possibilidade de venda em número avulso ou por assinatura em séries de cinquenta e dois ou de vinte e cinco exemplares. O já mencionado escritor Arthur Azevedo assumia o cargo de diretor, sendo auxiliado pelo poeta e jornalista Francisco de Paula Ney (1858-1897), que aparecia como agente geral. Na ausência de Azevedo, a direção do hebdomadário passava para a responsabilidade do escritor e jornalista Valentim Magalhães.

Figura 100 – Frontispício da primeira edição da revista *O Álbum* (janeiro de 1893).


ANNO I — N. 1 JANEIRO DE 1893

O ÁLBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO. Agente geral, PAULA NEY.

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 2$000 por série de 52 numeros, e de 1$000 por série de 26 numeros. Numero avulso 500 réis.

DIRECÇÃO: RUA DOS OURIVES N. 7

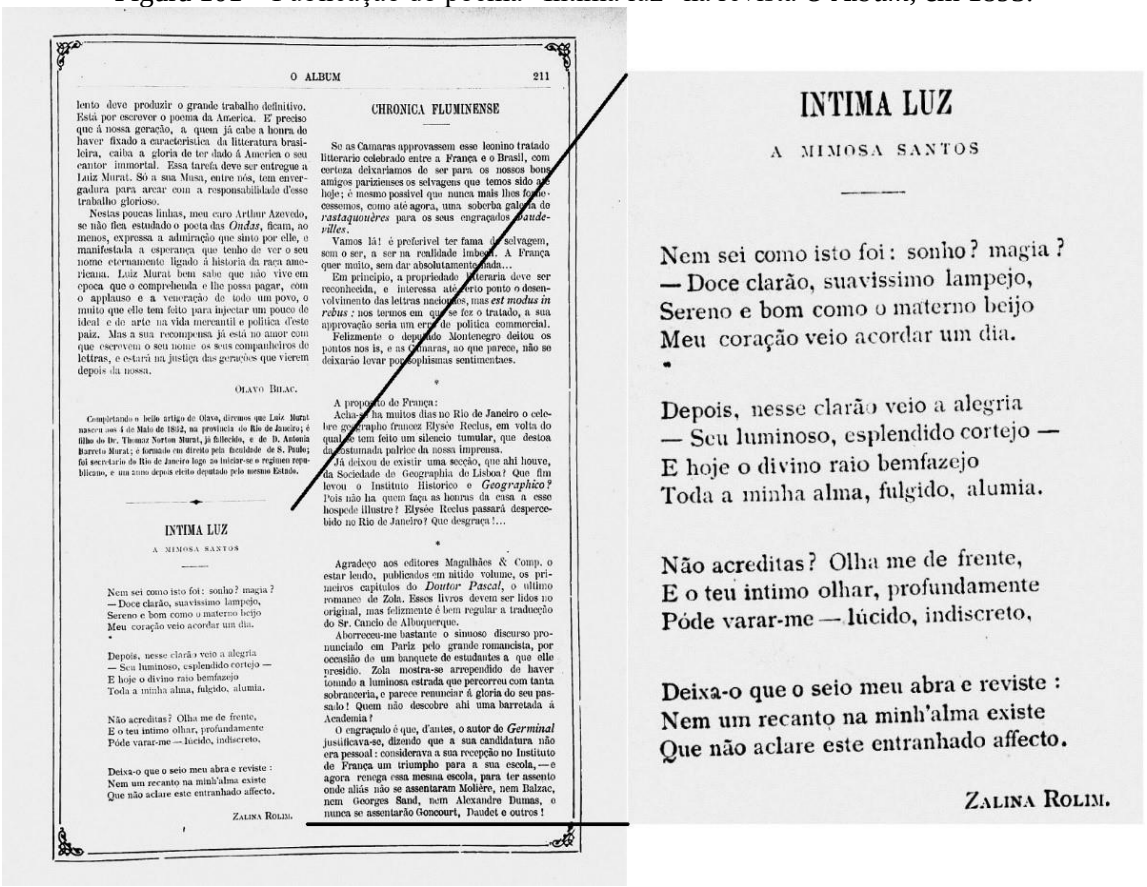
Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Os exemplares apenas vinham com a indicação do mês em que eram publicados, sem especificação do dia. Em seu "Cavaco preliminar", publicado no primeiro número de janeiro de 1893, o periódico informava o foco em "crônicas teatrais e do esporte, romances, contos, fantasias, versos, etc., além de ligeiros artigos comentando os factos mais salientes do dia, com exclusão dos políticos" (*O Álbum*, jan. 1893). Tal prospecto ainda indicava que a folha funcionava com recursos próprios, sem qualquer auxílio público ou de publicidade, o que lhe assegurava maior controle criativo. O cuidado editorial fazia-se presente na curadoria e na organização do material textual, bem como no trabalho gráfico das páginas, todas contornadas por uma delicada moldura.

O nome da revista advinha da ideia de documentar e valorizar a carreira de pessoas ilustres de várias áreas do conhecimento e da arte. Cada edição estampava o retrato em litografia de alguma dessas figuras notáveis acompanhado de um esboço biográfico assinado por Azevedo, formando aos poucos um grande álbum. A paginação continuada fortalecia essa ideia de integração na coleção do hebdomadário. Na galeria de mais de cinquenta homenageados, apenas três mulheres foram lembradas: a médica Ermelinda Lopes de Vasconcelos (1866-1952) e as atrizes Ismênia dos Santos (1840-1918) e Leonor Rivera. Todavia, dentre os colaboradores de *O Álbum*, apresentados como "os primeiros nomes de nossa literatura", algumas escritoras se destacavam, como as já conhecidas Francisca Júlia, Ignez Sabino, Maria Clara da Cunha Santos e Adelina Lopes Vieira, além da própria Zalina Rolim. A composição da revista também fazia alusão à coleção de registros escritos, principalmente recortes literários, prática comum na época (LACERDA, 2003).

A curta, mas relevante participação de Rolim no veículo impresso em questão teve início na primeira edição de julho de 1893, com o soneto “Íntima luz”. Dedicado a Mimosa Santos, o poema comparava um bom sentimento a um clarão que surgia no coração do eu lírico.

Figura 101 – Publicação do poema “Íntima luz” na revista *O Álbum*, em 1893.



O ALBUM 211

lento deve produzir o grande trabalho definitivo. Está por escrever o poema da America. E' preciso que á nossa geração, a quem já cabe a honra de haver fixado a caracteristica da litteratura brasileira, caiba a gloria de ter dado á America o seu cantor immortal. Essa tarefa deve ser entregue a Luiz Murat. Só a sua Musa, entre nós, tem envergadura para arcar com a responsabilidade d'esse trabalho glorioso.

Nestas poucas linhas, meu caro Arthur Azevedo, se não fica estudado o poeta das *Ondas*, ficam, ao menos, expressa a admiração que sinto por elle, o manifestada a esperança que tenho de ver o seu nome eternamente ligado á historia da raça americana. Luiz Murat bem sabe que não vive em epoca que o comprehenda e lhe possa pagar, com o applauso e a veneração de todo um povo, o muito que elle tem feito para injectar um pouco de ideal e de arte na vida mercantil e politica d'este paiz. Mas a sua recompensa já está no amor com que escrevem o seu nome os seus companheiros de lettras, e estará na justiça das gerações que virem depois da nossa.

OLAVO BILAC.

Completando o bello artigo de Olavo, diremos que Luiz Murat nasceu aos 4 de Maio de 1852, na provincia do Rio de Janeiro; é filho do Dr. Thomaz Norton Murat, já fallecido, e de D. Antonia Barreto Murat; é formado em direito pela faculdade de S. Paulo; foi secretario do Rio de Janeiro logo ao inicial-se o regimen republicano, e um anno depois eleito deputado pelo mesmo Estado.

INTIMA LUZ

A MIMOSA SANTOS

Nem sei como isto foi: sonho? magia?
— Doce clarão, suavissimo lampejo,
Sereno e bem como o materno beijo
Meu coração veio acordar um dia.

Depois, nesse clarão veio a alegria
— Seu luminoso, esplendido cortejo —
E hoje o divino raio bemfazejo
Toda a minha alma, fulgido, alumia.

Não acreditas? Olha me de frente,
E o teu intimo olhar, profundamente
Póde varar-me — lúcido, indiscreto,

Deixa-o que o seio meu abra e reviste:
Nem um recanto na minh'alma existe
Que não aclare este entranhado affecto.

ZALINA ROLIM.

CHRONICA FLUMINENSE

Se as Camaras approvassem esse leonino tratado litterario celebrado entre a Franca e o Brasil, com certeza deixariamos de ser para os nossos bons amigos parizienses os selvagens que temos sido até hoje; é mesmo possivel que nunca mais lhes fosse-cossemos, como até agora, uma soberba galeria de *rastaquouères* para os seus engraçados *vaudevilles*.

Vamos lá! é preferivel ter fama de selvagem, sem o ser, a ser na realidade imbecil. A França quer muito, sem dar absolutamente nada...

Em principio, a propriedade litteraria deve ser reconhecida, e interessa até certo ponto o desenvolvimento das lettras nacionaes, mas *est modus in rebus*: nos termos em que se fez o tratado, a sua approvação seria um erro de politica commercial.

Felizmente o deputado Montenegro deitou os pontos nos is, e as Camaras, ao que parece, não se deixarão levar por sophismas sentimentaes.

*

A propositio de Franca:

Acha-se ha muitos dias no Rio de Janeiro o celebre geographo francez Elysée Reclus, em volta do qual se tem feito um silencio tumular, que destoa da costumada pulrice da nossa imprensa.

Já deixou de existir uma secção, que ahi houve, da Sociedade de Geographia de Lisboa? Que fim levou o Instituto Historico e *Geographico*? Pois não ha quem faça as honras da casa a esse hospede illustre? Elysée Reclus passará desperce-bido no Rio de Janeiro? Que desgraça!...

*

Agradeço aos editores Magalhães & Comp. o estar lendo, publicados em nitido volume, os primeiros capitulos do *Doutor Pascal*, o ultimo romance de Zola. Esses livros devem ser lidos no original, mas felizmente é bem regular a traducção do Sr. Cancio de Albuquerque.

Aborreceu-me bastante o sinuoso discurso pronunciado em Pariz pelo grande romancista, por occasião do um banquete de estudantes a que elle presidio. Zola mostra-se arrependido de haver tomado a luminosa estrada que percorreu com tanta sobranceria, e parece renunciar á gloria do seu passado! Quem não descobre ahi uma barretada á Academia!

O engraçado é que, d'antes, o autor do *Germinal* justificava-se, dizendo que a sua candidatura não era pessoal: considerava a sua recepção no Instituto de Franca um triumpho para a sua escola, — e agora renega essa mesma escola, para ter assento onde aliás não se assentaram Molière, nem Balzac, nem Georges Sand, nem Alexandre Dumas, e nunca se assentarão Goncourt, Daudet e outros!

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

ÍNTIMA LUZ
(A MIMOSA SANTOS)

Nem sei como isto foi: sonho? magia?
– Doce clarão, suavíssimo lampejo,
Sereno e bom como o materno beijo
Meu coração veio acordar um dia.

Depois, nesse clarão veio a alegria
– Seu luminoso, esplendido cortejo –
E hoje o divino raio benfazejo
Toda a minha alma, fúlgido, alumia.

Não acreditas? Olha-me de frente,
E o teu íntimo olhar, profundamente
Pode varar-me – lúcido, indiscreto,

Deixa-o que o seio meu abra e reviste:
Nem um recanto na minh’alma existe

Que não aclare este entranhado afeto.
(*O Álbum*, jul. 1893)

Sem anúncio prévio, a luz do afeto dominara toda a alma da voz poética que, ao final da composição, não sentia receio em mostrar o seu brilho. Tratava-se de uma reverência ao amor, apontando a felicidade que ele traria. Tal visão otimista contrastava com o tom melancólico de outros versos da autora, mais ligados ao ideal romântico.

Como já mencionado nesta tese, as dedicatórias de escritos a pessoas queridas ou admiradas eram recorrentes na produção de Rolim, assim como era na de outras autoras oitocentistas. Essas mulheres letradas também compartilhavam composições, escritas para compor seus álbuns de leitura pessoais, compêndios que também podiam resguardar excertos de obras queridas, recortes de publicação e trabalhos ainda inéditos. Os escritos recebidos de presente de outras companheiras de pena poderiam ser guardados como tesouros ou divididos com mais leitores por meio da imprensa, sendo compartilhados tanto por quem os assinava como por quem os detinha em posse. Do álbum de Zalina Rolim, a revista *O Álbum* editou, em setembro de 1893, o poema "A tua voz", de Adelina Lopes Vieira.

A TUA VOZ
(No álbum de Zalina Rolim)

Mais que de uma harpa, o soluçar plangente,
Mais que a flauta a nota cristalina,
Da tua voz a música divina
Atrai e encanta deliciosamente.

Tão febril e tão meiga, brandamente
Em minh'alma penetra e peregrina,
Como por fresta oculta e pequenina
Entra um raio de sol na treva algente.

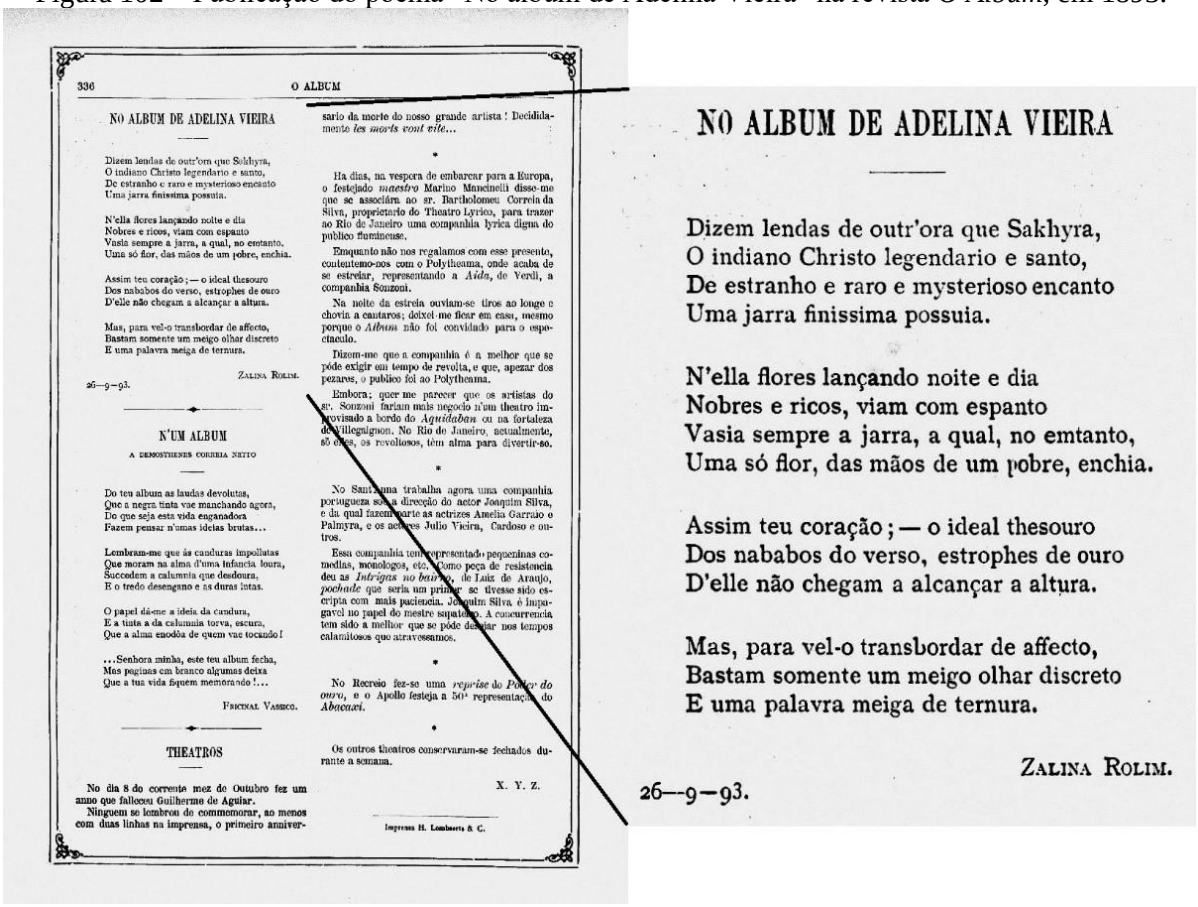
Canta, poetisa, uns poemas delirantes,
E às mãos cheias esparge, caridosa,
Do teu tesouro os fúlgidos diamantes!

Canta! dedilha a lira sonora!
Quero, em êxtase, ouvir os sons tocantes
Da tua voz dolente e harmoniosa.
(*O Álbum*, set. 1893)

Não se tem certeza se a própria Rolim ofereceu o soneto para publicação no periódico ou se foi Vieira quem o enviou para a redação da referida folha. A composição em questão parecia elogiar o talento da autora, convidando-a a produzir e aprimorar mais escritos. O eu lírico informava sobre o prazer que tinha em ouvir os seus versos, reafirmando a sua

musicalidade por toda a extensão do poema, especialmente a partir da comparação com a harmonia de instrumentos sonoros, como a harpa e a flauta. Em outubro de 1893, a mesma revista publicou um soneto sem título de Zalina Rolim que faria parte do álbum de propriedade de Adelina Lopes Vieira.

Figura 102 – Publicação do poema "No álbum de Adelina Vieira" na revista *O Álbum*, em 1893.



336 O ALBUM

NO ALBUM DE ADELINA VIEIRA

Dizem lendas de outr'ora que Sakhyra,
O indiano Christo legendario e santo,
De estranho e raro e mysterioso encanto
Uma jarra finissima possuia.

N'ella flores lançando noite e dia
Nobres e ricos, viam com espanto
Vasia sempre a jarra, a qual, no estanto,
Uma só flor, das mãos de um pobre, enchia.

Assim teu coração ; — o ideal thesouro
Dos nababos do verso, estrophes de ouro
D'elle não chegam a alcançar a altura.

Mas, para vel-o transbordar de affecto,
Bastam somente um meigo olhar discreto
E uma palavra meiga de ternura.

ZALINA ROLIM.

26—9—93.

N'UM ALBUM

A DEMOSTHENES CORREIA NETTO

Do teu album as laudas devolutas,
Que a negra tinta vae manchando agora,
Do que seja esta vida enganadora
Fazem pensar n'umas ideias brutas...

Lembram-me que ás canduras impollutas
Que moram na alma d'uma infancia loura,
Succedem a calumnia que deshonra,
E o tredo desengano e as duras lutas.

O papel dá-me a ideia da candura,
E a tinta a da calumnia torva, escura,
Que a alma enodôa de quem vae tocando!

...Senhora minha, este teu album fecha,
Mas paginas em branco algumas deixa
Que a tua vida fiquem memorando!...

FREITAS VASCO.

THEATROS

No dia 8 do corrente mez de Outubro fez um anno que falleceu Guilherme de Aguiar.
Ninguem se lembrou de commemorar, ao menos com duas linhas na imprensa, o primeiro anniversario da morte do nosso grande artista! Decididamente *les morts vont vite*...

*

Ha dias, na vespera de embarcar para a Europa, o festejado *maestro* Marino Mancinelli disse-me que se associára ao *sr.* Bartholomeu Correia da Silva, proprietario do Theatro Lyrico, para trazer ao Rio de Janeiro uma companhia lyrica digna do publico fluminense.

Emquanto não nos regalamos com esse presente, contentemo-nos com o Polytheama, onde acaba de se estrear, representando a *Aida*, de Verdi, a companhia Sonzoni.

Na noite da estreia ouviam-se tiros ao longe e chovia a cantaros; deixei-me ficar em casa, mesmo porque o *Album* não foi convidado para o espectaculo.

Dizem-me que a companhia é a melhor que se póde exigir em tempo de revolta, e que, apezar dos pezares, o publico foi ao Polytheama.

Embora; quer me parecer que os artistas do *sr.* Sonzoni fariam mais negocio n'um theatro improvisado a bordo do *Aquidaban* ou na fortaleza de Villegaignon. No Rio de Janeiro, actualmente, só elles, os revoltosos, têm alma para divertir-se.

*

No Santa Anna trabalha agora uma companhia portugueza sob a direcção do actor Joaquim Silva, e da qual fazem parte as actrizes Amelia Garrido e Palmyra, e os actores Julio Vieira, Cardoso e outros.

Essa companhia tem representado pequeninas comedias, monologos, etc. Como peça de resistencia deu as *Intrigas no bairro*, de Luiz de Araujo, *pechade* que seria um primor se tivesse sido escripta com mais paciencia. Joaquim Silva é inegavel no papel do mestre sapateiro. A concurrencia tem sido a melhor que se póde desejar nos tempos calamitosos que atravessamos.

*

No Recreio fez-se uma *reprise* do *Poder do ouro*, e o Apollo festeja a 50ª representação do *Abacaxi*.

*

Os outros theatros conservaram-se fechados durante a semana.

X. Y. Z.

Imprensa H. Lombaerts & C.

NO ÁLBUM DE ADELINA VIEIRA

Dizem lendas de outr'ora que Sakhyra,
O indiano Christo legendario e santo,
De estranho e raro e mysterioso encanto
Uma jarra finissima possuia.

N'ella flores lançando noite e dia
Nobres e ricos, viam com espanto
Vasia sempre a jarra, a qual, no emtanto,
Uma só flor, das mãos de um pobre, enchia.

Assim teu coração ; — o ideal thesouro
Dos nababos do verso, estrophes de ouro
D'elle não chegam a alcançar a altura.

Mas, para vel-o transbordar de affecto,
Bastam somente um meigo olhar discreto
E uma palavra meiga de ternura.

ZALINA ROLIM.

26—9—93.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

O referido poema, datado de 26 de setembro daquele ano, elogiava a afabilidade e a benevolência da colega homenageada ao comparar o seu coração ao jarro de uma divindade indiana. Assim como a mística urna, que aparecia cheia apenas quando um pobre depositava uma flor em seu interior, o coração de Vieira precisaria apenas de uma palavra ou um olhar terno para transbordar de afeto.

NO ÁLBUM DE ADELINA VIEIRA

Dizem lendas de outrora que Sakhyra,
O indiano Cristo legendário e santo,
De estranho e raro e misterioso encanto
Uma jarra finíssima possuía.

Nela flores lançando noite e dia
Nobres e ricos, viam com espanto
Vazia sempre a jarra, a qual, no entanto,
Uma só flor, das mãos de um pobre, enchia.

Assim teu coração: – o ideal tesouro
Dos nababos do verso, estrofes de ouro
Dele não chegam a alcançar a altura.

Mas, para vê-lo transbordar de afeto,
Bastam somente um meigo olhar discreto
E uma palavra meiga de ternura.
(*Correio Paulistano,* 18 nov. 1893)

O poema cita a imagem de certo Sakhyra, possivelmente o deus Śakra, conhecido como senhor dos deuses regentes da natureza (devas), no Hinduísmo, e de forma frequente descrito como um ser que consulta Buda sobre questões de moralidade, no Budismo. A presença da deidade contribuía, assim, para a representação virtuosa de Adelina Lopes Vieira, cujas qualidades pessoais e profissionais eram exaltadas no poema. A inclusão da referência a tal divindade hindu também pode denunciar certo interesse de Zalina Rolim pela cultura oriental e em outras religiões para além da tradição cristã, ainda que a autora equipare a sua imagem à figura sagrada de Jesus Cristo.

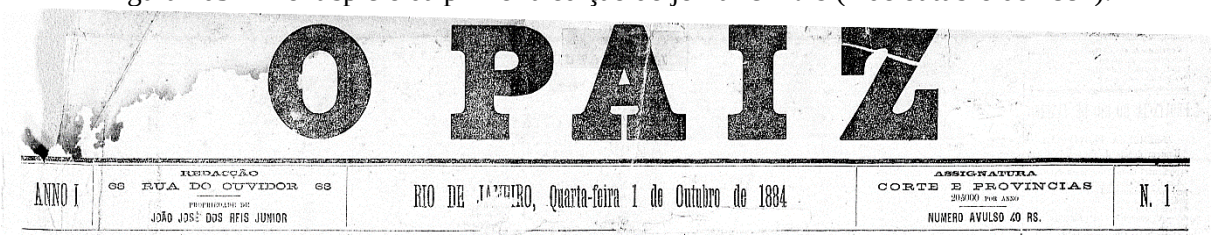
A troca de composições mostrava a boa relação que Rolim formava e mantinha com outras figuras importantes das letras entre o século XIX e XX, sobretudo outras mulheres dedicadas à escrita. Preservar essas redes de sociabilidade intelectual contribuía para que ela continuasse sendo bem quista e respeitada entre seus pares, o que favorecia, consequentemente, a sua permanência de publicação na imprensa.

3.8 *O País* (1884-1934)

O jornal *O País* foi um prestigiado periódico publicado no Rio de Janeiro. Circulando entre 1884 e 1934, o noticiário de publicação diária acompanhou a deposição da monarquia portuguesa, o movimento abolicionista, a ascensão e o fim da Primeira República no Brasil, sendo um dos maiores impressos formadores de pensamento do período entre os séculos XIX e XX. Foi fundado pelo conde português João José dos Reis Júnior, tendo como primeiro redator-chefe o polímata baiano Rui Barbosa (1849-1923). Após apenas três meses, Barbosa foi substituído pelo jornalista e político fluminense Quintino Bocaiúva (1836-1912), então presidente do Partido Republicano, que também acabou adquirindo a propriedade do impresso e permaneceu na redação até 1899. A folha perdurou com diferentes donos e administrações,

também tendo uma expressiva circulação fora da então capital federal, chegando a anunciar uma tiragem de mais de sessenta mil exemplares.

Figura 103 – Frontispício da primeira edição do jornal *O País* (1 de outubro de 1884).



Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

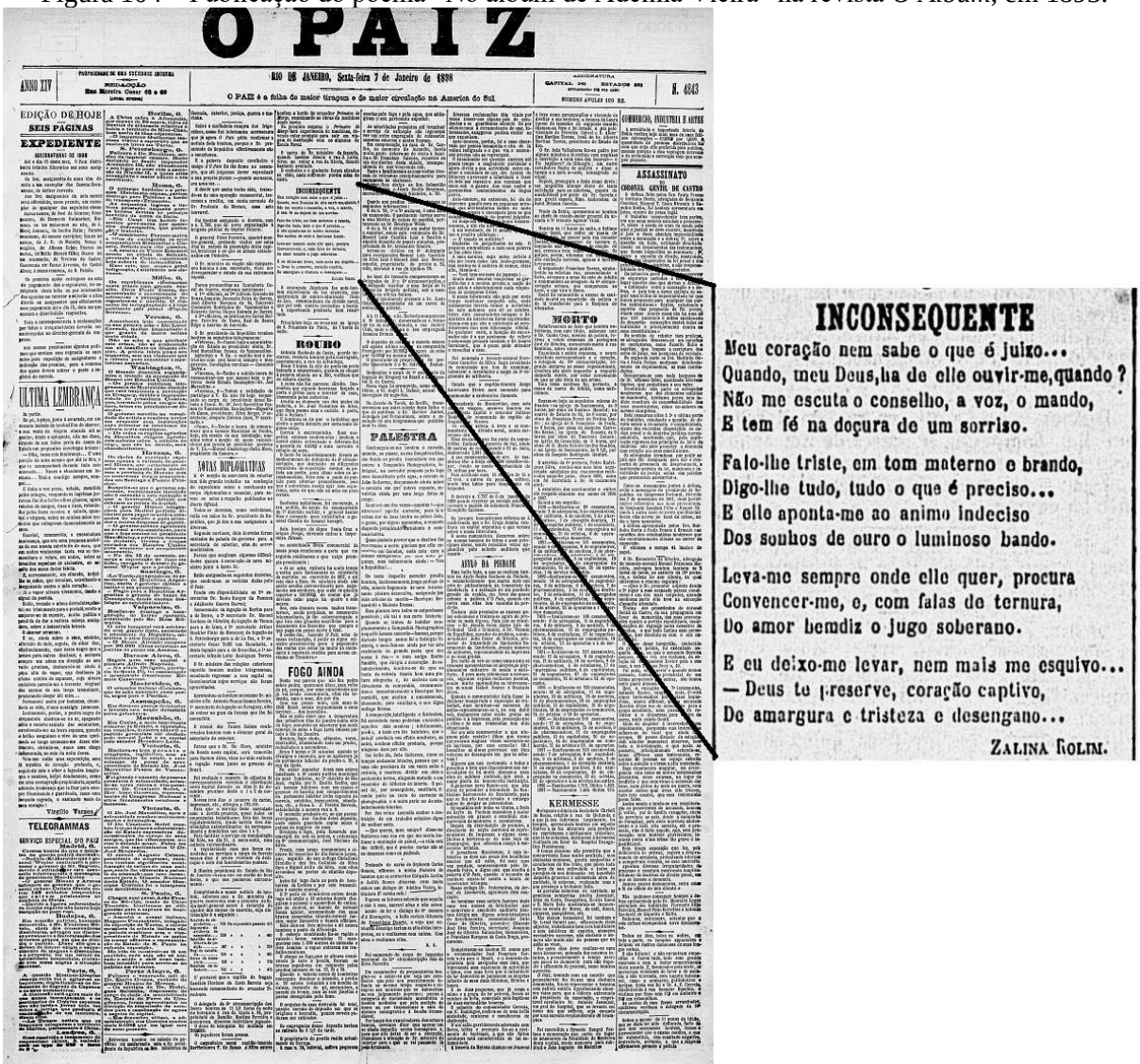
Ainda que, em um primeiro momento, o diário se apresentasse como imparcial, ele instituía seu papel social junto aos leitores logo na apresentação publicada em seu primeiro exemplar, de 1 de outubro de 1884:

> O seu empenho preponderante consiste em estar em comunicação íntima com as necessidades mais inteligentes e as ideias mais progressistas da nossa época: impugnar pelas mais adiantadas aspirações do povo e pelas exigências mais liberais do nosso futuro.
> Sem esquecer que, entre as nações, como esta, onde tão atrasada corre a educação do espírito popular, a opinião há de ser, até certo ponto, obra da imprensa, é, todavia, nosso especial propósito fazer, quanto possível, da nossa folha um espelho leal das impressões públicas de cada dia, em presença de casa acontecimento, de cada ideia, de cada problema (*O País*, 1 out. 1884).

Comprometido com o relato cotidiano do Rio de Janeiro, o órgão pouco tempo depois estabeleceria grande influência política em todo o território nacional com uma linha editorial marcadamente republicana, promovendo importantes campanhas e expondo posicionamentos contundentes. Seus exemplares inicialmente traziam quatro páginas, sendo depois incluídas mais duas. As colunas abrangiam artigos de teor político e social, crônicas, telegramas, resenhas, além do noticiário e do romance de folhetim, bem como as seções livres, que geralmente incluíam outros escritos literários. As páginas finais eram voltadas para anúncios.

A curta incursão de Zalina Rolim em *O País* envolveu a republicação dos poemas "Íntima luz" (já publicado em *O Álbum*), em 9 de abril de 1894, e "Vingança" (já publicado em *O Estado de S. Paulo*), em 19 de fevereiro de 1895, além da edição do "Conselho diário" com a receita de um "mimoso creme" atribuído à sua autoria, detalhe este mencionado em nosso capítulo anterior. Como única contribuição inédita e exclusiva, a autora entregou o soneto "Inconsequente", presente na edição de 7 de janeiro de 1898.

Figura 104 – Publicação do poema “No álbum de Adelina Vieira” na revista *O Álbum*, em 1893.



O PAIZ

RIO DE JANEIRO, Sexta-feira 7 de Janeiro de 1898

INCONSEQUENTE

Meu coração nem sabe o que é juizo...
Quando, meu Deus, ha de elle ouvir-me, quando?
Não me escuta o conselho, a voz, o mando,
E tem fé na doçura de um sorriso.

Falo-lhe triste, em tom materno e brando,
Digo-lhe tudo, tudo o que é preciso...
E elle aponta-me ao animo indeciso
Dos sonhos de ouro o luminoso bando.

Leva-me sempre onde elle quer, procura
Convencer-me, o, com falas de ternura,
Do amor bemdiz o jugo soberano.

E eu deixo-me levar, nem mais me esquivo...
— Deus te preserve, coração captivo,
De amargura e tristeza e desengano...

ZALINA ROLIM.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

O referido poema apresentava um eu lírico preocupado com a falta de controle que teria sobre o seu coração, a entidade inconsequente do título. O órgão, simbolizando o domínio da emoção, permanece contrário aos benefícios de ser orientado pela razão, não dando ouvidos a qualquer ordem, conselho ou alerta.

INCONSEQUENTE

Meu coração nem sabe o que é juízo...
Quando, meu Deus, há de ele ouvir-me, quando?
Não me escuta o conselho, a voz, o mando,
E tem fé na doçura de um sorriso.

Falo-lhe triste, em tom materno e brando,
Digo-lhe tudo, tudo o que é preciso...
E ele aponta-me ao ânimo indeciso

Dos sonhos de outro o luminoso bando.

Leva-me sempre onde ele quer, procura
Convencer-me, e, com falas de ternura,
Do amor bendiz o jugo soberano.

E eu deixo-me levar, nem mais me esquivo...
– Deus te preserve, coração cativo,
De amargura e tristeza e desengano...
(*O País*, 7 jan. 1898)

Os versos traziam uma visão aparentemente pessimista a respeito da total submissão aos sentimentos, inferindo a tolice em se obedecer totalmente aos mandos do coração. Ao mesmo tempo, denunciando uma inspiração romântica, a composição assinalava o poder e a força da emoção, visto que o coração não conseguia ser domado pela voz poética, ainda que ela de tudo tentasse para avisá-lo sobre as desilusões da vida. Ao final do poema, o eu lírico desiste de lutar e apenas torce para que o órgão seja resguardado de danos e perigos.

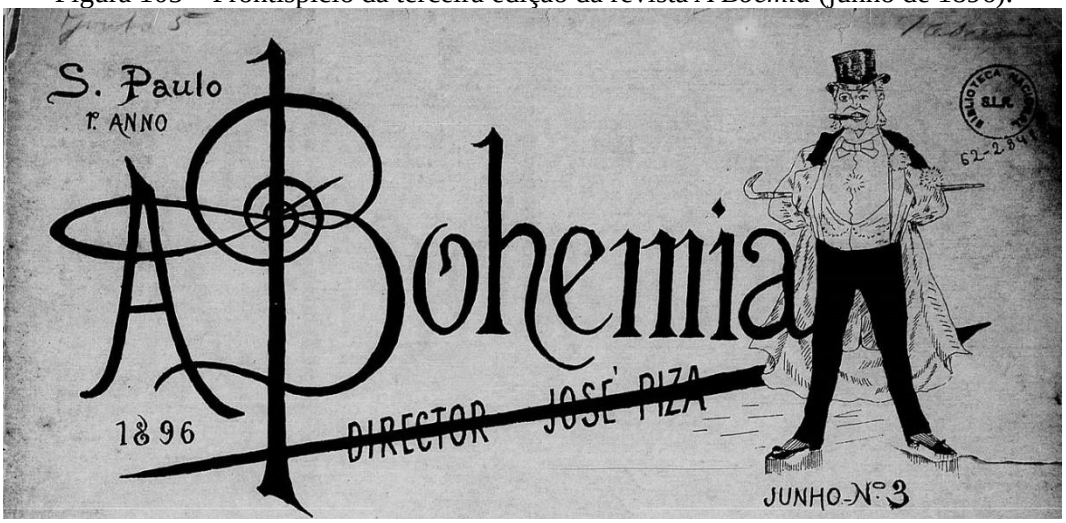
É interessante notar que, na época de publicação do soneto de Rolim, *O País* já se consolidava no compartilhar de notícias envolvendo crimes passionais que chocavam a sociedade carioca e dividiam a opinião pública. As notícias tratavam de pessoas justamente dominadas pela emoção que praticavam toda sorte de ações sem pensar nas consequências destas. A escritora pode ter se inspirado em casos relatados naquela folha para redigir os versos de "Inconsequente", ainda que trazendo uma visão mais branda e ligada à ingenuidade. Por outro lado, ela também poderia estar seguindo o estilo parnasiano presente em seu contexto de produção, bastante disseminado nos periódicos da época. De toda forma, o poema parecia estar de acordo com o esperado pela redação daquele periódico de grande circulação. A participação da escritora em suas páginas, ainda que rápida, certamente contribuiu ainda mais para a sua consolidação, ante os leitores da época, como uma figura relevante das letras brasileiras de então.

3.9 *A Boemia* (1896-?)

A revista *A Boemia* foi mais um periódico de interesse geral a ter participação de Zalina Rolim. Editada em São Paulo a partir de 1896, sob a direção geral do escritor e advogado José Gabriel de Toledo Piza, era propriedade, como informava o seu expediente, de uma associação anônima. Suas ilustrações ficavam a cargo do fotógrafo e desenhista Victor Vergueiro Steidel (1868-1906), que assumia a direção artística. Na elaboração do frontispício, aparecia a imagem de um homem vestindo cartola, fraque, gravata, impondo um charuto e uma bengala,

provavelmente tentando representar o estilo de vida que dava título à folha, atrelado à condição social abastada.

Figura 105 – Frontispício da terceira edição da revista *A Boemia* (junho de 1896).

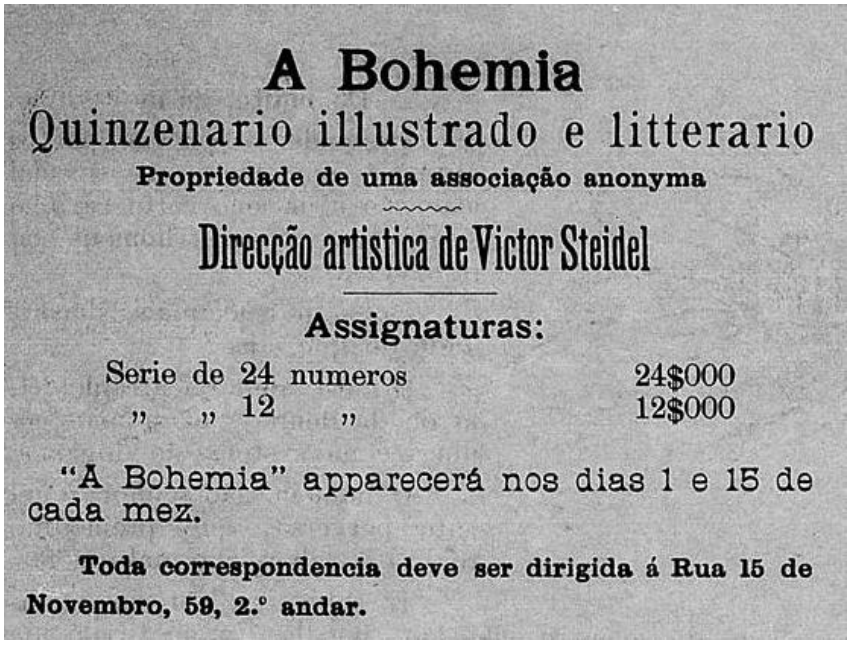


Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

De publicação inicialmente quinzenal (saindo nos dias 1 e 15 de cada mês), a magazine era vendida em assinatura de doze ou vinte e quatro exemplares. Sua estreia provavelmente ocorreu em maio de 1896, mas não se sabe ao certo até quando permaneceu em circulação, visto que há apenas sete números disponíveis para consulta no acervo da Fundação Biblioteca Nacional. A partir do número 5, a revista passou a ser mensal, apesar de ainda manter o subtítulo "Quinzenário ilustrado e literário". Apresentava oito páginas, sendo que sua numeração era sequencial, a fim de que os números formassem um compêndio a ser encadernado. As capas traziam desenhos de personalidades importantes ou que colaboravam com o periódico.

Para além do feitio despreocupado que lhe dava nome, *A Boemia* voltava o sentido de seu título para a prática de atividades artísticas e literárias, ainda relacionadas, por muitos, a sujeitos errantes, aventureiros ou vagabundos. A revista propunha-se a privilegiar os artistas, principalmente os autores de literatura, oferecendo-lhes espaço de divulgação e apreciação.

Figura 106 – Expediente da terceira edição da revista *A Boemia* (junho de 1896).



A Bohemia

Quinzenario illustrado e litterario

Propriedade de uma associação anonyma

Direcção artistica de Victor Steidel

Assignaturas:

Serie de 24 numeros	24$000
„ „ 12 „	12$000

"A Bohemia" apparecerá nos dias 1 e 15 de cada mez.

Toda correspondencia deve ser dirigida á Rua 15 de Novembro, 59, 2.° andar.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

O periódico publicou contos, crônicas e poemas. Em seu time de colaboradores efetivos, figuravam nomes como Pedro Augusto Gomes Cardim (1865-1932) e Wenceslau de Queiroz, mas apareciam apenas duas mulheres: Francisca Júlia da Silva e Zalina Rolim. Nos poucos exemplares da revista à disposição para pesquisa, há apenas uma contribuição de Rolim, lançada na edição de número 6, de agosto de 1896. Trata-se de um soneto sem título, com a indicação de que faria parte da seleção para o seu *Livro da saudade*, que não chegaria a ser publicado.

(Do Livro da Saudade)

Quedou-se para sempre silenciosa
A sua voz dulcíssima e querida,
Voz que escutara em toda a minha vida
Na doce paz em que a alma sonha e goza.

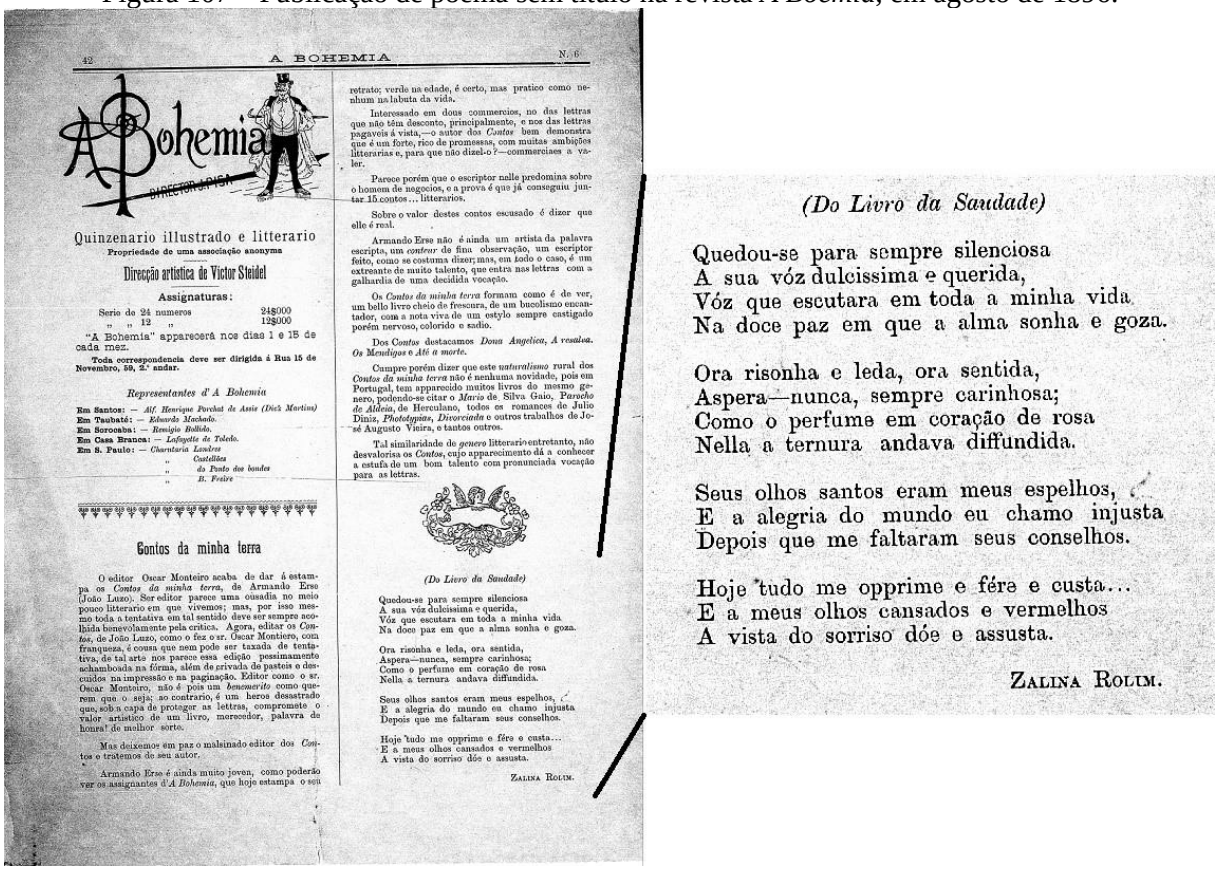
Ora risonha e leda, ora sentida,
Áspera – nunca, sempre carinhosa;
Como o perfume em coração de rosa
Nela a ternura andava difundida.

Seus olhos santos eram meus espelhos,
E a alegria do mundo eu chamo injusta
Depois que me faltaram seus conselhos.

Hoje tudo me oprime e fere e custa...
E a meus olhos cansados e vermelhos
A vista do sorriso dói e assusta.
(*A Boemia*, ago. 1896)

A referida composição apresentava um eu lírico de gênero não identificado lamentando a ausência de uma interlocutora que aparentemente falecera. Tal figura mencionada poderia ser a sua mãe, visto que ela é referida, ainda na primeira estrofe, como alguém com quem convivera durante toda a vida. Seguindo a linha temática proposta para o que seria o seu terceiro livro, a escritora trazia versos sobre a falta sentida no afastamento de alguém querido. A voz poética ressaltava as qualidades da pessoa ausente, mostrando ainda não aceitar a sua perda.

Figura 107 – Publicação de poema sem título na revista *A Boemia,* em agosto de 1896.



42 A BOHEMIA N. 6

A Bohemia

DIRECTOR: ANNA

Quinzenario illustrado e litterario

Propriedade de uma associação anonyma

Direcção artistica de Victor Steidel

Assignaturas:

Serie de 24 numeros 24$000
" " 12 " 12$000

"A Bohemia" apparecerá nos dias 1 e 15 de cada mez.

Toda correspondencia deve ser dirigida á Rua 15 de Novembro, 59, 2.° andar.

Representantes d' A Bohemia

Em Santos: — *Alf. Henrique Porchat de Assis (Dick Martins)*
Em Taubaté: — *Eduardo Machado.*
Em Sorocaba: — *Remigio Bolliolo.*
Em Casa Branca: — *Lafayette de Toledo.*
Em S. Paulo: — *Observatorio Landres*
" *Castellões*
" *da Ponto dos bondes*
" *B. Freire*

Contos da minha terra

O editor Oscar Monteiro acaba de dar á estampa os *Contos da minha terra*, de Armando Erse (João Luzo). Ser editor parece uma cousadia no meio pouco litterario em que vivemos; mas, por isso mesmo toda a tentativa em tal sentido deve ser sempre acolhida benevolamente pela critica. Agora, editar os *Contos*, de João Luzo, como o fez o sr. Oscar Monteiro, com franqueza, é cousa que nem pode ser taxada de tentativa, de tal arte nos parece essa edição pessimamente achamboada na fórma, além de privada de pasteis e descuidos na impressão e na paginação. Editor como o sr. Oscar Monteiro, não é pois um *benemerito* como querem que o seja; ao contrario, é um heros desastrado que, sob a capa de protegar as lettras, compromette o valor artistico de um livro, mercedor, palavra de honra! de melhor sorte.

Mas deixemos em paz o malsinado editor dos *Contos* e tratemos de seu autor.

Armando Erse é ainda muito joven, como poderão ver os assignantes d'*A Bohemia*, que hoje estampa o seu retrato; verão na edade, é certo, mas pratico como nenhum na labuta da vida.

Interessado em dous commercios, no das lettras que não têm desconto, principalmente, e nos das lettras pagaveis á vista,—o autor dos *Contos* bem demonstra que é um forte, rico de promessas, com muitas ambições litterarias e, para que não dizel-o?—commerciaes a valer.

Parece porém que o escriptor nelle predomina sobre o homem de negocios, e a prova é que já conseguiu juntar 15 contos... litterarios.

Sobre o valor destes contos escusado é dizer que elle é real.

Armando Erse não é ainda um artista da palavra escripta, um *conteur* de fina observação, um escriptor feito, como se costuma dizer; mas, em todo o caso, é um extreante de muito talento, que entra nas lettras com a galhardia de uma decidida vocação.

Os *Contos da minha terra* formam como é de ver, um bello livro cheio de frescura, de um bucolismo encantador, com a nota viva de um estylo sempre castigado porém nervoso, colorido e sadio.

Dos *Contos* destacamos *Dona Angelica*, *A resalva*, *Os Mendigos* e *Até a morte*.

Cumpre porém dizer que este *naturalismo* rural dos *Contos da minha terra* não é nenhuma novidade, pois em Portugal, tem apparecido muitos livros do mesmo genero, podendo-se citar o *Maria* de Silva Gaio, *Parocho da Aldeia*, de Herculano, todos os romances de Julio Diniz, *Phototypias*, *Divorciada* e outros trabalhos de José Augusto Vieira, e tantos outros.

Tal similaridade do *genero* litterario entretanto, não desvalorisa os *Contos*, cujo apparecimento dá a conhecer a estufa de um bom talento com pronunciada vocação para as lettras.

(Do Livro da Saudade)

Quedou-se para sempre silenciosa
A sua vóz dulcissima e querida,
Vóz que escutara em toda a minha vida
Na doce paz em que a alma sonha e goza.

Ora risonha e leda, ora sentida,
Aspera—nunca, sempre carinhosa;
Como o perfume em coração de rosa
Nella a ternura andava diffundida.

Seus olhos santos eram meus espelhos,
E a alegria do mundo eu chamo injusta
Depois que me faltaram seus conselhos.

Hoje tudo me opprime e fére e custa...
E a meus olhos cansados e vermelhos
A vista do sorriso dóe e assusta.

ZALINA ROLIM.

(Do Livro da Saudade)

Quedou-se para sempre silenciosa
A sua vóz dulcissima e querida,
Vóz que escutara em toda a minha vida
Na doce paz em que a alma sonha e goza.

Ora risonha e leda, ora sentida,
Aspera—nunca, sempre carinhosa;
Como o perfume em coração de rosa
Nella a ternura andava diffundida.

Seus olhos santos eram meus espelhos,
E a alegria do mundo eu chamo injusta
Depois que me faltaram seus conselhos.

Hoje tudo me opprime e fére e custa...
E a meus olhos cansados e vermelhos
A vista do sorriso dóe e assusta.

ZALINA ROLIM.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Ao final do soneto, o eu poético também revelava o estado de tristeza em que se encontrava, expondo que agora tudo lhe machucava e afligia. Rolim assinalava o estado de impotência diante da não presença de algum afeto, evidenciando uma visão pessimista que privilegiava a melancolia. De toda maneira, a incursão da autora em *A Boemia,* um periódico de menor porte, mas de considerável prestígio intelectual e artístico, evidenciava que ela estava cada vez mais pertencente aos círculos de letrados paulistas. Mesmo não fazendo parte de uma classe boêmia, ela já se integrava ao grupo de profissionais da pena.

3.10 *Revista Literária* (1895)

A *Revista Literária*, apesar da curta duração de apenas um ano, conseguiu reunir em seu time de colaboradores nomes ilustres como Francisca Júlia da Silva, Wenceslau de Queiroz, Luís Gastão d'Escragnolle Dória (1869-1948), Manuel Garcia Redondo, entre outros. O periódico de publicação semanal era dirigido pelo escritor Amadeu Amaral (1875-1929) e pelo jornalista Máximo Pinheiro Lima, que também assumiam a redação.

Figura 108 – Frontispício da primeira edição da *Revista Literária* (10 de fevereiro de 1895).


ANNO I SERIE I NUM. I

Revista Litteraria

PUBLICAÇÃO SEMANAL

S. Paulo, 10 de Fevereiro de 1895.

Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Editada na cidade de São Paulo, em 1895, a folha era vendida por assinaturas de vinte e três ou quarenta e sete exemplares. Segundo consta no expediente de edição de estreia, datada de 10 de fevereiro de 1895, ela também era distribuída em diversas localidades do interior paulista, alcançando ainda representantes de venda no Rio de Janeiro, no Paraná, no Maranhão e em Minas Gerais. A revista publicava poemas, crônicas, contos, jogos de palavras, notas sobre eventos culturais, comentários sobre lançamentos artísticos, bem como anúncios publicitários e uma seção de respostas às cartas enviadas pelos assinantes. No prospecto do seu mencionado primeiro número, a redação do periódico já deixava claro o seu propósito ligado à defesa e à disseminação da arte e da literatura:

> No meio da quase pasmaceira em que se abisma o respeitável público no tocante a coisas de literatura, é arrojo digno de arregalamento pasmado de olhos este quebrar insólito, por nota viva e estranha, dum ramerrão que se desenrola bamboleante e pesado de sonolência, adormentando, embalando o cérebro prático da burguesia na ideia única do dinheiro [...] Em meio da tempestade de paixões afogadas de mundanice, erguemos resolutos o lábaro todo branco da Arte, e seguimos, bandeirantes do Ideal, arrostando com vicissitudes para descobrir filões de ouro (*Revista Literária*, 10 fev. 1895)

A revista indicava valorizar o seu conteúdo, assim como se comprometer com a boa apreciação de seus leitores. O seu fim provavelmente se deu por conta do enfoque localizado nas artes e na literatura, não aliando-se a outras áreas. Infelizmente, raras eram as publicações desse tipo que vingavam por muitas edições entre fins do século XIX e início do século XX.

A participação de Rolim na *Revista Literária* se limitou apenas ao seu primeiro volume, com um soneto inédito e sem título, publicado apenas com a indicação de que pertencia a um possível conjunto de composições sobre o ambiente campestre: "Das "Rústicas"". Ainda que a ideia de uma nova coleção de versos não tenha prosperado, a autora divulgou outro excerto do projeto no *Correio Paulistano* ainda naquele ano.

Das "Rústicas"

Manhã purpúrea; em festivais gorjeios
Aves despontam no arvoredo... A mata
Rescende aroma salutar e abstrata
A alma descerra os palpitantes seios.

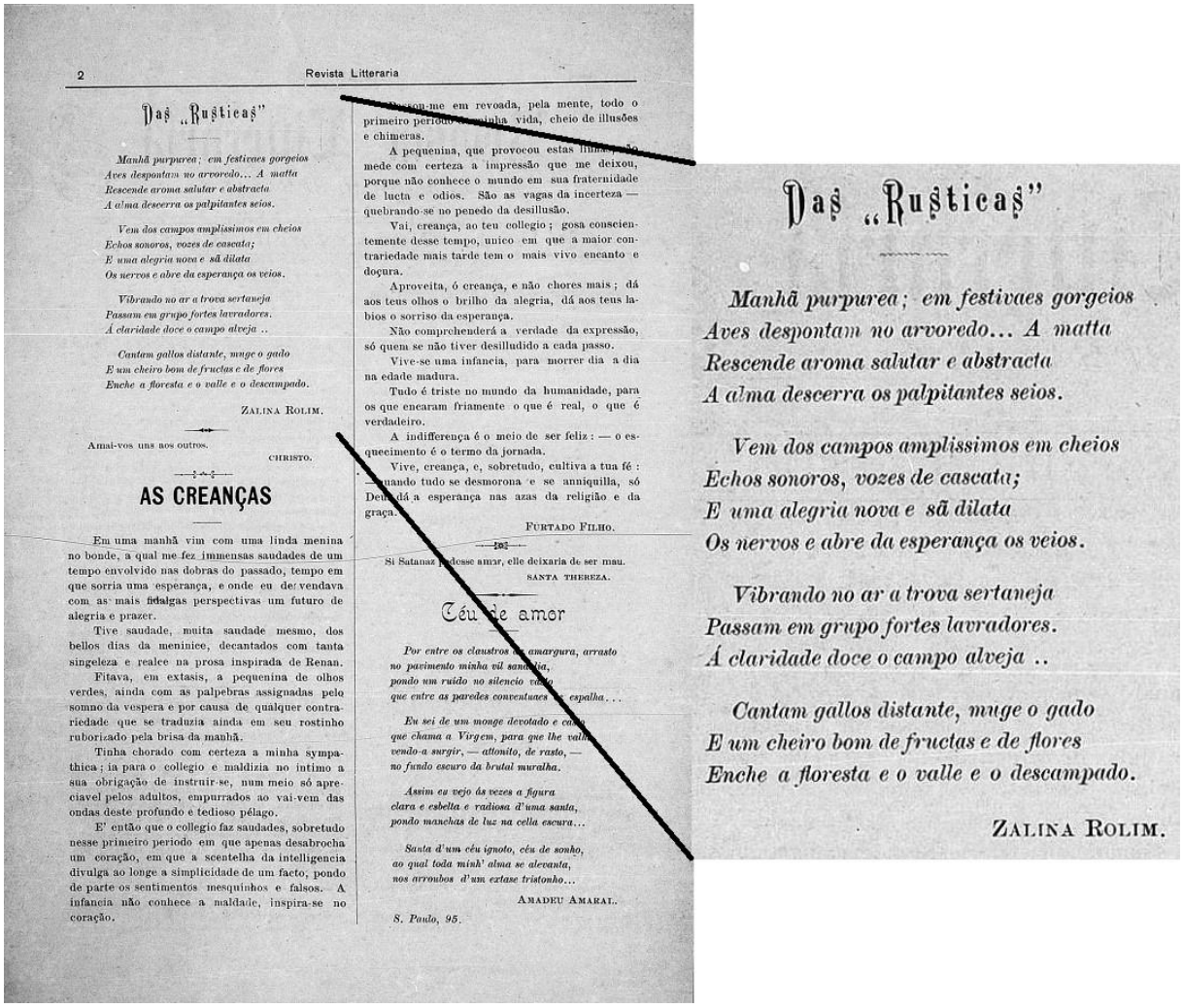
Vem dos campos amplíssimos em cheios
Ecos sonoros, vozes de cascata;
E uma alegria nova e sã dilata
Os nervos e abre da esperança os veios.

Vibrando no ar a trova sertaneja
Passam em grupo fortes lavradores.
À claridade doce o campo alveja...

Cantam galos distante, muge o gado
E um cheiro bom de frutas e de flores
Enche a floresta e o vale e o descampado.
(*Revista Literária*, 10 fev. 1895)

Assim como na composição lançada mais tarde naquele jornal, os versos publicados na revista em questão também descreviam uma paisagem rural em todo o seu desabrochar da manhã, com um grupo de trabalhadores sertanejos cantando alegremente e acompanhando o som dos animais enquanto o aroma das flores e das frutas invadia o espaço. Tratava-se de uma representação idealizada do trabalho no campo, com a difícil labuta dos lavradores sendo mostrada com leveza e graciosidade, aos moldes românticos.

Figura 109 – Publicação do poema "Das "Rústicas"" na *Revista Literária*, em 1895.



2 Revista Litteraria

Das „Rusticas"

Manhã purpurea; em festivaes gorgeios
Aves despontam no arvoredo... A matta
Rescende aroma salutar e abstracta
A alma descerra os palpitantes seios.

Vem dos campos amplissimos em cheios
Echos sonoros, vozes de cascata;
E uma alegria nova e sã dilata
Os nervos e abre da esperança os veios.

Vibrando no ar a trova sertaneja
Passam em grupo fortes lavradores.
Á claridade doce o campo alveja ..

Cantam gallos distante, muge o gado
E um cheiro bom de fructas e de flores
Enche a floresta e o valle e o descampado.

ZALINA ROLIM.

Amai-vos uns aos outros.

CHRISTO.

AS CREANÇAS

Em uma manhã vim com uma linda menina no bonde, a qual me fez immensas saudades de um tempo envolvido nas dobras do passado, tempo em que sorria uma esperança, e onde eu devendava com as mais fidalgas perspectivas um futuro de alegria e prazer.

Tive saudade, muita saudade mesmo, dos bellos dias da meninice, decantados com tanta singeleza e realce na prosa inspirada de Renan.

Fitava, em extasis, a pequenina de olhos verdes, ainda com as palpebras assignadas pelo somno da vespera e por causa de qualquer contrariedade que se traduzia ainda em seu rostinho ruborizado pela brisa da manhã.

Tinha chorado com certeza a minha sympathica; ia para o collegio e maldizia no intimo a sua obrigação de instruir-se, num meio só apreciavel pelos adultos, empurrados ao vai-vem das ondas deste profundo e tedioso pélago.

E' então que o collegio faz saudades, sobretudo nesse primeiro periodo em que apenas desabrocha um coração, em que a scentelha da intelligencia divulga ao longe a simplicidade de um facto, pondo de parte os sentimentos mesquinhos e falsos. A infancia não conhece a maldade, inspira-se no coração.

...em-me em revoada, pela mente, todo o primeiro periodo da minha vida, cheio de illusões e chimeras.

A pequenina, que provocou estas linhas, não mede com certeza a impressão que me deixou, porque não conhece o mundo em sua fraternidade de lucta e odios. São as vagas da incerteza — quebrando-se no penedo da desillusão.

Vai, creança, ao teu collegio; gosa conscientemente desse tempo, unico em que a maior contrariedade mais tarde tem o mais vivo encanto e doçura.

Aproveita, ó creança, e não chores mais; dá aos teus olhos o brilho da alegria, dá aos teus labios o sorriso da esperança.

Não comprehenderá a verdade da expressão, só quem se não tiver desilludido a cada passo.

Vive-se uma infancia, para morrer dia a dia na edade madura.

Tudo é triste no mundo da humanidade, para os que encaram friamente o que é real, o que é verdadeiro.

A indifferença é o meio de ser feliz: — o esquecimento é o termo da jornada.

Vive, creança, e, sobretudo, cultiva a tua fé: — quando tudo se desmorona e se anniquilla, só Deus dá a esperança nas azas da religião e da graça.

FURTADO FILHO.

Si Satanaz podesse amar, elle deixaria de ser mau.

SANTA THEREZA.

Céu de amor

Por entre os claustros da amargura, arrasto
no pavimento minha vil sandalia,
pondo um ruido no silencio vasto
que entre as paredes conventuaes espalha...

Eu sei de um monge devotado e casto
que chama a Virgem, para que lhe valha,
vendo-a surgir, — attonito, de rasto, —
no fundo escuro da brutal muralha.

Assim eu vejo ás vezes a figura
clara e esbelta e radiosa d'uma santa,
pondo manchas de luz na cella escura...

Santa d'um céu ignoto, céu de sonho,
ao qual toda minh' alma se alevanta,
nos arroubos d'um extase tristonho...

AMADEU AMARAL.

S. Paulo, 95.

Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.

A composição é totalmente voltada ao enaltecimento do horizonte bucólico, com sua beleza e aspectos sensoriais parecendo encobrir ou atenuar a realidade vivida pelos agricultores, denunciando uma visão localizada socialmente, já que Rolim era uma mulher de elite. Tais trabalhadores, na verdade, pareciam meros elementos de composição do encanto proposto ao cenário natural retratado. Após a edição do mencionado soneto, mesmo descontinuando a contribuição com a *Revista Literária*, a autora permaneceu tendo seu nome divulgado no quadro de colaboração desse periódico, dentro do expediente, mostrando sua importância para os editores e os leitores da publicação.

3.11 *Revista Azul* (1896)

Outro periódico que teve colaboração de Rolim foi a *Revista Azul*, mensário lançado em 1896, em São Paulo, que só durou um ano. Com a indicação oferecida por Martins (2008) e

Nobre (1950), que mencionam a inclusão da autora entre os colaboradores efetivos da folha, a pesquisa conseguiu comprovar tal participação, mesmo sem acesso às suas edições, por meio de uma nota divulgada n'*O Comércio de São Paulo* (1893-1909), em 21 de maio de 1896, informando sobre a publicação.

> Revista Azul – Foi distribuído ontem, como noticiamos, o 1º número da anunciada revista literária dirigida nesta capital por Antonio de Oliveira e Francisco de Castro Junior.
> Forma um fascículo de 16 páginas bem impressas em superior papel e traz, além do artigo de apresentação, dois sonetos (Madeu Amaral e B. Cepellos) *Mês Literário*, crônica de D'Olival, Bento Dias Pacheco, de A. A., excerto de um livro de Antonio de Oliveira e *Conversas íntimas*, de Cosme Damião.
> Promete para o 2º número uma poesia, em autógrafo, da sra. D. Zalina Rolim (*O Comércio de São Paulo*, 21 mai. 1896).

O jornal descrevia o conteúdo do primeiro número da revista, apontando a promessa de participação de Zalina com um poema no volume seguinte. Uma nota semelhante apareceu também n'*A Gazeta de Notícias*, em 24 de maio de 1896, indicando que tal composição prometida seria um soneto: "O próximo número dar-nos-á um soneto de D. Zalina Rolim. Esperamo-lo com os nossos aplausos" (*Gazeta de Notícias*, 24 mai. 1896). Tratava-se de mais um periódico voltado à divulgação literária, publicando poemas e crônicas, entre outros escritos. Tinha como editores Antonio de Oliveira e Francisco Castro Junior e, segundo Nobre (1950), apresentava seu conteúdo entre 16 e 25 páginas. Infelizmente, não encontramos em nenhuma fonte o título da contribuição de Rolim que integrou a revista.

3.12 *O Arquivo Ilustrado* (1899-1906)

Editado em São Paulo, *O Arquivo Ilustrado* foi mais um periódico a receber a participação de Zalina Rolim. O jornal de divulgação cultural e caráter enciclopédico, teve circulação inicialmente semanal e, depois, bimensal, com algumas interrupções. Teve colaboradores ilustres, como Elísio de Carvalho (1880-1824), Teófilo Dias (1854-1889), Presciliana Duarte de Almeida, Wenceslau de Queiroz, Vicente de Carvalho, entre outros, sendo distribuído em cidades do interior paulista, além de Belo Horizonte e Uberaba, em Minas Gerais.

A folha, ilustrada com gravuras e fotografias, publicava artigos, ensaios, perfis biográficos, curiosidades, charadas, jogos de palavras, dados estatísticos, bem como poemas, crônicas, contos e roteiros teatrais. Ainda divulgava lançamentos literários e traçava

comentários acerca de obras de outras áreas, passando a aceitar a colaboração dos assinantes e a editar anúncios publicitários com o passar das edições.

Figura 110 – Frontispício da primeira edição do jornal *O Arquivo Ilustrado* (15 de abril de 1899).


ANNO I S. PAULO, 15 DE ABRIL DE 1899 NUM. 1

O ARCHIVO ILLUSTRADO

ENCYCLOPÉDIA NOTICIOSA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

No prospecto do primeiro número, a redação apresentava o propósito do jornal, convidando os leitores a auxiliarem a permanência de sua circulação, afirmando depender de suas assinaturas:

> Temos em vista fazer um jornal ilustrado que congregue os bons elementos na arena da ciência, da literatura, dos fatos diversos e das recreações do espírito. Para tudo isto, porém, carecemos apenas do apoio público: esperamos merecê-lo, à medida dos nossos grandes esforços para dotar a Capital com uma revista popular, de preço reduzido.
> Se formos amparados pelo favor público, prosseguiremos avante; do contrário, faremos, *quand même*, a publicação do Arquivo durante o tempo de suas primeiras assinaturas, para o que esta empresa já dispõe de elementos bastantes (*O Arquivo Ilustrado*, 15 abr. 1899).

No mesmo escrito introdutório, o veículo mostrava-se contrário a questões polêmicas: "Não terçaremos armas no campo da política e da religião e seremos inteiramente neutros no terreno literário e científico; todos os elementos nos servem, contanto que sejam bons e úteis" (*O Arquivo Ilustrado*, 15 abr. 1899). Todavia, o órgão logo publicaria diversos perfis de personalidades que ocupavam cargos públicos, bem como trataria de eventos políticos de grande relevância. Em 1901, Manuel Viotti assumiu a direção do periódico, substituindo Oscar Monteiro. Com nova identidade visual, O *Arquivo Ilustrado* se tornou quase exclusivamente voltado à literatura e aos perfis biográficos. No ano seguinte, seu conteúdo subiu de oito para doze páginas, também passando a não trazer a indicação dos meses de publicação, apresentando apenas os números das edições.

É justamente nesse momento de reestabelecimento e transformação do jornal que Zalina Rolim apareceu como uma de suas colaboradoras. A sua primeira participação se dá em 1901, na edição referente ao bimestre outubro-novembro, com o poema "À Clarinha", datado de 29

de agosto de 1901. O escrito em questão aparecia assinado com o nome de casada: Zalina Rolim Xavier de Toledo.

À Clarinha

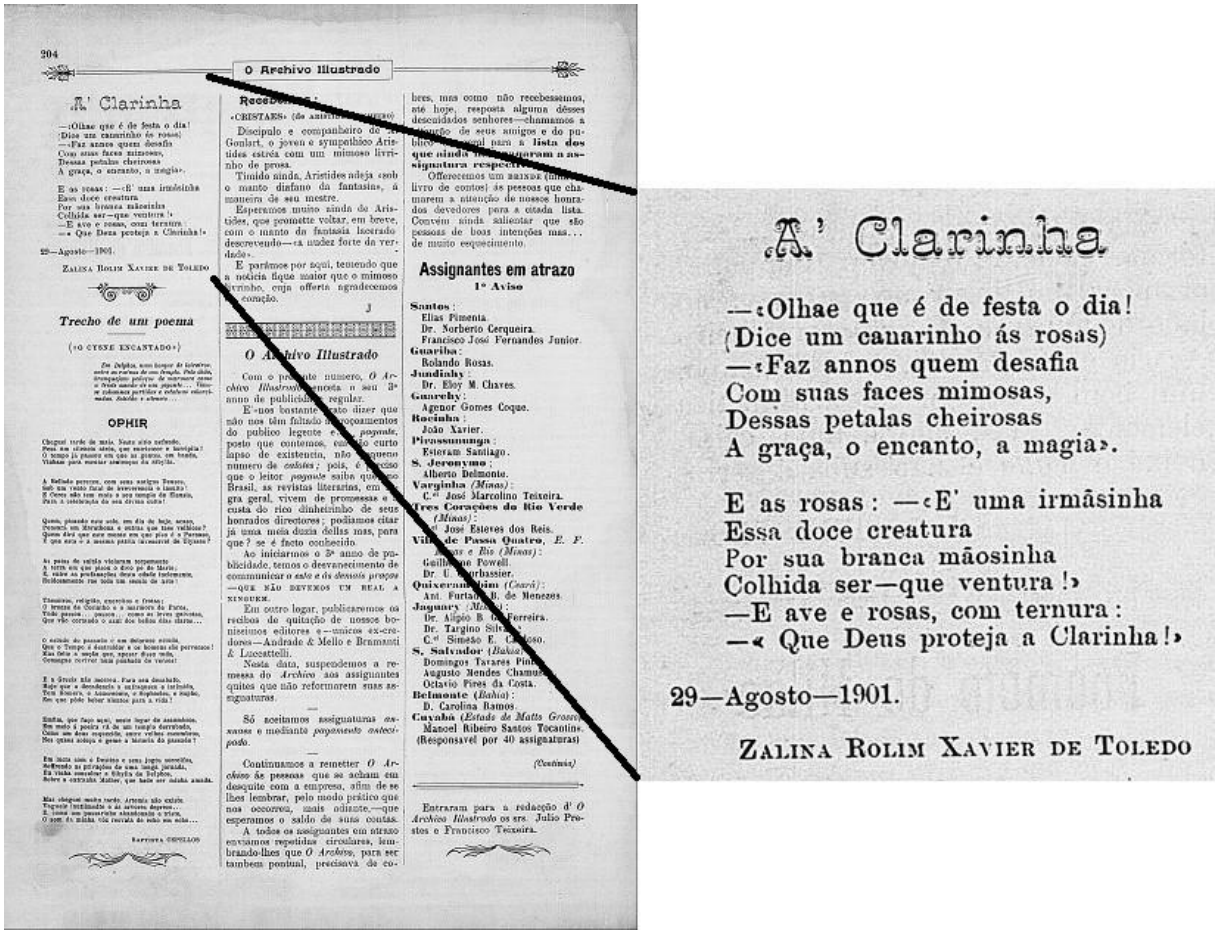
– Olhai que é de festa o dia!
(Disse um canarinho às rosas)
– Faz anos quem desafia
Com suas faces mimosas,
Dessas pétalas cheirosas
A graça, o encanto, a magia.

E as rosas: – É uma irmãzinha
Essa doce criatura
Por sua branca mãozinha
Colhida ser – que ventura!
– E ave e rosas, com ternura:
– Que Deus proteja a Clarinha!
(*O Arquivo Ilustrado*, out.-nov. 1899).

A composição, dividida em duas sestilhas de versos heptassílabos, que seguiam o esquema de rimas em ABABBA, oferecia um evidente teor infantil, podendo ser direcionado à leitura dos assinantes do jornal para os seus filhos. O título apontava que o poema era dedicado a alguma menina chamada Clarinha, a quem um canário e rosas direcionavam felicitações possivelmente pelo seu aniversário, visto que o primeiro verso assinalava se tratar de um dia de festa.

É de se notar que a criança homenageada era descrita como alguém que sempre afrontava a beleza e o encanto das rosas, possivelmente por manuseá-las sem qualquer cuidado ou delicadeza. A pele alva, entretanto, como em outros trabalhos de Rolim, indicava pureza nas ações da infanta, com as rosas na verdade parecendo desejar serem colhidas por sua "branca mãozinha". Ao final do poema, havia o clamor de que a menina fosse resguardada na fé cristã, assinalando uma provável crença da escritora de que, por mais levada ou indisciplinada que possa se parecer, todas as crianças continuavam conservando inocência e candura.

Figura 111 – Publicação do poema "À Clarinha" no jornal *O Arquivo Ilustrado*, em outubro-novembro de 1901.



A' Clarinha

—«Olhae que é de festa o dia!
(Dice um canarinho ás rosas)
—«Faz annos quem desafia
Com suas faces mimosas,
Dessas petalas cheirosas
A graça, o encanto, a magia».

E as rosas: —«E' uma irmãsinha
Essa doce creatura
Por sua branca mãosinha
Colhida ser—que ventura!»
—E ave e rosas, com ternura:
—« Que Deus proteja a Clarinha!»

29—Agosto—1901.

ZALINA ROLIM XAVIER DE TOLEDO

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

A última participação de Rolim n'*O Arquivo Ilustrado* aconteceu na edição de número 31, lançada em 1902. Tratava-se de um soneto sem título já publicado na revista *A Mensageira*, apontado como pertencente à seleção que faria parte do *Livro da saudade*. Apesar de curta, a incursão da autora nesse periódico de grande foco literário evidenciava o seu acolhimento pelos pares da cultura letrada de então, reforçando que, mesmo depois de casada, ela persistia na lide com a pena.

3.13 *Almanaque Literário e Estatístico da Província do Rio Grande do Sul / Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* (1889-1917)

Os almanaques caracterizavam publicações periódicas um pouco distintas dos jornais e das revistas. Tratava-se de um conjunto de folhetos encadernados em edição geralmente anual que abarcava uma grande variedade de gêneros, como escritos informativos, notas de curiosidades e conhecimentos diversos, indicações úteis, receitas domésticas, jogos, anedotas e escritos literários, além de calendários, guias astrológicos e propagandas. Muitos deles eram

temáticos, como os farmacêuticos, os agrícolas, os industriais e os mercantis, ou direcionados a um público específico, como os infantis, os judiciários e os militares.

> [...] frequentemente enciclopédico e vetor de progresso, o almanaque oferece, com efeito, receitas práticas ou aulas (de história nacional ou de ciências), úteis ou necessárias para a vida dos indivíduos – sem esquecer seus aspectos recreativos – ou, para a construção de laços comunitários. Nesse sentido o almanaque é testemunho até hoje de evoluções próprias ao Brasil, que acompanhou e favoreceu (BROTEL, 2001, p. 18).

Nesse sentido, como espaços múltiplos, os almanaques também eram essencialmente mutáveis, acompanhando as transformações e as exigências de quem os liam. De acordo com Ferreira (2001, p. 19), apesar de apresentar um conteúdo bastante plural, os almanaques mantinham "um grande fundo mais ou menos estável, ao longo dos séculos e, ao mesmo tempo, uma conexão sempre móvel e atualizável, a depender dos públicos leitores, das épocas e das direções que se impunha a este corpo diverso de saberes". Seu caráter temporal ligado principalmente ao cotidiano já era apontado por Machado de Assis na crônica "Como se inventaram os almanaques", publicada no *Almanaque das Fluminenses* (1889-1890), na edição de 1890.

> O Tempo inventou o almanaque; compôs um simples livro, seco, sem margens, sem nada; tão-somente os dias, as semanas, os meses e os anos. Um dia, ao amanhecer, toda a terra viu cair do céu uma chuva de folhetos; creram a princípio que era geada de nova espécie, depois, vendo que não, correram todos assustados; afinal, um mais animoso pegou de um dos folhetos, outros fizeram a mesma coisa, leram e entenderam. O almanaque trazia a língua das cidades e dos campos em que caía. Assim toda a terra possuiu, na mesmo instante, os primeiros almanaques [...] Assim as semanas, assim os meses, assim os anos. E choviam almanaques, muitos deles entremeados e adornados de figuras, de versos, de contos, de anedotas, de mil coisas recreativas. E choviam. E chovem. E hão de chover almanaques. O Tempo os imprime, Esperança os brocha; é toda a oficina da vida (ASSIS, 1890, p. 15-24).

O escritor apresentava uma gênese imaginária do almanaque, na qual teria sido criado na parceria entre o tempo e a esperança, auxiliando e entretendo o público agraciado com a sua leitura. Como evidenciado na crônica, o aspecto espacial também caracterizava tal suporte, que registrava e refletia a vida social das localidades em que se fazia impresso.

> Produzidos de um modo geral por indivíduos extremamente comprometidos com a vida local, os Almanaques se propõem a informar sobre as características da vida social e econômica das localidades [...] Ao lado de apontar o que de novo acontecia no município, faz parte do estilo dessas

> publicações um inventário de quem é quem no cenário social e econômico das localidades, arrolando os nomes dos titulares de negócios, instituições e apontando os responsáveis por empreendimentos, de natureza privada ou coletiva, que marcaram a vida local em dado momento (OLIVEIRA, 2001, p. 23).

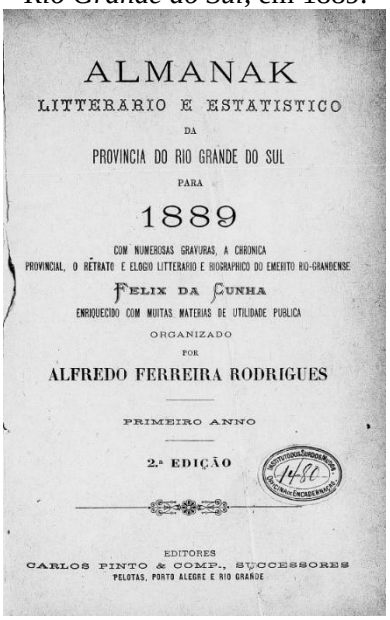
O sucesso desses anuários se dava pelo baixo custo de sua produção para as tipografias, custeada comumente pelos anúncios publicitários. Além disso, enquanto nos jornais e nas revistas predominava a linguagem verbal, os almanaques eram repletos de imagens autoexplicativas, contribuindo para que analfabetos também se interessassem em adquirir o seu material. Alcançando espaços longínquos, integrando domínios rurais e urbanos, tais periódicos transitavam entre as diferentes classes sociais (FERREIRA, 2001). Eles também apresentavam uma materialidade mais próxima a de um livro, com a sua edição sendo menos efêmera devido à função de consulta.

A escrita de Zalina Rolim também integrou importantes almanaques brasileiros. O primeiro destes foi o *Almanaque Literário e Estatístico da Província do Rio Grande do Sul* (1889-1917), organizado pelo pesquisador, historiador e escritor Alfredo Ferreira Rodrigues (1865-1942), figura ilustre da sociedade gaúcha, membro da Academia Rio-Grandense de Letras, do Centro Rio-Grandense de Estudos Históricos e do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Editado inicialmente em Pelotas e depois também em Rio Grande e Porto Alegre, o anuário de mais ou menos trezentas páginas chegou a ter números com mais de uma edição e a tiragem de mais de vinte mil exemplares.

A partir de 1891, o compêndio foi renomeado simplesmente de *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, também passando a ser distribuído em outras regiões do país e até internacionalmente, como destacava uma chamada para anunciantes na edição de 1897, informando que seus exemplares eram “profusamente espalhados não só neste como em todos os Estados do Brasil, pelas repúblicas do Prata, em Portugal e colônias portuguesas da África” (*Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, 1897).

Circulou por vinte e nove edições, abarcando calendários, anúncios publicitários, perfis biográficos de personalidades importantes, informações sobre a cultura, o sistema ferroviário, os correios e telégrafos, a navegação e o sistema judiciário locais, dados estatísticos (incluindo os sobre a educação), escritos de teor político, econômico e social, além de uma “Parte Literária”, dedicada ao entretenimento dos leitores, incluindo poemas, contos, crônicas, jogos de palavras e charadas.

Figura 112 – Frontispício da primeira edição do *Almanaque Literário e Estatístico da Província do Rio Grande do Sul*, em 1889.



ALMANAK

LITTERARIO E ESTATISTICO

DA

PROVINCIA DO RIO GRANDE DO SUL

PARA

1889

COM NUMEROSAS GRAVURAS, A CHRONICA PROVINCIAL, O RETRATO E ELOGIO LITTERARIO E BIOGRAPHICO DO EMERITO RIO-GRANDENSE

FELIX DA CUNHA

ENRIQUECIDO COM MUITAS MATERIAS DE UTILIDADE PUBLICA

ORGANIZADO

POR

ALFREDO FERREIRA RODRIGUES

PRIMEIRO ANNO

2.ª EDIÇÃO

EDITORES

CARLOS PINTO & COMP., SUCCESSORES

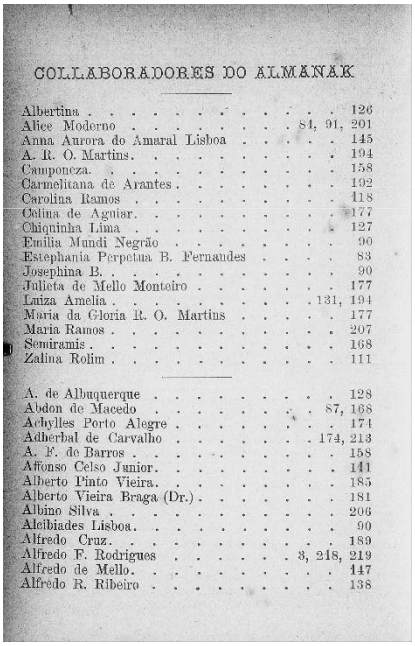
PELOTAS, PORTO ALEGRE E RIO GRANDE

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Tal seção ocupava grande espaço do referido almanaque, divulgando a produção de autores do todo o território nacional, de quem o periódico muito valorizava, como informava o prospecto da primeira edição: "Na parte literária fomos mais felizes; não nos faltaram colaboradores em todos os gêneros, e o *Almanaque* orgulha-se de contar em suas páginas composições firmadas por alguns dos primeiros poetas brasileiros" (*Almanaque Literário e Estatístico da Província do Rio Grande do Sul*, 1889). Não se sabe se, além do envio próprio dos escritores, a redação também realizava convites para contribuição.

Dentre os colaboradores, ressaltavam-se nomes como Ibrantina Cardona, Auta de Souza (1876-1901), Adelina Lopes Vieira, Julia Lopes de Almeida, Narcisa Amália de Campos, Presciliana Duarte de Almeida, Raimundo Correia (1859-1911), Aluísio Azevedo (1857-1913), Coelho Neto (1864-1934), Olavo Bilac, entre outros. Apesar da expressiva presença feminina, esta parcela, todavia, era apresentada isolada dos homens no índice de autores ao final dos volumes, o que já evidenciava um tratamento diferenciado oferecido pelos editores.

Figura 113 – Índice de autores do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, em 1896, mostrando separação entre homens e mulheres.



COLLABORADORES DO ALMANAK

Albertina 126
Alice Moderno 84, 91, 201
Anna Aurora do Amaral Lisboa 145
A. R. O. Martins. 194
Camponeza. 158
Carmelitana de Arantes 192
Carolina Ramos 118
Celina de Aguiar. 177
Chiquinha Lima 127
Emilia Mundi Negrão 90
Estephania Perpetua B. Fernandes 83
Josephina B. 90
Julieta de Mello Monteiro 177
Luiza Amelia 131, 194
Maria da Gloria R. O. Martins 177
Maria Ramos 207
Semiramis 168
Zalina Rolim 111

A. de Albuquerque 128
Abdon de Macedo 87, 168
Achylles Porto Alegre 174
Adherbal de Carvalho 174, 213
A. F. de Barros 158
Affonso Celso Junior. 141
Alberto Pinto Vieira. 185
Alberto Vieira Braga (Dr.) 181
Albino Silva 206
Alcibiades Lisboa. 90
Alfredo Cruz. 189
Alfredo F. Rodrigues 3, 218, 219
Alfredo de Mello. 147
Alfredo R. Ribeiro 138

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

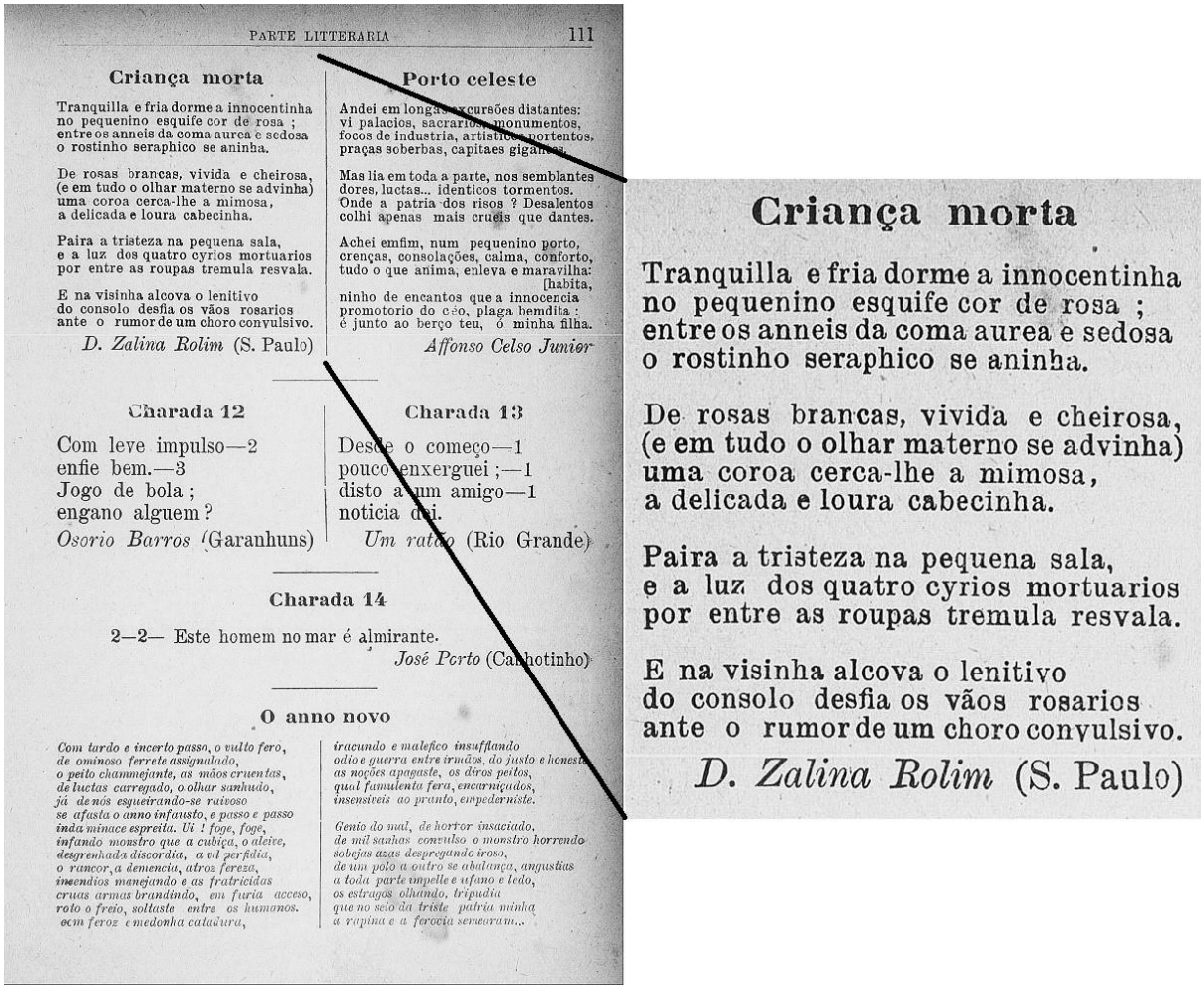
A separação entre escritoras e escritores abarcava inclusive os pseudônimos que alguns utilizavam. Os próprios leitores também poderiam contribuir com a publicação, enviando seus escritos literários para a redação. Na seção "Correspondência", entretanto, eram justificadas as recusas dos originais não publicados, sugerindo-se possíveis mudanças. Em uma das explicações para o não aceite de um poema, publicada logo na primeira edição, de 1889, ficava claro o pendor paternalista do almanaque, que aparentemente preocupava-se em oferecer uma leitura "confiável" à moral das mulheres.

> Uma de suas poesias, a mais bela de todas, não pode ser publicada neste livro. Há nela uns tons sensuais, maravilhosamente descritos, que iriam desagradar a muita gente. O *Almanaque* deve ser um livro que se possa, sem escrúpulos, confiar à mais inocente e à mais pura das leitoras. Há de nos perdoar esta exigência. Mande-nos versos noutro gênero, que tem habilidade para tanto, e então ser-lhe-emos duplamente agradecidos (*Almanaque Literário e Estatístico da Província do Rio Grande do Sul*, 1889).

Na nota, a postura dos editores evidenciava que eles exerciam grande controle de conteúdo nos compêndios, lançando em suas páginas apenas os escritos que seguiam uma linha moderada e que tratassem de temas que não ameaçassem o recato. Esse aspecto se reflete no material que conseguiu ser publicado, ultrapassando a censura prévia por seguir as possíveis diretrizes impostas.

A primeira contribuição de Zalina Rolim para o *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* se deu na edição do ano de 1896, com o soneto “Criança morta”. Na publicação, o nome da escritora vinha com a sinalização de que ela era de São Paulo.

Figura 114 – Publicação do poema “Criança morta” na edição de 1896 do *Almanaque Literário e Estatístico da Província do Rio Grande do Sul.*



PARTE LITTERARIA 111

Criança morta

Tranquilla e fria dorme a innocentinha
no pequenino esquife cor de rosa ;
entre os anneis da coma aurea e sedosa
o rostinho seraphico se aninha.

De rosas brancas, vivida e cheirosa,
(e em tudo o olhar materno se advinha)
uma coroa cerca-lhe a mimosa,
a delicada e loura cabecinha.

Paira a tristeza na pequena sala,
e a luz dos quatro cyrios mortuarios
por entre as roupas tremula resvala.

E na visinha alcova o lenitivo
do consolo desfia os vãos rosarios
ante o rumor de um choro convulsivo.

D. Zalina Rolim (S. Paulo)

Porto celeste

Andei em longas excursões distantes:
vi palacios, sacrarios, monumentos,
focos de industria, artisticos portentos,
praças soberbas, capitaes gigantes.

Mas lia em toda a parte, nos semblantes
dores, luctas... identicos tormentos.
Onde a patria dos risos ? Desalentos
colhi apenas mais crueis que dantes.

Achei emfim, num pequenino porto,
crenças, consolações, calma, conforto,
tudo o que anima, enleva e maravilha:
[habita,
ninho de encantos que a innocencia
promotorio do céo, plaga bemdita :
é junto ao berço teu, ó minha filha.

Affonso Celso Junior

Charada 12

Com leve impulso—2
enfie bem.—3
Jogo de bola ;
engano alguem ?

Osorio Barros (Garanhuns)

Charada 13

Desde o começo—1
pouco enxerguei ;—1
disto a um amigo—1
noticia dei.

Um ratão (Rio Grande)

Charada 14

2—2— Este homem no mar é almirante.

José Porto (Cachotinho)

O anno novo

Com tardo e incerto passo, o vulto fero,
de ominoso ferrete assignalado,
o peito chammejante, as mãos cruentas,
de luctas carregado, o olhar sanhudo,
já de nós esgueirando-se raivoso
se afasta o anno infausto, e passo e passo
inda minace espreita. Ui ! foge, foge,
infando monstro que a cubiça, o aleive,
desgrenhada discordia, a vil perfidia,
o rancor, a demencia, atroz fereza,
incendios manejando e as fratricidas
cruas armas brandindo, em furia acceso,
roto o freio, soltaste entre os humanos.
ocm feroz e medonha catadura,

iracundo e malefico insufflando
odio e guerra entre irmãos, do justo e honesto
as noções apagaste, os diros peitos,
qual famulenta fera, encarniçados,
insensiveis ao pranto, empederniste.

Genio do mal, de horror insaciado,
de mil sanhas convulso o monstro horrendo
sobejas azas despregando iroso,
de um polo a outro se abalança, angustias
a toda parte impelle e ufano e ledo,
os estragos olhando, tripudia
que no seio da triste patria minha
a rapina e a ferocia semearam...

Criança morta

Tranquilla e fria dorme a innocentinha
no pequenino esquife cor de rosa ;
entre os anneis da coma aurea e sedosa
o rostinho seraphico se aninha.

De rosas brancas, vivida e cheirosa,
(e em tudo o olhar materno se advinha)
uma coroa cerca-lhe a mimosa,
a delicada e loura cabecinha.

Paira a tristeza na pequena sala,
e a luz dos quatro cyrios mortuarios
por entre as roupas tremula resvala.

E na visinha alcova o lenitivo
do consolo desfia os vãos rosarios
ante o rumor de um choro convulsivo.

D. Zalina Rolim (S. Paulo)

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

O poema regressava à temática da morte, aqui precoce, ocorrida ainda na infância. Os versos descreviam o rito funerário de uma criança, cuja pureza era ressaltada pela aparência alva e pela expressão serena de seu corpo desfalecido, aspecto que se aliava ao delicado ataúde em que se encontrava e à coroa de flores depositada em sua cabeça. O cenário melancólico da despedida resguardava o desespero dos entes queridos, bem como o apoio na fé cristã para suportar tamanha dor sentida. É interessante notar, entretanto, que o desvelar do rosário, ao final da referida composição, parecia algo ineficiente, com Rolim apontando que a religião nem sempre poderia auxiliar na superação de um sofrimento muito grande.

Criança morta

Tranquila e fria dorme a inocentinha
no pequenino esquife cor de rosa;
entre os anéis da cama áurea e sedosa
o rostinho seráfico se aninha.

De rosas brancas, vívida e cheirosa,
(e em tudo o olhar materno de advinha)
uma coroa cerca-lhe a mimosa,
a delicada e loura cabecinha.

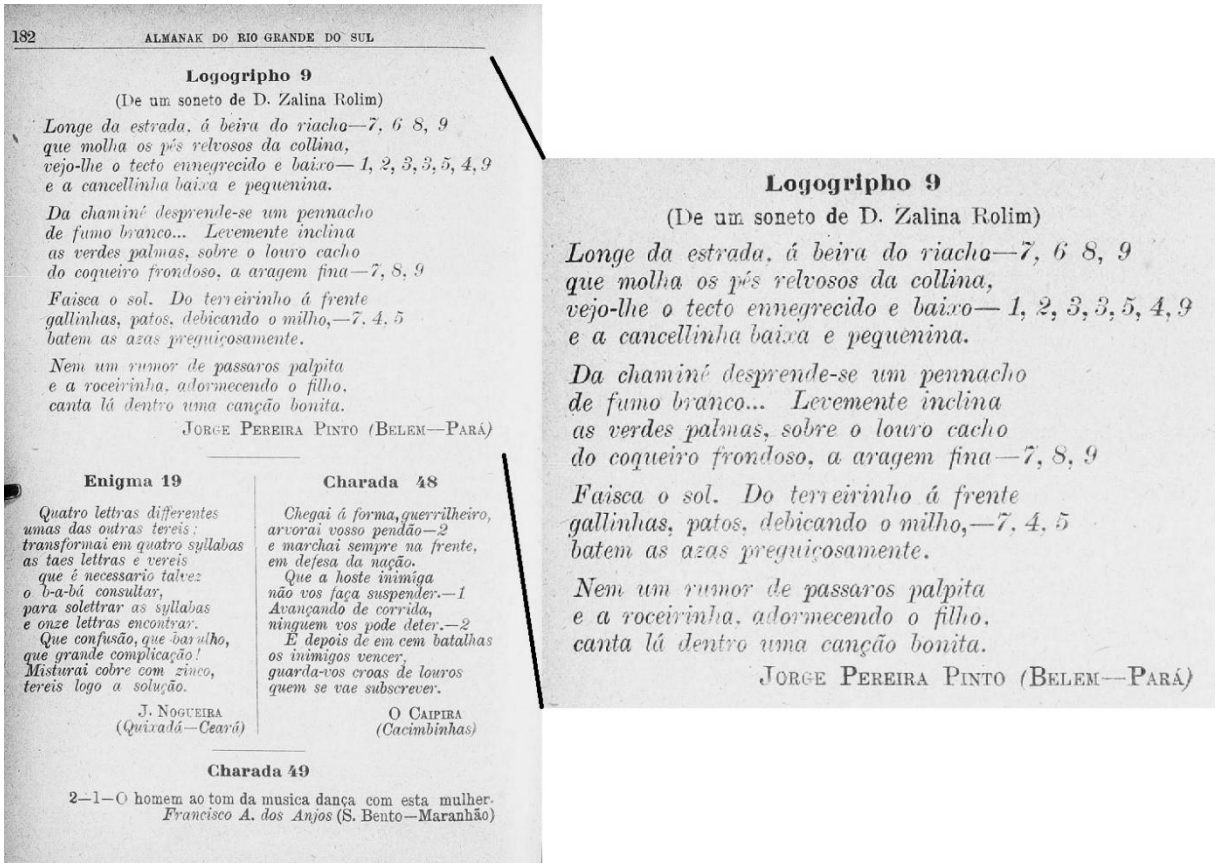
Paira a tristeza na pequena sala,
e a luz dos quatro círios mortuários
por entre as roupas trêmula resvala.

E na vizinha alcova o lenitivo
do consolo desfia os vãos rosários
ante o rumor de um choro convulsivo.
(*Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, 1896)

O soneto parecia conversar com outro que o acompanhava na mesma página do periódico, "Porto celeste", de autoria do mineiro Afonso Celso Júnior (1860-1938), que colocava a figura de uma menina como o porto seguro de um pai. O eu-lírico de tal composição afirmava ter encontrado segurança, calma e conforto naquela criança que tanto amava. Os dois poemas traçavam uma representação idealizada dos infantes, colocados como depósitos de ternura e contento. Em sua ausência, os pais se viam infelizes e desconsolados.

Rolim voltou a aparecer na edição do ano seguinte do *Almanaque* com o soneto "Campestre", que ganhou uma versão em logogrifo assinada por Jorge Pereira Pinto, identificado como sendo de Belém, no Pará. Tratava-se de uma modalidade de charada que existia desde a antiguidade e que fora fartamente disseminada a partir do século XVII. Nesse gênero, bastante comum aos passatempos dos periódicos do século XIX, propunha-se a adivinhação de uma palavra pela previsão de outras que, em conjunto, têm as mesmas letras que aquela, só que combinadas de modo diferente. O título do poema transformado em logogrifo não era mencionado.

Figura 115 – Publicação do poema "Campestre" transformado em logogrifo na edição de 1897 do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul.*



182 ALMANAK DO RIO GRANDE DO SUL

Logogripho 9

(De um soneto de D. Zalina Rolim)

Longe da estrada, á beira do riacho—7, 6 8, 9
que molha os pés relvosos da collina,
vejo-lhe o tecto ennegrecido e baixo— 1, 2, 3, 3, 5, 4, 9
e a cancellinha baixa e pequenina.

Da chaminé desprende-se um pennacho
de fumo branco... Levemente inclina
as verdes palmas, sobre o louro cacho
do coqueiro frondoso, a aragem fina—7, 8, 9

Faisca o sol. Do terreirinho á frente
gallinhas, patos, debicando o milho,—7, 4, 5
batem as azas preguiçosamente.

Nem um rumor de passaros palpita
e a roceirinha, adormecendo o filho,
canta lá dentro uma canção bonita.

JORGE PEREIRA PINTO (BELEM—PARÁ)

Enigma 19

Quatro lettras differentes
umas das outras tereis:
transformai em quatro syllabas
as taes lettras e vereis
que é necessario talvez
o b-a-bá consultar,
para solettrar as syllabas
e onze lettras encontrar.
Que confusão, que barulho,
que grande complicação!
Misturai cobre com zinco,
tereis logo a solução.

J. NOGUEIRA
(Quixadá—Ceará)

Charada 48

Chegai á forma, guerrilheiro,
arvorai vosso pendão—2
e marchai sempre na frente,
em defesa da nação.
Que a hoste inimiga
não vos faça suspender.—1
Avançando de corrida,
ninguem vos pode deter.—2
E depois de em cem batalhas
os inimigos vencer,
guarda-vos croas de louros
quem se vae subscrever.

O CAIPIRA
(Cacimbinhas)

Charada 49

2—1—O homem ao tom da musica dança com esta mulher.
Francisco A. dos Anjos (S. Bento—Maranhão)

Logogripho 9

(De um soneto de D. Zalina Rolim)

Longe da estrada, á beira do riacho—7, 6 8, 9
que molha os pés relvosos da collina,
vejo-lhe o tecto ennegrecido e baixo— 1, 2, 3, 3, 5, 4, 9
e a cancellinha baixa e pequenina.

Da chaminé desprende-se um pennacho
de fumo branco... Levemente inclina
as verdes palmas, sobre o louro cacho
do coqueiro frondoso, a aragem fina—7, 8, 9

Faisca o sol. Do terreirinho á frente
gallinhas, patos, debicando o milho,—7, 4, 5
batem as azas preguiçosamente.

Nem um rumor de passaros palpita
e a roceirinha, adormecendo o filho,
canta lá dentro uma canção bonita.

JORGE PEREIRA PINTO (BELEM—PARÁ)

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

A composição em questão havia sido publicada pela primeira vez no *Correio Paulistano*, depois também integrando o livro *O coração* (1893). Tal publicação ressaltava que, além de se tornar cada vez mais conhecida em todo o território nacional, a produção de Zalina Rolim estava sendo apropriada por outros autores inclusive na formação de outros gêneros dentro dos periódicos. A última participação da autora no *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* se deu na edição de 1903, com a publicação do soneto "De volta".

De volta

Mira-lhe o rosto e beija-o traço a traço,
plena de um gozo ideal que a transfigura;
olha-o de novo e após recua um passo,
para fitá-lo bem, toda ternura.

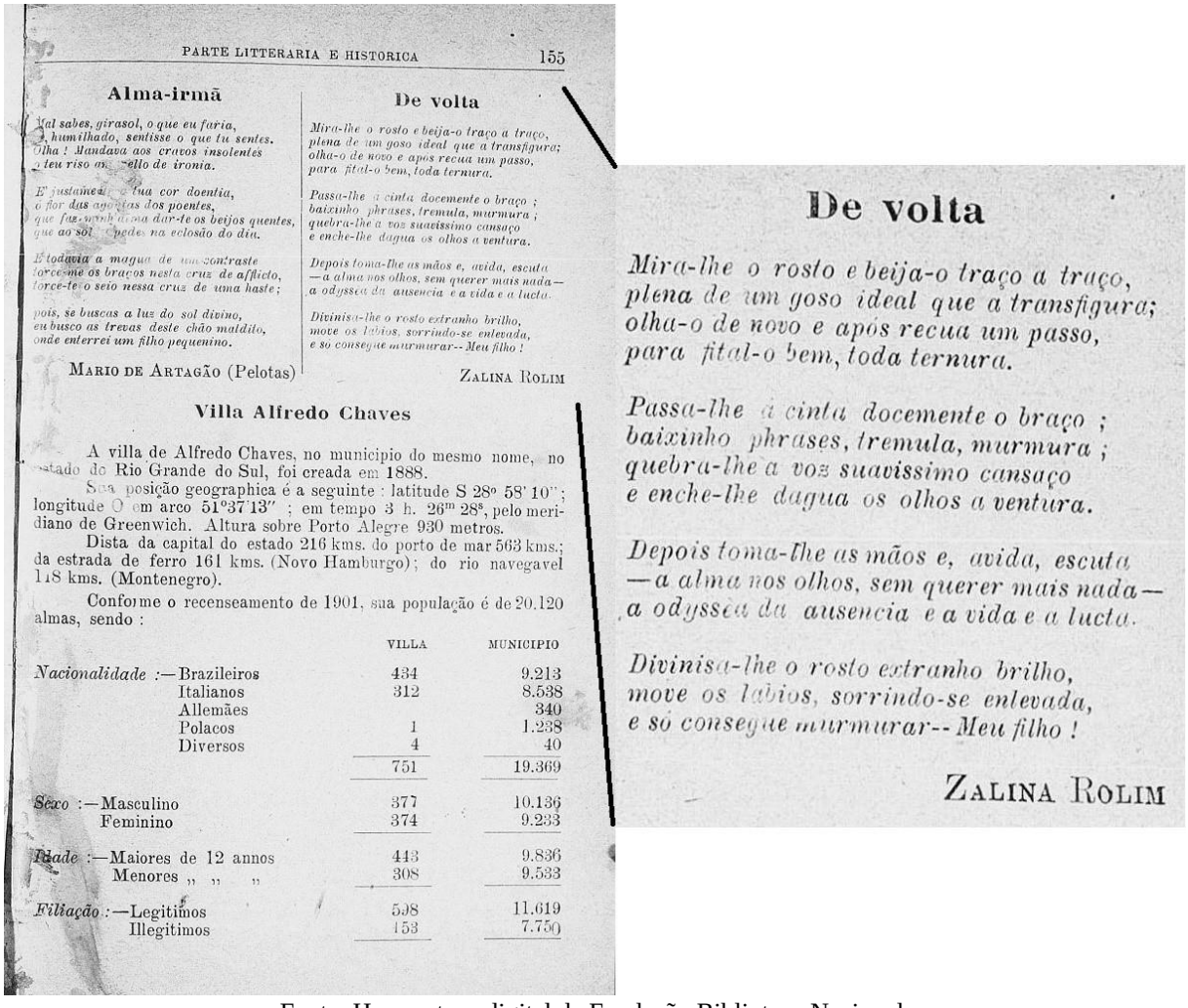
Passa-lhe a cinta docemente o braço;
baixinho frases, trêmula, murmura;
quebra-lhe a voz suavíssimo cansaço
e enche-lhe d'água os olhos a ventura.

Depois toma-lhe as mãos e, ávida, escuta
– a alma nos olhos, sem querer mais nada –
a odisseia da ausência e a vida e a luta.

Diviniza-lhe o rosto estranho brilho,
move os lábios, sorrindo-se enlevada,
e só consegue murmurar – Meu filho!
(*Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, 1903)

Os versos descreviam o reencontro de uma mãe com seu filho, de quem estava afastada aparentemente por um longo período. A construção de Rolim fazia os leitores acompanharem os sentimentos da figura materna através de suas ações. A inicial incredulidade ia se transformando aos poucos em uma crescente felicidade, cujo motivo só era revelado ao final da última estrofe. O amor materno era celebrado na composição, ligado a uma representação resiliente que ultrapassava uma "odisseia da ausência" para depois ser recompensado com a volta do seu afeto.

Figura 116 = Publicação do poema "De volta" na edição de 1897 do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul.*



PARTE LITTERARIA E HISTORICA 155

Alma-irmã

Val sabes, girasol, o que eu faria,
humilhado, sentisse o que tu sentes.
Olha! Mandava aos cravos insolentes
teu riso ... ello de ironia.

E justamente a tua cor doentia,
ó flor das agonias dos poentes,
que faz-me dizer-te os beijos quentes,
que ao sol ... pedes na eclosão do dia.

E todavia a magua de um contraste
torce-me os braços nesta cruz de afflicto,
torce-te o seio nessa cruz de uma haste;

pois, se buscas a luz do sol divino,
eu busco as trevas deste chão maldito,
onde enterrei um filho pequenino.

MARIO DE ARTAGÃO (Pelotas)

De volta

Mira-lhe o rosto e beija-o traço a traço,
plena de um goso ideal que a transfigura;
olha-o de novo e após recua um passo,
para fital-o bem, toda ternura.

Passa-lhe a cinta docemente o braço;
baixinho phrases, tremula, murmura;
quebra-lhe a voz suavissimo cansaço
e enche-lhe dagua os olhos a ventura.

Depois toma-lhe as mãos e, avida, escuta
—a alma nos olhos, sem querer mais nada—
a odysséa da ausencia e a vida e a lucta.

Divinisa-lhe o rosto extranho brilho,
move os labios, sorrindo-se enlevada,
e só consegue murmurar--Meu filho!

ZALINA ROLIM

Villa Alfredo Chaves

A villa de Alfredo Chaves, no municipio do mesmo nome, no estado do Rio Grande do Sul, foi creada em 1888.

Sua posição geographica é a seguinte: latitude S 28° 58' 10"; longitude O em arco 51°37'13" ; em tempo 3 h. 26m 28s, pelo meridiano de Greenwich. Altura sobre Porto Alegre 930 metros.

Dista da capital do estado 216 kms. do porto de mar 563 kms.; da estrada de ferro 161 kms. (Novo Hamburgo); do rio navegavel 118 kms. (Montenegro).

Conforme o recenseamento de 1901, sua população é de 20.120 almas, sendo:

		VILLA	MUNICIPIO
Nacionalidade :—	Brazileiros	434	9.213
	Italianos	312	8.538
	Allemães		340
	Polacos	1	1.238
	Diversos	4	40
		751	19.369
Sexo :—	Masculino	377	10.136
	Feminino	374	9.233
Idade :—	Maiores de 12 annos	443	9.836
	Menores „ „ „	308	9.533
Filiação :—	Legitimos	598	11.619
	Illegitimos	153	7.750

De volta

Mira-lhe o rosto e beija-o traço a traço,
plena de um goso ideal que a transfigura;
olha-o de novo e após recua um passo,
para fital-o bem, toda ternura.

Passa-lhe a cinta docemente o braço;
baixinho phrases, tremula, murmura;
quebra-lhe a voz suavissimo cansaço
e enche-lhe dagua os olhos a ventura.

Depois toma-lhe as mãos e, avida, escuta
—a alma nos olhos, sem querer mais nada—
a odysséa da ausencia e a vida e a lucta.

Divinisa-lhe o rosto extranho brilho,
move os labios, sorrindo-se enlevada,
e só consegue murmurar--Meu filho!

ZALINA ROLIM

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

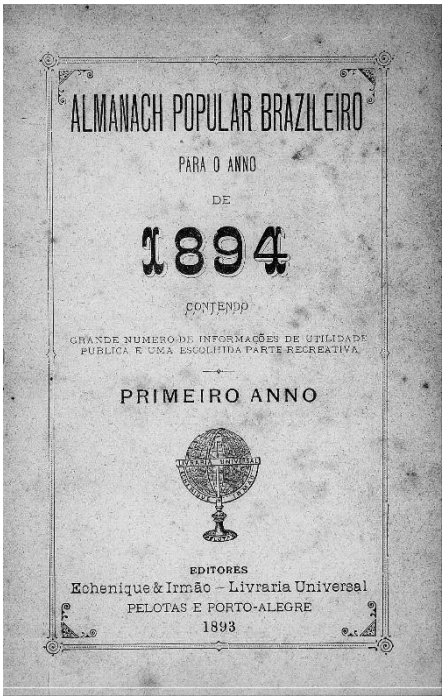
O soneto otimista de Rolim dessa vez contrastava com um poema melancólico publicado na mesma página do almanaque e assinado por Mario de Artagão, pseudônimo do jornalista e escritor gaúcho Antônio da Costa Correia Leite (1866-1937). Os versos em questão retratavam a revolta de um eu lírico com a morte de seu filho pequeno, sentimento desvelado a partir da imagem de um girassol que crescia aparentemente próximo ao seu túmulo. Entretanto, o amor incondicional dos pais pelos filhos, tido como sua única fonte de real felicidade, mostrava-se tópico basilar das duas composições.

Nessa perspectiva, ficava claro que os escritos de Zalina Rolim tratando de temas ligados à família certamente encaixavam-se no teor almejado pelos editores do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*. Mais uma vez a sua pena demonstrava adaptar-se à linha de concepção dos periódicos em que sua produção era publicada, também correspondendo ao que era esperado às autoras de então.

3.14 *Almanaque Popular Brasileiro* (1894-1908)

Outro almanaque que recebeu a colaboração da escritora aqui estudada foi o *Almanaque Popular Brasileiro* (1894-1908), também impresso no Rio Grande do Sul. Organizado por Alberto Ferreira Rodrigues, irmão do já mencionado Alfredo Ferreira Rodrigues, o anuário de em média trezentas páginas possuía uma tiragem expressiva, chegando a quatorze mil exemplares. Conforme indicado na edição de 1898, sua distribuição alcançava todo o Brasil, Rio da Prata, Portugal, além de colônias portuguesas da África e da Ásia. Os volumes eram lançados geralmente nos anos anteriores aos anos referentes.

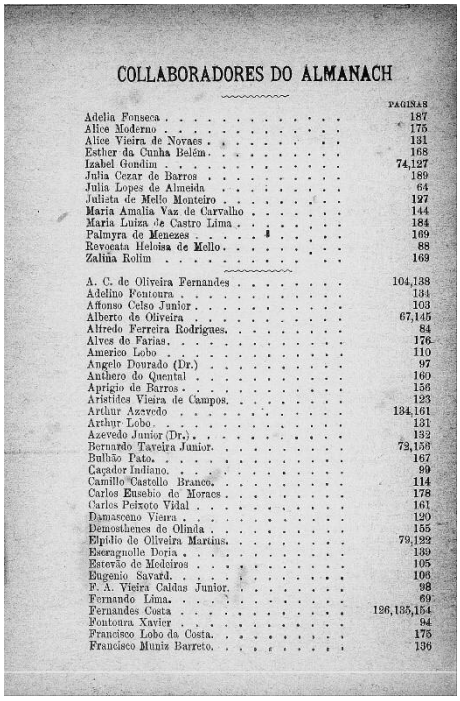
Figura 117 – Frontispício da primeira edição do *Almanaque Popular Brasileiro*, de 1894.



Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

O periódico permaneceu em circulação por quatorze edições, com um conteúdo que envolvia calendários, informações sobre os correios e telégrafos, o sistema ferroviário, registros demográficos, tabelas de câmbios, dados estatísticos locais, além de uma "Parte Recreativa", em que eram publicados poemas, contos, crônicas, anedotas, charadas e escritos de teor histórico. Entre os seus colaboradores, destacavam-se nomes como Arthur Azevedo, Olvao Bilac, Raimundo Correia, Ruy Barbosa, Júlia Lopes de Almeida, Francisca Júlia da Silva, Júlia Cortines, Wenceslau de Queiroz, Coelho Neto, entre outros. Assim como feito no *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, as mulheres vinham separadas dos homens no índice de autores presente no final dos volumes.

Figura 118 – Índice de autores do *Almanaque Popular Brasileiro*, em 1894, mostrando separação entre homens e mulheres.



COLLABORADORES DO ALMANACH

	PAGINAS
Adelia Fonseca	187
Alice Moderno	175
Alice Vieira de Novaes	131
Esther da Cunha Belém	168
Izabel Gondim	74,127
Julia Cezar de Barros	189
Julia Lopes de Almeida	64
Julieta de Mello Monteiro	127
Maria Amalia Vaz de Carvalho	144
Maria Luiza de Castro Lima	184
Palmyra de Menezes	169
Revocata Heloisa de Mello	88
Zalina Rolim	169
A. C. de Oliveira Fernandes	104,138
Adelino Fontoura	134
Affonso Celso Junior	103
Alberto de Oliveira	67,145
Alfredo Ferreira Rodrigues	84
Alves de Farias	176
Americo Lobo	110
Angelo Dourado (Dr.)	97
Anthero do Quental	160
Aprigio de Barros	156
Aristides Vieira de Campos	123
Arthur Azevedo	134,161
Arthur Lobo	131
Azevedo Junior (Dr.)	132
Bernardo Taveira Junior	73,158
Bulhão Pato	167
Caçador Indiano	90
Camillo Castello Branco	114
Carlos Eusebio de Moraes	178
Carlos Peixoto Vidal	161
Damasceno Vieira	129
Demosthenes de Olinda	155
Elpidio de Oliveira Martins	79,122
Escragnolle Doria	139
Estevão de Medeiros	105
Eugenio Savard	108
F. A. Vieira Caldas Junior	98
Fernando Lima	69
Fernandes Costa	126,135,154
Fontoura Xavier	94
Francisco Lobo da Costa	175
Francisco Muniz Barreto	136

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

A participação de Zalina Rolim no referido almanaque teve início já no seu primeiro volume, de 1894. O soneto "Sonho" era dedicado a Júlia Lopes de Almeida[49] e apresentava a indicação de ter sido escrito em Itu.

SONHO
A JÚLIA LOPES DE ALMEIDA

Sonhei: pequena gôndola encantada,
– Berço flocoso de veludo e arminhos –
Sob os impulsos de invisível fada
Veio aportar-me à praia dos carinhos.

De um coração a forma delicada
Tinha a veleira concha; em murmurinhos,
Manso, a enfunar-lhe a vela desfraldada,
Cantava Éolo entre os parcéis marinhos.

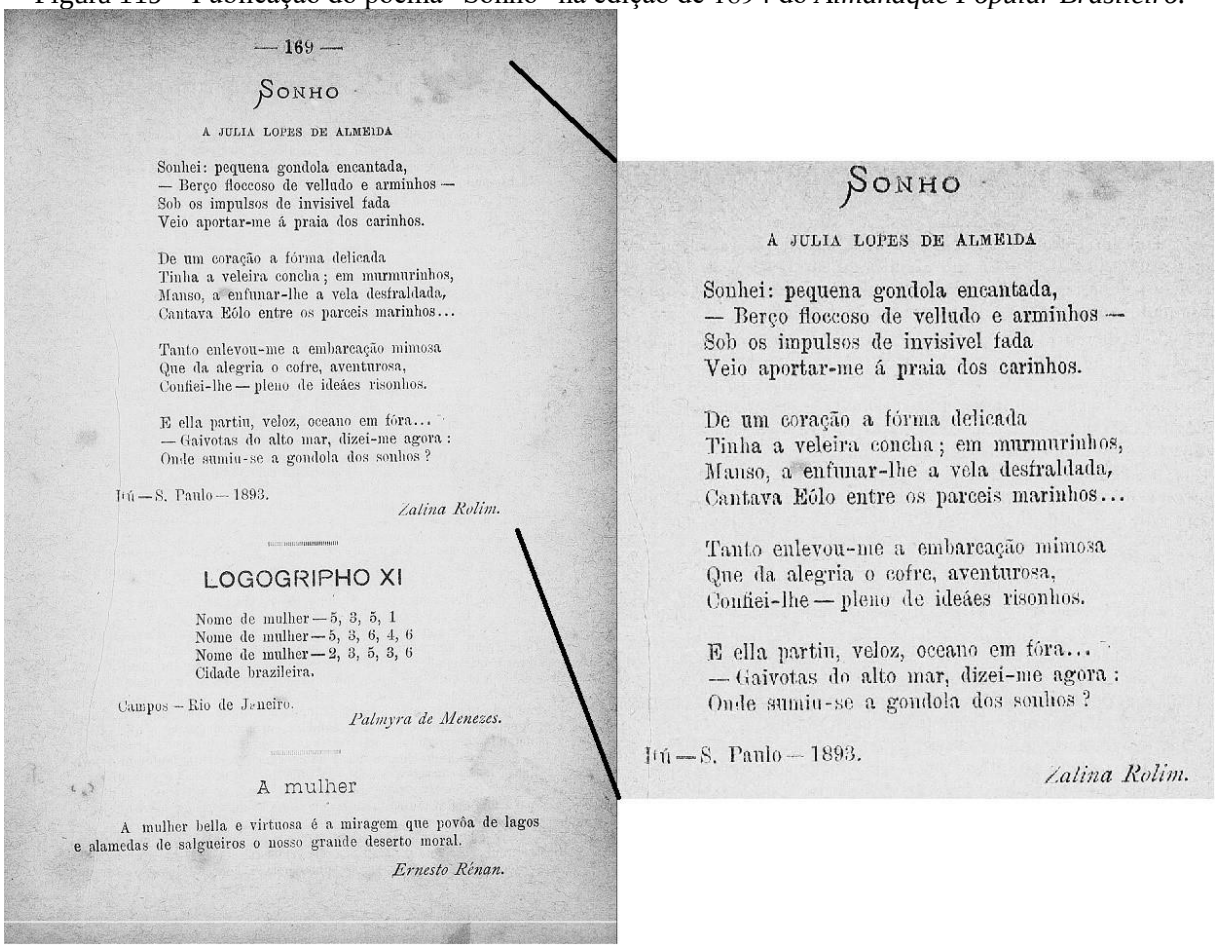
Tanto enlevou-me a embarcação mimosa
Que da alegria o cofre, aventurosa,
Confiei-lhe – pleno de ideais risonhos.

E ela partiu, veloz, oceano em fora...
– Gaivotas do alto mar, dizei-me agora:
Onde sumiu-se a gôndola dos sonhos?
(*Almanaque Popular Brasileiro,* 1894)

[49] Júlia Lopes de Almeida também dedicou um escrito a Zalina Rolim: o conto "As três irmãs", editado no livro *Ânsia eterna* (1903).

Na mencionada composição, um eu lírico feminino descrevia a imagem de uma embarcação encantada que lhe viera em sonho. Seu aspecto envolvia detalhes delicados, como uma vela em formato de coração. Guiada por Éolo, personagem da mitologia grega/latina que era guardião dos ventos e auxiliava a navegação, tal nau fantasiosa teria sumido, levando embora o cofre que guardaria a felicidade da voz poética. A barco aparentemente era uma metáfora para o ser amado, que teria partido após lhe envolver em encanto. A confiança depositada em tal afeto dava lugar à decepção e ao desconsolo, visto que ele levava consigo a sua alegria.

Figura 119 – Publicação do poema “Sonho” na edição de 1894 do *Almanaque Popular Brasileiro.*



— 169 —

SONHO

A JULIA LOPES DE ALMEIDA

Sonhei: pequena gondola encantada,
— Berço floccoso de velludo e arminhos —
Sob os impulsos de invisivel fada
Veio aportar-me á praia dos carinhos.

De um coração a fórma delicada
Tinha a veleira concha; em murmurinhos,
Manso, a enfunar-lhe a vela desfraldada,
Cantava Eólo entre os parceis marinhos...

Tanto enlevou-me a embarcação mimosa
Que da alegria o cofre, aventurosa,
Confiei-lhe — pleno de ideáes risonhos.

E ella partiu, veloz, oceano em fóra...
— Gaivotas do alto mar, dizei-me agora:
Onde sumiu-se a gondola dos sonhos?

Jú — S. Paulo — 1893.

Zalina Rolim.

LOGOGRIPHO XI

Nome de mulher — 5, 3, 5, 1
Nome de mulher — 5, 3, 6, 4, 6
Nome de mulher — 2, 3, 5, 3, 6
Cidade brazileira.

Campos — Rio de Janeiro.

Palmyra de Menezes.

A mulher

A mulher bella e virtuosa é a miragem que povôa de lagos e alamedas de salgueiros o nosso grande deserto moral.

Ernesto Rénan.

SONHO

A JULIA LOPES DE ALMEIDA

Sonhei: pequena gondola encantada,
— Berço floccoso de velludo e arminhos —
Sob os impulsos de invisivel fada
Veio aportar-me á praia dos carinhos.

De um coração a fórma delicada
Tinha a veleira concha; em murmurinhos,
Manso, a enfunar-lhe a vela desfraldada,
Cantava Eólo entre os parceis marinhos...

Tanto enlevou-me a embarcação mimosa
Que da alegria o cofre, aventurosa,
Confiei-lhe — pleno de ideáes risonhos.

E ella partiu, veloz, oceano em fóra...
— Gaivotas do alto mar, dizei-me agora:
Onde sumiu-se a gondola dos sonhos?

Jú — S. Paulo — 1893.

Zalina Rolim.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

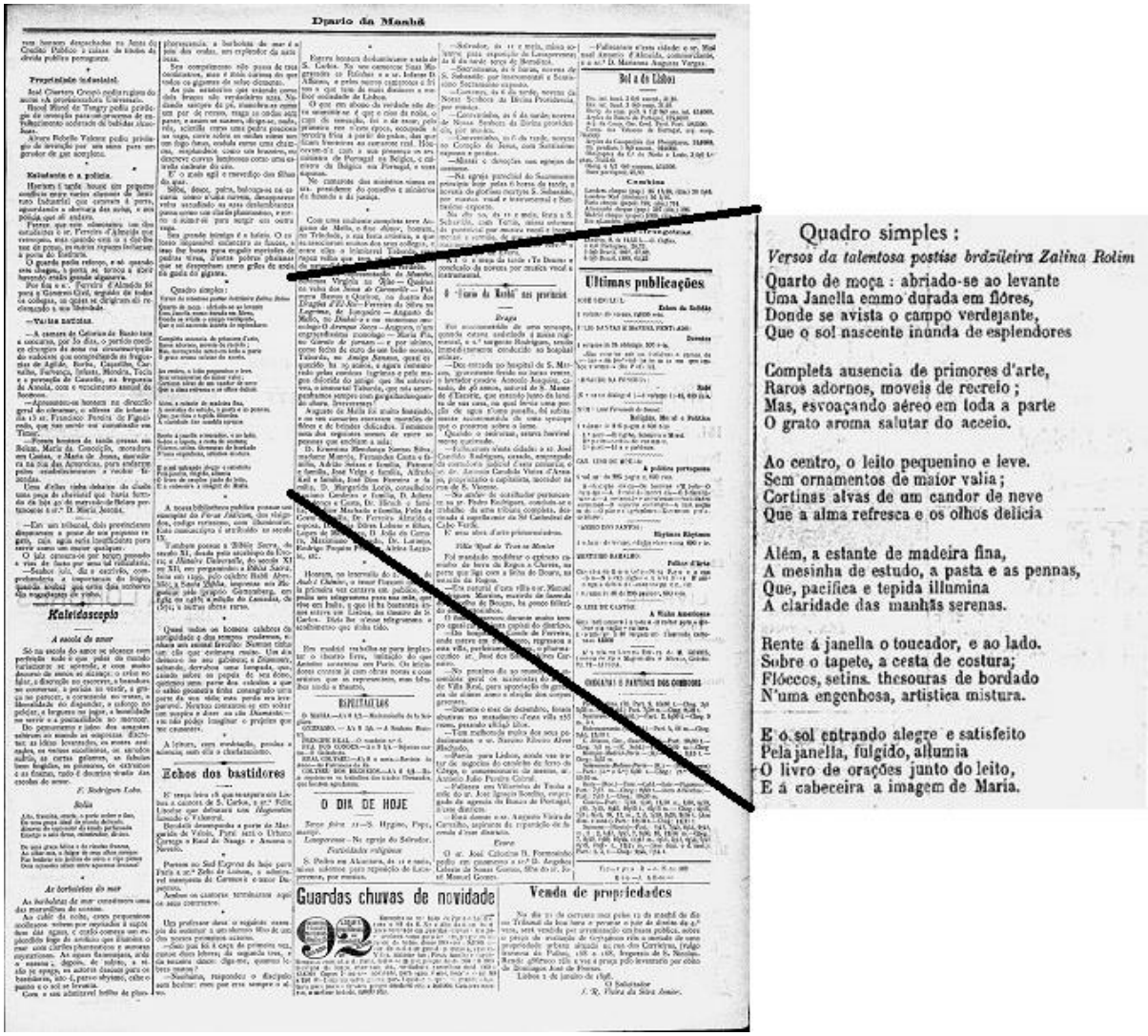
O tom onírico do poema resguardava uma representação do amor romântico atrelado ao sofrimento e à desilusão, com o eu lírico entregando a sua ventura ao ser amado. Os versos tratavam de um tema esperado à produção das mulheres de então, o que certamente também era almejado às colaboradoras do *Almanaque Popular Brasileiro*. Nesse sentido, é interessante notar que, na mesma página em que foi publicado “Sonho”, aparecia uma citação de título “A mulher”, atribuída ao escritor, filósofo e historiador francês Ernest Renan (1823-1892): “A

mulher bela e virtuosa é a miragem que povoa de lagos e alamedas de salgueiros o nosso grande deserto moral" (*Almanaque Popular Brasileiro*, 1894). A inserção da frase no mesmo espaço parecia assinalar que aquela autora seria dotada de decência e pudor, servindo de exemplo para outras mulheres. Seu poema não fugia à representação do ideal feminino, adequando-se à possível linha editorial daquele anuário e ao que era esperado às mulheres de letras de então. Assim, Rolim novamente demonstrava ajustar a sua pena aos veículos da imprensa a que se propunha colaborar, garantindo a sua publicação.

A autora só voltou a ter participação no periódico em seu volume de 1896, com a reprodução do soneto "Pomba ferida", publicado anteriormente no jornal *A Família*. Na edição de 1897, ela teve dois poemas integrando a "Parte Recreativa" do compêndio: o soneto "De volta" que, como vimos, também foi lançado no *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Norte* naquele mesmo ano, e "Quadro simples", uma composição inédita. Esta última infelizmente não pôde ser conferida direto da fonte primária, pois os exemplares do *Almanaque Popular Brasileiro* consultados no acervo da Fundação Biblioteca Nacional e na Coleção Especial Laudelino Teixeira de Medeiros, da Seção de Obras Raras da Biblioteca Central da Universidade de Caxias do Sul – UCS, encontram-se incompletos, com inúmeras páginas faltando, incluindo a que aparecia a referida contribuição, sendo possível identificar apenas o título através do índice do volume.

Tivemos acesso à composição, todavia, por meio de uma reprodução desta no jornal português *Correio da Manhã* (1884-1898), em sua edição de 11 de janeiro de 1898, quando este já tinha passado a se denominar *Diário da Manhã*, verificando que se tratava do poema "Croquis" republicado com outro nome. Tais versos, lançados pela primeira vez no *Correio Paulistano*, como vimos, também receberiam outro título por Dante Alighieri Vita, em um artigo de 1953 que prestaria homenagem a Rolim, divulgado no mesmo jornal: "Quarto de moça". O espaço dos periódicos possibilitava as mudanças estruturais ou formais e as reapropriações dos escritos pelos editores e redatores. O que importava era a melhor apreciação do público leitor. Talvez, para quem empreendeu as modificações, os novos títulos fossem mais condizentes com o conteúdo e a construção imagética do poema em questão.

Figura 120 – Reprodução do poema "Croquis", renomeado de "Quadro simples" no jornal português *Diário da Manhã*, em 1898.



Diario da Manhã

Quadro simples :

Versos da talentosa postise brazileira Zalina Rolim

Quarto de moça : abriado-se ao levante
Uma Janella emmo durada em flôres,
Donde se avista o campo verdejante,
Que o sol nascente inunda de esplendores

Completa ausencia de primores d'arte,
Raros adornos, moveis de recreio ;
Mas, esvoaçando aéreo em toda a parte
O grato aroma salutar do aceio.

Ao centro, o leito pequenino e leve.
Sem ornamentos de maior valia ;
Cortinas alvas de um candor de neve
Que a alma refresca e os olhos delicia

Além, a estante de madeira fina,
A mesinha de estudo, a pasta e as pennas,
Que, pacifica e tepida illumina
A claridade das manhãs serenas.

Rente á janella o toucador, e ao lado.
Sobre o tapete, a cesta de costura;
Flóccos, setins. thesouras de bordado
N'uma engenhosa, artistica mistura.

E o sol entrando alegre e satisfeito
Pela janella, fulgido, altumia
O livro de orações junto do leito,
E á cabeceira a imagem de Maria.

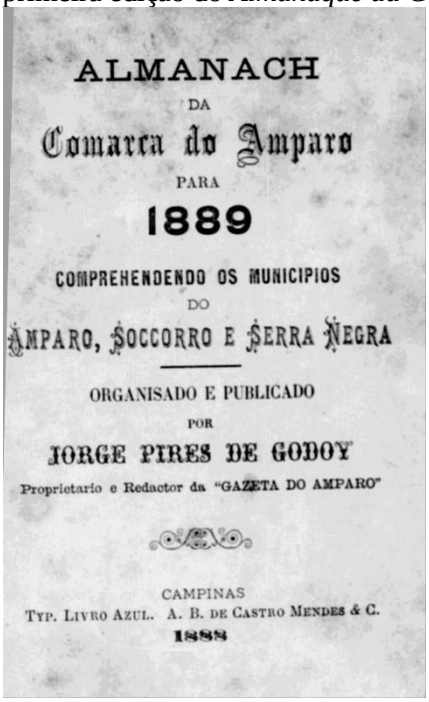
Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

No almanaque de 1898, há outra contribuição inédita identificada apenas pelo título presente no índice: “Sono de moça”. Esse exemplar também se encontra mutilado, com páginas faltando, não sendo possível a leitura direto da fonte primária. Levando em consideração o caso anterior, inferimos que pode se tratar do poema “Adormecida”, já publicado no jornal *A Província de São Paulo*, em versão renomeada. Após tal publicação, a escritora só voltaria ao periódico na edição de 1901, com a reprodução do poema “A uma menina”, já publicado no *Correio Paulistano* e incluído no livro *O coração* (1893). A última participação de Rolim no *Almanaque Popular Brasileiro* se deu no ano de 1905, com a reprodução de “A meu filho”, soneto também já publicado no *Correio Paulistano.* Com sua produção integrando seis volumes do almanaque, a autora demonstrava ter prestígio nos círculos intelectuais gaúchos.

3.15 *Almanaque da Comarca do Amparo / Almanaque do Amparo* (1889-1918)

O *Almanaque da Comarca do Amparo* (1889-1918), região que compreendia os municípios paulistas de Amparo, Socorro e Serra Negra, também recebeu a contribuição de Zalina Rolim. Organizado pelo professor, escritor e jornalista Jorge Pires de Godoy (1862-1929), que, na época do seu lançamento, era proprietário e redator-chefe do jornal *Gazeta do Amparo* (1880-1896), o anuário, que geralmente variava entre duzentas e trezentas páginas, durou dezesseis volumes, ainda que com algumas interrupções.

Figura 121 – Frontispício da primeira edição do *Almanaque da Comarca do Amparo*, de 1889.


ALMANACH
DA
Comarca do Amparo
PARA
1889
COMPREHENDENDO OS MUNICIPIOS
DO
AMPARO, SOCCORRO E SERRA NEGRA
ORGANISADO E PUBLICADO
POR
JORGE PIRES DE GODOY
Proprietario e Redactor da "GAZETA DO AMPARO"
CAMPINAS
TYP. LIVRO AZUL. A. B. DE CASTRO MENDES & C.
1888

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Tratava-se de uma respeitada publicação local, cujo conteúdo variado abarcava o noticiário, informações sobre política, sociedade, educação, indústria e economia, além de escritos históricos e um guia de nomes e endereços dos cidadãos da comarca. O periódico também apresentava uma variada matéria literária (com destaque para crônicas e poemas), estatística, comercial e administrativa, recebendo a colaboração de nomes de todo o Brasil, como Teófilo Dias, Francisca Júlia da Silva, António Gomes Leal (1848-1921), Áurea Pires (1876-1949), Olavo Bilaca, Ibrantina Cardona, Wenceslau de Queiroz, entre outros. Diferente dos outros almanaques apresentados nesta tese, esse não apresentava índice de autores ao final dos volumes.

Inicialmente editado em Campinas e, depois, na própria Amparo, o compêndio passou a se chamar apenas *Almanaque do Amparo*, em 1892, e alcançou uma tiragem de mil exemplares, número considerável para um órgão de origem no interior de São Paulo. A partir

da edição de 1901, parte do produto de sua venda passou a ser destinada a instituições beneficentes da comunidade amparense. Com o tempo, o periódico estendeu o seu espaço a várias outras localidades, contendo informações sobre cerca de cinquenta municípios e trinta distritos dos estados de São Paulo, Minas Gerais e Goiás, em volumes que ultrapassavam quatrocentas páginas.

A colaboração de Rolim com o *Almanaque do Amparo* teve início na edição de 1894, com a reprodução do soneto "Hora nostálgica", já publicado no jornal *A Província de São Paulo*. No ano seguinte, em 1895, ela volta à publicação com "Imutável", poema já publicado no jornal A Família. A edição de 1896, por sua vez, incluía quatro composições da autora: "A um coração delicado", já publicado no *Correio Paulistano*; "Pomba ferida", já publicado *em A Família*; "Aspirações" e "A uma alma doente", estas últimas integrantes do livro *O coração* (1893). Em 1901, o poema "A uma alma doente" volta a ser publicado do almanaque, além do soneto "Gozo pungente", já publicado no jornal *Novidades*.

Uma contribuição inédita e exclusiva da escritora só apareceu na edição de 1905, marcando também o fim de sua participação no periódico. O soneto "Minha mãe", assinado com o sobrenome do marido, Zalina Rolim de Toledo, informava que autora persistia na produção mesmo após o casamento. O referido poema foi publicado com a indicação de que pertencia ao *Livro da saudade*, que não chegou a sair do prelo.

Minha mãe
(Do "Livro da Saudade")

Ils dorment au fond des tombeaux
Et le soleil se lève encore.
Sully Prudhomme

Aqui seus olhos muita vez pousaram
Sempre rasos de pranto e de ternura,
E a essência ideal do bem que eles deixaram
À sentencia de flores se mistura.

Estes dois passarinhos que preparam
O lar gentil, de plácida ventura,
Já de outra vez a frágil contextura
Do ninho a sua vista entrelaçam.

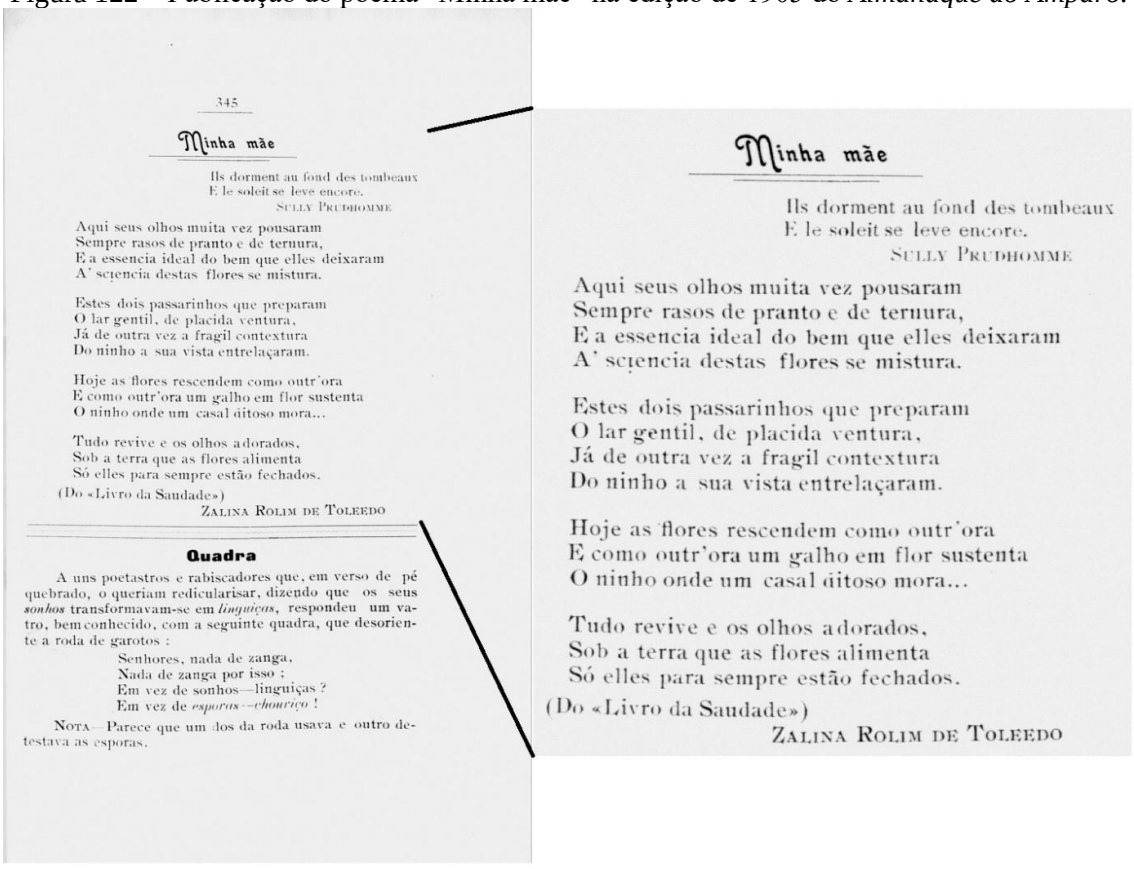
Hoje as flores rescendem como outrora
E como outrora um galho em flor sustenta
O ninho onde um casal ditoso mora...

Tudo revive e os olhos adorados,
Sob a terra que as flores alimenta
Só eles para sempre estão fechados.

(*Almanaque do Amparo*, 1905)

Dois versos do poema “Les yeux” (em tradução livre, “Os olhos”), do escritor francês Sully Prudhomme, presente no livro *Stances et poèmes* (1865), formavam a epígrafe da composição, podendo ser traduzidos como “Eles dormem no fundo das tumbas / E o sol ainda está nascendo”. Tal composição, como já mencionado nesta tese, foi foco de um concurso de tradução organizado 1898 pelo jornal *Correio Paulistano*, do qual Zalina Rolim desistiu de participar da comissão julgadora. O soneto de Rolim tratava da permanência do olhar de alguém que partiu em óbito, possivelmente a mãe do título. O eu lírico discorre com aparente saudade sobre a paisagem natural antes contemplada pelos olhos agora enterrados do ente querido, entretanto, o poema também apresenta uma áurea de superação, na medida em que era mostrado que os componentes do ambiente apreciado voltaram a crescer e a desenvolver-se como em outrora.

Figura 122 – Publicação do poema “Minha mãe” na edição de 1905 do *Almanaque do Amparo.*



345

Minha mãe

Ils dorment au fond des tombeaux
E le soleil se leve encore.
SULLY PRUDHOMME

Aqui seus olhos muita vez pousaram
Sempre rasos de pranto e de ternura,
E a essencia ideal do bem que elles deixaram
A' sciencia destas flores se mistura.

Estes dois passarinhos que preparam
O lar gentil, de placida ventura,
Já de outra vez a fragil contextura
Do ninho a sua vista entrelaçaram.

Hoje as flores rescendem como outr'ora
E como outr'ora um galho em flor sustenta
O ninho onde um casal ditoso mora...

Tudo revive e os olhos adorados,
Sob a terra que as flores alimenta
Só elles para sempre estão fechados.

(Do «Livro da Saudade»)
ZALINA ROLIM DE TOLEEDO

Quadra

A uns poetastros e rabiscadores que, em verso de pé quebrado, o queriam redicularisar, dizendo que os seus *sonhos* transformavam-se em *linguiças*, respondeu um vatro, bem conhecido, com a seguinte quadra, que desorientou a roda de garotos :

Senhores, nada de zanga,
Nada de zanga por isso ;
Em vez de sonhos—linguiças ?
Em vez de *esporas*—*chouriço* !

NOTA—Parece que um dos da roda usava e outro detestava as esporas.

Minha mãe

Ils dorment au fond des tombeaux
E le soleil se leve encore.
SULLY PRUDHOMME

Aqui seus olhos muita vez pousaram
Sempre rasos de pranto e de ternura,
E a essencia ideal do bem que elles deixaram
A' sciencia destas flores se mistura.

Estes dois passarinhos que preparam
O lar gentil, de placida ventura,
Já de outra vez a fragil contextura
Do ninho a sua vista entrelaçaram.

Hoje as flores rescendem como outr'ora
E como outr'ora um galho em flor sustenta
O ninho onde um casal ditoso mora...

Tudo revive e os olhos adorados,
Sob a terra que as flores alimenta
Só elles para sempre estão fechados.

(Do «Livro da Saudade»)
ZALINA ROLIM DE TOLEEDO

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

A autora traçava uma representação menos pessimista da morte, relacionando-a a uma esperança de reconstrução após a dor sofrida. Podemos inferir que a composição também se

relacionaria à própria vida pessoal da escritora, cuja mãe falecera em 1898. Rolim teria sido marcada pela ausência de seus entes queridos, inclusive decidindo dedicar a eles o seu terceiro livro, que não chegou a ser publicado. Felizmente, além de aprender a conviver com a saudade, ela conseguiu partilhar excertos de tal obra-homenagem com os leitores da imprensa de então, fazendo conhecer também o que possivelmente sentia.

4 LEVANTANDO EM REVOADA E ENSINANDO A VOAR: ZALINA ROLIM EM PERIÓDICOS DE MULHERES E PERIÓDICOS PEDAGÓGICOS

Para que áspero acorde não desfira,
Afinarei os sons da minha lira
No diapasão da voz do passarinho; [...]

Zalina Rolim – "A meus pais"
(*O coração*, 1893)

A partir da participação nos impressos noticiosos e literários de interesse geral, Zalina Rolim também contribuiu para o periodismo de mulheres e para as folhas pedagógicas, sendo favorecida pelo acolhimento e pelo apoio de outras escritoras, bem como de educadores de prestígio. Assim, em grupo, ela conseguiu empreender voos cada vez mais altos, tendo a sua produção publicada em alguns dos maiores veículos femininos e educacionais de seu tempo.

Neste quarto capítulo, destacamos a colaboração da autora com os periódicos de mulheres, averiguando as alianças que ela formou com outras autoras de seu tempo, bem como as significativas nuances de sua relação com o público leitor feminino. Também tentamos traçar um panorama das representações do feminino que a escritora veiculava, contribuindo para a compreensão de seus possíveis conflitos em relação à condição de gênero. A partir da publicação em tais órgãos, tentaremos identificar e discutir o tratamento oferecido pela autora a alguns temas mais próximos de um público específico formado por leitoras. Aqui também exploramos a contribuição de Rolim em periódicos educacionais, ressaltando o seu papel de destaque no cenário pedagógico não só em instância estadual, mas também em nível nacional, principalmente durante os últimos anos de sua vida pública.

A implantação da Primeira República esteve relacionada às transformações do setor educativo brasileiro, principalmente nas grandes cidades do país. Dessa maneira, entre o final do século XIX e o início do século XX, observou-se a criação de grande número de escolas, públicas e particulares, bem como um maior investimento do Estado na formação de professores e a preocupação dos profissionais com a eficiência dos métodos pedagógicos (CATANI, 2008). A preferência dos republicanos foi pelas crianças, tornando-as símbolo máximo da esperança de renovação proposta ao cenário nacional. A instituição escolar, nesse sentido, poderia transmitir os princípios do nascente regime a essa base e, assim, "o a-bê-cê realizaria o milagre de transformar em cidadãos os analfabetos residentes no país" (LAJOLO, 1982, p. 42).

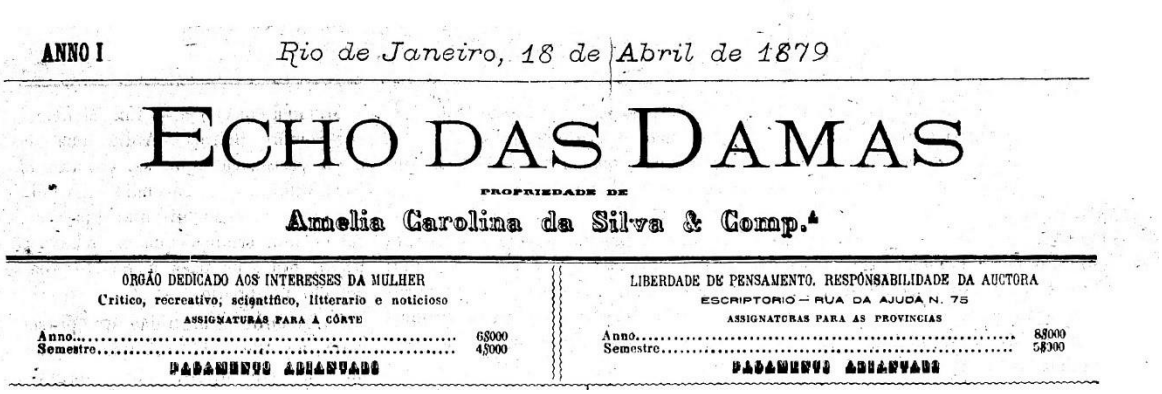
É nesse quadro de florescimento educacional, com a escola sendo vista como ambiente para a consolidação do ideário republicano, que também surgem as primeiras tentativas de

congregação dos professores, que criam entidades de apoio à prática pedagógica e lançam periódicos especializados em questões educacionais. As folhas escritas por professores, diretores, estudantes ou outros sujeitos ligados ao processo de ensino-aprendizagem tiveram grande expressão nas escolas brasileiras do mencionado período. Tais impressos serviam de instrumento para o fomento de reflexões e a construção de conhecimentos específicos, também constituindo um registro do cotidiano escolar. A partir do discurso veiculado, bem como dos temas tratados, das práticas e dos valores prescritos, esses suportes permitiam a compreensão do pensamento educacional de sua época, ligando-se a determinado grupo social. Muitas delas ainda aceitavam a colaboração de nomes ilustres das letras, que voltavam sua pena e sua arte à função de propiciar a formação dos futuros cidadãos, integrando uma missão junto ao novo regime político que se estabelecia (MARTINS, 2008), como no caso da autora estudada.

4.1 *Eco das Damas* (1879-1888)

Em 1888, Zalina Rolim aparecia como uma das colaboradoras do jornal *Eco das Damas* (1879-1888), de Amélia Carolina da Silva Couto, folha voltada aos interesses das mulheres. Esse veículo, publicado no Rio de Janeiro, foi o primeiro a conectar a jovem escritora a outras que então se destacavam na imprensa daquele tempo, como Anália Franco, Ignez Sabino, Emiliana de Moraes, Emília Cortez, Adélia Barros, entre outras.

Figura 123 – Frontispício da primeira edição do jornal *Eco das Damas* (18 de abril de 1879).



ANNO I — Rio de Janeiro, 18 de Abril de 1879

ECHO DAS DAMAS

PROPRIEDADE DE

Amelia Carolina da Silva & Comp.ª

ORGÃO DEDICADO AOS INTERESSES DA MULHER
Critico, recreativo, scientifico, litterario e noticioso
ASSIGNATURAS PARA A CÔRTE
Anno..... 6$000
Semestre..... 4$000
PAGAMENTO ADIANTADO

LIBERDADE DE PENSAMENTO. RESPONSABILIDADE DA AUCTORA
ESCRIPTORIO — RUA DA AJUDA N. 75
ASSIGNATURAS PARA AS PROVINCIAS
Anno..... 8$000
Semestre..... 5$000
PAGAMENTO ADIANTADO

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

A folha não apresentava uma estrutura formal constante, variando suas colunas ao longo dos anos em que esteve em circulação, ainda que com prováveis interrupções (DUARTE, 2016). Seus números informavam sobre a importância das mulheres para a sociedade, ressaltando suas conquistas e defendendo a sua emancipação por meio da educação, inclusive divulgando

instituições de ensino para meninas e moças em sua seção de anúncios. O impresso também tratava da vida doméstica e da saúde feminina, bem como noticiava o meio cultural do Rio de Janeiro. Ainda publicava a produção literária de diversas autoras, principalmente ensaios, obras de ficção e poesia.

Na primeira edição, datada de 18 de abril de 1879, Amélia Carolina da Silva Couto assinou um editorial de estreia expondo os propósitos do jornal no tocante à defesa da formação intelectual das mulheres:

> A nossa folha advoga uma causa santa que deve merecer a consideração de todos aqueles que se interessam pelo progresso moral deste país [...] a mulher estudiosa, a mulher laureada por uma universidade, está mais no caso de receber as atenções e confiança da sociedade e principalmente das senhoras, do que qualquer homem nas mesmas condições. Não pretendemos educar a mulher para encher-lhe a mente de loucas fantasias; nem povoar-lhe o espírito de perniciosas aspirações aos triunfos da política: queremos a mulher ilustrada sob o ponto de vista humanitário e nunca debaixo da pressão e dos erros dos partidos militantes (*Eco das Damas*, 18 abr. 1879).

A proprietária e principal redatora do periódico esclarecia que a mulher instruída seria mais respeitada e útil socialmente, mesmo apontando que a educação defendida no *Eco das Damas* seria limitada, não permitindo aspirações maiores que a prática da ciência e do magistério, como a participação política, por exemplo. De toda forma, tal veículo convidava as leitoras a apoiarem as suas causas:

> Esperamos ser auxiliada [sic] por todas aquelas que compreende [sic] a necessidade [...] também no cultivo da inteligência da mulher, tornando-a mais do que a extremosa companheira do homem, e a carinhosa mãe de família, abrindo-lhe as portas de um futuro mais brilhante, destruindo os preconceitos que afastavam o sexo fraco dos labores da ciência e de outra missão mais útil perante a humanidade (*Eco das Damas*, 18 abr. 1879).

A educação feminina era defendida como meio de conquista de um destino para além da vida como mãe e esposa. A colaboração de diversas escritoras contribuía para mostrar que as mulheres também poderiam ser publicadas e respeitadas pelo trabalho com a pena. Em seu último ano, o jornal fazia questão de expor os nomes das suas colaboradoras junto ao frontispício, dando-lhes importância equiparada à da fundadora.

Figura 124 – Frontispício do jornal *Eco das Damas* apresentando os nomes de suas colaboradoras fixas (14 de janeiro de 1888).



ANNO II. RIO DE JANEIRO 14 DE JANEIRO DE 1888 N. 50

ECHO DAS DAMAS

Redactora: Amelia Couto.

ASSIGNATURAS CORTE	COLLABORADORAS	ASSIGNATURAS PROVINCIAS
Anno . . . . . 10$000	Emiliana de Moraes, Amalia Franco, Maria Zalina Rolim, Ignez Sabino, Marie Vincent, Atilia Bastos, Adelia Barros, Mathilde Macedo e Emilia Cortez.	Anno . . . . . 12$000

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Ainda que, junto aos nomes de várias autoras de destaque da época, aparecesse o de Zalina Rolim, provando a sua participação no periódico, não foi possível localizar a sua produção nos poucos exemplares do jornal disponíveis no acervo da Fundação Biblioteca Nacional. Mesmo assim, é de se ressaltar que ela se envolveu, quando contava apenas 20 anos, com um importante órgão de fomento à intelectualidade de mulheres, de ideias corajosas e formado por outras importantes vozes femininas da época.

4.2 *A Família* (1888-1894)

Com direção de Josephina Álvares de Azevedo, o periódico *A Família* surgiu em São Paulo, em dezembro de 1888, tendo sua redação posteriormente transferida para o Rio de Janeiro, em maio de 1889. A publicação de tal "Jornal literário dedicado à educação da mãe de família" (subtítulo que acompanhou apenas os primeiros exemplares) seguia uma periodicidade semanal, apresentando oito páginas divididas em três colunas.

A referida folha era vendida por assinatura anual, com preços diferentes para a capital (inicialmente, dez mil réis e, depois, doze mil réis) e o interior do estado (inicialmente, doze mil réis e, posteriormente, quatorze mil réis), com exigência de pagamento adiantado, como apresentado no frontispício. A editora-chefe procurou estender o alcance de colaboração de tal jornal a todo o país, chegando a viajar para as regiões Norte e Nordeste com a finalidade de recrutarem outras escritoras a contribuírem com a publicação. No entanto, o jornal também contava com a participação de alguns homens de letras.

Figura 125 – Frontispício da primeira edição do jornal *A Família* (1 de dezembro de 1888).



S. Paulo Numero programma Brazil

A FAMILIA

ASSIGNATURAS
CAPITAL
Anno..... 10$000
Pagamento adiantado

JORNAL LITTERARIO
Dedicado á educação da mãe de familia
PUBLICA-SE UMA VEZ POR SEMANA
PROPRIEDADE DE
Josephina Alvares de Azevedo
PROFESSORA

ASSIGNATURAS
INTERIOR
Anno..... 12$000
Pagamento adiantado

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Como a maioria dos periódicos da época, havia na folha uma epígrafe que acompanhou todas as edições, uma frase atribuída ao escritor francês Victor Hugo que denunciava um trabalho ancorado na exaltação da figura feminina: "Veneremos a mulher! Glorifiquemo-la" Santifiquemo-la!". Todavia, para além do simples enaltecimento ou de uma visão conformista em relação aos padrões sociais da época, como o título sugeria, o periódico frisava a defesa de mudanças em prol de mais direitos para as mulheres, fator anunciado já no editorial de abertura ao primeiro número do impresso:

> A consciência universal dorme sobre uma grande iniquidade secular – a escravidão da mulher. Até hoje têm os homens mantido o falso e funesto princípio de nossa inferioridade. Mas nós não somos a eles inferiores porque somos suas semelhantes, embora de sexo diverso. Temos, segundo a nossa natureza, funções especiais, como eles, pela mesma razão, as tem. Mas isso não é razão de inferioridade, porque essa traz o animal na escala natural de suas aptidões. Portanto, em tudo devemos competir com os homens – no governo da família, como na direção do estado (AZEVEDO, 1888, p. 1-2).

Seguindo o pensamento de que a diferença de gênero não justificaria a inferiorização feminina, Josephina Álvares de Azevedo defendia a educação da mulher como ferramenta essencial para a sua emancipação, opinião reproduzida em diversos escritos daquele jornal. Ademais, ela e outras colaboradoras também empregavam um tom combativo em traduções, artigos e ensaios, questionando a tutela masculina ancorada na dependência financeira, protestando contra a ausência das mulheres no Ensino Superior e na prática política.

> O jornal de Josephina se destaca de seus contemporâneos justamente pela veemência com que defende as ideias e pela argumentação sempre lúcida e coerente. Se os primeiros textos sugeriam uma educação que contribuísse para tornar as mulheres mais conscientes da maternidade e de seus deveres junto ao lar, em pouco tempo seu discurso radicaliza e passa a advogar a causa mais ampla da emancipação (DUARTE, 2016, p. 314).

O periódico ainda abrangia seções voltadas ao entretenimento das leitoras, contendo receitas domésticas, notícias e produções literárias em prosa e verso. Seguindo essa perspectiva, a frequente contribuição de Zalina Rolim para *A Família* abrangeu não apenas poemas, vertente pela qual ficou conhecida, mas também narrativas curtas. A parceria começou com a publicação do soneto "Sombras", na página cinco da edição lançada em 15 de dezembro de 1888, com a indicação de que teria sido escrita em São Roque.

Sombras

Se um dia eu te dissesse que a esperança
Brilha em minh'alma, com fulgor imenso,
Se tudo eu te dissesse, quanto penso,
Talvez que me chamasses de criança.

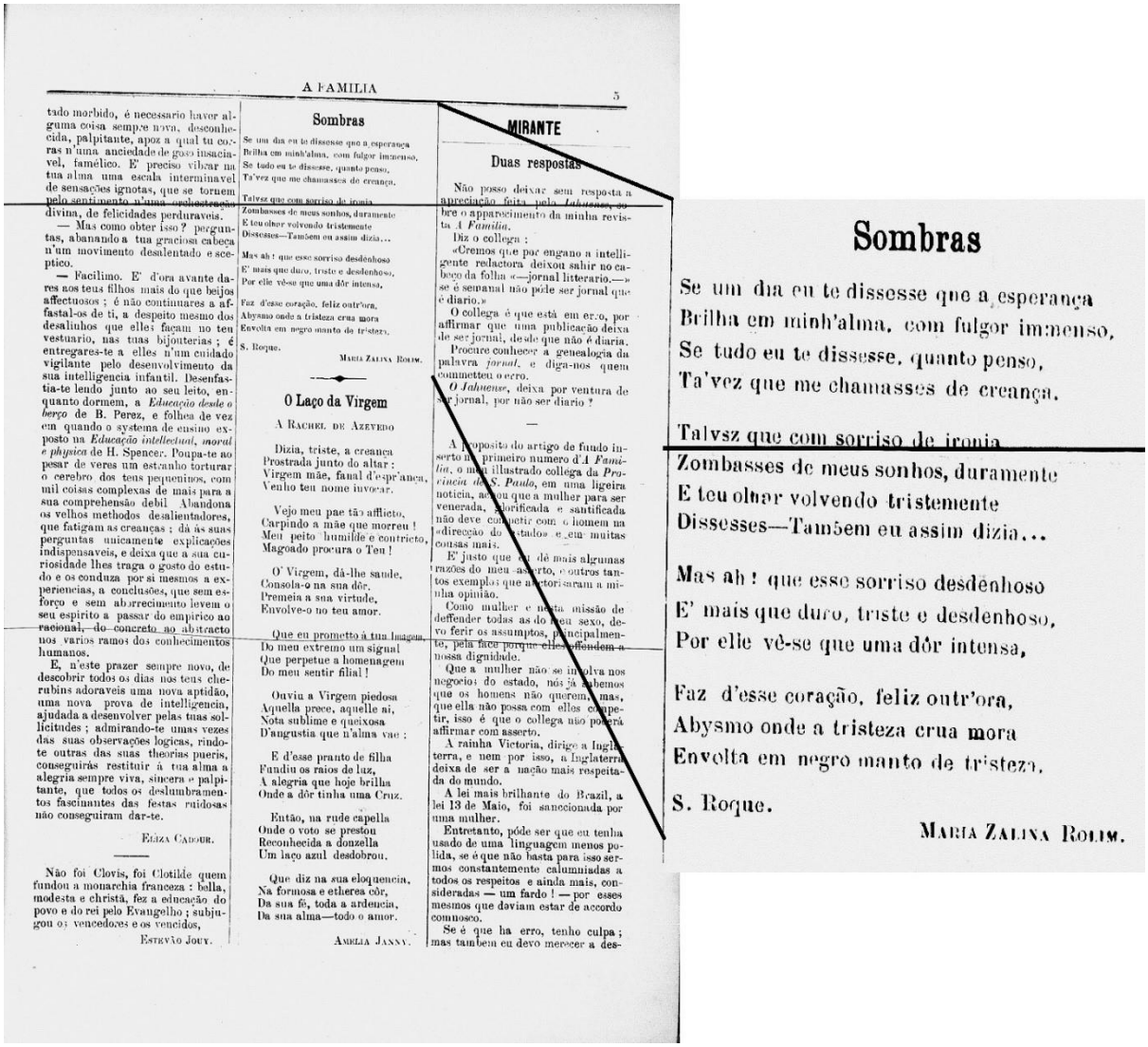
Talvez que com sorriso de ironia
Zombasses de meus sonhos, duramente
E teu olhar volvendo tristemente
Dissesses – Também eu assim dizia...

Mas ah! que esse sorriso desdenhoso
É mais que duro, triste e desdenhoso
Por ele vê-se que uma dor intensa,

Faz desse coração, feliz outrora,
Abismo onde a tristeza crua mora
Envolta em negro manto de tristeza.
(*A Família*, 15 dez. 1888)

O poema trazia um eu lírico sem indicação de gênero e contestador, confrontando um interlocutor que desdenhara ou zombara de sua esperança e de seus sonhos. As duas primeiras estrofes descreviam ações do ser confrontado. Nas duas estrofes seguintes, a voz da composição revelava que a figura, a partir de tais atitudes, dissimulava a dor imperante em seu coração que, antes, já foi feliz. Ela denunciava que o interlocutor desprezava ou caçoava do outro por ser dominado pela tristeza, por estar envolto nas "sombras" do título. O soneto evocava uma provável relação de inveja ou amargura em relação ao passado e à imaturidade a ele associada.

Figura 126 – Publicação do poema "Sombras" no jornal *A Família*, em 1888.



A FAMILIA 5

tado morbido, é necessario haver alguma coisa sempre nova, desconhecida, palpitante, apoz a qual tu corras n'uma anciedade de goso insaciavel, famelico. E' preciso vibrar na tua alma uma escala interminavel de sensações ignotas, que se tornem pelo sentimento n'uma «phantasia» divina, de felicidades perduraveis.

— Mas como obter isso? perguntas, abanando a tua graciosa cabeça n'um movimento desalentado e scéptico.

— Facilimo. E' d'ora avante dares nos teus filhos mais do que beijos affectuosos; é não continuares a affastal-os de ti, a despeito mesmo dos desalinhos que elles façam no teu vestuario, nas tuas bijouterias; é entregares-te a elles n'um cuidado vigilante pelo desenvolvimento da sua intelligencia infantil. Desenfastia-te lendo junto ao seu leito, enquanto dormem, a *Educação desde o berço* de B. Perez, e folhea de vez em quando o systema de ensino exposto na *Educação intellectual, moral e physica* de H. Spencer. Poupa-te ao pesar de veres um estanho torturar o cerebro dos teus pequeninos, com mil coisas complexas de mais para a sua comprehensão debil. Abandona os velhos methodos desalientadores, que fatigam as creanças; dá ás suas perguntas unicamente explicações indispensaveis, e deixa que a sua curiosidade lhes traga o gosto do estudo e os conduza por si mesmos a experiencias, a conclusões, que sem esforço e sem aborrecimento levem o seu espirito a passar do empirico ao racional, do concreto ao abstracto nos varios ramos dos conhecimentos humanos.

E, n'este prazer sempre novo, de descobrir todos os dias nos teus cherubins adoraveis uma nova aptidão, uma nova prova de intelligencia, ajudada a desenvolver pelas tuas solicitudes; admirando-te umas vezes das suas observações logicas, rindo-te outras das suas theorias pueris, conseguirás restituir á tua alma a alegria sempre viva, sincera e palpitante, que todos os deslumbramentos fascinantes das festas ruidosas não conseguiram dar-te.

ELIZA CADOUR.

Não foi Clovis, foi Clotilde quem fundou a monarchia franceza: bella, modesta e christã, fez a educação do povo e do rei pelo Evangelho; subjugou os vencedores e os vencidos,

ESTEVÃO JOUY.

Sombras

Se um dia eu te dissesse que a esperança
Brilha em minh'alma, com fulgor immenso,
Se tudo eu te dissesse, quanto penso,
Ta'vez que me chamasses de creança.

Talvez que com sorriso de ironia
Zombasses de meus sonhos, duramente
E teu olhar volvendo tristemente
Dissesses—Tambem eu assim dizia...

Mas ah! que esse sorriso desdenhoso
E' mais que duro, triste e desdenhoso,
Por elle vê-se que uma dôr intensa,

Faz d'esse coração, feliz outr'ora,
Abysmo onde a tristeza crua mora
Envolta em negro manto de tristeza.

S. Roque.

MARIA ZALINA ROLIM.

O Laço da Virgem

A RACHEL DE AZEVEDO

Dizia, triste, a creança
Prostrada junto do altar;
Virgem mãe, fanal d'esperança,
Venho teu nome invocar.

Vejo meu pae tão afflicto,
Carpindo a mãe que morreu!
Meu peito humilde e contricto,
Magoado procura o Teu!

O' Virgem, dá-lhe saude,
Consola-o na sua dôr,
Premeia a sua virtude,
Envolve-o no teu amor.

Que eu prometto á tua imagem,
Do meu extremo um signal
Que perpetue a homenagem
Do meu sentir filial!

Ouviu a Virgem piedosa
Aquella prece, aquelle ai,
Nota sublime e queixosa
D'angustia que n'alma vae;

E d'esse pranto de filha
Fundiu os raios de luz,
A alegria que hoje brilha
Onde a dôr tinha uma Cruz.

Então, na rude capella
Onde o voto se prestou
Reconhecida a donzella
Um laço azul desdobrou.

Que diz na sua eloquencia,
Na formosa e etherea côr,
Da sua fé, toda a ardencia,
Da sua alma—todo o amor.

AMELIA JANNY.

MIRANTE

Duas respostas

Não posso deixar sem resposta a apreciação feita pelo *Jahuense*, sobre o apparecimento da minha revista *A Familia*.

Diz o collega:

«Cremos que por engano a intelligente redactora deixou sahir no cabeço da folha «—jornal litterario.—» se é semanal não póde ser jornal que é diario.»

O collega é que está em erro, por affirmar que uma publicação deixa de ser jornal, desde que não é diaria.

Procure conhecer a genealogia da palavra *jornal*, e diga-nos quem commetteu o erro.

O *Jahuense*, deixa por ventura de ser jornal, por não ser diario?

—

A proposito do artigo de fundo inserto no primeiro numero d'*A Familia*, o meu illustrado collega da *Provincia de S. Paulo*, em uma ligeira noticia, acceu que a mulher para ser venerada, glorificada e santificada não deve competir com o homem na «direcção do estado» e em muitas cousas mais.

E' justo que eu dê mais algumas razões do meu asserto, e outros tantos exemplos que auctorisaram a minha opinião.

Como mulher e nesta missão de defender todas as do meu sexo, devo ferir os assumptos, principalmente, pela face porque elles offendem a nossa dignidade.

Que a mulher não se involva nos negocios do estado, nós já sabemos que os homens não querem, mas, que ella não possa com elles competir, isso é que o collega não poderá affirmar com asserto.

A rainha Victoria, dirige a Inglaterra, e nem por isso, a Inglaterra deixa de ser a nação mais respeitada do mundo.

A lei mais brilhante do Brazil, a lei 13 de Maio, foi sanccionada por uma mulher.

Entretanto, póde ser que eu tenha usado de uma linguagem menos polida, se é que não basta para isso sermos constantemente calumniadas a todos os respeitos e ainda mais, consideradas — um fardo! — por esses mesmos que deviam estar de accordo comnosco.

Se é que ha erro, tenho culpa; mas tambem eu devo merecer a des-

Sombras

Se um dia eu te dissesse que a esperança
Brilha em minh'alma, com fulgor immenso,
Se tudo eu te dissesse, quanto penso,
Ta'vez que me chamasses de creança.

Talvez que com sorriso de ironia
Zombasses de meus sonhos, duramente
E teu olhar volvendo tristemente
Dissesses—Tambem eu assim dizia...

Mas ah! que esse sorriso desdenhoso
E' mais que duro, triste e desdenhoso,
Por elle vê-se que uma dôr intensa,

Faz d'esse coração, feliz outr'ora,
Abysmo onde a tristeza crua mora
Envolta em negro manto de tristeza.

S. Roque.

MARIA ZALINA ROLIM.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Todavia, articulando os versos mencionados ao contexto social da época em que foram produzidos e à especificidade do suporte em que foram publicados, podemos perceber a possível construção de um cenário comum às mulheres que ansiavam a carreira nas letras ou em outros caminhos além dos que eram para elas esperados. É de se destacar o uso da palavra "criança" na primeira estrofe, indicada como uma forma de se referir pejorativamente à figura do eu-lírico. Como observado no capítulo anterior, no século XIX, o tratamento de infantilização era comum na apreciação de escritoras (PAIXÃO, 1991). Tal associação à criança reduzia a mulher a um ser dócil, frágil, incapaz e inexperiente, que precisava de proteção e tutela, cerceando a sua capacidade de criação artística em detrimento do gênero a qual pertencia. A via de interpretação denunciava a forma menosprezada com que provavelmente Rolim e outras aspirantes da escrita foram encaradas sobretudo por homens, mas também por algumas mulheres que reproduziam a dominação do patriarcado sobre a vida e a produção das autoras.

O jornal *A Família* também veiculou escritos em prosa de Zalina Rolim. O conto "Rosita", transcrito integralmente nos Anexos desta tese, saiu publicado nas páginas três e quatro do exemplar de 22 de dezembro de 1888. A temática da virtude era novamente trabalhada, dessa vez por meio de uma personagem infantil preocupada com o respeito aos anciãos. Na narrativa, nitidamente destinada às leitoras mães, que poderiam reproduzi-la para os seus filhos, a protagonista Rosa, uma menina de oito anos de idade, era descrita com alegria contagiante e notável beleza:

> Era fresca como a rosa entreaberta e travessa como a brisa da manhã.
> Gostava de correr pelas campinas molhando os sapatinhos na relva úmida do orvalho matutino.
> Sentia-se prazer em roubar os ninhos das pobres avezitas que apenas viam-na surgir entre o arvoredo fugiam assustadas.
> Mas era tão linda quando saltava entre as companheiras, com os cabelos de ouro a acariciar-lhe o rostinho vivamente rosado, e os olhos travessos e cintilantes de alegria!... (*A Família*, 22 dez. 1888).

A infanta parecia empreender brincadeiras típicas de um ambiente rural, em contato direto com a natureza. Mesmo com os cuidados e advertências da mãe, ela vivia a praticar travessuras comuns à sua faixa etária. Assim, o narrador relacionava a ação das crianças à de passarinhos, que "cantam delirantes, saltando de ramo em ramo, mas, se ouvem o ruído de alguém que se aproxima calam-se repentinamente assustados, estendendo as cabecinhas entre a folhagem, ou fogem velozmente para longe" (*A Família*, 22 dez. 1888). A personagem principal do conto, no entanto, contrariava as amigas ao recusar participar de qualquer brincadeira realizada contra os mais velhos, a quem demonstrava enorme respeito: "Os cabelos brancos eram para Rosita um templo" (*A Família*, 22 dez. 1888). A garotinha, desaprovando as travessuras, mantinha um semblante sisudo que indagava as companheiras:

> Então as amiguinhas retiravam-se dizendo entre si: – Que terá Rosita, para temer os velhos? Ah! se nós pudéssemos curá-la desta mania!...
> Mas era debalde, Rosa não as escutava, e nem consentia que as suas amigas desatassem a rir na presença de um velho.
> – Mas que tem? perguntavam as pequenitas.
> – Não sei, mas, não quero que atormentem os coitados. E depois, que prazer encontrais em zombar dos pobrezinhos? nenhum. Pois desde que é assim para que contrariar-me? (*A Família*, 22 dez. 1888)

Mesmo com a súplica de Rosita, propondo mais respeito, suas amigas continuavam a importunar os mais velhos. Assim, tomava destaque uma passagem em que a garotinha reagia

à proposta das outras meninas de zangar a sua professora com a finalidade de não mais voltar à escola:

> – Não – interrompeu Rosa – assim não quero; mamãe ficaria triste, e depois é tão triste não saber ler... Ainda ontem foi em casa a boa Josephina pedir a mamãe para ler uma carta do filho que estava doente na roça e que escrevia-lhe então dando notícias. A pobrezinha chorava que fazia pena... Desde pela manhã que tinha a carta nas mãos sem encontrar quem lhe quisesse ler... Vejam como é triste não saber... (*A Família*, 22 dez. 1888).

Com o trecho, Zalina Rolim também repercutia na narrativa o tema da educação, mais precisamente a partir da preocupação com a alfabetização das crianças. Ao colocar o nome da redatora-chefe do periódico ao qual colaborava na personagem de uma mulher que não sabia ler e que sofria as consequências por isso, não conseguindo ler a carta do ente querido, a autora evidenciava o poder que a formação intelectual trazia às mulheres: caso Josephina soubesse ler, poderia, quem sabe, além de responder à carta do filho, experimentar a escrita literária e até dirigir um jornal. O acesso à escola traria novas possibilidades sociais às meninas de então, disseminando conhecimentos que as gerações anteriores não tiveram a oportunidade de desfrutar (como podemos inferir que ocorreu com a mãe da protagonista, por saber ler). Em outro momento, as meninas tentavam pregar um susto em um pobre velho debilitado, que era salvo pela atitude benevolente da protagonista:

> A vítima aproximava-se lentamente. Era um pobre velho alquebrado e que a custo caminhava. Os cabelos encanecidos caiam-lhe sobre os ombros esguios e pontiagudos. A fronte rugosa pendia para o chão como a árvore anosa sacudida pela tempestade.
> Quando avistou o bando infantil e compreendeu-lhe os desígnios ergueu os olhos para o céu e parou.
> Mariquinhas chegou antes das outras, mas antes que pudesse escarnecer do pobre velho, foi afastada pela mão de Rosa, que depois de fazer o mesmo às outras traquinas, acercou-se do ancião, levantou-lhe o chapéu que cairá das mãos tremulas e depois de fitá-lo um instante com os olhos úmidos disse simplesmente: – Adeus.
> E seguiu diante das amigas (*A Família*, 22 dez. 1888).

O idoso, diante da conduta de Rosita, muito grato comparou-lhe a um anjo, evidenciando a sua pureza de espírito: “Meu Deus! Não foi unta criança, foi um anjo do céu que eu vi” (*A Família*, 22 dez. 1888).

Figura 127 – Publicação do conto “Rosita” no jornal *A Família,* em 1888.



A FAMILIA 3

abençoada a que comprehende a brevidade do tempo e a grandeza do céo, entregando-se de coração ao culto da familia !

Como a flôr que abrilhanta o prado, e embalsama o ambiente com seu olente perfume em manhã serena do festejado mez da primavera, ella se torna digna da mais sincera admiração e geral estima.

Quem pode duvidar que a mulher concorre para o bem e prosperidade social ? Quem deixará de extasiar-se considerando os predicados que ornão o coração da mãe de familia ? Haverá porventura quem não a ame, não a respeite muito ao vêl-a cheia de abnegação e devotamento no desempenho dos arduos deveres que a natureza lhe traçou ? Ninguem por certo, por necio que seja !

Não são os louros e trophéus das glorias conquistadas no campo da batalha que assombram o espirito da mulher, se bem mais de uma vez tenha nessas lutas ella dado nobres exemplos de heroismo, como se encontra nas paginas da historia da humanidade.

As lutas partidarias tambem não sabem incital-a, senão quando ella alli apparece como o anjo da paz e da harmonia ; outro é o seu destino, outros feitos lhe assoberbam o coração, fazendo-a completamente ditosa. Todas suas nobres ambições resumem-se no santo amor da familia, na sua educação e prosperidades, procurando por todos os meios de que a natureza a dotou. desenvolver essa these com tanta sublimidade traçada por Aimé Martin.

Os exemplos que dimanam do coração materno tão grande influencia exercem na indole dos filhos, que as mais das vezes decide do futuro d'elles e por tanto da sociedade em que vivem ; é no collo maternal que bebemos as primeiras lições de moral e religião, e essas quasi sempre permanecem indeleveis, como se fossem buriladas no bronze.

A mulher virtuosa que se compenetra da missão sublime que tem sobre a terra, é o orvalho que alimenta e vivifica o coração do homem, seu companheiro de lutas, dourando-lhe a existencia com uma luz brilhante e pura, em todas as phases de sua vida como : filha, esposa e mãe.

No oceano da vida, quando o vento triste do infortunio nos açoita a fronte com indisivel melancolia ; quando vemos o nosso futuro, tantas vezes imaginado brilhante, toldar-se de côres negras fazendo perder até a esperança, é o anjo tutelar do lar domestico que allivia taes soffrimentos com os conselhos da prudencia, os exemplos de mansidão, amor e palavras de consolação, que ás mais das vezes retemperam as forças abatidas pelas dôres !

Quer ella em tão edificante scena do lar seja filha, esposa ou mãe, é sempre a mulher !

Oh ! e ainda assim ha insensatos, que se entregam ao prazer satanico, de fallarem da mulher procurando discriminal-a e tisnar-lhe os merecimentos, esquecidos do seio que os amamentou e dos braços que os acalentaram em tantas noites de vigilias ? Mas, o coração da mulher é generoso : não se queixa d'esses entes sem fé ; como o fumo que se perde no espaço, morrem sem eco essas sombrias idéas e em nós alma ergue-se viva a esperança de encontrarmos a justiça para um ente votado á uma vida de sacrificios.

Unamo-nos todas nesta santa cruzada e teremos conquistado a victoria pura a mulher, para aquella a quem o Filho de Deus escolheu para sua mãe e da humanidade.

EMILIANA DE MORAES.

Pagina triste

Sou bem pouco feliz. Na minha vida
Inda não tive um dia de prazer ;
Talvez não acrediteis que bem cedo
Sinto immensa vontade de morrer !

A vida é tão sómente desejada
Por entes que não têm no coração ;
Um tormento continuo a laceral-o,
Uma dôr, um pesar, uma afflicção.

Porém eu q não tenho uma estrellinha
Que doire o negro céo do meu futuro ;
E não tenho siquer uma esperança
Que torne meu viver menos escuro !

Que tudo quanto vejo me aborrece
E só me apraz da noite a solidão ;
Que fujo dos prazeres e das festas
E descreato já tenho o coração.

Eu que sou ainda moça e já me sinto
Abalada e cançada de viver,
Pois minha vida ha sido indifferente
A todos, e tambem o meu soffrer.

Só devo desejar a sepultura
E deixar este mundo de maldade,
Embora no sepulchro onde m'encerrem
Ninguem vá collocar uma saudade.

EMILIA AUGUSTA.

Rosita

Rosita tinha oito annos.

Era fresca como a rosa entre-aberta e travessa como a brisa da manhã.

Gostava de correr pelas campinas molhando os sapatinhos na relva humida do orvalho matutino.

Sentia-se prazer em roubar os ninhos das pobres avesitas que apenas viam-n'a surgir entre o arvoredo fugiam assustadas.

Mas era tão linda quando saltava entre as companheiras, com os cabellos de ouro a acariciar-lhe o rostinho vivamente rosado, e os olhos travessos e scintillantes de alegria !...

A sua mãesinha dizia-lhe muitas vezes : Olha, minha Rosa, não quero que te affastes tanto do meu lado, és tão pequenina !... Sempre que te não vejo a meu lado estou sem socego e nervosa.

Mas, era tempo perdido. Qual é a creança que gosta de saltar e fazer travessuras na frente da mãe ?

As creanças são como os passarinhos, que cantam ; cantam delirantes, saltando de ramo em ramo, mas, se ouvem o ruido de alguem que se aproxima calam-se repentinamente assustados, estendendo as cabecinhas entre a folhagem, ou fogem velozmente para longe.

Sómente havia uma cousa que Rosita não perdoava as suas amiguinhas :—Zombar dos velhos O riso que brincava constantemente em seus labios côr de rosa, mudava-se em expressão de suavidade e doçura se via um velho.

Os cabellos brancos eram para Rosita um templo.

Muitas vezes as companheiras admiradas viam-n'a no meio da mais ruidosa alegria, tornar-se subitamente silenciosa e mestrando-lhes com o olhar commovido e vagamente triste o vulto grave e tremulo de um velho que passava vagarosamente.

E d'ahi até a noite a menina não mais folgava descuidosa como antes ; o seu riso argentino não tinha a mesma vivacidade d'alegria.

Brincava, mas o seu rostinho angelico conservava-se velado.

Então as amiguinhas retiravam-se dizendo entre si :—Que terá Rosita, para temer os velhos ? Ah ! se nós pudessemos cural-a desta mania !...

Mas era debalde, Rosa não as escutava, e nem consentia que as suas amigas desatassem a rir na presença de um velho.

—Mas que tem ? perguntavam as pequenitas.

Rosita

Rosita tinha oito annos.

Era fresca como a rosa entre-aberta e travessa como a brisa da manhã.

Gostava de correr pelas campinas molhando os sapatinhos na relva humida do orvalho matutino.

Sentia-se prazer em roubar os ninhos das pobres avesitas que apenas viam-n'a surgir entre o arvoredo fugiam assustadas.

Mas era tão linda quando saltava entre as companheiras, com os cabellos de ouro a acariciar-lhe o rostinho vivamente rosado, e os olhos travessos e scintillantes de alegria !...

A sua mãesinha dizia-lhe muitas vezes : Olha, minha Rosa, não quero que te affastes tanto do meu lado, és tão pequenina !... Sempre que te não vejo a meu lado estou sem socego e nervosa.

Mas, era tempo perdido. Qual é a creança que gosta de saltar e fazer travessuras na frente da mãe ?

As creanças são como os passarinhos, que cantam ; cantam delirantes, saltando de ramo em ramo, mas, se ouvem o ruido de alguem que se aproxima calam-se repentinamente assustados, estendendo as cabecinhas entre a folhagem, ou fogem velozmente para longe.

Sómente havia uma cousa que Rosita não perdoava as suas amiguinhas :—Zombar dos velhos O riso que brincava constantemente em seus labios côr de rosa, mudava-se em expressão de suavidade e doçura se via um velho.

Os cabellos brancos eram para Rosita um templo.

Muitas vezes as companheiras admiradas viam-n'a no meio da mais ruidosa alegria, tornar-se subitamente silenciosa e mestrando-lhes com o olhar commovido e vagamente triste o vulto grave e tremulo de um velho que passava vagarosamente.

E d'ahi até a noite a menina não mais folgava descuidosa como antes ; o seu riso argentino não tinha a mesma vivacidade d'alegria.

Brincava, mas o seu rostinho angelico conservava-se velado.

Então as amiguinhas retiravam-se dizendo entre si :—Que terá Rosita, para temer os velhos ? Ah ! se nós pudessemos cural-a desta mania !...

Mas era debalde, Rosa não as escutava, e nem consentia que as suas amigas desatassem a rir na presença de um velho.

—Mas que tem ? perguntavam as pequenitas.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Ao final do conto, o narrador em terceira pessoa justificava o comportamento piedoso da menina com um motivo pessoal: a relação que ela fazia entre as pessoas velhas e a lembrança de seu avô.

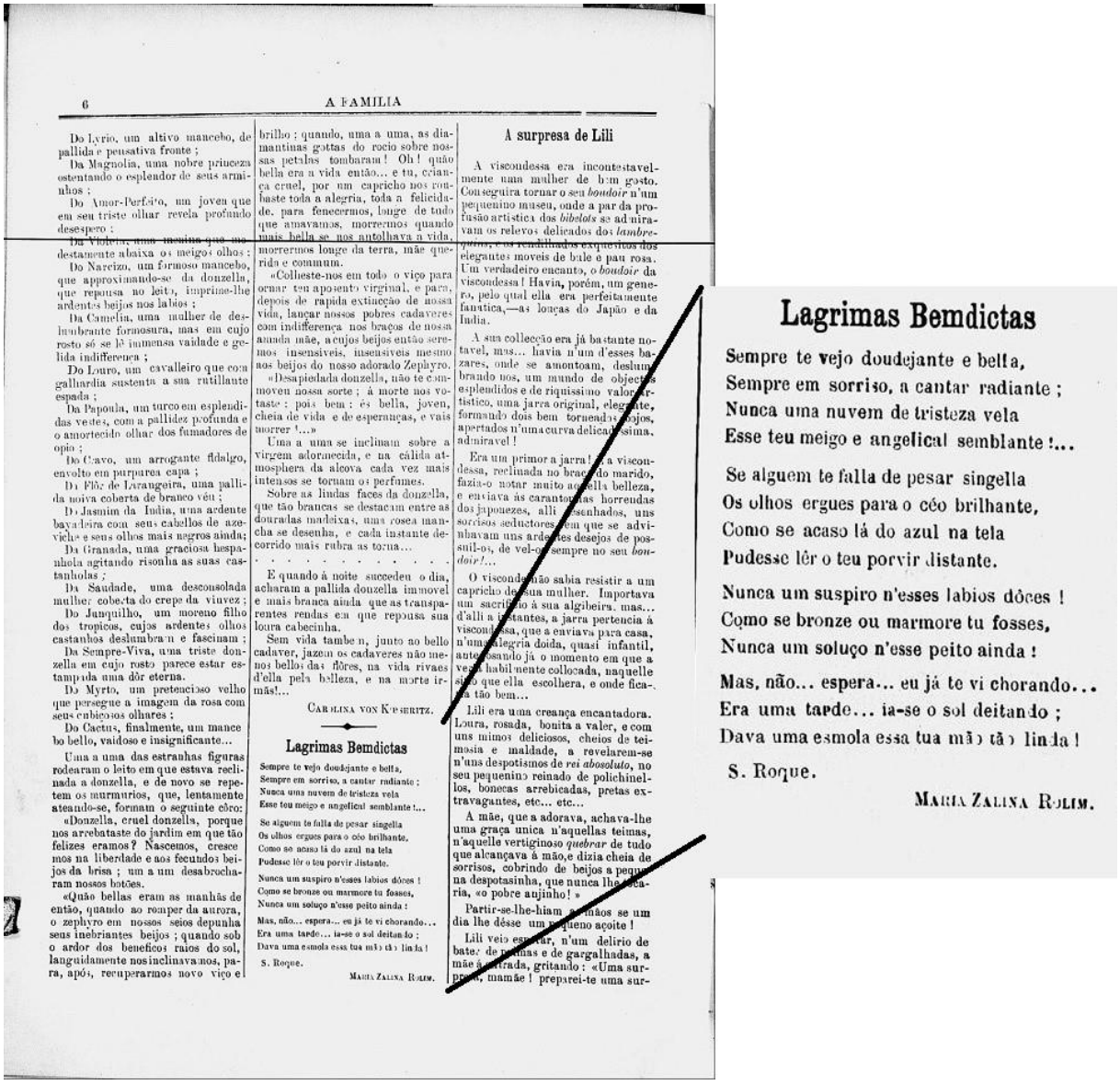
> – Mas que tem os velhos, para ti Rosita?! Agora vemos que não é medo, pois que, te aproximaste dele.
> – Nada – respondeu a menina – não gosto de vê-los sofrer.
> – Mas, diz-nos, por quê?
> – Pois bem, quereis saber porque? – Lembra-me de vovô... e afastou-se rapidamente, nas não antes que as amigas pudessem ver com os grandes olhos admiradas, o seu lindo rostinho orvalhado de lágrimas (*A Família*, 22 dez. 1888).

Tal fator ligava a atitude respeitosa da criança com o sentimento de empatia, na medida em que ela possivelmente associava o que o seu parente sentiria ao o que outras figuras longevas sentiriam ao sofrerem alguma travessura. A próxima contribuição de Rolim para *A Família* se deu na edição de 29 de dezembro de 1888, novamente na página cinco, com o soneto "Lágrimas benditas", que descrevia uma figura feminina de semblante agradável e de existência sempre feliz.

> *Lágrimas benditas*
>
> Sempre te vejo doudejante e bela,
> Sempre em sorriso, a cantar radiante;
> Nunca uma nuvem de tristeza vela
> Esse teu meigo e angelical semblante!...
>
> Se alguém te falade pesar singela
> Os olhos ergues para o céu brilhante,
> Como se acaso lá do azul na tela
> Pudesse ler o teu porvir distante.
>
> Nunca um suspiro nesses lábios doces!
> Como se bronze ou mármore tu fosse,
> Nunca um soluço nesse peito ainda!
>
> Mas, não... espera... eu já te vi chorando...
> Era uma tarde... ia-se o sol deitando;
> Dava uma esmola essa tua mão tão linda!
> (*A Família*, 29 dez. 1888)

A mulher era apresentada pelo eu lírico com grande beleza, semelhante a uma estátua de bronze ou mármore. Além disso, ela carregava notável positividade aparentemente ligada à fé cristã, visto que se colocava a mirar o céu quando alguém lhe contava de algum pesar.

Figura 128 – Publicação do poema "Lágrimas benditas" no jornal *A Família*, em 1888.



6 A FAMILIA

Do Lyrio, um altivo mancebo, de pallida e pensativa fronte ;
Da Magnolia, uma nobre princeza ostentando o esplendor de seus arminhos ;
Do Amor-Perfeito, um joven que em seu triste olhar revela profundo desespero :
Da Violeta, uma menina que mui destamente abaixa os meigos olhos ;
Do Narcizo, um formoso mancebo, que approximando-se da donzella, que repousa no leito, imprime-lhe ardentes beijos nos labios ;
Da Camelia, uma mulher de deslumbrante formosura, mas em cujo rosto só se lê immensa vaidade e gelida indifferença ;
Do Louro, um cavalleiro que com gallhardia sustenta a sua rutillante espada ;
Da Papoula, um turco em esplendidas vestes, com a pallidez profunda e o amortecido olhar dos fumadores de opio ;
Do Cravo, um arrogante fidalgo, envolto em purpurea capa ;
Da Flôr de Larangeira, uma pallida noiva coberta de branco véu ;
Do Jasmim da India, uma ardente bayadeira com seus cabellos de azeviche e seus olhos mais negros ainda;
Da Granada, uma graciosa hespanhola agitando risonha as suas castanholas ;
Da Saudade, uma desconsolada mulher coberta do crepe da viuvez ;
Do Junquilho, um moreno filho dos tropicos, cujos ardentes olhos castanhos deslumbram e fascinam ;
Da Sempre-Viva, uma triste donzella em cujo rosto parece estar estampada uma dôr eterna.
Do Myrto, um pretencioso velho que persegue a imagem da rosa com seus cubiçosos olhares ;
Do Cactus, finalmente, um mancebo bello, vaidoso e insignificante...

Uma a uma das estranhas figuras rodearam o leito em que estava reclinada a donzella, e de novo se repetem os murmurios, que, lentamente ateando-se, formam o seguinte côro:

«Donzella, cruel donzella, porque nos arrebataste do jardim em que tão felizes eramos? Nascemos, crescemos na liberdade e nos fecundos beijos da brisa ; um a um desabrochamos nossos botões.

«Quão bellas eram as manhãs de então, quando ao romper da aurora, o zephyro em nossos seios depunha seus inebriantes beijos ; quando sob o ardor dos beneficos raios do sol, languidamente nos inclinavamos, para, após, recuperarmos novo viço e brilho ; quando, uma a uma, as diamantinas gottas do rocio sobre nossas petalas tombaram! Oh! quão bella era a vida então... e tu, criança cruel, por um capricho nos roubaste toda a alegria, toda a felicidade. para fenecermos, longe de tudo que amavamos, morremos quando mais bella se nos antolhava a vida, morremos longe da terra, mãe querida e commum.

«Colheste-nos em todo o viço para ornar teu apoiento virginal, e para, depois de rapida extincção de nossa vida, lançar nossos pobres cadaveres com indifferença nos braços de nossa amada mãe, a cujos beijos então serenos insensiveis, insensiveis mesmo aos beijos do nosso adorado Zephyro.

«Desapiedada donzella, não te commoven nossa sorte ; á morte nos votaste : pois bem : és bella, joven, cheia de vida e de esperanças, e vais morrer !...»

Uma a uma se inclinam sobre a virgem adormecida, e na cálida atmosphera da alcova cada vez mais intensos se tornam os perfumes.

Sobre as lindas faces da donzella, que tão brancas se destacam entre as douradas madeixas, uma rosea mancha se desenha, e cada instante decorrido mais rubra as torna...

. . . . . .

E quando á noite succedeu o dia, acharam a pallida donzella immovel e mais branca ainda que as transparentes rendas em que repousa sua loura cabecinha.

Sem vida tambem, junto ao bello cadaver, jazem os cadaveres não menos bellos das flôres, na vida rivaes d'ella pela belleza, e na morte irmãs!...

CAROLINA VON KUSERITZ.

Lagrimas Bemdictas

Sempre te vejo doudejante e bella,
Sempre em sorriso, a cantar radiante ;
Nunca uma nuvem de tristeza vela
Esse teu meigo e angelical semblante !...

Se alguem te falla de pesar singella
Os olhos ergues para o céo brilhante,
Como se acaso lá do azul na tela
Pudesse lêr o teu porvir distante.

Nunca um suspiro n'esses labios dôces !
Como se bronze ou marmore tu fosses,
Nunca um soluço n'esse peito ainda !

Mas, não... espera... eu já te vi chorando...
Era uma tarde... ia-se o sol deitando ;
Dava uma esmola essa tua mão tão linda !

S. Roque.

MARIA ZALINA ROLIM.

A surpresa de Lili

A viscondessa era incontestavelmente uma mulher de bom gosto. Conseguira tornar o seu *boudoir* n'um pequenino museu, onde a par da profusão artistica dos *bibelots* se admiravam os relevos delicados dos *lambrequins*, e as rendilhadas exquisitas dos elegantes moveis de baile e pau rosa. Um verdadeiro encanto, o *boudoir* da viscondessa! Havia, porém, um genero, pelo qual ella era perfeitamente fanatica,—as louças do Japão e da India.

A sua collecção era já bastante notavel, mas... havia n'um d'esses bazares, onde se amontoam, deslumbrando nos, um mundo de objectos esplendidos e de riquissimo valor artistico, uma jarra original, elegante, formando dois bem torneados bojos, apertados n'uma curva delicadissima, admiravel!

Era um primor a jarra! E a viscondessa, reclinada no braço do marido, fazia-o notar muito aquella belleza, e ensaiava ás caranguejas horrendas dos japonezes, alli desenhados, uns sorrisos seductores, bem que se advinhavam uns ardentes desejos de possuil-os, de vel-os sempre no seu *boudoir!...*

O visconde não sabia resistir a um capricho de sua mulher. Importava um sacrificio á sua algibeira, mas... d'alli a instantes, a jarra pertencia á viscondessa, que a enviava para casa, n'uma alegria doida, quasi infantil, antevendo já o momento em que a veria habilmente collocada, naquelle sitio que ella escolhera, e onde ficaria tão bem...

Lili era uma creança encantadora. Loura, rosada, bonita a valer, e com uns mimos deliciosos, cheios de teimosia e maldade, a revelarem-se n'uns despotismos de *rei absoluto*, no seu pequenino reinado de polichinellos, bonecas arrebicadas, pretas extravagantes, etc... etc...

A mãe, que a adorava, achava-lhe uma graça unica n'aquellas teimas, n'aquelle vertiginoso *quebrar* de tudo que alcançava á mão, e dizia cheia de sorrisos, cobrindo de beijos a pequena despotasinha, que nunca lhe faltaria, «o pobre anjinho!»

Partir-se-lhe-hiam as mãos se um dia lhe désse um pequeno açoite!

Lili veio estoirar, n'um delirio de bate-pés e de gargalhadas, a mãe ficou gelada, gritando: «Uma surpresa, mamãe! preparei-te uma sur-

Lagrimas Bemdictas

Sempre te vejo doudejante e bella,
Sempre em sorriso, a cantar radiante ;
Nunca uma nuvem de tristeza vela
Esse teu meigo e angelical semblante !...

Se alguem te falla de pesar singella
Os olhos ergues para o céo brilhante,
Como se acaso lá do azul na tela
Pudesse lêr o teu porvir distante.

Nunca um suspiro n'esses labios dôces !
Como se bronze ou marmore tu fosses,
Nunca um soluço n'esse peito ainda !

Mas, não... espera... eu já te vi chorando...
Era uma tarde... ia-se o sol deitando ;
Dava uma esmola essa tua mão tão linda !

S. Roque.

MARIA ZALINA ROLIM.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Apenas na última estrofe havia a revelação do único motivo que traria tristeza a tal interlocutora: a ação de dar uma esmola, denunciando a sua dor em perceber as desigualdades sociais. Fazia-se claro o pendor virtuoso proposto nos versos, direcionando as leitoras de *A Família* à pratica da caridade, reproduzindo uma representação das mulheres daquele tempo associada a um ideal de generosidade e compaixão. Ao mesmo tempo, Rolim também retratava um aspecto de seu lugar social privilegiado, visto que apenas as mulheres da elite poderiam oferecer algum tipo de auxílio financeiro aos mais necessitados. Após essa publicação, a próxima colaboração de Rolim com o periódico se deu na edição de 5 de janeiro de 1889, com o poema “O presbitério” sendo publicado na página sete.

O presbitério

Aquela casinha branca
Sem lavores, sem moldura,
É o presbitério d'aldeia
Onde mora o velho cura.

Pelas janelas sem vidros
Cresce rósea trepadeira,
Na frente há banco de pedra
À sombra de uma palmeira.

Tem uma sebe de rosas,
Tapando a vista exterior,
Os canteiros onde medram
Alguns craveiros em flor.

Entre os verdores da horta,
Pequenina e cultivada,
Um veio d'água rebenta
Sob a relva aveludada.

À tarde o bondoso velho
Sob a palmeira a cismar,
Contempla a infância ruidosa
Pelos campos a brincar...

E quantas vezes a saudade
Pungente feri-lo vem,
Do tempo em que era criança
E assim brincava também...
(*A Família*, 5 jan. 1889, *grifos nossos*)

As quadrinhas de versos heptassílabos que seguiam o esquema de rimas em ABCB apresentava uma estrutura de fácil memorização, evidenciando que poderiam servir às mães leitoras d'*A Família* na apreciação junto aos filhos. A autora tratava no poema de um espaço destinado a reuniões do conselho episcopal, constituído por diáconos e presbíteros. Tal cenário era descrito em simplicidade e beleza, com detalhes naturais que poderiam ser associados à vegetação de alguma localidade brasileira, com palmeira e trepadeira. Ao final, um velho vigário, ao contemplar crianças brincando ali perto, rememorava com saudade a sua própria infância. Assim como faria em "A freira", publicado mais tarde no jornal *A Província do Espírito Santo*, Zalina Rolim traçava uma representação não tão idealizada do sacerdócio. O padre-cura, mesmo no ambiente belo e terno do presbitério, revelava a saudade que guardava de seu passado. Em contraste com a liberdade da infância, ele agora viveria em claustro.

Figura 129 – Publicação do poema “O presbitério” no jornal *A Família*, em 1889.



A FAMILIA 7

O filho da tristeza

VERSÃO DO HESPANHOL

Ao lado de um buliçoso rio, estava sentada a Tristeza, silenciosa e muito occupada, trabalhando em formar uma estatua de barro.

Que estás fazendo ahi, pensativa mulher? lhe perguntou Jupiter.

— Uma imagem, respondeu ella, porem, só tu senhor, lhe poderás dar a vitalidade.

— Em bôa hora m'o pedes: que viva para mim, exclamou o pae dos deuses.

— Oh! não! não, interrompeu a deusa, deixa-m'o.

Então chegou a Terra e disse:

— Este menino me pertence por que sahiu do meu seio.

— Espera, replicou Jupiter, ahi chega quem decidirá.

Quem chegava era Saturno que fallou assim:

— Será para todos os outros, assim o quer o destino, Jupiter, tu que lhe déste a vida, levarás sua alma depois da sua morte: tu oh! Terra, terás seu corpo, não podes pedir mais, e tu Tristeza, que és sua mãe, o possuirás enquanto lhe durar a existencia; sempre estarás com elle e seus padecimentos se prolongarão até o sepulchro.

JOSEPHINA DE AZEVEDO.

A Madrugada

A noite cerrou o seu cortinado e foi repousar tranquilla.

Vem surgindo a manhã: o céo colora-se de nuvens auri-rosadas, que se reflectem nas aguas silenciosas de encantado riacho.

Espreguiçam-se nos galhos das arvores os travessos passarinhos que acabam de deixar os quentes ninhos para irem além buscar subsistencia para a querida prole.

O jasmineiro move vagarosamente os ramos, tapisando o chão de odorosas e brancas pétalas.

A natureza parece sorrir.

No calix das flores brilham as alvinentes gottas de orvalho que durante a noite mão ignota ali foi depositar.

Suave e delicioso perfume espalha-se nos ares.

Começam as aves a ensaiar melodiosos cantos para o concerto que devem effectuar durante o dia.

Abrem-se as portas da casa do operario e elle apparece saudando tambem á aurora, essa maravilha do Creador.

O gallo, batendo as azas, salta do poleiro e vem arrastando a aza as companheiras que o seguem satisfeitas.

O lavrador, de enxada ao hombro, vae em busca do trabalho cantarolando uma canção popular.

Tudo é bello, tudo é grandioso como o Omnipotente!

MARIETTA.

Ha tres grãos do pensamento: a fé, a philosophia e o scepticismo. Para cada um delles, existe a mesma virtude—a tolerancia.

DUQUE DE LEVIS.

O presbyterio

Aquella casinha branca
Sem lavores, sem moldura,
E' o presbyterio d'aldeia
Onde mora o velho cura.

Pelas janellas sem vidros
Cresce rosea trepadeira,
Na frente ha banco de pedra
A' sombra de uma palmeira.

Tem uma sébe de rosas,
Tapando a vista exterior,
Os canteiros onde medram
Alguns craveiros em flôr.

Entre os verdores da horta,
Pequenina e cultivada,
Um veio d'agua rebenta
Sob a relva avelludada.

A' tarde o bondoso velho
Sob a palmeira a scismar,
Contempla a infancia ruidosa
Pelos campos a brincar...

E quantas vezes a saudade
Pungente feril-o vem,
Do tempo em que era creança
E assim brincava tambem...

MARIA ZALINA ROLIM.

A Esperança

A Esperança, dizia um grande pensador, é a ultima flôr que morre no jardim da vida.

Ella é semelhante á virgem santa que, sahindo do seu nicho, vem desprendendo dos coralinos labios os benevolos sorrisos para a pobre humanidade e sobretudo para os desgraçados que o destino cruel desde o mundo atirou ao lodaçal da miseria.

E' como o nosso coração que, uma vez deixando de pulsar, nos faz cahir como que fulminados.

E n qualquer afflicção que estejamos, ainda mesmo immersos na dôr mais profunda, qual sentimos dilacerar-nos o coração, é ella a unica que, surgindo como por encanto, vem derramar sobre a nossa um pallido raio de consolação.

Quando sentimos a grata saudade de uma ausencia que nos é cara, qual é o lenitivo que achamos para a nossa dôr?

E' ella a amiga sincera e leal á quem confiamos todos os nossos segredos que ella guarda no cofre abençoado de sua sinceridade.

Ella, é o hori onte côr de rosa que esparge a cada momento seus luminosos raios no caminho tortuoso do mundo que trabalhamos.

E' a floriaha mimosa que sempre germina por entre as lagrimas dos infelizes.

E' o nosso anjo tutelar que divaga no espaço, tendo por viso:—Consolar os afflictos.

Ai de nós, pobre humanidade, se sempre não fossemos embalados na sua rede de chimeras e adormecidos pelos seus divinos cantos?

Seria então a nossa vida cruel, estupida e até impossivel!

A esperança é como a brisa perfumada que passa nos refrigerando a mente incandescida pelas lides deste mundo.

Sendo ella, pois, a deusa de bondade, a flôr de onde emanara tantas felicidades para nós, devemos erigir-lhe um templo, tendo por pedestal—a Amisade como symbolo da nossa gratidão eterna.

ARGENTINA LIMA.

A molestia é uma grande luz: conserva o espirito accessivel e o coração docil para [illegible] a verdade.

O presbyterio

Aquella casinha branca
Sem lavores, sem moldura,
E' o presbyterio d'aldeia
Onde mora o velho cura.

Pelas janellas sem vidros
Cresce rosea trepadeira,
Na frente ha banco de pedra
A' sombra de uma palmeira.

Tem uma sébe de rosas,
Tapando a vista exterior,
Os canteiros onde medram
Alguns craveiros em flôr.

Entre os verdores da horta,
Pequenina e cultivada,
Um veio d'agua rebenta
Sob a relva avelludada.

A' tarde o bondoso velho
Sob a palmeira a scismar,
Contempla a infancia ruidosa
Pelos campos a brincar...

E quantas vezes a saudade
Pungente feril-o vem,
Do tempo em que era creança
E assim brincava tambem...

MARIA ZALINA ROLIM.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

O poema “O Presbitério” seria, anos mais tarde, incluído em *O coração* (1893), mas com algumas modificações. Na edição em livro, Rolim preferiu alterar os dois últimos versos da quinta estrofe, atenuando a descrição da imagem formada pelas crianças brincando. No lugar dos versos “Contempla a infância ruidosa / Pelos campos a brincar...”, ela insere os versos “Contempla os brincos da infância / Que salta a rir e cantar...” (ROLIM, 1893, p. 88). Tal remodelamento parecia contribuir para um aspecto mais aprazível no tocante à cena infantil vista pelo velho religioso na composição, contribuindo para o motivo de sua saudade ser mais plausível. A ideia de ruído apresentada na primeira versão publicada em *A Família* também parecia retirar um pouco da pureza e da candura esperada à representação ideal da infância.

Entretanto, a nova versão reduzia o detalhe de que a brincadeira observada acontecia em uma paisagem campestre. Outra alteração empreendida pela autora na montagem do livro de estreia foi mais formal: ela modificou o primeiro verso da última estrofe, retificando o seu esquema rítmico. No lugar do verso "E quantas vezes a saudade", ela colocou o verso "E quanta vez a saudade", corrigindo a métrica do heptassílabo.

A mudança de suporte também poderia significar a mudança de público leitor, com a apreciação da publicação periódica sendo diferente da crítica que avaliaria o livro. Em *A Família*, Rolim escrevia para um extrato específico, isto é, outras mulheres, fossem elas colaboradoras, leitoras ou a própria diretora, com a "falha" de construção da representação virtuosa das crianças, bem como a ausência da excelência poética não parecendo tão acentuadas como poderiam ser caso o poema em questão fosse publicado em um órgão de interesse geral. A publicação em livro alcançava um público mais abrangente, daí a ideia de que alguns escritos precisariam sofrer variações. Isso ressalta que a imprensa continuava sendo o principal e o verdadeiro espaço da prática escrita, muito devido ao seu caráter periódico e efêmero, com a autora podendo reavaliar o seu trabalho publicado e readaptá-lo aos diferentes leitores.

A temática familiar e seus desdobramentos também foram trabalhados por Zalina Rolim nas páginas de *A Família*. O conto "A avó", publicado na edição de 19 de janeiro de 1889, nas páginas sete e oito, trazia como protagonista uma anciã não identificada que dividia a sua vida entre as saudades da filha morta ainda muito jovem e o amor pelo neto órfão. A criação do menino Emílio consolava-lhe a enorme perda, mas o pai da criança tinha outros planos para o seu desenvolvimento:

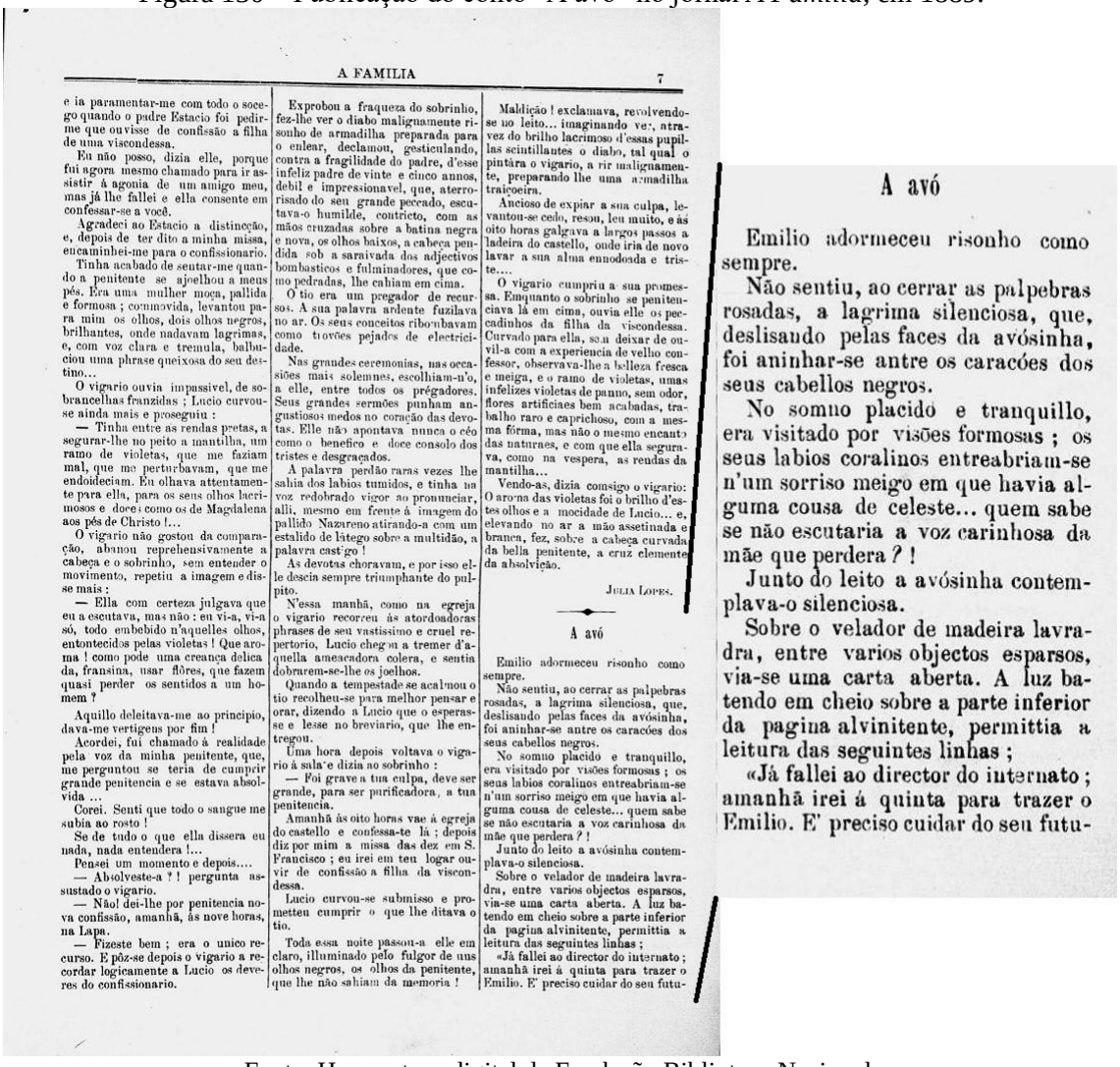
> Era preciso agora despertar-lhe a inteligência; alargar-lhe os horizontes da vida, fazê-lo conhecer o mundo e os homens.
> Era preciso dar-lhe os conhecimentos que a alma ingênua da boa velhinha não podia proporcionar-lhe. Era preciso dar-lhe um mestre. Era forçoso mandar-lhe para um colégio (A *Família*, 19 jan. 1889).

Na narrativa, transcrita integralmente em nossos Anexos, a decisão de encaminhar o pequeno para estudar em algum internato, prática comum ao século XIX, foi recebida com bastante dor pela senhora, devido à sua clara dependência emocional: "E qual será a sua existência sem o sorriso angélico da criança?!..." (A *Família*, 19 jan. 1889). Assim, diante de um altar doméstico, ela pediu ao divino pela proteção do neto quando este não estivesse mais ao seu lado.

> Na parede fronteira, sobre um nicho de mármore cinzelado, de pé sobre uma pirâmide de flores, via-se uma imagem do Deus Menino. Do pedestal do nicho pendia uma grinalda de rosas brancas ainda frescas. Algumas pétalas soltas salpicavam o tapete espalhando no ambiente um perfume vago e delicioso...
> A avó, dobrando os joelhos curvou-se ante a imagem risonha do filho de Maria e, elevando os olhos murmurou suplicante:
> – Meu Divino Jesus! Protegei o meu pobre filho! Estendei a vossa vista protetora para o seu pequeno leito! Velai-lhe o sono quando o pobrezinho já não me tiver a seu lado!... (A *Família*, 19 jan. 1889).

Tal passagem evocava a presença da fé cristã nas casas das famílias abastadas daquela época, traçando uma representação virtuosa dos lares de elite. Ademais, a súplica às imagens de Maria e do Menino Jesus reforçava a simbologia da maternidade na relação entre a avó e o neto.

Figura 130 – Publicação do conto "A avó" no jornal *A Família*, em 1889.



A FAMILIA 7

e ia paramentar-me com todo o socego quando o padre Estacio foi pedir-me que ouvisse de confissão a filha de uma viscondessa.

Eu não posso, dizia elle, porque fui agora mesmo chamado para ir assistir á agonia de um amigo meu, mas já lhe fallei e ella consente em confessar-se a você.

Agradeci ao Estacio a distincção, e, depois de ter dito a minha missa, encaminhei-me para o confissionario.

Tinha acabado de sentar-me quando a penitente se ajoelhou a meus pés. Era uma mulher moça, pallida e formosa; commovida, levantou para mim os olhos, dois olhos negros, brilhantes, onde nadavam lagrimas, e, com voz clara e tremula, balbuciou uma phrase queixosa do seu destino...

O vigario ouvia impassivel, de sobrancelhas franzidas; Lucio curvou-se ainda mais e proseguiu:

— Tinha entre as rendas pretas, a segurar-lhe no peito a mantilha, um ramo de violetas, que me faziam mal, que me perturbavam, que me endoideciam. Eu olhava attentamente para ella, para os seus olhos lacrimosos e doces como os de Magdalena aos pés de Christo!...

O vigario não gostou da comparação, abanou reprehensivamente a cabeça e o sobrinho, sem entender o movimento, repetiu a imagem e disse mais:

— Ella com certeza julgava que eu a escutava, mas não: eu vi-a, vi-a só, todo embebido n'aquelles olhos, entontecidos pelas violetas! Que aroma! como pode uma creança delicada, fransina, usar flôres, que fazem quasi perder os sentidos a um homem?

Aquillo deleitava-me ao principio, dava-me vertigens por fim!

Acordei, fui chamado á realidade pela voz da minha penitente, que, me perguntou se teria de cumprir grande penitencia e se estava absolvida...

Corei. Senti que todo o sangue me subia ao rosto!

Se de tudo o que ella dissera eu nada, nada entendera!...

Pensei um momento e depois....

— Absolveste-a?! pergunta assustado o vigario.

— Não! dei-lhe por penitencia nova confissão, amanhã, ás nove horas, na Lapa.

— Fizeste bem; era o unico recurso. E pôz-se depois o vigario a recordar logicamente a Lucio os deveres do confissionario.

Exprobou a fraqueza do sobrinho, fez-lhe ver o diabo malignamente risonho de armadilha preparada para o enlear, declamou, gesticulando, contra a fragilidade do padre, d'esse infeliz padre de vinte e cinco annos, debil e impressionavel, que, aterrorisado do seu grande peccado, escutava-o humilde, contricto, com as mãos cruzadas sobre a batina negra e nova, os olhos baixos, a cabeça pendida sob a sarnivada dos adjectivos bombasticos e fulminadores, que como pedradas, lhe cahiam em cima.

O tio era um pregador de recursos. A sua palavra ardente fuzilava no ar. Os seus conceitos ribombavam como trovões pejados de electricidade.

Nas grandes ceremonias, nas occasiões mais solemnes, escolhiam-n'o, a elle, entre todos os prégadores. Seus grandes sermões punham angustiosos medos no coração das devotas. Elle não apontava nunca o céo como o beneficio e doce consolo dos tristes e desgraçados.

A palavra perdão raras vezes lhe sahia dos labios tumidos, e tinha na voz redobrado vigor ao pronunciar, alli, mesmo em frente á imagem do pallido Nazareno atirando-a com um estalido de látego sobre a multidão, a palavra castigo!

As devotas choravam, e por isso elle descia sempre triumphante do pulpito.

N'essa manhã, como na egreja o vigario recorreu ás atordoadoras phrases de seu vastissimo e cruel repertorio, Lucio chegou a tremer d'aquella ameaçadora colera, e sentia dobrarem-se-lhe os joelhos.

Quando a tempestade se acalmou o tio recolheu-se para melhor pensar e orar, dizendo a Lucio que o esperasse e lesse no breviario, que lhe entregou.

Uma hora depois voltava o vigario á sala e dizia ao sobrinho:

— Foi grave a tua culpa, deve ser grande, para ser purificadora, a tua penitencia.

Amanhã ás oito horas vae á egreja do castello e confessa-te lá; depois diz por mim a missa das dez em S. Francisco; eu irei em teu logar ouvir de confissão a filha da viscondessa.

Lucio curvou-se submisso e prometten cumprir o que lhe ditava o tio.

Toda essa noite passou-a elle em claro, illuminado pelo fulgor de uns olhos negros, os olhos da penitente, que lhe não sahiam da memoria!

Maldição! exclamava, revolvendo-se no leito... imaginando ver, atravez do brilho lacrimoso d'essas pupillas scintillantes o diabo, tal qual o pintára o vigario, a rir malignamente, preparando lhe uma armadilha traiçoeira.

Ancioso de expiar a sua culpa, levantou-se cedo, rezou, leu muito, e ás oito horas galgava a largos passos a ladeira do castello, onde iria de novo lavar a sua alma ennodoada e triste....

O vigario cumpriu a sua promessa. Emquanto o sobrinho se penitenciava lá em cima, ouvia elle os peccadinhos da filha da viscondessa. Curvado para ella, sem deixar de ouvil-a com a experiencia de velho confessor, observava-lhe a belleza fresca e meiga, e o ramo de violetas, umas infelizes violetas de panno, sem odor, flores artificiaes bem acabadas, trabalho raro e caprichoso, com a mesma fórma, mas não o mesmo encanto das naturaes, e com que ella segurava, como na vespera, as rendas da mantilha...

Vendo-as, dizia comsigo o vigario: O aroma das violetas foi o brilho d'estes olhos e a mocidade de Lucio... e, elevando no ar a mão assetinada e branca, fez, sobre a cabeça curvada da bella penitente, a cruz clemente da absolvição.

JULIA LOPES.

A avó

Emilio adormeceu risonho como sempre.

Não sentiu, ao cerrar as palpebras rosadas, a lagrima silenciosa, que, deslisando pelas faces da avósinha, foi aninhar-se antre os caracóes dos seus cabellos negros.

No somno placido e tranquillo, era visitado por visões formosas; os seus labios coralinos entreabriam-se n'um sorriso meigo em que havia alguma cousa de celeste... quem sabe se não escutaria a voz carinhosa da mãe que perdera?!

Junto do leito a avósinha contemplava-o silenciosa.

Sobre o velador de madeira lavrada, entre varios objectos esparsos, via-se uma carta aberta. A luz batendo em cheio sobre a parte inferior da pagina alvinitente, permittia a leitura das seguintes linhas;

«Já fallei ao director do internato; amanhã irei á quinta para trazer o Emilio. E' preciso cuidar do seu futu-

A avó

Emilio adormeceu risonho como sempre.

Não sentiu, ao cerrar as palpebras rosadas, a lagrima silenciosa, que, deslisando pelas faces da avósinha, foi aninhar-se antre os caracóes dos seus cabellos negros.

No somno placido e tranquillo, era visitado por visões formosas; os seus labios coralinos entreabriam-se n'um sorriso meigo em que havia alguma cousa de celeste... quem sabe se não escutaria a voz carinhosa da mãe que perdera?!

Junto do leito a avósinha contemplava-o silenciosa.

Sobre o velador de madeira lavrada, entre varios objectos esparsos, via-se uma carta aberta. A luz batendo em cheio sobre a parte inferior da pagina alvinitente, permittia a leitura das seguintes linhas;

«Já fallei ao director do internato; amanhã irei á quinta para trazer o Emilio. E' preciso cuidar do seu futu-

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

A figura paterna, à primeira vista inconformada com a partida trágica da companheira na ocasião de nascimento do rebento, vai criando afeição pelo garoto: “A criancinha deu-lhe coragem para viver” (A *Família*, 19 jan. 1889). Entretanto, assumindo uma posição responsável, mantém-se firme na decisão de encaminhá-lo a um colégio. Ao final do conto, aos prantos, a avó superava o sofrimento e se despede do neto na estação ferroviária, aceitando o propósito de sua partida. A situação registrada refletia a importância dada pela escritora à figura materna na constituição da família, assim como reforçava o papel da figura paterna e a relevância da educação formal para além da realizada no ambiente doméstico. Por outro lado, a pureza da criança era colocada como único meio de superação da perda por óbito, com a autora retomando uma representação idealizada da infância.

Rolim voltou a publicar n’*A Família* em 16 de fevereiro de 1899, com o poema “Delineamento” saindo na página sete. A composição, dedicada a Thereza Rodrigues, professora do Jardim da Infância, tratava novamente do contato de crianças com um velho sacerdote.

> *Delineamento*
> (À EXMA. SRA. D. THEREZA RODRIGUES)
>
> Descia a tarde, vagarosamente...
> Da escola, a saltitar alvoroçada.
> Num vozear alegre e turbulento,
> *Saia a infância, a rir, em debandada...*
>
> À beira da azinhaga que contorna
> A povoação agreste, o velho cura
> Quedara-se um momento, contemplando
> A limpidez do céu, tranquila e pura...
>
> *Ao seu encontro, céleres, voando –*
> *– Astros de amor da vida na amplidão! –*
> *Chegaram as crianças, se inclinando*
> *Para beijar-lhe a protetora mão: -*
>
> *Ergueu-se lentamente o velho cura,*
> A encanecida fronte descobrindo,
> Cruzou as mãos sobre as cabeças loiras
> E as criancinhas abençoou sorrindo...
> (*A Família*, 16 fev. 1889)

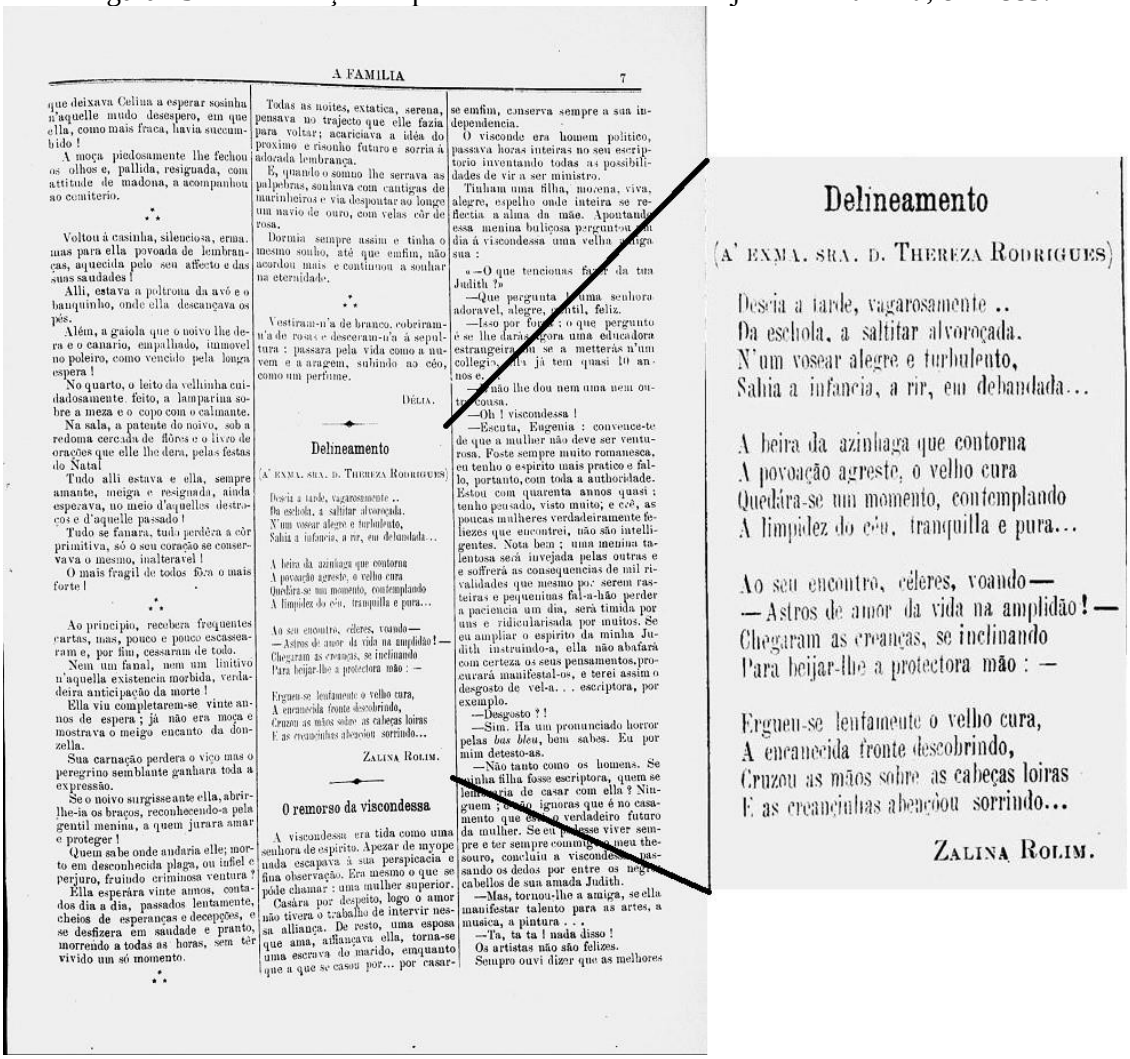
A autora empreendia quadras de versos decassílabos que seguiam o esquema de rimas em ABCB. Em um terno delineamento, a relação entre o vigário e os infantes agora parecia mais próxima, com os pequenos demonstrando consideração pela figura velha e recebendo a sua bênção no arremate da última estrofe. A infância, todavia, era outra vez tratada em

idealização, com as crianças sendo associadas a seres de amor, trazendo alegria e som à paisagem rural. O apreço pelo representante religioso poderia estar relacionado, no poema, com a moral propagada pela educação, visto que os pequenos eram retratados a sair da escola quando encontravam o ancião. Este, por outro lado, não se ligava a nenhum sentimento para além da bonança trazida pelo ambiente.

A composição em questão também passou por modificações quando integrado ao livro *O coração* (1893). A autora trocou o último verso da primeira estrofe, "Saia a infância, a rir, em debandada...", pelo verso "Saia a rir, a rir a meninada..." (ROLIM, 1893, p. 123), novamente demonstrando se preocupar com a representação ideal da infância. Ela trocava a imagem de uma desarrumação ou uma algazarra feita pelas crianças simplesmente pelo seu coletivo, ainda reforçando a sua alegria com a repetição do verbo "rir". A mudança para o suporte livro certamente influenciou a mudança, evidenciando a preocupação da autora com a representação que imprimia a um público mais geral.

Já a terceira estrofe passou por uma transformação integral. A imagem dos infantes em aproximação com pássaros velozes a levantar voo no verso "Ao seu encontro, céleres, voando" foi atenuada na edição em livro, com a substituição pelo verso "Ao seu encontro os pequenitos chegam" (ROLIM, 1893, p. 124). A descrição metafórica dos pequenos como "– Astros de amor da vida na amplidão! -" foi trocada pelo verso "– Réstias de sol ante a friez da neve -", reforçando a beleza do seu caráter afetuoso, de ações calorosas. Os dois últimos versos da penúltima quadra, "Chegaram as crianças, se inclinando / Para beijar-lhe a protetora mão: -" são modificados para "E as mãos do velho, tremulas, rugosas, / Roçam num beijo caricioso e leve." (ROLIM, 1893, p. 124), ressaltando o aspecto longevo do religioso, talvez para validar ainda mais a boa atitude das crianças em prestar-lhe respeito.

Figura 131 – Publicação do poema “Delineamento” no jornal *A Família*, em 1889.



A FAMILIA 7

que deixava Celina a esperar sosinha n'aquelle mudo desespero, em que ella, como mais fraca, havia succumbido !

A moça piedosamente lhe fechou os olhos e, pallida, resignada, com attitude de madona, a acompanhou ao cemiterio.

∴

Voltou á casinha, silenciosa, erma, mas para ella povoada de lembranças, aquecida pelo seu affecto e das suas saudades !

Alli, estava a poltrona da avó e o banquinho, onde ella descançava os pés.

Além, a gaiola que o noivo lhe dera e o canario, empallado, immovel no poleiro, como vencido pela longa espera !

No quarto, o leito da velhinha cuidadosamente feito, a lamparina sobre a meza e o copo com o calmante.

Na sala, a patente do noivo, sob a redoma cercada de flôres e o livro de orações que elle lhe dera, pelas festas do Natal

Tudo alli estava e ella, sempre amante, meiga e resignada, ainda esperava, no meio d'aquelles destroços e d'aquelle passado !

Tudo se fanara, tudo perdêra a côr primitiva, só o seu coração se conservava o mesmo, inalteravel !

O mais fragil de todos fôra o mais forte !

∴

Ao principio, recebera frequentes cartas, mas, pouco e pouco escasseáram e, por fim, cessaram de todo.

Nem um final, nem um limitivo n'aquella existencia morbida, verdadeira anticipação da morte !

Ella viu completarem-se vinte annos de espera ; já não era moça e mostrava o meigo encanto da donzella.

Sua carnação perdera o viço mas o peregrino semblante ganhara toda a expressão.

Se o noivo surgisse ante ella, abrir-lhe-ia os braços, reconhecendo-a pela gentil menina, a quem jurara amar e proteger !

Quem sabe onde andaria elle; morto em desconhecida plaga, ou infiel e perjuro, fruindo criminosa ventura ?

Ella esperára vinte annos, contados dia a dia, passados lentamente, cheios de esperanças e decepções, e se desfizera em saudade e pranto, morrendo a todas as horas, sem ter vivido um só momento.

∴

Todas as noites, extatica, serena, pensava no trajecto que elle fazia para voltar; acariciava a idéa do proximo e risonho futuro e sorria á adorada lembrança.

E, quando o somno lhe cerrava as palpebras, sonhava com cantigas de marinheiros e via despontar ao longe um navio de ouro, com velas côr de rosa.

Dormia sempre assim e tinha o mesmo sonho, até que emfim, não acordou mais e continuou a sonhar na eternidade.

∴

Vestiram-n'a de branco, cobriram-n'a de rosas e desceram-n'a á sepultura : passara pela vida como a auvem e a aragem, subindo ao céo, como um perfume.

DÉLIA.

Delineamento

(A' EXMA. SRA. D. THEREZA RODRIGUES)

Desceu a tarde, vagarosamente ..
Da eschola, a saltitar alvoroçada.
N'um vosear alegre e turbulento,
Sahia a infancia, a rir, em debandada...

A beira da azinhaga que contorna
A povoação agreste, o velho cura
Quedára-se um momento, contemplando
A limpidez do céu, tranquilla e pura...

Ao seu encontro, céleres, voando—
—Astros de amor da vida na amplidão!—
Chegaram as creanças, se inclinando
Para beijar-lhe a protectora mão : —

Ergueu-se lentamente o velho cura,
A encanecida fronte descobrindo,
Cruzou as mãos sobre as cabeças loiras
E as creancinhas abençoou sorrindo...

ZALINA ROLIM.

O remorso da viscondessa

A viscondessa era tida como uma senhora de espirito. Apezar de myope nada escapava á sua perspicacia e fina observação. Era mesmo o que se póde chamar : uma mulher superior.

Casára por despeito, logo o amor não tivera o trabalho de intervir nessa alliança. De resto, uma esposa que ama, alliançava ella, torna-se uma escrava do marido, emquanto que a que se casou por... por casar-se emfim, conserva sempre a sua independencia.

O visconde era homem politico, passava horas inteiras no seu escriptorio inventando todas as possibilidades de vir a ser ministro.

Tinham uma filha, morena, viva, alegre, espelho onde inteira se reflectia a alma da mãe. Apontando essa menina buliçosa perguntou um dia á viscondessa uma velha amiga sua :

«—O que tencionas fazer da tua Judith ?»

—Que pergunta, uma senhora adoravel, alegre, gentil, feliz.

—Isso por fóra ; o que pergunto é se lhe darás agora uma educadora estrangeira ou se a metterás n'um collegio. Ella já tem quasi 10 annos e...

—Não lhe dou nem uma nem outra coisa.

—Oh ! viscondessa !

—Escuta, Eugenia : convence-te de que a mulher não deve ser venturosa. Foste sempre muito romanesca, eu tenho o espirito mais pratico e fallo, portanto, com toda a authoridade. Estou com quarenta annos quasi ; tenho pensado, visto muito, e cré, as poucas mulheres verdadeiramente felizes que encontrei, não são intelligentes. Nota bem ; uma menina talentosa será invejada pelas outras e e soffrerá as consequencias de mil rivalidades que mesmo por serem rasteiras e pequeninas fal-a-hão perder a paciencia um dia, será timida por uns e ridicularisada por muitos. Se eu ampliar o espirito da minha Judith instruindo-a, ella não abafará com certeza os seus pensamentos, procurará manifestal-os, e terei assim o desgosto de vel-a... escriptora, por exemplo.

—Desgosto ? !

—Sim. Ha um pronunciado horror pelas *bas bleu*, bem sabes. Eu por mim detesto-as.

—Não tanto como os homens. Se minha filha fosse escriptora, quem se lembraria de casar com ella ? Ninguem ; se não ignoras que é no casamento que está o verdadeiro futuro da mulher. Se eu quizesse viver sempre e ter sempre commigo o meu thesouro, concluiu a viscondessa passando os dedos por entre os negros cabellos de sua amada Judith.

—Mas, tornou-lhe a amiga, se ella manifestar talento para as artes, a musica, a pintura . . .

—Tá, ta ta ! nada disso !

Os artistas não são felizes.

Sempre ouvi dizer que as melhores

Delineamento

(A' EXMA. SRA. D. THEREZA RODRIGUES)

Desceu a tarde, vagarosamente ..
Da eschola, a saltitar alvoroçada.
N'um vosear alegre e turbulento,
Sahia a infancia, a rir, em debandada...

A beira da azinhaga que contorna
A povoação agreste, o velho cura
Quedára-se um momento, contemplando
A limpidez do céu, tranquilla e pura...

Ao seu encontro, céleres, voando—
—Astros de amor da vida na amplidão!—
Chegaram as creanças, se inclinando
Para beijar-lhe a protectora mão : —

Ergueu-se lentamente o velho cura,
A encanecida fronte descobrindo,
Cruzou as mãos sobre as cabeças loiras
E as creancinhas abençoou sorrindo...

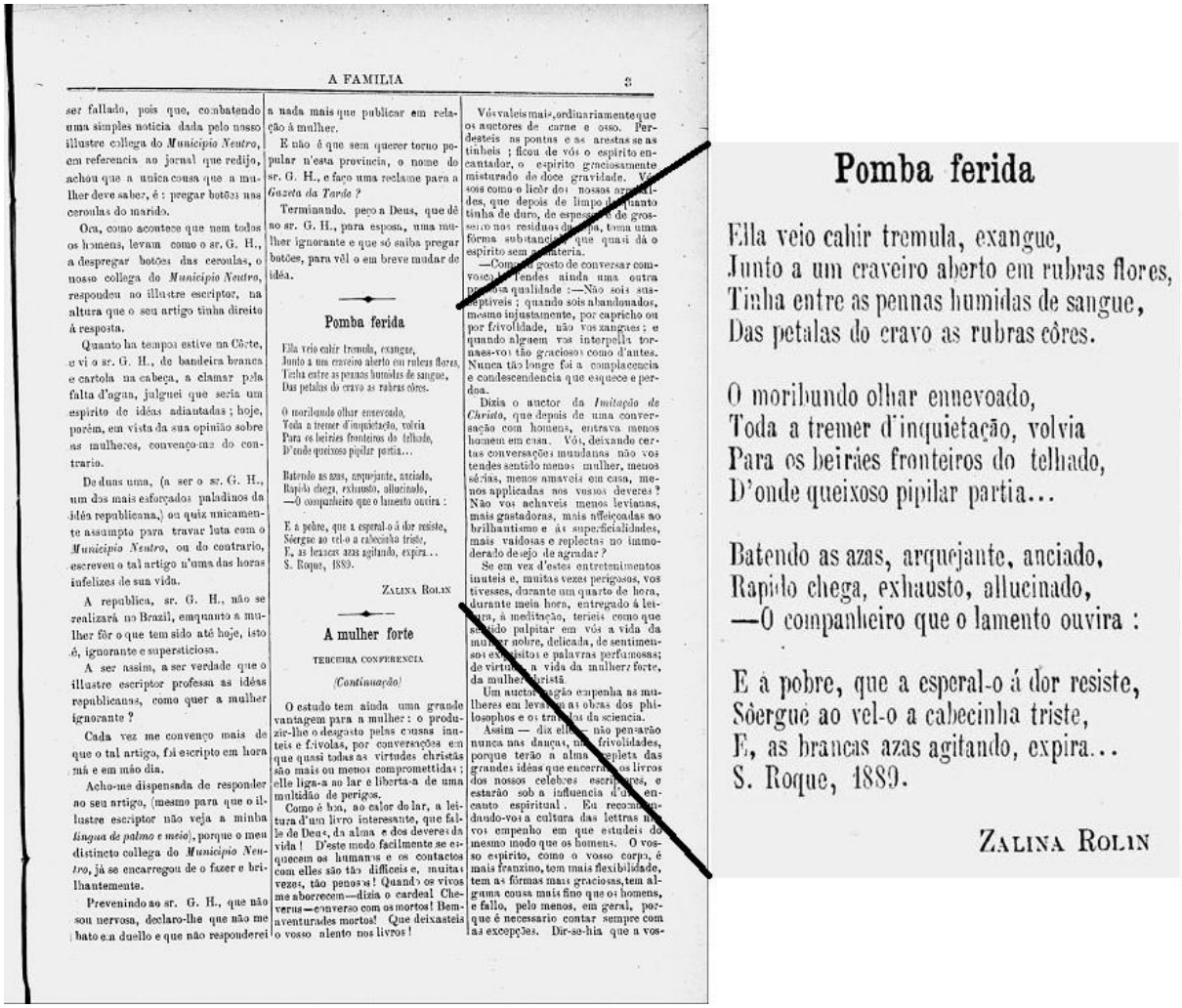
ZALINA ROLIM.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Por fim, Rolim traçou mais uma modificação no primeiro verso da última estrofe, “Ergueu-se lentamente o velho cura,”, que na versão em livro se tornou “Vendo-as, ergueu-se lentamente o padre,” (ROLIM, 1893, p. 124). A escritora decidiu trocar a repetição do termo “velho cura”, já presente na segunda estrofe, por “padre”, fortalecendo o preciosismo linguístico de seu poema. As variações da composição mais uma vez assinalavam a preocupação da autora com a apreciação de sua produção por variados públicos, principalmente no tocante à representação da infância que se propunha a propagar.

Na edição de 27 de abril de 1889, *A Família* publicou na página três o soneto “Pomba ferida”, fazendo-se o primeiro veículo a imprimir esta que seria uma das mais famosas composições de Zalina Rolim.

Figura 132 – Publicação do poema “Pomba ferida” no jornal *A Família*, em 1889.



A FAMILIA 3

ser fallado, pois que, combatendo uma simples noticia dada pelo nosso illustre collega do *Municipio Neutro*, em referencia ao jornal que redijo, achou que a unica cousa que a mulher deve saber, é : pregar botões nas ceroulas do marido.

Ora, como acontece que nem todos os homens, levam como o sr. G. H., a despregar botões das ceroulas, o nosso collega do *Municipio Neutro*, respondeu ao illustre escriptor, na altura que o seu artigo tinha direito á resposta.

Quanto ha tempos estive na Côrte, e vi o sr. G. H., de bandeira branca e cartola na cabeça, a clamar pela falta d'agua, julguei que seria um espirito de idéas adiantadas ; hoje, porém, em vista da sua opinião sobre as mulheres, convenço-me do contrario.

De duas uma, (a ser o sr. G. H., um dos mais esforçados paladinos da idéa republicana,) ou quiz unicamente assumpto para travar luta com o *Municipio Neutro*, ou do contrario, escreveu o tal artigo n'uma das horas infelizes de sua vida.

A republica, sr. G. H., não se realizará no Brazil, emquanto a mulher fôr o que tem sido até hoje, isto é, ignorante e supersticiosa.

A ser assim, a ser verdade que o illustre escriptor professa as idéas republicanas, como quer a mulher ignorante ?

Cada vez me convenço mais de que o tal artigo, foi escripto em hora máu e em máo dia.

Acho-me dispensada de responder ao seu artigo, (mesmo para que o illustre escriptor não veja a minha *lingua de palmo e meio*), porque o meu distincto collega do *Municipio Neutro*, já se encarregou de o fazer e brilhantemente.

Prevenindo ao sr. G. H., que não sou nervosa, declaro-lhe que não me bato em duello e que não responderei a nada mais que publicar em relação á mulher.

E não é que sem querer torno popular n'esta provincia, o nome do sr. G. H., e faço uma reclame para a *Gazeta da Tarde* ?

Terminando. peço a Deus, que dê ao sr. G. H., para esposa, uma mulher ignorante e que só saiba pregar botões, para vêl-o em breve mudar de idéa.

Pomba ferida

Ella veio cahir tremula, exangue,
Junto a um craveiro aberto em rubras flores,
Tinha entre as pennas humidas de sangue,
Das petalas do cravo as rubras côres.

O moribundo olhar ennevoado,
Toda a tremer d'inquietação, volvia
Para os beiraes fronteiros do telhado,
D'onde queixoso pipilar partia...

Batendo as azas, arquejante, anciado,
Rapido chega, exhausto, allucinado,
—O companheiro que o lamento ouvira :

E a pobre, que a esperal-o á dor resiste,
Sôergue ao vel-o a cabecinha triste,
E, as brancas azas agitando, expira...
S. Roque, 1889.

ZALINA ROLIN

A mulher forte

TERCEIRA CONFERENCIA

(Continuação)

O estudo tem ainda uma grande vantagem para a mulher : o produzir-lhe o desgosto pelas cousas inuteis e frivolas, por conversações em que quasi todas as virtudes christãs são mais ou menos compromettidas ; elle liga-a ao lar e liberta-a de uma multidão de perigos.

Como é bom, ao calor do lar, a leitura d'um livro interessante, que falle de Deus, da alma e dos deveres da vida ! D'este modo facilmente se esquecem os humanos e os contactos com elles são tão difficeis e, muitas vezes, tão penosos ! Quando os vivos me aborrecem—dizia o cardeal Cheverus—converso com os mortos! Bemaventurados mortos! Que deixasteis o vosso alento nos livros !

Vós valeis mais, ordinariamente que os auctores de carne e osso. Perdeeteis as pontas e as arestas se as tinheis ; ficou de vós o espirito encantador, o espirito graciosamente misturado de doce gravidade. Vós sois como o licôr dos nossos arm[illegible]des, que depois de limpo de quanto tinha de duro, de espos[illegible] de grosseiro nos residuos da pia, toma uma fórma subitanea que quasi dá o espirito sem a materia.

—Com[illegible] gosto de conversar comvosco. Tendes ainda uma outra preciosa qualidade :—Não sois susceptiveis ; quando sois abandonados, mesmo injustamente, por capricho ou por frivolidade, não vos zangues ; e quando alguem vos interpella tornaes-vos tão graciosos como d'antes. Nunca tão longe foi a complacencia e condescendencia que esquece e perdoa.

Dizia o auctor da *Imitação de Christo*, que depois de uma conversação com homens, entrava menos homem em casa. Vós, deixando certas conversações mundanas não vos tendes sentido menos mulher, menos sérias, menos amaveis em casa, menos applicadas nos vossos deveres ? Não vos achaveis menos levianas, mais gastadoras, mais affeiçoadas ao brilhantismo e ás superficialidades, mais vaidosas e replectas no immoderado desejo de agradar ?

Se em vez d'estes entretenimentos inuteis e, muitas vezes perigosos, vos tivesses, durante um quarto de hora, durante meia hora, entregado á leitura, á meditação, teriaes como que sentido palpitar em vós a vida da mulher nobre, delicada, de sentimentos exquisitos e palavras perfumosas; de virtudes a vida da mulher forte, da mulher christã.

Um auctor[illegible]agão empenha as mulheres em leva[illegible]as obras dos philosophos e os tra[illegible]as da sciencia.

Assim — diz elle — não pensarão nunca nas danças, nas frivolidades, porque terão a alma [illegible]epleta das grandes idéas que encerr[illegible]os livros dos nossos celebres escriptores, e estarão sob a influencia d'[illegible] encanto espiritual. Eu recom[illegible]ndando-vos a cultura das lettras n[illegible] vos empenho em que estudeis do mesmo modo que os homens. O vosso espirito, como o vosso corpo, é mais franzino, tem mais flexibilidade, tem as fórmas mais graciosas, tem alguma cousa mais fino que os homens, e fallo, pelo menos, em geral, porque é necessario contar sempre com as excepções. Dir-se-hia que a vos-

Pomba ferida

Ella veio cahir tremula, exangue,
Junto a um craveiro aberto em rubras flores,
Tinha entre as pennas humidas de sangue,
Das petalas do cravo as rubras côres.

O moribundo olhar ennevoado,
Toda a tremer d'inquietação, volvia
Para os beiraes fronteiros do telhado,
D'onde queixoso pipilar partia...

Batendo as azas, arquejante, anciado,
Rapido chega, exhausto, allucinado,
—O companheiro que o lamento ouvira :

E á pobre, que a esperal-o á dor resiste,
Sôergue ao vel-o a cabecinha triste,
E, as brancas azas agitando, expira...
S. Roque, 1889.

ZALINA ROLIN

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

A figura do pássaro, que guardava grande simbologia em relação ao feminino, possuía presença expressiva na produção da autora. Os versos em questão descreviam uma pomba que caíra abatida junto a flores em um telhado. O sangue de seu ferimento era comparado ao rubro de cravos, contrastando com a brancura de suas penas. Finalmente, com a chegada de seu companheiro, a ave parecia se acalmar diante da aflição.

Pomba ferida

Ela veio cair trêmula, exangue,
Junto a um craveiro aberto em rubras flores
Tinha entre as penas húmidas de sangue,
Das pétalas do cravo as rubras cores.

O moribundo olhar enevoado,
Toda a tremer de inquietação, volvia
Para os beirais fronteiros do telhado.
Donde queixoso pipilar partia...

Batendo as asas, arquejante, ansiado.
Rápido chega, exausto, alucinado,
– O companheiro que o lamento ouvira.

E a pobre, que a esperá-lo à dor resiste,
Soergue, ao vê-lo, a cabecinha triste
E, as brancas asas agitando, expira...
(*A Família*, 27 abr. 1889)

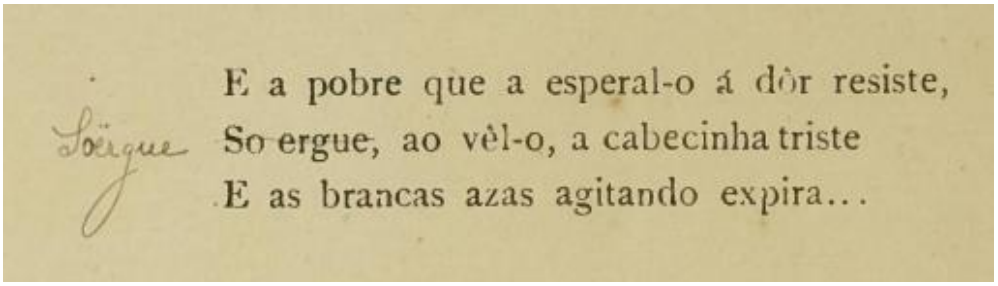
Uma interessante chave de interpretação para tal composição é apontada por Eleutério (2005, p. 130): "Ao ser alvo de récitas infantis sucessivas, os versos parecem fazer passar despercebido o grau de erotismo que contêm". Realmente, o soneto pode ser lido de forma literal ou compreendido como metáfora para a experiência de uma primeira relação sexual. A alva penugem do pássaro se assemelharia à pele da mulher, simbolizando a sua pureza, que era corrompida pelo bruto vermelho do sangue que lhe escorria, em uma provável alegoria para o rompimento do hímen. Os cravos, também encarnados, fariam relação com a paixão ou o vínculo amoroso.

Enfraquecida, a ave caíra trêmula, a queixar-se de dor, tranquilizando-se com a aproximação do consorte, mas aparentando estar sem forças ao final da composição. Tal descrição se associaria à aflição inicial da violação da virgindade[50], seguida do esmorecimento pelo prazer. Os adjetivos ligados ao companheiro também poderiam entrever o comportamento da figura masculina na cópula: "arquejante", "ansiado", "rápido", "exausto", "alucinado". O esfalecer da pomba ao final do poema conectar-se-ia à expressão francesa "*la petite mort*" ("a pequena morte", em tradução livre), referindo-se à perda da consciência após o orgasmo. Todo esse viés erótico seria plausível em um periódico de mulheres, que permitiria às autoras maior liberdade no traçar de metáforas em relação ao ser feminino.

Outro detalhe notável em relação à mencionada composição é um equívoco gráfico na sua edição em livro. Em *O coração* (1893), o segundo verso da última estrofe é grafado "So ergue, ao vê-lo, a cabecinha triste" (ROLIM, 1893, p. 74). O exemplar presente no acervo da Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin traz inclusive uma correção feita à lápis (provavelmente pelo bibliófilo José Mindlin) com o verbo "soergue" estando de acordo com a versão publicada no jornal.

Figura 133 – Detalhe do poema "Pomba ferida", editado no livro *O coração* (1893).

[50] A violência do ato sexual, talvez simbolizada em "Pomba ferida", é apontada por Bataille (2013, p. 114) como a encenação de um ritual de sacrifício: "O amante não desagrega menos a mulher amada do que o sacrificador que sangra o homem ou o animal imolado. A mulher, nas mãos daquele que a assalta, é despossuída de seu ser".


E a pobre que a esperal-o á dôr resiste,
Soërgue So ergue, ao vêl-o, a cabecinha triste
E as brancas azas agitando expira...

Fonte: Acervo digital da Biblioteca Brasiliana José e Guita Mindlin.

Na edição de 1 de junho de 1889, *A Família* republicou o soneto "Confissão", publicado anteriormente n'*A Província de São Paulo*. Já em 9 de novembro daquele mesmo ano, a folha reproduziu o poema "Dizem...", antes publicado n' *A Província do Espírito Santo*. A composição "Pomba ferida", por sua vez, voltou a ser divulgada no jornal em 14 de dezembro de 1889, número que também trouxe uma contribuição inédita, lançada na página seis. Os versos de "Um poeta" eram dedicados a Zulmira Freire, uma das filhas do amigo Ezequiel Freire.

Um poeta
(À ZULMIRA FREIRE)

Vive em doce colóquio deleitoso
Co'as Musas conversando, alegremente,
Na placidez do ninho seu ditoso,
– Um Paraíso artístico e florente.

Da esposa o olhar tranquilo e sorridente
Envolve-o num afago luminoso;
Dos filhinhos escuta docemente
O riso ingênuo, fresco e sonoroso...

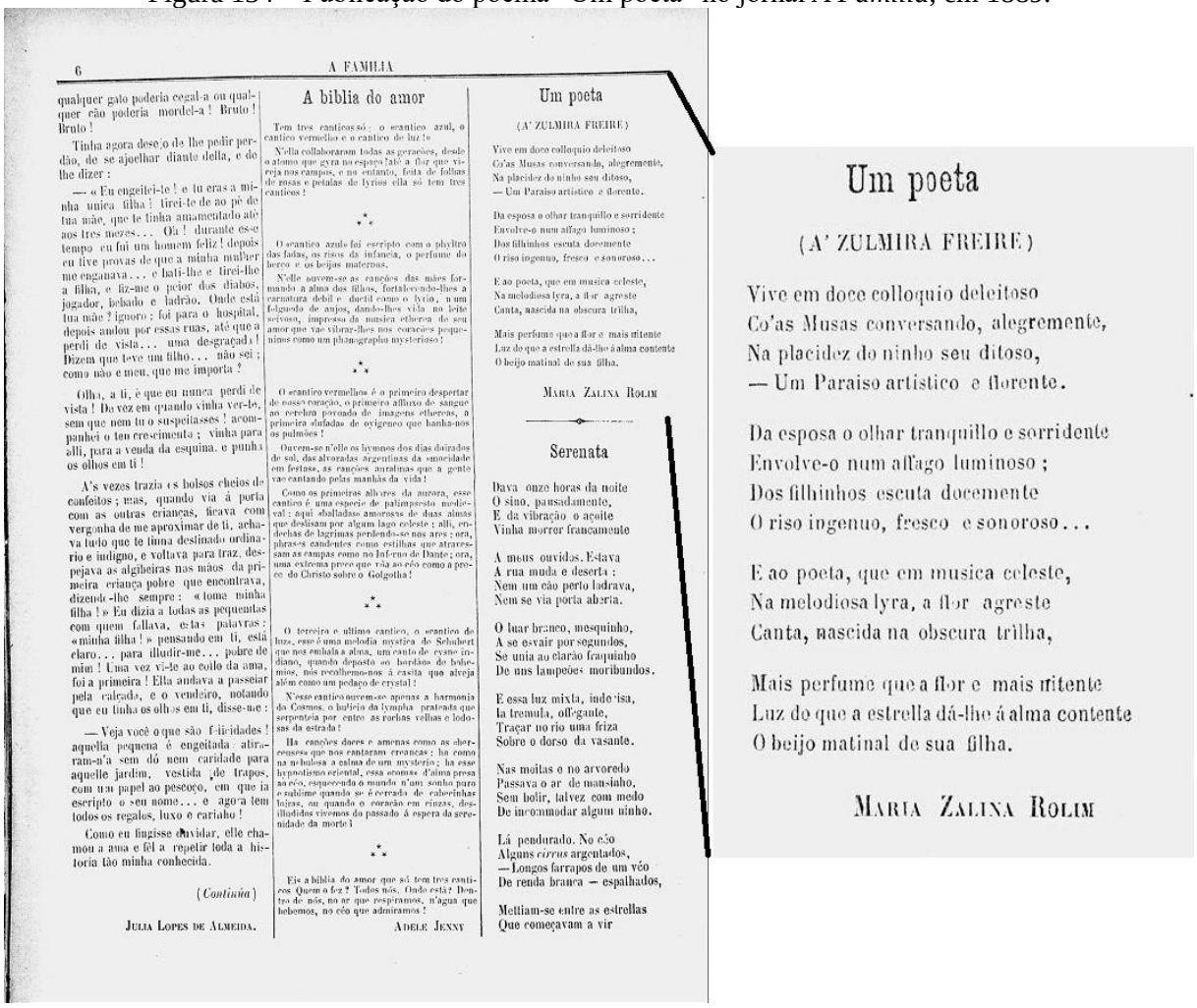
E ao poeta, que em música celeste,
Na melodiosa lira, a flor agreste
Canta, nascida na obscura trilha,

Mais perfume que a flor e mais nitente
Luz de que a estrela dá-lhe à alma contente
O beijo matinal de sua filha.
(*A Família*, 14 dez. 1889)

O soneto em questão representava a figura do poeta com idealização, também envolvendo a descrição de um lar de elite. A tranquilidade de tal espaço, reforçada pela presença da esposa e dos filhos, parecia viabilizar o bom trabalho com a pena, cujas criações se assemelhariam a flores. A imagem da filha a beijar ternamente o pai no final da composição

certamente corresponderia às figuras de Zulmira e Ezequiel Freire, com a autora lhes prestando homenagem.

Figura 134 – Publicação do poema “Um poeta” no jornal *A Família,* em 1889.



6 A FAMILIA

qualquer gato poderia cegal-a ou qualquer cão poderia mordel-a! Bruto! Bruto!

Tinha agora desejo de lhe pedir perdão, de se ajoelhar diante della, e de lhe dizer:

— « Eu engeitei-te! e tu eras a minha unica filha! tirei-te de ao pé de tua mãe, que te tinha amamentado até aos tres mezes... Oh! durante esse tempo eu fui um homem feliz! depois eu tive provas de que a minha mulher me enganava... e bati-lhe e tirei-lhe a filha, e fiz-me o peior dos diabos, jogador, bebado e ladrão. Onde está tua mãe? ignoro; foi para o hospital, depois andou por essas ruas, até que a perdi de vista... uma desgraçada! Dizem que teve um filho... não sei; como não é meu, que me importa?

Olha, a ti, é que eu nunca perdi de vista! Do vez em quando vinha ver-te, sem que nem tu o suspeitasses! acompanhei o teu crescimento; vinha para alli, para a venda da esquina, e punha os olhos em ti!

A's vezes trazia os bolsos cheios de confeitos; mas, quando via á porta com as outras crianças, ficava com vergonha de me aproximar de ti, achava tudo que te tinha destinado ordinario e indigno, e voltava para traz, despejava as algibeiras nas mãos da primeira criança pobre que encontrava, dizendo-lhe sempre: «toma minha filha!» Eu dizia a todas as pequentas com quem fallava, estas palavras; «minha filha!» pensando em ti, está claro... para illudir-me... pobre de mim! Uma vez vi-te ao collo da ama, foi a primeira! Ella andava a passear pela calçada, e o vendeiro, notando que eu tinha os olhos em ti, disse-me:

— Veja você o que são felicidades! aquella pequena é engeitada abraram-n'a sem dó nem caridade para aquelle jardim, vestida de trapos, com um papel ao pescoço, em que ia escripto o seu nome... e agora tem todos os regalos, luxo e carinho!

Como eu fingisse duvidar, elle chamou a ama e fel-a repetir toda a historia tão minha conhecida.

(*Continúa*)

JULIA LOPES DE ALMEIDA.

A biblia do amor

Tem tres cantiços só: o cantico azul, o cantico vermelho e o cantico de luz!

N'ella collaboraram todas as gerações, desde o atomo que gyra no espaço até a flor que viceja nos campos, e no entanto, feita de folhas de rosas e petalas de lyrios ella só tem tres cantiços!

***

O cantico azul foi escripto com o phyltro das fadas, os risos da infancia, o perfume do berço e os beijos maternos.

N'elle ouvem-se as canções das mães formando a alma dos filhos, fortalecendo-lhes a carnatura debil e ductil como o lyrio, n'um folgado de anjos, dando-lhes vida no leite selvoso, impressa da musica etherea de seu amor que vae vibrar-lhes nos coraçõis pequeninos como um phonographo mysterioso!

***

O cantico vermelho é o primeiro despertar de nosso coração, o primeiro affluxo de sangue no cerebro povoado de imagens etherêas, a primeira afufadas de oxigeneo que banha-nos os pulmões!

Ouvem-se n'elle os hymnos dos dias doirados do sol, das alvoradas argentinas da mocidade em festas, as canções auraimas que a gente vae cantando pelas manhãs da vida!

Como os primeiros albores da aurora, esse cantico é uma especie de palimpesto medioval: aqui abalhadas amorosas de duas almas que deslisam por algum lago celeste; alli, enchentes de lagrimas perdendo-se nos ares; ora, phrases candentes como estilhas que atravessam as campas como no Inferno de Dante; ora, uma extrema prece que vôa ao céo como a prece do Christo sobre o Golgotha!

***

O terceiro e ultimo cantico, o cantico de luz, esse é uma melodia mystica de Schubert que nos embala a alma, um canto de cysne indiano, quando deposto no bordano de bohemios, nos recolhemo-nos á easita que alveja além como um pedaço de crystal!

N'esse cantico ouvem-se apenas a harmonia do Cosmos, o bulicio da lympha prateada que serpenteia por entre as rochas velhas e lodosas da estrada!

Ha canções doces e amenas como as cherceuses que nos cantaram crreanças: ha como na nebulosa a calma de um mysterio; ha esse hypnotismo oriental, essa atomas d'alma presa ao céo, esquecendo o mundo n'um sonho puro e sublime quando se é cercado de cabecinhas loiras, ou quando o coração em cinzas, desilludidos vivemos do passado á espera da serenidade da morte!

***

Eis a bíblia do amor que só tem tres canticos Quem o fez? Todos nós. Onde está? Dentro de nós, no ar que respiramos, n'agua que bebemos, no céo que admiramos!

ADELE JENNY

Um poeta

(A' ZULMIRA FREIRE)

Vive em doce colloquio deleitoso
Co'as Musas conversando, alegremente,
Na placidez do ninho seu ditoso,
— Um Paraiso artistico e florente.

Da esposa o olhar tranquillo e sorridente
Envolve-o num affago luminoso;
Dos filhinhos escuta docemente
O riso ingenuo, fresco e sonoroso...

E ao poeta, que em musica celeste,
Na melodiosa lyra, a flor agreste
Canta, nascida na obscura trilha,

Mais perfume que a flor e mais ritente
Luz do que a estrella dá-lhe á alma contente
O beijo matinal de sua filha.

MARIA ZALINA ROLIM

Serenata

Dava onze horas da noite
O sino, pausadamente,
E da vibração o açoite
Vinha morrer francamente

A meus ouvidos. Estava
A rua muda e deserta:
Nem um cão perto ladrava,
Nem se via porta aberta.

O luar branco, mesquinho,
A se esvair por segundos,
Se unia ao clarão fraquinho
De uns lampeões moribundos.

E essa luz mixta, indecisa,
Ia tremula, offegante,
Traçar no rio uma friza
Sobre o dorso da vasante.

Nas moitas e no arvoredo
Passava o ar de mansinho,
Sem bolir, talvez com medo
De incommodar algum ninho.

Lá pendurado, No céo
Alguns *cirrus* argentados,
— Longos farrapos de um véo
De renda branca — espalhados,

Mettiam-se entre as estrellas
Que começavam a vir

Um poeta

(A' ZULMIRA FREIRE)

Vive em doce colloquio deleitoso
Co'as Musas conversando, alegremente,
Na placidez do ninho seu ditoso,
— Um Paraiso artistico e florente.

Da esposa o olhar tranquillo e sorridente
Envolve-o num affago luminoso;
Dos filhinhos escuta docemente
O riso ingenuo, fresco e sonoroso...

E ao poeta, que em musica celeste,
Na melodiosa lyra, a flor agreste
Canta, nascida na obscura trilha,

Mais perfume que a flor e mais ritente
Luz do que a estrella dá-lhe á alma contente
O beijo matinal de sua filha.

MARIA ZALINA ROLIM

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

É interessante destacar que o poema de Rolim, ainda que tratando de uma figura masculina, validava a ideia de que um “teto todo seu” (WOOLF, 1991), um lugar de acolhimento, respeito e aceitação, melhor propiciava a produção, principalmente das mulheres. A contribuição com *A Família* retornaria na edição de 16 de janeiro de 1890, com a composição “Quadras singelas” saindo na segunda página. Como o título indicava, os versos heptassílabos eram organizados em oito quadrinhas, seguindo um esquema de rimas em ABCB que facilitava a memorização.

Quadras singelas

Arregaçando de leve

O vestidinho de chita,
Pelo trilho sinuoso
Vai seguindo a pequenita...

Pelas espaduas roçando,
Cai-lhe a trança luzidia;
E, do alvo braço pendente
Leva a cestinha vazia.

Como nuvem desmaiada
Ensombra-lhe o meigo rosto
O véu nebuloso e triste
De indefinido desgosto.

Em roda o campo acordando,
Num frêmito de alegria
Vai afagar-lhe num beijo
A pele fresca e sadia.

E a pequenita mendiga,
Colina e outeiros galgando,
Percorre o trilho sinuoso
E vai chorando... chorando...

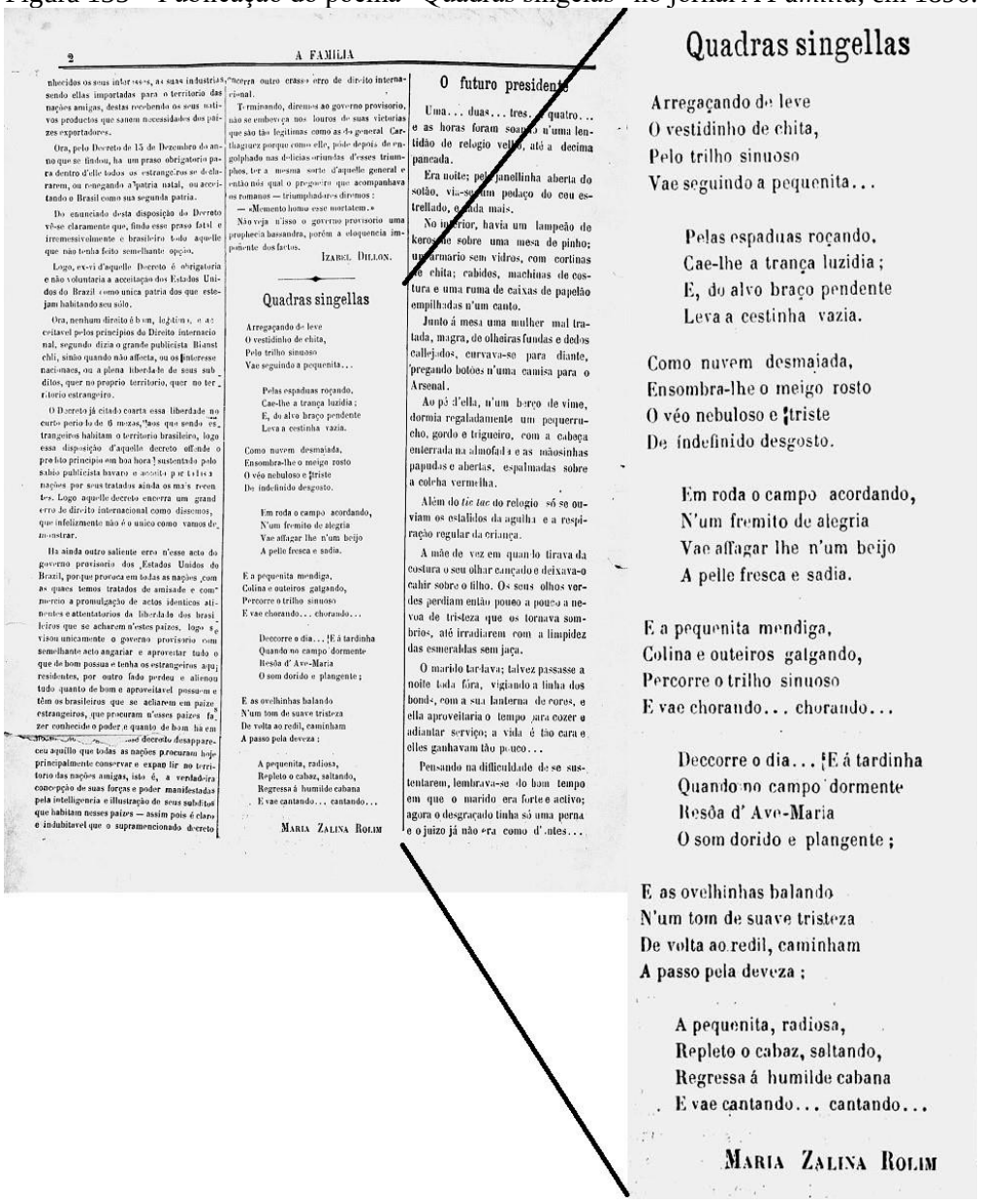
Decorre o dia... E à tardinha
Quando no campo dormente
Ressoa d'Ave-Maria
O som dorido e plangente;

E as ovelhinhas balando
Num tom de suave tristeza
De volta ao redil, caminham
A passo pela devesa;

A pequenita, radiosa,
Repleto o cabaz, saltando,
Regressa à humilde cabana
E vai cantando... cantando...
(*A Família*, 16 jan. 1890)

A composição descrevia o trajeto de uma menina pobre a mendigar em um cenário rural. Ela seguia sozinha e carregava uma cesta, lembrando o conto de tradição popular "Chapeuzinho vermelho", o que poderia direcionar os versos à leitura de mães para os seus filhos. Embora em trajes simples, a infanta demonstrava uma aparência bem cuidada e sadia. Com o decorrer do dia, sua tristeza, que destoava do ambiente feliz do campo, ia se transformando em contentamento porque conseguira trazer auxílio para o seu humilde lar. Tratava-se de um escrito pautado em idealização, visto que Rolim pertencia a elite e nunca passara por necessidades financeiras.

Figura 135 – Publicação do poema “Quadras singelas” no jornal *A Família,* em 1890.



2 A FAMILIA

nhecidos os seus inherentes, as suas industrias, sendo ellas importadas para o territorio das nações amigas, destas recebendo os seus nativos productos que sanem necessidades dos paizes exportadores.

Ora, pelo Decreto de 15 de Dezembro do anno que se findou, ha um praso obrigatorio para dentro d'elle todos os estrangeiros se declararem, ou renegando a patria natal, ou acceitando o Brasil como sua segunda patria.

Do enunciado desta disposição do Decreto vê-se claramente que, finda esse praso fatal e irremessivelmente e brasileiro todo aquelle que não tenha feito semelhante opção.

Logo, ex-vi d'aquelle Decreto é obrigatoria e não voluntaria a acceitação dos Estados Unidos do Brazil como unica patria dos que estejam habitando seu sólo.

Ora, nenhum direito é bom, legitimo, e acceitavel pelos principios do Direito internacional, segundo dizia o grande publicista Bianstchli, sinão quando não affecta, ou os interesse nacionaes, ou a plena liberdade de seus subditos, quer no proprio territorio, quer no territorio estrangeiro.

O Decreto já citado coarta essa liberdade no curto periodo de 6 mezes, aos que sendo estrangeiros habitam o territorio brasileiro, logo essa disposição d'aquelle decreto offende o preceito principio em boa hora! sustentado pelo sabio publicista bavaro e acceita por todas as nações por seus tratados ainda os mais recentes. Logo aquelle decreto encerra um grand erro de direito internacional como dissemos, que infelizmente não é o unico como vamos demonstrar.

Ha ainda outro saliente erro n'esse acto do governo provisorio dos Estados Unidos do Brazil, porque provoca em todas as nações com as quaes temos tratados de amisade e commercio a promulgação de actos identicos attentatorios da liberdade dos brasileiros que se acharem n'estes paizes, logo se visou unicamente o governo provisorio com semelhante acto angariar e aproveitar tudo o que de bom possua e tenha os estrangeiros aqui residentes, por outro lado perdeu e alienou tudo quanto de bom e aproveitavel possuem e têm os brasileiros que se acharem em paizes estrangeiros, que procuram n'esses paizes fazer conhecido o poder e quanto de bom ha em [illegible] decreto desappareceu aquillo que todas as nações procuram hoje principalmente conservar e expandir no territorio das nações amigas, isto é, a verdadeira concepção de suas forças e poder manifestadas pela intelligencia e illustração de seus subditos que habitam nesses paizes — assim pois é claro e indubitavel que o supramencionado decreto

encerra outro crasso erro de direito internacional.

Terminando, diremos ao governo provisorio, não se embeveça nos louros de suas victorias que são tão legitimas como as do general Cartiaguez porque como elle, póde depois de engolphado nas delicias oriundas d'esses triumphos, ter a mesma sorte d'aquelle general e então nós qual o prégoeiro que acompanhava os romanos — triumphadores diremos:

— «Memento homo esse mortalem.»

Não vejo n'isso o governo provisorio uma prophecia bassandra, porém a eloquencia imponente dos factos.

IZABEL DILLON.

Quadras singellas

Arregaçando de leve
O vestidinho de chita,
Pelo trilho sinuoso
Vae seguindo a pequenita...

Pelas espaduas roçando,
Cae-lhe a trança luzidia;
E, do alvo braço pendente
Leva a cestinha vazia.

Como nuvem desmaiada,
Ensombra-lhe o meigo rosto
O véo nebuloso e triste
De indefinido desgosto.

Em roda o campo acordando,
N'um fremito de alegria
Vae affagar lhe n'um beijo
A pelle fresca e sadia.

E a pequenita mendiga,
Colina e outeiros galgando,
Percorre o trilho sinuoso
E vae chorando... chorando...

Deccorre o dia... E á tardinha
Quando no campo dormente
Resôa d' Ave-Maria
O som dorido e plangente;

E as ovelhinhas balando
N'um tom de suave tristeza
De volta ao redil, caminham
A passo pela deveza;

A pequenita, radiosa,
Repleto o cabaz, saltando,
Regressa á humilde cabana
E vae cantando... cantando...

MARIA ZALINA ROLIM

O futuro presidente

Uma... duas... tres... quatro... e as horas foram soando n'uma lentidão de relogio velho, até a decima pancada.

Era noite; pela janellinha aberta do sotão, via-se um pedaço do ceu estrellado, e nada mais.

No interior, havia um lampeão de kerozene sobre uma mesa de pinho; um armario sem vidros, com cortinas de chita; cabides, machinas de costura e uma ruma de caixas de papelão empilhadas n'um canto.

Junto á mesa uma mulher mal tratada, magra, de olheiras fundas e dedos callejados, curvava-se para diante, pregando botões n'uma camisa para o Arsenal.

Ao pé d'ella, n'um berço de vime, dormia regaladamente um pequerrucho, gordo e trigueiro, com a cabeça enterrada na almofada e as mãosinhas papudas e abertas, espalmadas sobre a colcha vermelha.

Além do *tic tac* do relogio só se ouviam os estalidos da agulha e a respiração regular da criança.

A mãe de vez em quando tirava da costura o seu olhar cançado e deixava-o cahir sobre o filho. Os seus olhos verdes perdiam então pouco a pouco a nevoa de tristeza que os tornava sombrios, até irradiarem com a limpidez das esmeraldas sem jaça.

O marido tardava; talvez passasse a noite toda fóra, vigiando a linha dos bonds, com a sua lanterna de cores, e ella aproveitaria o tempo para cozer e adiantar serviço; a vida é tão cara e elles ganhavam tão pouco...

Pensando na difficuldade de se sustentarem, lembrava-se do bom tempo em que o marido era forte e activo; agora o desgraçado tinha só uma perna e o juizo já não era como d'antes...

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

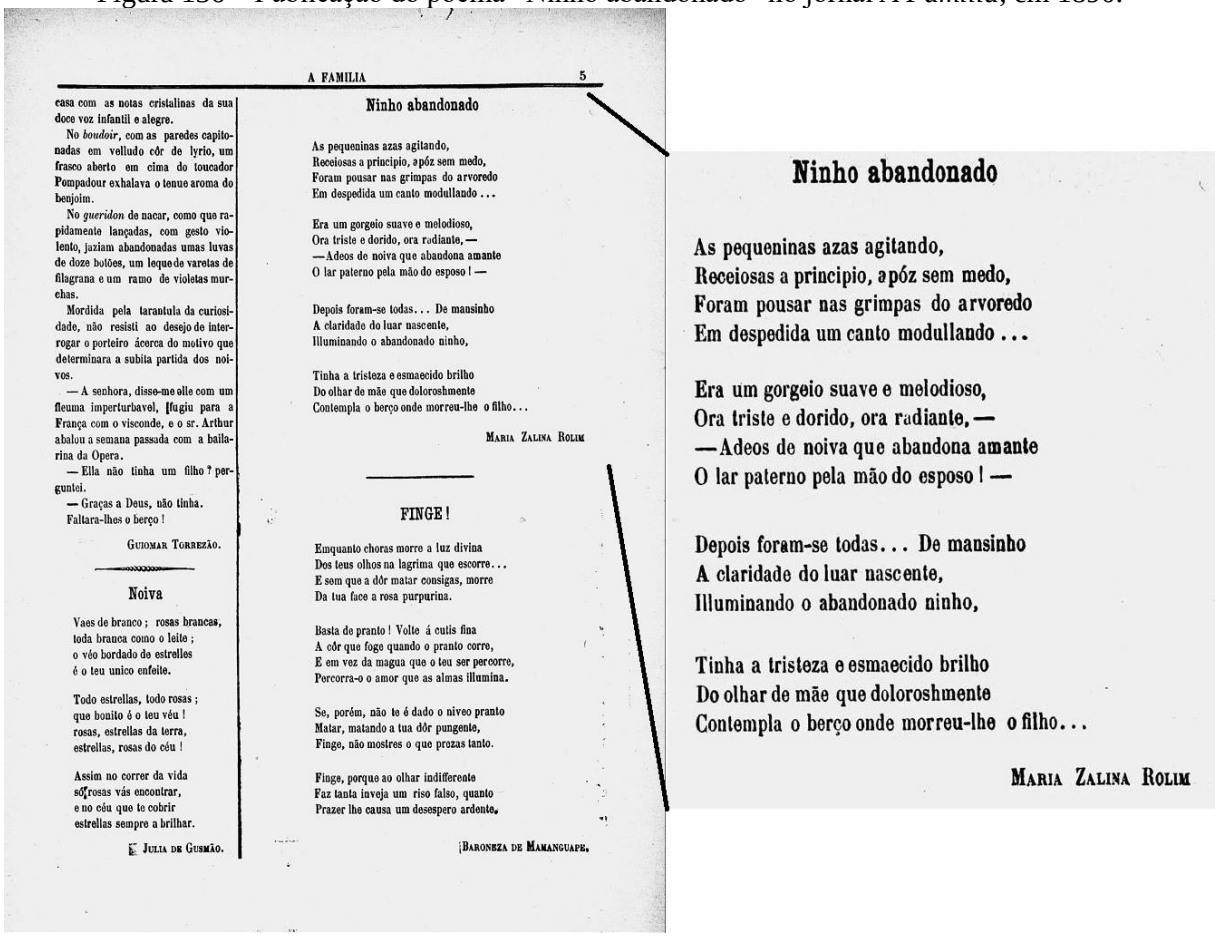
A autora mais uma vez tentava representar a infância ligada à virtuosidade, com a menina pedinte empenhando-se em ajudar a família mesmo diante de tanto sofrimento. Sua resiliência, uma lição a ser ensinada, era recompensada com a ajuda que conseguia trazer para casa: uma cesta cheia que trazia enorme alegria, visto que, no lugar de “chorando”, ela voltava de sua missão “saltando” e “cantando”. Com isso, Rolim tentava imprimir uma visão positiva acerca do trabalho infantil, um olhar idealizado que não se relacionava à real necessidade de labuta das crianças pobres.

Em 23 de janeiro de 1890, o jornal *A Família* reproduziu o poema "Coração de pai", já publicado n'*A Província do Espírito Santo*. Já em 27 de fevereiro de 1890, saia na página seis o soneto "Ninho abandonado", mais uma contribuição inédita para o semanário.

> *Ninho abandonado*
>
> *As pequeninas asas agitando,*
> *Receosas a princípio, após sem medo,*
> *Foram pousar nas grimpas do arvoredo*
> *Em despedida um canto modulando...*
>
> Era um gorjeio suave e melodioso,
> Ora triste e dorido, ora radiante,
> – Adeus de noiva que abandona amante
> *O lar paterno pela mão do esposo!*
>
> Depois foram-se todas... De mansinho
> A claridade do luar nascente,
> Iluminando o abandonado ninho,
>
> Tinha a tristeza e esmaecido brilho
> Do olhar de mãe que dolorosamente
> Contempla o berço onde morreu-lhe o filho...
> (*A Família*, 27 fev. 1890, grifos nossos)

A composição tinha como foco a despedida, simbolizada em um ninho a ser deixado pelos pássaros que antes o ocupavam. Outras metáforas são utilizadas pela autora para expressar tal tema: uma noiva a deixar a casa do pai e o olhar de uma mãe para o berço onde o filho falecera. As duas primeiras imagens mostravam o limiar entre a felicidade e a tristeza na partida, possivelmente mostrando que a despedida poderia trazer a saudade, mas também a alegria de um recomeço: as aves visitam pela última vez o ninho que vão abandonar e entoam um canto "Ora triste e dorido, ora radiante" e a noiva, mesmo apaixonada, seria levada pelo esposo do lar que a acolhia. Já a terceira alegoria se relacionava mais ao sentimento de melancolia, em uma representação pessimista aliada à não superação de uma perda. No fim, ficava claro que Rolim relacionava "Ninho abandonado" a diferentes etapas da vida de uma mulher que, em sua representação, sempre envolveria partidas e restauros.

Figura 136 – Publicação do poema “Ninho abandonado” no jornal *A Família*, em 1890.



A FAMILIA 5

casa com as notas cristalinas da sua doce voz infantil e alegre.

No *boudoir*, com as paredes capitonadas em velludo côr de lyrio, um frasco aberto em cima do toucador Pompadour exhalava o tenue aroma do benjoim.

No *queridon* de nacar, como que rapidamente lançadas, com gesto violento, jaziam abandonadas umas luvas de doze botões, um leque de varetas de filagrana e um ramo de violetas murchas.

Mordida pela tarantula da curiosidade, não resisti ao desejo de interrogar o porteiro ácerca do motivo que determinara a subita partida dos noivos.

— A senhora, disse-me elle com um fleuma imperturbavel, fugiu para a França com o visconde, e o sr. Arthur abalou a semana passada com a bailarina da Opera.

— Ella não tinha um filho ? perguntei.

— Graças a Deus, não tinha. Faltara-lhes o berço !

GUIOMAR TORREZÃO.

Noiva

Vaes de branco ; rosas brancas,
toda branca como o leite ;
o véo bordado de estrellas
é o teu unico enfeite.

Todo estrellas, todo rosas ;
que bonito é o teu véu !
rosas, estrellas da terra,
estrellas, rosas do céu !

Assim no correr da vida
só rosas vás encontrar,
e no céu que te cobrir
estrellas sempre a brilhar.

JULIA DE GUSMÃO.

Ninho abandonado

As pequeninas azas agitando,
Receiosas a principio, apóz sem medo,
Foram pousar nas grimpas do arvoredo
Em despedida um canto modullando ...

Era um gorgeio suave e melodioso,
Ora triste e dorido, ora radiante, —
—Adeos de noiva que abandona amante
O lar paterno pela mão do esposo ! —

Depois foram-se todas... De mansinho
A claridade do luar nascente,
Illuminando o abandonado ninho,

Tinha a tristeza e esmaecido brilho
Do olhar de mãe que doloroshmente
Contempla o berço onde morreu-lhe o filho...

MARIA ZALINA ROLIM

FINGE!

Emquanto choras morre a luz divina
Dos teus olhos na lagrima que escorre...
E sem que a dôr matar consigas, morre
Da tua face a rosa purpurina.

Basta de pranto ! Volte á cutis fina
A côr que foge quando o pranto corre,
E em vez da magua que o teu ser percorre,
Percorra-o o amor que as almas illumina.

Se, porém, não te é dado o niveo pranto
Matar, matando a tua dôr pungente,
Finge, não mostres o que prozas tanto.

Finge, porque ao olhar indifferente
Faz tanta inveja um riso falso, quanto
Prazer lhe causa um desespero ardente.

BARONEZA DE MAMANGUAPE.

Ninho abandonado

As pequeninas azas agitando,
Receiosas a principio, apóz sem medo,
Foram pousar nas grimpas do arvoredo
Em despedida um canto modullando ...

Era um gorgeio suave e melodioso,
Ora triste e dorido, ora radiante, —
—Adeos de noiva que abandona amante
O lar paterno pela mão do esposo ! —

Depois foram-se todas... De mansinho
A claridade do luar nascente,
Illuminando o abandonado ninho,

Tinha a tristeza e esmaecido brilho
Do olhar de mãe que doloroshmente
Contempla o berço onde morreu-lhe o filho...

MARIA ZALINA ROLIM

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

O soneto em questão integrou o livro *O coração* (1893) também trazendo modificações em relação à sua primeira publicação em periódico. A autora alterou toda a primeira estrofe, ressaltando o temor dos pássaros na derradeira visita ao ninho, deixando mais evidente o lado triste da despedida e o vazio que sobraria àquele espaço. No lugar dos versos “As pequeninas asas agitando, / Receosas a princípio, após sem medo, / Foram pousar nas grimpas do arvoredo / Em despedida um canto modulando...”, ela inseriu os versos “As pequeninas asas, num medroso / Arfar de susto abrindo, além, distante / Foram pousar; o último adeus, vibrante, / Cantando ao velho ninho silencioso” (ROLIM, 1893, p. 121). O novo início também trazia a informação de que as aves vinham de um lugar mais afastado, deixando inferir a sua grande vontade de voltar ao antigo ninho para se despedir.

Outra expressiva mudança na versão em livro se dá no último verso da segunda estrofe, com a troca de “O lar paterno pela mão do esposo!” por “O lar onde fruiu da infância o gozo.”, com a escritora suprimindo as duas figuras masculinas que dominariam a sua despedida do primeiro lar, preferindo reforçar o apreço da noiva por esse lugar, em que fora tão feliz no passado. Tal alteração elevava a figura da mulher no poema, evidenciando que a saída da

primeira habitação também poderia ser uma decisão da mulher, ocasionando um momento de despedida sem interferência de qualquer homem. Tal casa em que se viveu a infância também poderia ser associada a outras localidades que não a de posse paterna. Essa modificação, em especial, poderia ter sido provocada pelo teor emancipatório de outros escritos publicados em *A Família*, com o suporte talvez influindo no entendimento da autora sobre o ser feminino na sociedade de então. A mudança de um destinatário feminino do jornal em questão para um destinatário geral do livro, nesse caso, mostrava-se mais evidente nas transformações dos versos, com a autora tentando modificar a representação das mulheres que eles veiculavam.

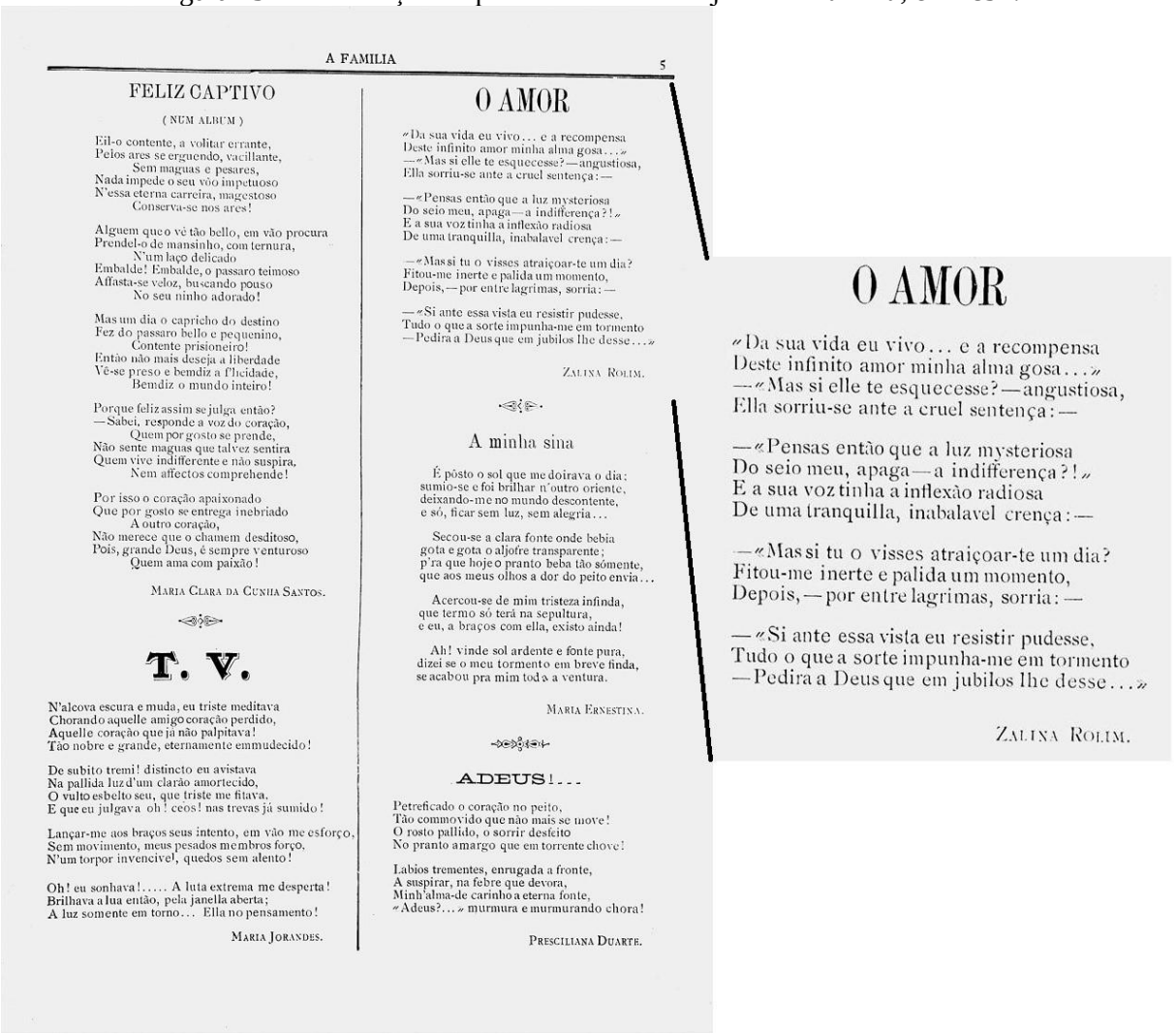
O jornal voltou a publicar a produção de Zalina Rolim em 24 de maio de 1890, com a reprodução do poema "Voilá la mère", antes publicado no *Correio Paulistano*. No exemplar de 30 de outubro de 1890, saiam os versos de "Gozo pungente", lançados anteriormente em *Novidades*. Já a composição "Imutável", divulgada previamente no *Correio Paulistano*, integrou a folha em 25 de abril de 1891. Outra colaboração inédita só viria em 19 de setembro de 1891, com o soneto "O amor" aparecendo na página 5 do referido semanário.

> O AMOR
>
> "Da sua vida eu vivo... e a recompensa
> Deste infinito amor minha alma goza..."
> – "Mas se ele te esquecesse? – angustiosa,
> Ela sorriu-se ante a cruel sentença: -
>
> – "Pensas então que a luz misteriosa
> Do seio meu, apaga – a indiferença?!"
> E a sua voz tinha a inflexão radiosa
> De uma tranquila, inabalável crença: -
>
> – "Mas se tu o visses atraiçoar-te um dia?
> Fitou-me inerte e pálida um momento,
> Depois, – por entre lágrimas, sorria: -
>
> – "Se ante essa vista eu resistir pudesse,
> Tudo o que a sorte impunha-me em tormento
> – Pedira a Deus que em júbilos lhe desse...
> (*A Família*, 19 set. 1891)

O poema evocava a representação de um amor resiliente e abnegado por meio da descrição de um diálogo entre dois interlocutores, sendo um deles identificado com o gênero feminino. Tal voz poética respondia a perguntas a respeito do que sentiria caso o amado a esquecesse ou a traísse, com ela apontando que seu afeto resistiria à indiferença e à infidelidade.

Ao final, ela inclusive deixava entrever desejar-lhe sorte caso ele decidisse seguir ao lado de outra pessoa.

Figura 137 – Publicação do poema “O amor” no jornal *A Família,* em 1891.



A FAMILIA 5

FELIZ CAPTIVO

(NUM ALBUM)

Eil-o contente, a volitar errante,
Pelos ares se erguendo, vacillante,
Sem maguas e pesares,
Nada impede o seu vôo impetuoso
N'essa eterna carreira, magestoso
Conserva-se nos ares!

Alguem que o vê tão bello, em vão procura
Prendel-o de mansinho, com ternura,
N'um laço delicado
Embalde! Embalde, o passaro teimoso
Affasta-se veloz, buscando pouso
No seu ninho adorado!

Mas um dia o capricho do destino
Fez do passaro bello e pequenino,
Contente prisioneiro!
Então não mais deseja a liberdade
Vê-se preso e bemdiz a f'licidade,
Bemdiz o mundo inteiro!

Porque feliz assim se julga então?
—Sabei, responde a voz do coração,
Quem por gosto se prende,
Não sente maguas que talvez sentira
Quem vive indifferente e não suspira,
Nem affectos comprehende!

Por isso o coração apaixonado
Que por gosto se entrega inebriado
A outro coração,
Não merece que o chamem desditoso,
Pois, grande Deus, é sempre venturoso
Quem ama com paixão!

MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS.

T. V.

N'alcova escura e muda, eu triste meditava
Chorando aquelle amigo coração perdido,
Aquelle coração que já não palpitava!
Tão nobre e grande, eternamente emmudecido!

De subito tremi! distincto eu avistava
Na pallida luz d'um clarão amortecido,
O vulto esbelto seu, que triste me fitava,
E que eu julgava oh! ceos! nas trevas já sumido!

Lançar-me aos braços seus intento, em vão me esforço,
Sem movimento, meus pesados membros forço,
N'um torpor invencivel, quedos sem alento!

Oh! eu sonhava!..... A luta extrema me desperta!
Brilhava a lua então, pela janella aberta;
A luz somente em torno... Ella no pensamento!

MARIA JORANDES.

O AMOR

«Da sua vida eu vivo... e a recompensa
Deste infinito amor minha alma gosa...»
—«Mas si elle te esquecesse?—angustiosa,
Ella sorriu-se ante a cruel sentença:—

—«Pensas então que a luz mysteriosa
Do seio meu, apaga—a indifferença?!»
E a sua voz tinha a inflexão radiosa
De uma tranquilla, inabalavel crença:—

—«Mas si tu o visses atraiçoar-te um dia?
Fitou-me inerte e palida um momento,
Depois,—por entre lagrimas, sorria:—

—«Si ante essa vista eu resistir pudesse,
Tudo o que a sorte impunha-me em tormento
—Pedira a Deus que em jubilos lhe desse...»

ZALINA ROLIM.

A minha sina

É pósto o sol que me doirava o dia;
sumio-se e foi brilhar n'outro oriente,
deixando-me no mundo descontente,
e só, ficar sem luz, sem alegria...

Secou-se a clara fonte onde bebia
gota e gota o aljofre transparente;
p'ra que hoje o pranto beba tão sómente,
que aos meus olhos a dor do peito envia...

Acercou-se de mim tristeza infinda,
que termo só terá na sepultura,
e eu, a braços com ella, existo ainda!

Ah! vinde sol ardente e fonte pura,
dizei se o meu tormento em breve finda,
se acabou pra mim toda a ventura.

MARIA ERNESTINA.

ADEUS!...

Petreficado o coração no peito,
Tão commovido que não mais se move!
O rosto pallido, o sorrir desfeito
No pranto amargo que em torrente chove!

Labios trementes, enrugada a fronte,
A suspirar, na febre que devora,
Minh'alma-de carinho a eterna fonte,
«Adeus?...» murmura e murmurando chora!

PRESCILIANA DUARTE.

O AMOR

«Da sua vida eu vivo... e a recompensa
Deste infinito amor minha alma gosa...»
—«Mas si elle te esquecesse?—angustiosa,
Ella sorriu-se ante a cruel sentença:—

—«Pensas então que a luz mysteriosa
Do seio meu, apaga—a indifferença?!»
E a sua voz tinha a inflexão radiosa
De uma tranquilla, inabalavel crença:—

—«Mas si tu o visses atraiçoar-te um dia?
Fitou-me inerte e palida um momento,
Depois,—por entre lagrimas, sorria:—

—«Si ante essa vista eu resistir pudesse,
Tudo o que a sorte impunha-me em tormento
—Pedira a Deus que em jubilos lhe desse...»

ZALINA ROLIM.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

O amor inabalável da figura feminina, retratado em idealização, informava sobre uma total dedicação ao ser amado, com ela “vivendo de sua vida” e dependendo apenas da sua presença para obter felicidade. A imagem da mulher que não ligava para o desprendimento de quem ela mantinha afeto, bem como para a sua deslealdade compunha um amor idealizado e virtuoso ligado ao pendor romântico da época, assim como parecia reduzir as vontades e a mentalidade das mulheres nos relacionamentos amorosos. Para elas, o amor, ainda que trouxesse alguma alegria, era associado ao sofrimento e ao sacrifício. A composição em questão acabou integrando o livro *O coração* (1893), com o título simplesmente de “Coração”.

Em 23 de novembro de 1891, Rolim retornou ao jornal com sua última colaboração inédita. Tratava-se de “Conselhos...”, composição que trazia certa visão pessimista em relação ao amor, lançada na página cinco.

CONSELHOS...

“Deixa-o que expire no teu seio; apaga
Do livro de ouro onde a tua alma escreve,
Esse nome, essa imagem... e que a vaga
Do esquecimento em seu lugar se eleve.

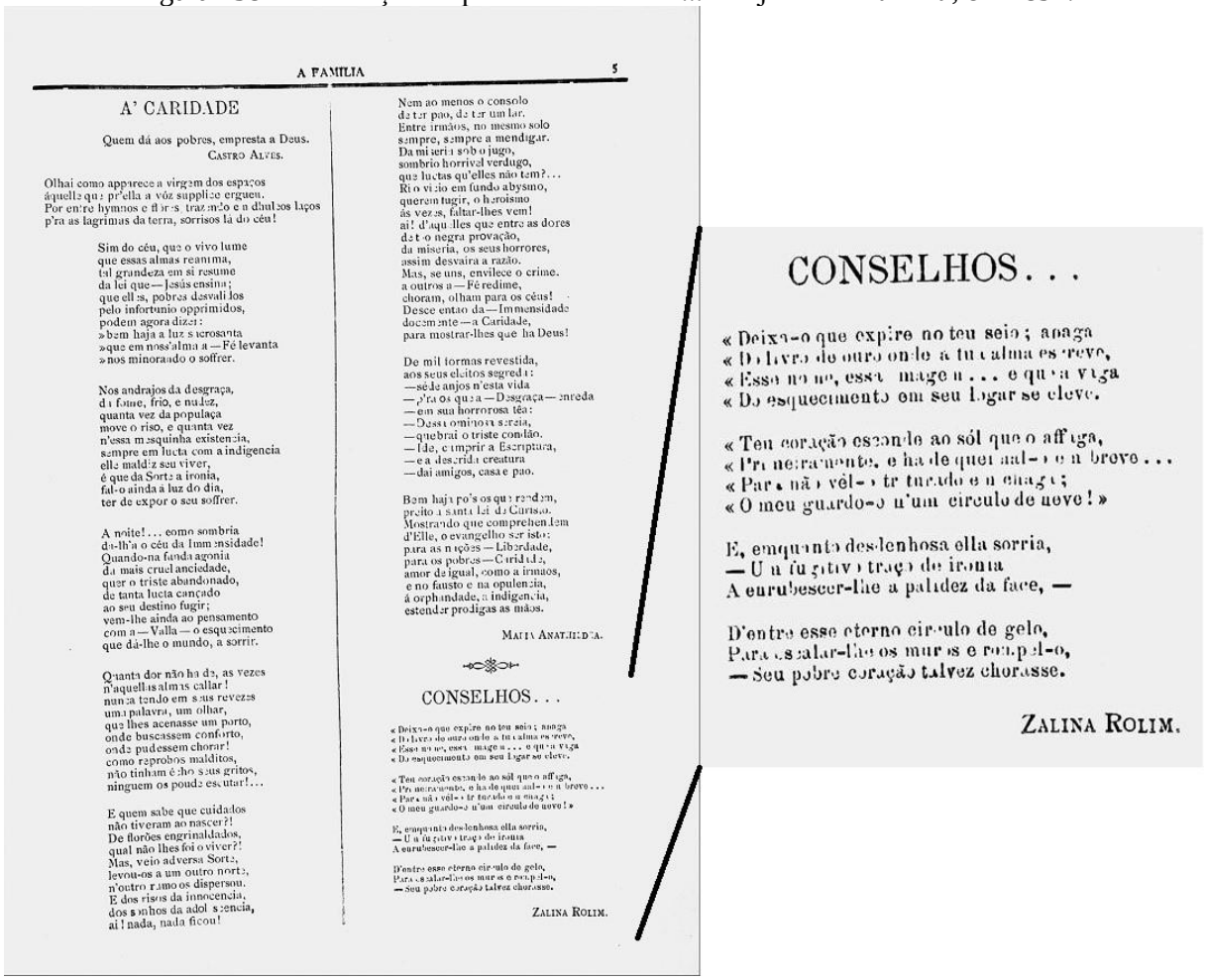
“Teu coração esconde ao sol que o afaga,
Primeiramente, e há de queimá-lo em breve...
Para não vê-lo triturado em chaga;
O meu guardo-o num círculo de neve!”

E, enquanto desdenhosa ela sorria,
– Um fugitivo traço de ironia
A enrubescer-lhe a palidez da face, -

Dentre esse eterno círculo de gelo,
Para escalar-lhe os muros e rompê-lo
– Seu pobre coração talvez chorasse.
(*A Família*, 23 nov. 1891)

A escritora aqui traçava uma representação menos idealizada do amor, mas ainda ligando-o à dor e à tristeza. As mulheres deveriam proteger-se de tal sentimento, que seria imprevisível e traiçoeiro, sendo preferível esquecer o ser amado e abrigar-se em amargura, ainda que isso não trouxesse felicidade. Todavia, a figura da interlocutora apresentava um contraponto, mostrando-se altiva e contra tais posicionamentos, talvez porque acreditasse que não se podia controlar o coração ou as emoções. Essa construção poética evidenciava uma reflexão complexa da autora, amadurecendo o lugar comum da época acerca do tema.

Figura 138 – Publicação do poema “Conselhos...” no jornal *A Família*, em 1891.



A FAMILIA 5

A' CARIDADE

Quem dá aos pobres, empresta a Deus.
CASTRO ALVES.

Olhai como apparece a virgem dos espaços
Aquella que pr'ella a vóz supplice ergueu.
Por entre hymnos e flores trazendo em dulcissos laços
P'ra as lagrimas da terra, sorrisos lá do céu!

Sim do céu, que o vivo lume
que essas almas reanima,
tal grandeza em si resume
da lei que—Jesús ensina;
que ellas, pobres desvalidos
pelo infortunio opprimidos,
podem agora dizer:
»bem haja a luz sacrosanta
»que em nossa alma a—Fé levanta
»nos minorando o soffrer.

Nos andrajos da desgraça,
da fome, frio, e nudez,
quanta vez da populaça
move o riso, e quanta vez
n'essa miseravel existencia,
sempre em lucta com a indigencia
ella maldiz seu viver,
é que da Sorte a ironia,
fal-o ainda á luz do dia,
ter de expor o seu soffrer.

A noite!... como sombria
desolha o céu da Immensidade!
Quando-na funda agonia
da mais cruel anciedade,
quer o triste abandonado,
de tanta lucta cançado
ao seu destino fugir;
vem-lhe ainda ao pensamento
com a—Valla—o esquecimento
que dá-lhe o mundo, a sorrir.

Quanta dor não ha de, as vezes
n'aquellas almas callar!
nunca tendo em seus revezes
uma palavra, um olhar,
que lhes acenasse um porto,
onde buscassem conforto,
onde pudessem chorar!
como reprobos malditos,
não tinham écho seus gritos,
ninguem os poude escutar!...

E quem sabe que cuidados
não tiveram ao nascer?!
De florões engrinaldados,
qual não lhes foi o viver?!
Mas, veio adversa Sorte,
levou-os a um outro norte,
n'outro ramo os dispersou.
E dos risos da innocencia,
dos sonhos da adolescencia,
ai! nada, nada ficou!

Nem ao menos o consolo
de ter pão, de ter um lar.
Entre irmãos, no mesmo solo
sempre, sempre a mendigar.
Da miseria sob o jugo,
sombrio horrivel verdugo,
que luctas qu'elles não tem?...
Rio vicio em fundo abysmo,
querem fugir, o heroismo
ás vezes, faltar-lhes vem!
ai! d'aquelles que entre as dores
de tudo negra provação,
da miseria, os seus horrores,
assim desvaira a razão.
Mas, se uns, envilece o crime.
a outros a—Fé redime,
choram, olham para os céus!
Desce então da—Immensidade
docemente—a Caridade,
para mostrar-lhes que ha Deus!

De mil formas revestida,
aos seus eleitos segreda:
—séde anjos n'esta vida
—p'ra os que soffre—Desgraça—enreda
—em sua horrorosa têa:
—Dessa ominosa sarzia,
—quebrai o triste cordão.
—Ide, cumprir a Escriptura,
—e a descrida creatura
—dai amigos, casa e pão.

Bem haja pois os que rendem,
preito á santa Lei do Christo.
Mostrando que comprehendem
d'Elle, o evangelho ser isto:
para as nações—Liberdade,
para os pobres—Caridade,
amor de igual, como a irmãos,
e no fausto e na opulencia,
á orphandade, a indigencia,
estender prodigas as mãos.

MARIA ANATHILDE'A.

CONSELHOS...

« Deixa-o que expire no teu seio; apaga
« Do livro de ouro onde a tua alma escreve,
« Esse nome, essa imagem... e que a vaga
« Do esquecimento em seu logar se eleve.

« Teu coração esconde ao sól que o affliga,
« Pr'ineiramente, e ha de quem mal-o e n'breve...
« Para não vêl-o trucidado e n'magoa;
« O meu guardo-o n'um circulo de neve! »

E, emquanto desdenhosa ella sorria,
— Um fugitivo traço de ironia
A eurubescer-lhe a palidez da face, —

D'entre esse eterno circulo de gelo,
Para escalar-lhe os muros e rompel-o,
— Seu pobre coração talvez chorasse.

ZALINA ROLIM.

CONSELHOS...

« Deixa-o que expire no teu seio; apaga
« Do livro de ouro onde a tua alma escreve,
« Esse nome, essa imagem... e que a vaga
« Do esquecimento em seu logar se eleve.

« Teu coração esconde ao sól que o affliga,
« Pr'ineiramente, e ha de quem mal-o e n'breve...
« Para não vêl-o trucidado e n'magoa;
« O meu guardo-o n'um circulo de neve! »

E, emquanto desdenhosa ella sorria,
— Um fugitivo traço de ironia
A eurubescer-lhe a palidez da face, —

D'entre esse eterno circulo de gelo,
Para escalar-lhe os muros e rompel-o,
— Seu pobre coração talvez chorasse.

ZALINA ROLIM.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Após tal publicação, Zalina Rolim continuou aparecendo no jornal *A Família*, mas apenas em reprodução de escritos já publicados anteriormente, interrompendo a colaboração efetiva e inédita muito provavelmente devido à crescente participação da autora em outros veículos impressos. Em 5 de novembro de 1891, o jornal relançava o poema “Gozo pungente”, enquanto “Confissão” saiu mais uma vez no exemplar de 19 de dezembro de 1891 e “O amor” foi outra vez divulgado na folha de 30 de janeiro de 1892. O último registro da autora no periódico se deu em 25 de março de 1893, com a reprodução do poema “Campestre”, já veiculado no *Correio Paulistano*.

4.3 *A Mensageira* (1897-1900)

Dando continuidade ao nosso percurso de estudo, *A Mensageira* (1897-1900), importante “Revista literária dedicada à mulher brasileira”, também contou com a participação de Zalina Rolim. O periódico circulou no estado de São Paulo seguindo uma periodicidade

inicialmente quinzenal e depois mensal, tendo como diretora e proprietária a mineira Presciliana Duarte de Almeida, já mencionada anteriormente nesta tese.

Figura 139 – Frontispício da primeira edição da revista *A Mensageira* (15 de outubro de 1897).



São Paulo — 15 de Outubro de 1897 — Anno I, N. 1

A MENSAGEIRA

Revista literaria dedicada á mulher brazileira

Directora — **Presciliana Duarte de Almeida**

Esta revista garante a sua publicação durante um anno.
Publica-se nos dias 15 e 30 de cada mez.

Pagamento adiantado	Preço da assignatura, 12$000 por anno	Numero avulso Rs. 1$000

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

A revista apresentava uma média de vinte páginas divididas em duas colunas e numeradas sequencialmente, a fim de que os volumes formassem um compêndio a ser encadernado. Era vendida em exemplares avulsos, ao preço de mil réis, ou através de assinaturas anuais, no valor de doze mil réis, com "pagamento adiantado", como apresentado no frontispício. Segundo consta no expediente da edição de 15 de junho de 1898, a folha era distribuída em São Paulo, no Rio de Janeiro e em Paris, na França.

Sua redação recebia a colaboração de escritoras brasileiras renomadas na época, como Adelina Lopes Vieira, Áurea Pires, Maria Clara da Cunha Santos, Júlia Lopes de Almeida, Delminda Silveira (1854-1932), Auta de Souza e Ignez Sabino, além da portuguesa Guiomar Torrezão (1844-1898), várias delas também participantes do jornal *A Família*, apresentando produções exclusivas ou republicando escritos já publicados anteriormente em outros veículos. Ademais, o corpo editorial também era composto por alguns homens de letras, como Júlio César da Silva (1872-1936) e Manuel Viotti.

A Mensageira tinha um conteúdo diverso, abarcando a poesia, o conto, a crônica de viagem, o ensaio e a crítica literária, além de trazer uma seção que reproduzia comentários feitos por outros periódicos sobre o seu desempenho. Sua composição visual trazia pequenas vinhetas acompanhando os escritos, quase sempre relacionadas com o conteúdo verbal. A relevância desse periódico destacou-se no conjunto de outras publicações destinadas ao público feminino pelo teor emancipatório, evidente desde o editorial de abertura presente em sua primeira edição:

> Ao empreendermos esta publicação, sentimo-nos animadas da mais viva esperança, depositada no espírito progressivo e na benemerência de nossas compatriotas [...] Que a nossa revista seja como o centro para o qual convirja a inteligência de todas as brasileiras! Que as mais aptas, as de mérito incontestável nos prestem o concurso de suas luzes e enriqueçam as nossas páginas com as suas produções admiráveis e belas; que as que começam a manejar a pena, ensaiando o voo altivo, procurem aqui um ponto de apoio, sem o qual nenhum talento se manifesta [...] (*A Mensageira*, 1897, p. 1-2).

Intitulado "Duas palavras", o escrito assinado Presciliana Duarte informa os objetivos da publicação: iluminar a inteligência das leitoras para além dos simples conselhos de moda e comportamento, das receitas domésticas e das anedotas ressaltando uma condição de inferioridade. A redatora-chefe também ressaltava a proposta de incentivar aquelas que ensaiavam ou sonhavam com uma carreira nas letras. Certamente, apreciar a produção de outras mulheres, vozes de várias partes do país que já se faziam ilustres naquele tempo, muito influenciaria as aspirantes à arte da palavra, desenvolvendo o seu senso estético.

A Mensageira marcou o fortalecimento do movimento por uma maior autonomia social feminina nos últimos anos do século XIX, sobretudo através da defesa da instrução de mulheres, do fomento de seu saber. Tal posicionamento, assim como outros relacionados ao galgar das conquistas femininas, era defendido em artigos especiais dos colaboradores que, por vezes, reconheciam a necessidade de reconfigurar o seu discurso de acordo com as causas ali levantadas, assinalando suporte periódico como espaço de reflexão e polêmica (DUARTE, 2016).

Zalina Rolim contribuiu de forma relativamente regular com a revista e fora de seções específicas, porém não figurando em páginas iniciais. Isso se deu muito provavelmente pela organização do próprio periódico, que privilegiava artigos de Presciliana Duarte de Almeida na introdução, colocando os escritos de outras autoras no restante das edições sem clara hierarquia. A colaboração destacava a produção em verso da autora, ainda que também veiculasse a prosa, e começou já na edição inicial daquela folha, datada de 15 de outubro de 1897, com um poema sem título, identificado apenas como um excerto do seu *Livro da saudade*, que nunca chegou a ser editado.

> *(Do "Livro da Saudade")*
>
> Outrora, quando as penas me feriam,
> Na sua voz eu tinha alívio santo,
> Seus afagos dulcíssimos diziam:
> – "Filha, não quero nos teus olhos pranto!"

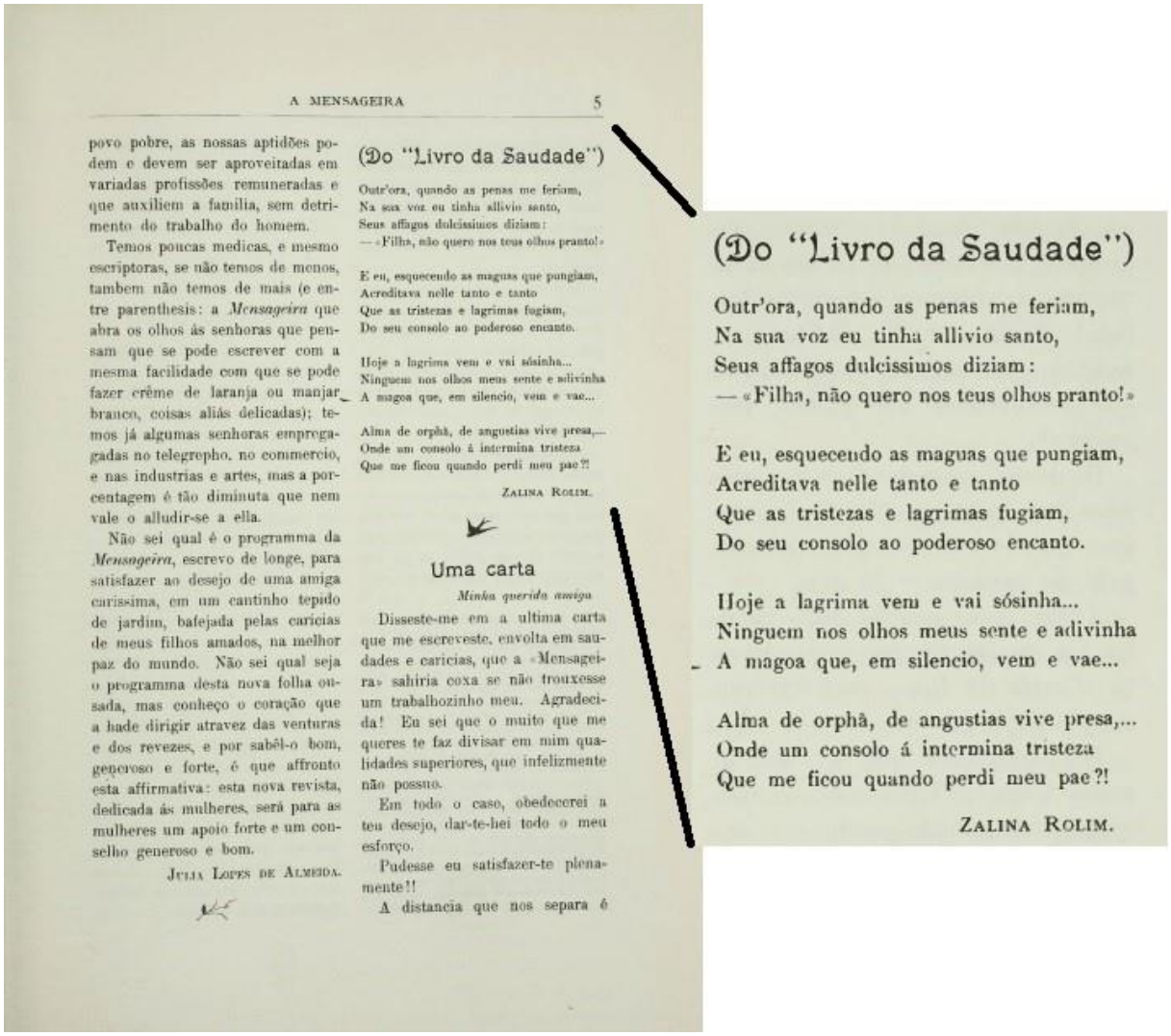
E eu, esquecendo as mágoas que pungiam,
Acreditava nele tanto e tanto
Que as tristezas e lágrimas fugiam,
Do seu consolo ao poderoso encanto.

Hoje a lágrima vem e vai sozinha...
Ninguém nos olhos meus sente e advinha
A mágoa que, em silêncio, vem e vai...

Alma de órfã, de angústias vive presa...
Onde um consolo à intérmina tristeza
Que me ficou quando perdi meu pai?!
(*A Mensageira*, 15 out. 1897)

O soneto revela um eu lírico feminino inconformado com a morte da figura paterna. A lembrança dos afagos do pai e da sua voz, que traziam "alívio santo" em momentos difíceis, permeia as duas primeiras estrofes. Em seguida, os versos são tomados pela angústia advinda da perda, com a dor dominando a existência da órfã que, em desespero, pergunta onde poderia encontrar consolo para tamanha tristeza.

Figura 140 – Publicação de poema sem título na revista *A Mensageira,* em 1897.



A MENSAGEIRA 5

povo pobre, as nossas aptidões podem e devem ser aproveitadas em variadas profissões remuneradas e que auxiliem a familia, sem detrimento do trabalho do homem.

Temos poucas medicas, e mesmo escriptoras, se não temos de menos, tambem não temos de mais (e entre parenthesis: a *Mensageira* que abra os olhos ás senhoras que pensam que se pode escrever com a mesma facilidade com que se pode fazer crême de laranja ou manjar branco, coisas aliás delicadas); temos já algumas senhoras empregadas no telegrapho, no commercio, e nas industrias e artes, mas a porcentagem é tão diminuta que nem vale o alludir-se a ella.

Não sei qual é o programma da *Mensageira*, escrevo de longe, para satisfazer ao desejo de uma amiga carissima, em um cantinho tepido de jardim, bafejada pelas caricias de meus filhos amados, na melhor paz do mundo. Não sei qual seja o programma desta nova folha ousada, mas conheço o coração que a hade dirigir atravez das venturas e dos revezes, e por sabêl-o bom, generoso e forte, é que affronto esta affirmativa: esta nova revista, dedicada ás mulheres, será para as mulheres um apoio forte e um conselho generoso e bom.

JULIA LOPES DE ALMEIDA.

(Do "Livro da Saudade")

Outr'ora, quando as penas me feriam,
Na sua voz eu tinha allivio santo,
Seus affagos dulcissimos diziam:
— «Filha, não quero nos teus olhos pranto!»

E eu, esquecendo as maguas que pungiam,
Acreditava nelle tanto e tanto
Que as tristezas e lagrimas fugiam,
Do seu consolo ao poderoso encanto.

Hoje a lagrima vem e vai sósinha...
Ninguem nos olhos meus sente e adivinha
A magoa que, em silencio, vem e vae...

Alma de orphã, de angustias vive presa,...
Onde um consolo á intermina tristeza
Que me ficou quando perdi meu pae?!

ZALINA ROLIM.

Uma carta

Minha querida amiga

Disseste-me em a ultima carta que me escreveste, envolta em saudades e caricias, que a «Mensageira» sahiria coxa se não trouxesse um trabalhozinho meu. Agradecida! Eu sei que o muito que me queres te faz divisar em mim qualidades superiores, que infelizmente não possuo.

Em todo o caso, obedecerei a teu desejo, dar-te-hei todo o meu esforço.

Pudesse eu satisfazer-te plenamente?!

A distancia que nos separa é

(Do "Livro da Saudade")

Outr'ora, quando as penas me feriam,
Na sua voz eu tinha allivio santo,
Seus affagos dulcissimos diziam:
— «Filha, não quero nos teus olhos pranto!»

E eu, esquecendo as maguas que pungiam,
Acreditava nelle tanto e tanto
Que as tristezas e lagrimas fugiam,
Do seu consolo ao poderoso encanto.

Hoje a lagrima vem e vai sósinha...
Ninguem nos olhos meus sente e adivinha
A magoa que, em silencio, vem e vae...

Alma de orphã, de angustias vive presa,...
Onde um consolo á intermina tristeza
Que me ficou quando perdi meu pae?!

ZALINA ROLIM.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Fazia-se claro, na composição, o trabalho de contraste entre a felicidade do passado (anunciado pela palavra "outrora", no primeiro verso da primeira estrofe) e a melancolia do presente (demarcado pela palavra "hoje" no primeiro verso da terceira estrofe), com a "saudade" do título do projeto em livro de Rolim servindo como chave de interpretação. A morte trouxe a ausência da pessoa querida e o afastamento das boas experiências já vividas, abrindo margem para o domínio da sensação de incompletude para a voz do poema. É interessante destacar o tom aparentemente confessional do poema em relação ao falecimento, no ano anterior, do pai da autora.

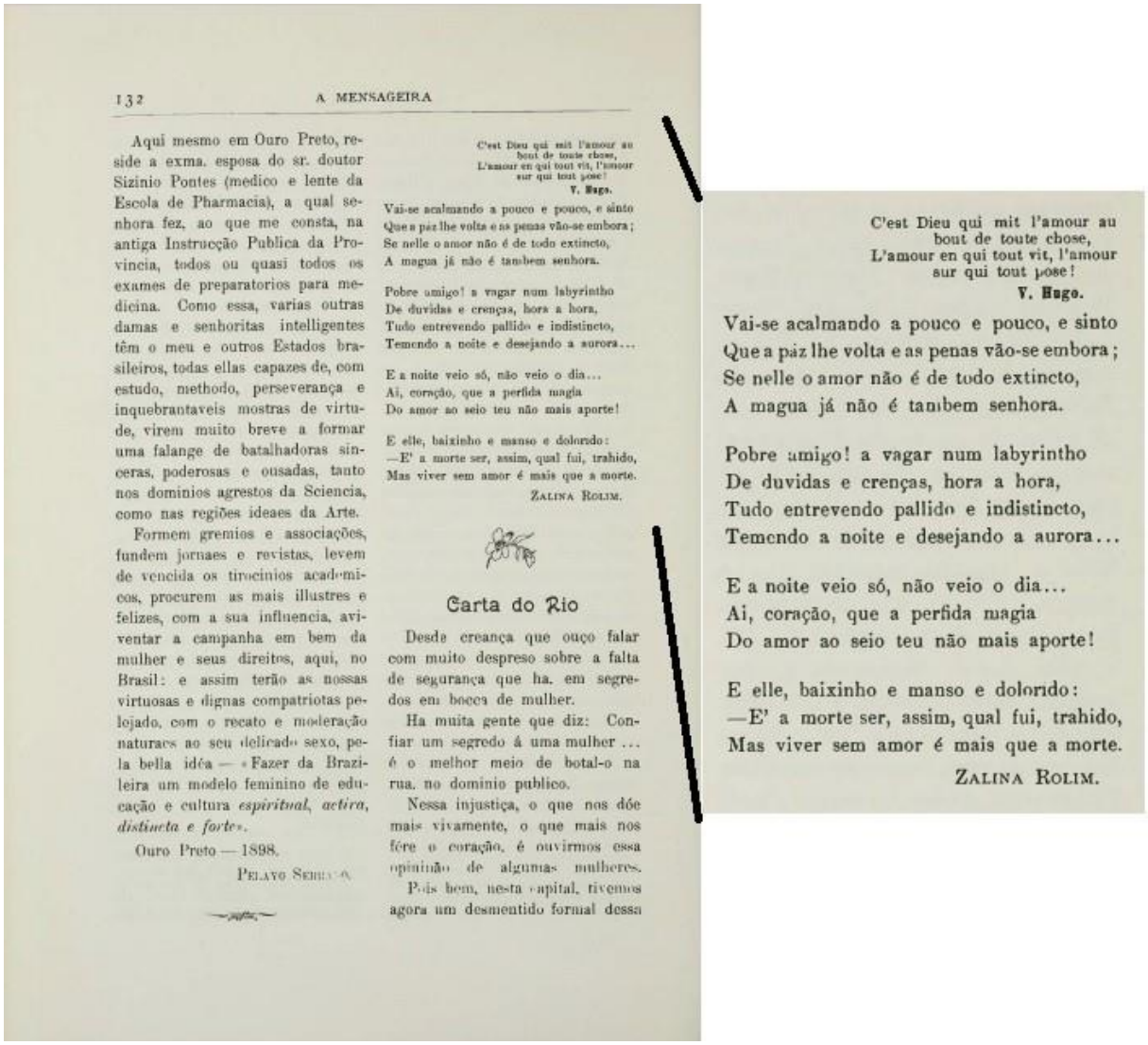
A relação de Zalina Rolim com as companheiras de redação de *A Mensageira* aparentava ser de grande amizade e confiança. A revista foi um dos poucos veículos impressos a receber composições inéditas da escritora que iriam ser incluídas na mencionada terceira coletânea em que, segundo Dantas (1983) e Piza (2008), ela reuniria uma produção mais íntima, inspirada na perda de entes queridos, mas cujo projeto nunca foi realmente efetivado. A autora voltou a

aparecer na revista na edição de 15 de fevereiro de 1898, com um soneto sem título que tratava da superação de uma traição amorosa.

> *C'est Dieu qui mit l'amour au bout de toute chose,*
> *L'amour em qui tout vit, l'amour sur qui tout pose!*
> (V. Hugo)
>
> Vai-se acalmando a pouco e pouco, e sinto
> Que a paz lhe volta e as penas vão-se embora;
> Se nele o amor não é de todo extinto,
> A mágoa já não é também senhora.
>
> Pobre amigo! A vagar num labirinto
> De dúvidas e crenças, hora a hora,
> Tudo entrevendo pálido e indistinto,
> Temendo a noite e desejando a aurora...
>
> E a noite veio só, não veio o dia...
> Ai, o coração, que a pérfida magia
> Do amor ao seio teu não mais aporte!
>
> E ele, baixinho e manso e dolorido:
> – É a morte ser, assim, qual fui, traído,
> Mas viver sem amor é mais que a morte.
> (*A Mensageira*, 15 fev. 1898)

O poema tinha como epígrafe dois versos de um poema sem título de Victor Hugo, identificado pelo número XXI no livro *Les Chants du crépuscule* (1835): "É Deus quem coloca o amor no final de tudo, / O amor em que tudo vive, o amor em que tudo repousa!", em tradução livre. Tal introdução evidenciava o caráter divino e onipresente atribuído ao sentimento amoroso. Nos versos, um eu lírico discorria sobre um "Pobre amigo" de quem o coração fora enganado. Em seu processo de livrar-se do domínio da mágoa, tal interlocutor aparentemente estaria conseguindo acalmar-se, deixando o amor retornar aos poucos ante a escuridão em que se encontrava.

Figura 141 – Publicação de poema sem título na revista *A Mensageira*, em 1898.



132 A MENSAGEIRA

Aqui mesmo em Ouro Preto, reside a exma. esposa do sr. doutor Sizinio Pontes (medico e lente da Escola de Pharmacia), a qual senhora fez, ao que me consta, na antiga Instrucção Publica da Provincia, todos ou quasi todos os exames de preparatorios para medicina. Como essa, varias outras damas e senhoritas intelligentes têm o meu e outros Estados brasileiros, todas ellas capazes de, com estudo, methodo, perseverança e inquebrantaveis mostras de virtude, virem muito breve a formar uma falange de batalhadoras sinceras, poderosas e ousadas, tanto nos dominios agrestos da Sciencia, como nas regiões ideaes da Arte.

Formem gremios e associações, fundem jornaes e revistas, levem de vencida os tirocinios academicos, procurem as mais illustres e felizes, com a sua influencia, aviventar a campanha em bem da mulher e seus direitos, aqui, no Brasil: e assim terão as nossas virtuosas e dignas compatriotas pelejado, com o recato e moleração naturaes ao seu delicado sexo, pela bella idéa — «Fazer da Brazileira um modelo feminino de educação e cultura *espiritual, activa, distincta e forte*».

Ouro Preto — 1898.

PELAYO SERIO.

C'est Dieu qui mit l'amour au bout de toute chose,
L'amour en qui tout vit, l'amour sur qui tout pose!
V. Hugo.

Vai-se acalmando a pouco e pouco, e sinto
Que a paz lhe volta e as penas vão-se embora;
Se nelle o amor não é de todo extincto,
A magua já não é tambem senhora.

Pobre amigo! a vagar num labyrintho
De duvidas e crenças, hora a hora,
Tudo entrevendo pallido e indistincto,
Temendo a noite e desejando a aurora...

E a noite veio só, não veio o dia...
Ai, coração, que a perfida magia
Do amor ao seio teu não mais aporte!

E elle, baixinho e manso e dolorido:
—E' a morte ser, assim, qual fui, trahido,
Mas viver sem amor é mais que a morte.

ZALINA ROLIM.

Carta do Rio

Desde creança que ouço falar com muito despreso sobre a falta de segurança que ha em segredos em bocca de mulher.

Ha muita gente que diz: Confiar um segredo á uma mulher ... é o melhor meio de botal-o na rua, no dominio publico.

Nessa injustiça, o que nos dóe mais vivamente, o que mais nos fére o coração, é ouvirmos essa opinião de algumas mulheres.

Pois bem, nesta capital, tivemos agora um desmentido formal dessa

C'est Dieu qui mit l'amour au bout de toute chose,
L'amour en qui tout vit, l'amour sur qui tout pose!
V. Hugo.

Vai-se acalmando a pouco e pouco, e sinto
Que a paz lhe volta e as penas vão-se embora;
Se nelle o amor não é de todo extincto,
A magua já não é tambem senhora.

Pobre amigo! a vagar num labyrintho
De duvidas e crenças, hora a hora,
Tudo entrevendo pallido e indistincto,
Temendo a noite e desejando a aurora...

E a noite veio só, não veio o dia...
Ai, coração, que a perfida magia
Do amor ao seio teu não mais aporte!

E elle, baixinho e manso e dolorido:
—E' a morte ser, assim, qual fui, trahido,
Mas viver sem amor é mais que a morte.

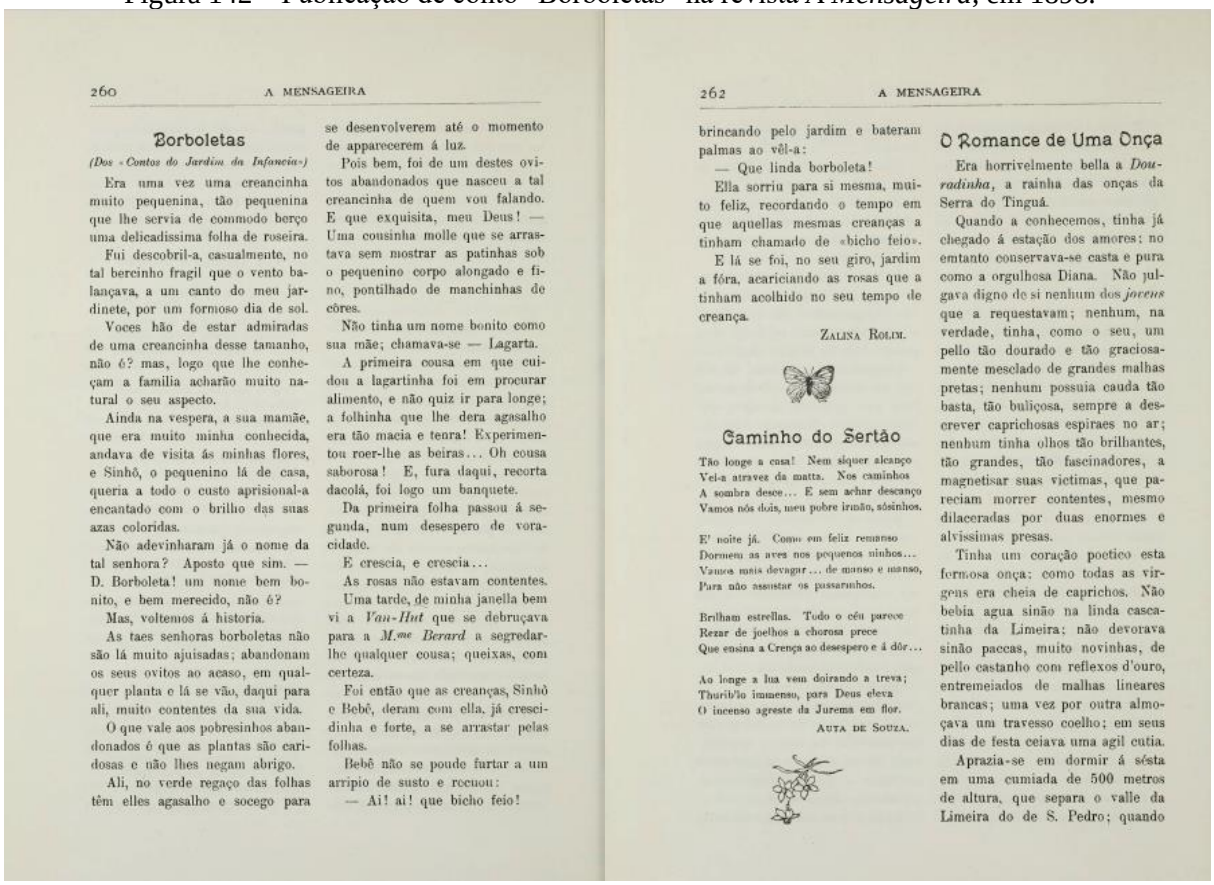
ZALINA ROLIM.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

O interlocutor do poema conseguia exceder a tristeza trazida pelo amor através do permitir-se voltar a senti-lo, a confiar nele. Ao final da composição, a autora reforçava o poder desse sentimento, que superaria a dor de uma morte, mostrada como equivalente à de uma traição. Para ela, não se podia viver sem o amor, ainda que ele trouxesse, em determinada situação, infelicidade, desilusão e sofrimento.

Zalina Rolim também tratou do universo infantil nas páginas de *A Mensageira*. Como mencionado anteriormente nesta tese, mesmo não tendo filhos, a escritora sempre manifestou forte apego aos temas que envolviam a família, tendo a criança como figura basilar. Voltando sua pena provavelmente aos pequenos leitores rebentos das leitoras da revista, ela publicou o conto “Borboletas”, na edição de 15 de junho de 1898. O subtítulo informava que tal narrativa, cuja transcrição integral encontra-se nos Anexos, pertencia à produção literária que a autora desenvolvia junto ao Jardim da Infância de São Paulo, onde ocupava o cargo de subinspetora.

Figura 142 – Publicação de conto “Borboletas” na revista *A Mensageira,* em 1898.



260 A MENSAGEIRA

Borboletas

(Dos «Contos do Jardim da Infancia»)

Era uma vez uma creancinha muito pequenina, tão pequenina que lhe servia de commodo berço uma delicadissima folha de roseira.

Fui descobril-a, casualmente, no tal bercinho fragil que o vento balançava, a um canto do meu jardinete, por um formoso dia de sol.

Voces hão de estar admiradas de uma creancinha desse tamanho, não é? mas, logo que lhe conheçam a familia acharão muito natural o seu aspecto.

Ainda na vespera, a sua mamãe, que era muito minha conhecida, andava de visita ás minhas flores, e Sinhô, o pequenino lá de casa, queria a todo o custo aprisional-a encantado com o brilho das suas azas coloridas.

Não adevinharam já o nome da tal senhora? Aposto que sim. — D. Borboleta! um nome bem bonito, e bem merecido, não é?

Mas, voltemos á historia.

As taes senhoras borboletas não são lá muito ajuisadas; abandonam os seus ovitos ao acaso, em qualquer planta e lá se vão, daqui para ali, muito contentes da sua vida.

O que vale aos pobresinhos abandonados é que as plantas são caridosas e não lhes negam abrigo.

Ali, no verde regaço das folhas têm elles agasalho e socego para se desenvolverem até o momento de apparecerem á luz.

Pois bem, foi de um destes ovitos abandonados que nasceu a tal creancinha de quem vou falando. E que exquisita, meu Deus! — Uma cousinha molle que se arrastava sem mostrar as patinhas sob o pequenino corpo alongado e fino, pontilhado de manchinhas de côres.

Não tinha um nome bonito como sua mãe; chamava-se — Lagarta.

A primeira cousa em que cuidou a lagartinha foi em procurar alimento, e não quiz ir para longe; a folhinha que lhe dera agasalho era tão macia e tenra! Experimentou roer-lhe as beiras... Oh cousa saborosa! E, fura daqui, recorta dacolá, foi logo um banquete.

Da primeira folha passou á segunda, num desespero de voracidade.

E crescia, e crescia...

As rosas não estavam contentes.

Uma tarde, de minha janella bem vi a *Vau-Hut* que se debruçava para a *M.me Berard* a segredar-lhe qualquer cousa; queixas, com certeza.

Foi então que as creanças, Sinhô e Bebê, deram com ella, já crescidinha e forte, a se arrastar pelas folhas.

Bebê não se poude furtar a um arripio de susto e recuou:

— Ai! ai! que bicho feio!

262 A MENSAGEIRA

brincando pelo jardim e bateram palmas ao vêl-a:

— Que linda borboleta!

Ella sorriu para si mesma, muito feliz, recordando o tempo em que aquellas mesmas creanças a tinham chamado de «bicho feio».

E lá se foi, no seu giro, jardim a fóra, acariciando as rosas que a tinham acolhido no seu tempo de creança.

ZALINA ROLIM.

Caminho do Sertão

Tão longe a casa! Nem siquer alcanço
Vel-a atravez da matta. Nos caminhos
A sombra desce... E sem achar descanço
Vamos nós dois, meu pobre irmão, sósinhos.

E' noite já. Como em feliz remanso
Dormem as aves nos pequenos ninhos...
Vamos mais devagar... de manso e manso,
Para não assustar os passarinhos.

Brilham estrellas. Todo o céu parece
Rezar de joelhos a chorosa prece
Que ensina a Crença ao desespero e á dôr...

Ao longe a lua vem doirando a treva;
Thuribulo immenso, para Deus eleva
O incenso agreste da Jurema em flor.

AUTA DE SOUZA.

O Romance de Uma Onça

Era horrivelmente bella a *Douradinha,* a rainha das onças da Serra do Tinguá.

Quando a conhecemos, tinha já chegado á estação dos amores; no emtanto conservava-se casta e pura como a orgulhosa Diana. Não julgava digno de si nenhum dos *jovens* que a requestavam; nenhum, na verdade, tinha, como o seu, um pello tão dourado e tão graciosamente mesclado de grandes malhas pretas; nenhum possuia cauda tão basta, tão buliçosa, sempre a descrever caprichosas espiraes no ar; nenhum tinha olhos tão brilhantes, tão grandes, tão fascinadores, a magnetisar suas victimas, que pareciam morrer contentes, mesmo dilaceradas por duas enormes e alvissimas presas.

Tinha um coração poetico esta formosa onça: como todas as virgens era cheia de caprichos. Não bebia agua sinão na linda cascatinha da Limeira; não devorava sinão paccas, muito novinhas, de pello castanho com reflexos d'ouro, entremeiados de malhas lineares brancas; uma vez por outra almoçava um travesso coelho; em seus dias de festa ceiava uma agil cutia.

Aprazia-se em dormir á sésta em uma cumiada de 500 metros de altura, que separa o valle da Limeira do de S. Pedro; quando

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Com uma prosa aos moldes dos tradicionais contos de fadas europeus, Zalina Rolim tratava da metamorfose que torna uma lagarta em uma borboleta, simbolizando, assim, o amadurecimento das crianças. Oferecendo o escrito certamente à leitura de mães que acompanhavam a revista, incorporando uma nítida finalidade pedagógica, a autora detalhava todo o processo de transformação do inseto para, ao fim, trazer o preceito moral do respeito a todos os seres vivos independente de sua aparência, em semelhança ao conto “O patinho feio” (1843), do dinamarquês Hans Christian Andersen (1805-1875). Ademais, ela conseguia criar todo um cosmo imaginário em volta daquele pequeno ser, inclusive personificando plantas e aves.

> Era uma vez uma criancinha muito pequenina, tão pequenina que lhe servia de cômodo berço uma delicadíssima folha de roseira.
> Fui descobri-la, casualmente, no tal bercinho frágil que o vento balançava, a um canto do meu jardinete, por um formoso dia de sol.
> Vocês hão de estar admiradas de uma criancinha desse tamanho, não é? mas, logo que lhe conheçam a família acharão muito natural o seu aspecto.

> Ainda na véspera, a sua mamãe, que era muito minha conhecida, andava de visita às minhas flores, e Sinhô, o pequenino lá de casa, queria a todo o custo aprisioná-la encantado com o brilho das suas asas coloridas (*A Mensageira*, 15 jun. 1898).

O interessante é que Rolim, mesmo recorrendo ao "Era uma vez", fazia uma narração em primeira pessoa, aparentemente colocando-se como observadora de acontecimentos que ocorriam em seu jardim, ao mesmo tempo em que direcionava o seu discurso justamente às crianças. Ela chegava a incluir o sobrinho Sinhô, filho de sua irmã Clementina Rolim, como uma personagem importante para o desenrolar da estória, por zombar da aparência da lagarta antes de ela se revelar uma borboleta. A autora ainda proporcionava um vínculo mais íntimo com as crianças ao equiparar o discurso narrativo ao seu nível de perspectiva, também utilizando um vocabulário mais simples. Na edição de 30 de junho de 1898, entretanto, *A Mensageira* publicava uma errata referente a um equívoco na impressão do conto:

> Borboletas – No interessante e poético conto que com este título publicamos no último número da *Mensageira* e que é da pena adamantina de Zalina Rolim, houve um erro tipográfico que retificamos agora, pedindo a nossos leitores que no lugar onde está *um par de asas* leiam *dois pares de asas*, como escreveu a autora.
> A poetisa talvez tenha se incomodado receando que as borboletas se agastassem e não mais lhe dessem formosas inspirações...
> O fato é que o acaso caprichoso, ao mesmo tempo que punha tal erro no trabalho de nossa gentil colaboradora, colocava uma vinheta logo abaixo dele, representando o alado inseto com as suas quatro asas espalmadas... Foi um protesto solene contra o erro cometido. Ainda bem! (*A Mensageira*, 15 jun. 1898).

Mesmo sendo bastante comum a presença de erros nos periódicos, bem como os pedidos de desculpa dos editores, é de se notar o teor cuidadoso da referida em respeito à escritora e à sua produção. Certamente Rolim notou o erro e sentiu a liberdade de informar à redação sobre o ocorrido, sendo respondida publicamente com um bom humor amigável. No exemplar lançado em 15 de agosto de 1898, a escritora publicou outro soneto sem título integrante da coleção de seu *Livro da saudade*. A composição versava sobre a perda de um "querido morto", unida à exaltação do contemplar de uma paisagem.

> *(Do "Livro da Saudade")*
>
> Tão azul, tão sereno e tão profundo!
> Como é formoso o céu de minha terra!
> Doce praia do sonho que hoje encerra
> O que eu tinha mais caro nesse mundo.

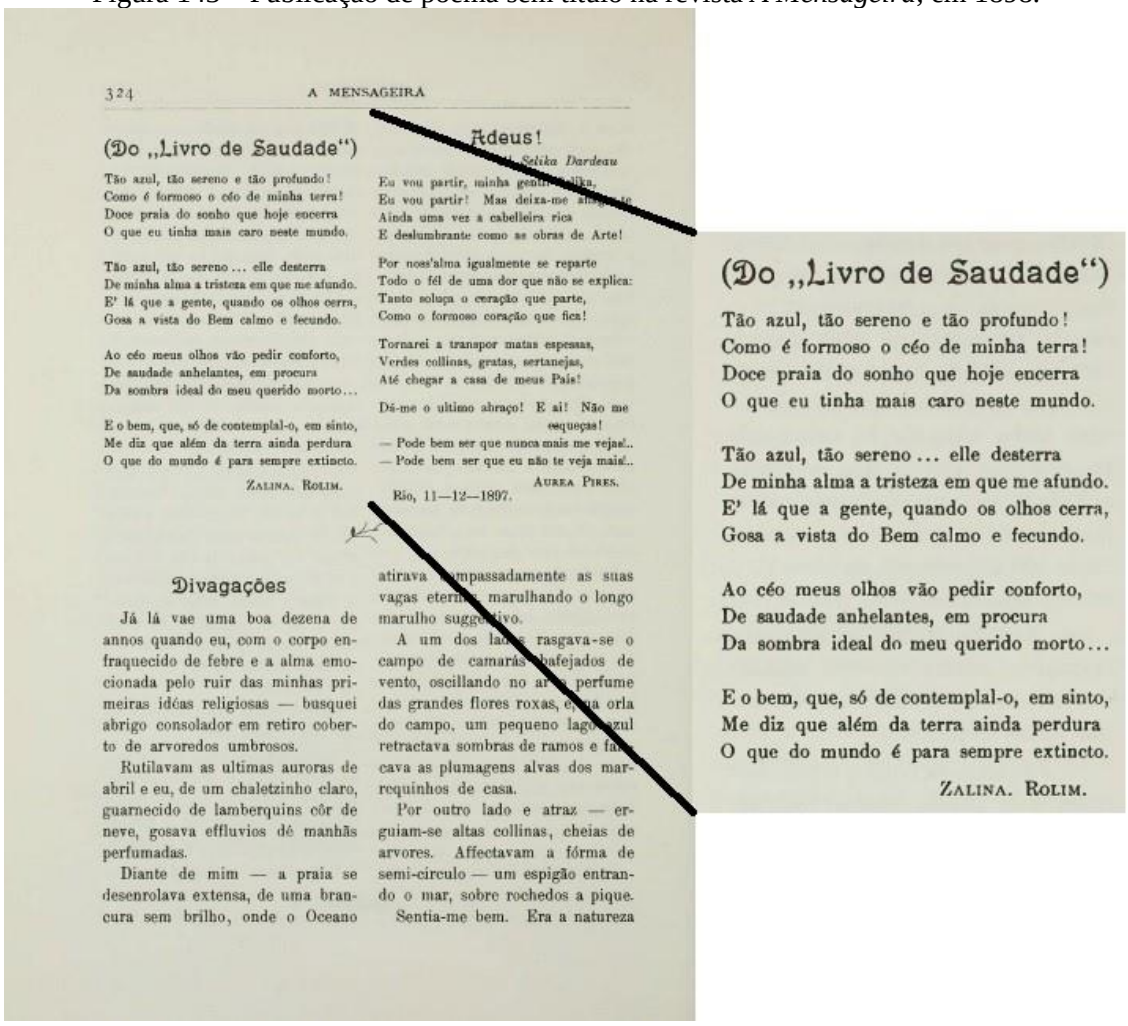
Tão azul, tão sereno... ele desterra
De minha alma a tristeza em que me afundo.
É lá que a gente, quando os olhos cerra,
Goza a vista do Bem calmo e fecundo.

Ao céu meus olhos vão pedir conforto,
De saudade anelantes, em procura
Da sombra ideal do meu querido morto...

E o bem, que, só de contemplá-lo, em sinto,
Me diz que além da terra ainda perdura
O que do mundo é para sempre extinto.
(*A Mensageira*, 15 ago. 1898).

No poema, um eu lírico de gênero não informado indicava que olhar para o céu fazia com que superasse a tristeza e a saudade oriundas do falecimento de seu afeto, também não identificado, podendo ser um filho, um amigo, um irmão, um progenitor ou um consorte. Os versos deixavam entrever que o bem trazido pelo azul do firmamento equivalia ao bem trazido pelo ente querido em vida, fazendo a voz poética acreditar que sua presença ainda perdurava no mundo. Nesse caso, não se falava de qualquer céu, mas do céu pátrio, da terra natal. A autora, assim, evocava o pendor romântico em seu fazer poético, trazendo o engrandecimento do lugar de origem e a visão ufanista como possíveis chaves para a superação de uma dor, como a decorrente à perda de alguém próximo. Ela procurou referir-se ao céu observado sempre em exaltação, com a sua cor trazendo calma, paz e positividade ante a melancolia.

Figura 143 – Publicação de poema sem título na revista *A Mensageira*, em 1898.



324 A MENSAGEIRA

(Do „Livro de Saudade")

Tão azul, tão sereno e tão profundo!
Como é formoso o céo de minha terra!
Doce praia do sonho que hoje encerra
O que eu tinha mais caro neste mundo.

Tão azul, tão sereno ... elle desterra
De minha alma a tristeza em que me afundo.
E' lá que a gente, quando os olhos cerra,
Gosa a vista do Bem calmo e fecundo.

Ao céo meus olhos vão pedir conforto,
De saudade anhelantes, em procura
Da sombra ideal do meu querido morto...

E o bem, que, só de contemplal-o, em sinto,
Me diz que além da terra ainda perdura
O que do mundo é para sempre extincto.

ZALINA. ROLIM.

Adeus!

Selika Dardeau

Eu vou partir, minha gentil [illegible],
Eu vou partir! Mas deixa-me [illegible]
Ainda uma vez a cabelleira rica
E deslumbrante como as obras de Arte!

Por nossa'alma igualmente se reparte
Todo o fél de uma dor que não se explica:
Tanto soluça o coração que parte,
Como o formoso coração que fica!

Tornarei a transpor matas espessas,
Verdes collinas, gratas, sertanejas,
Até chegar a casa de meus Paes!

Dá-me o ultimo abraço! E ai! Não me esqueças!
— Pode bem ser que nunca mais me vejas!..
— Pode bem ser que eu não te veja mais!..

AUREA PIRES.

Rio, 11—12—1897.

Divagações

Já lá vae uma boa dezena de annos quando eu, com o corpo enfraquecido de febre e a alma emocionada pelo ruir das minhas primeiras idéas religiosas — busquei abrigo consolador em retiro coberto de arvoredos umbrosos.

Rutilavam as ultimas auroras de abril e eu, de um chaletzinho claro, guarnecido de lamberquins côr de neve, gosava effluvios de manhãs perfumadas.

Diante de mim — a praia se desenrolava extensa, de uma brancura sem brilho, onde o Oceano atirava compassadamente as suas vagas eternas marulhando o longo marulho suggestivo.

A um dos lados rasgava-se o campo de camarás [illegible] de vento, oscillando no ar o perfume das grandes flores roxas, e na orla do campo, um pequeno lago azul retractava sombras de ramos e fazia as plumagens alvas dos marrequinhos de casa.

Por outro lado e atraz — erguiam-se altas collinas, cheias de arvores. Affectavam a fórma de semi-circulo — um espigão entrando o mar, sobre rochedos a pique.

Sentia-me bem. Era a natureza

(Do „Livro de Saudade")

Tão azul, tão sereno e tão profundo!
Como é formoso o céo de minha terra!
Doce praia do sonho que hoje encerra
O que eu tinha mais caro neste mundo.

Tão azul, tão sereno ... elle desterra
De minha alma a tristeza em que me afundo.
E' lá que a gente, quando os olhos cerra,
Gosa a vista do Bem calmo e fecundo.

Ao céo meus olhos vão pedir conforto,
De saudade anhelantes, em procura
Da sombra ideal do meu querido morto...

E o bem, que, só de contemplal-o, em sinto,
Me diz que além da terra ainda perdura
O que do mundo é para sempre extincto.

ZALINA. ROLIM.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

A temática amorosa também foi explorada por Zalina Rolim na referida revista dirigida por Presciliana Duarte de Almeida. No soneto "Ruélia formosa (A flor que ensina a amar)", publicado no exemplar de número 29, datado de 15 de junho de 1899, a escritora traz outro eu-lírico feminino motivado emocionalmente por uma flor:

Ruélia formosa (A flor que ensina a amar)

"Ensina a amar" – disseram-me sorrindo -
"Conserve-a junto a si, bem junto ao seio
E assim como rebenta o claro veio
D'água, na sombra, o amor virá surgindo"

Da flor sanguínea o rubro cálice cheio
De estranhos filtros, veludoso e lindo,
– Ama! Dizia em letras de ouro, e, ouvindo
A música do amor, lenta aspirei-o...

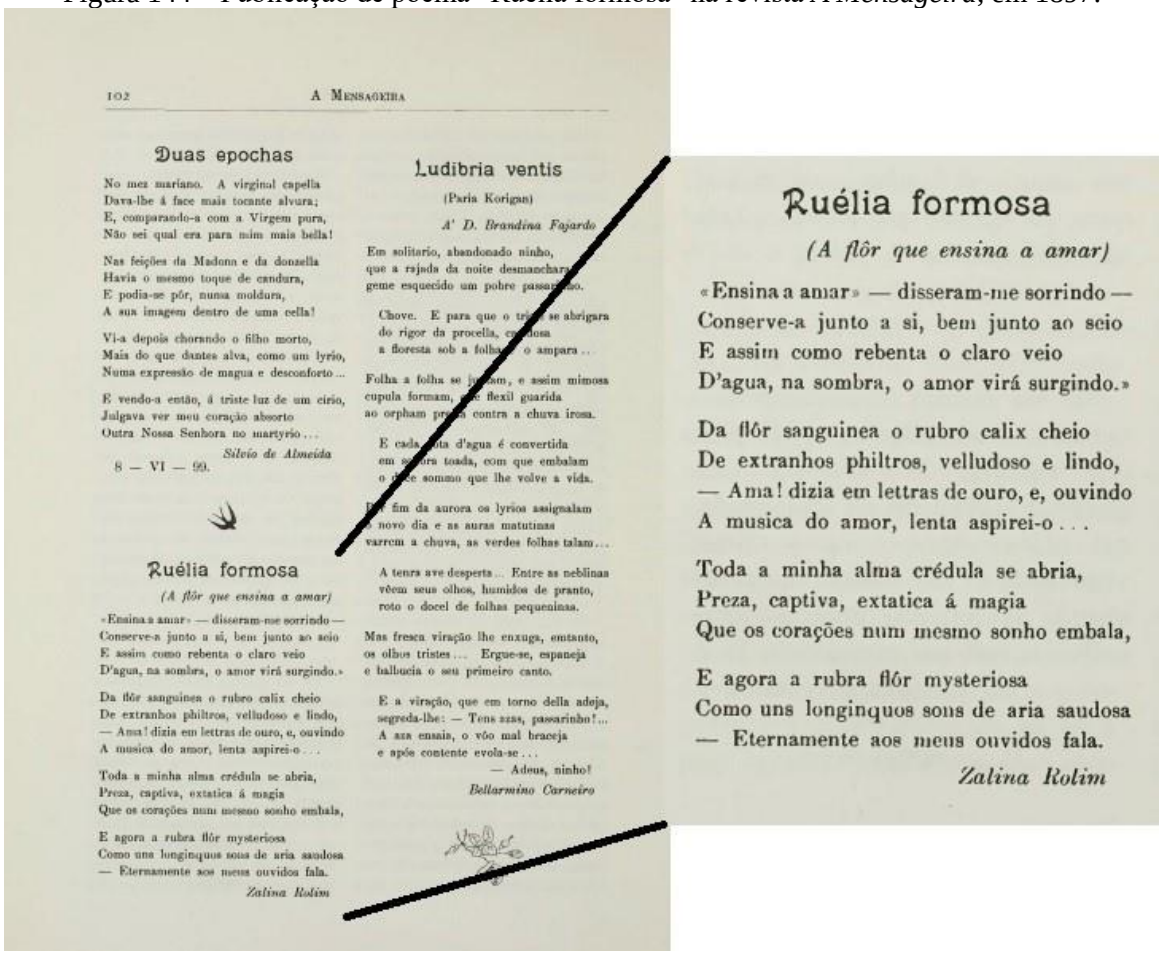
Toda a minha alma crédula se abria,
Presa, cativa, estática à magia

Que os corações no mesmo sonho embala,

E agora a rubra flor misteriosa
Como uns longínquos sons de ária saudosa
– Eternamente aos meus ouvidos fala.
(A Mensageira, 1899, p. 6)

Como já visto nesta tese, as flores eram elementos temáticos comuns ao fazer literário das mulheres do século XIX (PAIXÃO, 1991), seguindo modelos já cristalizados de como deveria ser e do que trataria a sua escrita. Assim, versar sobre rosas, jasmins, magnólias ou violetas aparentemente caracterizaria um exercício de linguagem que pouco dizia "do mundo interior de suas autoras, mesmo porque era esse um território desconhecido até mesmo por elas" (PAIXÃO, 1991, p. 102). Na composição em questão de Zalina Rolim, a flor é utilizada como metáfora para o amadurecimento amoroso da figura feminina.

Figura 144 – Publicação de poema "Ruélia formosa" na revista *A Mensageira*, em 1897.



102 A MENSAGEIRA

Duas epochas

No mez mariano. A virginal capella
Dava-lhe á face mais tocante alvura;
E, comparando-a com a Virgem pura,
Não sei qual era para mim mais bella!

Nas feições da Madonna e da donzella
Havia o mesmo toque de candura,
E podia-se pôr, numa moldura,
A sua imagem dentro de uma cella!

Vi-a depois chorando o filho morto,
Mais do que dantes alva, como um lyrio,
Numa expressão de magua e desconforto...

E vendo-a então, á triste luz de um cirio,
Julgava ver meu coração absorto
Outra Nossa Senhora no martyrio...

Silvio de Almeida

8 — VI — 99.

Ludibria ventis

(Paris Korigan)

A' D. Brandina Fajardo

Em solitario, abandonado ninho,
que a rajada da noite desmanchara,
geme esquecido um pobre passarinho.

Chove. E para que o tr... se abrigara
do rigor da procella, cu...osa
a floresta sob a folha... o ampara...

Folha a folha se ju...am, e assim mimosa
cupula formam, que flexil guarida
ao orpham pr... contra a chuva irosa.

E cada gota d'agua é convertida
em sombra toada, com que embalam
o que somno que lhe volve a vida.

Ao fim da aurora os lyrios assignalam
o novo dia e as auras matutinas
varrem a chuva, as verdes folhas talam...

A tenra ave desperta... Entre as neblinas
vêem seus olhos, humidos de pranto,
roto o docel de folhas pequeninas.

Mas fresca viração lhe enxuga, entanto,
os olhos tristes... Ergue-se, espaneja
e balbucia o seu primeiro canto.

E a viração, que em torno della adeja,
segreda-lhe: — Tens azas, passarinho!...
A aza ensaia, o vôo mal braceja
e após contente evola-se...

— Adeus, ninho!

Bellarmino Carneiro

Ruélia formosa

(A flôr que ensina a amar)

«Ensina a amar» — disseram-me sorrindo —
Conserve-a junto a si, bem junto ao seio
E assim como rebenta o claro veio
D'agua, na sombra, o amor virá surgindo.»

Da flôr sanguinea o rubro calix cheio
De extranhos philtros, velludoso e lindo,
— Ama! dizia em lettras de ouro, e, ouvindo
A musica do amor, lenta aspirei-o...

Toda a minha alma crédula se abria,
Preza, captiva, extatica á magia
Que os corações num mesmo sonho embala,

E agora a rubra flôr mysteriosa
Como uns longinquos sons de aria saudosa
— Eternamente aos meus ouvidos fala.

Zalina Rolim

Ruélia formosa

(A flôr que ensina a amar)

«Ensina a amar» — disseram-me sorrindo —
Conserve-a junto a si, bem junto ao seio
E assim como rebenta o claro veio
D'agua, na sombra, o amor virá surgindo.»

Da flôr sanguinea o rubro calix cheio
De extranhos philtros, velludoso e lindo,
— Ama! dizia em lettras de ouro, e, ouvindo
A musica do amor, lenta aspirei-o...

Toda a minha alma crédula se abria,
Preza, captiva, extatica á magia
Que os corações num mesmo sonho embala,

E agora a rubra flôr mysteriosa
Como uns longinquos sons de aria saudosa
— Eternamente aos meus ouvidos fala.

Zalina Rolim

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

A descrição da ruélia de um vermelho intenso e conservada junto ao peito a faz semelhante ao próprio coração, que ensina a amar em um eterno desabrochar sentimental. A

conversa do eu-lírico com a flor personalizada pode simbolizar a conversa da mulher consigo mesma, em intensa reflexão sobre o nascimento de seu sentimento. Embora envolva tal construção alegórica, trata-se de uma composição convencional que ajuda a reconstituir uma fala padronizada imposta à mulher daquele tempo. Tal trabalho com a linguagem também se faz presente na composição "Passarinhos", publicada no exemplar datado de 15 dezembro de 1899.

Passarinhos (Versos para crianças)

Um gracioso casalzinho
De modesto parecer.
Há dias veio o seu ninho
Nas minhas flores tecer.

Trabalham horas a fio
Ambos com jeito e amor,
E a construção avalio
Bonita como uma flor.

Materiais são folhinhas,
Penas, flocos de algodão,
Raízes, musgo, palhinhas,
Cabelos soltos o chão...

Tudo o parzinho açodado
Colhe aqui, rebusca além:
– Pio, pio, pio... olha, que achado!
– Pio, pio, pio... procura bem!

No biquinho bem segura
A sua carga gentil,
De aventura em aventura
Erguem o voo sutil.

E é tão calmo e tão bonito
O seu pequenino lar
Que invejo ser passarito
E lá com eles morar.
(*A Mensageira*, 1899, p. 5)

O poema formado por quadrinhas de fácil assimilação certamente foi pensado para as mães leitoras reproduzirem os versos aos seus filhos. Nesse caso, entretanto, a autora foge ao trato edificante, envolvendo apenas da descrição da ação de um casal de passarinhos a construir o seu ninho. Podemos associar tal abrigo ao próprio seio familiar, como metáfora de um espaço de acolhimento que oportunizava o crescimento e a apuração.

Figura 145 – Publicação de poema “Passarinhos” na revista *A Mensageira*, em 1897.



A Mensageira 205

seu lado. Respeitemo-lhes a dignidade, o esforço, o sagrado instincto da independencia. E segreda-nos o coração que contra o carrancismo das ordenações, evocadas para a rebaixarem e perderem, o Congresso affirmará o direito da igualdade na profissão, salvando-a e engrandecendo-a.

Almeida Junior

O pincel pegava, ao coração descia,
De palheta em punho, e aprimorava telas
Cheias de verdade, cheias de poesia,
Onde a luz mostravs gradações tão bellas!

E aos assumptos patrios reportando a mente,
Como Carlos Gomes ou como Alencar,
O Brazil pintava deslumbrantemente,
Fazendo-nos mais a nossa Patria amar...

Perpetua do Valle.

Passarinhos

(Versos para crianças)

Um gracioso casalinho
De modesto parecer,
Ha dias veio o seu ninho
Nas minhas flôres tecer.

Trabalham horas a fio
Ambos com geito e amor,
E a construcção avalio
Bonita como uma flôr.

Materiaes são folhinhas,
Pennas, floccos de algodão,
Raizes, musgo, palhinhas,
Cabellos soltos no chão...

Tudo o parzinho açodado
Colhe aqui, rebusca alem:
«— Pió, pió, pio... olha, que achado!
— Pio, pio, pio... procura bem!

No biquinho bem segura
A sua carga gentil,
De aventura em aventura
Erguem o vôo subtil.

E é tão calmo e tão bonito
O seu pequenino lar
Que invejo ser passarito
E lá com elles morar.

Zalina Rolim

Passarinhos

(Versos para crianças)

Um gracioso casalinho
De modesto parecer,
Ha dias veio o seu ninho
Nas minhas flôres tecer.

Trabalham horas a fio
Ambos com geito e amor,
E a construcção avalio
Bonita como uma flôr.

Materiaes são folhinhas,
Pennas, floccos de algodão,
Raizes, musgo, palhinhas,
Cabellos soltos no chão...

Tudo o parzinho açodado
Colhe aqui, rebusca alem:
«— Pió, pió, pio... olha, que achado!
— Pio, pio, pio... procura bem!

No biquinho bem segura
A sua carga gentil,
De aventura em aventura
Erguem o vôo subtil.

E é tão calmo e tão bonito
O seu pequenino lar
Que invejo ser passarito
E lá com elles morar.

Zalina Rolim

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Os versos simples e melódicos evidenciam uma preocupação mais próxima ao divertimento estético dos infantes, utilizando-se, inclusive, além de diminutivos, onomatopeias para remeter ao som emitido pelas mencionadas aves. A composição marcou a última contribuição de Rolim para *A Mensageira*, exatamente na penúltima edição da revista, que chegaria ao fim com o número lançado em 15 de janeiro de 1900.

4.4 *Revista do Jardim da Infância* (1896-1897)

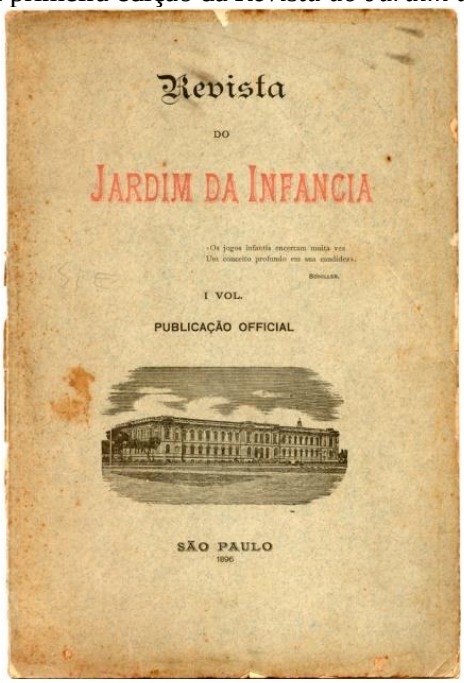
A *Revista do Jardim da Infância* (1896-1897), importante veículo impresso ligado à educação de crianças, foi o primeiro periódico educacional a receber a colaboração de Zalina Rolim, quando esta participava da organização do Jardim de Infância anexo à Escola Normal Caetano de Campos. Arroyo (2011) aponta que essa publicação não era apenas de interesse do

professorado, também sendo marcada por um conteúdo direcionado à leitura do público infantil. Em suas páginas, encontraríamos programas, horários e relatórios da instituição do título, escritos teóricos, lições de linguagem, assim como poemas, contos, brinquedos, jogos, cantos, hinos, marchas etc.

A folha, mesmo com patrocínio do Governo do Estado de São Paulo, durou apenas dois volumes de circulação anual, datados de 1896 e de 1897. O primeiro número apresentava o montante de duzentas e noventa páginas, enquanto o segundo continha trezentas e noventa. Tinha como idealizador o já mencionado educador Gabriel Prestes, então diretor da "Escola Normal da Praça", e apresentava, em seu volume inicial, uma entusiasta descrição das instalações do Jardim da Infância, seguida de uma ilustração representando o seu edifício.

A capa da publicação, a mesma nos dois volumes, diferindo apenas na indicação do número e da data de edição, trazia, além de uma gravura reproduzindo o prédio da Escola Normal de São Paulo, em perspectiva panorâmica, caracterizando um símbolo de orgulho e projeção do futuro elaborado pelos republicanos paulistas, um aforismo do poeta e filósofo alemão Johann Friedrich von Schiller (1759-1805): "Os jogos infantis encerram muita vez / Um conceito profundo em sua candidez". Tal epígrafe revelava o ideal de pureza atrelado à infância representada no periódico e que deveria envolver o espaço do Jardim da Infância.

Figura 146 – Capa da primeira edição da *Revista do Jardim da Infância*, em 1896.



Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

No artigo introdutório publicado no número inicial, Prestes indicava os propósitos da revista, bem como revelava mais detalhes da estrutura que pensava para a publicação:

> O nosso fim é, pois, exclusivamente prático. Propositalmente afastamos das páginas desta Revista a discussão de vantagens ou desvantagens pedagógicas dos processos que apresentarmos; não desejamos tomar espaço com apreciações meramente teóricas. Só publicaremos, pois, indicações que possam guiar a prática.
> Está claro, e escusado seria dizê-lo, que não desejamos que as indicações que publicarmos sejam seguidas à risca; ao contrário, queremos que elas se aprimorem e transformem, vivificadas pelo cunho de individualidade que, oxalá, lhes possam imprimir as nossas professoras.
> Para satisfazer a esta dupla necessidade, a nossa Revista terá duas fases. Na primeira, daremos a conhecer de um modo geral os melhores tipos de Jardins da Infância, por meio dos primorosos manuais publicados no estrangeiro e principalmente nos Estados Unidos. Além desta parte, de pura informação, iremos publicando os trabalhos que as nossas professoras já têm realizado e que, com vantagem, se aplicam às classes infantis [...]
> Feito este primeiro trabalho, iniciaremos a segunda fase da Revista que terá por fim publicar somente trabalhos originais. A revista será então reduzida a menores proporções a fim de poder-se publicar regularmente um número por mês (*Revista do Jardim da Infância*, 1896).

Para além da divulgação da teoria froebeliana, o periódico se comprometia em indicar possíveis didáticas a serem adaptadas pelas "jardineiras", as professoras em formação, aparentemente o seu principal público leitor. A folha assumia se basear em farto material teórico importado, mas apontava não querer se fixar nas informações que ele traria, propondo focar os seus próximos números em produções autorais. De fato, se comparado ao primeiro exemplar, o segundo traz uma quantidade inferior de traduções ou adaptações, preferindo voltar-se aos trabalhos de sua colaboração, formada majoritariamente por mulheres: Thereza Rodrigues, Isabel Prado, Maria Ernestina Varella, Joana Grassi e Zalina Rolim. O plano de reduzir o tamanho do periódico e tornar a sua circulação mensal, entretanto, não se concretizou. De toda forma, a circulação da revista, desde o primeiro volume, propiciou reações contraditórias e tensas, mas a publicação acabou influenciando as concepções sobre o ensino da infância ainda nas décadas seguintes, assumindo por muito tempo a dimensão de manuais pedagógicos (MONARCHA, 2001).

Rolim teve a experiência de lecionar ainda quando morava na cidade de São Roque, em 1887, alfabetizando crianças. Então com dezenove anos, havia descoberto seu talento pedagógico de contadora de histórias (PIZA, 2008). Convidada a colaborar com a *Revista do Jardim da Infância*, ela passou a redigir traduções e adaptações de escritos teóricos e jogos de natureza didática em inglês, francês e alemão, além de lições de linguagem, poemas, hinos,

marchas, canções, crônicas e contos autorais. Em um artigo publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*, em 8 de janeiro de 1897, na sua coluna sobre a educação pública paulista, Gabriel Prestes defendeu a escolha da escritora para a contribuir na parcela literária da *Revista*:

> Não era menos importante, porém, a parte literária, indispensável ao ensino froebeliano, e essa não poderia ser confiada a pessoa mais competente do que à ilustre poetisa d. Zalina Rolim, cujo espírito esclarecido e cuja extraordinária intuição de que tantas e tão eloquentes provas têm dado no ensino, deixam fora de dúvida que ela criará por si os elementos artísticos necessários no nosso ensino infantil (PRESTES, 1897, p. 1).

No referido escrito, o educador defendia ter escolhido com muito cuidado o pessoal que faria parte tanto do projeto de implantação do primeiro Jardim de Infância do Brasil, como da elaboração da folha em questão. No trecho citado, ele indicava não ser Rolim uma inexperiente, inclusive parecendo dar grande importância à construção estética de sua produção voltada à infância, para além do viés pedagógico.

A contribuição da autora no referido periódico foi bastante expressiva, somando aproximadamente cinquenta escritos nos dois volumes publicados. Para esta tese, preferimos traçar comentários a respeito de sua produção literária exclusiva, excluindo-se os escritos instrutivos ou prescritivos de didática e as lições de linguagem, bem como as traduções e as adaptações[51]. A respeito dessa criação literária, é válido salientar que refletia as tenções que envolviam a nascente literatura infantil nacional. Segundo Coelho (1991), as primeiras obras que formaram a literatura brasileira para crianças pertenciam simultaneamente a dois extremos de intenção: instruir e deleitar. Na qualidade de "objeto" que provoca emoções, dá prazer ou diverte e, acima de tudo, "modifica" a consciência-de-mundo de seu leitor, a literatura infantil seria arte, marcada pelo fator lúdico e pelo descompromisso com qualquer função pragmática. Por outro lado, como "instrumento" manipulado por uma intenção "educativa", ela se inscreveria na área da pedagogia, dando-se mais importância à transmissão de valores, tais quais:

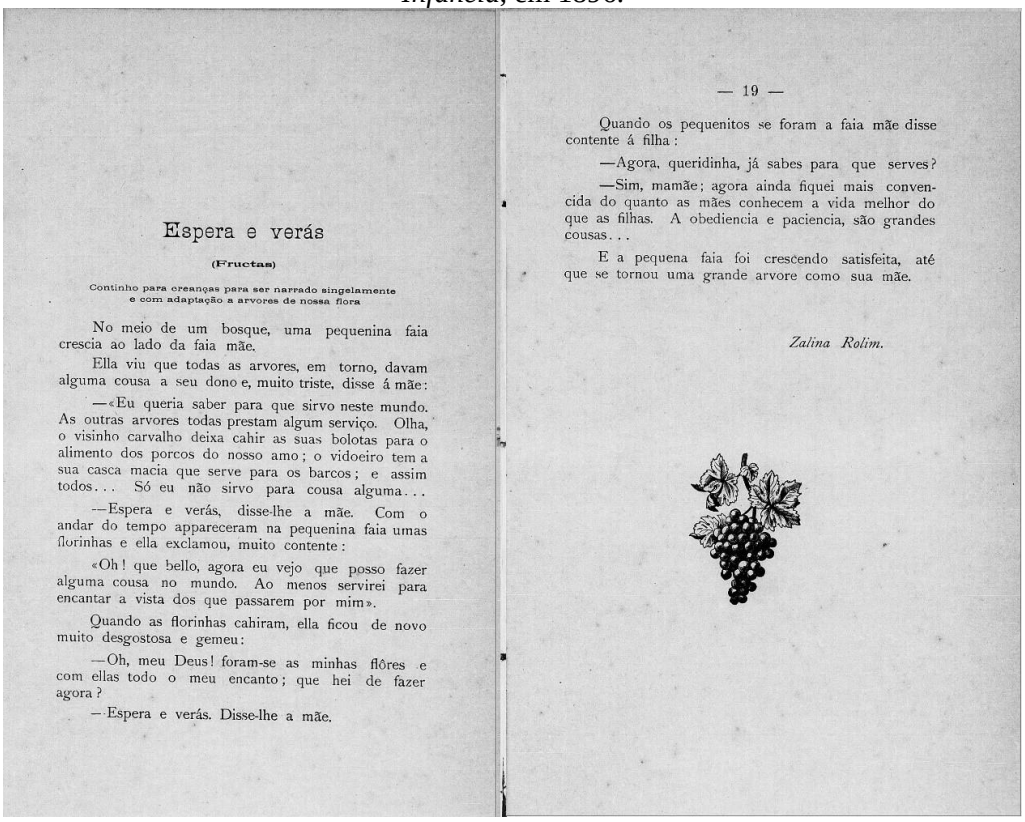
> 1. Nacionalismo: preocupação com a língua portuguesa falada no Brasil; preocupação em incentivar nos novos entusiasmo e dedicação pela pátria; o culto das origens e o amor pela terra (com ênfase na vida rural e, conseqüentemente, idealização da vida do campo, em oposição à vida urbana).
> 2. Intelectualismo: valorização do estudo e do livro, como meios essenciais de realização social - meios que permitem a ascensão econômica através do Saber.

[51] Para mais detalhes acerca da produção estritamente pedagógica e das traduções ou adaptações empreendidas por Zalina Rolim na *Revista do Jardim de Infância*, conferir Santos (2017).

> 3. Tradicionalismo cultural: valorização dos grandes autores e das grandes obras literárias do passado, como modelos da cultura a ser assimilada e imitada.
> 4. Moralismo e religiosidade: exigência absoluta de retidão de caráter, honestidade, solidariedade, fraternidade, pureza do corpo e alma, dentro dos preceitos cristãos. (COELHO, 1991, p. 207)

A partir do exposto, devemos entender que a concepção de literatura para crianças que vigorava no Brasil entre os séculos XIX e XX seria aquela que a relacionava à eficácia educacional, com o discurso de feições utilitárias aparecendo como modelo dominante. Nesse sentido, o primeiro escrito a ser destacado é o conto "Espera e verás", presente em algumas das páginas iniciais da edição de 1896. Essa fábula apresentava como protagonistas algumas plantas personificadas, evocando a imaginação das crianças para chegar ao preceito moral de que deviam confiar no que diziam os mais velhos. Segundo uma indicação abaixo do título, a história poderia ser narrada junto a árvores, provavelmente objetivando uma maior afinidade dos infantes com o ambiente natural.

Figura 147 – Publicação do conto "Espera e verás", no primeiro volume da *Revista do Jardim da Infância*, em 1896.



Espera e verás

(Fructas)

Continho para creanças para ser narrado singelamente e com adaptação a arvores de nossa flora

No meio de um bosque, uma pequenina faia crescia ao lado da faia mãe.

Ella viu que todas as arvores, em torno, davam alguma cousa a seu dono e, muito triste, disse á mãe:

—«Eu queria saber para que sirvo neste mundo. As outras arvores todas prestam algum serviço. Olha, o visinho carvalho deixa cahir as suas bolotas para o alimento dos porcos do nosso amo; o vidoeiro tem a sua casca macia que serve para os barcos; e assim todos... Só eu não sirvo para cousa alguma...

—Espera e verás, disse-lhe a mãe. Com o andar do tempo appareceram na pequenina faia umas florinhas e ella exclamou, muito contente:

«Oh! que bello, agora eu vejo que posso fazer alguma cousa no mundo. Ao menos servirei para encantar a vista dos que passarem por mim».

Quando as florinhas cahiram, ella ficou de novo muito desgostosa e gemeu:

—Oh, meu Deus! foram-se as minhas flôres e com ellas todo o meu encanto; que hei de fazer agora?

—Espera e verás. Disse-lhe a mãe.

— 19 —

Quando os pequenitos se foram a faia mãe disse contente á filha:

—Agora, queridinha, já sabes para que serves?

—Sim, mamãe; agora ainda fiquei mais convencida do quanto as mães conhecem a vida melhor do que as filhas. A obediencia e paciencia, são grandes cousas...

E a pequena faia foi crescendo satisfeita, até que se tornou uma grande arvore como sua mãe.

Zalina Rolim.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

No conto em questão, transcrito integralmente em nossos Anexos, uma pequena faia indagava sobre a sua função no mundo, visto que não oferecia nada ao seu dono, como as outras

árvores. A sua mãe respondia-lhe para esperar, que logo veria o seu propósito. A narrativa então acompanhava o crescimento da planta, o seu florescer e o nascer de seus frutos. Mesmo impaciente, ela postava-se resiliente, por acreditar na sabedoria de sua mãe: "A pequenina faia achava muito ruim esperar, mas era obediente, e esperou. Ela conhecia que a mãe sabia melhor as coisas do que ela (*Revista do Jardim da Infância*, 1896). Ao final, com a chegada do outono, as avelãs maduras da faia eram colhidas por crianças, com ela percebendo o valor de ser paciente e de acatar o conselho do título.

O escrito de Rolim se apresentava no limiar entre o utilitarismo do inevitável caráter instrumental do suporte e o deleitar estético envolvendo a fantasia na leitura das crianças. A autora empregava uma linguagem mais simples e próxima à compreensão infantil, bem como, ao repetir o preceito "espere e verás" durante a extensão da narrativa, fazia lembrar a construção narrativa de um conto popular. Ainda que procurasse ensinar sobre o "quanto as mães conhecem a vida melhor do que as filhas" (*Revista do Jardim da Infância*, 1896), ela o conseguia através de elementos que fugiam ao tom puramente professoral.

Outro escrito ficcional de Zalina Rolim que também aparecia no primeiro volume da *Revista* era a fábula "A frutinha do café", que também envolvia um elemento natural personificado, dessa vez em maior proximidade com uma criança. Apesar da nítida finalidade pedagógica, orientando sobre o crescimento do cafeeiro e a época da colheita, também vinculando o preceito moral do respeito a todos os seres vivos e o valor cívico de "prestar serviço" à nação (assim como os grãos de café o faziam à economia), o conto, transcrito integralmente em nossos Anexos, apresentava alguns artifícios de atração e identificação junto aos pequenos.

> Foi quando eu era pequenina que se deu o que vou contar.
> Era em uma fazenda de café, uma bela fazenda muito bem situada, no meio de extensos terreiros muito limpos.
> Eu gostava imenso de passear pelo cafezal que se estendia pelo morro além, em longas fileiras de um verde carregado.
> Uma tarde saí com minhas irmãzinhas, todas pequeninas como eu, a brincar o "Esconde! esconde!" por entre as aleias dos cafeeiros que se vestiam desde a base de folhagem espessa (*Revista do Jardim da Infância*, 1896).

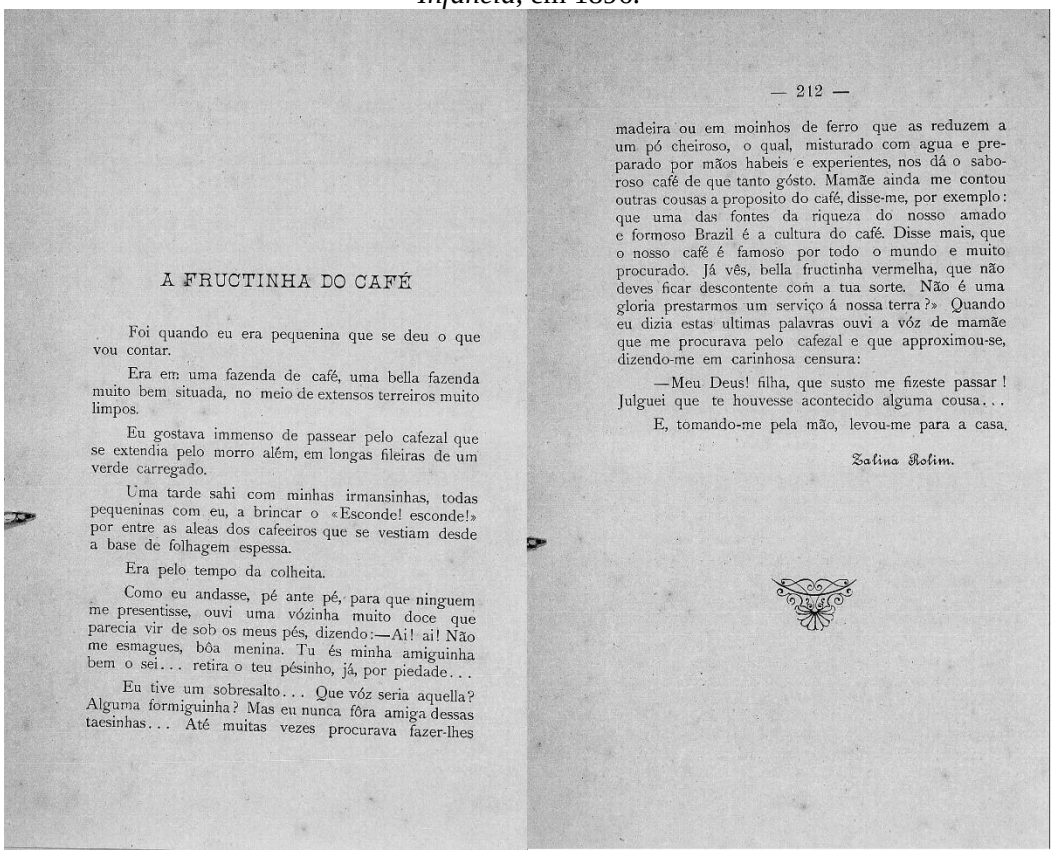
A autora proporcionava um vínculo mais íntimo com o leitor infantil a começar pela escolha de equiparar o discurso narrativo em primeira pessoa ao seu nível de perspectiva: na história, é como se ela estivesse a rememorar o tempo de menina em meio às propriedades agrícolas interioranas. Os meios de diversão de uma criança brasileira de classe abastada no século XIX eram retratados através do passear e do brincar com os irmãos, além do jogo de se

esconder. Ademais, o elemento mais importante parece ser novamente a utilização da fantasia no diálogo entre a menina e a frutinha do pé de café, ressaltando o valor da imaginação no universo infantil mesmo mediante uma justificativa prática contundente.

> Como eu andasse, pé ante pé, para que ninguém me pressentisse, ouvi uma vozinha muito doce que parecia vir de sob meus pés, dizendo: – Ai! ai! Não me esmagues, boa menina. Tu és minha amiguinha bem o sei... retira o teu pesinho, já, por piedade...
> Eu tive um sobressalto... Que voz seria aquela? [...]
> Pois querem saber quem me falava?
> Uma frutinha vermelha de café! Vermelha como uma conta de coral ou como os lábios das criancinhas sadias (*Revista do Jardim da Infância*, 1896).

Ao final, a protagonista tinha a mesma fantasia quebrada e "despertava" para a realidade, com a conversa sendo interrompida pelo chamado da mãe que a procurava no cafezal, à semelhança da estrutura de outras obras destinadas às crianças a serem lançadas posteriormente.

Figura 148 – Publicação do conto "A frutinha do café", no primeiro volume da *Revista do Jardim da Infância*, em 1896.



A FRUCTINHA DO CAFÉ

Foi quando eu era pequenina que se deu o que vou contar.

Era em uma fazenda de café, uma bella fazenda muito bem situada, no meio de extensos terreiros muito limpos.

Eu gostava immenso de passear pelo cafezal que se extendia pelo morro além, em longas fileiras de um verde carregado.

Uma tarde sahi com minhas irmansinhas, todas pequeninas com eu, a brincar o «Esconde! esconde!» por entre as aleas dos cafeeiros que se vestiam desde a base de folhagem espessa.

Era pelo tempo da colheita.

Como eu andasse, pé ante pé, para que ninguem me presentisse, ouvi uma vózinha muito doce que parecia vir de sob os meus pés, dizendo:—Ai! ai! Não me esmagues, bôa menina. Tu és minha amiguinha bem o sei... retira o teu pésinho, já, por piedade...

Eu tive um sobresalto... Que vóz seria aquella? Alguma formiguinha? Mas eu nunca fôra amiga dessas taesinhas... Até muitas vezes procurava fazer-lhes

madeira ou em moinhos de ferro que as reduzem a um pó cheiroso, o qual, misturado com agua e preparado por mãos habeis e experientes, nos dá o saboroso café de que tanto gósto. Mamãe ainda me contou outras cousas a proposito do café, disse-me, por exemplo: que uma das fontes da riqueza do nosso amado e formoso Brazil é a cultura do café. Disse mais, que o nosso café é famoso por todo o mundo e muito procurado. Já vês, bella fructinha vermelha, que não deves ficar descontente com a tua sorte. Não é uma gloria prestarmos um serviço á nossa terra?» Quando eu dizia estas ultimas palavras ouvi a vóz de mamãe que me procurava pelo cafezal e que approximou-se, dizendo-me em carinhosa censura:

—Meu Deus! filha, que susto me fizeste passar! Julguei que te houvesse acontecido alguma cousa...

E, tomando-me pela mão, levou-me para a casa.

Zalina Rolim.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Além da frutinha do título, que discorria sobre as etapas de seu crescimento, o conhecimento e as informações eram novamente depositados na figura da mãe, representada como fonte de sabedoria e aprendizagem.

> Mamãe ainda me contou outras coisas a propósito do café, disse-me, por exemplo: que uma das fontes da riqueza do nosso amado e formoso Brasil é a cultura do café. Disse mais, que o nosso café é famoso por todo o mundo e muito procurado. Já vês, bela frutinha vermelha que não deves ficar descontente com a tua sorte (*Revista do Jardim da Infância*, 1896).

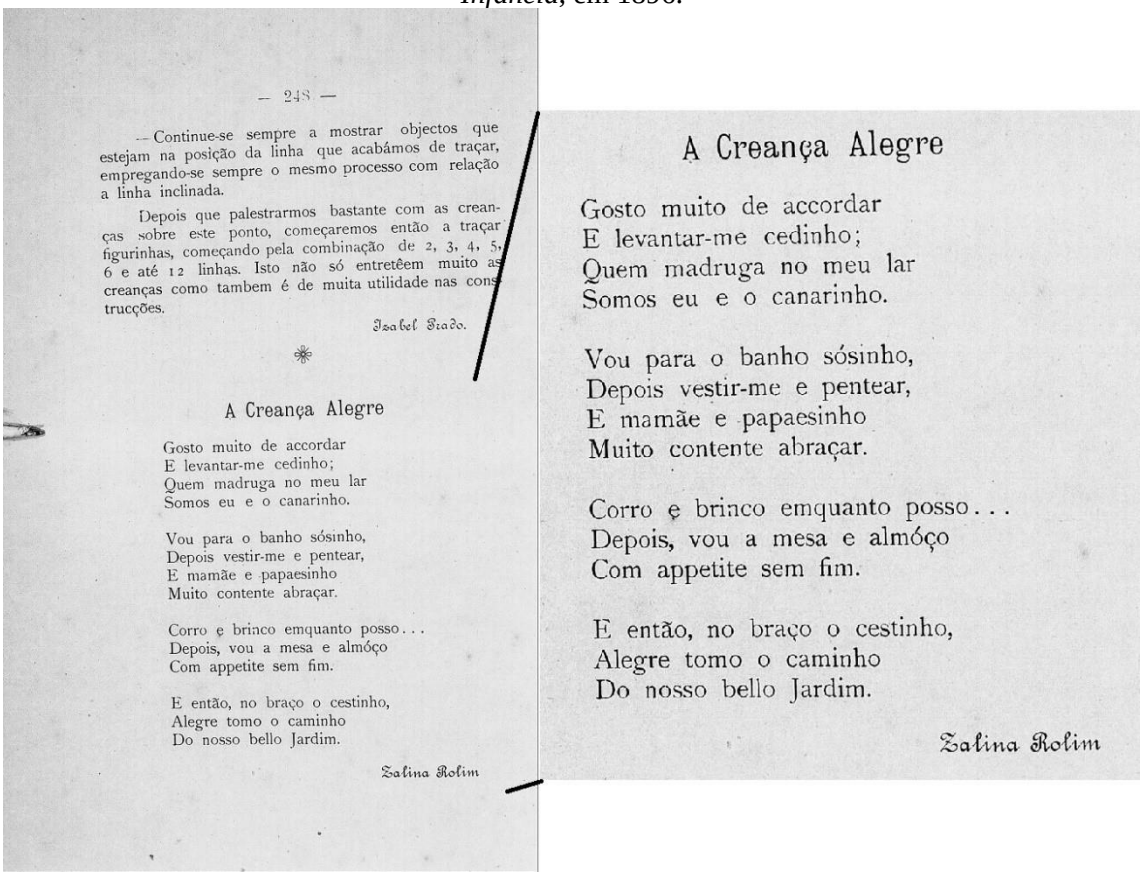
Como mencionado, é a mesma figura materna que acaba trazendo a menina de volta para a realidade, retirando-a da companhia da personagem imaginária, talvez simbolizando a visão de que a vida adulta afastava a magia da ilusão. Mais um trabalho da escritora, dessa vez mais voltado ao teor edificante, aparecia algumas páginas depois. Tratava-se do poema "A criança alegre", que apresentava a rotina que seria comum aos alunos do Jardim da Infância.

> *A criança alegre*
>
> Gosto muito de acordar
> E levantar-me cedinho;
> Quem madruga no meu lar
> Somos eu e o canarinho.
>
> Vou para o banho sozinho,
> Depois vestir-me e pentear,
> E mamãe e papaizinho
> Muito contente abraçar.
>
> Corro e brinco enquanto posso...
> Depois, vou a mesa e almoço
> Com apetite sem fim
>
> E então, no braço o cestinho
> Alegre tomo o caminho
> Do nosso belo Jardim.
> (*Revista do Jardim da Infância*, 1896)

A composição emulava a estrutura de um soneto, com os versos sendo organizados em dois quartetos e dois tercetos, porém apresentando apenas heptassílabos e um esquema de rimas em ABAB CCD. Tal poema evidenciava a facilitação da memorização, bem como estimulava o aprendizado formal de um gênero poético de forma fixa. Coelho (2000, p. 224) indica que fazia parte do sistema educativo do Oitocentos "a memorização de poemas que deviam ser ditos pelos alunos nas aulas de leitura ou em datas festivas", um método básico do ensino tradicional

que perdurou por muito tempo. De acordo com a estudiosa, a produção de poesia para crianças daquela época restringia-se a publicações quase sempre pueris, com predomínio de composições narrativas e exemplares que "visavam a formação de bons sentimentos (pátrios, filiais, fraternais, caridosos, generosos, de obediência, etc.)" (COELHO, 2000, pp. 225). Nessa perspectiva, apesar do emprego de uma linguagem mais simples e da presença de um eu lírico-infantil, os versos passavam preceitos de rotina a serem praticados pelas crianças, como acordar cedo, tomar banho sozinho e demonstrar carinho para os pais. No arremate, após muito bem se alimentar, a criança seguiria para a escola. De toda forma, Zalina Rolim ainda conseguia inferir a importância que tanto ela, quanto os defensores da teoria froebeliana entregavam à brincadeira na vida dos infantes, com a voz poética encaixando o momento de diversão na descrição do seu dia.

Figura 149 – Publicação do poema "A criança alegre", no primeiro volume da *Revista do Jardim da Infância*, em 1896.



— 248 —

— Continue-se sempre a mostrar objectos que estejam na posição da linha que acabámos de traçar, empregando-se sempre o mesmo processo com relação a linha inclinada.

Depois que palestrarmos bastante com as creanças sobre este ponto, começaremos então a traçar figurinhas, começando pela combinação de 2, 3, 4, 5, 6 e até 12 linhas. Isto não só entretêem muito as creanças como tambem é de muita utilidade nas construcções.

Isabel Prado.

A Creança Alegre

Gosto muito de accordar
E levantar-me cedinho;
Quem madruga no meu lar
Somos eu e o canarinho.

Vou para o banho sósinho,
Depois vestir-me e pentear,
E mamãe e papaesinho
Muito contente abraçar.

Corro e brinco emquanto posso...
Depois, vou a mesa e almóço
Com appetite sem fim.

E então, no braço o cestinho,
Alegre tomo o caminho
Do nosso bello Jardim.

Zalina Rolim

A Creança Alegre

Gosto muito de accordar
E levantar-me cedinho;
Quem madruga no meu lar
Somos eu e o canarinho.

Vou para o banho sósinho,
Depois vestir-me e pentear,
E mamãe e papaesinho
Muito contente abraçar.

Corro e brinco emquanto posso...
Depois, vou a mesa e almóço
Com appetite sem fim.

E então, no braço o cestinho,
Alegre tomo o caminho
Do nosso bello Jardim.

Zalina Rolim

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

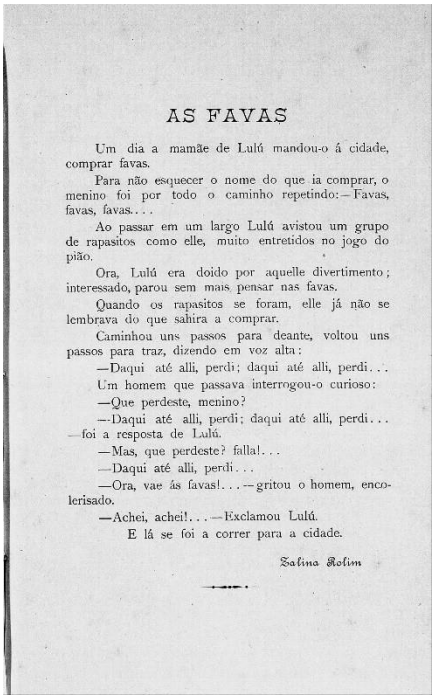
Já o conto "As favas", presente no mesmo volume, evocava com muito bom humor o preceito de que as crianças precisavam manter a atenção nas suas obrigações. Na narrativa, o menino Lulu era mandado à cidade pela mãe para comprar favas. Como no caminho se distraíra

com um jogo de pião, ele acabou esquecendo o que tinha de trazer para casa. O garoto acabava se lembrando ao ser “mandado às favas” por um homem que tentava ajudá-lo.

> Um homem que passava interrogou-o curioso:
> – Que perdeste, menino?
> – Daqui até ali, perdi: daqui até ali, perdi... – foi a resposta de Lulu.
> – Mas, que perdeste? Fala!...
> – Daqui até ali, perdi...
> – Ora, vai às favas!... – gritou o homem, encolerizado.
> – Achei, achei!... – Exclamou Lulu.
> E lá se foi a correr para a cidade (*Revista do Jardim da Infância*, 1896).

A locução utilizada para afastar alguém importuno, bem comum à época, acabava salvando Lulu da enrascada, com a autora trazendo graça ao conto, que termina sem deixar clara a sua orientação moralista. O menino não recebe punição ou qualquer repreensão por ter perdido o foco na atividade proposta pela mãe, conseguindo sanar a situação por meio da “ajuda” que recebia do homem desconhecido. A escritora também voltava a usar a repetição como interessante recurso de atração, que certamente corroborava o divertimento da leitura.

Figura 150 – Publicação do conto “As favas”, no primeiro volume da *Revista do Jardim da Infância*, em 1896.



AS FAVAS

Um dia a mamãe de Lulú mandou-o á cidade, comprar favas.

Para não esquecer o nome do que ia comprar, o menino foi por todo o caminho repetindo:—Favas, favas, favas....

Ao passar em um largo Lulú avistou um grupo de rapasitos como elle, muito entretidos no jogo do pião.

Ora, Lulú era doido por aquelle divertimento; interessado, parou sem mais pensar nas favas.

Quando os rapasitos se foram, elle já não se lembrava do que sahira a comprar.

Caminhou uns passos para deante, voltou uns passos para traz, dizendo em voz alta:

—Daqui até alli, perdi; daqui até alli, perdi...

Um homem que passava interrogou-o curioso:

—Que perdeste, menino?

—Daqui até alli, perdi; daqui até alli, perdi... —foi a resposta de Lulú.

—Mas, que perdeste? falla!...

—Daqui até alli, perdi...

—Ora, vae ás favas!...—gritou o homem, encolerisado.

—Achei, achei!...—Exclamou Lulú.

E lá se foi a correr para a cidade.

Zalina Rolim

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Ainda na mesma edição, Rolim publicou versos para serem utilizados na aprendizagem sobre os dedos das mãos. A composição “Ginástica dos dedos” era dividida em 3 períodos,

provavelmente lidos em momentos diferentes, sendo acompanhados dos respectivos movimentos dos dedos.

GINÁSTICA DOS DEDOS

1º PERÍODO

Fecho o dedo polegar,
Para o indicador abrir;
Vem o médio se deitar,
Ereto fica o anular
Que o mínimo vai dormir.

2º PERÍODO

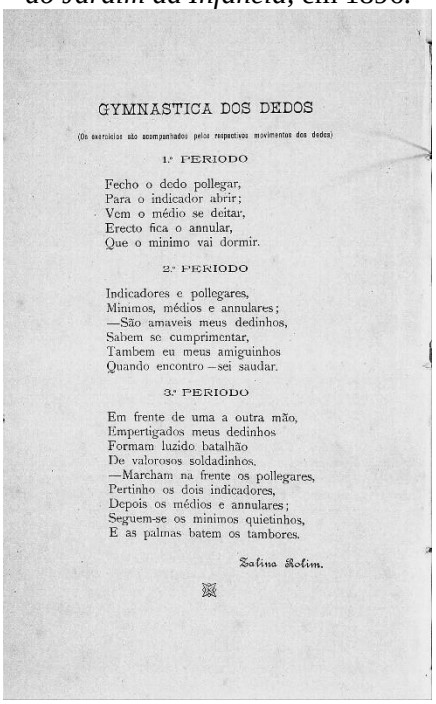
Indicadores e polegares,
Mínimos, médios e anulares;
– São amáveis meus dedinhos,
Sabem se cumprimentar,
Também eu meus amiguinhos
Quando encontro – sei saudar.

3º PERÍODO

Em frente de uma a outra mão,
Empertigados meus dedinhos
Formam luzido batalhão
De valorosos soldadinhos.
– Marcham na frente os polegares,
Pertinho os dois indicadores,
Depois os médios e anulares;
Seguem-se os mínimos quietinhos,
E as palmas batem os tambores.
(*Revista do Jardim da Infância*, 1896)

As estrofes cresciam estruturalmente de um período a outro: de um quinteto de versos heptassílabos de esquema de rimas em ABAAB, seguia-se para uma sextilha de versos mistos de esquema de rimas AABCBC e, depois, para uma nona de versos octassílabos de esquema de rimas em ABABCDCBC. A autora parecia personificar os dedos, que tinham ações de deitar, dormir e se cumprimentar, em semelhança às próprias crianças. Eles também imitavam soldados em um "luzido batalhão", bem como as palmas aludiam a tambores, reforçando a imaginação no processo de aprendizagem, bem como associando os versos a brincadeiras comuns às crianças da época, evidenciadas por um eu-lírico infantil.

Figura 151 – Publicação da composição poética “Ginástica dos dedos”, no primeiro volume da *Revista do Jardim da Infância*, em 1896.



GYMNASTICA DOS DEDOS

(Os exercicios são acompanhados pelos respectivos movimentos dos dedos)

1.º PERIODO

Fecho o dedo pollegar,
Para o indicador abrir;
Vem o médio se deitar,
Erecto fica o annular,
Que o minimo vai dormir.

2.º PERIODO

Indicadores e pollegares,
Minimos, médios e annulares;
—São amaveis meus dedinhos,
Sabem se cumprimentar,
Tambem eu meus amiguinhos
Quando encontro—sei saudar.

3.º PERIODO

Em frente de uma a outra mão,
Empertigados meus dedinhos
Formam luzido batalhão
De valorosos soldadinhos.
—Marcham na frente os pollegares,
Pertinho os dois indicadores,
Depois os médios e annulares;
Seguem-se os minimos quietinhos,
E as palmas batem os tambores.

Zalina Rolim.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Em seguida, a *Revista do Jardim da Infância* veiculava versos escritos por Rolim para serem utilizados em exercícios de dicção, isto é, que ensinavam sobre a maneira de articular ou pronunciar determinadas palavras. Novamente divididos em períodos, tais versos, entretanto, também envolviam outros preceitos relativos à educação moral das crianças.

VERSOS PARA EXERCÍCIOS DE DICÇÃO

1º PERÍODO

Em boa companhia
A gente a vida goza,
E coisa proveitosa
Aprende cada dia.

Nossas gentis boquinhas
Falam com senso e graça
De tudo o que se passa
Em nossas cabecinhas.

De ler não temos ânsia,
Que é cedo, muito cedo;
– Viva o folguedo!
– Viva o Jardim da Infância!

2º PERÍODO

Minha boca tem juízo,

Não desperdiça um tesouro;
Só fala quando é preciso,
Sabe que o silêncio é de ouro.

3º PERÍODO

Olhos abertos
E fino tato,
Ouvidos certos
E gosto e olfato.

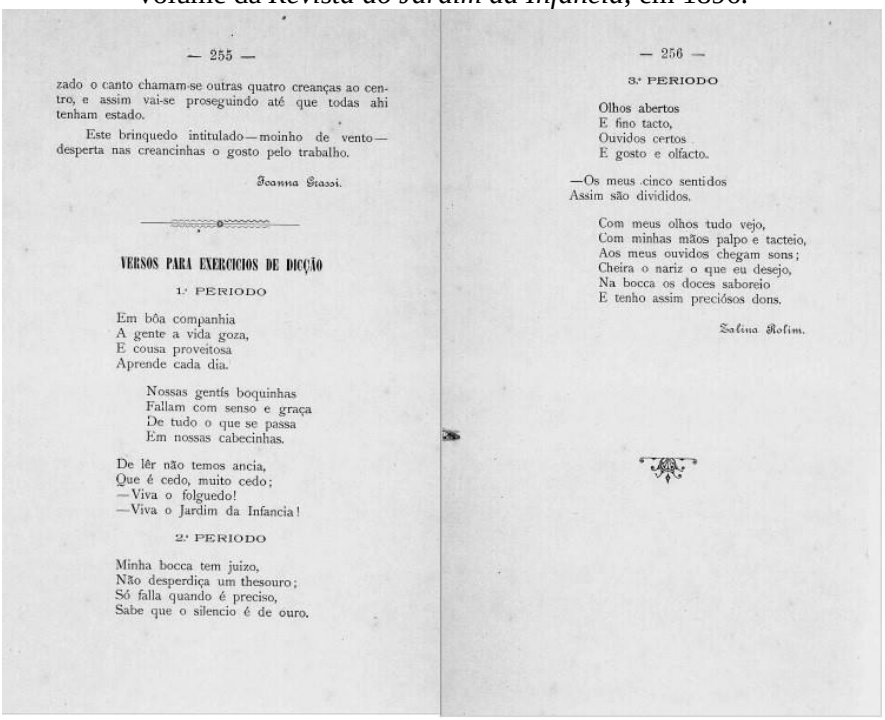
– Os meus cinco sentidos
Assim são divididos.

Com meus olhos tudo vejo,
Com minhas mãos palpo e tateio,
Aos meus ouvidos chegam sons;
Cheira o nariz o que eu desejo,
Na boca os doces saboreio
E tenho assim preciosos dons.
(*Revista do Jardim da Infância*, 1896)

A composição era quase inteiramente dividida em quadras de fácil memorização, com apenas o 3º período sendo dividido em uma quadra, um dístico (ou parelha) e uma sextilha. Os versos hexassílabos com esquema de rimas ABBA do primeiro período, focados na exaltação das práticas e do ambiente do Jardim da Infância por uma voz poética infantil coletiva, emulando os pequenos estudantes da instituição, revelavam que esse momento inicial poderia ser destinado a crianças menores, que não apresentavam ânsia por aprender a ler por ainda ser "muito cedo". Provavelmente tais versos seriam declamados pelas professoras e depois decorados pelos pequenos. Já os versos heptassílabos organizados em esquema de rimas ABAB do segundo período indicavam um comportamento a ser seguido pelas crianças, o recato de suas ações e de sua fala, deixando entrever que a censura a uma conduta mais expansiva seria comum à formação virtuosa infantil naquela época.

Por fim, o terceiro momento ensinava sobre cada um dos cinco sentidos, localizando os seus órgãos receptores em um crescendo poético. Seus quatro primeiros versos tetrassílabos seguiam o esquema de rimas em ABAB, com os dois próximos versos hexassílabos rimando entre si, enquanto os seis versos octassílabos derradeiros seguem o esquema ABCABC. Assim como no segundo momento, o terceiro também apresenta um eu lírico-infantil, facilitando a aproximação com as crianças e fazendo-as se colocar no discurso poético no momento da leitura ou memorização.

Figura 152 – Publicação da composição poética “Versos para exercícios de dicção”, no primeiro volume da *Revista do Jardim da Infância*, em 1896.



— 255 —

zado o canto chamam-se outras quatro creanças ao centro, e assim vai-se proseguindo até que todas ahi tenham estado.

Este brinquedo intitulado — moinho de vento — desperta nas creancinhas o gosto pelo trabalho.

Joanna Stassi.

VERSOS PARA EXERCICIOS DE DICÇÃO

1.º PERIODO

Em bôa companhia
A gente a vida goza,
E cousa proveitosa
Aprende cada dia.

Nossas gentís boquinhas
Fallam com senso e graça
De tudo o que se passa
Em nossas cabecinhas.

De lêr não temos ancia,
Que é cedo, muito cedo;
—Viva o folguedo!
—Viva o Jardim da Infancia!

2.º PERIODO

Minha bocca tem juizo,
Não desperdiça um thesouro;
Só falla quando é preciso,
Sabe que o silencio é de ouro.

— 256 —

3.º PERIODO

Olhos abertos
E fino tacto,
Ouvidos certos
E gosto e olfacto.

—Os meus cinco sentidos
Assim são divididos.

Com meus olhos tudo vejo,
Com minhas mãos palpo e tacteio,
Aos meus ouvidos chegam sons;
Cheira o nariz o que eu desejo,
Na bocca os doces saboreio
E tenho assim preciósos dons.

Zalina Rolim.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

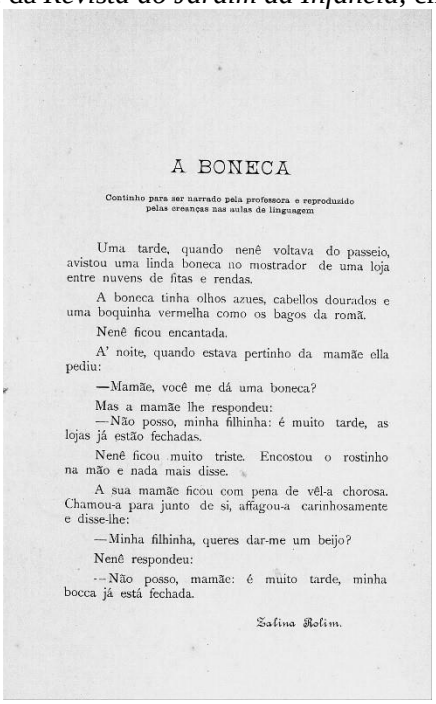
A última participação de Zalina Rolim no primeiro volume da Revista do Jardim da Infância se deu com o conto “A boneca”, feito para ser reproduzido por crianças em aulas de linguagem, mas que aparentemente não se ligava a nenhuma orientação moral. Na narrativa, a menina Nenê pedia uma boneca à sua mãe. Como a solicitação era-lhe negada, a criança retribuía a desconsideração na mesma medida, trazendo um tom humorístico à história.

> À noite, quando estava pertinho da mamãe ela pediu: Mamãe, você me dá uma boneca?
> Mas a mamãe lhe respondeu:
> – Não posso, minha filhinha: é muito tarde, as lojas já estão fechadas.
> Nenê ficou muito triste. Encostou o rostinho na mão e nada mais disse.
> A sua mamãe ficou com pena de vê-la chorosa. Chamou-a para junto de si, afagou-a carinhosamente e disse-lhe:
> – Minha filhinha, queres dar-me um beijo?
> Nenê respondeu:
> – Não posso, mamãe: é muito tarde, minha boca já está fechada (*Revista do Jardim da Infância*, 1896).

A autora, ao equiparar o discurso e as atitudes dos adultos ao dos infantes, parecia evidenciar o pensamento de que suas vontades deveriam ser respeitadas igualmente. A personagem Nenê também mostrava que as crianças poderiam repetir o que fazia a sua mãe, o

seu exemplo de caráter mais próximo, evidenciando que os mais velhos deveriam tratar com mais apreço e atenção os pequenos.

Figura 153 – Publicação da composição poética “Versos para exercícios de dicção”, no primeiro volume da *Revista do Jardim da Infância*, em 1896.



A BONECA

Continho para ser narrado pela professora e reproduzido pelas creanças nas aulas de linguagem

Uma tarde, quando nenê voltava do passeio, avistou uma linda boneca no mostrador de uma loja entre nuvens de fitas e rendas.

A boneca tinha olhos azues, cabellos dourados e uma boquinha vermelha como os bagos da romã.

Nenê ficou encantada.

A' noite, quando estava pertinho da mamãe ella pediu:

—Mamãe, você me dá uma boneca?

Mas a mamãe lhe respondeu:

—Não posso, minha filhinha: é muito tarde, as lojas já estão fechadas.

Nenê ficou muito triste. Encostou o rostinho na mão e nada mais disse.

A sua mamãe ficou com pena de vêl-a chorosa. Chamou-a para junto de si, affagou-a carinhosamente e disse-lhe:

—Minha filhinha, queres dar-me um beijo?

Nenê respondeu:

—Não posso, mamãe: é muito tarde, minha bocca já está fechada.

Zalina Rolim.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Já o segundo volume da *Revista*, publicado em 1897, trazia o poema “Diálogo matinal”, assinada por Rolim, logo em uma de suas primeiras páginas. A composição, como indicava o título, apresentava uma conversa entre dois interlocutores sobre os hábitos rotineiros praticados por um deles pela manhã.

Diálogo matinal

– Que se faz muito cedinho,
Sabe você me contar?
– Desperto, lavo o rostinho,
Depois mamãe vou beijar.

– Não vai ao banho bem cedo,
Antes do almoço, por que?
– Da água fria tenho medo,
Não o tem também você?

– Mas é bom para a saúde,
Faz-nos robustos, pois não?
– É assim que mamãe me ilude...
Mesmo assim, só no verão!

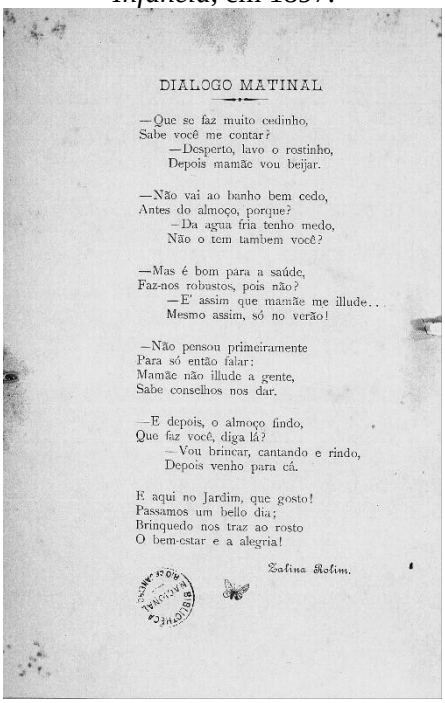
Não pensou primeiramente
Para só então falar:
– Mamãe não ilude a gente,
Sabe conselhos nos dar.

– E depois, o almoço, findo,
Que faz você, diga lá?
– Vou brincar, cantando e rindo,
Depois venho para cá.

E aqui no Jardim, que gosto!
Passamos um belo dia;
Brinquedo nos traz ao rosto
O bem-estar e a alegria!
(*Revista do Jardim da Infância*, 1897)

Um dos interlocutores não se revelava tanto na leitura da composição, apenas traçando perguntas, podendo ser um adulto ou outra criança. A voz poética que respondia tais indagações, por outro lado, equivalia à de um infante, traçando uma representação diligente e, de certa forma, responsável dos estudantes do Jardim da Infância, bem como se mostrado entusiasta da instituição, gostando de frequentar o seu espaço.

Figura 154 – Publicação do poema "Diálogo matinal", no segundo volume da *Revista do Jardim da Infância*, em 1897.



DIALOGO MATINAL

—Que se faz muito cedinho,
Sabe você me contar?
—Desperto, lavo o rostinho,
Depois mamãe vou beijar.

—Não vai ao banho bem cedo,
Antes do almoço, porque?
—Da agua fria tenho medo,
Não o tem tambem você?

—Mas é bom para a saúde,
Faz-nos robustos, pois não?
—E' assim que mamãe me illude...
Mesmo assim, só no verão!

—Não pensou primeiramente
Para só então falar:
Mamãe não illude a gente,
Sabe conselhos nos dar.

—E depois, o almoço findo,
Que faz você, diga lá?
—Vou brincar, cantando e rindo,
Depois venho para cá.

E aqui no Jardim, que gosto!
Passamos um bello dia;
Brinquedo nos traz ao rosto
O bem-estar e a alegria!

Zalina Rolim.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

No poema em questão, a escritora ainda incentivava a prática de se tomar banho cedo, evocando a crença de que seria "bom para a saúde". Todavia, ela voltava a privilegiar o valor das brincadeiras e dos brinquedos no cotidiano das crianças dentro e fora da escola. O cenário educacional, aliás, também foi base de duas crônicas assinadas por Rolim na Revista do Jardim da Infância, intituladas de "Das "Minhas notas"" e "Das "Minhas notas" II", ambas registrando reflexões da autora acerca de suas práticas pedagógicas e do seu contato com as crianças que frequentavam o Jardim. No primeiro escrito, ela levantava impressões acerca do desempenho dos estudantes e das transformações que elas estariam apresentando no decorrer do período letivo.

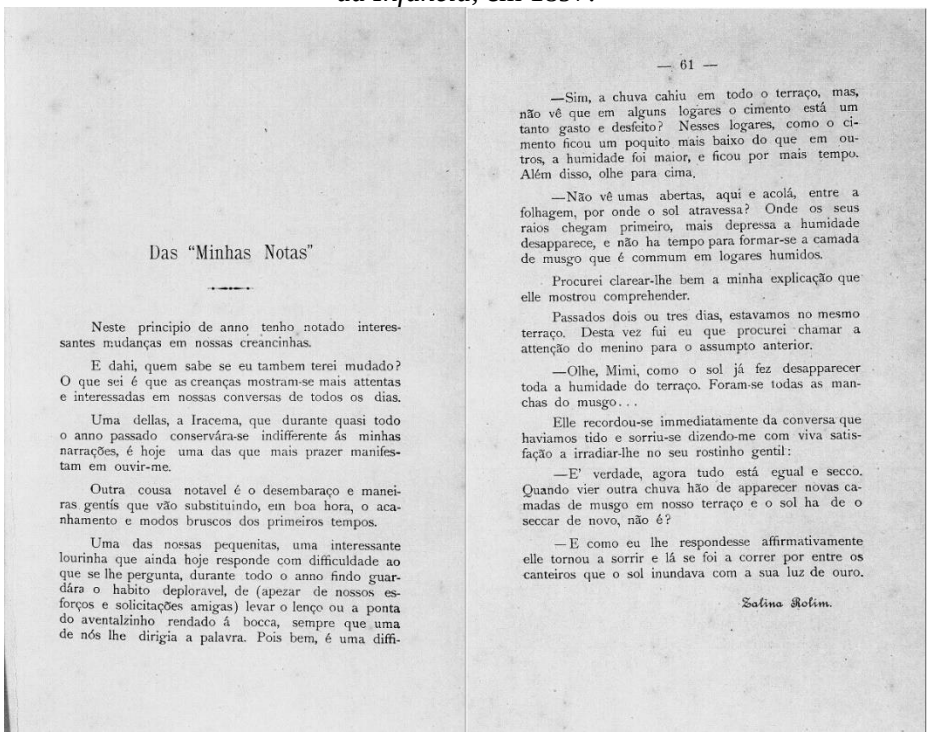
> Neste princípio de ano tenho notado interessantes mudanças em nossas criancinhas.
> E daí, quem sabe se eu também terei mudado?
> O que sei é que as crianças mostram-se mais atentas e interessadas em nossas conversas de todos os dias [...]
> Outra coisa notável é o desembaraço e maneiras gentis que vão substituindo, em boa hora, o acanhamento e modos bruscos dos primeiros tempos (*Revista do Jardim da Infância*, 1897).

Em alguns momentos, Zalina Rolim chegava a nomear os alunos, como a menina Iracema, que passara a prestar mais atenção às suas narrações, e Mimi, um menino a quem ela auxiliara nas dúvidas sobre o musgo que surgia em instalações da escola. Como a escritora revelava, ela própria poderia estar mudando em relação ao trato com as crianças, procurando aproximar-se de seu ponto de vista.

> Enfim, há no Jardim muita coisa nova e que me interessa sobre maneira. As crianças fazem-me perguntas a que respondo com prazer e agrado, procurando sempre um meio de tornar-lhes as minhas expressões bem claras e simples. Nem sempre o conseguirei, talvez, mas o esforço e os bons desejos de algum proveito hão de ser (*Revista do Jardim da Infância*, 1897).

O trecho citado mostrava o esforço da autora em adequar a sua linguagem ao nível de compreensão infantil, algo que ela se preocupava em empregar tanto em seu trabalho pedagógico como em sua lide com a pena.

Figura 155 – Publicação da crônica “Das “Minhas notas””, no segundo volume da *Revista do Jardim da Infância*, em 1897.



Das "Minhas Notas"

Neste principio de anno tenho notado interessantes mudanças em nossas creancinhas.

E dahi, quem sabe se eu tambem terei mudado? O que sei é que as creanças mostram-se mais attentas e interessadas em nossas conversas de todos os dias.

Uma dellas, a Iracema, que durante quasi todo o anno passado conservára-se indifferente ás minhas narrações, é hoje uma das que mais prazer manifestam em ouvir-me.

Outra cousa notavel é o desembaraço e maneiras gentís que vão substituindo, em boa hora, o acanhamento e modos bruscos dos primeiros tempos.

Uma das nossas pequenitas, uma interessante lourinha que ainda hoje responde com difficuldade ao que se lhe pergunta, durante todo o anno findo guardára o habito deploravel, de (apezar de nossos esforços e solicitações amigas) levar o lenço ou a ponta do aventalzinho rendado á bocca, sempre que uma de nós lhe dirigia a palavra. Pois bem, é uma diffi-

— 61 —

—Sim, a chuva cahiu em todo o terraço, mas, não vê que em alguns logares o cimento está um tanto gasto e desfeito? Nesses logares, como o cimento ficou um poquito mais baixo do que em outros, a humidade foi maior, e ficou por mais tempo. Além disso, olhe para cima.

—Não vê umas abertas, aqui e acolá, entre a folhagem, por onde o sol atravessa? Onde os seus raios chegam primeiro, mais depressa a humidade desapparece, e não ha tempo para formar-se a camada de musgo que é commum em logares humidos.

Procurei clarear-lhe bem a minha explicação que elle mostrou comprehender.

Passados dois ou tres dias, estavamos no mesmo terraço. Desta vez fui eu que procurei chamar a attenção do menino para o assumpto anterior.

—Olhe, Mimi, como o sol já fez desapparecer toda a humidade do terraço. Foram-se todas as manchas do musgo...

Elle recordou-se immediatamente da conversa que haviamos tido e sorriu-se dizendo-me com viva satisfação a irradiar-lhe no seu rostinho gentil:

—E' verdade, agora tudo está egual e secco. Quando vier outra chuva hão de apparecer novas camadas de musgo em nosso terraço e o sol ha de o seccar de novo, não é?

—E como eu lhe respondesse affirmativamente elle tornou a sorrir e lá se foi a correr por entre os canteiros que o sol inundava com a sua luz de ouro.

Zalina Rolim.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

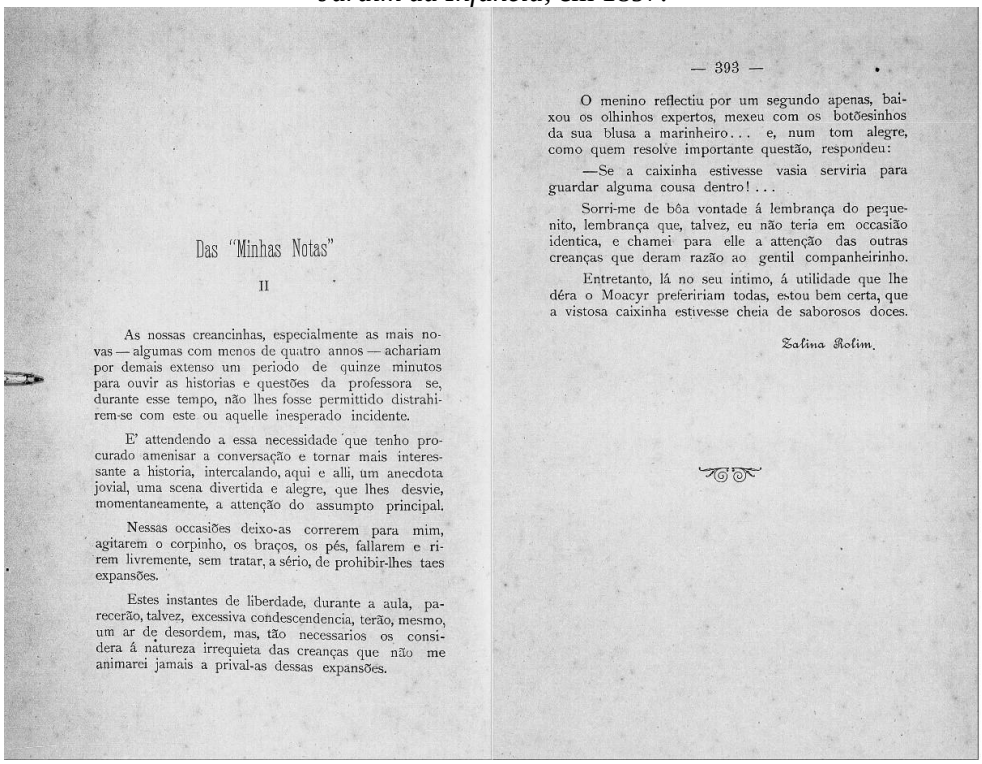
Em “Das “Minhas notas” II”, a autora discorria sobre como conseguira atrair a atenção das crianças, principalmente as mais pequenas, no momento em que praticava a contação de histórias, revelando entender o seu comportamento arredio e distraído.

> É atendendo a essa necessidade que tenho procurado amenizar a conversação e tornar mais interessante a história, intercalando, aqui e ali uma anedota jovial, uma cena divertida e alegre, que lhes desvie, momentaneamente, a atenção do assunto principal.
> Nessas ocasiões deixo-as correrem para mim, agitarem o corpinho, os braços, os pés, falarem e rirem livremente, sem tratar a sério, de proibir-lhes tais expansões.
> Estes instantes de liberdade, durante a aula, parecerão talvez, excessiva condescendência, terão mesmo um ar de desordem, mas tão necessários os considera a natureza irrequieta das crianças que não me animarei jamais a privá-las dessas expansões (*Revista do Jardim da Infância*, 1897).

Tal visão demonstrava-se bem diferente da apresentava no segundo período dos “Versos para exercícios de dicção”, apresentada no primeiro volume da publicação, em que a escritora parecia não aprovar um comportamento mais expansivo das crianças, limitando o seu discurso a coisas úteis. Isso noz pensar que talvez o conteúdo daqueles versos se relacionasse a alguma orientação específica recebida para a sua produção, com a escritora mostrando o seu verdadeiro ponto de vista no relato da crônica. Ela demonstrava, em sua reflexão, compreender o que as

crianças sentiam – a sua "natureza irrequieta" – e autorizar as atitudes que fugiam aos objetivos das aulas, oferecendo espaço para elas se divertirem, ainda que aparentasse estar propiciando o desalinho.

Figura 156 – Publicação da crônica "Das "Minhas notas" II", no segundo volume da *Revista do Jardim da Infância*, em 1897.



Das "Minhas Notas"

II

As nossas creancinhas, especialmente as mais novas — algumas com menos de quatro annos — achariam por demais extenso um periodo de quinze minutos para ouvir as historias e questões da professora se, durante esse tempo, não lhes fosse permittido distrahirem-se com este ou aquelle inesperado incidente.

E' attendendo a essa necessidade que tenho procurado amenisar a conversação e tornar mais interessante a historia, intercalando, aqui e alli, um anecdota jovial, uma scena divertida e alegre, que lhes desvie, momentaneamente, a attenção do assumpto principal.

Nessas occasiões deixo-as correrem para mim, agitarem o corpinho, os braços, os pés, fallarem e rirem livremente, sem tratar, a sério, de prohibir-lhes taes expansões.

Estes instantes de liberdade, durante a aula, parecerão, talvez, excessiva condescendencia, terão, mesmo, um ar de desordem, mas, tão necessarios os considera á natureza irrequieta das creanças que não me animarei jamais a prival-as dessas expansões.

O menino reflectiu por um segundo apenas, baixou os olhinhos expertos, mexeu com os botõesinhos da sua blusa a marinheiro... e, num tom alegre, como quem resolve importante questão, respondeu:

—Se a caixinha estivesse vasia serviria para guardar alguma cousa dentro!...

Sorri-me de bôa vontade á lembrança do pequenito, lembrança que, talvez, eu não teria em occasião identica, e chamei para elle a attenção das outras creanças que deram razão ao gentil companheirinho.

Entretanto, lá no seu intimo, á utilidade que lhe déra o Moacyr prefeririam todas, estou bem certa, que a vistosa caixinha estivesse cheia de saborosos doces.

Zalina Rolim.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Em outro momento, Rolim revelava utilizar-se de ilustrações como artifício de aproximação com o público infantil a quem lecionava. Tal instrumento parecia ser recebido com entusiasmo pelas crianças:

> Um dos meios com que tenho conseguido atrair-lhes mais prontamente a atenção de ordinário disposta à volubilidade, é o uso de gravuras como um auxílio à conversação. Com que prazenteiro interesse querem todas observar o que lhes apresento! Cada qual com mais vivacidade e presteza, procura exprimir as suas ideias, não se preocupando de interromper os companheirinhos, e quase sempre falando muitas ao mesmo tempo (*Revista do Jardim da Infância*, 1897).

Depois de apresentadas as imagens, ela relatava solicitar que os pequenos, um a um, fossem descrevendo o que viam, propiciando um maior diálogo nas aulas e mantendo vivo o seu interesse. Aparentemente permitindo com que as crianças participassem de forma ativa da

construção do saber, tal proposta quebrava com o tom solene presente em muitas escolas no final do século XIX, em que o professor era tido como autoridade a ser respeitada e a única fonte de conhecimento. Caminhando para o final do escrito, a autora contava sobre quando mostrou a imagem de uma árvore de natal para seus alunos e perguntou a respeito de quais presentes eles escolheriam dentre os representados ali.

> As meninas com raras exceções queriam a boneca, a linda boneca de vestido cor de rosa e chapéu à pastora, que se balançava graciosamente em um balanço de cordas suspenso dos galhos da árvore. Os meninos preferiam a espingardinha para a guerra às moscas e outros insetos, o velocípede para as corridas nos passeios das ruas, a bola para os exercícios no jardim, o tambor, a espadinha etc. (*Revista do Jardim da Infância*, 1897).

As respostas dos estudantes mostravam os brinquedos mais comuns entre as crianças de elite da época, descortinando uma clara diferenciação no tocante ao gênero, com a preferência dos meninos sendo muito mais diversificada em relação à escolha das meninas. Em derradeiro comentário, Rolim ainda falava a respeito do pequeno Moacyr, o único a optar por uma caixinha de doces como presente, ainda que esta aparentemente não aparecesse no desenho mostrado. Para além da prosa, a autora publicou mais versos didáticos na *Revista do Jardim da Infância*, como o poema "O meu corpo", formado por quadrinhas de tetrassílabos que seguiam o esquema de rimas em ABCB.

> *O meu corpo*
>
> O meu corpinho
> Leve e gentil,
> Olhem-no um pouco
> Tem graças mil.
>
> Cabeça e tronco
> Bem fortes são
> E aqui, no peito,
> É o coração.
>
> Dois olhos tenho
> Que sabem ver
> E as coisas vistas
> Não esquecer.
>
> Uma boquinha
> Risonha e sã,
> Lábios vermelhos,
> Como a romã.
>
> Os meus ouvidos

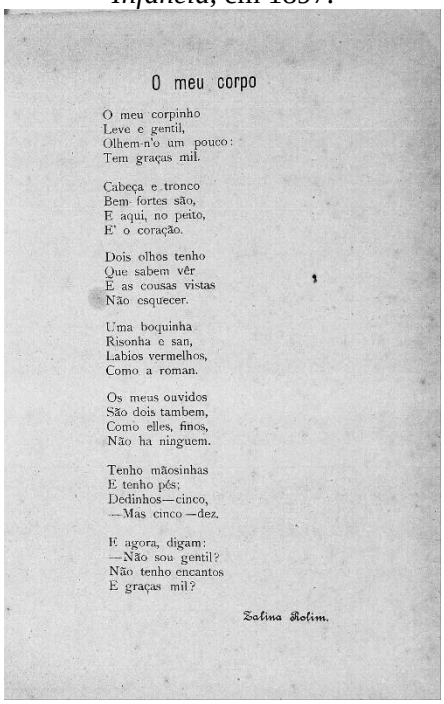
São dois também
Como eles, fino,
Não há ninguém.

Tenho mãozinhas
E tenho pés;
Dedinhos – cinco,
– Mais cinco – dez.

E agora, digam:
– Não sou gentil?
Não tenho encantos
E graças mil?
(*Revista do Jardim da Infância*, 1897)

A composição ensinava sobre as diferentes partes do corpo, associadas a qualidades que ressaltavam a candura das crianças. O eu lírico infantil atrelado à linguagem simples e de fácil memorização certamente foram empregados pela autora para a aproximação e a aprendizagem do público infantil.

Figura 157 – Publicação do poema "O meu corpo", no segundo volume da *Revista do Jardim da Infância*, em 1897.



O meu corpo

O meu corpinho
Leve e gentil,
Olhem-n'o um pouco:
Tem graças mil.

Cabeça e tronco
Bem fortes são,
E aqui, no peito,
E' o coração.

Dois olhos tenho
Que sabem vêr
E as cousas vistas
Não esquecer.

Uma boquinha
Risonha e san,
Labios vermelhos,
Como a roman.

Os meus ouvidos
São dois tambem,
Como elles, finos,
Não ha ninguem.

Tenho mãosinhas
E tenho pés;
Dedinhos—cinco,
—Mas cinco—dez.

E agora, digam:
—Não sou gentil?
Não tenho encantos
E graças mil?

Zalina Rolim.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Após essa participação, o segundo volume da *Revista do Jardim da Infância* editou uma extensa seção de marchas, cantos e hinos escritos por Zalina Rolim. Tais composições curtas acompanhavam músicas pré-determinadas, cuja numeração era indicada para que as professoras tocassem junto à sua leitura ou entoação.

MARCHAS

I

Vamos todos alegrinhos
Nosso guia acompanhar,
Bem marcados os passinhos,
Um após outro marchar.

Altas sempre as cabecinhas,
Leve o corpo, vivo o olhar...
Batam palmas as mãozinhas
Para o compasso marcar.

Trá, lá, lá, lá, trá, lá, lá
Trá, lá, lá, lá, trá, lá, lá
Trá, lá, lá, lá, trá, lá, lá
Trá, lá, lá, lá, trá, lá, lá

II

Gosto muito de uns passeios
Pela sala ou no jardim,
Ledo o rosto, os olhos cheios
De uma alegria sem fim.
Ah! Sem fim, sem fim!

Em fileiras vamos indo,
Como os soldados leais,
Nossas glórias repartindo
Com a mestra e nossos pais.
Com a mestra e nossos pais.
[...]

IV

Vamos brincar, que lindo dia!
O sol é um veio de alegria.
Vamos gozar, o tempo voa...
A infância é a idade alegre e boa.

Que suave aroma tem as flores!
Que alegres sons, vivos rumores
Vêm do jardim e vêm do ar!
O tempo é bom, vamos brincar!

V

Já é tempo de colheita;
Viva o nosso algodoal!

O floco alvejante espreita
E rompe a casca, afinal.

Toda a plantação alveja
Como um imenso lençol
Que afaga, acarinha e beija
A luz radiante do sol.

VI

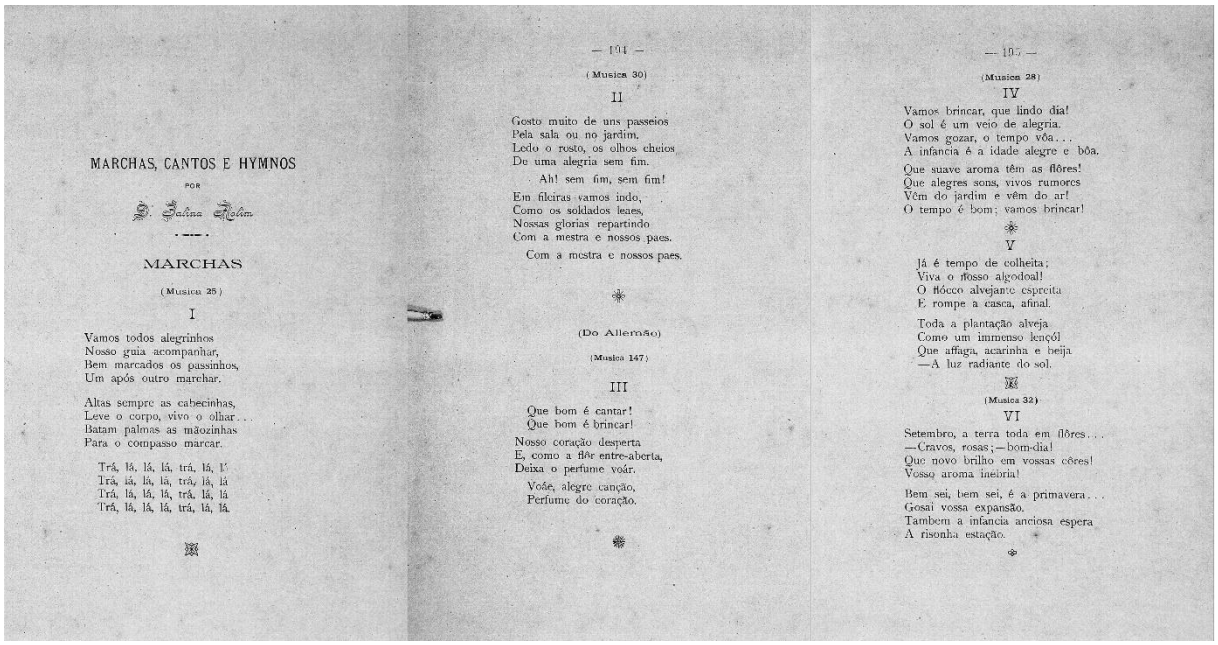
Setembro, a terra toda em flores...
Cravos, rosas, -bom-dia!
Que novo brilho em vossas cores!
Vosso aroma inebria!

Bem sei, bem sei, é a primavera...
Gozai vossa expansão.
Também a infância ansiosa espera
A risonha estação.
(*Revista do Jardim da Infância*, 1897)

As marchas provavelmente participavam do cotidiano no Jardim da Infância, com os versos de Rolim servindo para acompanhar, demarcar e organizar os passos das crianças. Das seis composições para marcha incluídas na *Revista*, apenas uma era indicada como tradução ou adaptação de alguma fonte alemã, a de número III. A primeira era composta por versos heptassílabos divididos em quadrinhas com esquema de rimas em ABAB. A sua última estrofe só apresentava onomatopeias, demarcando o ritmo das palmas que deveriam ser emitidas pelas crianças. A segunda, também formada por heptassílabos em quadras de rimas ABAB, enfatizava através da repetição os versos derradeiros das estrofes. Tanto uma como a outra tratavam do marchar em si, convidando e incentivando as crianças nesta atividade.

Já a quarta marcha, de versos octassílabos que formavam duas quadras de rimas em AABB, enfatizava os elementos naturais do Jardim da Infância, assim como incentivava a brincadeira e o aproveitar da infância. A quinta, por sua vez, discorria sobre a colheita do algodão em duas quadras de heptassílabos rimados sob o esquema ABAB, mostrando que o marchar poderia envolver a aprendizagem de algum conteúdo ou preceito. Nessa linha, a sexta marcha ensinava sobre a primavera, mostrada às crianças como a estação das flores que se iniciava no mês de setembro, intercalando versos octassílabos e hexassílabos que seguiam o esquema de rimas ABAB. Todas essas composições evidenciavam a habilidade da autora para compor material útil ao programa do Jardim.

Figura 158 – Publicação de marchas sem título no segundo volume da *Revista do Jardim da Infância*, em 1897.



MARCHAS, CANTOS E HYMNOS

POR

D. Alina Reis

MARCHAS

(Musica 25)

I

Vamos todos alegrinhos
Nosso guia acompanhar,
Bem marcados os passinhos,
Um após outro marchar.

Altas sempre as cabecinhas,
Leve o corpo, vivo o olhar...
Batam palmas as mãozinhas
Para o compasso marcar.

Trá, lá, lá, lá, trá, lá, lá
Trá, lá, lá, lá, trá, lá, lá
Trá, lá, lá, lá, trá, lá, lá
Trá, lá, lá, lá, trá, lá, lá.

— 194 —

(Musica 30)

II

Gosto muito de uns passeios
Pela sala ou no jardim.
Ledo o rosto, os olhos cheios
De uma alegria sem fim.

Ah! sem fim, sem fim!

Em fileiras vamos indo,
Como os soldados leaes,
Nossas glorias repartindo
Com a mestra e nossos paes.

Com a mestra e nossos paes.

(Do Allemão)

(Musica 147)

III

Que bom é cantar!
Que bom é brincar!

Nosso coração desperta
E, como a flôr entre-aberta,
Deixa o perfume voár.

Voáe, alegre canção,
Perfume do coração.

— 195 —

(Musica 28)

IV

Vamos brincar, que lindo dia!
O sol é um veio de alegria.
Vamos gozar, o tempo vôa...
A infancia é a idade alegre e bôa.

Que suave aroma têm as flôres!
Que alegres sons, vivos rumores
Vêm do jardim e vêm do ar!
O tempo é bom; vamos brincar!

V

Já é tempo de colheita;
Viva o fosso algodoal!
O flócco alvejante espreita
E rompe a casca, afinal.

Toda a plantação alveja
Como um immenso lençól
Que affaga, acarinha e beija
—A luz radiante do sol.

(Musica 32)

VI

Setembro, a terra toda em flôres...
—Cravos, rosas;—bom-dia!
Que novo brilho em vossas côres!
Vosso aroma inebria!

Bem sei, bem sei, é a primavera...
Gosai vossa expansão.
Tambem a infancia anciosa espera
A risonha estação.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Os cantos seguiam os mesmos propósitos pedagógicos das marchas, provavelmente sendo entoados em determinados horários antes, durante e após as aulas. No segundo volume da Revista do Jardim da Infância, eram divididos em “Cantos da manhã” e “Cantos de despedida”, todos numerados em ordem crescente. Os do primeiro grupo exaltavam o sol e a virtude de acordar cedo, envolvendo pássaros a despertar o dia de aprendizagem na escola. Assim como o fez nas marchas, a autora empregava muitas vezes a voz poética infantil em aproximação com os pequenos estudantes.

CANTOS DA MANHÃ

I
Que lindo dia!
Quanta alegria
Anda no ar!
Vamos cantar
Assim, assim:
Viva o Jardim!

Meu coração,
Numa expansão
De gozo diz:
Eu sou feliz!
É bom viver
Para aprender!

II

De mãos dadas e alegrinhas
Vão brincar as criancinhas.
No jardim, o amor nos diz
Sejamos todas gentis
Cantando e rindo,
Vamos brincar...
Nosso coração abrindo
À voz do amor, que nos vem falar.

III

Bom dia, sol formoso!
Jardim, bom dia!
Nosso trabalho e gozo
Já principia

Voz meiga e doce riso
Devemos ter
E o nosso paraíso
Aqui fazer.

IV

Já o sol no céu brilhou,
É dia, vamos brincar!
Quem na caminha ficou
Não sabe a vida gozar.

Cantando, os pássaros vão
O ninho caro tecer,
Nosso ledo coração
Cantando quer aprender.

V

É mais um ano que começa
Alegre para nós,
Da infância o riso nunca cessa
O riso é sua voz.

De manhã cedo à noite escura
Vamos cantar, cantar!
O canto é a voz de uma alma pura,
Da vida é o despertar.

VI

De manhã quem me desperta
É do sol a meiga luz,

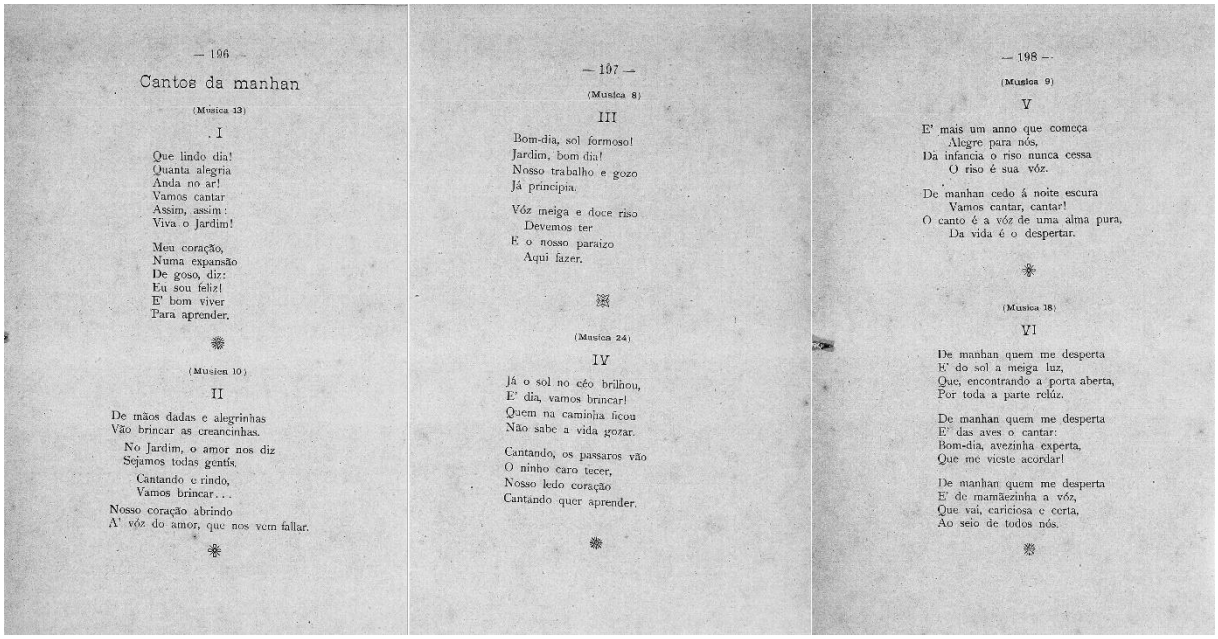
Que encontrando a porta aberta,
Por toda a parte reluz.

De manhã quem me desperta
É das aves o cantar:
Bom dia, avezinha esperta
Que me vieste acordar!

De manhã quem me desperta
É de mamãezinha a voz,
Que vai, cariciosa e certa,
Ao seio de todos nós.
(*Revista do Jardim da Infância*, 1897)

Em alguns momentos, a preguiça parecia repreendida ("Quem na caminha ficou / Não sabe a vida gozar"), bem como era incentivada a gentileza entre as crianças. Outros versos também evocavam a importância da brincadeira e celebravam o Jardim da Infância. Quanto à forma, Rolim novamente empregava estruturas simples e de fácil memorização. O primeiro canto era formado por duas sextilhas de tetrassílabos rimados em AABBCC. O segundo era formado por uma única oitava intercalando heptassílabos e tetrassílabos com rimas organizadas em AABBCDCD. O terceiro apresentava duas quadras intercalando hexassílabos e tetrassílabos, seguindo rimas em ABAB. O quarto, por sua vez, era formado inteiramente por heptassílabos, divididos em 2 quadrinhas e seguindo o esquema de rimas ABAB.

Figura 159 – Publicação de cantos sem título no segundo volume da *Revista do Jardim da Infância*, em 1897.



— 196 —

Cantos da manhan

(Musica 13)

I

Que lindo dia!
Quanta alegria
Anda no ar!
Vamos cantar
Assim, assim:
Viva o Jardim!

Meu coração,
Numa expansão
De goso, diz:
Eu sou feliz!
E' bom viver
Para aprender.

(Musica 10)

II

De mãos dadas e alegrinhas
Vão brincar as creancinhas.
No Jardim, o amor nos diz
Sejamos todas gentis.
Cantando e rindo,
Vamos brincar...
Nosso coração abrindo
A' vóz do amor, que nos vem fallar.

— 197 —

(Musica 8)

III

Bom-dia, sol formoso!
Jardim, bom dia!
Nosso trabalho e gozo
Já principia.

Vóz meiga e doce riso
Devemos ter
E o nosso paraizo
Aqui fazer.

(Musica 24)

IV

Já o sol no céo brilhou,
E' dia, vamos brincar!
Quem na caminha ficou
Não sabe a vida gozar.

Cantando, os passaros vão
O ninho caro tecer,
Nosso ledo coração
Cantando quer aprender.

— 198 —

(Musica 9)

V

E' mais um anno que começa
Alegre para nós,
Da infancia o riso nunca cessa
O riso é sua vóz.

De manhan cedo á noite escura
Vamos cantar, cantar!
O canto é a vóz de uma alma pura,
Da vida é o despertar.

(Musica 18)

VI

De manhan quem me desperta
E' do sol a meiga luz,
Que, encontrando a porta aberta,
Por toda a parte reluz.

De manhan quem me desperta
E' das aves o cantar:
Bom-dia, avezinha experta,
Que me vieste acordar!

De manhan quem me desperta
E' de mamãezinha a vóz,
Que vai, cariciosa e certa,
Ao seio de todos nós.

Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

O quinto intercalava versos octassílabos com hexassílabos em duas quadras, com o esquema de rimas em ABAB. Por fim, o sexto canto da manhã se mostrava o mais longo, sendo formado por três quadras de heptassílabos seguindo as rimas em ABAB. Na publicação, o grupo dos "Cantos de despedida" era mais reduzido, numerando apenas dois.

CANTOS DE DESPEDIDA

I

O dever das criancinhas
É brincar, brincar, brincar...
No brinquedo as cabecinhas
Ganham forças pra estudar.

E quando alegres volvemos
Aos lares, no fim do dia,
No olhar de mamãe nós temos
Mais o prêmio da alegria.

II

Como um sonho, as horas voam
Quando nossa alma é feliz.
Jardim, nos cantos que entoam,
Amorosas, te abençoam
As alminhas infantis.
Meus sonhos todos são teus.
Doce lar das crianças, adeus!
(*Revista do Jardim da Infância*, 1897)

O primeiro canto, dividido em quadras de heptassílabos rimando em ABAB, destacava o valor do brincar no processo de aprendizagem das crianças, bem como representava a figura materna atrelada ao lar, esperando pelo retorno dos filhos após as aulas. O segundo, por outro lado, formado por uma sétima de cinco versos heptassílabos e dois versos octassílabos seguindo o esquema de rimas em ABAABCC, enaltecia o Jardim da Infância, apontando ser um ambiente agradável em que não se percebia o tempo correr.

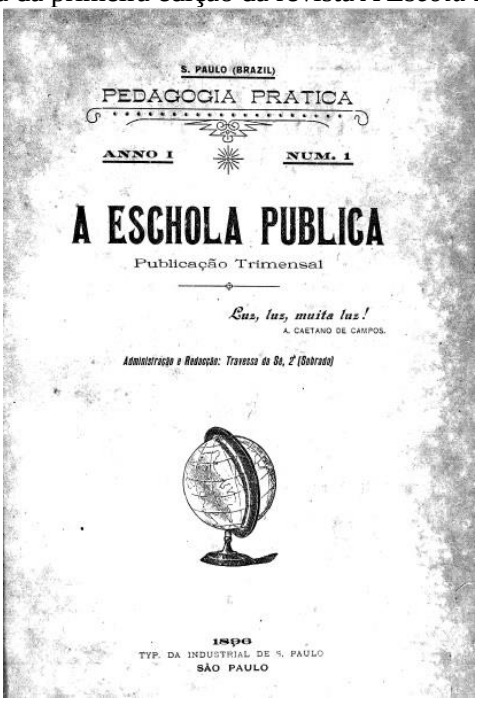
Ao final da seção, a publicação ainda reproduzia os cantos "Despedida do jardim" e "O portão do jardim", bem como dois hinos que já haviam sido publicados n'*O Estado de S. Paulo*, em 1896, na ocasião em que o jornal noticiou um evento escolar em que tais composições foram performadas por crianças do Jardim da Infância. A *Revista do Jardim da Infância*, embora tenha durado apenas dois números anuais, além de ser o primeiro periódico pedagógico que teve a

contribuição de Rolim, foi o que mais recebeu a sua participação efetiva, também revelando as suas concepções e reflexões sobre o ensino e a aprendizagem de crianças.

4.5 *A Escola Pública* (1895-1897)

A revista pedagógica *A Escola Pública* (1895-1897) também teve a participação de Zalina Rolim em suas páginas. Tal veículo, uma iniciativa de professores do estado de São Paulo, segundo Martins (2008), teve uma primeira tiragem em 1895, com a circulação sendo interrompida ainda naquele ano devido ao acúmulo de funções dos administradores. Todavia, devido à excelência de seu conteúdo, o governo mandou imprimir em livro com edição limitada a mil quinhentos exemplares todo o material do periódico, que acabou reaberto em nova fase no ano seguinte. A retomada reiniciou a publicação a partir de um novo número inicial, datado de 15 de março de 1896, com direção do educador Oscar Thompson (1872-1935).

Figura 160 – Capa da primeira edição da revista *A Escola Pública*, em 1896.



Fonte: Repositório de impressos pedagógicos do Centro de Educação UFSC.

Com nova tiragem trimestral de mil e quinhentos exemplares, a folha apresentava em média sessenta páginas e poderia ser adquirida por assinatura anual. Em seu artigo introdutório, o compêndio deixava clara a importância de um conteúdo que ia além do estritamente educacional: “Além da parte pedagógica, puramente de metodologia prática, conterá a revista: gravuras, cantos escolares com respectiva música, literatura infantil, curiosidades científicas,

noticiário, crítica bibliográfica [...]" (*A Escola Pública*, 15 mar. 1896). Todo o lucro angariado seria revertido à própria revista, que também aceitava anúncios publicitários. Entretanto, o seu novo fim teria se dado justamente por não conseguir um número expressivo de assinantes, nem atrair o interesse de anunciantes. Sem apoio governamental[52], a publicação foi finalizada em dezembro de 1897.

A participação de Rolim no referido periódico se deu na primeira edição da nova fase, em 1896, e teria se limitado a duas composições poéticas. Entretanto, tal colaboração não pôde ser conferida direto na fonte primária, pois os exemplares de *A Escola Pública* consultados no repositório de impressos pedagógicos do Centro de Educação – CED, da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, encontram-se incompletos, com várias páginas faltando, incluindo as que possivelmente apareciam os escritos da autora. Tal contribuição, entretanto, é compilada por Piza (2008), sendo a única fonte que nos permitiu a sua apreciação.

A primeira composição de Rolim veiculada n'*A Escola* é o diálogo "Primavera", que trazia dois interlocutores conversando sobre a viagem de um deles para algum ambiente campestre, descrevendo os elementos de um ambiente rural. Tal composição, que seria reproduzida no jornal *O Estado de S. Paulo* ainda naquele ano, na edição de 29 novembro de 1896, era formada por sete quadras de hepstassílabos, com a maioria seguindo o esquema de rimas ABAB. Apenas os versos da penúltima estrofe seguiam o esquema ABBA.

PRIMAVERA

– Sabes? venho das campinas.
– E gozaste no passeio?
– Se gozei?!... nem tu imaginas
O bem que dele me veio.

– Que viste? conta-me tudo...
– Vi tanta coisa bonita!
Olha, o campo era um veludo...
– Veludo?!... coisa esquisita!

– Não me entendeste, amiguinha,
Um veludo parecia;
A relva era tão fofinha!...
– E lindas flores havia?

– Oh! se havia!... E tantas, tantas
Que o perfume inebriava...
Entre a verdura das plantas

[52] Segundo Martins (2008, p. 306), o único apoio do Estado oferecido à revista *A Escola Pública* veio do escritor e advogado Alfredo Pujol, então Secretário da Fazenda de São Paulo, que doou ao órgão um valor de significado na época. Tal auxílio, contudo, não foi continuado.

Um ribeirinho cortava...

– Passarinhos? – Às centenas!
– Borboletas? – Aos milhares!
E que veigas tão amenas!
E que pureza nos ares!

Entre o zum-zum das abelhas
E borboletas douradas
Andei colhendo às braçadas
Flores alvas e vermelhas.

– Mais tarde soube: adivinha,
De tudo a causa qual era...
– As férias? – Ora, amiguinha...
O esplendor da primavera.
(*A Escola Pública*, 15 mar. 1896 apud. PIZA, 2008, p. 193).

Na composição, é válido ressaltar que Rolim utilizava a onomatopeia "zum-zum" para apresentar o zumbido das abelhas, aproximando a descrição do público infantil. Ao final do poema, havia a revelação de que atmosfera descrita era causada não pela felicidade das férias, mas pelo "esplendor da primavera", que justificava o título do diálogo. A composição, de memorização facilitada pelos versos simples, caracterizava-se pela exortação ao ambiente campestre, incentivando as crianças a entrarem em contato com elementos do espaço natural.

A última contribuição da autora para o primeiro volume de *A Escola Pública* era mais um soneto sem título "Das "Rústicas"". Outras duas composições com tal indicação de que pertenceriam a uma possível coleção de versos sobre o ambiente rural já haviam aparecido no *Correio Paulistano* e na *Revista Literária*, ambas em 1895.

Das "Rústicas"

É dia, a luz difunde-se no espaço
E ouro semeia ao longo dos caminhos,
Chiam na encosta as rodas dos moinhos
Da mó girante ao rápido compasso...

Rasga no céu nuvens de opalas e arminhos
Do sol nascente o luminoso traço;
Preludiando acordam passarinhos...
E a claridade avulta passo a passo.

Ao fundo o rio em borbotões se espraia...
Lesta campônia arregaçando a saia
Mergulha os pés na água espelhante e clara...

E entre lençóis de espuma, alva de neve,
Revoluteando, mansa, airosa, e leve,

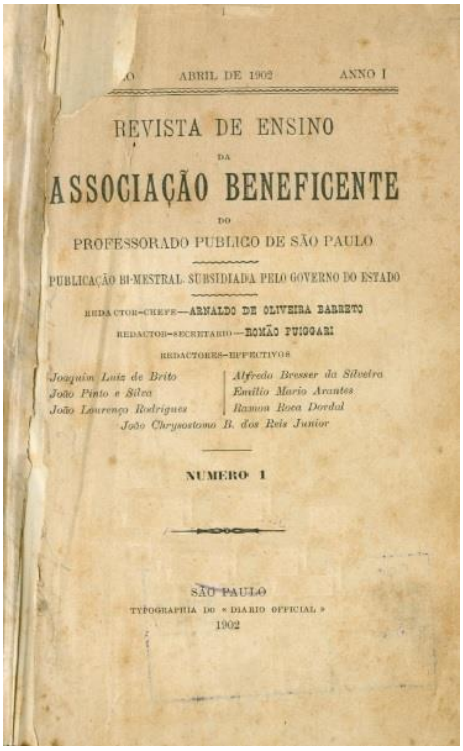
> Vai rio abaixo pequenina igara...
> (*A Escola Pública*, 15 mar. 1896 apud. PIZA, 2008, p. 193).

O poema de gênero fixo seguia a descrição de uma paisagem rural ensolarada pela manhã, destacando-se a imagem de uma camponesa a atravessar um rio tentando, ao que parecia, alcançar uma pequena embarcação deixada ali perto. Os versos não pareciam ter sido feitos para leitura ou a recitação de crianças como o anterior, apresentando maior complexidade linguística e de alegorias. Todavia, permanecia a ênfase no elogio à paisagem campestre, à beleza de seus elementos, podendo os dois poemas servirem de inspiração aos professores leitores do periódico para a aplicação de lições sobre a natureza.

4.6 *Revista de Ensino* (1902-1918)

Outro periódico pedagógico que recebeu a colaboração de Zalina Rolim foi a *Revista de Ensino* (1902-1918), órgão da Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo. Criada em 1901, a agremiação subsidiada pela Diretoria Geral da Instrução Pública de São Paulo se propunha a reunir todos os professores públicos do estado, homens e mulheres, proporcionando benefícios aos profissionais, como o aprimorando da sua formação intelectual. Com periodicidade trimestral e depois bimestral, a publicação de cerca de cento e quarenta páginas tinha distribuição gratuita para os docentes associados.

Figura 161 – Capa da primeira edição da *Revista de Ensino*, em 1902.



...O ABRIL DE 1902 ANNO I

REVISTA DE ENSINO

DA

ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE

DO

PROFESSORADO PUBLICO DE SÃO PAULO

PUBLICAÇÃO BI-MENSTRAL SUBSIDIADA PELO GOVERNO DO ESTADO

REDACTOR-CHEFE—ARNALDO DE OLIVEIRA BARRETO

REDACTOR-SECRETARIO—ROMÃO PUIGGARI

REDACTORES-EFFECTIVOS

Joaquim Luiz de Brito | Alfredo Bresser da Silveira
João Pinto e Silva | Emilio Mario Arantes
João Lourenço Rodrigues | Ramon Roca Dordal
João Chrysostomo B. dos Reis Junior

NUMERO 1

SÃO PAULO
TYPOGRAPHIA DO « DIARIO OFFICIAL »
1902

Fonte: Repositório de impressos pedagógicos do Centro de Educação UFSC.

A circulação como impresso oficial garantiu a longevidade da folha, que chegou a sessenta e quatro números. Seu conteúdo era principalmente focado na discussão de problemas educacionais relevantes ao início do século XX, como a profissionalização do professorado público, programas e métodos de ensino para diferentes disciplinas escolares, bem como a escolha de bases epistemológicas para a educação (CATANI, 2008). No prospecto à primeira edição, lançada em abril de 1902, era apresentada a proposta da revista, que também serviria de ponte entre os profissionais de educação pública e os governantes:

> [...] a REVISTA visará, por todos os meios ao seu alcance, a não só facilitar a tarefa do mestre, divulgando os melhores métodos e processos de ensino, como se empenhará, com maior desvelo, para orientar o governo e os nossos legisladores na elaboração das leis futuras sobre instrução pública (*Revista de Ensino*, ago. 1902)

A publicação tinha como redator-chefe o já mencionado educador Arnaldo de Oliveira Barreto, editor do livro *Leituras morais* (1896), que trazia três poemas de Rolim. A folha abarcava questões gerais acerca da profissão docente, práticas pedagógicas, críticas de trabalhos escolares, registros da associação, atos oficiais relacionados ao ensino, notícias e anúncios, além de uma seção literária que apresentava poemas, contos e diálogos para recitação. Tal espaço, com o decorrer das edições, recebeu vários títulos: “Literatura Infantil”, “Literatura Didática”, “Leituras Suplementares”, “Divagações”, “Diversos”, “Variedades” ou simplesmente

“Literatura”. A transformação na nomenclatura sem qualquer explicação clara nos números da revista já revelava as tenções entre a produção literária propriamente dita e a sua função utilitária.

Contribuíam com a revista diversos professores formados pela ou ligados à Escola Normal de São Paulo, bem como a outras instituições de ensino do interior, como João Crisóstomo dos Reis Júnior, Romão Puiggari, Joaquim Luiz de Brito, Alfredo Bresser da Silveira, Ramon Roca Dordal, João Köpke entre outros. O compêndio publicava produções exclusivas, bem como traduções livres, adaptações e paráfrases de escritos consagrados. Zalina Rolim foi uma das poucas mulheres a integrar o quadro de colaboração da folha, junto de Dulce Carneiro Ferreira (1870-1942) e Isabel Vieira de Serpa (1891-?), por exemplo, todas integrando a parte literária. É interessante notar que, mesmo sendo maioria entre os estudantes da lide pedagógica, as mulheres não conseguiam chegar a cargos de destaque na referida Associação do Professorado Público, também sendo minoria a participar de sua publicação periódica.

A estreia da autora da *Revista de Ensino* se deu logo na sua edição inicial, com dois poemas a serem utilizados pelos professores leitores do periódico: “Sempre a verdade” e “A moedinha”. O primeiro trazia um eu lírico infantil identificado como do gênero feminino a discorrer sobre sua má conduta.

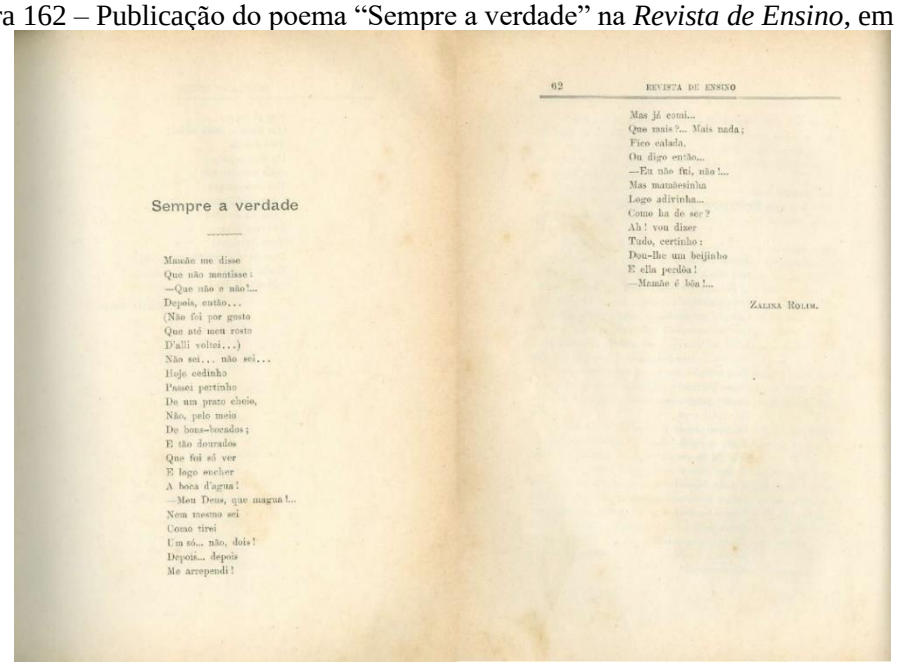
Sempre a verdade

Mamãe me disse
que não mentisse
– Que não é não!...
Depois, então...
(Não foi por gosto
que até meu rosto
dali voltei...)
Não sei... não sei...
Hoje cedinho
passei pertinho
vi um prato cheio
não, pelo meio
de bons-bocados;
e tão dourados
que foi só ver
e logo encher
a boca d’água!
– Meu Deus, que mágoa!...
Nem mesmo sei
como tirei
um só... não, dois!
Depois... depois...
Me arrependi!

Mas, já comi!
Que mais?... Mais nada;
Fico calada,
ou digo então...
– Eu não fui, não!...
Mas mamãezinha
logo advinha...
Como há de ser?
Ah, vou dizer
Tudo, certinho:
dou-lhe um beijinho
e ela perdoa!
– Mamãe é boa!...
(*Revista de Ensino*, abr. 1902)

A composição de claro pendor pedagógico era formada inteiramente por versos tetrassílabos que se organizavam em quadrinhas de esquema de rimas em AABB, de fácil assimilação e memorização. A composição traçava uma representação da figura materna atrelada à educação moral dos rebentos. Ao mesmo tempo em que ensinava preceitos virtuosos a serem seguidos, a mãe também seria fonte de compreensão e carinho: "Mamãe é boa!...". Por outro lado, a criança era representada como ser em formação, ainda aprendendo sobre o certo e o errado, conseguindo se redimir por meio da candura.

Figura 162 – Publicação do poema "Sempre a verdade" na *Revista de Ensino*, em 1902.



Sempre a verdade

Mamãe me disse
Que não mentisse:
—Que não o não!...
Depois, então...
(Não foi por gosto
Que até meu rosto
D'alli voltei...)
Não sei... não sei...
Hoje cedinho
Passei pertinho
De um prato cheio,
Não, pelo meio
De bons-bocados;
E tão dourados
Que foi só ver
E logo encher
A boca d'agua!
—Meu Deus, que magua!...
Nem mesmo sei
Como tirei
Um só... não, dois!
Depois... depois
Me arrependi!

62 REVISTA DE ENSINO

Mas já comi...
Que mais?... Mais nada;
Fico calada,
Ou digo então...
—Eu não fui, não!...
Mas mamãesinha
Logo adivinha...
Como ha de ser?
Ah! vou dizer
Tudo, certinho;
Dou-lhe um beijinho
E ella perdôa!
—Mamãe é bôa!...

ZALINA ROLIM.

Fonte: Repositório de impressos pedagógicos do Centro de Educação UFSC.

O próximo poema de Rolim publicado na *Revista* foi "A moedinha", dividido em dez quadrinhas de heptassílabos seguindo o esquema de rimas em ABAB. A composição, que

discutia com as crianças o valor do dinheiro, voltava a ter um eu lírico infantil de gênero feminino demarcado, garantindo a assimilação de seu preceito moral.

A moedinha

Esta linda moedinha,
já sabem de onde ganhei?
Do bolso da vovozinha
por um beijo que lhe dei.

Por um beijo ou um abraço...
Não me lembro muito bem!
Querem saber o que faço?
Não a dou para ninguém

Não dou, que também preciso,
tenho gastos a fazer:
quem tem bastante juízo
bem poupada deve ser!

Eu quero comprar: primeiro,
uma boneca e um pião...
E hei de comprar a dinheiro
fiado não quero, não!

Com certeza ainda me fica
muito dinheiro, não é?
E como estou muito rica,
não hei de andar mais a pé;

Compro carro e bicicleta...
e uma corda de pular,
e uma bonequinha preta,
uma só? Não: quero um par.

Pra mamãe e o papaizinho
compro tudo, tudo... enfim,
balas para o nenezinho
e... o resto fica pra mim.

– Uma velhinha, a coitada!
está pedindo um vintém.
Eu não tenho nada, nada
para lhe dar; você tem?

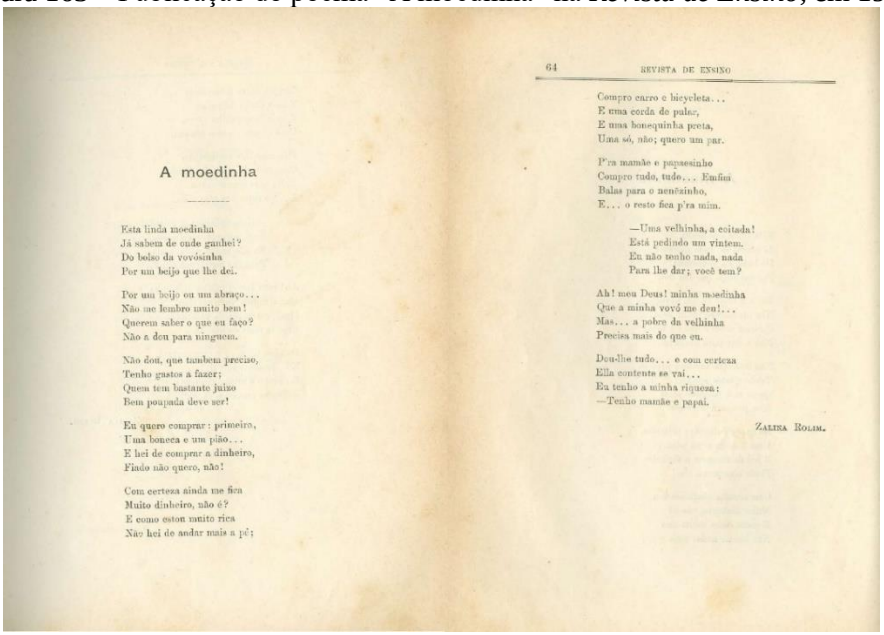
Ah! Meu Deus! E a moedinha
que a minha vovó me deu?...
Mas a pobre velhinha
precisa mais do que eu.

Dou-lhe tudo... e com certeza
ela contente se vai.
Eu tenho a minha riqueza:

tenho mamãe e papai.
(*Revista de Ensino*, abr. 1902)

A voz poética informava ter recebido a moedinha do título de sua avó e, em seguida, expunha seus planos de como gastá-la. É interessante perceber a perspectiva empregada pela autora aos versos, com a moeda valendo-se como uma fortuna para a criança, que sonhava em comprar brinquedos, veículos, presentes para os familiares e ainda poupar o troco. Um dos regalos chamava a atenção: duas bonequinhas pretas. A posição social da menina que proferia o discurso poético era marcadamente privilegiada e as bonecas negras poderiam representar uma tentativa da autora de relativizar tão condição de elite.

Figura 163 – Publicação do poema "A moedinha" na *Revista de Ensino*, em 1902.



64 REVISTA DE ENSINO

A moedinha

Esta linda moedinha
Já sabem de onde ganhei?
Do bolso da vovósinha
Por um beijo que lhe dei.

Por um beijo ou um abraço...
Não me lembro muito bem!
Querem saber o que eu faço?
Não a dou para ninguem.

Não dou, que tambem preciso,
Tenho gastos a fazer;
Quem tem bastante juizo
Bem poupada deve ser!

Eu quero comprar: primeiro,
Uma boneca e um pião...
E hei de comprar a dinheiro,
Fiado não quero, não!

Com certeza ainda me fica
Muito dinheiro, não é?
E como estou muito rica
Não hei de andar mais a pé;

Compro carro e bicycleta...
E uma corda de pular,
E uma bonequinha preta,
Uma só, não; quero um par.

P'ra mamãe e papasinho
Compro tudo, tudo... Emfim
Balas para o nenêzinho,
E... o resto fica p'ra mim.

—Uma velhinha, a coitada!
Está pedindo um vintem.
Eu não tenho nada, nada
Para lhe dar; você tem?

Ah! meu Deus! minha moedinha
Que a minha vovó me deu!...
Mas... a pobre da velhinha
Precisa mais do que eu.

Deu-lhe tudo... e com certeza
Ella contente se vai...
Eu tenho a minha riqueza:
—Tenho mamãe e papai.

Zalina Rolim.

Fonte: Repositório de impressos pedagógicos do Centro de Educação UFSC.

A construção dos desejos de compra da criança servia para aumentar o seu caráter virtuoso na doação que ela fazia a uma senhora mendicante ao final do poema. Ao abrir mão de sua adorada moedinha, a menina ensinava sobre caridade e ainda ressaltava que a família seria a maior riqueza da vida. Por meio de versos de fácil memorização, Rolim utilizava a literatura para formar moralmente os pequenos.

A autora voltava à publicação com a tradução de um conto na segunda edição, de junho de 1896. A colaboração era finalizada no terceiro número, datado de agosto de 1896, com mais duas composições poéticas: "Ninhos" e "Minha vida". A primeira trazia outro diálogo, com demarcação de os interlocutores serem uma menina e um menino.

NINHOS

Menina:
Um casal de passarinhos
Pequenininhos assim
Veio fazer o seu ninho
num arbusto do jardim.

Andaram dias e dias
Trabalhando com amor
Para tecer o seu ninho
Bonito como uma flor.

Folhinhas secas, palhinhas,
Penas, flocos de algodão
Musgo fofinho e macio
Cabelos soltos no chão.

Tudo colhiam com jeito
Conversando sem parar
Piu, piu, piu... vamos depressa,
Piu, piu, piu... vamos voar?

No biquinho carregando
A sua carga gentil
Lá se ia pelos ares
Num voo leve e sutil.

Com tanto mimo era feito
Seu pequenino lar
Que a gente tinha vontade
De ir lá, com eles, morar.

Menino:
E depois, você não sabe?
Pois então escute lá -
Que o melhor de toda história
É sempre no fim que está.

Olhando um dia no ninho
Três ovitos descobri:
A mãe olhou-me assustada
Eu tive pena... e fugi.

Dias passados, voltando,
Nenhum ovo desta vez.
E abrindo ansiosos os biquinhos,
Vi três passaritos... três!

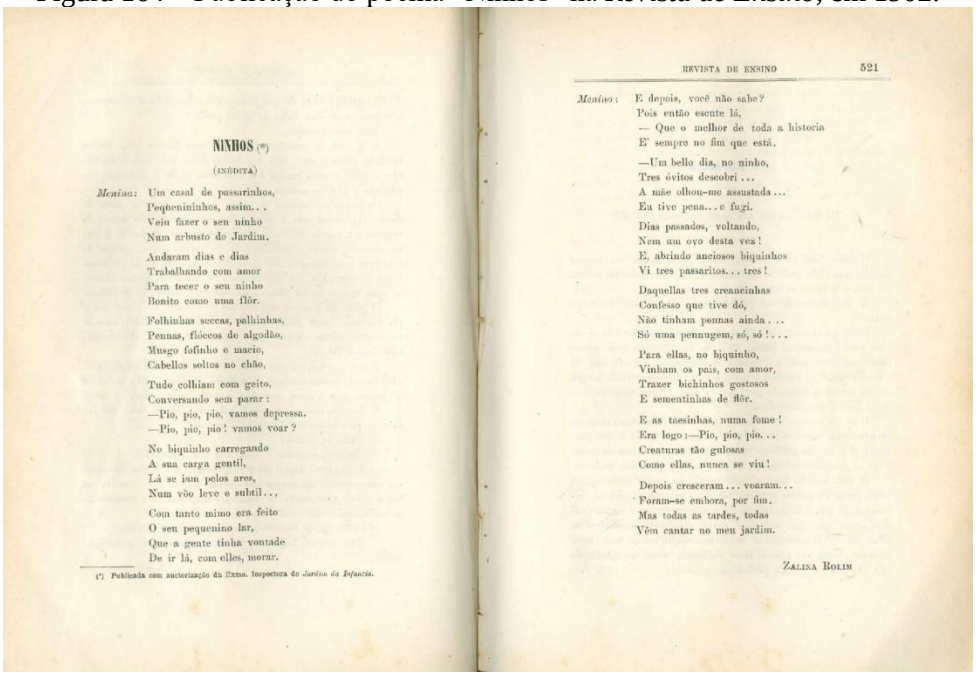
Daquelas três criancinhas,
Confesso que tive dó
Não tinham penas ainda
Só uma penugem, só!... só!

Para elas, no biquinho

Vinham os pais, com amor
Trazer bichinhos gostosos
E sementinhas de flor!
(*Revista de Ensino*, ago. 1902)

O poema apresentava ao todo onze estrofes de quatro versos heptassílabos com esquema de rimas em ABCB, com o discurso que seria da menina compondo seis quadrinhas e o do menino, cinco. O início da composição apresentava um conteúdo deveras parecido com o do poema "Passarinhos", publicado em *A Mensageira*, em 1899, com a descrição da ação de um casal de passarinhos a construir o seu ninho, um lugar já comum na obra da escritora. Tal abrigo era novamente associado ao próprio seio familiar, traçando a alegoria de um espaço de acolhimento.

Figura 164 – Publicação do poema "Ninhos" na *Revista de Ensino*, em 1902.



NINHOS (*)

(INÉDITA)

Menina: Um casal de passarinhos,
Pequeninitinhos, assim...
Veiu fazer o seu ninho
Num arbusto do Jardim.

Andaram dias e dias
Trabalhando com amor
Para tecer o seu ninho
Bonito como uma flôr.

Folhinhas seccas, palhinhas,
Pennas, flôccos de algodão,
Musgo fofinho e macio,
Cabellos soltos no chão,

Tudo colhiam com geito,
Conversando sem parar:
—Pio, pio, pio, vamos depressa.
—Pio, pio, pio! vamos voar?

No biquinho carregando
A sua carga gentil,
Lá se iam pelos ares,
Num vôo leve e subtil...,

Com tanto mimo era feito
O seu pequenino lar,
Que a gente tinha vontade
De ir lá, com elles, morar.

(*) Publicada com auctorização da Exma. Inspectora do *Jardim da Infancia*.

REVISTA DE ENSINO 521

Menino: E depois, você não sabe?
Pois então escute lá,
— Que o melhor de toda a historia
E' sempre no fim que está.

—Um bello dia, no ninho,
Tres óvitos descobri...
A mãe olhou-me assustada...
Eu tive pena... e fugi.

Dias passados, voltando,
Nem um ovo desta vez!
E, abrindo anciosos biquinhos
Vi tres passaritos... tres!

Daquellas tres creancinhas
Confesso que tive dó,
Não tinham pennas ainda...
Só uma pennugem, só, só!...

Para ellas, no biquinho,
Vinham os pais, com amor,
Trazer bichinhos gostosos
E sementinhas de flôr.

E as taesinhas, numa fome!
Era logo:—Pio, pio, pio...
Creaturas tão gulosas
Como ellas, nunca se viu!

Depois cresceram... voaram...
Foram-se embora, por fim.
Mas todas as tardes, todas
Vêm cantar no meu jardim.

ZALINA ROLIM

Fonte: Repositório de impressos pedagógicos do Centro de Educação UFSC.

A autora utilizou de onomatopeias nos dois últimos versos da terceira estrofe para imitar o som emitido pelos pássaros, ao mesmo tempo em que parecia traduzir para as crianças o conteúdo do diálogo entre as aves: "Piu, piu, piu... vamos depressa, / Piu, piu, piu... vamos voar?" (*Revista de Ensino*, ago. 1902). Tal artifício trazia maior ludicidade ao poema, aproximando-o do público leitor infantil. No segundo momento, a voz poética, agora de um menino, parecia traçar a continuidade do relato da menina, descrevendo o que acontecera com o ninho, que passara a abrigar três ovos e, depois, três filhotes de passarinho. O poema era finalizado com a imagem do casal de passarinhos alimentando os seus rebentos. A proposta

parecia estar ligada a alguma lição sobre o desenvolvimento dos animais, sua reprodução e seu habitat natural.

A última incursão de Zalina Rolim na revista em questão, o poema "Minha vida", assemelhava-se à composição "A criança alegre", publicado na *Revista do Jardim da Infância*, em 1896, também com um eu lírico infantil apresentando a sua rotina matinal até chegar na escola.

MINHA VIDA

De manhã, na minha casa
é um rumor que não tem fim:
Mal a gente se levanta
e logo: dlin-dlin! dlin-dlin!

De manhã, é o padeiro;
tomam-se os pães. Novo som:
é o leiteiro com a vaca
E que leite fresco e bom!

Depois, a carne, a verdura,
Ovos, frutas... que sei lá?
Nesse tempo anda a vassoura:
Xéis... xéis... daqui pr'acolá.

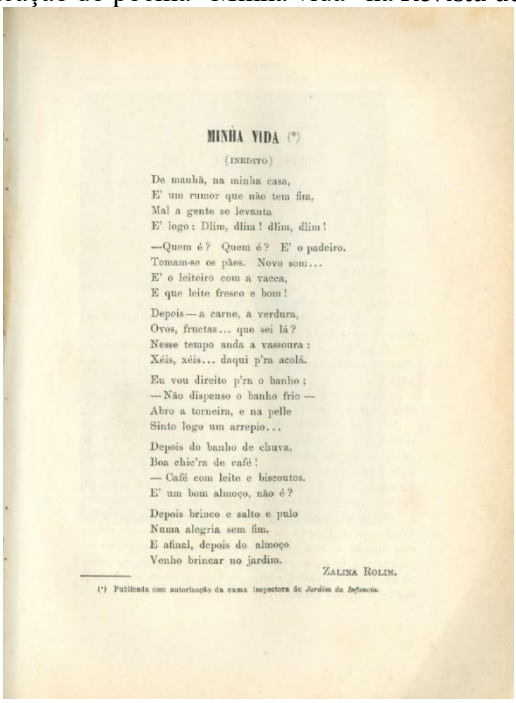
Eu vou direito pro banho
– Não dispenso banho frio -
abro a torneira e na pele
sinto logo um arrepio.

Depois do banho de chuva,
boa xícara de café!
Café com leite e biscoitos.
É um bom almoço, não é?

Depois brinco, e salto e pulo.
numa alegria sem fim!
E afinal, depois do almoço,
venho brincar no Jardim.
(*Revista de Ensino*, ago. 1902)

A composição, formada por seis quadras de heptassílabos que seguiam o esquema de rimas em ABCB, envolvia a descrição dos ruídos emitidos na casa da criança, envolvendo a entrega do pão, do leite e de outros alimentos, talvez localizando o discurso poético em uma condição social de elite. Além da adaptação à linguagem mais simples e de fácil memorização, a autora fazia uso de muitas onomatopeias para retratar os barulhos mencionados nos versos, tornando o poema mais atrativo ao público leitor infantil.

Figura 165 – Publicação do poema “Minha vida” na *Revista de Ensino*, em 1902.



MINHA VIDA (*)

(INEDITO)

De manhã, na minha casa,
E' um rumor que não tem fim,
Mal a gente se levanta
E' logo: Dlim, dlim! dlim, dlim!

—Quem é? Quem é? E' o padeiro.
Tomam-se os pães. Novo som...
E' o leiteiro com a vacca,
E que leite fresco e bom!

Depois—a carne, a verdura,
Ovos, fructas... que sei lá?
Nesse tempo anda a vassoura:
Xéis, xéis... daqui p'ra acolá.

Eu vou direito p'ra o banho;
—Não dispenso o banho frio—
Abro a torneira, e na pelle
Sinto logo um arrepio...

Depois do banho de chuva,
Boa chic'ra de café!
— Café com leite e biscoutos.
E' um bom almoço, não é?

Depois brinco e salto e pulo
Numa alegria sem fim.
E afinal, depois do almoço
Venho brincar no jardim.

ZALINA ROLIM.

(*) Publicada com autorisação da exma inspectora do *Jardim da Infancia*.

Fonte: Repositório de impressos pedagógicos do Centro de Educação UFSC.

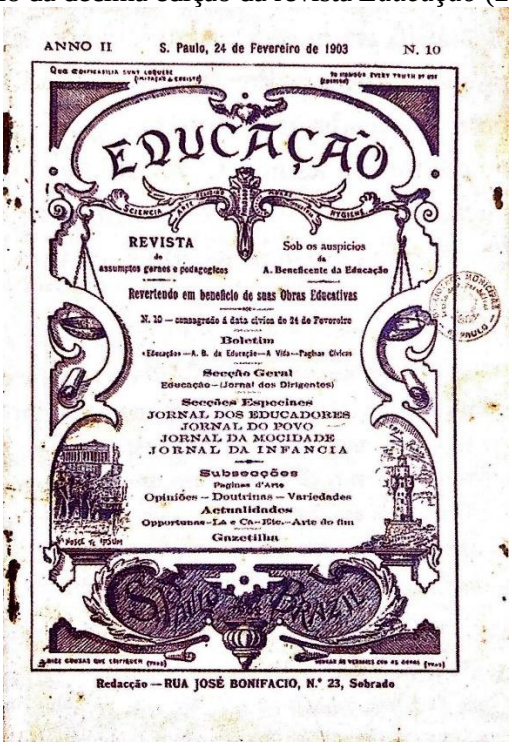
Diferente da voz poética de “A criança alegre”, o eu lírico, aqui, não dispensava o banho frio, seguindo também o preceito de se banhar cedo. A brincadeira era mais uma vez colocada como uma das prioridades diárias, junto com a boa alimentação. Ao final da composição, a criança seguia para o Jardim da Infância, evidenciando que seus versos poderiam já ser recitados pelos estudantes da instituição, bem como utilizados pelas professoras “jardineiras”. A participação de Rolim no referido periódico pedagógico assinalava o reconhecimento de seu trabalho como educadora, voltando a sua pena para um viés edificante. Por outro lado, seus escritos também demonstravam certa preocupação com a atração e a compreensão das crianças, adaptando-se ao seu ponto de vista.

4.7 *Educação* (1902)

Em 1902, Zalina Rolim contribuiu com a revista pedagógica *Educação* (1920-1903) que, a julgar pela grande participação de nomes das letras em relação ao número de educadores, também se aproximava de uma folha literária. Entre os seus colaboradores, destacavam-se Anália Franco, Presciliana Duarte de Almeida, Francisca Júlia da Silva, Wenceslau de Queiroz e Coelho Neto, todos autores engajados com o ensino. A sua incursão, como aponta Dantas (1983, p. 63), aconteceu “num tempo em que já se afastara, pelo casamento, das lides culturais

e pedagógicas", podendo ser um trabalho entregue na época de organização do referido periódico, por volta de 1900. Entretanto, tal produção já saia publicada com o seu nome de casada: Zalina Rolim Xavier de Toledo.

Figura 166 – Frontispício da décima edição da revista *Educação* (24 de fevereiro de 1903).


ANNO II S. Paulo, 24 de Fevereiro de 1903 N. 10

EDUCAÇÃO

REVISTA
de
assumptos geraes e pedagogicos

Sob os auspicios
da
A. Beneficente da Educação

Revertendo em beneficio de suas Obras Educativas

N. 10 — consagrado á data civica de 24 de Fevereiro

Boletim
«Educação»—A. B. da Educação—A Vida—Paginas Civicas

Secção Geral
Educação—(Jornal dos Dirigentes)

Secções Especiaes
JORNAL DOS EDUCADORES
JORNAL DO POVO
JORNAL DA MOCIDADE
JORNAL DA INFANCIA

Subsecções
Paginas d'Arte
Opiniões — Doutrinas — Variedades
Actualidades
Opportunas—Lá e Cá—Etc.—Arte de fim
Gazetilha

Redacção — RUA JOSÉ BONIFACIO, N.º 23, Sobrado

Fonte: Martins (2008, p. 311).

Segundo Martins (2008), o órgão teve seu primeiro número lançado em maio de 1902, sendo patrocinado pela Associação Beneficente de Educação, que reverteria o os lucros de sua vendagem em favor de iniciativas educacionais no estado de São Paulo. Com publicação mensal e assinatura anual, o periódico apresentava quarenta páginas dividias em duas colunas. propagava ideias renovadoras à pedagogia, sendo secretariada por Joaquim Augusto de Santana e gerenciada por Ciridião Buarque.

Sem subsídio governamental, mesmo se propondo a ser uma publicação popular e barateada, a revista chegou ao fim no ano seguinte ao seu lançamento, muito porque disputava espaço com a *Revista de Ensino*, com quem compartilhava o mesmo escopo e praticamente o mesmo quadro de colaboradores. Por falta de acesso à fonte primária, não foi possível verificar o teor da contribuição de Rolim para este periódico.

5 RECONHECIMENTO EM VOOS DISTANTES: REPUBLICAÇÕES OU REPRODUÇÕES EM PERIÓDICOS SEM COLABORAÇÃO EFETIVA

E a alma escutando as músicas divinas,
A alegria do céu ávida sente
Ao percorrer as cérulas campinas. [...]

Zalina Rolim – "O caminho do céu"
(*O coração*, 1893)

Para além dos periódicos analisados até aqui, a produção de Zalina Rolim foi deveras compartilhada e republicada em diversos veículos da imprensa que não receberam a sua colaboração efetiva. Entre o final do século XIX e o início do século XX, como a noção de propriedade ou direito do autor ainda estava em processo de legalização e disseminação no país, era comum que muitos órgãos republicassem com ou sem permissão escritos publicados em outros impressos. Apesar de já haver uma principiante legislação a respeito do direito autoral no país, a materialidade efêmera e a larga circulação do suporte periódico também facilitavam a reprodução descontrolada de inúmeros escritos. Tal prática, entretanto, auxiliava no prestígio e na abrangência da produção dos autores, alargando o seu público leitor e propiciando o seu reconhecimento por outros círculos intelectuais. Através dessas "cópias", muitos periódicos também cresciam e se faziam mais conhecidos.

Neste final de percurso, propomos mensurar o alcance da produção de Zalina Rolim por meio da localização de republicações de seus escritos em periódicos que não receberam a sua colaboração efetiva. A importância dessas reproduções se fazia evidente quando até os veículos que possuíam a colaboração oficial e efetiva da autora também chegavam a republicar seus escritos já publicados anteriormente, como o caso do jornal *A Família*. Isso mostrava que os editores reconheciam o valor daquela produção para os leitores, procurando manter a participação do nome da escritora no quadro de colaboradores e nas páginas das publicações quando ela, por algum motivo, interrompia momentânea ou definitivamente a sua contribuição.

Apresentamos a seguir um quadro com todas as republicações ou reproduções de escritos de Zalina Rolim localizadas pela nossa pesquisa em periódicos para além dos já mostrados nos capítulos anteriores, tentando identificar o alcance de sua produção divulgada na imprensa.

Quadro 1 – Produção de Zalina Rolim republicada ou reproduzida em periódicos que não receberam a sua colaboração efetiva.

Produção de Zalina Rolim republicada ou reproduzida em periódicos que não receberam a sua colaboração efetiva.				
Data de republicação/reprodução	**Título**	**Periódico**	**Localidade**	**Primeira publicação**
21 de janeiro de 1889	"Adormecida"	*Jornal da Manhã*	Lisboa – Portugal	*A Província de São Paulo*
21 de janeiro de 1890	"Candura"	*O Itapetininga*	Itapetininga – SP	*A Província do Espírito Santo*
28 de maio de 1890	"O presbitério"	*A Época*	Recife – PE	*A Família*
8 de junho de 1890	"Confissão"	*A Cidade do Turvo*	Cidade do Turvo – MG	*A Província de São Paulo*
29 de junho de 1890	"Convalescente"	*A Província*	Recife – PE	*A Província de São Paulo*
14 de outubro de 1891	"Hora nostálgica"	*Diário de Notícias*	Rio de Janeiro – RJ	*A Província de São Paulo*
25 de maio de 1892	"Pomba ferida"	*A República*	Fortaleza – CE	*A Família*
24 de junho de 1893	"Na roça"	*Gazeta de Petrópolis*	Petrópolis – RJ	*Correio Paulistano*
16 de agosto de 1893	"Nostalgia da infância"	*Gazeta de Petrópolis*	Petrópolis – RJ	*Correio Paulistano*
18 de agosto de 1893	"Íntima luz"	*Jornal do Recife*	Recife – PE	*O Álbum*
31 de outubro de 1893	"No álbum de Adelina Vieira"	*A Estação*	Rio de Janeiro – RJ	*Correio Paulistano*
24 de dezembro de 1893	"Irremediável"	*Gazeta de Ouro Fino*	Ouro Fino – MG	*Correio Paulistano*
5 de janeiro de 1894	"No silvestre"	*Pacotilha*	São Luís – MA	*A Semana*
27 de maio de 1894	"Gozo pungente"	*Gazeta de Ouro Fino*	Ouro Fino – MG	*Novidades*
3 de junho de 1894	"Ninho abandonado"	*Gazeta de Ouro Fino*	Ouro Fino – MG	*A Família*
24 de junho de 1894	"Mística"	*Gazeta de Ouro Fino*	Ouro Fino – MG	*Correio Paulistano*
Dezembro de 1894	"O amor"	*Revista Ilustrada*	Rio de Janeiro – RJ	*A Família*
27 de janeiro de 1895	"O amor"	*O Estado*	Natal – RN	*A Família*
29 de maio de 1895	"O amor"	*A União*	João Pessoa – PB	*A Família*
17 de agosto de 1895	"Nostalgia da infância"	*A Palavra*	Penedo – AL	*Correio Paulistano*

8 de dezembro de 1895	"Noite"	*Gazeta de Ouro Fino*	Ouro Fino – MG	Livro *O coração* (1893)
15 de dezembro de 1895	"Coração de pai"	*Gazeta de Ouro Fino*	Ouro Fino – MG	*A Família*
5 de janeiro de 1896	"Pomba ferida"	*Gazeta de Ouro Fino*	Ouro Fino – MG	*A Família*
3 de maio de 1896	"Nostalgia da infância"	*Gazeta de Ouro Fino*	Ouro Fino – MG	*Correio Paulistano*
13 de setembro de 1896	"Pomba ferida"	*Folha do Norte*	Belém – PA	*A Família*
29 de novembro de 1896	"Rosita"	*Gazeta da Tarde*	Rio de Janeiro – RJ	*A Família*
12 de fevereiro de 1897	"Olhando o céu"	*Diário de Pernambuco*	Recife – PE	Livro *O coração* (1893)
13 de fevereiro de 1897	"Rosita"	*A Palavra*	Penedo – AL	*A Família*
8 de abril de 1897	"Rosita"	*Gazeta de Petrópolis*	Petrópolis – RJ	*A Família*
23 de julho de 1897	"Avô"	*Pacotilha*	São Luís – MA	*Correio Paulistano*
8 de agosto de 1897	"Avô"	*Orbe*	Maceió – AL	*Correio Paulistano*
11 de janeiro de 1898	"Croquis"	*Diário da Manhã*	Lisboa – Portugal	*Almanaque Popular Brasileiro*
30 de abril de 1898	"Prece"	*O Álbum das Meninas*	São Paulo – SP	Livro *O coração* (1893)
15 de julho de 1898	Poema sem título ["Vai-se acalmando a pouco e pouco, e sinto"]	*Diário de Pernambuco*	Recife – PE	*A Mensageira*
30 de janeiro de 1899	"Lágrimas benditas"	*O Álbum das Meninas*	São Paulo – SP	*A Família*
1899	"Croquis"	*Almanaque do Estado da Paraíba*	João Pessoa – PB	*Correio Paulistano*
27 de maio de 1902	"O amor"	*A República*	Natal – RN	*A Família*
10 de setembro de 1902	"O amor"	*Diário do Maranhão*	São Luís – MA	*A Família*
23 de junho de 1906	"A boneca"	*Gazeta de Joinville*	Joinville – SC	*Revista do Jardim da Infância*
12 de julho de 1906	"A criança alegre"	*Diário do Natal*	Natal – RN	*Revista do Jardim da Infância*
25 de janeiro de 1907	"Croquis"	*Pacotilha*	São Luís – MA	*Correio Paulistano*

31 de agosto de 1913	“Campestre”	*O Farol*	Juiz de Fora – MG	*Correio Paulistano*
Primeira quinzena de maio de 1920	“Sem rumor”	*O Beija-flor*	Petrópolis – RJ	Livro *Livro das crianças* (1897)
Primeira quinzena de maio de 1920	“Candura”	*O Beija-flor*	Petrópolis – RJ	*A Província do Espírito Santo*
16 de março de 1922	“Pomba ferida”	*Pacotilha*	São Luís – MA	*A Família*
30 de abril de 1922	“Pomba ferida”	*O Povo*	Santa Teresa – ES	*A Família*
15 de outubro de 1924	“Pomba ferida”	*A Sempre-Viva*	Curitiba – PR	*A Família*
21 de junho de 1928	“A meu filho”	*A Federação*	Porto Alegre – RS	*Correio Paulistano*
17 de agosto de 1930	“Pomba ferida”	*Correio da Manhã*	Rio de Janeiro – RJ	*A Família*
11 de março de 1937	“Um ninho”	*Gazeta de Notícias*	Rio de Janeiro – RJ	Livro *Leituras morais* (1896), de Arnaldo de Oliveira Barreto
17 de janeiro de 1954	“Um ninho”	*Jornal do Dia*	Porto Alegre – RS	Livro *Leituras morais* (1896), de Arnaldo de Oliveira Barreto
22 de julho de 1954	“Um ninho”	*Jornal do Dia*	Porto Alegre – RS	Livro *Leituras morais* (1896), de Arnaldo de Oliveira Barreto
19 de agosto de 1956	“Um ninho”	*O Dia*	Curitiba – PR	Livro *Leituras morais* (1896), de Arnaldo de Oliveira Barreto
23 de outubro de 1956	“Pomba ferida”	*O Estado*	Florianópolis – SC	*A Família*

6 de novembro de 1956	“Mensageiro d’alma”	*O Estado*	Florianópolis – SC	Livro *O coração* (1893)
27 de julho de 1967	“Campestre”	*Jornal do Comércio*	Manaus – AM	*Correio Paulistano*

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Como observado, a escritora figurou por meio de reproduções em diversas publicações pelo Brasil, em maioria órgãos de interesse geral. Tais veículos certamente teriam entrado em contato com a obra da autora por meio de folhas de colaboração efetiva que chegavam a ser distribuídas em outros estados do território nacional, servindo de base para os noticiários e as seções de variedades locais. Ela continuou sendo republicada em São Paulo e no Rio de Janeiro, sedes de periódicos em que realmente contribuiu, aparecendo em importantes impressos, como as revistas *O Álbum das meninas* (1898-1901), *Revista Ilustrada* (1876-1898) – que inclusive reproduziu o seu retrato – e *A Estação* (1879-1904), além dos jornais *Gazeta da Tarde* (1880-1901), *Gazeta de Notícias* (1875-1942) e *Correio da Manhã* (1901-1974). Nesses estados, Rolim também continuava alcançando jornais de cidades do interior, como *O Itapetininga* e *Gazeta de Petrópolis*.

Nosso levantamento ainda identificou trabalhos da escritora sendo disseminados em mais treze estados. Ainda na região Sudeste, a autora alcançou impressos de Minas Gerais (*O Estado de Minas*, *A União*, *Gazeta de Ouro Fino*, *A Cidade do Turvo*) e Espirito Santo (*O Povo*). Já na região Sul, ela teve escritos republicados em órgãos de Santa Catarina (*O Estado*, *Gazeta de Joinville*), Paraná (*A Sempre-Viva*, *O Dia*) e Rio Grande do Sul (*A Federação*, *Jornal do Dia*). A autora ainda chegou a ser publicada na região Nordeste, em veículos de Pernambuco (*A Época*, *A Província*, *Jornal do Recife*, *Diário de Pernambuco*), Paraíba (*A União*, *Almanaque do Estado da Paraíba*), Ceará (*A República*), Rio Grande do Norte (*O Estado*, *A República*, *Diário do Natal*), Alagoas (*Orbe*, *A Palavra*) e Maranhão (*Pacotilha*, *Diário do Maranhão*). Por fim, a sua produção ainda atingiu folhas da região Norte, mais precisamente em Amazonas (*Jornal do Comércio*) e Pará (*Folha do Norte*). Não foram encontrados registros de reprodução em periódicos da região Centro-Oeste. Dois órgãos de Portugal (*Jornal da Manhã*, *Diário da Manhã*) também reproduziram seus escritos.

A região brasileira em que Zalina Rolim foi mais reproduzida ainda era a Sudeste, sobretudo em impressos do Rio de Janeiro e de Minas Gerais. Fora dessa região, o Nordeste foi o que mais republicou a obra da autora, com destaque para os órgãos de Pernambuco. Ainda de acordo com o nosso levantamento, o poema mais republicado era “Pomba ferida”, publicado

primeiramente no jornal *A Família*, em 1889. A última reprodução do referido soneto se deu em 1930, no já mencionado jornal fluminense *Correio da Manhã*. Os contos "Rosita", lançado em *A Família*, em 1888, e "Nostalgia da infância", publicado inicialmente no *Correio Paulistano*, em 1893, empatavam como os escritos em prosa mais reproduzidos. Tais narrativas foram republicadas ainda na época de sua primeira publicação.

A década em que mais se houve republicações dos escritos de Rolim na imprensa periódico foi a de 1890, quando a autora estava no auge de sua produção. Ela permaneceu aparecendo nos periódicos mesmo após o seu falecimento, em 1961, com o *Jornal do Comércio*, de Manaus – AM, chegando a reproduzir, em sua edição de 1967, o soneto "Campestre", já publicado no *Correio Paulistano*, em 1893. Entretanto, é de se notar a diminuição de republicações a partir da década de 1900, quando a autora começou a se afastar da vida pública e interrompeu a divulgação na imprensa de seus trabalhos com a pena. De toda forma, a nossa investigação mostrou que a escritora, por meio dos periódicos, fez-se conhecida e reconhecida em quase todo o território brasileiro e até internacionalmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a pesquisa sobre a literatura produzida e publicada entre o final do século XIX e o início do século XX, os periódicos se apresentam como uma fonte privilegiada, proporcionando a compreensão da realidade desse período, resguardando representações, refletindo o lugar e a mentalidade de determinados grupos sociais. Nessa perspectiva, tais impressos não se apresentam aos pesquisadores como simples arquivos de escritos, mas como veículos que permitem compreender e reconstituir de forma mais verossímil e não-anacrônica a vida literária e os modos de apropriação da cultura escrita em determinada época (BARBOSA, 2007). Foi justamente a partir de jornais, revistas e almanaques que objetivamos, com este trabalho, rastrear a trajetória intelectual e profissional da escritora Zalina Rolim, tentando reunir se não totalmente, uma grande parte do seu relicário de papeis, o álbum em que ela guardou recortes de sua participação na imprensa.

A partir de tal levantamento, que já caracterizou um relevante e proveitoso resultado, também caracterizando um elemento de ineditismo diante de outras pesquisas sobre a autora estudada, nosso estudo conseguiu comprovar a tese de que o envolvimento de Rolim com a imprensa periódica permite o entendimento de suas práticas de escrita, bem como o rastrear de sua inclusão nos círculos intelectuais de seu tempo. A presença em impressos de interesse geral, veículos femininos e órgãos pedagógicos foi determinante em seu percurso para se estabelecer como mulher de letras. A partir da identificação, da reunião e da reorganização dessas colaborações, reconstruímos o seu itinerário biobibliográfico, evidenciando o suporte periódico como determinante em sua carreira literária. Tratou-se de uma tarefa abrangente, que teve impedimentos devido à falta de acesso a algumas fontes primárias, além da dificuldade de acesso a alguns arquivos históricos em razão da pandemia pela Covid-19. De toda forma, o levantamento aqui apresentado ainda permanece o mais próximo ao completo, apresentando a produção de Rolim a novos leitores, bem como redimensionando o seu lugar nos estudos sobre a literatura realizada entre os séculos XIX e XX. Com isso, contribuímos para ressignificar o nome da autora diante do seu apagamento na historiografia literária tida como oficial.

A própria autora, com a confecção do álbum de recortes, já demonstrava reconhecer a importância das folhas periódicas para a sua atividade nas letras. Tal relevância remonta à história de participação e atuação das mulheres de elite na vida pública, indo além das atribuições pré-determinadas pelos homens de anjos do lar, esposas e mães. Como visto em nosso primeiro capítulo, com o acesso à leitura e à escrita, algumas delas conseguiram, aos

poucos, produzirem e darem-se a ler, com os veículos impressos sendo os primeiros a receberem e divulgarem a sua lide com a pena. A publicação naquele suporte efêmero ainda proporcionava o estabelecimento e o alargar de redes de sociabilidade, trazendo apoio e assegurando o perpetuar de sua obra, como mostrado em nosso segundo capítulo. Tais redes foram construídas aos poucos, propiciadas pela influência do pai, que conseguiu abrir portas e relacionar a filha a célebres homens e mulheres de letras. Logo, a autora estava participando de recitais caseiros, formando amizades com seus parceiros e parceiras na lide com a pena, tendo seu trabalho disseminado e comentado, recebendo convites de publicação e firmando sua participação em círculos intelectuais.

De estirpe favorecida e formação esmerada, a escritora conseguiu angariar contatos que a fizeram adentrar nos periódicos, estabelecendo colaborações efetivas mais ou menos regulares e expandindo o alcance de sua produção letrada. Antes da publicação em livro, ela já era reconhecida por editores, leitores e outros escritores por causa dos órgãos de imprensa, que incentivavam, em maior ou menor grau, a sua atuação literária. A esse propósito, observamos, ainda no segundo capítulo, que, nos próprios veículos de imprensa, o tratamento da crítica feita por homens à obra da autora era mais condescendente em comparação à apreciação contundente empreendida pelas mulheres, o que evidenciava que o apoio de outras literatas foi importante a sua permanência na escrita. Ao que se pode constatar a partir do material apresentado nesta tese, houve um "projeto" para que o nome de Zalina Rolim se consagrasse como "mulher de letras", empreendido por pelo menos duas outras escritoras, Narcisa Amália (em São Paulo) e Josephina Álvares de Azevedo (no Rio de Janeiro).

Por outro lado, os escritos de Rolim difundidos no suporte periódico revelavam idiossincrasias comuns à produção de mulheres de elite entre o final do século XIX e o início do século XX, ora com pendor mais realista, ora com inspiração mais idealizada e/ou conformista. Tal produção até então obscurecida e apagada das grandes fontes acerca da sua vida e da sua obra pôde ser dada à leitura e ressignificada, fazendo perceber que a autora também se adaptava ao perfil de cada folha em que colaborava, conseguindo manter o interesse e as possibilidades de sua publicação.

Nos veículos de interesse geral, ela empreendia um olhar mais condizente ao esperado das mulheres escritoras de então, ao mesmo tempo em que tentava mostrar que seu trabalho era competente e digno de ser validado. Rolim integrou-se a tais plataformas de maneira eficiente, chegando a homenagear outras colunas ou outros autores que se faziam publicar no mesmo espaço das folhas. Em resposta, era aplaudida por outros intelectuais, com seu nome e sua produção sendo levados a outros veículos, bem como inspirando outros escritos e virando

matéria para a construção de outros gêneros. Tais folhas, em sua maioria, não apresentavam como foco a publicação de literatura e, mesmo quando o tinham, não envolviam uma participação feminina expressiva, com a escritora integrando um grupo seleto e limitado de mulheres na colaboração, composto geralmente pelas mesmas escritoras que se destacavam e obtinham respeito entre os círculos intelectuais da época. Como evidenciado em nosso terceiro capítulo, a maior parte de tal contribuição foi lançada fora de colunas específicas dessas folhas, inicialmente nas últimas páginas e depois migrando para as suas primeiras páginas, algo propiciado tanto pela verve poética da autora (visto que os versos em geral tinham espaço garantido e privilegiado nas folhas), como pelas convenções temáticas e de estilo que ela empreendia em seu fazer literário, sustentado o prestígio entre os editores e o público leitor daqueles veículos. Todavia, ser uma mulher publicada em lugar de distinção nos periódicos e ao lado de outros homens de letras consagrados, equiparando-se a eles, significava que a autora alcançou a legitimação de seu trabalho literário, ultrapassando barreiras relacionadas ao seu gênero. Do ponto de vista da historiografia literária brasileira, por outro lado, esse dado informa que o apagamento de Zalina Rolim em nada se relacionou com a ausência de reconhecimento, mas correspondeu justamente ao fato de ser uma mulher, já que muitos dos homens com quem ela dividiu as primeiras páginas de jornais permaneceram registrados, estudados e reeditados.

Nos periódicos de elaboração feminina, por sua vez, ela conseguia direcionar-se diretamente a outras mulheres, tratando de temas mais próximos à sua realidade em uma plataforma cujo corpo editorial lhe trazia apoio e estímulo de maneira mais evidente. Mesmo não apresentando posicionamentos claros em relação à realidade das mulheres na sociedade de então, o fato de participar de órgãos que defendiam a emancipação feminina já significava que a autora desafiava os padrões estabelecidos à sua condição. Ela podia não expor suas ideias na mesma proporção que outras companheiras de pena com quem dividia o espaço da imprensa de mulheres, mas não deixou de, em certa medida, envolver a disparidade ente os gêneros na sua produção, tentando mostrar outras alternativas para o feminino, como, por exemplo, a educação, mencionada no conto “Rosita”, publicado no jornal *A Família*.

Através das colaborações na impressa, também podemos acompanhar as transformações da sua produção criativa com o passar dos anos, principalmente no tocante ao público infantil. Tal fator é mais evidente nos periódicos pedagógicos, que mostram uma autora preocupada com uma linguagem mais acessível às crianças, bem como com mecanismos de atração desses leitores específicos, auxiliando o trabalho dos professores. Ainda que apresentassem o valor utilitário, tais escritos assinalam uma criação no limiar entre o deleitar e o edificar. Ao mesmo tempo em que Zalina Rolim se atentava à mensagem a ser compreendida pelos pequenos, ela

também se empenhava em facilitar as recitações e deixar a matéria literária de certa maneira mais divertida, ao gosto infantil de então. Diferente das primeiras investidas nessa área, em que se imperava o tom didático, a escritora amadureceu o trato com a produção infantil provavelmente devido ao contato com o Jardim da Infância, que lhe proporcionou a leitura de relevantes teorias educacionais, assim como importantes reflexões a respeito da aproximação entre docentes e discentes.

A lírica de Rolim publicada nos periódicos evidenciava o apreço por formas e gêneros fixos, como o soneto, ora refletindo um estilo parnasiano (com rigidez formal, descrições objetivas e impessoalidade), ora se conectando ao estilo romântico (trazendo exaltação da natureza, retorno ao passado, nacionalismo, pessimismo e sentimentalismo). No entanto, assim como as demais autoras do período entre os séculos XIX e XX, ela nunca foi reconhecida dentro desses estilos de época na literatura brasileira, mesmo com sua criação com a pena trazendo elementos bastante característicos dessas vertentes. Os escritos da autora ainda mostravam a formação e a reprodução de representações de seu tempo, aliadas a temas de seu interesse, sempre sob o viés de um lugar social de elite: o amor, a maternidade, a família, a infância, a morte, a saudade, a nostalgia, a vida no campo, a pátria, a religiosidade e o próprio papel social feminino. A doçura, a ternura, o afeto, a pureza e a ingenuidade eram características vinculadas diretamente à identidade infantil, bem como à própria mulher, que também era envolta em encanto e mistério. As duas representações igualmente se aproximavam do sagrado, sendo comparadas a anjos.

O relacionamento amoroso era quase sempre ligado ao sofrimento, à resiliência e ao sacrifício, sobretudo da figura feminina, ainda que, por vezes, a autora fugisse ao idealismo. A perda, a nostalgia e a saudade eram envolvidas em grande melancolia no tocante ao passado, com experiências pessoais da escritora podendo servir de inspiração. Ainda nesse sentido, é de se destacar a constante ligação da morte também a crianças nos escritos de Rolim. Ela ainda destacava o seu apreço pelas paisagens rurais bem como pelo trabalho no campo em ligação com a visão ufanista disseminada no período de estabelecimento do regime republicano no Brasil. A presença da mãe era sempre ressaltada como essencial na constituição familiar, sendo retratada como fonte de afeto e compreensão, bem como de abnegação em relação aos filhos. A fé cristã era bastante professada, compondo o cenário dos lares, mas também compreendia, às vezes, a contestação no tocante ao sacerdócio.

Da mesma forma, alguns símbolos se destacavam na produção da autora, como o coração personificado, envolto em ou resistindo a determinados sentimentos, sendo protegido por seus detentores, vinculado à própria consciência ou ao eu interior. Já as flores também se

aproximavam dos sentimentos, por vezes se conectando ao corpo feminino, resguardando vontades. Por fim, os pássaros poderiam se relacionar à própria experiência feminina, ferida, aprisionada, dada a voar, a estabelecer ninhos.

Nos periódicos, Zalina Rolim ainda conseguiu exercer a escrita para além da conhecida verve de poeta, divulgando alguns contos e crônicas de sua autoria. A importância de tal suporte para a sua produção era ressaltada inclusive na divulgação prévia nas folhas em que colaborava dos futuros projetos de publicação em livro. Tais escritos passavam por um percurso de transformações, envolvendo a sua forma e seus efeitos de sentido, quando realocados do suporte periódico para o suporte livresco, deixando entrever preocupações em relação aos seus diferentes públicos leitores. Tais imbricamentos de reedição denunciavam uma prática comum a escritores da época, que utilizavam o suporte periódico como espaço para ensaiar a sua criação literária: o que começava sendo veiculado nos jornais se consagrava no suporte livro. Nesse sentido, Zalina reconhecia que, antes dos livros, era acima de tudo nos veículos impressos que ela se fazia lida, conhecida e reconhecida. Isso se dava inclusive através da reapropriação de seus trabalhos que faziam diversos órgãos impressos que não recebiam a sua contribuição efetiva. Como mostrado em nosso terceiro capítulo, através dessas republicações em jornais, revistas e almanaques, Rolim foi disseminada em quase todo o país, com sua obra literária permanecendo propagada mesmo após o seu afastamento da carreira nas letras e o seu falecimento.

Reconhecemos as limitações, as lacunas e as ausências da presente tese, mesmo acreditando que nossos resultados contribuem para a atribuição de outros olhares para a produção literária de Zalina Rolim. Dessa maneira, deixamos, com a compilação e a organização dos seus escritos em periódicos, a proposta para novos estudos que explorem a sua participação nas folhas entre o final do século XIX e o início do século XX, reconhecendo a importância e a influência desse suporte para a história da literatura brasileira, caracterizando espaços de sociabilidade intelectual que ampliavam o alcance da palavra de mulheres escritoras.

REFERÊNCIAS

Fontes primárias:

ALMEIDA, J. L. *Livro das noivas.* 3ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves & Cia., 1914.

ALMEIDA, P. D. Impressões de leitura: Livro das Crianças, Zalina Rolim, 1898. In: *A Mensageira.* São Paulo: 15 fev. 1898. Ano I, n. 9. p. 9-11.

ARARIPE JÚNIOR, T. A. Retrospecto literário de 1893 (Continuação): III – Novos líricos brasileiros. In: *A Semana*. Rio de Janeiro: 7 abr. 1894. Ano V, Tomo V, n. 36. p. 282

ASSIS, M. A nova geração. In: *Revista Brasileira*. v. II. Rio de Janeiro: dez. 1879. p. 372-413.

ASSIS, M. A semana. In: *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro: 4 nov. 1894. Ano XX, n. 307, p. 1.

ASSIS, M. Como se inventaram os almanaques. In: *Almanaque das fluminenses*. v. 1. Rio de Janeiro: 1890. p. 9-24.

AZEVEDO, A. O coração. In: *O País.* Rio de Janeiro: 17 jan. 1894. Ano X, n. 4.272. p. 1.

AZEVEDO, J. A. Galeria especial V: Maria Zalina Rolim. In: *A Família.* Rio de Janeiro: 14 dez. 1889. Ano I, n. 42. p. 4.

AZEVEDO, J. A. Livros e jornais: O coração. In: *A Família.* Rio de Janeiro: 21 jan. 1894. Ano VI, n. 16. p. 4-5.

AZEREDO, C. M. O coração. In: *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro: 15 mar. 1894. Ano XX, n. 73. p. 2.

AZEREDO, C. M. O coração (Conclusão). In: *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro: 16 de mar. 1894. Ano XX, n. 74. p. 2.

BARRETO, L. A mulher brasileira. In: *Gazeta da Tarde.* Rio de Janeiro: 27 abr. 1911. p. 1.

BILAC, O. Chronica livre. In: *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro: 9 jan. 1894. Ano XX, n. 9. p. 1.

BOUSQUET, G. Rapidamente. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro: 20 mai. 1890. Ano VIII, n. 1790. p. 1.

CAMPOS, N. A. Zalina Rolim. In: *A Província de São Paulo*. São Paulo: 17 mai. 1889. Ano XV. n. 4235. p. 1.

CARNEIRO, B. Correspondências. In: *O Estado de Minas*, 5 Jan. 1894a. Ano. V. n. 367. p. 1-2.

CARNEIRO, B. Correspondências. In: *O Estado de Minas*, 25 Jan. 1894b. Ano. V. n. 371. p. 1-2.

FREIRE, E. *Livro phostumo.* São Paulo: Weiszflog Irmãos, 1910.

FREIRE, E. Na roça. In: *A Província de São Paulo*. São Paulo: 5 nov. de 1887. Ano XIII. n. 3779. p. 1.

KÖPKE, J. A poesia nas escolas (um livro de Zalina Rolim). In: *O Estado de S. Paulo.* São Paulo: 28 jan. 1896. Ano XXII, n. 62. p. 1.

MAGALHÃES, V. Poesia e poetas. In: *A Semana.* Rio de Janeiro: 18 jan. 1894. Ano V, Tomo V, n. 24. p. 2.

PRESTES, G. A instrução pública em São Paulo V. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo: 8 jan. 1897. Ano XXIII, n. 8.629, p. 1

QUEIROZ, W. Chronica de domingo. In: *Correio Paulistano*. São Paulo: 4 out. de 1891a. Ano XXXVIII, n. 10.581. p. 2.

QUEIROZ, W. Chroniqueta. In: *Correio Paulistano.* São Paulo: 21 jan. 1891b. Ano XXXVIII, n. 10.312. p. 1.

QUEIROZ, W. Coração. In: *Correio Paulistano.* São Paulo: 9 jan. 1894. Ano XL, n. 11.159. p. 1.

QUEIROZ, W. Prosas ligeiras. In: *Correio Paulistano.* São Paulo: 21 jun. 1890. Ano XXXVI, n. 10.136. p. 2.

REDONDO, G. Chronica paulista. In: *O País.* Rio de Janeiro: 22 fev. 1895. Ano XI, n. 3.796, p. 1.

RIO, J. *O momento literário.* Rio de Janeiro: Garnier, 1908.

ROLIM, Z. *Livro das crianças.* Edição especial para as escholas publicas do Estado de S. Paulo. Pref. Gabriel Prestes. Boston, Mass. – U.S.A.: C. F. Hammett, 1897. (Série D. Vitalina de Queiroz)

ROLIM, Z. *O coração* – poesias. São Paulo: Tipologia de Hennies e Winiger, 1893.

SANTOS, M. C. C. O coração. In: *A Família.* Rio de Janeiro: 4 fev. 1894. Ano VI, n. 168. p. 2-3.

SANTOS, M. C. C. Carta do Rio. In: *A Mensageira*. São Paulo: 15 fev. 1898. Ano I, n. 9. p. 4-7.

VIEIRA, A. L. Coração. In: *Gazeta de Notícias.* Rio de Janeiro: 25 ja. 1894. Ano XX, n. 25. p. 1.

VITA, D. A. Zalina Rolim – Seu realismo simples e enternecido. In: *Pensamento e Arte – Suplemento literário do Correio Paulistano*. n. 84. 27 dez. 1953. p. 2.

Periódicos consultados:

A Boemia. São Paulo, 1896-?

A Cidade de Itu. São Paulo, 1893-1904.

A Cidade do Turvo. Cidade do Turvo – MG, 1890-1897.

A Época. Recife, 1889-890.

A Escola Pública. São Paulo, 1895-1897.

A Estação. Rio de Janeiro, 1880-1904.

A Família. São Paulo/Rio de Janeiro, 1888-1894.

A Federação. Porto Alegre – RS, 1884-1937.

A Mensageira. São Paulo, 1897-1900.

A Palavra. Penedo – AL, 1889-1897.

A Província de São Paulo / O Estado de S. Paulo. São Paulo, 1875-.

A Província do Espírito Santo / Diário do Espírito Santo / O Estado do Espírito Santo. Vitória, 1882-1911.

A Província. Recife, 1872-1933.

A República. Fortaleza, 1892-1897.

A República. Natal – RN, 1897-1907.

A Semana. Rio de Janeiro, 1885-1890.

A Sempre-Viva. Curitiba – PR, 1924-1925.

A União. João Pessoa, 1893-.

Álbum das Meninas. São Paulo, 1898-1899.

Almanaque da Comarca do Amparo / *Almanaque do Amparo.* Amparo - SP, 1889-1918.

Almanaque das fluminenses. Rio de Janeiro, 1889-1890.

Almanaque do Estado da Paraíba. João Pessoa, 1899.

Almanaque Literário e Estatístico da Província do Rio Grande do Sul / Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul. Pelotas – RS/Rio Grande – RS/Porto Alegre – RS, 1889-1917.

Almanaque Popular Brasileiro. Porto Alegre, 1894-1908.

Correio da Manhã / Diário da Manhã. Lisboa – Portugal, 1884-1898.

Correio da Manhã. Rio de Janeiro – RJ, 1901-1974.

Correio Paulistano. São Paulo, 1890-1902.

Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 1885-1895.

Diário de Pernambuco. Recife, 1825-.

Diário do Maranhão. São Luís, 1855-1911.

Eco das Damas. São Paulo, 1879-1888.

Educação. São Paulo, 1902.

Folha do Norte. Belém, 1896-1903.

Gazeta da Tarde. Rio de Janeiro, 1880-1901.

Gazeta da Tarde. Rio de Janeiro, 1893-1901.

Gazeta de Joinville. Joinville – SC, 1877-1908.

Gazeta de Notícias. Rio de Janeiro, 1875-1942.

Gazeta de Ouro Fino. Ouro Fino – MG, 1892-1915.

Gazeta de Petrópolis. Petrópolis – RJ, 1892-1904.

Gazeta de Petrópolis. São Paulo, 1893-1897.

Imprensa Ituana. Itu - SP, 1890-1891.

Jornal do Comércio. Manaus, 1905-2007.

Jornal do Dia. Porto Alegre, 1947-1966.

Jornal do Recife, Recife, 1858-1938.

Novidades. Rio de Janeiro, 1887-1892

O Álbum das Meninas. São Paulo, 1898-1901.

O Álbum. Rio de Janeiro, 1893-1895.

O Arquivo Ilustrado. São Paulo, 1899-1906.

O Beija-flor. Petrópolis – RJ, 1915-1925.

O Dia. Curitiba – PR, 1923-1961.

O Estado. Florianópolis – SC, 1915-1965.

O Estado. Natal, 1894-1895.

O Farol. Juiz de Fora – MG, 1876-1933.

O Itapetininga. Itapetininga – SP, 1890.

O País. Rio de Janeiro, 1889-1900.

O Povo. Santa Teresa – ES, 1920-1923.

Orbe. Maceió, 1879-1900.

Pacotilha. São Luís, 1880-1938.

Província de São Paulo / *Estado de S. Paulo*. São Paulo. 1893-1902.

Revista Brasileira. Rio de Janeiro, 1861-1979.

Revista de Ensino. São Paulo, 1902-1918.

Revista do Jardim da Infância. São Paulo, 1896-1897.

Revista Ilustrada. Rio de Janeiro, 1876-1894.

Revista Literária. São Paulo, 1895.

Fontes biográficas:

DANTAS, A. A. *Zalina Rolim.* São Paulo: Pannartz, 1983.

ELEUTÉRIO, M. L. *Vidas de romance*: as mulheres e o exercício de ler e escrever no entresséculos (1890-1930). Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

LEITE, M. C. *Da. Zalina Rolim:* notas biobibliográficas. *Revista Alfa*, São Paulo, v. 3, p. 127-133, 1963.

PIZA, M. A. B. T. O Contexto. In: *Zalina Rolim:* poetisa e educadora. Itu, SP: Ottoni, 2008. p. 21-43.

PIZA, M. A. B. T. Vozes sobre Zalina. In: *Zalina Rolim:* poetisa e educadora. Itu, SP: Ottoni, 2008. p. 357-414.

VASCONCELLOS, E. Maria Zalina Rolim. In: MUZART, Z. L. (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*: antologia. Santa Cruz do Sul-RS: Mulheres/Edunisc, 1999. v. II. p. 495-514.

Fontes teóricas:

ABREU, M. *Cultura letrada:* literatura e leitura. São Paulo: UNESP, 2006

ALENCAR, J. *Como e porque sou romancista.* Adaptação ortográfica de Carlos de Aquino Pereira. Campinas – SP: Pontes, 1990.

ARCE, A. *Friedrich Froebel*: O pedagogo dos jardins da infância. Petrópolis – RJ: Vozes, 2002.

ARIÈS, P. *História social da infância e da família*. Trad. Dora Flasksman. Rio de Janeiro: LTC, 2014.

AUGUSTA, N. F. B. *Opúsculo humanitário.* Introdução e notas de Peggy Sharpe-Valadares. São Paulo/Brasília: Cortez/INEP, 1989.

BARBOSA, S. F. P. *Jornal e literatura:* a imprensa brasileira no século XIX. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

BATAILLE, G. *O erotismo*. Trad. Fernando Scheibe. São Paulo: Autêntica, 2013.

BORDIEU, P. *A dominação masculina.* Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: BestBolso, 2018.

BROTEL, J. F. Catálogo almanak dos almanaques. In: MEYER, M. *Do almanak aos almanaques*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. p. 17-18.

BUITONI, D. H. S. *Imprensa feminina*. São Paulo: Ática, 1990. v. XLI (Série Princípios).

BUITONI, D. H. S. *Mulher de papel*: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira. São Paulo: Summus, 2009.

CANDIDO, A. *Literatura e sociedade.* São Paulo: Publifolha, 2000.

CARNEIRO, M. L. T.; TAKEUCHI, M. Y. (Org.). Imigrantes Japoneses no Brasil: trajetória, imaginário e memória. São Paulo: Edusp, 2010.

CATANI, D. B. A imprensa periódica educacional: as revistas de ensino e o estudo do campo educacional. *Educação e Filosofia*, São Paulo, v. 10, n. 20, p. 115-130, 2008.

CHARTIER, R. *A ordem dos livros.* Brasília: UNB, 1999.

CHARTIER, R O homem de letras. In: VOVELLE, M. (Org.). *O homem do Iluminismo*. Lisboa: Editorial Presença, 1997. p. 119-153.

CHARTIER, R O mundo como representação. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991.

COELHO, N. N. *Literatura infantil:* teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

COELHO, N. N. *Panorama histórico da literatura infantil/juvenil:* das origens indo-européias ao Brasil contemporâneo. São Paulo: Ática, 1991.

CRUZ, H. F. *São Paulo em papel e tinta*: periodismo e vida urbana-1890-1915. São Paulo: Educ/Fapesp/Arquivo do Estado de São Paulo/Imprensa Oficial de São Paulo, 2000.

D'INCAO, M. A. Mulher e família burguesa. In: PRIORE, M. D. (Org.) *História das mulheres no Brasil.* São Paulo: Contexto, 2018. p. 223-240.

DIONÍSIO, R. C. S. Infância e poesia em diálogo: "a primeira lição" da literatura infanto-juvenil brasileira na perspectiva de Zalina Rolim. In: DUARTE, C. L. et al. *Arquivos femininos*: Literatura, valores, sentidos. Florianópolis: Mulheres, 2014. p. 337-347.

DUARTE, C. L. *Imprensa feminina e feminista no Brasil*: século XIX – Dicionário ilustrado. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

DUARTE, C. L. (Org.). *Mulheres em letras:* antologia de escritoras mineiras. Ilha de Santa Catarina-SC: Mulheres, 2008.

DUARTE, C. L.; PAIVA, K. B. A mulher de letras: nos rastros de uma história. *Revista Ipotesi*, Juiz de Fora – MG, v. 13, n. 2, p. 11–19, 2009.

FARIAS, V. L. C. *Machado de Assis e a imprensa do século XIX*: práticas, leitores e leituras. Jundiaí – SP: Paco Editorial, 2016.

FARIA FILHO, L. M. Instrução elementar no século XIX. In. LOPES, E. M.; T. FARIA FILHO, L. M.; VEIGA, C. G. (Orgs.). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p. 95-134. (Coleção Historial)

FERRARO, A. R.; KREIDLOW, D. *Analfabetismo no Brasil:* configuração e gênese das desigualdades regionais. Colóquio internacional de políticas públicas, pobreza e exclusão social. Ijuí – RS: UNIJUÍ, 2003. p. 179-200.

FERREIRA, J. P. Almanaque. In: MEYER, M. *Do almanak aos almanaques*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. p. 19-22.

FUNCK, S. B. (Org.). *Trocando ideias sobre a mulher e a literatura.* Florianópolis: UFSC, 1994.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa.* São Paulo: Atlas, 2008.

HOLLANDA, H. B. *Os estudos sobre mulher e literatura no Brasil*: uma primeira abordagem. Rio de Janeiro: CIEC, 1991.

HOLLANDA, H. B.; ARAÚJO, L. N. *Ensaístas brasileiras:* mulheres que escreveram sobre literatura e artes de 1860 a 1991. São Paulo: Rocco, 1993.

KEHL, M. R. *Deslocamentos do feminino*. São Paulo: Boitempo, 2016.

LACERDA, L. *Álbum de leitura:* memórias de vida, histórias de leitoras. São Paulo: Unesp, 2003.

LAJOLO, M. *Usos e abusos da literatura na escola:* Bilac e a literatura escolar na República Velha. Rio de Janeiro: Globo, 1982.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN. R. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

LEMAIRE, R. Patrimônio e matrimônio: proposta para uma nova historiografia da cultura ocidental. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 34, n. 70, p. 17-33, jul./ago. 2018.

LEMAIRE, R. Patrimônio e matrimônio III: arquivologia e reinvenção do saber matrimonial. *Revista Graphos*, João Pessoa, v. 22, n. 3, p. 12-39, 2020.

LOURO, G. L. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, M. D. (Org.) *História das mulheres no Brasil.* São Paulo: Contexto, 2018. p. 443-481.

MACHADO, U. *A vida literária no Brasil durante o Romantismo.* Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

MARTINS, A. L. *Revistas em revista*: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922). São Pulo: USP/FAPESP, 2008.

MONARCHA, C. Revista do Jardim da Infância: Uma publicação exemplar. In: *Educação da infância brasileira, 1875-1983*. Campinas: Autores Associados, 2001, p. 81-119.

MONARCHA, C. *Escola Normal da Praça*: o lado noturno das luzes. Campinas – SP: Unicamp, 1999.

MORAIS, M. A. C. *Leituras de mulheres no século XIX*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

MORAIS FILHO, J. N. *Maria Firmina dos Reis:* fragmentos de uma vida. São Luís: Governo do Estado do Maranhão, 1975.

MORTATTI, M. R. L. João Köpke (1852-1926) na história do ensino de leitura e escrita no Brasil. In: MORTATTI, M. R. L. et al. (Orgs). *Sujeitos da história do ensino de leitura e escrita no Brasil*. São Paulo: UNESP, 2015. p. 59-75.

MUZART, Z. L. A ascensão das mulheres no romance. In: ARRUDA, A. A. et al. (Org.). *A escritura no feminino:* Aproximações. Florianópolis: Mulheres, 2011. p. 17-28.

MUZART, Z. L. De navegar e de navegantes. In: MIGNOT, A. C. V.; BASTOS, M. H. C.; CUNHA, M. T. S. *Refúgios do eu:* educação, história, escrita autobiográfica. Florianópolis: Mulheres, 2000. p. 181-189.

MUZART, Z. L. Introdução. In: MUZART, Z. L. (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*: antologia. Florianópolis/Santa Cruz do Sul-RS: Mulheres/Edunisc, 2004. v. II. p. 21-27.

MUZART, Z. L. Pedantes e bas-bleus: história de uma pesquisa. In: MUZART, Z. L. (Org.). *Escritoras Brasileiras do século XIX*: antologia. Florianópolis/Santa Cruz do Sul-RS: Mulheres/Edunisc, 1999. v. I. p. 17-29.

MUZART, Z. L. Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 11, n. 1., p. 225-233, jan./jun. 2003.

MUZART, Z. L. Uma nova história literária. In: MUZART, Z. L. (Org.). *Escritoras Brasileiras do século XIX*: antologia. Florianópolis: Mulheres, 2009. v. III. p. 21-28.

NOBRE, F. *História da imprensa em São Paulo*. São Paulo: Edições Leia, 1950.

OLIVEIRA, V. V. *As raízes da poesia infantil de Zalina Rolim em Livro das crianças.* Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa: 2017.

OLIVEIRA, M. C. Os almanaques de São Paulo como fonte de pesquisa. In: MEYER, M. *Do almanak aos almanaques*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. p. 23-24.

PAIXÃO, S. *A fala-a-menos:* a repressão do desejo na poesia feminina: Rio de Janeiro: Numen, 1991.

PERROT, M. *As mulheres ou os silêncios da história.* Trad. Viviane Ribeiro. Bauru – SP: EDUSC, 2005.

PERROT, M. *Minha história das mulheres.* Trad. Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2019.

PERROT, M. *Mulheres públicas.* Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

PERROT, M. *Os excluídos da história:* Operários, mulheres, prisioneiros. Trad. Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PINTO, C. R J. *Uma história do feminismo no Brasil.* São Paulo: F. Perseu Abramo, 2003.

SANTOS, F. N. *Representação de infância em Zalina Rolim:* Entre a arte poética e a educação. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de São Paulo. Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Guarulhos: 2017.

SANTOS, F. N. Livro das crianças: Uma análise sobre a representação da infância na obra de Zalina Rolim. In: *Anais do 20º Cole*. Campinas – SP: Fe/Unicamp; ALB, 2016a. v. 30. p. 1236-1242.

SANTOS, F. N. Zalina Rolim: A educadora do Jardim da Infância público anexo à Escola Normal Caetano de Campos. In: *Anais do X Seminário Nacional do HISTEDBR*. Campinas – SP: Fe/Unicamp; Histedbr, 2016b. p. 1-21.

SENNETT, R. *O declínio do homem público:* As tiranias da intimidade. Trad. Lygia Araujo Watanabe. Rio de Janeiro: Record, 2014.

SCHMIDT, R. T. (Org.). *Mulheres e literatura:* (trans)formando identidades. Santa Maria-RS: Pallotti, 1997.

SILVA, N. A. *Júlia Lopes de Almeida e sua trajetória de consagração em O País.* Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa: 2015.

SIMIONI, P. C. *Profissão artista:* Pintoras e escultoras acadêmicas brasileiras. São Paulo: Edusp, 2019.

SIRINELLI, J. F. Os intelectuais. In: REMOND, R. (Org.). *Por uma história política.* Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2003. p. 231-269.

TELLES, L. F. *A disciplina do amor:* fragmentos. São Paulo: Nova Fronteira, 1980.

TELLES, N. *Encantações*: escritoras e imaginação literária no Brasil – século XIX. São Paulo: Intermeios, 2012. (Coleção EntreGêneros)

TELLES, N. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORE, M. D. (Org.) *História das mulheres no Brasil.* São Paulo: Contexto, 2018. p. 401-442.

VERNEY, L. A. *Verdadeiro método de estudar*. Introdução e notas por Maria Lucília Gonçalves. Lisboa: Editorial Presença, 1991.

WOOLF, V. *Profissões para mulheres e outros ensaios feministas.* Trad. Denise Bottman. São Paulo: L&PM, 2012.

WOOLF, V. *Um teto todo seu.* Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Nova Fronteira: 1991.

ANEXOS

CONTO DO NATAL
(*Correio Paulistano*, 25 dez. 1892)

"A história, vovó, a história!..."

E as três pequenitas agruparam-se rumorosamente em torno da velhinha.

O menino, mais crescido já e menos crédulo talvez, numa gravidade silenciosa, a mais velha das meninas – a Luiza, palpitante e risonha, toda envolvida nas rendas do vestidinho de cassa, alvo como um jasmim; e, entre os joelhos da avó, a mais nova das três, vestida de luto ainda pela mãe que perdera.

Era quase noite já. Uma noite remansosa e boa. Não havia luar, apenas uma claridade branda, muito branda – o olhar severo de um milhão de estrelas.

E a velhinha olhava para o céu, enternecidamente.

... "A história, vovó, a história!..."

Ela voltou-se então, sorriu-se para as crianças e, ajeitando cariciosamente os cabelos louros da pequenina órfã, começou assim:

"É a meia noite que ela vem, a boa fada, toda vestida de branco, envolta num longo véu e coroada de rosas..."

– Mas por que, avozinha, interrompeu a impaciente Luiza, – ela só vem à noite, quando estamos adormecidas?

– É a hora que nasceu Jesus, filha, e a doce mensageira do céu vem trazer-vos a boa nova com as suas festas e alegrias. Dizem que a via láctea é o seu caminho, a sua misteriosa estrada; não sei... ninguém pode vê-la, ninguém pode olhar para ela, tal é o clarão que a circunda. Quando eu era pequena, lembro-me ainda, minha mãe contava que a boa fada tem um séquito de estrelas; é talvez o resplendor que a acompanha. Tem asas brancas de neve e uns passinhos tão que não vos perturbam o sono; é como se vossa mãe velasse em torno do vosso leito. Não fala nunca; sorri-se apenas. Aproxima-se docemente, contempla a cândida alvura dos pequeninos leitos, abre a cortina dos berços e, na frente das criancinhas deposita, num beijo quase maternal, toda a ternura, a graça de Jesus. Depois, procura solícita às cabeças infantis as coisas boas que o anjo da guarda ali coloca para que ela as conduza ao céu...

– E quais são essas coisas, avozinha?

– As lições de tua mãe, minha filha – o amor obediente a vossos pais, a caridade para os mesquinhos e a proteção piedosa para tudo quanto vive e cresce soba as vistas de Deus. Tudo isso, filha, sob o macio frouxel das brancas asas ela acolhe amorosamente; e voando, voando, ao céu regressa pelo mesmo invisível caminho...”

A pequenita órfã erguera-se às últimas palavras, e, esfregando os olhinhos sonolentos, perguntou de repente:

– E todas as coisas boas que ela conduz da nossa cabeceira, vai entregar no céu, avó?

– Sim, meu amor; à porta do paraíso vêm os anjinhos todos recebe-la, festejando, radiosos, as oferendas da inocência.

A menina afastou-se um momento para voltar logo após, trazendo nas mãos a mais bonita caixa de amêndoas que recebera nesse dia; e, sorrindo ingenuamente:

– Olha, vou colocá-la à minha cabeceira.

– As tuas amêndoas, filhinha, exclamou a avó, surpreendida, – mas para que fim?

– Para que a boa fada possa levá-las a mamãe.

NOSTALGIA DA INFÂNCIA

(*Correio Paulistano*, 15 jan. 1893)

Velho, de longas barbas e cabelos brancos, ele caminhava, dando a mão ao netinho.

Na rua poeirenta e quieta da cidadezinha roceira poucos transeuntes àquela hora.

Longe, numa volta da estrada que aparece além, redando pesadamente, em ásperos solavancos, um carro de bois, moroso e lento, carregado de lenha...

O pequenito teria uns oito anos. Voltava da escola, despreocupado e feliz, – flutuante a blusa de linho pardo, no alto da cabeça o bonnet de palha escura e, à tiracolo, a malasinha de couro bronzeado, com fivelas reluzentes.

Vinha contando alegre umas histórias bonitas, num entusiasmo ruidoso, gorjeando de risos: eram conversas dos camaradas, pirraças inocentes às escondidas do mestre, projetos infantis, quiméricas proezas...

– Certo, avô, é certo; dei uma lição deste tamanho! E abria os bracinhos fortes numa orgulhosa convicção – sou o mais *adiantado* – adiantado da classe; abaixo de mim está o Joãozito, – pobrezinho! Que lá ficou de castigo porque entornou toda a tinta do soalho...”

Pelas cercas de madeira desigual, toda eriçada em agudas pontas, rosas trepadeiras se enroscam festivamente, numa exuberância de vegetação selvagem, encantando os olhos do viandante com suas cores alegres.

Galinhas cacarejando em torno da última ninhada, remexem a terra fofa sob as moitas da grama pouco espessa do caminho.

– Conta, filho, conta sempre.

E o menino ia desenrolando, desenrolando o comprido rosário dos seus gozos e triunfos infantis...

De lado a lado, na rua tortuosa e extensa, – casas baixas, antiquadas, edificações grosseiras, sem pretensões de estilo: lojas abertas, com suas pilhas de fazendas em exposição nas portas e os cobertores vermelhos, muito rubros, pondo uns tons de púrpura na claridade loira do dia.

Mais afastada, no extremo da rua, uma casinha branca de risonho aspecto; pelas janelas envidraçadas, de cortinas de casa, escapa-se um barulho igual e cadenciado de máquina de costura; e uma voz de mulher, amorosa e tranquila, canta lá dentro, melancolicamente, umas cantigas singelas.

– É mamãe!... – murmurou o rapazito, baixinho, interrompendo as suas histórias e sorrindo-se para o velho.

– Escuta, meu filho! – e, com os olhos úmidos, enternecidamente, como quem fala a uma visão misteriosa: – Era por este mesmo caminho – quantos anos já lá se vão! – que passava também outrora, quase todos os dias, um menino acompanhado de um velho... O mesmo céu azul como agora; a mesma rua poeirenta, de casas baixas e tristinhas; e rosas, rosas como estas florindo pelos cercados... Esta mesma casinha alvejante com as janelas veladas de cortinas brancas e uma voz de mulher cantarolando lá dentro... mas, o menino que passava então, na inconsciência radiosa da ingenuidade infantil, era eu... e a voz doce e meiga que esta mesma cantiga entoava – era minha mãe...

NEVADA

(*Correio Paulistano*, 26 fev. 1893)

"... Conta a Sinhô que Nevada morreu. Uma destas manhãs, como ela não tivesse aparecido à hora habitual, fomos procurá-la. Estava morta, já fria e toda coberta de orvalho à sombra da amendoeira. Cavaram-lhe a sepultura a um canto do jardim onde ela repousa agora, sob os galhos floridos da "Boule de niege" – a nossa linda roseira..."

Nevada era uma ovelhinha mansa que encantara Sinhô, na fazenda durante o último verão.

Alva, branca, tão branca como se fosse coberta de neve, merecia bem o seu nome.

Velhinha já e, portanto, ajuizada, e refletida era a excelente companheira das crianças. Nela as mamães podiam confiar sem o mínimo receio: nada mais que fizesse lembrar os antigos ardores, os fogosos ímpetos de outros tempos, dos seus tempos de ovelhinha jovem e arrebatada quando ela saltava em pinotes e cabriolas pelo meio do terreiro ou passava ao longe, em desenfreados pulos, em doidas correrias por entre as alas do cafezal verde escuro, mascando por travessura as folhas tenras dos arbustos novos.

Todos a estimavam então.

Muitas vezes, molhada pelo banho recente ela subia, aos pulos, os cinco degraus do velho casarão primitivo; sem respeito pelas coisas que encontrava na passagem atirava-se por cima de tudo, indo afinal estender-se, negligentemente, ao centro da sala em frente à janela, para dormir à sexta um sono regalado enquanto o sol amigo lhe enxugasse a lã sedosa.

Envelhecera aos poucos, sempre asseada e mansa, sempre com os seus hábitos de ovelhinha bem criada e digna do seu nome.

Os anos foram atenuando-lhe a ardência, modificando-lhe o temperamento irrequieto.

Tornou-se calma e vagarosa.

Sinhô fora o seu derradeiro afeto. Gostava de sentir-lhe o peso sobre o dorso macio e parecia feliz ao contato daquelas mãozinhas puras alisando-lhe os flocos espessos do arminho velho. Vinha por gosto muitas vezes, aproximando-se dele como a suplicar uma carícia...

E Sinhô lembrava-se de tudo... Agora, quando voltasse à fazenda nunca mais aquela boa companheira viria encontrá-lo aos pulos, sempre dócil e obediente para servi-lo nos brinquedos... Nunca mais ele a veria; talvez, nem mesmo no céu... porque tinham lhe dito, um dia, que as ovelhas não vão para o céu; se bem que ele protestasse calorosamente, dando como exemplo o cordeirinho de S. João.

Recordava-se tão vivamente agora, tão nítida lhe vinha a ideia do último passeio a que Nevada o conduzira!...

Fora uma tarde, pelos fins de Dezembro. Vinha do pomar o cheiro forte das flores de laranjeira, e, como fizesse muito calor lá dentro toda a família saíra a passear.

Seguiram à orla do mato, por um trilhosinho relvoso, metendo-se, às vezes, por entre as árvores.

Numa clareira, sobre um comorosinho de terra vermelha, todo plantado de sempre-vivas e perpétuas – havia uma cruz de madeira tosca. Ele perguntara admirado à sua mamãe – para

que estava ali colocada aquela cruz, num lugar tão ermo por onde ninguém passava. E ela respondera:

– É meu amor, porque neste lugar sepultou-se alguém, a cruz é um sinal dos vivos para que Jesus avistando-a mande os seus anjos em procura do morto. Junto de uma cruz paira sempre um espírito celeste; é por isso meu filho, que a gente descobre-se quando passa por ela.

E ele, reverente, escutando as palavras de sua mãe, descobrira-se também.

Fora aquele o último passeio...

– Vai brincar, meu amor, veio dizer-lhe a mãe, vendo-o entristecido e quase a chorar – Vai brincar. Eu te darei uma outra ovelhinha boa e mansa como Nevada; não é a mesma coisa? Não te quero ver triste. Vai brincar, anda.

– Mas eu gostava tanto dela!... Quando voltarmos à fazenda tu me farás uma cruz para a sua sepultura, mamãe?

– Não sabes o que dizes, filho: uma cruz!

– Sim, mamãe; para que Jesus avistando-a do céu mande os seus anjinhos a terra em procura de Nevada.

O DOMINGO DE RAMOS

(*Correio Paulistano*, 28 mar. 1893)

Às crianças

Sinhô voltou hoje da igreja trazendo nas mãos uma grande palma verde:

– Sabes vovó? O altar está muito lindo, todo enfeitado de ramos verdes!... e o padre distribuiu palmas como esta minha a toda a gente que foi à missa. Por que será?

– Porque é hoje o domingo de ramos, meu filho.

– Que domingo de ramos?

A vovó sorriu-se:

– Escuta-me; quando eu era pequena como tu, ignorava a significação desta solenidade. Minha mãe que era muito religiosa e sabia todas estas coisas, me explicou assim:

***

Jesus acostumara-se desde criança a visitar Jerusalém pela festa da Páscoa. No ano da Paixão, ele, que desde o precedente andava pela Judéia, chegou depois dos outros peregrinos, quando já não o esperavam.

Havia algum tempo que os judeus receosos da popularidade do Nazareno procuravam todos os meios de perdê-lo.

Os fariseus odiavam-no, porque pressentiam o efeito da sua palavra nos corações puros e bons e ameaçavam com a mais severa punição quem dele se aproximasse ou lhe escutasse a doutrina. Assim muitas almas timoratas, apesar de reconhecerem e sentirem-se tocadas pelos exemplos de Jesus, não se atreviam a confessá-lo com medo de serem expulsas da sinagoga e desprezadas por todos.

Desta maneira, a covardia, o medo levava-os a ocultarem no mais recôndito do coração – como o maior dos crimes – aqueles divinos impulsos.

Quantos espíritos tímidos não vemos nós todos os dias, que, por um receio vão, por um fútil preconceito de sociedade, subordinam-se às opiniões de outrem, desde que da confissão das suas próprias ideias, possa resultar-lhes um leve desgosto passageiro, uma censura ou mofa daqueles com quem convivem!

Jerusalém era incrédula às doutrinas do Cristo, e os galileus eram ali desprezados.

Muitas vezes, no templo, Jesus era forçado a sustentar argumentações com ignorantes ou contraditores que em discussões cheias de astúcias, constrangiam-lhe a retidão do espírito tanto menos dado a controvérsias quanto mais afeito era à simplicidade das conversações com os discípulos, à linguagem expressivamente colorida que faz o encanto das suas judiciosíssimas parábolas.

Entretanto, desenvolvia sempre nos seus raciocínios toda a grandeza de um espírito superior.

Jesus não passava as noites em Jerusalém, mas no monte das Oliveiras a leste da cidade.

Havia daquele lado uma aldeiazinha chamada Betânia, a qual o mestre se afeiçoara – talvez pela singeleza dos seus habitantes, talvez porque lhe acordasse no espírito a lembrança risonha da sua amada Galileia.

Na Betânia viviam os três irmãos – Marta, Maria e Lázaro – em cujos corações sensíveis e puros encontrou sempre Jesus o mais religioso afeto, a mais imperecível crença.

O milagre da ressurreição de Lázaro e o entusiasmo crente do povo apressaram a resolução dos pontífices que passaram ordem de prisão contra o Nazareno.

Jesus já falava aos discípulos no seu próximo fim.

No último domingo antes da Páscoa desceu da Betânia acompanhado pelos discípulos e muita gente do povo.

Avistando Jerusalém, ainda os seus olhos inundaram-se de lágrimas, prevendo angustiosamente o quanto sofreria mais tarde a orgulhosa cidade.

Ao chegar em frente a Betfagé mandou que fossem dois dos discípulos à vizinha aldeia onde encontrariam uma jumenta presa; que a desprendessem e a trouxessem acompanhada pela cria.

"E se alguém vos perguntar: Por que soltais vós? Diz-lhe-eis: Porque o senhor deseja servir-se dela."

E os discípulos foram e fizeram tudo como ele disse.

Trouxeram a jumenta; sobre ela estenderam os seus vestidos; fizeram depois que Jesus a montasse, e, juncando a estrada de folhagens e ramos de arvoredo e levando outros ramos nas mãos, foram acompanhando o mestre...

"E para onde quer que ele passava, estendiam seus vestidos pelo caminho."

Muita gente que estava em Jerusalém, sabendo que Jesus se aproximava, saiu a encontrá-lo com ramos de palmas nas mãos e juntando-se aos que vinham com ele clamavam todos: "Hosana! Bendito seja o Rei de Israel que vem em nome do Senhor!"

E como ao entrar a comitiva na cidade todos que a viam perguntassem alvoroçados: Quem é! Quem é?

O povo dizia: Este é Jesus, o profeta de Nazaré na Galileia.

NA ROÇA

(*Correio Paulistano*, 25 mai. 1893)

Ampla e larga, num reverberamento de luz reflexa desenrola-se a estrada.

Em roda a planície, o campo já meio amarelecido pela aproximação do inverno mas ainda pontilhado de flores.

Longe ondulações de colina, leves planaltos, encostas verdes... mal se avista o rio por entre as margens barrancosas onde cresce o mato e se desdobra o veludo fresco da vegetação rasteira.

E o carro vai rodando, rodando asperamente ao lento caminhar dos bois...

A cada passo vai se alargando a paisagem em rápidas mutações: aqui um tufo de arvoredo, numa velha chácara; laranjeiras vergando ao peso dos frutos cujos tons verde-claros já se confundem, transformando-se aos poucos, com as primeiras tintas amarelas. Pelo telhado da casa esvoaçam pombos...

Além o espelho nítido de uma pequena lagoa e, muito longe, recortando a linha do horizonte um trecho de mato por onde o caminho de intromete.

À beira do banhado, pios agudos entrecortados, e as perdizes levantam o voo num rumor macio, sacudindo as asas.

Ao sopé das colinas pasta o gado, pondo mancas de várias cores na verdura uniforme do campo.

Ao passar o carro pela orla das pastagens uma ou outra novilha curiosa levanta a cabeça, estendendo o pescoço num mugido prolongado que se dilata pelas profundezas do horizonte...

Agora um povoado rústico; aqui, acolá casinhas de madeira e barro vermelho, cujo interior tranquilo o sol espreita pelas multiplicadas fendas. Umas cobertas de telhas, outras, a maior parte, ranchinhos de sapé com uma porta de entrada e uma janelinha única, pequena, tão pequena que mal dará espaço a um franzino busto de mulher.

Às portas aparecem rostos corados de campônios fortes, sadios e carinhas alegres de crianças bonitas que acompanham com os olhos, numa admiração risonha o carro que vem todos os dias carregado de lenha e que vai agora todo enfeitado e catita, cheio de moças, pelo campo fora...

Ligando entre si os pequeninos casebres, trilhosinhos estreitos que se alargam em frente às portas num terreiro quadrangular, varrido de fresco por onde galinhas passeiam remexendo a terra e agitando a espaço as fofas asas penugentas.

Grandes moitas de piteiras de um verde carregado: aroeiras copadas cujos cachos rubros o vento sacode despencando as baquinhas vermelhas que rolam pelo chão como uma chuva de corais.

Pelas cercas de arame a trepadeira de S. João desabotoa as primeiras flores de um amarelo tostado, cor de laranja madura, e, em grinaldas de folhagem, por toda a parte se estende.

Ao fim do povoado, à beira da estrada um verde milharal agitando as folhas esguias, ponteagudas num sussurro brando de canas flexíveis. Após, outra roça de milho quase madura já; as espigas amareladas, completamente despidas da farta cabeleria ondeante...

Param os bois... é a porteira do outro lado da ponte, que o carreiro vai abrir e que range monotonamente, indo bater de encontro aos morões da cerca.

Ainda um trechosinho do campo. Agora o mato, o capoeirão cerrado, rescendente, sombrio, – entrelaçado de cipós, florido de parasitas azuis, brancas, escarlates, – em cujo solo úmido as rodas vão deixando sulcos luzidios.

Aqui os bois caminham ainda mais vagarosamente, aspirando o cheiro saudável das plantas.

Borboletas brancas, aso pares voejam tremulamente, recortando o mato, sem pousar nas folhas...

Mais alguns passos... e eis-nos de novo no campo.

Já se avista o sítio no alto, uma casa branca e risonha, num fundo de arvoredo novo.

À direita o moinho onde a água caindo na roda, num barulho alegre, ressalta em mil fulgurações de pedras raras.

À esquerda o monjolo quebrando o milho no bater compassado do grande pilão de madeira pesada.

... Atravessamos a lagoa da entrada e para o carro num último solavanco.

Declina o sol. Além pelas quebradas muge o gado melancolicamente e no alto da cerca, vibrante, num trêmulo harmonioso, canta um pássaro selvagem.

Itapetininga – Abril, 1893.

AS FLORES DA MORTA

(*Correio Paulistano*, 24 dez. 1893)

Na roça.

Véspera de Natal.

Pouco faltaria para meia-noite.

Enquanto esperávamos pela ceia cuja aproximação denunciava o apetitoso aroma vindo da cozinha, acompanhado pelo tinir alegre de louças entrechocadas, pedimos à tia Joana – uma velha ex-escrava da casa – que nos contasse histórias dos seus tempos de moça.

A noite estava muito calma e de uma temperatura deliciosa.

O luar aparecera há pouco por entre as árvores do velho pomar.

Sentamo-nos à beira da casa, numas grandes pedras desiguais que ali existiam desde muitos anos e onde era costume, à tardezinha, quando a sombra se estendia pelo terreiro, assentarem-se os velhos vendo chegar a gente de trabalho, enquanto, além, no rancho do paiol entre risadas e cochichos a crioulada debulhava o milho.

O luar subindo sempre, entrava pela casa a dentro. Longe, pelas bandas da horta ladravam cães.

Nem um rumor pelo arvoredo; e do campo vizinho, e da mata próxima se evolava brandamente um perfume suave de flores silvestres.

Tia Joana contava muito bem as suas histórias, tinha um dom especial para dar colorido, expressão graciosa a qualquer narrativa muito simples.

Gostava imenso de falar na sua mocidade, nas festas daquele tempo.

“Ainda que passasse noites e noites em claro, dizia ela, nem assim chegaria a contar as passagens a que assistira, as coisas bonitas de outrora.”

– E o Natal, tia Joana, antigamente era alegre como hoje?

– Ah! meninas nem eu quero me lembrar dessas coisas... Pois não há de causar tristeza para quem já tem vivido como eu, ver a diferença dos nossos dias?! Hoje o mundo está mudado, a era está cansada; ninguém mais tem religião nem acredita nas coisas santas. Tenho visto tanta coisa, tanta que não me admiram nada essas guerras e barulhos que rebentam por toda a parte... Festas do meu tempo não se comparam às de hoje.

E o Natal, então!... eu que o diga...

Mas aí me vou deixando levar por outros rumos... Bem dizia a minha pobre senhora, que Deus haja, que gente velha – quando principia a falar não tem conta na língua e vai-se estendendo por aí além, por aí além até que se esquece do lugar por onde começou.

[Ilegível] e prestem atenção ao que vou lhes contar e que é tão real, tão verdadeiro como é grande o dia de hoje:

– Eu nunca tive mãe, que me lembre; fui comprada em pequenina e desde então fiquei na mesma família, que sempre me tratou com estimação e bondade. Se andei de uma casa para outra foi porque passei de pais a filhos e de filhos a netos até chegar onde estou hoje...

– Mas hoje você é livre, tia Joana...

– Sim, meninas, mas a gente que tem coração é livre algum dia? Eu, por mim, acho que o amor prende mais do que qualquer outro cativeiro. Quanto mais afeto se tem para empregar, mais cativo se fica, e deste cativeiro não há esperança de liberdade e nem coração que a deseje...

No sítio de meu primeiro senhor havia uma capelinha do menino Jesus, bonita que era um enlevo! Pelas festas do natal toda a vizinhança concorria com algum presente para os ornamentos do presépio. Ficava a pequenina igreja tão cheia de flores e fitas e rendas como uma alcova de noivado. As luzes eram tantas que a gente nem podia olhar com os olhos bem abertos. Eu também, como as minhas parceiras, não deixava nunca de preparar com muita antecedência a minha oferenda, por mais humilde que ela fosse: um bordado, uma renda fina, uma planta rara e flores, flores quantas houvesse, tudo o pequenino santo acolhia com o mesmo sorriso do céu.

Eu nunca tive jeito para cultivar flores assim, preferia trabalhar durante muitos meses, aos domingos ou às noites no bastidor de bordar, desfiando panos de linho ou bordando alvas cambraias a custo adquiridas com as minhas pobres economias.

Quando se deu o caso que eu estou referindo era eu bem mocinha. Para aquele ano tinha preparado uma linda toalhinha de crivo. Fazia gosto vê-la tão alva e bonita entre rosas desfolhadas no fundo da minha caixa...

Aconteceu então que um dia, nos princípios de Dezembro foi encontrada morta nas pedras da cachoeira grande a escrava Cecília – uma desgraçada que vivia de castigo pela sua má cabeça e gênio arrebatado. Falou-se muito que ela mesma procurara a morte e não lhe queriam dar sepultura na terra santa do cemitério.

Eu tinha visto, muitas vezes, desde pequena, quando alguém morria cobrirem-lhe o rosto com um lenço de cambraia. Cecília não tinha filhos, ninguém que se interessasse por ela, e eu que também não tinha mãe ou alguém que por mim se interessasse, tive pena e fui buscar a minha rica toalhinha – tão alva e bonita entre rosas desfolhadas no fundo da minha caixa... e o crivo que eu tecera com tanto amor para os divinos pés de Jesus foi cobrir o rosto da morta.

Passaram-se muitos dias. Chegou a noite do Natal e eu estava triste porque – pela primeira vez na minha vida – não tinha nada para oferecer ao Menino.

Saí pelos arredores da capela à procura de flores que eu bem sabia não haver por aqueles lugares... De repente, – ai! meninas, ainda sinto arrepios de emoção quando me lembro!... – na encosta do morro, à beira do mato, avistei como um canteiro das mais lindas flores a pequena elevação de terra onde, à sombra do arvoredo, bem afastada do caminho, sob uma pequena cruz repousava Cecília!...

Eu que era muito ingênua e medrosa naquele tempo quis fugir a princípio, assustada, sem compreender o que via; mas a pouco e pouco voltou-me toda a coragem e aproximei-me resolutamente: Flores que eu nunca tinha visto, de todas as formas, de todas as cores, incomparáveis, rescendentes – se entrelaçavam, se confundiam na mais deslumbrante coroa, no mais formoso ramalhete que se pode imaginar!....

Colhi-as todas, e aos pés do altar entre as oferendas de tanta gente, nenhuma, nenhuma que se pudesse comparar a minha.

Daí por diante, nunca mais me foi preciso trabalhar aos domingos ou alongar os meus serões para o presente de Jesus: todos os anos pelas festas do Natal a sepultura de Cecília se cobria de flores...

ROSITA

(*A Família*, 22 jan. 1888)

Rosita tinha oito anos.

Era fresca como a rosa entreaberta e travessa como a brisa da manhã.

Gostava de correr pelas campinas molhando os sapatinhos na relva úmida do orvalho matutino.

Sentia-se prazer em roubar os ninhos das pobres avezitas que apenas viam-na surgir entre o arvoredo fugiam assustadas.

Mas era tão linda quando saltava entre as companheiras, com os cabelos de ouro a acariciar-lhe o rostinho vivamente rosado, e os olhos travessos e cintilantes de alegria!...

A sua mãezinha dizia-lhe, muitas vezes: Olha, minha Rosa, não quero que te afastes tanto do meu lado, és tão pequenina!... Sempre que te não vejo ao meu lado estou sem sossego e nervosa.

Mas, era tempo perdido. Qual é a criança que gosta de saltar e fazer travessuras na frente da mãe?

As crianças são como os passarinhos que cantam; cantam delirantes, saltando de ramo em ramo, mas, se ouvem o ruído de alguém que se aproxima calam-se repentinamente assustados, estendendo as cabecinhas entre a folhagem, ou fogem velozmente para longe.

Somente havia uma coisa que Rosita não perdoava as suas amiguinhas: – Zombar dos velhos. O riso que brincava constantemente em seus lábios cor de rosa, mudava-se em expressão de suavidade e doçura se via um velho.

Os cabelos brancos eram para Rosita um templo.

Muitas vezes as companheiras admiradas viam-na no meio da mais ruidosa alegria, tornar-se subitamente silenciosa e mostrando-lhes com o olhar comovido e vagamente triste o vulto grave e trêmulo de um velho que passava vagarosamente.

E daí até a noite a menina não mais folgava descuidosa como antes; o seu riso argentino não tinha a mesma vivacidade d'alegria.

Brincava, mas o seu rostinho angélico conservava-se velado.

Então as amiguinhas retiravam-se dizendo entre si: – Que terá Rosita, para temer os velhos? Ah! se nós pudéssemos curá-la desta mania!...

Mas era debalde, Rosa não as escutava, e nem consentia que as suas amigas desatassem a rir na presença de um velho.

– Mas que tem? perguntavam as pequenitas.

– Não sei, mas, não quero que atormentem os coitados. E depois, que prazer encontrais em zombar dos pobrezinhos? nenhum. Pois desde que é assim para que contrariar-me?

E quem havia de resistir a esta súplica, formulada por uns lábios tão mimosos e com voz tão suave e trêmula?!...

E era tão pequena a exigência! Um pouco de respeito para com os velhos, e eis aí tudo.

Mas as meninas, a mesma facilidade que tinham para aceder aos desejos da amiguinha, encontravam para contraria-la, logo que disto lhes resultasse alguma travessura.

Um dia logo de manhãzinha, subiram as meninas a brincar pelos arredores. Estava linda a manhã.

Havia no espaço uma melodia estranha, talvez o som argentino dos sorrisos dos anjos.

As flores silvestres entreabriam os perfumados cálices. Milhares de borboletas voejavam doidamente pousando a espaços na relva humedecida. O céu de um azul diáfano era semeado par pequenas nuvens...

– Olha, Mariquinhas, chamou Rosita, veta ver este cacho de amoras que encontrei bem escondido entre as folhas. Estão saborosas! Queres uma?

– Sim, sim, respondeu a interpelada acudindo pressurosa ao chamado, e levando aos lábios de coral a fruta cor de azeviche. Ah! Rosa, se nós não fossemos hoje à escola...

– Oh! sim, interrompeu Rosita, brincaríamos tanto...

– Sabes, tenho uma ideia...

– Qual é? diz e depressa. Exclamaram todas.

– Se nós fizéssemos zangar a professora, não mais voltaríamos é escola, e...

– Não, – interrompeu Rosa – assim não quero; mamãe ficaria triste, e depois é tão triste não saber ler... Ainda ontem foi em casa a boa Josephina pedir a mamãe para ler uma carta do filho que estava doente na roça e que escrevia-lhe então dando notícias.

A pobrezinha chorava que fazia pena... Desde pela manhã que tinha a carta nas mãos sem encontrar quem lha quisesse Ier... Vejam como é triste não saber...

– Olha bela, – interrompeu Mariquinhas chamando uma das pequenitas; lá vem o velho da lagoa, vamos encontrá-lo?

– Sim – respondeu a menina, – e havemos de fazê-lo derrubar o bordão.

Não quero! – exclamou Rosa.

– Havemos de ir.

– Não quero! – insistiu nervosamente Rosa.

– Pois então fica – disseram as outras e correram.

A vítima aproximava-se lentamente. Era um pobre velho alquebrado e que a custo caminhava. Os cabelos encanecidos caiam-lhe sobre os ombros esguios e pontiagudos. A fronte rugosa pendia para o chão como a árvore anosa sacudida pela tempestade.

Quando avistou o bando infantil e compreendeu-lhe os desígnios ergueu os olhos para o céu e parou.

Mariquinhas chegou antes das outras, mas antes que pudesse escarnecer do pobre velho, foi afastada pela mão de Rosa, que depois de fazer o mesmo às outras traquinas, acercou-se do ancião, levantou-lhe o chapéu que cairá das mãos tremulas e depois de fitá-lo um instante com os olhos úmidos disse simplesmente: – Adeus.

E seguiu diante das amigas.

O velho petrificado um instante, olhou-a desorientado e afinal juntando as mãos, enquanto uma grande lágrima rolava-lhe pela face macilenta, ergue os olhos ao céu murmurando: Meu Deus! Não foi unta criança, foi um anjo do céu que eu vi.

As meninas foram em seguimento de Rosa e interrogam-na ansiosas.

– Mas que tem os velhos, para ti Rosita?! Agora vemos que não é medo, pois que, te aproximaste dele.

– Nada – respondeu a menina – não gosto de vê-los sofrer.

– Mas, diz-nos, por quê?

– Pois bem, quereis saber porque? – Lembra-me de vovô... e afastou-se rapidamente, nas não antes que as amigas pudessem ver com os grandes olhos admiradas, o seu lindo rostinho orvalhado de lágrimas.

A AVÓ

(*A Família*, 19 jan. 1889)

Emilio adormeceu risonho como sempre.

Não sentiu, ao cerrar as pálpebras rosadas, a lágrima silenciosa, que, deslisando pelas faces da avozinha, foi aninhar-se entre os caracóis dos seus cabelos negros.

No sono plácido e tranquilo, era visitado por visões formosas/ os seus lábios coralinos entreabriam-se num sorriso meigo em que havia alguma coisa de celeste... quem sabe se não escutaria a voz carinhosa da mãe que perdera?!

Junto do leito a avozinha contemplava-o silenciosa.

Sobre o velador de maneira lavrada, entre vários objetos esparsos, via-se uma carta aberta. A luz batendo em cheio sobre a parte inferior da página alvinitente, permitia a leitura das seguintes linhas:

“Já falei ao diretor do internato; amanhã irei à quinta para trazer o Emilio. É preciso cuidar do seu futuro. Já está um homenzinho! A senhora que tanto o quer, não deve lamentar

esta resolução. É preciso. Mais cedo ou mais tarde, isto devia realizar-se. Não chore, peço-lhe, para não fazê-lo sofrer. Emilio é inteligente e bom; tenho fé que será o nosso orgulho como é hoje a nossa esperança...".

Insensivelmente os olhares da boa velhinha pousavam-se nestas frases com que o pai do menino tentava convencê-la: "É preciso. Mais cedo ou mais tarde isto devia realizar-se...".

Na parede fronteira, sobre um nicho de mármore cinzelado, de pé sobre uma pirâmide de flores, via-se uma imagem do Deus Menino. Do pedestal do nicho pendia uma grinalda de rosas brancas ainda frescas. Algumas pétalas soltas salpicavam o tapete espalhando no ambiente um perfume vago e delicioso...

A avó, dobrando os joelhos curvou-se ante a imagem risonha do filho de Maria e, elevando os olhos murmurou suplicante:

– Meu Divino Jesus! Protegei o meu pobre filho! Estendei a vossa vista protetora para o seu pequeno leito! Velai-lhe o sono quando o pobrezinho já não me tiver a seu lado!...

Levantou-se. Depois de conchegar as roupas aos ombros da criança adormecida, cerrou as cortinas de renda e afastou-se de mansinho.

No aposento contíguo, passou revista a todas as peças de roupa espalhadas sobre os móveis, acondicionou-as solícita na grande mala americana, interrompendo-se a espaços para enxugar uma lágrima renitente.

Depois de concluída a disposição de tudo quanto era necessário para a partida do neto, abriu um cofre de madeira antiga e tirou do mesmo um estojo de veludo negro com incrustações de prata. Dentro havia um medalhão contendo uma miniatura que representava uma jovem de vinte anos, o máximo: era a mãe de Emilio.

O nascimento do filho custara-lhe a vida.

Deixara o mundo quando a existência era-lhe eterno sorriso.

Filha única de uma mãe que a idolatrava adorada pelo homem que a todas preferira, via desabrocharem-se em torno de seu lar ditoso todas as alegrias de uma existência venturosa.

A sua morte, o lar, até então, resplandecente e belo, tornou-se ermo e sombrio como o túmulo onde depositaram o seu corpo gelado e marmóreo.

A pobre mãe pensou finar-se de dor, mas olhou para o netinho que ficava no mundo e enxugou as lágrimas. Dividiu, desde então, a sua vida entre as saudades da filha morta e o amor da criancinha órfã.

O esposo desesperado e quase louco não verteu uma lágrima. Dias e dias se escoaram sem que pessoa alguma ouvisse a sua voz. Um desespero concentrado e mudo ia minando aquela existência.

Um dia, depuseram-lhe nos braços o pequenito que ensaiava um sorriso... Então nos olhos secos do desditoso viúvo despontou a primeira lágrima. Chorou. Era o rocio d'alma que devia fertilizar-lhe o coração devastado.

A criancinha deu-lhe coragem para viver. O sorriso do filho foi desde esse dia a esperança do pai. Ao cabo de alguns anos duplicou a sua fortuna. Emilio crescia robusto e feliz à sombra do carinho inalterável da amorosa avó.

Quando completou oito anos, sabia tudo quanto a boa velhinha podia ensinar-lhe. A alma estava formada. Aquela criança garrula e risonha havia de ser, com certeza, no futuro um caráter nobre e leal.

Era preciso agora despertar-lhe a inteligência; alargar-lhe os horizontes da vida, fazê-lo conhecer o mundo e os homens.

Era preciso dar-lhe os conhecimentos que a alma ingênua da boa velhinha não podia proporcionar-lhe. Era preciso dar-lhe um mestre. Era forçoso manda-lo para o colégio.

Mas, levaram-lhe o seu Emilio?! Pode-se acaso viver nas trevas? E qual será a sua existência sem o sorriso angélico da criança?!...

Às lamentações da avó respondia a voz austera da razão:

Queres então que o teu filho cresça na ignorância? Queres vê-lo mais tarde lamentar a sua sorte, maldizendo àqueles que não souberam preparar-lhe o futuro?...

E a velhinha chorava...

***

O trem de subúrbios aproximava-se rapidamente com um grande ruído de correntes e rodas de ferro, até que diminuindo gradualmente a velocidade parou na estação.

Enquanto os passageiros entravam e saiam apressadamente dos carros, o pai de Emilio com a voz que forcejava por tornar calma e austera dizia ao filho:

– Anda, meu filho, abraça a tua avozinha e pede-lhe que não chore... Depressa.

O menino, vagamente impressionado, laçou-se nos braços da avó que, trêmula e lacrimosa, murmurava-lhe coma voz entrecortada:

– Vai meu filho... sê feliz... Que Deus te abençoe...

– Vem Emilio; depressa, chamou o pai, cortando aquele rosário de recomendações e soluços.

O comboio moveu-se e bem depressa desapareceu numa volta do caminho...

De pé na gare, a avozinha contemplava, com os olhos velados de lagrimas, o listão de fumo que se desfazia no horizonte...

BORBOLETAS

(*Dos "Contos do Jardim da Infância"*)

(*A Mensageira*, 15 jun. 1898)

Era uma vez uma criancinha muito pequenina, tão pequenina que lhe servia de cômodo berço

uma delicadíssima folha de roseira.

Fui descobri-la, casualmente, no tal bercinho frágil que o vento balançava, a um canto do meu jardinete, por um formoso dia de sol.

Vocês hão de estar admiradas de uma criancinha desse tamanho, não é? mas, logo que lhe conheçam a família acharão muito natural o seu aspecto.

Ainda na véspera, a sua mamãe, que era muito minha conhecida, andava de visita às minhas flores, e Sinhô, o pequenino lá de casa, queria a todo o custo aprisioná-la encantado com o brilho das suas asas coloridas.

Não adivinharam já o nome da tal senhora? Aposto que sim. D. Borboleta! um nome bem bonito, e bem merecido, não é?

Mas, voltemos à história.

As tais senhoras borboletas não são lá muito ajuizadas; abandonam os seus ovitos ao acaso, em qualquer planta e lá se vão, daqui para ali, muito contentes da sua vida.

O que vale aos pobrezinhos abandonados é que as plantas são caridosas e não lhes negam abrigo.

Ali, no verde regaço das folhas têm eles agasalho e sossego para se desenvolverem até o momento de aparecerem à luz.

Pois bem, foi de um destes ovitos abandonados que nasceu a tal criancinha de quem vou falando,

E, que esquisita, meu Deus!

Uma coisinha mole que se arrastava sem mostrar as patinhas sob o pequenino corpo alongado e fino, pontilhado de manchinhas de cores.

Não tinha um nome bonito como sua mãe; chamava-se Lagarta.

A primeira coisa em que cuidou a lagartinha foi em procurar alimento, e não quiz ir para longe; a folhinha que lhe dera agasalho era tão macia e tenra! Experimentou roer-lhe as beiras... Oh coisa saborosa! E, fura daqui, recorta dacolá, foi logo um banquete.

Da primeira folha passou a segunda, num desespero de voracidade.

E crescia, e crescia...

As rosas não estavam contentes.

Uma tarde, de minha janela bem vi a *Van-Hut* que se debruçava para a *M.me Berard* a segredar-lhe qualquer coisa; queixas, com certeza.

Foi então que as crianças, Sinhô e Bebê, deram com ela, já crescidinha e forte, a se arrastar pelas folhas.

Bebê não se pôde furtar a um arrepio de susto e recuou:

– Ai! ai! que bicho feio!

E, quase arrastando Sinhô que, mais curioso, tinha vontade de examiná-la de perto, lá se foi atrás das borboletas que esvoaçavam daqui para acolá com a sua finíssima tromba, a sugar o néctar das flores.

A lagartinha ficou muito triste de saber que era feia e pensou, com inveja:

– Ah, se eu fosse borboleta!...

Afinal, um dia, cansou de roer as folhas e encostando-se a uma delas deixou-se ficar imóvel e

quieta como quem dorme. Sua pele foi se tornando rija e dura como se estivesse morta, mas, passado tempo, de repente abriu-se e, caindo, deixou descoberto um rolosinho informe que nada mais tinha de lagarta gulosa.

E as rosas cada vez mais admiradas! Só o pinheirinho do centro do canteiro não mostrava surpresa.

Bem sabia ele o fim de tudo aquilo...

Da lagartinha, nem notícias. Ali, na roseira todos a julgaram morta e ninguém mais se importou com o tal estojosinho cinzento que o vento balançava.

Dias passados, apareceu no terraço da casa vizinha um canário muito madrugador. Cantava que era um gosto!

Pois sabem o que aconteceu? O canto do canário foi despertar a lagartinha, dentro de sua esquisita camisola.

Que saudade da luz, do ar, do céu, das flores, de tudo!

Não pôde resistir; rasgou um pedacito de tecido que a envolvia e espiou para fora... como estava bonito!

Quiz mover-se, como antigamente e sentiu-se leve, muito leve. Tinha alguma cousa, nas costas, que a suspendia como se fosse uma pena. Ah, se fossem asas!

Desprendeu-se, ansiosa, do estojo em que dormira. Pertinho estava uma gota de orvalho; que

belo espelho! Mirou-se... ah, como estava transformada! Tinha medo de sonhar, não acreditava no que via. Seria possível tal mudança?

Mirou-se de novo... Sim, era verdade, tinha asas; um lindo par de asas [*dois pares de asas*] furta-cores de azul, dourado e purpura! Mal se lhe via o corpinho mole como o das borboletas sob o deslumbramento das asas. E os olhos salientes! E as antenas fragílimas! Tal qual uma verdadeira borboleta.

Que felicidade!

Agitou as asas, vigorosamente, ainda com medo de sonhar e partiu num voo de ensaio, revoluteando airosa, cheia de si, por entre as flores – as rosas, os cravos, os jasmins cor de leite...

Sinho e Bebê andavam, de novo, brincando pelo jardim e bateram palmas ao vê-la: Que linda borboleta!

Ella sorriu para si mesma, muito feliz, recordando o tempo em que aquelas mesmas crianças a tinham chamado de "bicho feio".

E lá se foi, no seu giro, jardim a fora, acariciando as rosas que a tinham acolhido no seu tempo de criança.

ESPERA E VERÁS

(Frutas)

(*Revista do Jardim da Infância*, 1896)

Continho para crianças para ser narrado singelamente e com adaptação a árvores de nossa flora.

No meio de um bosque, uma pequenina faia crescia ao lado da faia mãe.

Ela viu que todas as árvores em torno davam alguma cousa a seu dono e, muito triste, disse à mãe:

– Eu queria saber para que sirvo neste mundo. As outras árvores todas prestam algum serviço.

Olha, o vizinho carvalho deixa cair as suas bolotas para o alimento dos porcos do nosso amo; o vidoeiro tem a sua casca macia que serve para os bancos: e assim todos... Só eu não sirvo para cousa alguma...

– Espera e verás, disse-lhe a mãe.

Com o andar do tempo apareceram na pequenina faia umas florinhas e ela exclamou, muito contente:

– Oh! Que belo, agora eu vejo que posso fazer alguma cousa no mundo. Ao menos servirei para encantar a vista dos que passarem por mim.

Quando as florinhas caíram, ela ficou de novo muito desgostosa e gemeu:

– Oh, meu Deus! Foram-se as minhas flores e com elas todo o meu encanto: que hei de fazer agora?

– Espera e verás, disse-lhe a mãe.

A pequenina faia achava muito ruim esperar, mas era obediente, e esperou. Ela conhecia que a mãe sabia melhor as coisas do que ela.

Logo começaram a aparecer-lhe nos galhos umas pequeninas coisas espinhosas e verdes, justamente onde haviam estado as flores.

A arvorezinha de novo se alegrou pensando que ainda servia para alguma coisa. Quando as tais coisinhas espinhosas foram-se tornando escuras, de verdes que eram, a faiazinha entristeceu-se dizendo dolorosamente:

– Agora que as minhas coisinhas verdes ficaram escuras, eu já não sou bonita de longe... ai de mim!

– Espera e verás, disse-lhe a mãe.

Veio o outono e o tempo começou a esfriar. Uma manhã, depois de forte geada, a faiazinha viu que todas as suas coisinhas escuras tinham caído para o chão e ficou aflitíssima. Mas a mãe a consolou dizendo:

– Espera e verás.

Daí a pouco apareceu no bosque um grupo alegre de crianças, todas tagarelando ao mesmo tempo, numa grande expansão. Andavam juntando avelãs. Quando passaram pertinho da pequena faia, o mais crescido dos rapazes parou e disse aos companheiros:

– Vinde ver avelãs de faia aqui no chão! São as preferidas por mamãe... Vamos apanhá-las, meus amiguinhos!...

E correram todos, numa algazarra jubilosa para junto da arvorezinha.

Quando os pequeninos se foram a faia mãe disse contente à filha:

– Agora queridinha, já sabes para que serves?

– Sim mamãe; agora ainda fiquei mais convencida do quanto as mães conhecem a vida melhor do que as filhas. A obediência e paciência são grandes coisas...

E a pequena faia foi crescendo satisfeita, até que se tornou uma grande árvore como sua mãe.

A FRUTINHA DO CAFÉ

(*Revista do Jardim da Infância*, 1896)

Foi quando eu era pequenina que se deu o que vou contar.

Era em uma fazenda de café, uma bela fazenda, muito bem situada no meio de extensos terreiros muito limpos.

Eu gostava imenso de passear pelo cafezal que se estendia pelo morro além, em longas fileiras de um verde carregado.

Uma tarde sai com minhas irmãzinhas, todas pequeninas como eu, a brincar o "esconde, esconde" por entre as aleias dos cafeeiros que se vestiam desde a base de folhagem espessa.

Era pelo tempo da colheita.

Como eu andasse, pé ante pé, para que ninguém me pressentisse, ouvi uma vozinha muito doce que parecia vir de sob os meus pés, dizendo: – Ai! Ai! Não me esmagues, boa menina. Tu és minha amiguinha bem o sei... retira o teu pezinho, já por piedade...

Eu tive um sobressalto... Que voz seria aquela? Alguma formiguinha? Mas eu nunca fora amiga dessas taizinhas... Até muitas vezes procurava fazer-lhes mal apesar de mamãe dizer-me sempre que nunca se deve maltratar uma criatura, seja ela a mais humilde neste mundo.

Afastei curiosa o pé e ouvi a mesma vozinha murmurar: ... – Obrigado minha boa menina.

Pois querem saber quem me falava?

Uma frutinha vermelha de café! Vermelha como uma conta de coral ou como os lábios das criancinhas sadias.

– Como! – interroguei admirada – tu sabes falar, frutinha vermelha?

– Oh! – exclamou ela – sei falar muito bem; mas, somente faço uso da minha voz quando é muito necessário. Agora falei, para escapar à morte.

Mas, desde que sabes falar hás de saber contar muitas histórias da tua vida, não é? Como eu gostaria de conhecer os teus costumes!...

– É fácil, disse frutinha faladora, eu hoje sinto-me disposta a conversar; mas neste caso é bom que te assentes aí pertinho porque a minha história vai longe...

Contente, ajeitei o meu vestidinho claro para que não ficasse amarrotado e tomei lugar ao pé da frutinha que tanto me interessava.

Ela começou assim:

– Os primeiros tempos da minha vida são confusos para mim. Não me recordo bem de que maneira vim parar nesta terra. Quando me lembro já eu era botão de flor. Desabrochava,

pouco a pouco, entre muitos outros, no meio de uma haste delgada e flexível. Na mesma haste, de espaço, a espaço havia um grupo de botõezinhos, e, em torno de mim, pelas vizinhanças, em todos os arbustos a mesma coisa havia.

O sol vinha todos os dias beijar-me as faces. Uma noite senti que alguma coisa se operava em mim: abrira-se o estojinho verde que me envolvia e eu me transformara em flor. Minhas pétalas eram brancas como leite e do meu seio se evolava um delicioso perfume. Esperei ansiosa a visita do sol. Quando ele veio, mais formoso ainda que nos outros dias, senti que só seus afagos eram mais doces, mais protetores... Todos os botõezinhos, meus companheiros, tinham passado por igual transformação e o cafezal todo, vestido de branco, alvejava que era um encanto.

Também fizemos tal barulho com a nossa alegria que o fazendeiro ao passar junto de nós com uns amigos, visitando a plantação parou a contemplar-nos e ouvi bem estas palavras:

– Que esplêndido arbusto! Que viço nestas flores! A colheita deste ano vai exceder as minhas esperanças.

Eu fiquei toda vaidosa. Pobre de mim que não sabia ainda o que queria dizer colheita...

Em nosso galho era uma festa continua: borboletas e beija-flores visitavam-nos diariamente. Mas, pouco durou a nossa ventura. Com o passar do tempo minhas pétalas foram caindo: de flor fui-me tornando fruto – a princípio, uma frutinha verde e pequenina que ficava quase escondida entre as folhas. E crescia, e crescia...

O sol que não se esquecera da nossa velha amizade, de meu tempo de flor, continuava a beijar-me as faces que se coloriam de encarnado. Minhas companheirinhas imitavam-me em tudo e a nossa haste vergava ao peso de tantos frutos. Ficaria linda para fazer-te um colar...

Em fim – estávamos todas vermelhas e maduras como tu me vês agora.

Um dia vieram os trabalhadores do cafezal, que andavam sempre a revolver a terra em torno dos arbustos, e varreram cuidadosamente o chão, onde a sombra dos cafeeiros se estendia. Era a colheita... Vinham aqueles homens, cuja presença até então nunca me assustara, com as mãos grosseiras e duras seguravam o alto da haste e – zás!... Lá vinha a mão abaixo despencando as pobres frutinhas que rolavam pelo chão, varrido de fresco. Eu não percebi quando chegou a minha vez porque de susto perdi os sentidos. Soube mais tarde que as minhas companheiras tinham sido conduzidas para o terreiro onde o sol – o nosso querido sol de outros temos -lhes crestara a pele mimosa. Depois iriam as pobrezinhas passar por uns complicados maquinismos, que não compreendi ainda, até que, prontas para a venda, fossem em grandes sacas remetidas ao mercado. E só eu, por um acaso, fiquei esquecida neste cantinho onde escapei de ser esmagada pelos teus pezinhos.

– E não sabes – interroguei então – o que elas ainda terão que sofrer no mundo?

– Oh, não; respondeu a frutinha – e bem desejos tinha de saber tudo...

– Pois bem; em paga de tua história eu te contarei o que ignoras. Escuta-me: quando mamãe faz a compra do café para o nosso uso, a criada tem o cuidado de lavar as frutinhas e deitá-las ao sol para que fiquem enxutas. Depois de secas, vão para o fogo em um torrador de ferro até que fiquem negras como o carvão. Saindo do fogo são moídas em pilões de madeira ou em moinhos de ferro que as reduzem a um pó cheiroso, o qual, misturado com água e preparado por mãos hábeis e experientes, nos dá o saboroso café de que tanto gosto. Mamãe ainda me contou outras coisas a propósito do café, disse-me, por exemplo: que uma das fontes da riqueza do nosso amado e formoso Brasil é a cultura do café. Disse mais, que o nosso café é famoso por todo o mundo e muito procurado. Já vês, bela frutinha vermelha que não deves ficar descontente com a tua sorte. Não é uma glória prestarmos um serviço a nossa terra? Quando eu dizia estas últimas palavras, ouvi a voz de mamãe que me procurava pelo cafezal e que se aproximou, dizendo-me em carinhosa censura:

– Meu Deus! Filha, que susto me fizeste passar! Julguei que te houvesse acontecido alguma coisa...

E, tomando-me pela mão, levou-me para a casa.

AS FAVAS

(*Revista do Jardim da Infância*, 1896)

Um dia a mamãe de Lulu mandou-o à cidade, comprar favas.

Para não esquecer o nome do que ia comprar, o menino foi por todo o caminho repetindo: – Favas, favas, favas...

Ao passar em um largo, Lulu avistou um grupo de rapazinhos como ele, muito entretidos no jogo do pião.

Ora, Lulu era doido por aquele divertimento; interessado, parou sem mais pensar nas favas.

Quando os rapazinhos se foram, ele já não se lembrava do que saíra a comprar.

Caminhou uns passos para diante, voltou uns passos para trás, dizendo em voz alta:

– Daqui até ali, perdi: daqui até ali, perdi...

Um homem que passava interrogou-o curioso:

– Que perdeste, menino?

– Daqui até ali, perdi: daqui até ali, perdi... – foi a resposta de Lulu.

– Mas, que perdeste? Fala!...

– Daqui até ali, perdi...

– Ora, vai às favas!... – gritou o homem, encolerizado.

– Achei, achei!... – Exclamou Lulu.

E lá se foi a correr para a cidade.

A BONECA

(*Revista do Jardim da Infância*, 1896)

Continho para ser narrado pela professora e reproduzido pelas crianças nas aulas de linguagem.

Uma tarde, quando Nenê voltava do passeio, avistou uma linda boneca no mostrador de uma loja entre nuvens de fitas e rendas.

A boneca tinha olhos azuis, cabelos dourados e uma boquinha vermelha como os bagos da romã.

Nenê ficou encantada.

À noite, quando estava pertinho da mamãe ela pediu: Mamãe, você me dá uma boneca?

Mas a mamãe lhe respondeu:

– Não posso, minha filhinha: é muito tarde, as lojas já estão fechadas.

Nenê ficou muito triste. Encostou o rostinho na mão e nada mais disse.

A sua mamãe ficou com pena de vê-la chorosa. Chamou-a para junto de si, afagou-a carinhosamente e disse-lhe:

– Minha filhinha, queres dar-me um beijo?

Nenê respondeu:

– Não posso, mamãe: é muito tarde, minha boca já está fechada.

DAS "MINHAS NOTAS" I

(*Revista do Jardim de Infância*, 1897)

Neste princípio de ano tenho notado interessantes mudanças em nossas criancinhas.

E daí, quem sabe se eu também terei mudado?

O que sei é que as crianças mostram-se mais atentas e interessadas em nossas conversas de todos os dias.

Uma delas, a Iracema, que durante quase todo o ano passado conservara-se indiferente as minhas narrações, é hoje uma das que mais prazer manifestam em ouvir-me.

Outra coisa notável é o desembaraço e maneiras gentis que vão substituindo, em boa hora, o acanhamento e modos bruscos dos primeiros tempos.

Uma das nossas pequeninas, uma interessante loirinha que ainda hoje responde com dificuldade ao que se lhe pergunta, durante todo o ano findo guardara o hábito deplorável, de (apesar de nossos esforços e solicitações amigas) levar o lenço ou a ponta do aventalzinho rendado à boca, sempre que uma de nós lhe dirigia a palavra. Pois bem, é uma dificuldade vencida! Hoje a pequena já conserva as mãozinhas no regaço e o lenço nas mãos, se bem que mostre ainda excessivo acanhamento.

Enfim, há no Jardim muita coisa nova e que me interessa sobre maneira. As crianças fazem-me perguntas a que respondo com prazer e agrado, procurando sempre um meio de tornar-lhes as minhas expressões bem claras e simples. Nem sempre o conseguirei, talvez, mas o esforço e os bons desejos de algum proveito hão de ser.

Um destes dias tive que responder a uma interessante questão.

Era no recreio. Chovera durante três ou quatro dias e, naquele primeiro dia de sol, estava eu com algumas crianças à sombra de uma formosa árvore de magnólias que abriga um pequenino terraço cimentado, a um canto de nosso jardim.

O Mimi, um pequenito inteligente e observador, fez-me a seguinte pergunta:

– Porque é, D. Zalina, que estão aqui no cimento estas manchas verdes? – E apontou-me uma camada desigual de musgo levemente esverdeado, aqui e ali espalhados pelo terraço.

– É a umidade a causa disto, Mimi – respondi-lhe, contente com a observação. – Aqui há muita sombra e, como choveu por alguns dias, da umidade surgiu esta vegetação que nós chamamos musgo e que você há de conhecer mais tarde.

– Mas, continuou o menino interessado, como é que não há destas manchas por todo o terraço? A chuva cai por toda a parte, não é?

– Sim, a chuva caiu em todo o terraço, mas, não vê que em alguns lugares o cimento está um tanto gasto e desfeito? Nesses lugares, como o cimento ficou um pouquinho mais baixo do que em outros, a umidade foi maior e ficou por mais tempo. Além disso, olhe para cima.

– Não vê umas abertas, aqui e acolá, entre a folhagem, por onde sol atravessa? Onde os seus raios chegam primeiro, mais depressa a umidade desaparece e não há tempo para formar-se a camada de musgo que é comum em lugares úmidos.

Procurei clarear-lhe bem a minha explicação que ele mostrou compreender. Passados dois ou três dias, estávamos no mesmo terraço. Desta vez fui eu que procurei chamar a atenção do menino para o assunto anterior.

– Olhe, Mimi, como o sol já fez desaparecer toda a umidade do terraço. Foram-se todas as manchas do musgo...

Ele recordou-se imediatamente da conversa que havíamos tido e sorriu dizendo-me com viva satisfação a irradiar-lhe no seu rostinho gentil:

– É verdade, agora tudo está igual e seco. Quando vier outra chuva hão de aparecer novas camadas de musgo em nosso terraço e o sol há de o secar de novo, não é?

E como eu lhe respondesse afirmativamente, ele tornou a sorrir e lá se foi a correr por entre os canteiros que o sol inundava com a sua luz de ouro.

DAS "MINHAS NOTAS" II

(*Revista do Jardim de Infância*, 1897)

As nossas criancinhas, especialmente as mais novas – algumas com menos de quatro anos, achariam por demais extenso um período de quinze minutos para ouvir as histórias e questões da professora se, durante esse tempo, não lhes fosse permitido distraírem-se com este ou aquele inesperado incidente.

É atendendo a essa necessidade que tenho procurado amenizar a conversação e tornar mais interessante a história, intercalando, aqui e ali uma anedota jovial, uma cena divertida e alegre, que lhes desvie, momentaneamente, a atenção do assunto principal.

Nessas ocasiões deixo-as correrem para mim, agitarem o corpinho, os braços, os pés, falarem e rirem livremente, sem tratar a sério, de proibir-lhes tais expansões.

Estes instantes de liberdade, durante a aula, parecerão talvez, excessiva condescendência, terão mesmo um ar de desordem, mas tão necessários os considera a natureza irrequieta das crianças que não me animarei jamais a privá-las dessas expansões.

Um dos meios com que tenho conseguido atrair-lhes mais prontamente a atenção de ordinário disposta à volubilidade, é o uso de gravuras como um auxílio à conversação. Com que prazenteiro interesse querem todas observar o que lhes apresento. Cada qual com mais vivacidade e presteza, procura exprimir as suas ideias, não se preocupando de interromper os companheirinhos, e quase sempre falando muitas ao mesmo tempo.

É então que devo explicar-lhes sem mostras de contrariedade – que lhes tiraria todo o encanto da diversão, – como desejaria que falassem, cada um por sua vez, de maneira a ser-me possível atender a todas.

Com modos brandos e cariciosa expressão é quase certo conseguir-se tudo das crianças. Quem é que não se deixa levar por um tom de meiguice carinhosa, por uma voz doce, por umas maneiras gentis? Depois de facilitar-lhes a observação da gravura, peço ora a uma, ora a outra que me descreve a cena representada no quadrinho, animando-as com o interesse que manifesto e que atrai sempre o interesse de todas. Pois bem, mais de uma vez tenho conseguido descrições quase tão claras como as daria eu própria.

Muitas vezes ainda, no dia seguinte, reclamo das memórias infantis a reprodução da gravura e é admirável a exatidão com que as crianças me satisfazem. E, tanto mais viva é a descrição quanto mais agradável lhes fora a gravura ou a explicação ouvida a propósito.

Vem aqui ao caso a resposta expressiva que me deu o Moacyr – um pequenino tão travesso quão inteligente, a respeito de uma dessas gravuras.

Tratava-se de um quadrinho representando a legendária árvore do Natal, carregada com os seus vistosos adornos: flores, luzes, doces, brinquedos etc. A um canto da gravura, dois pequeninos, extasiados, contemplavam a árvore resplandecente, ansiosos pela hora das sortes e distribuição dos presentes.

Incidentemente, fui levada a perguntar às crianças, qual seria a escolha de cada uma se estivesse no lugar daqueles pequeninos.

As meninas com raras exceções queriam a boneca, a linda boneca de vestido cor de rosa e chapéu à pastora, que se balançava graciosamente em um balanço de cordas suspenso dos galhos da árvore. Os meninos preferiam a espingardinha para a guerra às moscas e outros insetos, o velocípede para as corridas nos passeios das ruas, a bola para os exercícios no jardim, o tambor, a espadinha etc.

– E, você, Moacyr – perguntei, admirada do seu silêncio, ao tal irrequieto pequenino – que escolheria daquela árvore?

– Eu queria a caixinha de doces que está lá no alto entre as lanterninhas azuis.

– Quem disse a você, – perguntei de novo – que aquela caixinha está cheia de doces?

– Eu sei disso, porque lá em casa me deram outro dia, uma caixinha tal e qual a que vejo nessa árvore, estava cheia de gostosos doces.

– Mas, – tornei eu – em todo o caso você não tem certeza do que pensa; e se, ao voltar para a casa, depois de ter escolhido a caixinha, ao abri-la a encontrasse vazia, que faria você? Para que serviria ela?

O menino refletiu por um segundo apenas, baixou os olhinhos espertos, mexeu com os botõezinhos da sua blusa a marinheiro... e, num tom alegre, como quem resolve importante questão, respondeu:

– Se a caixinha estivesse vazia, serviria para guardar alguma coisa dentro!...

Sorri-me de boa vontade à lembrança do pequenito, lembrança que, talvez, eu não teria em ocasião idêntica, e chamei para ele a atenção das outras crianças que deram razão ao gentil companheirinho.

Entretanto, lá no seu íntimo, à utilidade que lhe dera o Moacyr prefeririam todas, estou bem certa, que a vistosa caixinha estivesse cheia de saborosos doces.